



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

A DIVULGAÇÃO DO CONHECIMENTO EM PERIÓDICOS DE ENFERMAGEM E A EVOLUÇÃO DA PROFISSÃO EM PORTUGAL, NO SÉCULO XX E INÍCIO DO SÉCULO XXI

Tese apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de doutor em Enfermagem
(especialização em História e Filosofia da Enfermagem)

por

Maria do Rosário Silvestre Machado

Instituto de Ciências da Saúde
maio, 2014



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

A DIVULGAÇÃO DO CONHECIMENTO EM PERIÓDICOS DE ENFERMAGEM E A EVOLUÇÃO DA PROFISSÃO EM PORTUGAL, NO SÉCULO XX E INÍCIO DO SÉCULO XXI

Tese apresentada para obtenção do grau de doutor em Enfermagem
(especialização em História e Filosofia da Enfermagem)

Por **Maria do Rosário Silvestre Machado**

Sob orientação científica da Professora Doutora Margarida da Silva Vieira

Instituto de Ciências da Saúde
maio, 2014

**À memória dos meus pais, as minhas maiores referências,
Franquelim Ferreira Machado e Maria Rosa Silvestre**

**(...) Para programar o futuro, convém sempre no presente,
analisar com inteligência o passado¹ (...)**

Mariana Dinis de Sousa

Ex-Bastonária da Ordem dos Enfermeiros

¹ In: Informar Ano II n.º 7 outubro/dezembro 1996

Nota Prévia:

A presente tese de Doutorado é escrita conforme o novo Acordo Ortográfico. É de notar ainda que os vocábulos com dupla grafia não foram sujeitos a quaisquer alterações, dado que o Acordo Ortográfico em vigor assim o permite.

AGRADECIMENTOS

Tantos foram os amigos que me ajudaram!

Acredito que pouco ou nada conseguiria se não fosse a colaboração pronta e amiga de várias pessoas que julgo ser o dever mais elementar citar aqui, pela valiosa ajuda que deram, para que este estudo fosse um facto.

Quero aqui lembrar:

A Professora Doutora Margarida Vieira porque se disponibilizou a orientar esta **tese**, e ao longo de todo o percurso me incentivou com toda a sabedoria, capacidade de liderança, assinalável dedicação e grande sentido profissional, que muito contribuiu para o concretizar desta investigação.

A ela devo muito mais do que aqui exponho, e por isso cabe uma palavra de gratidão, bem como o meu elevado agradecimento.

Os Diretores das Revistas de Enfermagem - Servir; Enfermagem; Ecos de Enfermagem; Divulgação; *Nursing* (edição portuguesa); Enfermagem em Foco; Sinais Vitais; Revista Portuguesa de Enfermagem; Enfermagem Oncológica; Pensar em Enfermagem; Referência; Ordem dos Enfermeiros; Revista de Investigação em Enfermagem; AESOP (Associação de Enfermeiros de Sala de Operações); Revista da Associação dos Enfermeiros Obstetras; Nephros; AcontecerEnfermagem; APECSP (Associação Portuguesa de Enfermeiros de Cuidados de Saúde Primários) - por terem colaborado no estudo com a doação de exemplares de Revistas, sendo enorme a sua contribuição nos ganhos, na fase de pesquisa.

Para eles vai o meu reconhecimento, por manterem ainda em ativo a regular publicação de artigos de enfermeiros portugueses, permitindo a divulgação do muito que se produz sobre a profissão e a disciplina, o que possibilita a cada vez mais leitores a atualização e difusão dos seus saberes.

Os Diretores e Presidentes dos Conselhos Diretivos, Presidentes dos Conselhos Científicos e responsáveis pelos Centros de Documentação e Arquivos das Escolas Superiores de Enfermagem - Dr. Ângelo da Fonseca, Dr. Artur Ravara, Dr. Bissaya Barreto, Calouste Gulbenkian de Lisboa, Calouste Gulbenkian de Braga, Maria Fernanda Resende, Dr. Francisco Gentil, Imaculada Conceição, Leiria, Dr. Lopes Dias, Santarém, S. João de Deus, S. João do Porto, S. José de Cluny, S. Vicente de Paulo e Viana do Castelo - por terem disponibilizado toda a informação. De facto, alguns destes órgãos de direção contribuíram com a cedência gratuita de exemplares de Publicações Periódicas, Listas de Professores, autores de livros, publicação de artigos, Trabalhos de Provas de Concurso, Dissertações de Mestrado, Teses de Doutoramento, não só de comunicações em eventos nacionais, como também internacionais, que nos permitiram inventariar alguma da produção escrita nas Escolas de Enfermagem.

À Ex- Bastonária, Maria Augusta Sousa pelo estímulo que incutiu na realização da **tese**.

À Ex- Bastonária, Mariana Dinis de Sousa, a título póstumo, pelo incentivo e por ter acreditado na relevância que este estudo poderia constituir para a construção da História da Enfermagem Portuguesa.

Aos Presidentes das Organizações Profissionais – Associação Portuguesa de Enfermeiros, Associação Católica Portuguesa dos Enfermeiros e Profissionais de Saúde e Ordem dos Enfermeiros - por facultarem o acesso aos seus arquivos, que permitiu reconstruir muitos dos marcos históricos da profissão.

Aos Presidentes das Associações Sindicais de Enfermagem e, em particular, aos responsáveis pelos Centros de Documentação pela disponibilidade, em terem possibilitado a reprodução dos periódicos, sem quaisquer restrições, o que facilitou a seleção das fontes para estudo.

Aos responsáveis pelos Arquivos da Biblioteca Nacional de Lisboa, Biblioteca Municipal de Alcobaça, Caldas da Rainha, Santarém e Hemeroteca Municipal de Lisboa pelo excelente profissionalismo, facilidades concedidas para a reprodução documental e bom atendimento demonstrados, que vieram a tornar-se um precioso auxiliar na consulta de livros, monografias, periódicos, legislação e outros documentos.

Aos Reitores das Universidades Católica Portuguesa, Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Universidade Nova de Lisboa, Universidade Clássica de Lisboa, Instituto Superior Miguel Torga e Universidade Aberta, que na primeira fase do trabalho permitiram inventariar e referenciar os enfermeiros autores de Dissertações de Mestrado e de Teses de Doutoramento.

A todos os responsáveis pelas Bibliotecas dos Hospitais de S. José, Instituto Português de Oncologia do Centro Regional de Lisboa, Coimbra e Porto, que prontamente disponibilizaram a informação necessária.

À Professora Doutora Marta Lima Basto, com quem tantas vezes contactei, a fim de me ajudar nas questões e dúvidas e que sempre o fez com grande disponibilidade.

Ao Dr. Paulo Mendes e Hélio Espinha pela sua colaboração, na fase de pesquisa, que muito contribuíram para a reconhecimento das fontes, e que deram opiniões sobre áreas em que não sou especialista.

Ao enfermeiro Joaquim Ernesto da Fonseca, pela doação de todo o seu espólio, que concorreu para a melhor perceção do que foi o Ensino e Movimento Sindical em Enfermagem, em Portugal.

A todos os colegas professores, estudantes e funcionários da minha Escola, pelo bom acolhimento, pela solidariedade e pelo incentivo durante todo o percurso do trabalho.

Agradeço, em particular, ao colega e amigo Professor Doutor José Amendoeira pela partilha da sua experiência académica e pelo saber profissional e por ter enriquecido o trabalho com as suas sugestões e incentivos, também um entusiasta pela «*cousa* e causa histórica» da Enfermagem.

À Diretora da Escola, Professora Isabel Barroso e presidentes dos Conselhos Técnico-Científico e Pedagógico – Professoras Lurdes Torcato e Teresa Coelho - pela compreensão e condução do processo de distribuição de serviço docente, que permitiram as facilidades para a concretização do trabalho.

Um agradecimento muito especial à *Essência do Saber - Centro de Explicações*, muito particularmente aos professores Dr. Paulo Moço e Dr.^a Sandra Rebelo pelo seu excelente profissionalismo e preciosa ajuda na fase de conclusão da **tese**.

Agradeço a todos os meus amigos que, comigo colaboraram cada um a seu modo, com o seu altruísmo e amizade de todas as horas, tornaram o caminho mais fácil de percorrer.

Nunca esquecerei o apoio de pessoas como: Rosa Silvestre, Maria José Simão, Ascensão Rita, Maria João Cardoso e Henriqueta Figueiredo, que me incentivaram e procederam a uma aturada análise crítica.

Ressalvo a minha família que, comigo viveu o meu trabalho e com o seu evidente prejuízo, desinteressadamente, me deram a sua ajuda.

Uma palavra especial para as minhas primas Rosita, Fernandita e Micá que, mais de perto, partilharam pedaços de todo o trabalho.

À minha irmã, companheira inigualável pela amizade sempre presente, agradeço o seu trabalho de secretariado e ajuda preciosa, sem a qual não seria possível o desenvolvimento da **tese**, bem como o carinho e disponibilidade demonstrados em todas as circunstâncias da minha vida.

Na procura das fontes, nunca esquecerei o apoio da Enfermeira Emília Costa Macedo², a quem presto a minha homenagem póstuma. Assim, guardo na memória os seus bons ensinamentos e testemunho de vida enquanto mulher, enfermeira, professora, diretora, uma Pessoa muito marcante em todo o meu trajeto profissional.

A todos os autores, enfermeiros/as portugueses/as, pela coragem que, no decurso do século XX, início deste século, e ainda hoje continuam a deixar-se «ler, estudar, copiar, utilizar, divulgar, desvendar» as suas ideias, reflexões, conhecimentos, alguns mesmo em condições bem adversas contribuíram para que, hoje, me fosse possível (Re) Visitar a História da Enfermagem.

Agradeço a um sem número de pessoas cujos nomes não se encontram citados, mas que foram importantes para o desenvolvimento deste estudo.

A Todos o meu obrigada e Bem Hajam!

² Emília Costa Macedo - Presidente da Associação Católica dos Enfermeiros Portugueses e Profissionais de Saúde. Fora igualmente Diretora da Revista Servir e da Escola de Enfermagem Dr. Artur Ravara.

GLOSSÁRIO DE ABREVIATURAS

artº - artigo
CS - Centro de Saúde
D. - Dom
DL - Decreto – Lei
DL. - Depósito Legal
Dnª – Dona
Dr. – Doutor
Drtº - Direito
E - Ética
ed. – Edição
Enc - Encontrados
enfª - enfermeira
enfº - enfermeiro
Enfºs – Enfermeiros
Esc. - Escola/s
Et. al. - outros
F- Formação
FP – Figuras e Personalidades
Fr. - Frei
G – Gestão
Hosp./s - Hospital/Hospitais
I - Investigação
Ind. – Individual
Ldª - Limitada
nº - Número/número
Org. - Organizador
p. – página/s
Pág. - Página
pp. – páginas
PC – Prática Clínica
1ª /Iª - primeira
PP – Procedimentos Terapêuticos
PT – Perspectivas e Tendências
Pub - Publicados
S. – São

s.d. - sem data

SD – Situações de Doença

SL – Saúde Laboral

Sr^a - Senhora

St^a – Santa

% - percentagem

Vol. - Volume

GLOSSÁRIO DE SIGLAS E ACRÓNIMOS

ACEPS – Associação Católica de Enfermeiras e Profissionais de Saúde
AEC – Associação das Enfermeiras Católicas
AESOP – Associação de Enfermeiros de Sala de Operações Portugueses
APE - Associação Portuguesa de Enfermeiros
APECSP – Associação Portuguesa de Enfermeiros de Cuidados de Saúde Primários
APEDT – Associação Portuguesa de Enfermeiros de Diálise e Transplantação
BBC - British Broadcasting Corporation
BC – Bases Conceptuais
BN – Biblioteca Nacional
CDU - Classificação Decimal Universal
CICIAMS – Comité International Catholique d'Infirmières et Assistantes Médico-Sociales
CIPE- Classificação Internacional para a Prática de Enfermagem
CGTP – Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses
ESEFG – Escola Superior de Enfermagem Dr. Francisco Gentil
FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia
IPOFG – Instituto Português de Oncologia Francisco Gentil
ISBN – International Standard Book Number
ISCTE – Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa
IFE - Instituto de Formação de Enfermagem
ISSN – International Serial Number
OIT – Organização do Trabalho
PICOD – Participantes, Intervenções, *Outcomes* (Resultados) e Desenho de Investigação
REPE - Regulamento para o Exercício de Enfermagem
RCAAP – Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal
SEN – Sindicato dos Enfermeiros do Norte
SEP – Sindicato dos Enfermeiros Portugueses
UCP – Universidade Católica Portuguesa
EU - União Europeia
UGT – União Geral dos Trabalhadores
UI&DE – Unidade de Investigação e Desenvolvimento em Enfermagem
UL – Universidade de Lisboa

RESUMO

O desenvolvimento da Investigação pretendeu analisar a divulgação do conhecimento e a evolução da profissão da enfermagem em Portugal veiculada em 41 periódicos profissionais correspondendo a 5329 artigos de autoria de enfermeiros entre 1925 a 2009.

A estratégia de pesquisa consistiu na pesquisa na *Internet*: programa PORBASE – Base Nacional de Dados Bibliográficos Coleção da Biblioteca Nacional; rede telefónica e dos correios; consulta de catálogos em arquivos e bibliotecas de diversas entidades.

As fontes primárias utilizadas constaram de documentos escritos, tais como livros, textos, teses, dissertações, provas de concurso, publicações periódicas e artigos de enfermeiros nacionais.

A investigação foi classificada de natureza histórica, exploratória-descritiva de abordagem quantitativa e qualitativa.

As dimensões estudadas permitiram compreender a evolução histórica da profissão, a caracterização dos periódicos, a tipologia dos artigos, a estrutura sóciodemográfica dos autores e a orientação temática das diversas matérias editoriais.

Utilizou-se uma amostra sistemática de 10% do total dos artigos escritos por autores portugueses, 28,7% de Reflexão e 71,3% Científicos.

As técnicas de análise e tratamento da informação utilizadas basearam-se na análise documental, de conteúdo e bibliométrica.

Os resultados indicaram que a maioria dos autores é do género feminino; quanto à autoria é essencialmente de predomínio individual; de proveniência profissional de Hospitais Portugueses de Lisboa, Porto e Coimbra.

A natureza do conhecimento em enfermagem foi classificada nas áreas temáticas: Prática Clínica; Formação; Gestão; Investigação; Bases Conceptuais; Perspetivas e Tendências; Ética; Saúde Laboral; Situações de Doença; Procedimentos Terapêuticos e Figuras e Personalidades.

A Divulgação do Conhecimento nos periódicos processou-se em torno de três momentos: **Iniciático** ou **Iniciação** (1925 a 1950); **Transição** ou **Indiferenciação** (1952 a 1980) e de

Consolidação (1985 a 2009). O primeiro corresponde à publicação dos primeiros periódicos de Associações Sindicais, marcados por questões da união de classe e a legalização da profissão. O segundo aborda assuntos profissionais de carácter generalista, centrados na doença, procedimentos terapêuticos e técnicos, apresentando ainda traduções de artigos estrangeiros para português. O último destaca-se pela publicação de Revistas e artigos Científicos e elevado volume de conteúdo disciplinar expresso pela contemporaneidade dos seus assuntos.

Palavras Chave: Conhecimento, Enfermagem, Periódicos Profissionais

ABSTRACT

The development of the Research intended to analyse the propaganda of knowledge and the evolution of the nursing profession in Portugal conveyed in 41 (forty-one) professional periodicals corresponding to 5329 (five thousand three hundred and twenty-nine) articles written by nurses between 1925 and 2009.

The strategy of the research consisted of searching on the Internet; PORBASE program - National Bibliographic Database of the Portuguese National Library Collection; the telephone network and the post offices; catalogue files consultation in the archives and libraries of different entities.

The primary sources of information used consisted of written documents such as: books, texts, theses, dissertations, competition evidence, periodical publications and articles written by national nurses.

The research was classified as historical and exploratory-descriptive by nature from a qualitative and quantitative approach.

The studied dimensions allowed us to understand the historical evolution of the profession; the characterization of periodicals; the types of articles, the sociodemographic structure of the authors and the thematic orientation of the various editorial materials.

We used a systematic sample of 10% of the total articles written by Portuguese authors, 28.7 % of Observation and 71.3 % of Scientific.

The techniques of analysis and the processing of information used is based on documental analysis, of content and bibliometrical.

The results indicated that the majority of the authors are of the female gender; the predominance is individual authorship; and professionally employed in Portuguese Hospitals in Lisbon, Porto and Coimbra.

The nature of nursing knowledge was classified by the following thematic areas: Clinical Practice; Formation; Management; Research; Conceptual Bases; Trends and Perspectives; Ethics; Occupational Health; Disease Situations; Therapeutic Procedures and Figures and Personalities.

The Disclosure of Knowledge in periodicals was processed around three periods of time:

Introduction or **Initiation** (1925 to 1950); **Transition** or **Indifferentiation** (1952 to 1980) and **Consolidation** (1985 to 2009).

The first period of time corresponds to the publication of the first periodicals of the Labour Unions, marked by the issues of the union of class and the legalization of the profession.

The second period of time was marked by professional matters of general character, focused on disease, therapeutic and technical procedures, translations of foreign articles to Portuguese and the last is characterized by the publication of magazines and scientific articles and the high volume of disciplinary content expressed by its contemporary subjects.

Keywords: Knowledge, Nursing, Professional Periodicals

ÍNDICE DE QUADROS

	Pág.
Quadro nº 1 - Roteiro das Fontes e Estratégias utilizadas no recenseamento de Dissertações e Teses entre julho de 2006 a dezembro de 2008.....	60
Quadro nº 2 - Roteiro das Fontes e Estratégias utilizadas no recenseamento de Livros Publicados entre julho de 2006 a dezembro de 2008	61
Quadro nº 3 - Roteiro das Fontes e Estratégias utilizadas no recenseamento de Publicações Periódicas entre julho de 2006 a dezembro de 2008	62
Quadro nº 4 - Roteiro das fontes e estratégias utilizadas no recenseamento de Trabalhos de Provas de Concurso para a categoria de Professor Adjunto e Professor Coordenador entre julho de 2006 a dezembro de 2008.....	63
Quadro nº 5 - Distribuição de tipologia dos documentos encontrados entre julho 2006 a outubro de 2008.....	66
Quadro nº 6 – Critérios de Inclusão e de Exclusão para a seleção dos documentos para análise	80
Quadro nº 7 - Distribuição da amostra sistemática segundo o número de artigos por Periódico	83
Quadro nº 8 - Tipologia de indicadores bibliométricos (Macias-Chapula (1998, p.137)	94
Quadro nº 9 - Títulos de alguns Manuais e Sebentas de autoria de médicos professores da Escola de Enfermagem Artur Ravara na década de 60/70	194
Quadro nº 10 - Classificação da Produção dos Enfermeiros Portugueses segundo Período de Publicação	202
Quadro nº 11 - Distribuição de Periódicos de enfermagem por data de publicação	205
Quadro nº 12 - Distribuição das publicações de enfermagem inventariadas de 1925 a 2009.....	206
Quadro nº 13 - Ficha técnica dos títulos de Sebentas de autoria de docentes da Escola de Enfermagem Dr. Artur Ravara nas décadas de 60/70	212
Quadro nº 14 - Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos Títulos dos Livros escritos por enfermeiros portugueses.....	217
Quadro nº15 - Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos Títulos dos Livros no <i>Site</i> da Biblioteca Nacional	218
Quadro nº 16 - Distribuição de títulos em Periódicos tendo como tema a Divulgação do Conhecimento no século XX e início do século XXI em Portugal	228

Quadro nº 17 – Distribuição de títulos de autores portugueses que serviram de referência ao estudo tendo como tema geral a História de Enfermagem	240
Quadro nº 18 - Distribuição de títulos de trabalhos de autores portugueses que serviram de referência ao estudo relacionados com o Ensino de Enfermagem	247
Quadro nº 19 - Distribuição de títulos de Artigos de autores portugueses que serviram de referência ao estudo em relação à Investigação	250
Quadro nº 20 - Distribuição de títulos de trabalhos de autores portugueses que serviram de referência ao estudo relacionados com o Exercício Profissional	251
Quadro nº 21 - Distribuição dos Periódicos segundo o Período Inicial ou de Iniciação da Divulgação do Conhecimento	258
Quadro nº 22 - Distribuição dos Periódicos segundo o Período de Transição ou de Indiferenciação da Divulgação do Conhecimento.....	259
Quadro nº 23 - Distribuição dos Periódicos segundo o Período de Período de Consolidação da Divulgação do Conhecimento	260
Quadro nº 24 - Distribuição dos Periódicos de enfermagem publicados segundo décadas e responsabilidade Editorial.....	266
Quadro nº 25 - Caracterização das variáveis identificadas nos periódicos de enfermagem publicados entre 1925 a 2009	272
Quadro nº 26 - Distribuição Geográfica da proveniência do Local de Trabalho – Hospitais e Centros de Saúde dos enfermeiros/autores de artigos publicados nos periódicos de enfermagem no decurso do século XX e início do século XXI.....	275
Quadro nº 27 - Distribuição Geográfica da proveniência dos enfermeiros (Local de Trabalho - Escolas de Enfermagem) autores de artigos publicados nos periódicos de enfermagem no decurso do século XX e início do século XXI.....	278
Quadro nº 28 - Distribuição dos Códigos Temáticos relativos à codificação dos títulos dos artigos de autoria dos enfermeiros portugueses.....	280
Quadro nº 29 - Distribuição de Periódicos Publicados por Associações Sindicais de 1925 a de 2009 ...	288
Quadro nº 30 - Caracterização da ficha técnica das publicações identificadas desde 1925 a 2009, de propriedade de Associações Sindicais.....	289
Quadro nº 31- Caracterização da produção escrita identificada nos periódicos de Associações Sindicais de Enfermagem publicados entre 1925 a 2009	293
Quadro nº 32 - Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos títulos dos Artigos dos Periódicos de Associações Sindicais de Enfermagem publicados entre 1925 a 2009.....	295
Quadro nº 33 - Caracterização da produção escrita identificada em <i>O Enfermeiro Português</i>	302
Quadro nº 34 - Caracterização da produção escrita identificada no Periódico <i>A Voz do Enfermeiro</i>	305

Quadro nº 35 - Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos títulos dos Artigos do Periódico <i>A Voz do Enfermeiro</i>	306
Quadro nº 36 - Caracterização da produção escrita identificada no Periódico <i>A Enfermeira</i>	310
Quadro nº 37 - Caracterização da produção escrita identificada no Periódico <i>Arquivo do Enfermeiro</i> (IIª Série)	312
Quadro nº 38 - Caracterização da produção escrita identificada no Periódico <i>Revista de Enfermagem</i>	317
Quadro nº 39 - Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos títulos dos Artigos do Periódico <i>Revista de Enfermagem</i>	317
Quadro nº 40 - Caracterização da produção escrita identificada no Periódico <i>Ecos da Enfermagem</i>	322
Quadro nº 41 - Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos títulos dos Artigos do Periódico <i>Ecos da Enfermagem</i>	323
Quadro nº 42 - Caracterização da produção escrita identificada no Periódico <i>Boletim Sindical dos Enfermeiros da Zona Sul e Região Autónoma dos Açores (BSEZSRAA)</i>	325
Quadro nº 43 - Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos títulos dos Artigos do Periódico <i>Boletim Sindical dos Enfermeiros da Zona Sul e Região Autónoma</i>	326
Quadro nº 44 - Caracterização da produção escrita identificada no Periódico <i>Enfermagem em Foco</i>	329
Quadro nº 45 - Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos títulos dos Artigos do Periódico <i>Enfermagem em Foco</i>	329
Quadro nº 46 - Distribuição de Periódicos Publicados por Associações Profissionais de 1952 a 2009	332
Quadro nº 47 - Caracterização da ficha técnica das publicações das Organizações Profissionais identificadas de 1952 a 2009	333
Quadro nº 48 - Caracterização da produção escrita identificada nos periódicos de Organizações Profissionais de Enfermagem publicados de 1952 a 2009	336
Quadro nº 49 - Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos títulos dos Artigos dos Periódicos de Associações de Enfermagem publicados de 1925 a 2009	338
Quadro nº 50 - Caracterização da produção escrita identificada no Periódico <i>Servir</i>	345
Quadro nº 51 - Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos títulos dos Artigos da revista <i>Servir</i>	346
Quadro nº 52 - Caracterização da produção escrita identificada no Periódico <i>Enfermagem</i>	349
Quadro nº 53 - Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos títulos dos Artigos do Periódico <i>Enfermagem</i>	350
Quadro nº 54 - Caracterização da produção escrita identificada no Periódico <i>Cuidar</i>	352
Quadro nº 55 - Caracterização da produção escrita identificada no Periódico <i>Nephro's</i>	355

Quadro nº 56 - Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos títulos dos Artigos do Periódico <i>Nephro's</i>	355
Quadro nº 57 - Caracterização da produção escrita identificada no Periódico <i>Enfermagem Oncológica</i>	358
Quadro nº 58 - Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos títulos dos Artigos da <i>Revista de Enfermagem Oncológica</i>	359
Quadro nº 59 - Caracterização da produção escrita identificada no Periódico <i>Ordem dos Enfermeiros</i>	363
Quadro nº 60 - Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos títulos dos Artigos do Periódico <i>Ordem dos Enfermeiros</i>	364
Quadro nº 61 - Caracterização da produção escrita identificada no Periódico <i>AESOP</i>	367
Quadro nº 62 - Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos títulos dos Artigos do Periódico <i>AESOP</i>	368
Quadro nº 63 - Caracterização da produção escrita identificada no Periódico <i>Associação dos Enfermeiros Obstetras</i>	370
Quadro nº 64 - Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos títulos dos Artigos da <i>Associação dos Enfermeiros Obstetras</i>	371
Quadro nº 65 - Caracterização da produção escrita identificada no Periódico <i>Enfermagem e o Cidadão</i>	374
Quadro nº 66 - Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos títulos dos Artigos do Periódico <i>Enfermagem e o Cidadão</i>	375
Quadro nº 67 - Caracterização da produção escrita identificada no Periódico <i>APECSP</i>	377
Quadro nº 68 - Distribuição dos Códigos Temáticos encontrados nos títulos dos Artigos do Periódico <i>APECSP</i>	378
Quadro nº 69 - Caracterização da produção escrita identificada no Periódico <i>ONCO.NEWS</i>	380
Quadro nº 70 - Caracterização da produção escrita identificada na <i>Revista de Enfermagem da Sociedade de Saúde Mental e Psiquiátrica</i>	383
Quadro nº 71 - Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos títulos dos Artigos da <i>Revista de Enfermagem da Sociedade de Saúde Mental e Psiquiátrica</i>	384
Quadro nº 72 - Periódicos de Escolas de Enfermagem Portuguesas publicados entre 1955 a 2009	387
Quadro nº 73 - Caracterização Sociodemográfica dos Autores de Artigos das Publicações Periódicas das Escolas de Enfermagem de 1955 a 2009.....	388
Quadro nº 74 - Caracterização da ficha técnica das publicações identificadas de 1955 a 2009 em Escolas de Enfermagem	389
Quadro nº 75 - Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos títulos dos Artigos dos	

Periódicos das Escolas de Enfermagem publicados de 1955 a 2009.....	392
Quadro nº 76 - Caracterização da produção escrita identificada no Periódico <i>Subir</i>	395
Quadro nº 77 - Caracterização da produção escrita identificada no Periódico <i>Informar</i>	398
Quadro nº 78 - Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos títulos dos Artigos do Periódico <i>Informar</i>	399
Quadro nº 79 - Caracterização da produção escrita identificada no Periódico <i>(Re) Encontro</i>	402
Quadro nº 80 - Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos títulos dos Artigos do Periódico <i>(Re)Encontro</i>	403
Quadro nº 81 - Caracterização da produção escrita identificada no Periódico <i>Pensar Enfermagem</i>	407
Quadro nº 82 - Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos títulos dos Artigos do Periódico <i>Pensar Enfermagem</i>	408
Quadro nº 83 - Caracterização da produção escrita identificada no Periódico <i>Referência</i>	412
Quadro nº 84 - Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos títulos dos Artigos do Periódico <i>Referência</i>	413
Quadro nº 85 - Caracterização da produção escrita identificada no Periódico <i>INFOESES</i>	417
Quadro nº 86 - Caracterização da produção escrita identificada no Periódico <i>Trajectos e Projectos</i>	420
Quadro nº 87 - Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos títulos dos Artigos do Periódico <i>Trajectos e Projectos</i>	421
Quadro nº 88 - Caracterização da produção escrita identificada no Periódico <i>O CLUNY</i>	424
Quadro nº 89 - Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos títulos dos Artigos do Periódico <i>O CLUNY</i>	425
Quadro nº 90 - Caracterização da produção escrita identificada no Periódico <i>AcontecEnfermagem</i>	428
Quadro nº 91 - Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos títulos dos Artigos do Periódico <i>AcontecEnfermagem</i>	428
Quadro nº 92 - Caracterização da produção escrita identificada no Periódico <i>Enfermagem & Sociedade</i>	431
Quadro nº 93 - Caracterização da produção escrita identificada no Periódico <i>Percursos</i>	433
Quadro nº 94 - Periódicos de Instituições de Saúde/Hospitais publicados entre 1987 a 2002.....	434
Quadro nº 95 - Caracterização da produção escrita identificada no Periódico da responsabilidade das Instituições de Saúde/Hospitais.....	434
Quadro nº 96 - Ficha Técnica das publicações de edição dos Hospitais.....	435

Quadro nº 97 - Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos títulos dos Artigos dos Periódicos de Instituições de Saúde.....	436
Quadro nº 98 - Periódicos de Editoras publicados entre 1988 a 2000.....	442
Quadro nº 99 - Caracterização da produção escrita identificada nos Periódicos de responsabilidade de Edição Editorial.....	442
Quadro nº 100 - Ficha Técnica dos periódicos de Edição de Editor	444
Quadro nº 101 - Caracterização dos Códigos Temáticos identificados nos Artigos dos Periódicos de responsabilidade de Edição Editorial	445
Quadro nº 102 - Caracterização da produção escrita identificada no Periódico <i>Nursing</i> (edição portuguesa).....	449
Quadro nº 103 - Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos títulos dos Artigos do Periódico <i>Nursing</i> (edição portuguesa).....	450
Quadro nº 104 - Caracterização da produção escrita identificada no Periódico <i>Sinais Vitais</i>	453
Quadro nº 105 - Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos títulos dos Artigos do Periódico <i>Sinais Vitais</i>	453
Quadro nº 106 - Caracterização da produção escrita identificada no Periódico <i>Revista Portuguesa de Enfermagem</i>	456
Quadro nº 107 - Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos títulos dos Artigos do Periódico <i>Revista Portuguesa de Enfermagem</i>	457
Quadro nº 108 - Caracterização da produção escrita identificada no Periódico <i>SOS Jornal de Enfermagem</i>	459
Quadro nº 109 - Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos títulos dos Periódico <i>SOS Jornal de Enfermagem</i>	460
Quadro nº 110 - Caracterização da produção escrita identificada na <i>Revista de Investigação em Enfermagem</i>	464
Quadro nº 111 - Distribuição dos Códigos Temáticos na <i>Revista de Investigação em Enfermagem</i>	464
Quadro nº 112 - Periódicos de Enfermagem segundo Edição de Autor.....	466
Quadro nº 113 - Caracterização da produção escrita identificada no Periódicos de Enfermagem segundo Edição de Autor.....	466
Quadro nº 114 - Caracterização da ficha técnica das publicações de Edição de Autor	467
Quadro nº 115 - Caracterização da produção escrita identificada nos Periódicos de Edição de Autor...	468
Quadro nº 116 - Distribuição da Tipologia de Artigos Analisados segundo a Responsabilidade Editorial dos Periódicos.....	497

Quadro nº 117 - Distribuição cronológica da tipologia de artigos analisados segundo a responsabilidade editorial das Associações Sindicais.....	499
Quadro nº 118 - Distribuição cronológica da tipologia de artigos analisados segundo a responsabilidade editorial das Organizações Profissionais.....	500
Quadro nº 119 - Distribuição cronológica da tipologia de artigos analisados segundo a responsabilidade Editorial das Escolas de Enfermagem.....	501
Quadro nº 120 - Distribuição cronológica da tipologia de artigos analisados segundo a responsabilidade Editorial das Instituições de Saúde/Hospitais	502
Quadro nº 121 - Distribuição cronológica da tipologia de artigos analisados segundo a responsabilidade Editorial das Editoras.....	502
Quadro nº 122 - Distribuição cronológica da tipologia de artigos analisados segundo a responsabilidade Editorial dos Autores	503

ÍNDICE DE FIGURAS

	Pág.
Figura nº 1 - Representação esquemática das secções da Introdução	33
Figura nº 2 - Diagrama representativo da estrutura da tese	54
Figura nº 3 - Diagrama representativo da estrutura do Eixo I - Enquadramento Metodológico- - Concetual.....	102
Figura nº 4 - Diagrama representativo da estrutura do Eixo II - Período Pré-Formal	199
Figura nº 5 - Diagrama representativo da Cronologia Histórica da Divulgação do Conhecimento	262
Figura nº 6 - Distribuição geográfica da proveniência do local de trabalho - Hospital, Centro de Saúde e Outras Instituições.....	276
Figura nº 7 - Distribuição geográfica da proveniência do local de trabalho - Escolas de Enfermagem.....	279
Figura nº 8 - Diagrama representativo da estrutura do Eixo III - Período Formal	477
Figura nº 9 - Diagrama - Modelo Base do Ciclo de Conversão de Conhecimento de Nonaka e Takeuchi (1995)	489
Figura nº 10 - Diagrama - A Espiral do Conhecimento (adaptado do ICN).....	496

ÍNDICE DE GRÁFICOS

	Pág.
Gráfico nº 1 - Distribuição do nº de periódicos de enfermagem publicados por décadas	268
Gráfico nº 2 - Caracterização das variáveis identificadas nos Periódicos segundo Responsabilidade Editorial	273
Gráfico nº 3 - Distribuição dos Códigos Temáticos relativos aos títulos dos artigos dos Periódicos.....	280
Gráfico nº 4 - Distribuição da Tipologia de Artigos Analisados segundo a Responsabilidade Editorial dos Periódicos	498

ÍNDICE DE IMAGENS

	Pág.
Imagem nº 1 - Imagem de S. João de Deus salvando os doentes durante o incêndio em Granada	163
Imagem nº 2 - Digitalização da Capa do livro <i>A POSTILLA RELIGIOSA E ARTE DE ENFERMEIROS</i>	174
Imagem nº 3 - Digitalização da Capa do livro <i>Luz da Medicina, Pratica Racional, e Methodica, Guia de Enfermeiros, Directorio de Principiantes</i>	184
Imagem nº 4 - Digitalização da capa do livro <i>Manual de primeiros socorros e enfermagem, para uso dos pescadores do bacalhau, dos serviços de assistência do grémio, dos Armadores de navios da Pesca do bacalhau</i>	187
Imagem nº 5 - Digitalização da capa do livro <i>Enfermagem guia da Enfermeira profissional e auxiliar do médico prático</i>	189
Imagem nº 6 - Digitalização da capa do livro <i>Manual de enfermagem civil e militar</i>	192
Imagem nº 7 - Digitalização da capa do livro <i>Manual Teórico de Enfermagem Cirúrgica</i>	193
Imagem nº 8 - Digitalização das capas das sebatas de autoria de médicos professores da Escola de Enfermagem Artur Ravara	194
Imagem nº 9 - Digitalização das capas de alguns exemplares das sebatas de autoria de enfermeiros professores da Escola de Enfermagem Artur Ravara na década de 60/70.....	211
Imagem nº 10 - Digitalização da capa da sebenta <i>História de Enfermagem da autoria a autoria de Nogueira, B.</i> (Década de 60)	231
Imagem nº 11 - Digitalização da capa do livro <i>História de Enfermagem da autoria de Nogueira, M.</i> (Década de 90).....	234
Imagem nº 12 - Selo emitido pelo Vaticano em 1986 de S. Giovanni di Dio Patrono degli Ospedali e Degli. Infermi (S. João de Deus Patrono dos Hospitais e dos Doentes)	235
Imagem nº 13 - Digitalização da capa do livro <i>Um Olhar sobre o Ombro Enfermagem em Portugal (1881 – 1998)</i>	236
Imagem nº 14 - Digitalização da capa do livro <i>Ser Enfermeiro Da Compaixão à Proficiência</i>	238
Imagem nº 15 - Digitalização de capas de livros sobre a História de algumas Escolas de Enfermagem	241
Imagem nº 16 - Digitalização da capa do livro <i>Da Blusa de Brim à Touca Branca Contributo para a História do Ensino de Enfermagem em Portugal (1880 – 1950)</i>	242

Imagem nº 17 - Digitalização da capa do livro <i>Simbologia dos emblemas das escolas de enfermagem em Portugal</i>	244
Imagem nº 18 - Digitalização da capa do livro <i>Uma biografia partilhada da Enfermagem A segunda metade do século XX 1950-2003. Um contributo sócio-histórico</i>	245
Imagem nº 19 - Reconstituição da capa da Revista <i>O Arquivo do Enfermeiro Iª Série - Revista Profissional dos Enfermeiros Portugueses</i>	296
Imagem nº 20 - Digitalização da capa de <i>O Enfermeiro Português Revista dos Profissionais de Enfermagem e Propaganda do Grémio dos Enfermeiros de Terra e Mar do Norte de Portugal</i>	298
Imagem nº 21 - Digitalização da capa da Revista <i>A Voz do Enfermeiro – Propriedade do Sindicato Profissional dos Enfermeiros da Região do Sul</i>	302
Imagem nº 22 – Digitalização da capa de <i>A Enfermeira – Boletim do Sindicato Nacional Feminino das Enfermeiras do Distrito de Lisboa</i>	306
Imagem nº 23 – Digitalização da capa de <i>Arquivo do Enfermeiro (IIª Série) – Revista Profissional dos Enfermeiros Portugueses</i>	311
Imagem nº 24 – Digitalização da capa de <i>Revista de Enfermagem</i> (1954; 1962; 1967; 1968; 1969, 1973).....	314
Imagem nº 25 – Digitalização da capa de <i>Ecos da Enfermagem</i> (décadas de 80, 90 e 2000)	318
Imagem nº 26 – Digitalização da capa de <i>Boletim Sindical dos Enfermeiros Zona Sul e Região Autónoma dos Açores</i> (1980 e 1989)	323
Imagem nº 27 – Digitalização da capa de <i>Enfermagem em Foco</i>	326
Imagem nº 28 – Digitalização da capa de <i>Servir</i>	340
Imagem nº 29 – Digitalização da capa de <i>Enfermagem</i>	346
Imagem nº 30 – Digitalização da capa de <i>Cuidar – Revista de Informação e Cultura Profissional</i>	350
Imagem nº 31 – Digitalização da capa de <i>Nephro's</i>	353
Imagem nº 32 – Digitalização da capa de <i>Enfermagem Oncológica</i>	356
Imagem nº 33 – Digitalização da capa de <i>Ordem dos Enfermeiros</i>	359
Imagem nº 34 – Digitalização da capa de <i>AESOP – Associação de Enfermeiros de Sala de Operações Portugueses</i>	365
Imagem nº 35 – Digitalização da capa da Revista <i>da Associação Portuguesa dos Enfermeiros Obstetras</i>	368
Imagem nº 36 – Digitalização da capa de <i>Enfermagem e o Cidadão</i>	372

Imagem nº 37 – Digitalização da capa de <i>APECSP</i>	375
Imagem nº 38 – Digitalização da capa de <i>ONCO.NEWS</i>	378
Imagem nº 39 – Digitalização da capa da <i>Revista de Enfermagem da Sociedade de Saúde Mental e Psiquiátrica</i>	381
Imagem nº 40 – Digitalização da capa de <i>SUBIR</i>	393
Imagem nº 41 – Digitalização da capa de <i>Informar</i> – Revista de Formação Contínua em Enfermagem	396
Imagem nº 42 – Digitalização da capa de <i>(Re) Encontro</i>	400
Imagem nº 43 – Digitalização da capa de <i>Pensar Enfermagem</i>	403
Imagem nº 44 – Digitalização da capa de <i>Referência</i>	409
Imagem nº 45 – Digitalização da capa de <i>INFOESES</i>	414
Imagem nº 46 – Digitalização da capa de <i>Trajectos e Projectos</i>	417
Imagem nº 47 – Digitalização da capa de <i>O CLUNY</i>	422
Imagem nº 48 – Digitalização da capa de 2002 e contracapa de 2006 de <i>AcontecEnfermagem</i>	425
Imagem nº 49 – Digitalização da capa de <i>Enfermagem & Sociedade</i>	429
Imagem nº 50 – Digitalização da capa de <i>Percursos Publicação da Área Disciplinar da Enfermagem</i> .	431
Imagem nº 51 – Digitalização da capa de <i>Divulgação</i>	437
Imagem nº 52 – Digitalização da capa de <i>VITAEnfermagem</i>	439
Imagem nº 53 – Digitalização da capa de <i>Nursing</i> (edição portuguesa)	446
Imagem nº 54 – Digitalização da capa de <i>Sinais Vitais</i>	450
Imagem nº 55 – Digitalização da capa da <i>Revista Portuguesa de Enfermagem</i>	454
Imagem nº 56 – Digitalização da capa do <i>Jornal SOS Enfermagem</i>	457
Imagem nº 57 – Digitalização da capa da <i>Revista de Investigação em Enfermagem</i>	460
Imagem nº 58 – Digitalização da capa de <i>Servir Jornal das Enfermeiras Diplomadas da Escola de São Vicente de Paulo</i>	469
Imagem nº 59 – Digitalização da capa de <i>Enfermagem Portuguesa – Revista Técnica e Cultural</i>	473
Imagem nº 60 – Imagem de Florence Nightingale exposta no Museu em Londres	510

ÍNDICE GERAL

	Pág.
INTRODUÇÃO	32
A PROBLEMÁTICA EM ESTUDO	33
Da produção escrita à divulgação - Um percurso na apropriação do Conhecimento	35
QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO	48
FINALIDADE E OBJETIVOS	49
EIXOS ESTRUTURANTES DA TESE	50
1 - EIXO I - ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO- CONCETUAL - Um percurso com história -	55
CAPÍTULO 1 - PARTE I - FASE DIAGNÓSTICA DE SITUAÇÃO	57
1.1 - Procedimentos de busca das fontes e documentos	58
1.2 - O Percurso - Informação recolhida e caracterização das fontes	64
CAPÍTULO 2 - PARTE II - FASE EMPÍRICA	67
2.1 - Contextualização Temporal	67
2.2 - Desenho de Investigação.	71
2.3 - Critérios de Seleção dos Periódicos e Artigos	79
2.4 - Procedimentos de Amostragem	80
2.5 - Condições de Produção e Análise das Fontes	85
2.6 - Análise e Tratamento Documental	86
2.6.1 - Técnica de Análise de Conteúdo	88
2.6.2 - Técnica Bibliométrica	93
2.7 - Considerações Éticas	98
2.8 - Limitações/ Constrangimentos do Estudo	99

2 - EIXO II - PERÍODO PRÉ-FORMAL - OS PRIMÓRDIOS DA ESCRITA PROFISSIONAL: Uma trajetória da escrita em torno da Enfermagem	103
CAPÍTULO 1 - CONSIDERAÇÕES/INFLEXÕES SOBRE O MOVIMENTO DA ESCRITA EM PORTUGUÊS.....	106
1.1 - Na senda da Tipografia.....	111
1.2 - O Jornalismo Português e a Censura	117
CAPÍTULO 2 - ENFERMAGEM PORTUGUESA UMA HISTÓRIA COM HISTÓRIA: Origens e Perspetivas	131
2.1 - A Fundação dos Hospitais Portugueses e a Intervenção da Igreja e da Monarquia	136
2.2 - S. João de Deus: O primeiro português com História na Enfermagem Mundial	163
CAPÍTULO 3 - 1741 - A <i>POSTILLA RELIGIOSA E ARTE DE ENFERMEIROS</i> - UM LIVRO COM 270 ANOS -	172
CAPÍTULO 4 - NA ESCRITA SOBRE ENFERMAGEM - LIVROS DE AUTORIA DE MÉDICOS - A QUEM SERVE?.....	181
3 - EIXO III - PERÍODO FORMAL - A ESCRITA DE ENFERMAGEM: Criação das publicações periódicas profissionais	200
CAPÍTULO 1 - PRODUÇÃO EDITORIAL DOS ENFERMEIROS PORTUGUESES	201
1.1 - Publicações Periódicas	203
1.2 - Sebentas e Manuais Didáticos	207
1.3 - Publicação de Livros	216
1.4 - Literatura Cinzenta Científica.....	218
CAPÍTULO 2 - PERIODISMO EM ENFERMAGEM - O ESTADO DA ARTE...	225
CAPÍTULO 3 - PERFIL DAS PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS	254
3.1 - Responsabilidade Editorial	263
3.1.1 - Associações Sindicais.....	284
3.1.2 - Organizações Profissionais	330

3.1.3 - Escolas de Enfermagem	385
3.1.4 - Instituições de Saúde/ Hospitais.....	433
3.1.5 - Edição Editorial.....	441
3.1.6 - Edição de Autor	465
 CAPÍTULO 4 - A DIVULGAÇÃO DO CONHECIMENTO DA ENFERMAGEM: Da Enfermagem Empírica à Enfermagem Científica.....	 478
 CAPÍTULO 5 - OS ENFERMEIROS PORTUGUESES REESCREVEM A HISTÓRIA DA ENFERMAGEM	 503
5.1 - Das figuras históricas do século XVI ao século XXI.....	505
5.1.1 - O século XVI e a ação de S. Camilo de Lellis e S. Vicente de Paulo...	505
5.1.2 - O século XIX - Vida e obra de Florence Nightingale	510
5.1.3 - O século XX - A Irmã Eugénia Tourinho - A vivência do Ideal Vicentino	525
5.1.4 - A génese da Profissão sob a lupa dos Enfermeiros Portugueses	527
 4 - EIXO IV - INÍCIO DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA FORMAL (1990-200...)	 539
 5- EIXO V - A DIVULGAÇÃO DO CONHECIMENTO DA ENFERMAGEM PORTUGUESA NA SENDA DA INTERNACIONALIZAÇÃO	 548
 6 - CONCLUSÕES FINAIS	 552
 7 - IMPLICAÇÕES DO ESTUDO	 561
 8 - SUGESTÕES	 564
 BIBLIOGRAFIA	 567
 ANEXOS	
Anexo I – Carta de Pedido de Autorização para Consulta Documental	
Anexo II – Ficha para análise dos artigos científicos	

INTRODUÇÃO

O presente Relatório constitui um percurso de trabalho de cerca de cinco anos, surgindo como um projeto que pretendeu aglomerar os esforços de várias entidades nacionais de enfermagem que potenciaram a difusão do conhecimento em periódicos profissionais, num período da sua história recente.

A contribuição do nosso estudo assenta na premissa de que o estudo sobre fenómenos do passado ajuda a uma melhor compreensão do presente, o que permite perspetivar, no futuro, o rumo que os enfermeiros portugueses pretendam que a profissão possa ter.

Neste capítulo, explicitaremos a problemática de investigação, bem como os conceitos centrais que nos orientaram. Assim, começaremos por apresentar as justificações investigativas que orientam todo o trabalho, o objeto de estudo que nos conduziu às questões de investigação, a finalidade, os objetivos e os eixos em que assentam a estrutura da Tese.

A representação esquemática, que apresentamos a seguir, pretende ilustrar as quatro secções que constituem este capítulo, no sentido de proporcionar ao leitor a clarificação e a sistematização dos aspetos abordados.

Figura nº 1 – Representação esquemática das secções da Introdução



A construção da problemática desenvolveu-se em torno de três dimensões chave: a natureza do conhecimento, a divulgação do conhecimento e a evolução da profissão, através dos artigos divulgados nos periódicos de enfermagem editados, no século XX, e início deste século.

O objeto de estudo partiu da conjugação desta tríade dimensional, orientada para o desenvolvimento da Profissão e da Disciplina.

A PROBLEMÁTICA EM ESTUDO

Apesar de, em Portugal, a natureza do conhecimento em enfermagem ter sido objeto de estudo pelos enfermeiros, nos últimos anos, a preocupação pela produção e divulgação de conhecimento produzido por si próprios adquire um carácter de grande relevância profissional e social.

Os acontecimentos significativos, que moldaram o século XX, estão ainda presentes na memória dos/as enfermeiros/as portugueses/as. No entanto, escrever sobre a história da Enfermagem no século XX e na primeira década do século XXI, é ao mesmo tempo

(re)escrever o passado e resgatar alguns marcos que, fazendo parte da nossa trajetória formativa e profissional, oferecem a possibilidade de compreensão do presente e de projetar o futuro.

Neste sentido, o nosso estudo poderá ser mais uma contribuição para o conhecimento sobre a própria divulgação da escrita profissional de enfermagem.

A pertinência deste estudo justifica-se na medida em que consideramos ser necessário encontrar algumas pistas orientadoras que permitam compreender a evolução histórica da profissão, através da divulgação em periódicos de enfermagem, no século XX e início do século XXI, de forma a uma melhor interpretação do que somos, do que sabemos, do que produzimos e divulgamos, e que perspectivas delineamos para o futuro.

Boaventura de Sousa Santos (1995; 2002 e 2003), a propósito do debate sobre ciência, enquanto forma de conhecimento e prática social, refere que qualquer que seja o tipo e o objeto de conhecimento, este confere inteligibilidade ao seu presente e ao seu passado, dando mais sentido e direção ao futuro.

Neste sentido, a Enfermagem, entre nós, tem à semelhança de outros países, realizado e publicado estudos de investigação em enfermagem, particularmente, nos últimos anos. Daí, que nos interessa perceber este percurso, bem como o domínio de conhecimento produzido e qual o impacto na profissão.

Motivada pelo interesse intelectual, fundamentada em estudos de autores portugueses, privilegiámos a nossa Tese na análise da imprensa periódica de enfermagem, produzida no período cronológico selecionado.

A problemática da evolução da profissão e a(s) influência(s) que a divulgação do conhecimento possa ter exercido nos vários contextos, pode tornar-se com interesse para «desocultar» várias áreas do conhecimento da Enfermagem, que nos permitirão compreender melhor, por um lado o nosso presente e, por outro, apontar ainda pistas para o futuro.

A nossa convicção sobre os ganhos deste trabalho assenta no pressuposto de Virgínia Henderson, quando escrevia que, ao utilizar o passado para construir o futuro, podemos encontrar raízes sólidas para a nossa atuação.

Em síntese, neste capítulo, pretendemos apresentar algumas reflexões conceituais da Tese em torno de alguns conceitos chave como: conhecimento, profissão, disciplina, publicação periódica, de índole profissional, e a importância da divulgação do conhecimento produzido pelos enfermeiros portugueses.

Para a construção dos capítulos, privilegiámos a bibliografia de autoria de enfermeiros portugueses, essencialmente, como resultado das técnicas de análise documental e de conteúdo de diferentes Publicações Periódicas, em diferentes momentos cronológicos.

Durante todo o estudo empregaram-se as designações de enfermeiro, indistintamente do género.

Na evolução histórica da enfermagem, em Portugal, existiram períodos em que foi muito nítida a distinção de géneros, contudo a observância do género masculino tem sido a designação mais usual pelos autores.

Em todo o texto, e sempre que tivemos necessidade de transcrever excertos dos documentos, mantivemos a transcrição da escrita integral usada à época.

Sempre que, no decorrer do texto, se fizer referência às Escolas Superiores de Enfermagem utilizaremos esta designação, independentemente de se tratar de Escolas integradas nas Universidades ou Institutos Politécnicos, uma vez que a maioria adquiriu a designação de Escolas Superiores de Saúde. Com efeito, aquando da publicação das Revistas, a designação usada no passado não era a que hoje vigora.

Da produção escrita à divulgação – um percurso na apropriação do conhecimento

Muito embora, o fenómeno do conhecimento seja um dos que envolve maior complexidade, não deixa de ser também um dos mais misteriosos, e ao mesmo tempo aliciante para qualquer investigador, como área de estudo, qualquer que seja a sua esfera de especialização científica.

A procura das origens sobre o conhecimento despoletou, ao longo da história, volumosos tratados de filosofia, tanto por gregos como por pensadores medievais e renascentistas, ainda que, na atualidade, se continue a questionar a essência de tal fenómeno.

Mas, o que leva os homens a tamanha persistência (**?teimosia?**) e, ou, a tão inusitada motivação por esta problemática?

As razões epistemológicas, ao longo do tempo, têm vindo a ganhar incremento entre a comunidade académica e científica na procura do conhecimento, embora sendo muito diversas, podem resumir-se particularmente nas de ordem intelectual e no «desejo universal e irresistível de abertura e de revelação» (Soares, 2004).

O objetivo principal que, normalmente, se encontra para a justificação do estudo do conhecimento é o que impele o investigador para novas (re) descobertas, na tentativa de encontrar a (?Verdade?).

Se bem que, o problema da justificação ou fundamentação da «crença verdadeira», sendo fulcral, na epistemologia, o seu estudo é demasiado restritivo, por deixar de fora das suas fronteiras outros «estados cognitivos, como sejam a dúvida, a conjectura, a probabilidade e a interrogação», como sublinha Soares (2004, p. 9).

A autora afirma que esta atitude é recorrente na literatura, sugerindo que em vez de se continuar a centrar a atenção sobre as condições para que ocorra conhecimento, como acontece na literatura, visto que esta apresenta justificações, que de modo algum esgotam o problema da cognição. Deste modo, a autora defende que se deveria apostar na investigação do «processo cognitivo que carece ele próprio de uma justificação» Soares (2004, p. 26).

Em sentido epistemológico pode dizer-se que o ato de conhecer assume um carácter intelectual emergente, social paradoxal e intemporal, constituindo-se um catalisador de novas aprendizagens, bem como de pesquisa.

Outra ideia que acompanha o seu significado é a de que o estudo da totalidade do fenómeno é sempre parcial, dependendo da experiência vivida e contextualizada de quem o investiga e dos meios que dispõe ao seu alcance, como tal é sempre contingencial.

A objetividade e subjetividade do sujeito conferem também uma particularidade e singularidade ao fenómeno estudado, conduzindo a diferentes formas de entendimento sobre o mesmo, diferentes visões sobre a mesma realidade.

Todavia, a questão subsiste – será que os argumentos são suficientes para definir a entidade do que é o conhecimento?

Os primeiros filósofos no labor da querela científica, ao esgrimirem argumentos exacerbados radicalistas, espartilharam o conhecimento e a ciência em entidades distintas, atribuindo um estatuto preferencial de domínio e de poder, somente para as disciplinas de maior tradição clássica e de maior prestígio social.

A inclusão de novas profissões, no campo social, veio trazer à tona, novamente, a discussão da individualidade da disciplina do conhecimento, dando lugar a que hoje se aceitem posições mais consensuais, mantendo-se, contudo, em aberto o debate em torno das questões da definição do objeto e método das disciplinas, umas em relação às outras.

O sentido atribuído ao estatuto de transdisciplinaridade entre as ciências veio repor alguma acalmia às posições mais extremadas, contribuindo para o esbatimento de áreas cinzentas, que têm impedido, de um modo geral, o desenvolvimento social, técnico e científico de algumas profissões, sobretudo as que concorrem com as mais antigas e, consequentemente com um percurso histórico já firmado Machado, (2006).

O propósito dos últimos estudos sobre os diversos aspetos relacionados com o conhecimento humano «obrigaram a diversificar mais as disciplinas que lhe dizem respeito», pois o estatuto próprio do conhecimento das ciências (limites, metodologia, entre outras) levou ao desenvolvimento de outras vias do pensamento filosófico (filosofia da linguagem, epistemologia, hermenêutica...) (Coutinho, 2003, pp. 9-10).

Segundo Soares (2004, p.8), a reflexão epistemológica em torno do estatuto das várias ciências, das suas metodologias, os âmbitos e limites dos vários saberes, a sua objetividade, universalidade e validade requer uma investigação prévia do conhecimento sobre o próprio conhecimento, o que consiste numa crítica, assumindo uma atitude transcendental, orientada para a reconstrução – e não – desconstrução do processo cognitivo, desde os seus fundamentos.

Para efeitos desta **tese**, o conceito central de conhecimento adotado assume um significado eclético e plural, mais genérico, no sentido de que permite uma melhor compreensão do fenómeno em estudo.

Para a noção de conhecimento, designadamente em enfermagem, apoiamo-nos nos autores clássicos da Filosofia e outros, dos quais destacamos, Amendoeira (1998; 1999; 2001; 2003; 2004); Benkly e outros (1986); Canário (1977 e 1999); Barnard (1999); Bishop (2002); Carpenter e outros (2002); Boaventura Sousa Santos (1995; 2002 e 2003); Coutinho (2003); Carper (1997), Soares (2004).

O conceito de conhecimento assumido é resultante do saber adquirido pela investigação, formação académica e profissional, auto-formação, experiência e pelo senso comum (tradição oral e evidência dos factos). A construção do conhecimento em enfermagem faz-se do confronto entre a intuição, a tradição, a experiência pessoal e profissional, a formação formal e, atualmente, ainda muito parcelarmente, pela evidência científica.

Com efeito, o conhecimento só se processa quando se integra a informação na experiência pessoal e profissional, dependendo das vivências do sujeito, dos contextos onde ocorrem, das crenças individuais, dos significantes sociais, expectativas e experiências.

Barnard (1999) designa-o o como o resultado do pensamento, das vivências, da educação, da cultura, da história, dos ideais e dos valores sociais que permitem ser participantes atuantes, ativos no próprio processo de desenvolvimento do conhecimento.

Bishop (2002) segmenta esta noção considerando-o como um entendimento adquirido através da aprendizagem ou da investigação.

Coutinho (2003, p. 15) define-o como uma atividade que confere ao sujeito/ser cognoscente um enriquecimento pessoal, afirmando que é por meio deste que o homem vai possuindo, de algum modo, as coisas que conhece e vai-se tornando ontologicamente mais rico, o que quer dizer que vai «sendo mais», como enfatizara o mesmo autor.

É pelo conhecimento que o ser cognoscente se enriquece e se realiza na sua tensão para ser mais até ser *perfeito* (*completamente feito*). Todavia, o autor refere que estes conhecimentos apenas o enriquecem «*intencionalmente*», através das representações da realidade, que lhe é alheia, dado que esta permanece fora dele. Nesta ordem de ideias, o Homem torna-se mais rico pela aquisição das coisas que entram na sua posse, não em si mesmas, mas pelo conhecimento que adquire delas. Daí que o conhecimento humano se dá no interior daquele «*espaço*» a que designa por «*consciência*». Assim, o sujeito que conhece, ao conhecer, toma consciência quer do objeto que conhece, quer do ato de conhecer, quer de si mesmo como sujeito desse conhecimento.

Outra assunção proposta pelo mesmo autor é a de que o conhecimento não é apenas individual, mas também eminentemente social ou coletivo, pelo que não se circunscreve a territórios fronteiro-geográficos, mas antes adquire uma dimensão universal, Coutinho (2003, p. 13).

A propósito da forma com o *conhecimento é recebido*, Carpenter e outros (2002) defendem que o sujeito, normalmente, aprende através do que lhes é dito – recebendo conhecimento. É deste confronto entre o saber experiencial e o saber formativo pelo ensino ou pelo que foi publicado, que o enfermeiro se interroga sobre qual o melhor conhecimento disponível para um exercício de boas práticas de qualidade e de excelência, que proporcione o melhor bem-estar às pessoas/utentes e suas famílias?

A investigação realizada por Botelho (1998, p. 47) acerca de a *Formação Profissional Contínua do Enfermeiro* corrobora esta afirmação em cujos resultados encontrados como *fatores que mais concorreram para a sua formação* foram por ordem de apresentação: *a experiência* resultante da interacção com o doente; *a leitura* feita nos tempos livres e *a formação por cursos* (acções de formação).

Da interacção com o utente o enfermeiro adquire, sobretudo, uma melhor percepção das necessidades (do utente) e do modo como melhor poderá satisfazê-las e adquirir ainda uma maior confiança e segurança, quando confrontado com novas situações.

Quanto aos aspetos de o enfermeiro, não dispor de muitos tempos livres, ele dispensa em média 3 horas por semana à leitura de assuntos relativos à profissão, possuindo em sua casa uma pequena biblioteca constituída em média, por cerca de 130 livros.

Um número significativo de enfermeiros cerca de 76% é subscritor de uma revista de enfermagem.

No que respeita à formação por cursos 93% considera que ela contribui para o desempenho profissional, para a melhoria dos cuidados ao utente e 96% consideram que ela contribui também para a sua formação, sendo que os maiores contributos para a melhoria dos conhecimentos, o desenvolvimento de novas atitudes e uma maior segurança nos cuidados ao utente.

Os cuidados de enfermagem constituem-se enquanto fonte de conhecimento conforme o papel que desempenham. Num quadro paradigmático, este conhecimento desempenha um estatuto de reciprocidade de produção e de consumo. Neste sentido, os cuidados são fonte de conhecimento ao oferecerem razões para investigação e simultaneamente, exigindo conhecimento de investigação atualizada, para uma Enfermagem Avançada (Silva, 2003) e uma Prática Baseada na Evidência (Smith, e Craig, 2004).

Profissão, Conhecimento e Disciplina são conceitos que, nesta pesquisa, têm um carácter singular, de interdependência e de complementaridade.

O conceito de profissão constitui fundamento para a compreensão da evolução da enfermagem no nosso país. O ponto de partida é coincidente com a perspectiva dos vários autores: Corrêa (1953); Max Weber (1967 e 1969) Alberdi Castell – Rosa Maria e outros (1983); Collière (1987); Nóvoa (1987); Petitat (1989); Soares (1997); Amendoeira (2000; 2003; 2004 e 2006).

De um modo geral os autores consideram que a profissionalização constitui um dos processos essenciais na modernização, sendo uma das características fundamentais de uma sociedade civilizada.

Um dos requisitos que, geralmente, ajudam a compreender a diferença entre ofício e profissão, é defendida por Collière (1989), sendo o ofício, uma atividade exigida pela sociedade, que tem por objetivo manter e melhorar as condições de vida, limitando-se a prestar um serviço à comunidade que é essencial à vida. Enquanto o conceito de profissão é assumido por um corpo de pessoas, que conseguiram um título e estatuto, através de uma formação, que lhes permite exercer uma atividade.

A este propósito, Nóvoa (1987, p. 49) define profissão como um conjunto de interesses relacionados com o exercício de uma atividade que exige um corpo de saberes e saber-fazer próprio, específico e autónomo e a adesão a condutas e comportamentos, de ordem ética, definidos coletivamente e reconhecidos socialmente. Donde se depreende incluídas

as dimensões da Formação, da Ética Profissional, o sentimento do coletivo e a sua importância social.

Na opinião de Amendoeira (2006, p. 50), o termo profissão pode apresentar conotações, pois, enquanto na tradição europeia (continental) pode ser equivalente a ofício, podendo designar qualquer ocupação, já na tradição inglesa a expressão «Professional» apenas se aplica a trabalhadores com um elevado nível de qualificação, diplomados do ensino superior.

No que se reporta ao início do movimento de profissionalização da Enfermagem, Petitat (1989) determina o virar do século XIX, por estar na origem de um novo corpo de saberes, baseado na ciência moderna, em ruptura com a tradição oral empírica.

Enquanto Soares (1997, p. 107) situa a sua origem em Inglaterra em 1888, *quando uma campanha da British Nurses Association, liderada pela enfermeira Ethel Fenwich, pretendia o reconhecimento oficial da enfermagem como profissão. O objectivo a alcançar era o de que a enfermagem se tornasse numa profissão organizada e controlada pelas próprias enfermeiras e independente da autoridade exercida pelas administrações hospitalares, desde a estrutura da enfermagem à formação até as condições de trabalho.*

Collière (1989) considera que a construção do processo de profissionalização faz parte dos primórdios da Enfermagem numa ideologia comum, situando-se em torno do papel da enfermeira, dos seus órgãos representativos, da formação, do regime jurídico profissional, das publicações, constituindo-se como elementos geradores de um sentimento de pertença. Nesta medida, a enfermagem atual insere-se nesta categoria, de atividade coletiva e reconhecida pela sociedade, possuindo um estatuto de utilidade pública, um corpo de conhecimentos que lhe é exigido pela Formação disciplinar, em estabelecimentos de Ensino reconhecidos pelo Estado Português.

Esta conquista da profissionalização da enfermagem corresponde a um percurso com início da criação das primeiras escolas no final do século XIX, mas com maior evidência, na segunda metade do século XX, podendo dizer-se que neste lapso de tempo outras profissões se desenvolveram no nosso país, numa sequência muito idêntica àquela que os enfermeiros portugueses viveram, como é o caso dos professores do ensino primário, segundo a opinião de Nóvoa (1987).

Para este desiderato, concorreram um conjunto de factores mais recentes, já no final do século XX, que permitiram o controlo da profissão pelos próprios enfermeiros, dos quais se destacam, a criação do Regulamento para o Exercício da Enfermagem, a Ordem dos Enfermeiros, a formação de enfermagem a nível superior, a aquisição dos graus de Mestrado e de Doutoramento por parte dos enfermeiros e ainda a produção de uma literatura própria veiculada pelos periódicos profissionais.

Também os contextos profissionais, enquanto espaços de partilha, de vivência em comum, concorreram para este estágio de desenvolvimento, tornando-se locais de formação e de investigação, onde estão muito presentes, as noções, de consciência de classe profissional e social.

Globalmente, o poder do conhecimento em enfermagem das respostas aos fenómenos humanos, característicos da Disciplina de Enfermagem, parte do investimento que tem sido feito na Formação, na Investigação produzida, na qualidade dos Cuidados de Enfermagem e também da divulgação e expansão sobre o que se é, o que se sabe, o que se faz, o que se diz e se escreve.

É em torno dos saberes, Saber, Saber Ser, Saber Aprender, Saber Fazer, Saber Agir e Saber Produzir e Divulgar que se promove a construção da Disciplina de Enfermagem. Numa primeira instância o resultado deste conhecimento disciplinar é dirigido à pessoa, à família e aos grupos que estão sob o cuidado da enfermagem. De facto, são eles que constituem o alvo e a centralidade da sua intervenção, se assim não for, alguma coisa está a falhar nesta lógica formal.

Em segunda instância sendo dirigido a si própria e de uma forma geral ao grupo profissional, promove-se o desenvolvimento humano, o aprofundamento e a melhoria do desempenho técnico, profissional, científico e ético, proporcionando à sociedade um serviço mais consentâneo com um perfil da Enfermagem atual.

Kérouac e outros (1996) e Keck (1997) definem Disciplina como uma área de Investigação e de Prática por uma perspetiva única ou por uma forma distinta de examinar os fenómenos entendidos como o conteúdo de uma disciplina e susceptíveis de serem descritos e explicados cientificamente.

Os estudos de Amendoeira (2001; 2003; 2004 e 2006) sustentam que o conhecimento da Enfermagem resulta da convergência das disciplinas Biológicas e das Humanidades. O conceito, o método e o objeto que o distingue entre as outras disciplinas constrói-se na inter e transdisciplinaridade das ciências, mas sobretudo com a fundamentação de um campo específico do Saber.

É nesta perspetiva que a própria produção, publicação e divulgação da escrita profissional de enfermagem em português, não sendo os únicos factores de desenvolvimento do enfermeiro e da própria disciplina e profissão (perspetiva individual e social), mas deles fazendo parte, foi nessa medida que nos interessou estudar as questões da divulgação do conhecimento através dos periódicos portugueses.

Nunca como hoje se exigiu à profissão que aumente o seu capital de produção e divulgação do conhecimento, para que constitua uma massa crítica, imprescindível não apenas por

razões de natureza comunicacional, mas fundamentalmente como compromisso da missão dialogante universal que o conhecimento pressupõe e que a sociedade deseja.

Ao partilhar as suas concepções, o enfermeiro colabora no progresso e evolução do próprio ato de conhecer, sem a qual ficaria incompleta a sua missão enquanto cidadão e profissional.

Contudo, esta passagem do conhecimento intelectual produzido da esfera privada para o domínio público, relança sobre os enfermeiros um desafio, nem sempre fácil, pois não basta produzir, é fundamental divulgar, o que muitas vezes implica romper com inúmeros constrangimentos, entre os quais, preconceitos individuais, diversas barreiras editoriais, logísticas, circuitos de redistribuição e inexistência de recursos.

Intimamente associado ao fenómeno da divulgação do conhecimento, normalmente encontra-se o fenómeno da linguagem, aquele necessita de ser expresso, comunicado a outrem e transmitido através da linguagem, seja ela falada ou escrita.

Para efeitos da investigação apenas nos interessam os textos escritos como objetos de divulgação do conhecimento de enfermagem, pelo que as particularidades relativas ao discurso na forma oral, não serão motivo de reflexão e de estudo neste contexto.

Embora a divulgação escrita encerre, em si mesma, algumas especificidades sobre a divulgação oral, ela apresenta algumas regras comuns. De um modo geral, quando se recepciona qualquer mensagem escrita, é imprescindível que a mesma seja descodificada, para que seja compreendida no seu significado, podendo ser útil ao leitor.

Ricoeur (1987) estabelece distinções dialéticas entre discurso e texto, evento linguístico e significado, em que *toda a teoria de interpretação está ligada ao texto escrito, em que o escrito deriva do falado e ambos, fala e escrita, pertencem ao discurso*. Considera ainda que a autonomia semântica de um texto escrito não pode ser isolada nem do evento linguístico nem da intencionalidade do autor.

Casal (1996, p. 63) sublinha que a escrita continua a ser manifestação do discurso, e este *«discurso escrito servirá de modelo para uma teoria hermenêutica»*, verificando-se uma *«desconexão da intenção do autor relativamente ao significado verbal do texto, segundo este facto, a interpretação pode objectivar-se, pois o locutor já não está lá. O locutor já não está, mas emergem o autor, o significado e a intenção, tornando mais complexa a interpretação»*. O mesmo defende que a existência de relação dialética entre o texto-autor e o texto-leitor são imprescindíveis à integração e apropriação do seu significado.

O texto escrito apresenta-se ao leitor com uma autonomia semântica, cabendo a este torná-lo num texto significativo, abrindo-a a várias interpretações (leituras), pp. 63-64.

Na perspectiva de Ricoeur (1987), o texto e o leitor ao convergir de forma dinâmica, a interpretação surge renovada, pois que o escritor/autor e leitor não se referem mutuamente numa situação concreta, a referência ficou aberta ao mundo.

A compreensão, explicação e ou interpretação de um texto consistirá, então, confrontá-lo com todas as significações possíveis. Deste modo, a escrita e a leitura representam o meio de comunicação, por excelência, enquanto veículo do conhecimento nas suas várias dimensões (técnico, ético, filosófico, teórico, prático e ou científico), torna-se capaz de produzir nos leitores motivos de reflexão, para uma tomada de consciência para o seu agir, fundamentado em concepções e princípios científicos, para aplicar individual e ou coletivamente em qualquer circunstância.

Segundo Coutinho (2003, p. 57), o imenso património do pensamento e dos conhecimentos adquiridos encontram-se sobretudo nos livros, nos jornais, nas revistas e outros documentos, que «falam». Estes são normalmente os meios de comunicação mais habituais na divulgação da informação e do conhecimento entre os enfermeiros que, conjuntamente com a participação em eventos nacionais e internacionais, o resultado da formação em contexto escolar e ou de trabalho, desempenham um papel relevante, mantendo os enfermeiros atualizados e informados sobre as mudanças que ocorrem na disciplina e profissão.

Após a recepção da informação produzida pelo escritor/autor (texto escrito), cabe ao leitor/enfermeiro/a a tarefa de selecionar a que mais lhe interessa, adequá-la e adaptá-la ao seu contexto profissional, de modo a utilizá-la no sentido de proporcionar cuidados de enfermagem de qualidade e competentes, com maior satisfação, respeitando os princípios inerentes da Disciplina e da Profissão. Estes são os objetivos de qualquer autor ou conferencista que escreve, que publica um livro, um artigo em revista, particularmente os de índole profissional, tendo a presunção de que os conteúdos das suas mensagens sejam úteis às pessoas, à profissão, às próprias organizações e num âmbito mais global à sociedade.

Neste sentido, Ricoeur (1987), a propósito da problemática da hermenêutica refletida a partir do discurso escrito considera que a maior dificuldade se situa do lado do leitor, mais do que do lado do escritor/autor. A relação que se estabelece entre a escrita e a leitura é de «distanciação/apropriação», visto que o texto separa-se do escritor/autor e aproxima-se do leitor.

A leitura aproxima ambos os interlocutores, encurtando o distanciamento espaço-temporal, «resgatando a significação». A interpretação desempenha a função de apropriação de sentidos que foi possível apenas pelo distanciamento.

Para além disso, em termos editoriais os ganhos da divulgação podem medir-se também através da adesão dos leitores pelo número de exemplares vendidos, publicados e ou pelas tiragens que as revistas editam.

Com a utilização recente de outras fontes de transmissão do conhecimento, nomeadamente em formato digital, é legítimo que se questione se faz sentido neste contexto de mundialização da informação (Gomes e outros, 1998), a pertinência do estudo da divulgação atribuído à escrita profissional de Enfermagem em suporte de papel? Não será que a imprensa está em declínio?

As respostas são de natureza muito variada e deixaremos estas ao arbítrio de cada um. A nossa percepção é de que a informatização de livros e de publicações periódicas, substituindo as formas mais usuais de formato de papel, ainda constitui um problema de autoria, o que, por enquanto, coloca algumas reservas na sua divulgação. Assim, e reconhecendo as possibilidades que possam ser entendidas quanto às diferenças de acessibilidade e rapidez informativas, acreditamos que o formato impresso continuará a fazer sentido, quer do ponto de vista do leitor como das empresas editoriais. Tanto mais que só, muito recentemente, algumas editoras portuguesas procederam à digitalização informática das revistas, constituindo, por isso mesmo, uma tecnologia ainda de difícil acesso a alguma parcela da população.

A produção, a divulgação, a publicação e expansão dos resultados dos fenómenos estudados são elementos capazes de contribuir para uma maior autonomia, maior prestígio, maior visibilidade social e reconhecimento da comunidade académica e científica. Deste modo, as publicações periódicas profissionais são impulsionadoras de cultura e do desenvolvimento não apenas pessoal, mas também ao nível do coletivo profissional.

Do ponto de vista conceptual, existem algumas diferenças entre publicação periódica, revista e periódico especializado, porque possuem uma estrutura comum. Por conseguinte, no presente trabalho, atribui-se-lhe a mesma dimensão. A opção teve por base os fundamentos de Tengarrinha (1989, p. 52); Santo (1995, pp. 202-204) e Balle (2004, p. 159), que se referem a um «escrito impresso» que apresenta uma periodicidade regular alargada, continuidade de título, forma de apresentação e pluralidade de conteúdos que refletem a atualidade. De certo modo, apresentam-se geralmente em formato de papel A4, paginação alargada, demonstrando um *layout* extremamente cuidado, representado pelo equilíbrio entre o texto e imagem. Tem apresentação gráfica apelativa denotando as fortes estratégias de *marketing* e de perspetiva de mercado.

Quanto às revistas, em geral, possuem características próprias que as diferenciam das demais formas de comunicação científica formal. São publicadas de maneira continuada, sem previsão de termo. As edições são numeradas normalmente por volume, número e ano ou estação e ano, entre outras formas de apresentação. Em cada edição há textos

selecionados pelos editores conforme a temática do número, após passarem pelo processo editorial.

A periodicidade de cada título é diversa, podendo ser anual, semestral, trimestral, bimestral, mensal ou mesmo semanal, dependendo da área do conhecimento e dos objetivos.

Muller (1994, p. 17) e Nunes (2003, p. 4) consideram o periódico especializado de enfermagem como uma publicação regular, um importante veículo de difusão de informação, que unifica o papel social e ou divulga a própria imagem do enfermeiro. Referem que permite a capacitação de estreitar relações entre os enfermeiros, proporcionar reflexão sobre problemas comuns, representa a garantia de informações profissionais atualizadas, estimulam a produção de novos trabalhos e constituem um meio acessível para arquivo e consulta.

De entre os periódicos especializados destacam-se os periódicos científicos, como sendo o meio de divulgação do conhecimento com maior credibilidade entre a comunidade científica e a divulgação menos demorada em comparação a um livro.

Na atualidade, observa-se uma grande procura dos cientistas em divulgar o resultado através deste tipo de periódicos, bem como através de outros meios de comunicação oral como sejam: videoconferência, palestra, colóquio, seminário, simpósio, encontro, *workshop*, debate, mesa-redonda, painel, fórum, poster.

No que concerne à conceptualização do que é um periódico ou uma revista científica, Fachin e Hillesheim (2006) definem-os como sendo publicações seriadas, independente do suporte, no qual vários autores, sob coordenação de um ou mais editores, publicam o resultado das suas pesquisas.

Segundo Lakatos e Marconi (1990, p. 20) os artigos científicos publicados em revistas ou periódicos são pequenos estudos que tratam de uma questão verdadeiramente científica, mas que não chegam a constituir-se em matéria de um livro. O estilo deve ser claro, conciso, objetivo e a linguagem deve ser correta, coerente e simples.

Na opinião de Fortin (1999, p. 339) um artigo de investigação consiste na comunicação dos resultados e na «finalização lógica dos esforços do investigador para demonstrar a sua contribuição pessoal ao desenvolvimento e à expansão do conhecimento científico». Para a autora, um artigo não tem como objetivo demonstrar as competências em investigação, mas divulgar a contribuição do estudo para o enriquecimento do conhecimento. Refere igualmente que a divulgação dos resultados pode ser realizada, tanto a nível de publicações nas revistas científicas e profissionais, como a nível de apresentações em congressos à escala nacional, bem como internacional.

No que se refere à divulgação dos resultados em revistas científicas, normalmente existem guias específicos de apresentação, indicando técnicas de redação e o estilo próprio deste género de publicação. A inobservância das regras de publicação poderá ser uma das primeiras exigências, constituindo motivo de exclusão dos artigos para publicação, pelo que cada autor, logo da elaboração do artigo, deverá consultar previamente essas normas e conhecer os requisitos técnicos e éticos exigidos para publicação.

No que respeita aos periódicos electrónicos eles são cada vez mais utilizados e respeitados pelos investigadores, embora inicialmente constituíssem apenas uma alternativa aos periódicos impressos. A tecnologia informática afirmou-se universalmente como uma ferramenta de divulgação do conhecimento científico, passando a ser disponibilizado em formato digital, seja na *Web* ou nos *mídia* electrónicos. Torna-se num espaço aberto à sociedade (*open access*), particularmente a uma elite intelectual, que passa a dispor do conhecimento científico em formato de texto completo ou em formato reduzido. Esta apresenta índices temáticos, podendo ainda aceder a edições anteriores.

No caso das publicações em enfermagem a nível nacional, essa possibilidade é cada vez maior, muito embora seja uma situação ainda muito recente.

De entre os benefícios deste tipo de publicação, destacam-se a existência de inúmeros *sites* e portais, que facilitam a procura e recuperação da informação, não apenas devido ao seu formato, mas sobretudo pela facilidade de leitura, possibilidade de fazer *download*, permitindo o armazenamento e impressão para posterior arquivo e consulta.

A informatização do conhecimento resultou num exponencial do número de leitores e na rapidez de acesso, permitindo a qualquer investigador obter uma informação mais atualizada em tempo útil. Todavia, armazenar arquivos por meios electrónicos ainda implica alguns custos com recursos materiais e humanos: equipamentos (computadores, *scanner*, mobiliário), equipa de editores, treino, atualização, manutenção da página e servidores que armazenam os arquivos referentes à publicação.

Os custos diminuem para aquelas revistas que deixaram de fornecer aos seus leitores o formato impresso, contudo há autores e leitores que preferem este tipo de leitura. Deste modo, as editoras, ao contarem com alguma resistência por parte dos seus leitores, contornam essa atitude, mantendo a publicação em formato de papel ou nas duas versões.

A regular difusão/divulgação em português do conhecimento profissional, através de livros e artigos em revistas técnicas, constituiu um marco importante em relação ao conhecimento exclusivamente importado e ou produzido por outros, especialmente dos EUA e Canadá, Brasil e França, uma vez que correspondeu a um movimento da

manifestação de maturidade, autonomia e afirmação profissional dos enfermeiros portugueses.

Atualmente, ninguém entenderia que em Portugal, após mais de cem anos de prática e de ensino de enfermagem, que os enfermeiros continuassem exclusivamente dependentes da produção do conhecimento de outros países, subvalorizando a sua experiência e formação, quando estas atingem níveis de *performance* comparáveis com os que de melhor se faz, particularmente na Europa.

A publicação e tradução de livros e de revistas técnicas estrangeiras foram as primeiras fontes de conhecimento documentais que os enfermeiros portugueses tiveram, como tal representaram a seu tempo a única bibliografia de enfermagem, escrita por enfermeiros. A sua importância ainda hoje é indiscutível como vetores de comunicação e de acesso ao conhecimento técnico, científico e complementares da formação.

No entanto, são conhecidos, no nosso país, os baixos níveis de literacias linguísticas, daí que também muitos enfermeiros, tendo o mesmo problema, não consultam bibliografia estrangeira ou, se o fazem, acusam alguma dificuldade e fraca procura, denotando algum desinteresse e desmotivação, que se manifesta por algum cepticismo acerca deste conhecimento técnico-científico produzido.

Será que a situação não será antes de uma ausência ou de falta de cultura científica que é transversal a toda a população portuguesa?

Será que esta situação não estará na génese da fraca publicação e divulgação de estudos científicos e de metodologias de investigação em Revistas Científicas Internacionais?

Será que a baixa tiragem de exemplares que têm as duas revistas de investigação de enfermagem em português (*Revista de Investigação em Enfermagem e Referência*), não será indiciadora da situação que referimos?

Que mudar para reverter a situação?

No caso português, as consequências disso refletem-se não apenas nas organizações de saúde, como para os próprios, e, sobretudo, para as pessoas a quem se destinam os cuidados, que se veem privados de resultados baseados em evidências científicas, prevalecendo muito do conhecimento empírico e do senso comum nas práticas de enfermagem no dia a dia.

A prestação de cuidados de enfermagem de qualidade e de excelência, como imperativo ético e social, exige constante atualização. Depende assim do investimento que for feito na formação, na investigação e consequente divulgação.

Sem produção e divulgação não existe uma consciência crítica e, para que isso ocorra, há que fazê-lo de forma a aproximar os leitores dos próprios autores. Interpretando o pensamento de Ricoeur (1987), muitas vezes as linguagens e metodologias utilizadas nos textos escritos são difíceis de ser documentadas, por isso envolvem, não só por parte do escritor maior rigor semântico, como também por parte do leitor a necessidade de aquisição de competências linguísticas e de interpretação.

Durante todo o período, que corresponde ao estudo que encetamos, sobre a divulgação do conhecimento e a profissão da Enfermagem em Portugal, no último século, e início deste, são bem evidentes os sinais da busca de autonomia da profissão e, conseqüente, procura na construção do conhecimento disciplinar específico. Quando analisado o conteúdo dos artigos escritos por enfermeiros portugueses, verificamos que os primeiros temas versavam a necessidade de legalização da profissão, bem como o desenvolvimento do ensino e o estabelecimento de uma carreira profissional. Não obstante, as preocupações, a partir do final do século, são marcadamente relativas à disciplina e divulgação de investigação produzida, uma vez que os problemas anteriores estão, de certa forma, mais ou menos consolidados.

Todavia, mesmo decorrido este espaço de tempo, em que as mudanças verificadas na profissão foram bastante significativas, a problemática do conhecimento científico em enfermagem tem à semelhança de outras ciências ainda por resolver a questão dos limites e metodologia próprias.

Foi a partir destes conceitos e ideias que nos interessou compreender o percurso histórico da divulgação do conhecimento em enfermagem, em Portugal. A opção recaiu sobre o estudo dos periódicos, editados por Associações Sindicais, Organizações Profissionais, Escolas de Enfermagem, Instituições de Saúde, Enfermeiros e Empresas Editoriais publicadas no século XX e início do século XXI, constituindo este o fenómeno para estudo.

QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO

Assim, e decorrente da nossa prática profissional e da pesquisa que temos vindo a desenvolver, elegemos como questão central:

Qual a natureza do conhecimento divulgado nos periódicos de enfermagem e a evolução da profissão em Portugal no século XX e início do século XXI?

E na sequência desta questão central, definimos como orientadoras outras questões de investigação:

Qual o perfil dos periódicos de enfermagem em Portugal no último século e início do século XXI?

Que características sócio-demográficas apresentam os autores?

O que escreveram os enfermeiros portugueses sobre temáticas de enfermagem?

Qual a escrita profissional sobre a prática dos cuidados de enfermagem, formação, gestão e investigação?

Que investigação realizaram os enfermeiros?

De que forma a escrita profissional divulgada nos Periódicos de Enfermagem por enfermeiros portugueses traduz a evolução da profissão e da disciplina de enfermagem de modo consistente?

Estas questões, na nossa perspetiva, assumem um interesse particular, dado poderem vir a constituir-se num contributo para a reflexão sobre a compreensão da influência da divulgação do conhecimento dos enfermeiros, no desenvolvimento da profissão e da disciplina no nosso país.

FINALIDADE E OBJETIVOS

O objeto de estudo e as questões orientadoras permitiram-nos delinear como metas a atingir nesta **tese**, contribuir para o estudo da natureza e tendências do conhecimento divulgado nos periódicos de enfermagem, como estratégia para a compreensão da evolução da profissão e disciplina.

Decorrente desta finalidade os **objetivos** centraram-se em torno de dois eixos estratégicos, os que envolvem competências inerentes ao grau de Doutor e outras mais específicas, ao nível da compreensão da influência de determinantes utilizados pelos enfermeiros na divulgação do conhecimento.

A – No plano de aquisição de competências teóricas

No que respeita à aquisição de competências teóricas pretendemos alcançar os seguintes objetivos:

- Desenvolver e aperfeiçoar competências teóricas/práticas necessárias para a prática da investigação científica, no domínio da ciência de enfermagem, através do estudo

sistemático dos processos fundamentais e das estratégias específicas de análise, interpretação e apresentação dos resultados;

- Contribuir para o desenvolvimento das capacidades de análise e de crítica metodológicas da literatura de enfermagem, através da avaliação de artigos de revisão da literatura; reflexão e investigação publicados em revistas profissionais científicas;
- Possibilitar a discussão teórico-metodológica de questões e problemas específicos no domínio da história da profissão e da disciplina de Enfermagem.

B – No plano de aquisição de competências técnico/científicas da própria investigação em estudo

No que respeita à aquisição de competências técnico/científicas pretendemos que o estudo nos permita:

- Identificar os periódicos de enfermagem publicados durante o século XX e início do século XXI;
- Analisar o conhecimento divulgado (área, tipo de estudo...);
- Identificar marcos da evolução da profissão
- Relacionar a divulgação do conhecimento com a evolução da profissão;
- Dar uma panorâmica geral daquilo que os enfermeiros portugueses divulgaram neste período de tempo;
- Divulgar a escrita profissional publicada pelos enfermeiros portugueses, contribuindo para uma posterior construção de base de dados.

EIXOS ESTRUTURANTES DA TESE

Para efeitos de construção e organização do Relatório, dividimos o mesmo em cinco grandes Eixos, subsequentes a este capítulo introdutório e que, de um modo geral, apresentamos na figura nº 1. Estes Eixos representam as linhas estruturantes de pensamento e de desenvolvimento de todo o material que foi selecionado e analisado e não devem ser entendidos como partes distintas, mas antes como um *continuum* agregador que prefiguram um todo específico e singular.

A estrutura da **tese** foi desenhada a partir de uma lógica de complexidade, privilegiando em primeiro lugar os procedimentos metodológicos, seguindo-se a informação resultante de bibliografia mais genérica, correspondendo ao período anterior à divulgação do conhecimento em periódicos, na parte final foi dado maior enfoque à especificidade dos periódicos e conteúdos editoriais dos artigos publicados pelos enfermeiros portugueses.

No primeiro Eixo explicam-se as razões metodológicas em dois grandes capítulos: Fase Diagnóstica de Situação e Fase Empírica, que correspondem ao percurso de toda a

investigação. O primeiro capítulo é constituído por dois subcapítulos: 1 – Procedimentos de busca das fontes e documentos e 2 – O Percurso – Informação recolhida e caracterização das fontes, o levantamento da Produção Editorial dos Enfermeiros Portugueses, a que lhe foi atribuído o estatuto de Fase Diagnóstica de Situação, vindo posteriormente a constituir-se como fundamental, na decisão final pelo fenómeno a estudar.

Só após este estudo prévio é que se pôde ter uma ideia mais consciente da ação, da pertinência, da relevância e da possibilidade do fenómeno que pretendíamos investigar.

O segundo Capítulo aborda as etapas da Fase Empírica a qual é constituída por oito subcapítulos: Contextualização Temporal; Desenho de Investigação; Critérios de Seleção dos Periódicos e de Artigos; Procedimentos de Amostragem; Condições de Produção e Análise das Fontes; Análise e Tratamento Documental; Considerações Éticas e Limitações do Estudo.

Assim, pretendemos descrever as opções metodológicas em relação aos processos de seleção das fontes e da amostra, bem como toda a análise, tratamento documental e referencial teórico, que foi utilizado como material, que constitui a centralidade de toda a investigação.

Os restantes quatro Eixos correspondem à apresentação e discussão dos resultados da Investigação e que foram organizados em torno de três grandes espaços temporais, que evidenciam movimentos históricos de produção e divulgação do conhecimento em enfermagem.

No segundo Eixo fazemos referência ao primeiro período a que designámos por – Período Pré Formal – Os Primórdios da Escrita Profissional: Uma trajetória da escrita em torno da Enfermagem que é constituído por quatro Capítulos: 1 – Considerações/Inflexões sobre o Movimento da Escrita em Português; 2 – Enfermagem Portuguesa – uma História com História; 3 – 1741 – A Postilla Religiosa e Arte de Enfermeiros, um Livro com 270 anos e capítulo 4 – A Escrita sobre Enfermagem de Autoria de Médicos – A Quem Serve?

No primeiro capítulo procurámos contextualizar, de um modo geral, o desenvolvimento da escrita nacional, como parte introdutória que nos permitiram uma melhor percepção do problema em estudo.

O segundo, terceiro e quarto capítulos remetem-nos para a trajetória histórica da escrita destinada aos «enfermeiros portugueses». Primeiramente, destacamos o aparecimento da primeira obra documental, Postilla Religiosa e Arte de Enfermeiros, no final do século XVIII, que significa o primeiro marco na produção escrita para *enfermeiros*. De seguida, fazemos alusão ao papel desempenhado, em 1881, pelos médicos, particularmente Costa Simões e Ignacio Rodrigues da Costa Duarte, que iniciaram a escrita de textos em língua

portuguesa, destinados à formação das enfermeiras que prestavam serviço nas «Escolas», sediadas nos Hospitais.

Ao primeiro livro publicado, já na primeira década do século XX, sucederam-se outros de autoria dos médicos (Dr. Ângelo da Fonseca entre outros) que lecionavam nas Escolas de Enfermagem e que se tornaram instrumentos auxiliares na formação dos enfermeiros.

O Eixo III constitui, por excelência, o foco do trabalho, correspondendo ao segundo período a que designámos por Período Formal – A Escrita de Enfermagem: Criação das publicações periódicas profissionais e a produção editorial dos enfermeiros. Dele fazem parte cinco capítulos: 1 – Produção Editorial da Enfermagem Portuguesa; 2 – Periodismo – O Estado da Arte; 3 – Perfil das Publicações Periódicas; 4 – A Divulgação do Conhecimento da Enfermagem: Da Enfermagem Empírica à Enfermagem Científica e 5 – Os Enfermeiros Portugueses reescrevem a História da Enfermagem.

No capítulo 1 os subcapítulos: Sebentas e Manuais Didáticos; Publicação de Livros; Literatura Científica Cinzenta e Publicações Periódicas permitem-nos conhecer a tipologia e volume da produção escrita profissional dos enfermeiros.

O capítulo 2 – Periodismo – O Estado da Arte, dão-nos a conhecer melhor o fenómeno em estudo, através das suas conclusões que representam algumas evidências. Todavia, não foram encontrados estudos publicados por enfermeiros portugueses sobre as temáticas relacionadas com esta investigação.

No capítulo 3 daremos a conhecer alguns aspetos caracterizadores sócio-demográficos dos autores e do *design* das Publicações Periódicas no seu subcapítulo 1 – Responsabilidade Editorial e nas suas seis subsecções: 1 – Associações Sindicais; 2 – Organizações Profissionais; 3 – Escolas de Enfermagem; 4 – Instituições de Saúde/Hospitais; 5 – Edição de Editores e 6 – Edição de Autores.

O capítulo 4 – A Divulgação do Conhecimento da Enfermagem: Da Enfermagem Empírica à Enfermagem Científica descreve as temáticas mais escolhidas pelos enfermeiros portugueses, tendo em conta a codificação dos títulos e a análise do conteúdo dos artigos dos vários Periódicos.

No capítulo 5 – Os Enfermeiros Portugueses reescrevem a História da Enfermagem, dá-se a conhecer o resultado da análise dos artigos dos periódicos sobre figuras históricas da enfermagem e o movimento encetado em torno da legalização, autonomia e conquistas da Profissão de Enfermagem

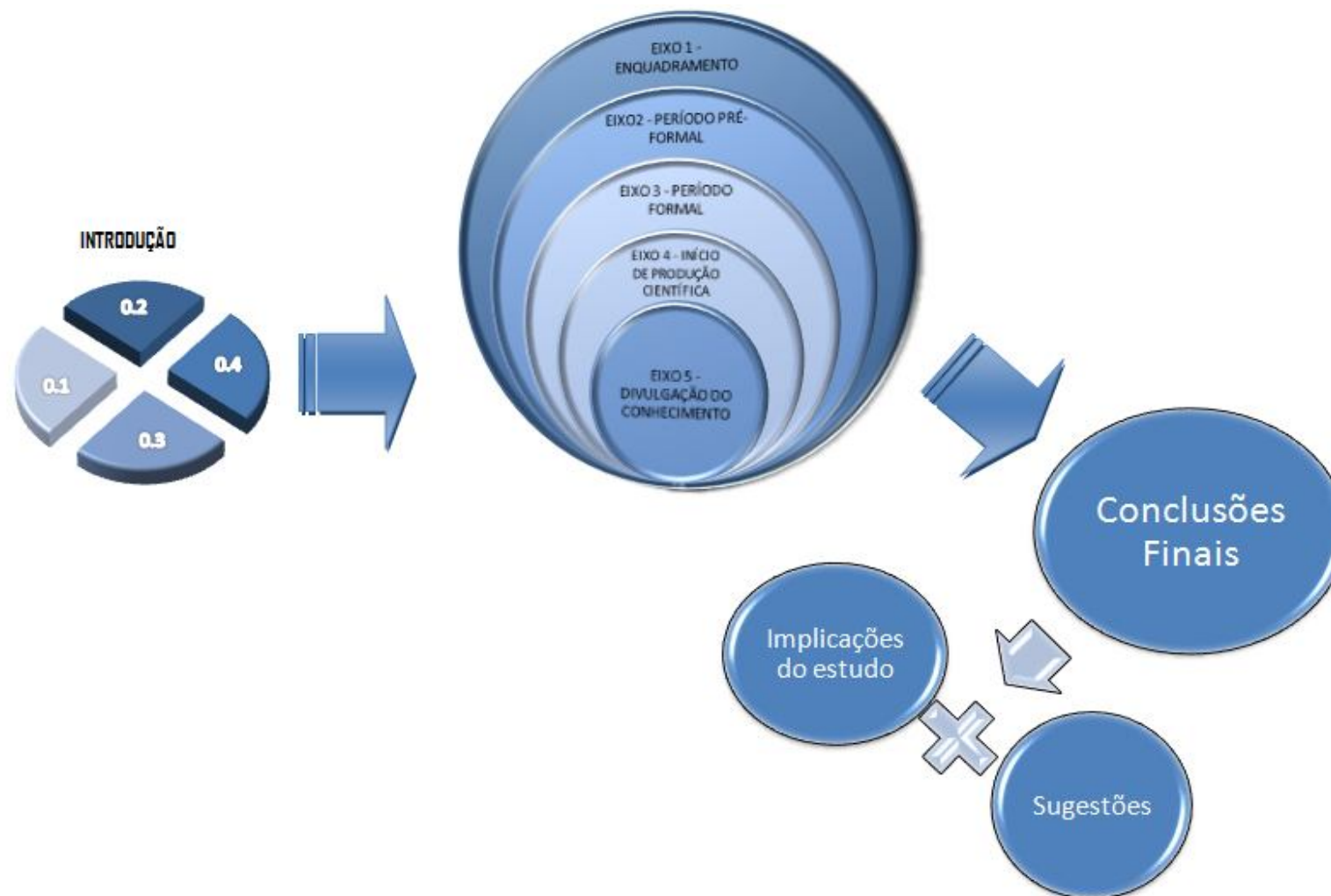
O Eixo IV caracteriza-se pela análise de artigos científicos que de uma forma sistemática, a partir da década de 90, constituíram uma mudança paradigmática na divulgação do conhecimento, o que contribuiu para o desenvolvimento profissional.

Com o Eixo V pretende-se dar a conhecer as tendências atuais, manifestadas pela procura dos enfermeiros portugueses pelo acesso à produção, e consequente divulgação do conhecimento nas Bases de Dados de Revistas Científicas Internacionais.

Os capítulos Conclusões finais, Implicações do estudo e Sugestões, englobam, em síntese, os principais resultados e evidências de toda a informação recolhida.

O diagrama seguinte apresenta uma sinopse global da estrutura da **tese**, procurando dar uma visão do percurso desenvolvido, no sentido de facilitar a sua leitura e a compreensão das decisões tomadas acerca do fenómeno em estudo.

Figura nº 2 – Diagrama representativo da estrutura da tese



1 – EIXO I – ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO-CONCETUAL

- Um percurso com história -

No presente capítulo damos a conhecer a metodologia, descrevendo os princípios fundamentais que colocámos em prática durante a investigação.

Não privilegiámos nenhuma teoria ou um autor em particular, como guia orientador do processo de investigação, pois considerámos, mais uma vez, que a diversidade nos possibilitaria uma complementaridade e uma maior contribuição teórica que enriqueceria o estudo.

De entre os autores, que nos serviram de referencial metodológico de pesquisa, encontram-se entre diversos autores: Kruman (1985); Romero (1991); Léssard-Hébert e outros (1994); Bogdan e Biklen (1994); Parse (1995); Bardin (1997 e 2008); Woods e Haber (1998); Carmo (1998); Quivy e Campenhoudt (1992, 1998); Fortin (1999, 2000); Streubert e Carpenter (2002); Polit et al (1993; 1995 e 2004); Flick (2005); Lewenson (2007); Ferreira e Vieira (2008).

Para o estudo do método Histórico, tomámos como referências teóricas as propostas de historiadores como Godinho (1965); Marques (1976); Bloch (1965 e 1976); Le Goff (1984); Febvre (1978 e 1985); Burke (1992); Deshaies (1992); Mendes (1993); Braudel (1997); Mattoso (1997); Veyne (2008).

Para o estudo da bibliometria baseámo-nos nos estudos de Price (1963); Pritchard (1969); Rodrigues (1981); Fonseca (1986); Foresti (1989); Okubo (1997); Macias-Chapula (1998); Vanti (2002); Oliveira (2005 e 2009); Araújo (2006); Sousa e outros (2008).

Para o enquadramento dos elementos iconográficos (imagens) recorreremos aos trabalhos de Gonçalves (1990) e Fonseca (2003).

O processo científico envolvendo os três atos epistemológicos: a ruptura, a verificação e a construção, seguindo uma ordem sequencial, ou uma hierarquia (Quivy e Campenhoudt 1992, p. 25), corresponde também ao percurso natural porque orientámos toda a **tese**.

No nosso caso, a ruptura consistiu no rompimento com as falsas evidências e os preconceitos, atitude que nos acompanhou durante todo o percurso, permitindo clarificar e ou/redimensionar a problemática do estudo.

Assim, primeiramente, tal como o preconizado pelos teóricos, foi realizada a definição dos objetivos e quadro de referência teórico, que serviram de orientação a toda a investigação. A enunciação das questões e objetivos de investigação serviram-nos de fio condutor de todo o processo, orientando e alertando para a dimensão do fenómeno que pretendíamos investigar.

A construção e a verificação possibilitaram-nos o estudo mais atento e prolongado da problemática e a articulação de forma operacional dos marcos e pistas, que nos orientaram na observação e na análise.

As correntes paradigmáticas que, normalmente, têm orientado o conhecimento científico, sucedendo o mesmo em Enfermagem, têm-se movimentado em torno das duas grandes correntes filosóficas – a positivista e a naturalista/ construtivista que, seguindo diferentes percursos metodológicos, alcançam consequentemente resultados diferentes.

Enquanto a corrente positivista, proveniente das ciências naturais, percebe a realidade como entidade única e estática, onde os fenómenos humanos são previsíveis e passíveis de controlo, através do raciocínio hipotético-dedutivo e de regras lógicas, a corrente naturalista/construtivista, proveniente das ciências humanas, entende a realidade na sua multiplicidade, numa perspetiva holística, onde os fenómenos humanos são únicos, singulares e, por isso, são imprevisíveis.

A orientação qualitativa sobrepõe a descrição semântica, à preferência das estatísticas probabilísticas, centra-se na natureza, na essência, no significado e nos atributos (dando mais ênfase ao processo que ao produto).

Os argumentos, para a utilização de uma ou outra corrente paradigmática, parecem ser consensuais. Assim, alguns autores como Bogdan e Biklen (1994), Parse (1995), Fortin (1999), Glasser e Strauss (1999) e Streubert e Carpenter (2002) consideram que a análise estatística surge como método preferencial, permitindo o tratamento dos dados numéricos que fornecem informação objetiva das variáveis em estudo. Ao invés, a orientação à luz do paradigma qualitativo invoca a interpretação individual da realidade e o carácter único e singular da pessoa, não se adequando à generalização e inferência estatística, características da análise quantitativa.

Em enfermagem os investigadores qualitativos, Oiler (1982), Omery (1982), Watson (1985), Fitzpatrick e Whall (1989), Leininger (1995), têm manifestado preocupação no sentido de comprovar a relação existente entre os conceitos, as descrições, as explicações e as significações relativas à compreensão do comportamento e dos fenómenos humanos, fornecidas pelos participantes e pelo investigador.

Estes autores afirmam que a construção de investigação qualitativa é a que melhor se adequa à análise dos fenómenos humanos na sua globalidade, por serem característicos da profissão. A fundamentação apresentada baseia-se na ideia de que a criação do conhecimento em enfermagem é mais congruente quando, na investigação, sejam utilizadas estas metodologias qualitativas.

A mesma opinião é também partilhada por Lo Biondo – Wood (1998), afirmando que os estudos de enfermagem qualitativos são geradores de grande riqueza de dados descritivos, que são promotores de sensibilidade aumentada às experiências da saúde dos outros. Assim, é exequível construir uma base de sustentação à ciência de enfermagem, valorizando e efetivando o próprio conhecimento, dando a conhecer aos outros a necessidade dos cuidados de enfermagem.

Por conseguinte, o que norteia uma ou outra orientação metodológica são questões que envolvem, para além do problema em causa e do estado dos conhecimentos em torno deste, outros aspetos como sejam: o meio, a população alvo, a seleção do estudo, o controlo das variáveis estranhas, os instrumentos de colheita e tratamento de dados, o que constituem os fundamentos capazes para fomentar a aquisição de novos conhecimentos.

No caso da Tese recorreremos a uma abordagem mista, reservando a análise estatística descritiva para as variáveis de caracterização dos periódicos, artigos e de autores, bem como a análise qualitativa para a análise de conteúdo dos artigos.

No que se reporta à estrutura do presente capítulo, este foi organizado em duas partes, correspondendo a um percurso temporal, que envolveu dois momentos distintos, o primeiro referente aos procedimentos metodológicos da fase inicial preparatória e o segundo aos relacionados com o estudo principal.

CAPÍTULO 1- PARTE I – FASE DIAGNÓSTICA DE SITUAÇÃO

Consideramos a Fase Diagnóstica do estudo, como um ensaio, um momento preparatório, também ele empírico que nos permitiu inventariar inicialmente o material escrito de autoria de enfermeiros e que se revelou essencial para a compreensão global do fenómeno.

Neste capítulo damos a conhecer os passos empreendidos, durante o percurso da Fase Preliminar, no que se reporta a análise da informação obtida, no período correspondente a julho de 2006 a outubro de 2008.

O rumo do trabalho desenvolveu-se em dois momentos chave, o primeiro correspondeu à Fase Diagnóstica da divulgação da escrita até à data das Provas Probatórias para submissão a Registo Definitivo da **tese**, que equivaliu à tomada de decisões metodológicas em relação ao material selecionado, constituindo o segundo momento.

1.1 - Procedimentos de busca das fontes e documentos

Quando iniciámos o trabalho, tínhamos uma ideia muito vaga do tipo de documentos a selecionar para estudo e a forma como os encontrar. Deste modo, havia que proceder a um Levantamento Documental o mais integral possível, Mas por onde começar?

Uma ideia que nos acompanhou desde muito cedo foi a de que teríamos de recorrer a diferentes fontes pela inexistência de uma única entidade responsável pelo Arquivo que aglutinasse toda essa informação.

Neste sentido, a estratégia utilizada consistiu na pesquisa na Internet no programa de busca PORBASE – Base Nacional de Dados Bibliográficos Coleção da Biblioteca Nacional – Títulos publicados em Portugal e que deram entrada por Depósito Legal com a palavra-chave Enfermagem, sem filtro cronológico.

Foi identificada uma lista com um total de 992 títulos, de diversos autores nacionais e estrangeiros.

Deste modo, seleccionámos para estudo apenas **documentos de autoria de enfermeiros portugueses**, constituindo este o nosso universo.

Para a identificação dos documentos (Livros, Periódicos, Jornais, Teses de Doutoramento, Dissertações de Mestrado e Trabalhos de Investigação no contexto de Cursos de Especialização ou Projetos Profissionais e outros) definimos como critérios de seleção os seguintes pontos:

- Que fosse possível a identificação profissional (enfermeiro) e a nacionalidade Portuguesa;
- Que os assuntos tratados se enquadrassem na profissão e disciplina de enfermagem, em qualquer área de atuação do exercício profissional;
- No caso de Teses de Doutoramento ou Dissertações de Mestrado ou outros Trabalhos:
 - . Que fossem realizados em Universidades públicas, particulares ou privadas nacionais ou estrangeiras;
- No caso dos Livros:

- . Que os contextos da publicação pudessem ou não ser resultado de Teses de Doutoramento, Dissertações de Mestrado, Trabalhos de Provas Públicas para Concurso para Professor Coordenador ou Professor Adjunto;
- . Que fossem de autoria de autor, ou de editora, qualquer que fosse a entidade responsável, podendo tratar-se ou não de uma Instituição ou Associação Profissional.

Com estes critérios, após análise da lista geral, sinalizámos um total de 569 Títulos de autoria de enfermeiros portugueses e, assim, obtivemos a primeira ideia do volume, tipo e localização dos documentos.

Desta lista constavam as seguintes categorias de documentos: Teses de Doutoramento, Dissertações de Mestrado, Trabalhos de Provas Públicas de Concurso para Professor Coordenador, Professor Adjunto, Livros, Publicações Periódicas, Artigos, Textos, Sebentas, Traduções de Livros estrangeiros, cartas, cartazes, panfletos, entre outros.

Verificou-se que alguns Livros, Dissertações de Mestrado e Teses de Doutoramento não faziam parte desta lista, situação que ficou a dever-se ao facto dos serviços de Arquivo da Biblioteca Nacional apresentarem à data um atraso de seis meses a um ano.

Mesmo, assim, não desistimos de obter uma lista mais completa deste espólio documental, o que foi conseguido com o recurso a outras fontes e com o alargamento dos prazos inicialmente previstos para esta fase.

A síntese desta informação recolhida é representada nos quadros seguintes. Estes enumeram o Roteiro das fontes primárias e as estratégias seguidas em relação a colheita de dados, referentes às principais categorias de documentos: Dissertações de Mestrado e Teses de Doutoramento; Livros Publicados; Publicações Periódicas; Trabalhos de Provas de Concurso para a categoria de Professor Adjunto e Professor Coordenador.

O quadro que se segue refere as fontes e estratégias que utilizámos em relação às Dissertações e Teses, produzidas pelos enfermeiros nas Universidades nacionais ou estrangeiras.

Quadro nº 1 – Roteiro das Fontes e Estratégias utilizadas no recenseamento de Dissertações e Teses entre julho de 2006 a dezembro de 2008

Fonte Chave	Fontes Primárias	Localização das fontes e estratégias de recolha de informação	Tipo de Documentos
Biblioteca Nacional	Universidades	<p>Fontes</p> <p>Universidades</p> <ul style="list-style-type: none"> - <u>Lisboa</u>: Católica, Aberta, Clássica de Lisboa, Lusófona, Nova e Instituto Superior de Psicologia Aplicada; - <u>Porto</u>: Universidade do Porto e Instituto Ciências Biomédicas Abel Salazar; - <u>Coimbra</u>: Universidade de Coimbra e Instituto Superior Miguel Torga; - <u>Universidade do Minho</u>; - <u>Universidade da Beira Interior</u>; - <u>Universidade Évora</u>; - <u>Universidade Algarve</u>; - <u>Universidade Funchal</u>; e - <u>Universidade Ponta Delgada</u>. <p>Estratégias</p> <p>Pesquisa na Internet Consulta nos Repositórios e nos Centros de Documentação Contactos com responsáveis dos Centros de Documentação ou Bibliotecas Contacto com Enfermeiros Doutorados e Mestres</p>	<u>Dissertações e Teses</u>

Os livros técnicos e científicos, escritos por enfermeiros, constituíram, desde sempre, por excelência, os tipos de documentos mais utilizados para veicular o conhecimento, seja na sua forma escrita em português ou na forma de tradução, atingindo várias reedições, o que é demonstrativo do sucesso dos seus conteúdos. Assim, os livros publicados por editoras e ou outras instituições, bem como os livros de edição do próprio autor, foram outro tipo de documentos que fizeram parte deste processo de reconhecimento, cujas fontes e estratégias estão descritas no quadro seguinte.

Quadro nº 2 – Roteiro das Fontes e Estratégias utilizadas no recenseamento de Livros Publicados entre julho de 2006 a dezembro de 2008

Fonte Chave	Fontes Primárias	Localização das fontes e estratégias de recolha de informação	Tipo de Documentos
Biblioteca Nacional	<ul style="list-style-type: none"> Sociedade Portuguesa de Livreiros e Autores Editoras Escolas Superiores de Enfermagem Ordem dos Enfermeiros Associação Católica dos Enfermeiros e Profissionais de Saúde Associação Portuguesa de Enfermeiros Sindicato dos Enfermeiros Portugueses da Zona Sul Sindicato dos Enfermeiros da Zona Norte 	<p>Fontes Editoras: FORMASAU, Quarteto, Fim de Século e Lusociência</p> <p>Estratégias Consulta de Catálogos Pesquisa on-line Consulta nos Centros de Documentação e Informação Contacto com colegas informantes chave e autores</p>	<u>Livros Publicados</u>

Tal como afirmámos, anteriormente, as Publicações Periódicas constituem, em relação aos livros, o paradigma da informação escrita mais atualizada, mais curta, mais acessível e mais disponível, que os enfermeiros têm à sua disposição, quer como autores, na divulgação de trabalhos, quer como leitores.

Como autor, qualquer enfermeiro que pretenda publicar os seus trabalhos, basta submetê-los a uma comissão científica que analisará da sua pertinência de conteúdo técnico ou científico, de acordo com as regras de publicação.

Enquanto leitores, a divulgação também está presentemente bastante mais facilitada, particularmente pelas redes de Internet ou através da aquisição de assinatura individual, ou por assinatura institucional. Porém, a dificuldade que muitas vezes se coloca é a interrupção de assinatura ou manter as coleções completas.

Deste modo, estes documentos, comparativamente com os anteriores, constituem a literatura preferencial entre os enfermeiros, muito embora reconheçamos que a oferta seja já substancial, e algumas das publicações tenham tiragens pequenas.

Quadro nº 3 – Roteiro das Fontes e Estratégias utilizadas no recenseamento de Publicações Periódicas entre julho de 2006 a dezembro de 2008

Fonte Chave	Fontes Primárias	Localização das fontes e estratégias de recolha de informação	Tipo de Documentos
Biblioteca Nacional	Directores das revistas <ul style="list-style-type: none">• Escolas Superiores de Enfermagem• Ordem dos Enfermeiros• Hospitais• Associação Católica dos Enfermeiros e Profissionais de Saúde• Associação Portuguesa de Enfermeiros• Sindicato dos Enfermeiros Portugueses da Zona Sul• Sindicato dos Enfermeiros da Zona Norte• Hemeroteca Municipal de Lisboa	Fontes Directores das revistas: Servir, Informar, AESOP, AconteceEnfermagem, Referência, (Re)encontro Néphros, Trajectos e Projectos, VitaEnfermagem, Enfermagem e Sociedade, O Cluny, Enfermagem em Foco, Ecos de Enfermagem e Revista Portuguesa de Enfermagem. Escolas Superiores de Enfermagem: Artur Ravara, Ângelo da Fonseca, Ana Guedes, Bissaya Barreto, Francisco Gentil, Imaculada Conceição, Lopes Dias, Calouste Gulbenkian de Braga, Cruz Vermelha Portuguesa, Maria Fernanda Resende, Santarém, Stª Maria, S. Francisco das Misericórdias, S. José de Cluny, S. João, S. João de Deus, S. Vicente de Paulo, Viana do Castelo e Vila Real. Hospitais: S. José e Instituto Português de Oncologia da Região Centro. Estratégias Contacto e consulta directa nos Centros de Documentação ou Bibliotecas das Escolas Superiores de Enfermagem, Hospitais, Associações profissionais e Sindicatos Contacto com colegas informantes chave.	Publicações Periódicas

Por último, o quadro que se segue reporta-se à descrição das fontes e estratégias utilizadas para o reconhecimento dos Trabalhos de Provas de Concurso para Professor, que à semelhança das Teses e das Dissertações são importantes para desocultar a produção dos Professores das Escolas, correspondendo também à exigência de progressão da Carreira Docente do Ensino Superior.

A integração do corpo docente das Escolas de Enfermagem na Carreira Docente do Ensino Superior representou mais uma etapa sobretudo ao nível da Disciplina de Enfermagem. O reconhecimento por parte da Academia, de que os docentes de enfermagem possuíam requisitos de admissão semelhantes aos seus congéneres, representou a confirmação social na mudança paradigmática ao nível da Formação e da Investigação. Esta mudança de estatuto e de papéis sociais conferiu-lhes o sentido de pertença institucional, bem como o acesso ao conhecimento científico, sendo-lhe reconhecida competência para desenvolver, supervisionar e divulgar o seu próprio conhecimento, em circunstâncias académicas idênticas aos demais pares da academia.

Quadro nº 4 – Roteiro das fontes e estratégias utilizadas no recenseamento de Trabalhos de Provas de Concurso para a categoria de Professor Adjunto e Professor Coordenador entre julho de 2006 a dezembro de 2008

Fonte Chave	Fontes Primárias	Localização das fontes e estratégias de recolha de informação	Tipo de Documentos
Biblioteca Nacional	Escolas Superiores de Enfermagem	<u>Fontes</u> <u>Escolas Superiores de Enfermagem</u> : Santarém, Coimbra, S. João, Maria Fernanda Resende, Calouste Gulbenkian de Braga, Viana do Castelo e Lopes Dias <u>Estratégias</u> Contacto directo com os Presidentes dos Conselhos Científicos e responsáveis dos Centros de Documentação e Informação das Escolas Superiores de Enfermagem Contacto com colegas informantes chave.	<u>Trabalhos de Provas de Concurso para a categoria de Professor Adjunto e Professor Coordenador</u>

Outras fontes de carácter informal foram também utilizadas, como sendo as provenientes de referências bibliográficas de trabalhos, contactos de colegas, como interlocutores, junto de algumas Instituições. De todo este conjunto de fontes e estratégias, foi possível atingir o objetivo que nos propúnhamos e que consistia na atualização dos dados recolhidos no *site* da Biblioteca Nacional. Todavia, esta recolha de dados nem sempre foi muito conclusiva,

por não ser possível identificar os autores como sendo enfermeiros portugueses. Por vezes, a informação estava desatualizada e não foi disponibilizada em tempo útil.

Neste sentido, a estratégia de trabalho que seleccionámos foi prolongar este período de consulta e recolha de dados até ao momento que tomaríamos a decisão final. Assim, pensámos em qual ou quais os tipos de documentos que constituiria o nosso material e fontes objeto de investigação, o que apresentaremos no capítulo seguinte.

1.2 - O Percurso – Informação recolhida e caracterização das fontes

Nesta secção apresentamos o resultado da informação recolhida e sua caracterização relativo às fontes da Base de Dados da BN e a outras fontes, correspondendo este percurso aos dois momentos que envolveram esta tarefa (afim de completar a informação, foi necessário a prorrogação do prazo previsto).

Os procedimentos que desenvolvemos em relação a todos os dados recolhidos consistiram na cópia e arquivo em vários ficheiros informáticos e em pastas arquivo, em suporte de papel, constituindo assim o nosso primeiro fundo documental.

No primeiro momento, os dados provenientes da pesquisa no *site* da Biblioteca Nacional foram organizados em oito ficheiros, constituídos por listas de identificação dos documentos.

O primeiro ficheiro é constituído pela lista dos 992 Títulos, no qual constou: o número de ordem, o autor, o título e a data de arquivo.

O segundo ficheiro foi organizado por referência bibliográfica, descrição física, tipo de documento, depósito legal e local de arquivo. Os restantes foram organizados segundo os tipos de documentos: Tese de Doutoramento, Dissertações de Mestrado, Livros, Publicações Periódicas e Trabalhos Provas de Concurso, de acordo com Instituição (Universidade; Instituto; Escola...), número de registo, data de publicação ou de registo, no arquivo na Biblioteca Nacional, título do documento, autor, depósito legal e editora. Este processo de Arquivamento Documental tornou-se bastante complexo e moroso, devido ao elevado volume de dados e permanente atualização do *site* da Biblioteca Nacional, dificultando a localização dos títulos, uma vez que sempre que era adicionado à lista anterior um novo título, a numeração atribuída passava a ser outra.

No segundo momento, da informação procedente de outras fontes, foi feita a validação da mesma sempre que se encontraram imprecisões. Esta validação constou do confronto das

várias informações recolhidas, atualizando e completando as listas de títulos, no sentido de obter apenas uma lista única tanto mais completa possível. Deste modo, esta lista final foi considerada como adequada e suficiente por preencher os requisitos de exclusividade, exaustividade, fidedignidade e confiabilidade, assumindo que esta seria a nossa matriz principal de trabalho.

Seguidamente, passamos à descrição de toda esta informação, que apresentamos no quadro seguinte.

Na primeira coluna podemos observar que os maiores percentuais referem-se a Títulos de Dissertações de Mestrado e de Livros com 33,77% e 27,32%, respetivamente.

Com percentagens menores seguem-se com 8,27% a categoria de Textos; Traduções de Livros 7,56%; 5,64% Trabalhos de Provas de Concurso e 5,04% de Artigos publicados em revistas.

Na generalidade foram identificadas 37 Revistas e Jornais.

Da lista constavam 21 Teses de Doutoramento.

Na segunda coluna constam os dados relativos após o seu refinamento, sendo possível reconhecer um total de 595 Títulos, (59,98%) de autoria de enfermeiros portugueses.

Do total de 271 livros, que constam na primeira coluna, apenas foi possível identificar 82 de autoria de enfermeiros (observar na segunda coluna).

Foram identificadas um total de 26 Revistas e Jornais de Enfermagem.

Ao compararmos os dados relativos às duas colunas, verificamos que o maior percentual obtido continua a pertencer a Dissertações de Mestrado, sendo identificado um Título proveniente de outra área profissional.

Todos os Títulos de Doutoramento foram identificados como de Enfermeiros (21) em diversas áreas do conhecimento.

Estes resultados revelaram-nos que, do total dos documentos encontrados, no *site* da BN 40,02%, foram escritos por autores de diversas áreas profissionais (Médicos, Sociólogos, Assistentes Sociais e Fisioterapeutas). No entanto, houve outros em que não foi possível identificar a área profissional e constatámos que há ainda outros de autoria de alunos de enfermagem, de formação inicial.

Na terceira coluna os resultados obtidos representam o universo dos documentos identificados como sendo de enfermeiros portugueses num total de 730 Títulos.

Após a consulta das outras fontes, já enunciadas anteriormente, constatámos que a categoria – Livros Traduzidos – foi a única que se manteve com a mesma percentagem, enquanto todas as restantes sofreram um acréscimo de 18,5%.

O maior percentual (48,21%) manteve-se na categoria de Dissertações de Mestrado, seguido de 20,54% de títulos relativos a Livros; 6,76% a Traduções de Livros e 4,24% de Teses de Doutoramento.

Quanto aos Textos, Cartazes, Conferências, Boletins e Manuscritos não foram identificados como sendo de autoria de enfermeiros.

Quadro nº 5 – Distribuição de tipologia dos documentos encontrados entre julho 2006 a outubro de 2008

Fontes	Biblioteca Nacional				Outras	
Áreas Profissionais	Diversas		Enfermeiros		Enfermeiros	
Tipos de Documentos	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Livros	271	27,32	82	8,26	150	20,54
Traduções de Livros	75	7,56	49	4,94	49	6,76
Revistas e Jornais	37	3,73	26	2,62	36	4,93
Artigos Publicados em Revistas	50	5,04	23	2,32	34	4,64
Teses de Doutoramento	21	2,12	21	2,12	31	4,24
Dissertações de Mestrado	335	33,77	334	33,67	352	48,21
Trabalhos/Cursos/ Provas de Concurso	56	5,64	56	5,65	66	9,04
Sebentas/Manuais/Dossiers/ Cadernos	15	1,51	4	0,40	12	1,64
Textos	82	8,27	-	-	-	-
Cartazes	30	3,02				
Conferências	11	1,11				
Boletins	8	0,81				
Manuscrito	1	0,10				
Total Geral	992	100,00	595	59,98	730	100,00

Toda esta informação permitiu-nos compreender melhor a extensão do fenómeno da divulgação escrita em enfermagem a nível nacional, possibilitando a tomada de decisão quanto à categoria dos documentos a estudar com base em fundamentos científicos.

CAPITULO 2 – PARTE II – FASE EMPÍRICA

O presente capítulo representa o grande enfoque metodológico e conceptual do estudo, constituído pela fase principal Empírica, correspondente aos procedimentos decorrentes da tomada de decisão, de restringirmos a pesquisa apenas aos Periódicos de Enfermagem publicados, durante o século XX e início deste século.

Durante todo o percurso da Tese, tornou-se muito claro que, até ao momento, se tratava de um tema pouco ou deficientemente estudado entre nós, sendo, por isso, mesmo um critério de relevância, que contribuiria para um melhor entendimento dessa mesma realidade, comportando em si mesmo também alguns constrangimentos e limitações. A especificidade que envolveu esta realidade, bem como a ênfase que se pretendeu dar à descoberta de ideias e discernimentos constituíram os principais eixos do mesmo.

Um dos constrangimentos com que nos deparámos, logo no início da investigação, foi a que envolveu a recolha de dados referente ao recenseamento das Publicações Periódicas, no período seleccionado, pois a pesquisa efetuada, na Fase Preliminar, apresentou-se muito sucinta e incompleta. Por conseguinte, tivemos necessidade de encetar um caminho semelhante para a complementaridade de dados, embora apenas se restringisse a este tipo de documentos (Publicações Periódicas nacionais).

Assim, e no sentido de dar continuidade a todo o processo, houve necessidade de estabelecermos um plano lógico com vista a obter a informação que possibilitaria encontrar respostas válidas às questões de investigação colocadas. Este plano revelou-se da maior importância como factor de controlo de potenciais fontes de enviesamento, que poderiam influenciar os resultados do estudo. Permitiu-nos ainda a forma de seleccionar e analisar os dados, de forma a assegurar criteriosamente as variáveis, isolando as mais importantes e medi-las com precisão, procedimento que, na opinião de Wood e Haber, (1998) e Fortin (1999), garante a credibilidade dos dados.

2.1 - Contextualização Temporal

A ciência, enquanto modo de conhecimento, não é mais do que uma representação intelectualmente construída da realidade, tendo como objectivo primordial a explicação/compreensão do fenómeno, de forma a torná-lo inteligível.

A investigação científica começa precisamente pela definição de problemas, susceptíveis de resolução através de uma actividade de pesquisa, isto é, de uma interrogação sistemática e coerente.

É a delimitação de um conjunto de problemas que, ao permitir a elucidação de regularidades, a formulação de leis, e a construção de modelos interpretativos, que se encontram na base da construção de um objecto próprio, através do qual as diferentes disciplinas pretendem aceder ao estatuto de ciência.

Após a definição do objeto de estudo e dos objetivos delineados, houve que decidir sobre qual o período de tempo que pretendíamos estudar e que se tornasse como suficiente e adequado.

A história da enfermagem, em Portugal, que dista desde a criação da primeira escola de enfermagem, até ao momento, tem pouco mais de duzentos e quarenta anos, dos quais a grande maioria atravessou o final do século XIX, todo o século XX e início deste. Neste sentido, o período selecionado constitui a unidade temporal que apresenta condições para o estudo do fenómeno, fazendo também parte da mesma história.

A literatura refere que o tempo e os factos históricos apresentam uma grande diversidade de assuntos e de abordagens, sublinhando que quanto maior for o período em estudo, maiores dificuldades se levantam. No entanto, oferece uma maior possibilidade de conhecer com mais profundidade o fenómeno a estudar, bem como a sua evolução, as perspetivas e as tendências. Porém, a decisão a tomar sobre a delimitação do tempo em história não é uma tarefa nada fácil para trabalho do investigador, em primeira instância pela subjetividade que encerra e depois porque qualquer leitura, que se estabeleça, é sempre contingencial e alvo de controvérsia.

A este propósito, Deshaies (1992) sublinha que o tempo *é um factor indivisível e que qualquer divisão temporal se torna artificial*.

A noção de tempo histórico, definido por Braudel (1997), contempla o tempo social que pode não coincidir com o tempo cronológico.

O tempo dura enquanto se mantiverem certas significações que lhe dão sentido; o tempo histórico está ligado às ações humanas e a sua característica fundamental é não ocorrer simultaneamente no mesmo grupo e em diferentes sociedades. O que não impede que, por vezes, haja coincidência entre o tempo cronológico e o tempo histórico-social.

Braudel (1977) apresentou um modelo conhecido como modelo triplo de duração histórica com aproximação ao tempo utilizado na previsão económica: um tempo curto, micro-história, onde não se aprofunda a investigação e se mede apenas o tempo dos acontecimentos. O tempo das conjunturas, um pouco mais lento, mais estudado na

economia surge como exemplo de variações e mudanças; o tempo longo ou longa duração ou o tempo da estrutura, de mentalidade, que se mantém enquanto “invariável em relação às outras histórias, que se escoam e realizam mais rapidamente e que, em suma, gravitam em torno dela”, podem durar séculos inteiros.

O tempo enquanto dimensão histórica assume importância para quem faz investigação, tornando-se na própria essência da História. Qualquer que seja a investigação, ela exige um conjunto de condições/ recursos que poderão ser limitadores ao seu aprofundamento. É comum encontrar, como constrangimentos aos resultados de investigação, a escassez de tempo, mas os autores alertam que a investigação histórica é, por natureza, um trabalho árduo e complexo, em que, quanto maior for o período de tempo de estudo, mais se coloca a questão gestonária do recurso tempo.

A investigação sobre o papel, que representa a História nas sociedades humanas, tem-se debruçado sobre os aspetos epistemológicos, em que se colocam questões como: o que é a História? De que se trata? Como procede? E para que serve a História?

Apresentamos a cronologia das diversas definições de História, em que reúnem um aspeto comum sobre o estudo dos fenómenos do passado.

Austin, em 1958, apresentou a definição de história como sendo *«um registo integrado, escrito, de acontecimentos passados, baseados em resultados de uma procura da verdade»*.

Godinho (1965) questiona: Qual o lugar do homem na História? E qual o lugar da História na vida dos homens? O autor afirma que *«o valor da História «está em ensinar-nos o que o homem tem feito, e deste modo, o que o homem é, contribuindo para o autoconhecimento humano»*.

Segundo Marc Bloch (1970) a própria história é a ciência dos homens no tempo. Não interessa ao historiador o tempo físico ou matemático ou filosófico, mas outras noções que se reportem a outras noções de tempo. Existe um outro tempo – tempo social, cultural, psicológico, subjetivo, que é o tempo histórico por eleição, que se ocupa da cronologia técnica.

Neve (1976, pp. 13-15) define a história como o conhecimento do passado humano. É a maneira de colocar bem os problemas da atualidade, é uma indagação científica do passado virada para a preparação dos tempos vindouros.

Nesta ideia de História está implícita um triplo sentido social, o que o presente contém, é consequência dos factos do passado e é através destes que será possível perspetivar o futuro e antecipar tendências.

Voltarmo-nos para o passado, refere o autor, destina-se em primeiro lugar a enriquecer a nossa experiência, enriquecê-la em contacto com as múltiplas e variadíssimas experiências de todos os homens, de todos os tempos e de todos os lugares.

Tholfsen (1977, p. 248) explicou que *«o passado é o presente em cada pessoa e no mundo cultural e institucional que [as] envolve»*.

Segundo Streubert e Carpenter, (2002 p. 4) todo o conhecimento possui uma dimensão histórica, sendo que a historiografia fornece uma forma de conhecimento.

Foi atendendo a todos estes pressupostos, e como resultado do Diagnóstico de Situação, bem como, ponderadas as consequências, que seleccionámos para estudo um período cronológico, correspondente a um século (século XX) e a primeira década do presente (século XXI).

De acordo com o modelo de Braudel (1977) situamos o nosso estudo num período de transição, entre o tempo curto, micro-história e o tempo longo ou a longa duração, uma vez que os acontecimentos serão enquadrados, na conjuntura da época, não chegando a aprofundar as variações e mudanças de mentalidade.

Consideramos que este período de tempo se revelou como suficiente e adequado, tendo em conta a metodologia e os recursos utilizados à compreensão dos fenómenos/factuais que desempenharam um papel relevante na história da enfermagem portuguesa.

O recurso ao estudo dos acontecimentos e suas relações que se processaram, neste período de tempo, representam a convicção de que possam ser um contributo para resgatar a memória histórica coletiva da profissão, e que possam despertar a curiosidade para futuras investigações.

Para a compreensão da divulgação do conhecimento em enfermagem e da profissão, nas dimensões da prática, da formação, da gestão e da investigação, incorporámos as ideias de Gauthier (2003, p. 18), que refere que estas, quando estudadas, permitem a compreensão de toda uma profissão.

Para efeitos de estrutura e organização da informação, dividimos o período de tempo em estudo, em torno de três grandes eixos espaço-temporais que representam, segundo a nossa classificação, movimentos/períodos históricos de produção e divulgação do conhecimento em enfermagem. Deste modo, tendo em conta os achados resultantes da pesquisa efetuada, designaram-se como marcos Históricos – Período Pré-Formal (Trajetória da escrita em torno da Enfermagem), Período Formal (Publicação de Periódicos de Enfermagem de 1925

a 1990) e Início de Divulgação Científica (Publicação de Artigos Científicos, particularmente em Revistas Científicas de 1990 a 200...).

Muito embora, estes marcos possam apresentar-se como distintos, por contemplarem alguma ruptura com os factos anteriores, em rigor não o são em definitivo; pois o presente integra em si mesmo um ante-facto e um pós-facto. A divisória é apenas teórica, visto que na prática as fronteiras são muito ténues. A leitura dos dados não evidenciou uma situação de ruptura completa, mas antes uma transição marcada pela coexistência de bibliografia publicada por outros profissionais (médicos...) e por enfermeiros em periódicos de enfermagem.

Em nossa opinião, o estabelecimento de um frizo cronológico ajuda a uma melhor compreensão dos fenómenos de natureza histórica, daí a delimitação temporal derivar da recolha e análise dos dados.

Pelo exposto, o tempo histórico de divulgação do conhecimento da Enfermagem Portuguesa revela uma evolução em sentido positivo, marcado por um período de inexistência de produção e de divulgação de livros e periódicos, no início do século XX para um forte exponencial dos mesmos, no final do século e início deste. Assim, a reversão do fenómeno permitiu acrescentar ao seu potencial profissional um corpo de conhecimento novo, ao anterior, permitindo a que a memória coletiva profissional do passado pudesse ser estudada.

2.2- Desenho de Investigação

O objetivo deste capítulo é apresentar a fundamentação teórica que conduziu à seleção da metodologia histórica e a abordagem bibliométrica, porque foram as matrizes fundamentais que guiaram toda a investigação.

A bibliografia recomenda que a utilização de dois desenhos diferentes pode ser igualmente válidos para o mesmo problema. Assim, o considerarmos o estudo de natureza histórica e bibliométrica. Complementarmente, trata-se de uma pesquisa descritiva e exploratória, considerando que estas tipologias permitem dar resposta à investigação em enfermagem, por serem as mais apropriadas para revelar e evidenciar a própria essência do estado da arte nos periódicos de enfermagem.

Teve-se em linha de conta que estas tipologias metodológicas pudessem contribuir para a construção do saber em enfermagem, no sentido em que permitem uma fonte de reflexão com vista à ação.

A seleção do desenho específico de pesquisa depende sobretudo, por um lado, da natureza do problema que se pretende investigar e, por outro, das motivações pessoais, do gosto pessoal e filosofia do investigador. Contudo, as questões pragmáticas nas quais o fator tempo assume particular relevância, pode muitas vezes afetar as escolhas.

Todavia, quando se pretende estudar fenómenos históricos e sobretudo quando são contemplados uma grande diversidade de fontes e metodologias, como é o caso do nosso estudo, nenhuma interpretação é definitiva.

A este propósito Padilha e Borenstein (2005) sustentam que, nos estudos históricos, não existem hipóteses nem se prognosticam resultados, uma vez que podem ser usadas abordagens qualitativas ou quantitativas, contudo a sua natureza é fundamentalmente narrativa (qualitativa).

Tendo como ponto de partida o paradigma epistemológico contemporâneo, o processo de investigação vai-se desenrolando fazendo interagir a teoria e as evidências empíricas na procura de soluções compreensivas para o problema de investigação de que se parte (Almeida, 1997, p. 6).

No paradigma emergente a produção de conhecimento ganha um carácter construtivista que lhe atribui um sentido essencialmente compreensivo. A abertura metodológica que vem relevar o alcance de metodologias qualitativas surge, por isso mesmo, como resposta à necessidade de desenvolver novas formas de equacionar compreensivamente o processo de investigação. Não pode, no entanto, este avanço ser entendido por oposição dicotómica àquelas outras; parece-nos que a distinção que importa esclarecer não é tanto aquela que separa um e outro tipo de metodologias, mas mais a que respeita às diferenças de sentido epistemológico e operacionalização metodológica atribuídos, nestes quadros de racionalidade científica.

Por isso, faz sentido a opinião de Benavente *et al* (1992), ao afirmar que (...) *Não há, efectivamente, nenhuma razão teórica ou epistemológica sólida para privilegiar, de modo apriorístico e exclusivista, determinado procedimento técnico de observação ou determinado modo de análise do social, em detrimento absoluto dos outros. Tudo depende de um conjunto variado de factores, entre os quais se contam os objectivos da pesquisa e as perspectivas analíticas adoptadas, os quadros teóricos de referência e os níveis de análise a que se pretende trabalhar, o objecto de estudo construído e o horizonte de observáveis empíricos delimitados. (...) Não deixa de ser curioso verificar que boa parte dos argumentos dos dois lados remetem para problemas importantes, que tem interesse considerar na análise, mas que estão longe de se excluir entre si. Pelo contrário, as várias abordagens permitem acesso a aspectos complementares desse fenómeno social complexo, multifacetado e dinâmico* (...) pp. 18-19.

A investigação histórica é um tipo de investigação que é utilizada quando um investigador acredita que pode encontrar explicação no passado para algo do presente ou futuro, ou ainda, quando um Investigador tem uma opinião que diverge do que possam ter escrito, no passado, sobre determinado assunto.

A investigação histórica pode ser definida como o «*Exame dos acontecimentos passados com a ajuda de documentos e de arquivos, de forma a interpretar esses acontecimentos à luz do presente*» Fortin (1999, p. 371).

Polit et al (2004, p. 2005), acrescentam que a pesquisa histórica reside na colheita sistemática e avaliação crítica dos dados relativos a ocorrências passadas, permitindo que o estudo destes eventos possam lançar luz sobre os comportamentos ou práticas atuais. Os grandes objetivos deste tipo de pesquisa são na opinião das autoras a descoberta de um novo conhecimento e alertam para o facto da mesma não poder ser confundida com a revisão da literatura sobre eventos históricos.

Vieira e Ferreira (2008), evidenciam a grande finalidade deste tipo de metodologia, determinar o grau de confiabilidade das fontes, notícias, acontecimentos, factos, que devem contribuir para a elaboração do quadro teórico o mais verdadeiro possível da matéria em estudo, o que pressupõe que o investigador possua uma qualificação teórica e prática.

Os investigadores baseiam as suas ideias na informação que obtiveram sobre o passado e, para isto acontecer, é fundamental que estes se familiarizem com o período estudado e possuam conhecimento do clima social, cultural, económico e político que prevaleceu e influenciou esse mesmo assunto, de forma a evitar julgamentos ou interpretações desacertadas do passado, sem ter em conta as mudanças que ocorreram ao longo do tempo.

Christy (1978); Rines e Kershner (1979), citado por Fortin (1999, p. 219), revelam que selecionar a investigação histórica, como metodologia, exige que os investigadores compreendam o que é a história, possuam conhecimento de vários fatores sociais, políticos e económicos que influenciam, não só os acontecimentos, mas também as ideias, e tenham interesse pelas pessoas e criatividade na abordagem.

Os vários autores, Marc Bloch (1970), Jacques Le Goff (1970; 1982), Braudel (1997), Mattoso (1997; 2002), Padilha e Borenstein (2005), Vieira e Ferreira (2008), não diferem muito da constituição das fases que integram uma investigação de natureza histórica, de outras tipologias de investigação, diferindo mais os processos e os resultados, logo menos os aspetos estruturais.

De um modo geral, os historiadores Marc Bloch (1970), Jacques Le Goff (1970; 1984), Braudel (1997), Mattoso (1997; 2002), propõem-nos como Metodologia de Investigação Histórica seis etapas:

- 1 - Eleição da esfera do assunto;
- 2 - Formulação do problema de investigação;
- 3 - Estabelecimento das fontes para estudar o problema;
- 4 - Leitura da informação extraída das fontes; Investigação da confiabilidade (confiança das fontes) (crítica interna);
- 5 - Estabelecimento dos factos sobre os quais não nos informam diretamente as fontes; tornar clara a causalidade; estabelecer leis e a sua verificação;
- 6 - Interpretação sintética (tentativa de resposta); Valorização adequada de análise e síntese.

Padilha e Borenstein (2005) indicam três passos considerados essenciais para a produção de uma pesquisa histórica, sendo estes, o levantamento dos documentos, a avaliação crítica desses documentos e, por fim, a apresentação de factos, interpretação e conclusões.

Também Vieira e Ferreira (2008) consideram que, após a seleção da área de interesse, a formulação das questões ou hipóteses de estudo e a escolha do título, existem três fases na elaboração da investigação histórica: revisão da literatura de procura das fontes, a interpretação da informação e a escrita da narrativa.

De certo modo, durante o percurso do trabalho e particularmente para a escolha do desenho do estudo, foram seguidas estas etapas, tendo à partida a consciência de que a tentativa de construção da realidade histórica é sempre contingencial, subjetiva, deformada, dependendo muito de modelos paradigmáticos, tais como:

- Paradigma de dados que tem a ver com o conhecimento da ciência contemporânea;
- Paradigma da auto-organização – ordem /desordem;
- Paradigma da complexidade – o acaso;
- Paradigma da revisibilidade – as fontes devem ser cotejadas e comparáveis.

O historiador recria e interpreta uma parte do passado a partir dos vestígios, testemunhos e documentos. Recriar, o que não quer dizer, voltar a criar algo de novo, tal como a situação anterior. Recriar, neste contexto, significa reorganizar, através da atividade criadora e interpretativa de construção e produção de significados.

Esta recriação permite, não somente compreender, mas explicar e captar aspetos que até aqui não o tinham sido feitos, por variadíssimas razões, numa perspetiva multidimensional (intelectual, social, temporal e espacial).

Conforme já afirmámos, os estudos de investigação histórica são escassos entre nós, sendo bem diferente a situação de outros países, onde se tem verificado uma tendência pelo desenvolvimento deste tipo de investigação.

Tomamos como exemplo desta situação o facto da publicação de um número da Revista Nursing Research janeiro/fevereiro 1992 ser inteiramente dedicado à Investigação Histórica; o facto de os dois primeiros volumes números anuais (1993, 1994) da Nursing History of Review, publicados pela American Association for the History of Nursing, e o anúncio de um número da Revue Canadienne de Recherche en Sciences Infirmières/Canada Journal of Nursing Research, também consagrado à história dos cuidados de enfermagem, o que traduzem o progresso deste tipo de investigação. Quanto à metodologia foi utilizada a abordagem qualitativa com o recurso às histórias de vida.

A autora faz referência à utilização deste método por ocasião do centenário da American Association of Public Health Nursing e de um outro estudo realizado no Quebec para descrever a contribuição das enfermeiras em exercício nas colónias em desenvolvimento das regiões isoladas (Daigle, Rousseau e Saillant, 1993) p. 158

A opção por este tipo de investigação fica também a dever-se ao facto de grande número de teóricas de enfermagem encontrarem o âmago e o sentido dos cuidados nas raízes históricas e nas suas expressões atuais.

Tendo em conta os pressupostos teóricos dos autores entre os quais Gil (1989); Carmo (1998); Fortin (1999) e Hesbeen (2000), classificámos também o estudo como exploratório, no sentido em que, a aproximação com o fenómeno que pretendemos estudar, tem como objetivo obter uma nova perceção do mesmo e descobrir novas ideias e discernimentos.

Hesbeen (2000, p. 156) vem ainda acrescentar que as investigações exploratórias constituem um dos eixos da investigação em enfermagem, pois estas «são as mais apropriadas para revelar e evidenciar a própria essência da prática da arte de *Enfermagem* e, por conseguinte, estabelecer e aumentar os conhecimentos que se lhe referem».

Consideramos também o estudo descritivo, no sentido em que tem como objetivo a descrição de um determinado fenómeno, isto é, é um estudo cujo objetivo consiste na descrição sistemática dos factos e elementos que constituem a situação que se pretende estudar Polit (1993, p. 139).

A descrição do fenómeno em estudo teve como finalidade obter informação o mais completa e precisa do tema em análise. Inclui-se neste grupo de pesquisas, as que têm por objetivo uma visão exaustiva do problema ou situação em estudo, permitindo ainda o levantamento de opiniões sobre atitudes e crenças de uma população.

Para além disso, e tendo por base a perspetiva de Bogdan e Biklen (1994, p. 49) de que «o mundo deve ser examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para

constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo».

Da mesma forma, Carmo (1998) e Fortin (1999) consideram que este tipo de pesquisa implica estudar, compreender e explicar a situação atual do objeto de investigação, havendo necessidade de discriminar os factos determinantes ou conceitos que, eventualmente, possam estar associados ao fenómeno.

A juntar a todos estes fundamentos que orientaram as nossas opções metodológicas, o recurso à bibliometria, enquanto técnica quantitativa e estatística, permitiu-nos a avaliação e medição dos índices de produção e disseminação do conhecimento.

Araújo (2006, p. 12) comparou a bibliometria à demografia porque ambas permitem o recenseamento, a primeira recensear a população, a segunda o recenseamento do conhecimento produzido.

Enquanto técnica pode dizer-se que a Bibliometria é recente, surgindo no início do século «como sintoma da necessidade do estudo e da avaliação das actividades de produção e comunicação científica» Fonseca (1986, p. 10).

A bibliometria foi originalmente conhecida por Hulme em 1923 como «bibliografia estatística», mais tarde Otlet, em 1934, no seu *Traité de Documentation*, introduz o termo Bibliometria, que viria apenas a tornar-se mais popular, após 1969, a partir de um artigo de Pritchard que discutia a questão entre os dois termos – bibliografia estatística? Ou bibliometria? (Vanti, 2002, p. 153).

Macias-Chapula (1998) define a bibliometria como sendo o estudo dos aspetos quantitativos da produção, disseminação e uso da informação registada.

Os termos de bibliometria, cienciometria e informetria, são muitas vezes utilizados como sinónimos, no entanto todos constituem subdisciplinas que se assemelham por se tratar de métodos quantitativos, mas que se diferenciam quanto ao objeto de estudo, às variáveis, aos métodos específicos e aos objetivos. Deste modo, McGrath estabeleceu a diferença daquelas subdisciplinas pelo objeto de estudo, atribuindo à bibliometria o estudo dos livros, das revistas, dos artigos, dos documentos, dos autores, e dos leitores. Segundo o autor a cienciometria centra-se no estudo de disciplinas, de assuntos, de áreas e de campos de investigação, enquanto a informetria trata do estudo das palavras, dos documentos e das bases de dados informáticos.

Centramos a nossa atenção nos fundamentos teóricos da Bibliometria, por ser uma das técnicas que elegemos para desenho da nossa investigação.

A bibliometria desenvolve padrões e modelos matemáticos para medir esses processos, usando os resultados para elaborar previsões e apoiar tomadas de decisão.

A relevância da bibliometria pode ser descrita como um meio de situar a produção de um país em relação ao mundo, uma instituição em relação ao seu país e, até mesmo, cientistas em relação às suas próprias comunidades, exigindo, no entanto, indicadores precisos e criteriosos que ofereçam credibilidade e validade científica à informação publicada.

Esses indicadores científicos são igualmente apropriados para macroanálises (por exemplo, a participação de um determinado país na produção global de literatura científica num período específico) e para microanálises (por exemplo, o papel de uma instituição na produção de artigos num campo da ciência muito restrito). Combinados a outros indicadores, os estudos bibliométricos podem ajudar tanto na avaliação do estado atual da ciência como na tomada de decisões na pesquisa.

Araújo (2006, p. 11) faz referência no seu artigo a Nicholas e Ritchie (1978, p. 38) para estabelecer a diferença essencial entre os dois termos, atribuindo ao termo bibliometria enquanto técnica, a que utiliza mais métodos quantitativos do que discursivos. Daí que a utilização de métodos quantitativos na procura por uma avaliação objetiva da produção científica seja o ponto central da bibliometria.

A técnica bibliométrica, desde sua origem, foi marcada por uma dupla preocupação: a análise da produção científica e a busca de benefícios práticos imediatos para bibliotecas (desenvolvimento de coleções, gestão de serviços bibliotecários). No entanto, também a promoção do controlo bibliográfico (conhecer o tamanho e as características dos acervos, elaborar previsões de crescimento) foi atribuído como o objetivo “mais óbvio” da bibliometria, segundo Figueiredo (1977) que cita Nicholas e Ritchie (1978, p. 12).

Araújo (2006) faz referência a dois movimentos evolutivos no percurso desta técnica: a medida de livros (quantidade de edições e exemplares; quantidade de palavras contidas nos livros; espaço ocupado pelos livros nas bibliotecas; estatísticas relativas à indústria do livro), que aos poucos foi-se voltando para o estudo de outros formatos de produção bibliográfica, tais como artigos de periódicos e outros tipos de documentos, para depois ocupar-se, igualmente, da produtividade de autores e do estudo de citações.

Neste sentido, parece ser consensual entre os autores a importância de se dispor de uma distribuição que informe sobre o número de autores, trabalhos, países ou revistas que existem em cada categoria de produtividade, utilidade ou o que mais desejarmos saber. (Price, 1976, p. 39).

O estudo dos elementos plásticos (imagens) conhecido como iconografia encontra as suas origens nos finais do século XVII, constando pela primeira vez no Dictionnaire de Furetière em 1701.

Já no século XIX Aby Warburg, considerado como o pioneiro da iconologia moderna ou o método iconológico no qual se integra a iconografia, inscreve os seus primeiros estudos na História da Arte Renascentista.

Até aos finais do século XIX a linha seguida pelos iconógrafos situou-se ao nível das regras que se aplicavam aos estudos das obras de arte de cariz religioso, formado por um conjunto de códigos prescritivos que não deveriam ser transgredidos.

Fritz Sax e Panofsky (primeira metade do século XX) grandes seguidores de Warburg alargam o conceito de iconografia e defendem a iconologia enquanto método de estudo.

Etimologicamente o termo iconografia resulta da associação de *eikôn*, que quer dizer imagem e de *grafia* referindo-se a escrita ou descrição. Este vocábulo grego refere-se ao estudo e descrição de imagens, representações figuradas, ícones, símbolos, coleções de imagens, gravuras, retratos que se reportam a determinados assuntos.

O termo iconologia formado pelo sufixo grego *logos* significando pensamento, pressupõe um processo interpretativo, ou *intuição sintética*, faculdade que defende que o espírito humano é alterável segundo as condições históricas em que ocorrem.

A análise da leitura de uma imagem é sempre contengencial, o que quer dizer que diante da ambiguidade de uma imagem o investigador ao fazer as suas escolhas baseia-se no seu conhecimento e observação e faz a sua interpretação com o maior rigor que lhe é possível, tendo a convicção que *é sempre necessária uma complementaridade e correção de uma visão compreensiva dos processos históricos - a tradição* (Gonçalves, 1990).

Aos poucos a iconografia e o método iconológico foi-se abrindo a outros campos de investigação abrangendo um largo leque de situações, se contudo perder a sua entidade que lhe deu origem - A História da Arte.

Gonçalves (1990) afirma que estas técnicas não se resumem apenas a um processo descritivo dos elementos plásticos, visando antes, a interpretação dos assuntos representados, a descoberta das origens e as sucessivas modificações, a fim de captar o conteúdo ideológico, o *subjectum*, o miolo, o substrato espiritual das obras de arte. É pois, na História da Arte que a iconografia encontra a sua maior expressão, estendendo-se a diversos campos da investigação histórica.

Assim, e com base nestes princípios e orientados pelo estudo de Fonseca (2003) sobre heráldica procedemos complementarmente a uma breve síntese analítico-descritiva dos

principais elementos inscritos nos documentos seleccionados (livros, sebatas e periódicos), no que respeita, ao formato, composição, aspetos plásticos (imagens) das capas, logótipos e outros elementos que identificam os mesmos documentos.

A justificação para este procedimento visou dar a conhecer aos possíveis interessados um mais rápido reconhecimento e uma maior compreensão da simbologia inscrita como parte integrante da identificação dos diversos documentos. O pressuposto que nos norteou foi o de que os elementos gráficos dos documentos como sejam: a apresentação, o formato, a capa, a identificação do documento, o logotipo, reforçam o reconhecimento do mesmo e inscrevem-se na memória futura de divulgação, tendo em conta que muitos destes documentos se encontram dispersos em arquivos e por isso inacessíveis aos enfermeiros.

Em síntese a metodologia histórica, complementada com as técnicas de análise de conteúdo, bibliométrica e o recurso a apontamentos metodológicos diversos, entendida num sentido amplo e não redutível às técnicas ou preceitos normativos, atravessa a globalidade do processo de investigação e que é em relação a cada objecto concreto, no quadro de cada processo de investigação, que se coloca o problema de aferir da pertinência ou adequação de uma ou outra abordagem metodológica Canário (1995, pp. 134-135).

2.3- Critérios de Seleção dos Periódicos e Artigos

Para o historiador, o documento é a coisa que existe num determinado sítio e num dado momento, e que ao pensar nele, pode obter respostas para as perguntas que faz acerca de os acontecimentos passados.

Neste sentido, considerámos o documento como um testemunho escrito que se assume como um legado histórico da profissão e disciplina da enfermagem.

Nesta fase, a recolha de dados focalizou-se no recenseamento das Publicações Periódicas de Enfermagem Portuguesas (fora de circulação e ou em circulação), constituindo conjuntamente com os periódicos e artigos recenseados na Fase Empírica.

No quadro seguinte podemos observar os critérios de Inclusão e de Exclusão utilizados para a seleção tanto para Periódicos como para Artigos.

Quadro nº 6 – Critérios de Inclusão e de Exclusão para a seleção dos documentos para análise

Critérios de Inclusão	Critérios de Exclusão
<p><u>Incluíram-se todos os:</u></p> <ul style="list-style-type: none">- Periódicos editados por enfermeiros, Escolas e ou Associações Profissionais de enfermagem, que tivessem sido publicados no período estabelecido e fossem dirigidos prioritariamente a enfermeiros (nas diferentes áreas de atuação);- Artigos escritos por enfermeiros (apenas aqueles que fosse possível a identificação profissional);- Artigos de autoria e ou co-autoria de enfermeiros de nacionalidade portuguesa, ou que não tivessem indicação em contrário; <p>Os critérios para a identificação do artigo foram:</p> <ul style="list-style-type: none">- Tratar-se de um texto escrito em língua portuguesa, possuir um título cuja temática apresentada dissesse respeito à profissão e disciplina de enfermagem;- Pudessem tratar-se de um artigo em autoria e ou em co-autoria;- Pudessem tratar-se de textos referentes à: revisão bibliográfica, artigos de opinião, artigos de reflexão, artigos técnico-profissionais e artigos científicos;- Fosse publicado por enfermeiros associados ou não;- Pudessem ter sido objeto ou não de comunicações em conferências, jornadas e ou congressos nacionais e ou estrangeiros;- Pudessem estar integrado ou não em rubricas ou secções.	<p><u>Excluíram-se todos os:</u></p> <ul style="list-style-type: none">- Periódicos editados por Instituições de Saúde, Organizações Profissionais e ou outros que não se enquadrassem no conceito de Periódico Profissional de Enfermagem;- Artigos de profissionais que não enfermeiros;- Artigos que, embora constando a identificação dos autores, não constassem a sua identificação profissional;- Artigos em que não fosse possível reconhecer a nacionalidade dos autores como portuguesa;- Artigos de autoria de estudantes de enfermagem, no âmbito da formação inicial;- Artigos escritos em língua estrangeira;- Excluíram-se as seguintes rubricas ou secções: Entrevistas; Notícias regionais, nacionais e internacionais; Relatórios de Contas; Espaço do Leitor; Atualidades; Legislação; Programas de Eventos; Cartas; Informação aos Autores; Divulgação Bibliográfica; Atividades Sindicais, Poesia, Publicidade e outras consideradas não conformes com os requisitos definidos;- Periódicos e Artigos que não se enquadrassem nestes critérios.

2.4- Procedimentos de Amostragem

Para encontrar o volume de artigos ou amostra, que pretendíamos estudar, apoiámo-nos em Levin (1987); Lakatos e Marconi (1990); Fortin (1998; 1999; 2009), Lobiondo-Wood e outros, (2001, p.142), Ghiglione e Matalon (2005) e Barrocas (2006), que a definem como um conjunto de elementos, uma porção ou parcela, que formam a população,

convenientemente selecionada do universo, sendo que um elemento é a unidade básica sobre as quais as informações são recolhidas.

Tendo por base os critérios selecionados, passámos à análise das Publicações Periódicas e dos Artigos, de forma a fazer a sua caracterização, de modo a determinar a amostra.

Do total dos 40 Periódicos foram publicados 1761 exemplares, sendo possível identificar apenas 1540 números, o que corresponde a 87% do total.

O número total de artigos foi de 9891 dos quais 5329 foram de autoria dos enfermeiros portugueses, correspondendo a 53,9%.

Como critério geral assumimos que os artigos publicados pelos enfermeiros portugueses em todos os Periódicos constituiriam o Universo ou a População do estudo, ou seja, 5329 artigos.

Assim, a População foi caracterizada por:

- Quem? – Sujeitos do estudo – enfermeiros portugueses;
- O quê? – Material – conteúdo temático dos artigos divulgados;
- Onde? – Meio – Publicações Periódicas de Enfermagem;
- Quando? – Período de divulgação – Século XX e início do século XXI (1900 a 2009)

Uma vez definida a população alvo, e tendo em conta a impossibilidade de estudar exaustivamente todos os elementos constituintes da população, a questão que nos colocámos foi – quais as condições disponíveis para dar corpo a todo este espólio?

Tendo em conta os objetivos e as questões orientadoras de investigação, considerámos pertinente estudar a totalidade de todos os Periódicos e em cada um número de artigos, que pudessem ser significativamente representativos da totalidade dos que foi possível recensear (população).

Assim, decidimo-nos por uma amostra probabilística sistemática, por ser a que melhor se adequava às características dos dados em análise. Este tipo de amostragem é habitual quando existe uma lista ordenada dos elementos da população, de modo a que cada elemento seja identificado univocamente pela posição Lakatos e Marconi (1990).

Para a determinação do tamanho da amostra, de modo a preencher os requisitos da inferência estatística, e porque não existindo nenhuma fórmula simples para determinar o tamanho da mesma, a não ser as orientações que nos sugerem o fenómeno em estudo, os objetivos do mesmo e a homogeneidade da população Fortin (1999), decidimos que seria acessível estudar uma amostra que representasse 10% do Universo encontrado.

Neste sentido, o critério geral para a determinação da amostra foi calculado para o conjunto dos artigos encontrados nos Periódicos que integram as seis entidades editoriais

constituídas pelas Associações Sindicais, Organizações Profissionais, Escolas de Enfermagem, Instituições de Saúde/Hospitais, Edição de Editoras e de Autores.

Assim, a amostra representando o sub conjunto da população, pretendeu ser uma réplica em miniatura da população alvo, isto é, estão presentes as características de cada periódico e dos artigos encontrados, sendo por isso uma amostra o mais representativa possível do *todo* da população.

Para Ghiglione e Matalon (2005) uma amostra é representativa, se as unidades, que a constituem, forem escolhidas por um processo tal que todos os elementos da população tenham a mesma probabilidade de fazer parte da amostra.

No quadro que se segue apresentamos a distribuição do número de artigos por Periódico, no qual se pode observar uma distribuição bastante heterogénea, com uma amplitude de variação compreendida entre o valor mínimo de 2 (*Onco.News*) e o máximo de 834 artigos (*Sinais Vitais*).

Nesta circunstância, foi estabelecido como critérios que os Periódicos, que apresentassem valores inferiores ou igual a 10, seriam estudados a totalidade dos seus artigos,

Para os periódicos que apresentassem valor igual ou superior a 301 a amostra seria de 3%.

Quanto às percentagens estimadas para os restantes periódicos, teria por base a mesma lógica de atribuição de um valor percentual mais baixo às Publicações com um maior número de artigos e vice-versa.

A seguir, discrimina-se os critérios percentuais com base no número de artigos publicados.

Critérios de seleção para o cálculo da amostra sistemática

Até 10 artigos = 100%
De 11 a 20 artigos = 75%
De 21 a 30 artigos = 50%
De 31 a 40 artigos = 25%
De 41 a 50 artigos = 20%
De 51 a 99 artigos = 15%
De 100 a 150 artigos = 12,5%
De 151 a 200 artigos = 10%
De 201 a 300 artigos = 5%
Superior a 301 = 3%

Da aplicação destes princípios resultou o seguinte quadro no qual se encontra representada a distribuição das frequências absolutas e relativas da amostra estimada, segundo os princípios definidos.

No total a estimativa da amostra fez um total de 497 artigos distribuídos pelos Periódicos da responsabilidade editorial das entidades mencionadas.

Quadro nº 7 – Distribuição da amostra segundo número de artigos por Periódico

Periódicos segundo ordem cronológica de Publicação	População ou Universo	Amostra Estimada	
	Total Artigos Publicados por Enfermeiros Portugueses	Crítérios de Selecção para a Amostra Sistemática %	Total de artigos para análise (Fi)
<i>O Enfermeiro Português</i>	10	100%	10
<i>A Voz do Enfermeiro</i>	42	20%	8
<i>A Enfermeira</i>	12	75%	9
<i>Arquivo do Enfermeiro (IIª Série)</i>	11	75%	9
<i>Servir Jornal das Enfermeiras Diplomadas pela Escola de São Vicente de Paulo</i>	16	75%	12
<i>Servir</i>	665	3%	20
<i>Revista de Enfermagem</i>	132	12,5%	17
<i>Subir</i>	4	100%	4
<i>Enfermagem Portuguesa Revista Técnica e Cultural</i>	41	20%	8
<i>Ecos de Enfermagem</i>	141	12,5%	18
<i>Boletim Sindical Enf's Zona Sul e Região Autónoma</i>	42	20%	8
<i>Enfermagem</i>	277	5%	14
<i>Divulgação</i>	152	10%	15
<i>Nursing (edição portuguesa)</i>	774	3%	23
<i>Enfermagem em Foco</i>	198	10%	20
<i>Cuidar</i>	14	75%	11
<i>Nephro's</i>	82	15%	12
<i>Sinais Vitais</i>	834	3%	25
<i>Informar</i>	343	3%	10
<i>Revista Portuguesa de Enfermagem</i>	89	15%	13
<i>SOS Jornal de Enfermagem</i>	25	50%	13
<i>Enfermagem Oncológica</i>	164	10%	16
<i>(Re) Encontro</i>	50	20%	10

<i>Pensar Enfermagem</i>	244	5%	12
<i>Referência</i>	185	10%	19
<i>INFOESES</i>	16	75%	12
<i>Trajectos e Projectos</i>	33	25%	8
<i>O CLUNY</i>	44	20%	9
<i>Ordem dos Enfermeiros</i>	165	10%	17
<i>Revista de Investigação em Enfermagem</i>	113	12,5%	14
<i>AESOP</i>	102	12,5%	13
<i>Associação dos Enfermeiros Obstetras</i>	93	15%	14
<i>Acontece Enfermagem</i>	55	15%	8
<i>VITAEnfermagem</i>	22	50%	11
<i>Enfermagem e o Cidadão</i>	89	15%	13
<i>Enfermagem & Sociedade</i>	8	100%	8
<i>APECSP</i>	15	75%	11
<i>Percursos</i>	15	75%	11
<i>ONCO.NEWS</i>	2	100%	2
<i>Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental</i>	10	100%	10
Total (40)	5329	-	497

Da aplicação dos critérios a distribuição dos Periódicos para análise ficou assim ordenada: metade (20) distribui-se equitativamente pelos percentuais de 100%, 20%, 15% e 10%;

75% dos artigos de sete (7) periódicos; 12,5% e 3% de oito 8 periódicos, quatro (4) cada; 50% dos artigos de dois (2) periódicos e 25% apenas de um (1) periódico.

Em baixo apresenta-se a identificação dos Periódicos cujos artigos serão submetidos a análise nas percentagens atribuídas.

% de artigos da amostra	Periódicos
100%	<i>O Enfermeiro Português; Subir; Enfermagem & Sociedade; ONCO.NEWS e a Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental;</i> (5)
75%	<i>A Enfermeira; O Arquivo do Enfermeiro (IIª Série); Servir Jornal das Enfermeiras Diplomadas da Escola de S. Vicente de Paulo; Cuidar; INFOESES; APECSP e Percursos.</i> (7)
50%	<i>SOS Jornal de Enfermagem e VITAEnfermagem.</i> (2)
25%	<i>Trajectos e Projectos.</i> (1)
20%	<i>A Voz do Enfermeiro; Enfermagem Portuguesa Revista Técnica e Cultural; Boletim Sindical Enfªs Zona Sul e Região Autónoma; (Re) Encontro e O CLUNY</i>

	(5)
15%	<i>Nephro's; Revista Portuguesa de Enfermagem; Associação dos Enfermeiros Obstetras; AcontecEnfermagem e Enfermagem e o Cidadão.</i>
	(5)
12,5%	<i>Revista de Enfermagem; Ecos de Enfermagem; Revista de Investigação em Enfermagem e AESOP.</i>
	(4)
10%	<i>Divulgação; Enfermagem em Foco; Enfermagem Oncológica; Referência e Ordem dos Enfermeiros.</i>
	(5)
5%	<i>Enfermagem e Pensar Enfermagem.</i>
	(2)
3%	<i>Informar; Servir; Nursing e Sinais Vitais.</i>
	(4)

2.5- Condições de Produção e Análise das Fontes

Assim, e com base nestes princípios, procedemos à caracterização de cada um dos Periódicos e de cada um dos seus números, segundo as seguintes etapas:

- 1 – Cópia do índice;
- 2 – Identificação dos autores dos títulos dos artigos
- 3 – Sinalização de todos os artigos de autoria dos enfermeiros portugueses.

Nesta etapa do trabalho, procedemos ao recenseamento de todos os artigos escritos por enfermeiros portugueses, ou outros profissionais, independentemente da nacionalidade e do seu conteúdo nos interessar ou não, através da consulta dos índices de cada número de publicação e da referenciação no próprio artigo.

À medida que tomávamos contacto com os artigos, fomos recolhendo as categorias disponíveis, inventariadas *à posteriori*, que se referiam a todos os artigos e a todos os autores: Título e subtítulo, reconhecimento da identidade do autor (nome, área profissional, nacionalidade, género, local de trabalho, categoria profissional, área de atuação, colaboração de autoria). Este material foi arquivado em ficheiros informáticos, constando para cada um dos Periódicos, os elementos descritos (referência bibliográfica, o índice geral dos títulos dos artigos, a identificação dos seus autores, a situação profissional e a nacionalidade, o ano de publicação, sinalizando os títulos e os autores), que constituem dos ficheiros anexos à Tese.

A caracterização dos autores foi encontrada através do tratamento e análise das dimensões encontradas com o recurso a estatística descritiva, frequências absolutas e relativas.

Para a análise do conteúdo dos artigos, utilizámos a técnica de análise qualitativa de conteúdo Bardin (2008), mediante matriz de codificação, que foi definida como referência, por ser a que melhor se adequava aos propósitos do estudo.

Após todas as etapas, deparámo-nos com uma grande diversidade e um elevado número de artigos para análise num horizonte temporal bastante heterógeno (entre um ano e superior a cinquenta anos). Daí que nos questionássemos sobre quais os princípios a adoptar para a seleção dos artigos?

Assim, e tendo em conta os recursos disponíveis e a perspetiva teórica dos autores sobre a representatividade das amostras, adoptámos um conjunto de princípios que tiveram por base os critérios de inclusão e exclusão, já anteriormente enunciados, o horizonte temporal dos periódicos, o total de artigos da amostra e a acessibilidade aos mesmos.

Então, definiu-se como princípio geral que seriam selecionados todos os artigos publicados no primeiro e no último número, porém, nos casos em que o volume de artigos excedesse ou não atingisse o valor desejado, foram criados outros critérios mais específicos como sejam:

- se a seleção dos artigos feita no primeiro e último número da série fosse suficiente, não seriam selecionados quaisquer outros ;
- se a seleção dos artigos feita no primeiro e último número da série fosse insuficiente ou excessiva, seria selecionado o número desejado em todos os números publicados, procurando uma repartição equitativa dos artigos sempre que possível;
- para todos os periódicos de maior duração (superior a nove anos), o período seria dividido em séries de cinco anos, aplicando-se os critérios anteriores.

De entre as rubricas inscritas em cada Periódico decidiu-se ainda proceder à análise do conteúdo do *Editorial*, particularmente o número zero e do número um, no sentido de compreender as políticas editoriais no que concerne à missão, aos objetivos e às linhas de divulgação.

2.6- Análise e Tratamento Documental

As técnicas de análise documental, análise de conteúdo e os procedimentos bibliométricos foram os utilizados na análise e tratamento dos dados, tendo por base a informação recolhida nos quarenta periódicos de enfermagem, nas rubricas: Editorial, Índice, Títulos e conteúdo dos Artigos, no período em estudo.

A análise e o tratamento da informação processou-se manualmente e com o recurso ao programa *Word*, sublinhe-se que até 2006 apenas a revista *Percursos* era disponibilizada *on-line*, pelo que os artigos foram fotocopiados para posterior análise e tratamento. Porém, mais recentemente, a partir de 2006, verificou-se uma maior acessibilidade aos Periódicos e aos Artigos através das redes *on-line* em *open access*.

Tendo por base os critérios de inclusão e de exclusão de análise, desenvolveu-se em dois tempos: no primeiro o *corpus de análise* foi constituído pela totalidade de todos os periódicos e artigos de autoria de enfermeiros portugueses do total dos Periódicos, correspondendo a 5329 Artigos de Enfermeiros Portugueses, e no segundo apenas os artigos selecionados para amostra num total de 10% (533 artigos).

No primeiro momento procedemos à caracterização de cada um dos periódicos e nas dimensões disponíveis (Universo ou População):

- números publicados e números encontrados;
- número total de artigos;
- número de artigos de enfermeiros portugueses;
- número total de autores enfermeiros;
- construção da ficha técnica;
- análise do *design* (formato, descrição dos elementos da capa, logótipo ou simbologia, apresentação dos assuntos, rubricas) em cada um dos números dos periódicos, ficha técnica, estudo de logótipo, *design* e rubricas);
- perfil dos autores (nacionalidade, sexo, autoria e co-autoria, área profissional e área geográfica);
- codificação temática dos títulos dos artigos.

No segundo tempo procedemos à análise da tipologia dos artigos e da seleção de palavras-chave contidas nos títulos (Amostra).

Para classificação dos artigos utilizámos as propostas apresentadas pelas Revistas: *Pensar Enfermagem e Referência*, e dos autores: Lakatos e Marconi (1990, p. 20) e Fortin (1999, p. 339) obtendo-se dois grandes grupos de acordo com o conteúdo, um grupo constituído por Artigos de Reflexão e outro grupo por Artigos Científicos.

No grupo de artigos de Reflexão foram integrados todos os artigos: de reflexão, revisão bibliográfica, procedimentos técnico-profissionais e artigos de opinião (apenas os que se relacionavam com matérias profissionais).

No grupo de artigos Científicos foram englobados os artigos resultantes de trabalhos de investigação, monografias, dissertações, teses, revisões da literatura, entre outros que apresentassem trabalho de pesquisa e o recurso a técnicas de colheita de dados com análise e tratamento estatístico ou tratamento qualitativo.

Para a seleção dos artigos para análise utilizámos como critérios, no caso em que a Revista selecionada apresentava diversos tipos de artigos, dar prioridade aos artigos científicos, seguindo-se por ordem de importância do conhecimento, os de reflexão, os de procedimentos técnico-profissionais e, por último, os de opinião. Deste modo, situações houve em que apenas se selecionaram artigos científicos.

Do total da amostra estimada propusemo-nos analisar 72% de artigos científicos e 28% de artigos de reflexão.

A análise dos artigos de reflexão, constou dos procedimentos da análise de conteúdo propostos pelos autores Vala (1986); Romero (1991); Bardin (1992; 1997 e 2008) e Flick (2005). Para a análise dos artigos científicos teve-se por base os procedimentos propostos pelos autores para a revisão sistemática Galvão; Sawada e Trevizan (2004); Ramalho (2006); Sampaio e Mancini (2007) e Lopes e Fracoli (2008).

2.6.1- Técnica de Análise de Conteúdo

A técnica de análise de conteúdo é uma das mais comuns na investigação empírica realizada pelas diferentes ciências humanas e sociais, sendo também muito utilizada nos estudos de investigação em enfermagem pelos enfermeiros portugueses.

Vala (1986); Romero (1991); Bardin (1992; 1997 e 2008) e (Flick, 2005) sugerem que a técnica pode ser utilizada em investigações que se reportem a qualquer dos níveis de investigação empírica com a vantagem de, em muitos casos, funcionar como uma técnica não-obstrutiva.

Salientam ainda como outras vantagens:

- Poder-se exercer sobre material que não fora produzido com o fim de servir a investigação Empírica;
- É uma técnica que pode incidir sobre material não-estruturado;
- Permite trabalhar sobre a correspondência, entrevistas abertas, mensagens dos *mass Media*, fontes de informação preciosas que, de outra forma, não poderiam ser utilizadas de maneira consistente pela história, pela psicologia ou pela sociologia.

Nesta continuidade, qualquer plano de análise de conteúdo pressupõe a elaboração de um conjunto de procedimentos que permitam assegurar a sua fidedignidade e validade, são eles:

- a delimitação dos objetivos e definição de um quadro de referência teórico orientador da investigação;
- a constituição de um *corpus*;

- a definição de categorias;
- a definição de unidades de análise.

O perfil das publicações periódicas foi desenhado a partir da recolha de dados que se desenrolou em dois momentos: um primeiro no qual se recolheram dados através da consulta dos índices, das rubricas e dos artigos, segundo os critérios de inclusão. Este processo permitiu-nos obter os dados relacionados com o volume de artigos de autoria dos enfermeiros portugueses; a caracterização sóciodemográfica dos autores; a codificação temática dos títulos dos artigos; a codificação das palavras-chave incluídas nos títulos dos artigos e descrição do design de cada um dos números destas publicações.

Num segundo momento, e após a garantia de que este material constituía o universo, passámos à fase seguinte de determinação da amostra do número de artigos por cada periódico que seriam objecto de análise. Assim, e após a estimação amostral, reunimos os artigos considerados como adequados ao tratamento, segundo os procedimentos da técnica de análise de conteúdo, propostos pelos autores anteriormente citados.

1 - Codificação dos títulos dos artigos

Numa primeira fase todos os títulos e os subtítulos dos artigos foram considerados como a *unidade de análise* adequada e suficiente: De seguida, processou-se a *leitura flutuante do corpus* e respectiva categorização *à priori* em quatro grandes áreas temáticas (Prática Clínica, Formação, Gestão e Investigação), tendo por referência todas as expressões/termos ou vocábulos que se relacionassem com os objectivos e as questões de investigação.

Contudo, após esta operação constatámos a existência de muitas outras áreas temáticas que seriam excluídas da codificação e que se afiguravam também indicadores importantes do desenvolvimento profissional. Assim, e no sentido de obtermos uma ideia mais global e rigorosa da classificação das temáticas inscritas no total do *corpus*, procedemos a uma codificação dos títulos de tipo misto (categorização *à priori* e *à posteriori*).

De todos estes procedimentos resultaram as seguintes áreas temáticas:

Áreas Temáticas	
Designação	Códigos
Prática Clínica	PT
Formação	F
Gestão	G
Investigação	I
Bases Conceptuais	BC
Perspetivas e Tendências	PT
Ética	E

Saúde Laboral	SL
Procedimentos Terapêuticos	PP
Situações de Doença	SD
Figuras e Personalidades	FP

2 - Codificação das palavras chave contidas nos artigos dos títulos

As palavras-chave foram codificadas à semelhança dos títulos por um processo misto (*categorização à priori e à posteriori*). Após a *leitura flutuante* dos títulos e subtítulos os vocábulos foram retirados do seu contexto, resultando as seguintes palavras chave que foram agrupadas nas dimensões do Metaparadigma da Enfermagem.

Palavras-Chave	Metaparadigma da Enfermagem (Dimensões Básicas)
- Pessoa; Doente; Cliente; Utente; Família; Cuidadores;	Pessoa
- Saúde; Bem Estar	Saúde
- Desequilíbrio/ Doença/ Mau Estar;	Doença
Cuidar; Cuidado; Enfermagem; Enfermeiro;	Enfermagem
Cuidados de Enfermagem; Intervenção de Enfermagem; Papel do Enfermeiro	Cuidados de Enfermagem
Prática Clínica: Hospital/ Serviços de Saúde; Centro de Saúde; Comunidade; Formação/Escola; Professor; Estudante; Investigação; Gestão;	Ambiente/ Áreas de atuação
Criança; Jovem; Adulto; Idoso;	Ciclo Vital
Exercício; Profissão; Disciplina; Autonomia;	Profissão/Disciplina

3 – Análise de conteúdo dos artigos de Reflexão

O processo de codificação do *corpus* (totalidade dos artigos amostrais) correspondeu à transformação da informação envolvendo as etapas – O recorte: escolha das unidades; - A classificação e a agregação: escolha das categorias.

Assim, iniciou-se a *leitura flutuante* do artigo, com a *categorização, à posteriori*, determinando como unidade de *contexto* o parágrafo e como *unidade de registo* as frases e ou excertos contemplados na unidade de contexto.

Deste resultado de codificação em *espírito e não à letra*, as áreas temáticas, categorias e subcategorias foram submetidas a validação externa individual por oito peritos (professores e enfermeiros) com experiência de investigação qualitativa.

Foram realizadas várias reuniões de trabalho com cada um destes peritos no sentido de serem encontrados consensos, tendo como princípios orientadores os pressupostos de validade, exaustividade, mútua exclusividade, objetividade e de adequabilidade, conforme sugerem Bardin (1992,1997 e 2008) e Flick (2005).

A estratégia de análise dos artigos consistiu primeiramente na leitura exaustiva dos mesmos, o que revelou a existência de assuntos transversais a vários periódicos, podendo ou não ser publicados na mesma data. Assim, as grelhas de categorização individuais foram agregadas numa única grelha. Tal facto favoreceu a análise conjunta, no sentido em que se evitou a dispersão de raciocínio, a construção de uma única grelha de categorização, permitindo uma maior uniformização de critérios, e, ao mesmo tempo minimizaram-se os efeitos de enviesamentos idiossincráticos.

Contudo, e porque nem sempre foi possível encontrar artigos que tratassem de assuntos comuns, estes foram analisados resultando em várias grelhas de codificação individual, pelo que, após validação externa por parte dos peritos chave, conseguimos o consenso e equilíbrio ao nível da Categorização por **Áreas Temáticas**, Categorias e Subcategorias cujos resultados foram incorporados ao longo de toda a Tese.

Durante este processo analítico, tivemos em consideração a perspectiva cronológica da divulgação, validando e confrontando os conteúdos publicados por décadas nos diferentes periódicos, deste modo, foi possível encontrar regularidades, similaridades, irregularidades ou dissemelhanças que nos permitiram compreender melhor o contexto da produção e da divulgação dos temas.

4 – Análise de Artigos Científicos da Amostra

Dada a natureza do *corpus* utilizámos os procedimentos comuns da análise documental dos artigos para a sua classificação e indexação.

Com o objetivo documentar o resultado da análise dos artigos científicos foi construída uma ficha informática com base nos seguintes elementos: Referência Bibliográfica, Autor, Título do Artigo, Data de publicação, Questão ou Questões de Investigação, Objetivos, Participantes, Desenho do Estudo e Resultados (Anexo I).

A fundamentação para estes itens partiu do pressuposto de que a problemática estudada se encontra na formulação da questão central da investigação, sendo determinante para a seleção do objeto de estudo, para a definição da matriz teórica, definição dos objetivos, tipo de estudo a desenvolver, técnicas de recolha de dados e a análise dos mesmos.

Ao mesmo tempo que a tentativa de encontrar a explicação para o estudo normalmente é estabelecida pelos objetivos e finalidades, o desenho do estudo permite perceber a descrição da natureza, fundamentos e técnicas de recolha de dados, bem como os procedimentos que foram seguidos relacionados com o planeamento, análise e interpretação dos mesmos.

Deste modo, a análise qualitativa de conteúdo incidu sobre os resumos dos artigos, de forma a identificar os elementos principais, com base nas questões *o que se investiga? Porque se investiga? Para que se investiga? De que forma se investiga? Qual o contexto em que se investiga?*

Para dar resposta a estas questões, teve-se em conta os objetivos da Tese, conjugados com o resultado da codificação dos títulos dos artigos.

Assim, a informação foi recolhida primeiramente pela leitura do resumo do artigo e introdução, quando os mesmos se revelavam incompletos, utilizou-se o recurso à leitura integral do artigo.

Este procedimento constituiu-se como uma revisão planeada que visou colher e analisar os dados dos respetivos estudos selecionados.

Para o efeito foram utilizados métodos de leitura e de juízo crítico dos resumos e ou dos artigos de forma explícita e sistemática de forma a identificar, selecionar e avaliar os elementos incluídos ou não no conteúdo dos mesmos. Na ficha utilizada eram feitas anotações sempre se verificava ser importante para uma posterior análise mais detalhada.

A análise crítica dos artigos de investigação implicou a análise e a avaliação do conteúdo do documento científico, consistindo em decompor o texto nos seus elementos essenciais, a fim de verificar as relações entre eles e obter uma visão de conjunto.

Assim, e de acordo com os princípios teóricos, tivemos em conta os seguintes procedimentos:

- A pertinência do avanço científico em determinada área e expressando o interesse em esclarecer os leitores acerca da temática;
- As palavras-chave como elementos importantes para a seleção no artigo de algo particular de interesse para o leitor;
- As referências bibliográficas que permitem complementarem ou aprofundar os conhecimentos sobre os diversos assuntos desenvolvidos no corpo do artigo;
- Os percursos empreendidos que permitem compartilhar várias ações e ou metodologias que podem ser continuadas ou replicadas em outras realidades;
- Os resultados e conclusões que permitem ajuizar na prática do valor e utilidade dos mesmos.

Após toda a agregação, foi estabelecida uma matriz única constituída por uma Base de Dados dos artigos e respetivos periódicos ordenados cronologicamente.

Muito embora algumas destas operações se enquadrem nos princípios teóricos da Revisão Sistemática da Literatura com Meta-Análise e Meta-Síntese não foram utilizados os procedimentos consonantes com as mesmas. As razões prenderam-se com os constrangimentos próprios das diferentes publicações periódicas, dos próprios artigos e de constrangimentos temporais de ordem pessoal.

A ser feito o resultado desta categorização teria de ser encarado com alguma *reserva e distanciamento epistemológico*, porquanto os artigos publicados não foram produzidos segundo os critérios da evidência científica, nem os periódicos assentam numa política editorial sustentada em critérios de Revisão e de Indexação que, por analogia, encontramos nas Bases de Dados Internacionais.

A este respeito, recorde-se que só muito recentemente alguns dos periódicos de enfermagem portugueses integram a lista das Revistas Indexadas e inscritas na FCT, e por conseguinte são ainda muito raros os estudos nacionais que permitem aos leitores/enfermeiros sustentar as decisões clínicas por forças de evidência científica.

Por conseguinte, não fomos além da caracterização de alguns elementos, como sejam: o tipo de estudos, a natureza da amostra, a população estudada, os resultados obtidos, a determinação do nível de evidência (ainda que muito empiricamente), a cronologia de publicação, as áreas temáticas estudadas, por fim os achados foram cruzados com a caracterização sócio-demográfica dos autores e confrontação entre os diversos periódicos.

Não obstante, na investigação qualitativa o princípio da representatividade estatística da amostra, seja discutível, considerámos que com estes procedimentos operativos se tenha assegurado a validade interna, com o objetivo de obter uma «fotografia», tanto quanto possível, mais aproximada da realidade estudada.

2.6.2- Técnica Bibliométrica

A bibliometria, enquanto técnica que visa quantificar os processos de comunicação escrita, emprega um conjunto de indicadores bibliométricos para medir a produção científica. Okubo (1997 p. 8) define indicadores bibliométricos como sendo ferramentas que são susceptíveis de serem utilizados conjuntamente com outros indicadores.

Vanti (2002, p. 153) apresenta três leis sobre o comportamento da literatura, que têm orientado os estudos bibliométricos: Lei de Lotka – 1926 (*produtividade de autores*) que visa a medição da produtividade dos cientistas; Lei de Bradford – 1934 (*produtividade de periódicos*), conhecida como lei da dispersão *permitindo, mediante a medição da produtividade das revistas, estabelecer o núcleo e as áreas de dispersão sobre um determinado assunto num mesmo conjunto de revista*. Esta lei incide sobre conjuntos de periódicos com o objetivo de descobrir a extensão na qual artigos de um assunto científico específico apareciam em periódicos destinados a outros assuntos, estudando a distribuição dos artigos em termos de variáveis de proximidade ou de afastamento, e Lei de Zipf – 1949 (*frequência de ocorrência de palavras*), conhecida como o modelo de distribuição e frequência de palavras num texto.

Neste sentido, o quadro seguinte apresenta comparativamente a tipologia dos indicadores bibliométricos mais conhecidos no panorama nacional e internacional, propostos por Macias-Chapula (1998) com os que estudámos nesta Investigação.

Quadro nº 8 – Tipologia de indicadores bibliométricos (Macias-Chapula (1998, p.137)

Tipologia	Descrição do Indicador	Indicadores utilizados na Tese
Número de trabalhos	Reflete os produtos da ciência, medidos pela contagem dos trabalhos e pelo tipo de documentos (livros, artigos, publicações científicas, relatórios etc.). A dinâmica da pesquisa num determinado país pode ser monitorizada pela sua tendência traçada ao longo do tempo.	Na fase Diagnóstica foram recenseados todos os documentos entre julho 2006 a outubro de 2008; Na fase Empírica foram recenseados todos os periódicos de enfermagem desde o seu início – 1925 até 2009 e nestes foram analisados os indicadores: 1 - Responsabilidade Editorial; 2 - Publicações periódicas produzidas no período em análise; 3 – Perfil dos autores (Género; Autoria; Função/área profissional exercida pelos autores; procedência geográfica; procedência do material e codificação Temática dos Títulos dos Artigos); 4 – Tipologia dos Artigos publicados; 5 - Expressões/Palavras-chave nos títulos.
Co-autoria	Reflete o grau de colaboração na ciência a nível nacional e internacional; O crescimento ou o declínio da pesquisa cooperativa podem ser medidos.	Foram recenseados os autores dos artigos no período em estudo.
Número de citações	Reflete o impacto dos artigos ou assuntos citados.	-
Número de patentes	Reflete as tendências das mudanças técnicas, ao longo do tempo, e avalia os resultados dos recursos investidos em atividades de Investigação e Desenvolvimento; Esses indicadores determinam o grau aproximado da inovação tecnológica de um país.	-
Número de citações de patentes	Mede o impacto da tecnologia.	-
Mapas dos campos científicos e dos países	Ajudam a localizar as posições relativas de diferentes países na cooperação científica global.	-

De um modo geral os fundamentos para a utilização da técnica bibliométrica podem resumir-se:

- À análise e avaliação das fontes difusoras dos trabalhos;

- À evolução cronológica da produção científica;
- À produtividade de autores e instituições;
- À propagação das publicações científicas;
- Ao crescimento de qualquer campo da ciência;
- Ao envelhecimento dos campos científicos;
- Ao impacto das publicações frente à comunidade científica internacional.

No entanto, a área mais importante da bibliometria é a análise de citações, com origem no século XVII, que consistia numa técnica básica de contar referências.

Foi utilizada a análise das citações pela primeira vez, em 1927, por P. Gross e E. Gross, depois por Allan, em 1929 e, a seguir, por Gross e Woodford, em 1931. Na década de 1960, com a utilização do computador, a técnica ganha maior importância particularmente o ano de 1963 com o surgir do primeiro índice de citações, o Science Citation Index (SCI) por Eugene Garfield, fundador do *Institute of Scientific Information* – ISI.

As citações são constituídas por um conjunto de uma ou mais referências bibliográficas que, incluídas numa publicação, evidenciam relações entre pessoas, instituições e áreas de pesquisa, visto que mostram o relacionamento de uma publicação com outra. A análise da citação é definida como «a parte da bibliometria que investiga as relações entre os documentos citantes e os documentos citados considerados como unidades de análise, no todo ou em diversas partes: autor, título, origem geográfica, ano e idioma de publicação, (Foresti, 1989, p. 3).

As citações «contribuem para o desenvolvimento da ciência, proveem o necessário reconhecimento de um cientista por seus colegas, estabelecem os direitos de propriedade e prioridade da contribuição científica de um autor. Estas constituem importantes fontes de informação, ajudam a julgar os hábitos de uso da informação e mostram a literatura que é indispensável para o trabalho dos cientistas. (Foresti, 1989, p. 2).

De acordo com Moravcsik e Murugesan in Rodrigues (1981, p. 8), as citações podem ser de quatro tipos:

- 1 - conceitual ou operacional (aquela que se relaciona uma teoria com um método);
- 2 - orgânica ou perfunctória (a citação é necessária para a compreensão);
- 3 - evolutiva ou justaposicional (quando o artigo é construído sobre as bases da citação);
- 4 - confirmativa ou negativa.

A análise de citações permite a identificação e descrição de uma série de padrões na produção do conhecimento científico. Com os dados retirados das citações podem-se descobrir:

- autores mais citados;
- autores mais produtivos;

- elite de pesquisa;
- frente de pesquisa;
- factor de impacto dos autores;
- procedência geográfica e/ou institucional dos autores mais influentes em um determinado campo de pesquisa;
- tipo de documento mais utilizado;
- idade média da literatura utilizada;
- obsolescência da literatura;
- procedência geográfica e/ou institucional da bibliografia utilizada;
- periódicos mais citados;
- *score* de periódicos que compõem um campo de pesquisa.

Um conceito extremamente relevante na análise de citações é o de factor de impacto. Formulado por Garfield, esse conceito consiste em «dividir o número total de citações obtidas por um periódico num ano pelo número de artigos publicados naquele ano» (Rodrigues, 1981, p. 10).

Assim, o factor de impacto (Factor h) é a divisão do número de citações recebidas por um autor dividido pelo número de trabalhos que receberam pelo menos uma citação. Com esse índice, pretende-se identificar autores que, apesar de terem tido pouca produção, produziram um material muito significativo, isto é, que receberam muitas citações, em oposição aos autores que podem ter tido muitas citações porque publicaram muitos trabalhos, mas cada um desses trabalhos isoladamente têm pouca relevância no campo científico.

As vantagens atribuídas ao factor de impacto (h) podem ser resumidas da seguinte forma:

- Contextualiza a carreira do autor;
- Oferece recursos visuais que tornam a métrica transparente;
- Permite a avaliação de autores e grupos de autores numa área temática específica;
- Permite a filtragem de pesquisadores não muito produtivos ou que raramente são citados;
- Facilita a comparação e o contraste de desempenho de grupos de autores e pesquisadores;
- Ajuda os editores de revistas a encontrar revisores qualificados.

O uso do factor de impacto para a avaliação da produção científica continua a ser atual, algumas vezes relacionado a outros como obsolescência e a idade das referências Meadows (1999, pp. 85-99), Strehl (2005).

Outro conceito relevante é o de «frente de pesquisa», que relaciona os índices absolutos das citações obtidos por cada autor com a data dos trabalhos publicados por cada autor. Assim, para a contagem da frente de pesquisa, só são contabilizados os trabalhos mais recentes desse autor. O período de tempo considerado relevante para se determinar se o trabalho é recente ou não varia conforme o objetivo que se quer atingir. Por exemplo, pode

definir-se que se quer identificar a «frente de pesquisa» para cinco anos. Neste caso, são apenas contabilizadas as citações recebidas referentes a trabalhos publicados nos últimos cinco anos. Para a determinação deste índice fazem parte os autores que tiverem pelo menos cinco citações, pois a condição para um autor fazer parte da «frente de pesquisa» é receber pelo menos uma citação por ano.

Os autores consideram que o meio mais comum de atribuir créditos e reconhecimento na ciência é a citação.

Os artigos dos periódicos com a sua lista de citações é o meio universalmente aceite pelo qual a entidade proprietária regista e publica os resultados das investigações que divulga.

Nos últimos 30 anos, assiste-se à determinação de índices de citação comerciais, pelo que a importância das citações ganhou uma nova dimensão, não apenas na comunidade científica, mas também nas unidades ou departamentos de investigação, nas universidades e mesmo além fronteiras.

A importância das citações dos periódicos na comunicação científica foi reforçada com a criação das bases de dados, que passaram a exercer um papel relevante, não só de seleção, como também de análise da informação, permitindo uma maior rapidez no seu acesso. Além disso, essas bases de dados ficaram disponíveis electronicamente por meio dos sítios na *world wide web* e da *internet*, o que ampliou o seu potencial de utilização pelos investigadores.

Todavia, este exponencial de volume de comercialização de conhecimento em artigos científicos levanta problemas de credibilidade e de confiabilidade (na indústria de informação e para os responsáveis pela sua distribuição) tanto para investigadores, como para autores. A responsabilidade pela qualidade e excelência da informação é na maioria dos casos atribuída aos editores dos periódicos ou mesmo aos autores, mas existem outros factores também geradores de omissões ou por informações incorretas, nas quais se incluem a elaboração superficial e arbitrária dos registos bibliográficos, (autores com diferentes afiliações), ou por critérios de seleção não documentados e pelos problemas de compatibilidade entre diferentes versões da mesma base de dados *on-line*.

Macias-Chapula (1998) cita MacRoberts que identificou sete problemas de análise de citação, enquanto fenómenos e dados:

- 1 - influências formais não citadas;
- 2 - citação tendenciosa ou preconcebida;
- 3 – influências informais não citadas;
- 4.- autocitação;
- 5 – diferentes tipos de citação;
- 6 – variações nas médias de citação relacionadas com o tipo de publicação, nacionalidade,

período, extensão e especialidade;

7 – limitações técnicas de índices de citação e bibliografias:

- autoria múltipla;
- sinónimos;
- homónimos;
- erros de edição;
- cobertura da literatura.
- grupos de dados incompletos, como as fontes de corporações, são parcialmente responsáveis dos intervenientes.

Existem um conjunto de leis bibliométricas relacionadas com a obsolescência da literatura – Line e Sandison, em 1974 – e vida média da literatura (por Burton e Kleber, em 1960) que foram desenvolvidas para descrever a perda da validade ou utilidade de informações, com o decorrer do tempo.

Normalmente são atribuídos dois tipos de envelhecimento da literatura científica: clássico ou efémero (vida média longa ou curta). Nos estudos realizados dentro dessa perspectiva percebeu-se que existem disciplinas com forte componente de literatura clássica (matemática, geologia, botânica), enquanto outras são quase exclusivamente compostas por literatura efémera (física, engenharia), sendo algumas de carácter intermédio (fisiologia, química). Uma importante linha de estudos se desenvolveu nessa área a partir dos conceitos de sincronia e diacronia, Stinton e Lancaster (1987).

A análise dos artigos processou-se de acordo com as condições determinadas, recorrendo-se às técnicas de análise de conteúdo, bibliométrica e estatística descritiva, cujos resultados serão apresentados em capítulos posteriores.

2.7- Considerações Éticas

Os princípios que orientaram a nossa conduta ética tiveram por base os princípios éticos do Código Deontológico do Enfermeiro e o Código Civil, no que respeita a autonomia, a beneficência/não maleficência, a justiça, o respeito pela pessoa e o princípio do enfermeiro como advogado da Pessoa.

A observância dos valores éticos tais como: o altruísmo, a solidariedade e o aperfeiçoamento profissional, de acordo com o art.º 78 alíneas d), e) e c) e o dever para com a comunidade art.º 80 alíneas b) e c), do mesmo documento foram norteadores neste procedimento.

A conduta ética do investigador, não se esgota nos pedidos de autorização é, de facto, um modo de estar e de ser que o investigador deve adotar, durante todo o percurso do trabalho, mesmo após a sua conclusão e divulgação.

Neste sentido, não podemos destacar esta ou aquela fase do trabalho, atendendo às especificidades do mesmo, contudo, faz-se referência a alguns momentos, como exemplo dos muitos passos empreendidos.

Uma das principais preocupações foi a que presidiu à referenciação e uso dos documentos, que foi observado através da demonstração de respeito pela propriedade intelectual e científica e os direitos de autoria, tanto ao nível dos Periódicos, como do próprio conteúdo dos artigos, transcrevendo, citando autores e apresentando a sua Bibliografia.

Deste modo, interpretámos o pensamento de Streubert e Carpenter (2002, p. 234) que referem que existe uma preocupação ética relativa à utilização de documentação, independentemente da sua origem, que passa pelo equilíbrio entre o direito à privacidade e o direito ao conhecimento, assim como pela confirmação da genuinidade e autenticidade da mesma.

Na consulta documental nos Centros de Documentação e Arquivos obteve-se a devida autorização, apresentando documentação próprias, sempre que nos foi exigido, mediante a exibição da apresentação de Bilhete de Identidade, Cartão de Estudante da Universidade Católica, ou de Professora da Escola Superior de Saúde de Santarém e ou de Cédula Profissional.

Respeitámos durante todo o trabalho o direito ao bom nome de todos autores consultados e artigos, tivemos em conta o princípio da não usurpação da imagem e da propriedade intelectual.

2.8- Limitações/ Constrangimentos do Estudo

Em estudos desta natureza sempre ocorrem algumas limitações e ou constrangimentos que explicam o que aconteceu durante os mesmos.

Para Polit (1985), as limitações na Investigação Histórica podem surgir de diversas formas ao longo de todo o processo de investigação. Uma das limitações tem a ver com a grande quantidade de documentos a pesquisar ou pesquisados. Muitos dos documentos poderão encontrar-se deteriorados ou também ser difícil a sua autenticação, alguns podem ter restrições de consulta ou mesmo de reprodução. Também outras limitações podem ser

encontradas pela dificuldade de tradução e/ou transcrição. Pode ainda encontrar-se a duplicação de documentos, ou mesmo a falsificação, que muitas vezes têm um carácter bastante difícil de diferenciar dos originais, e que limitam a autenticidade da pesquisa.

Uma outra dificuldade é a que resulta do tempo que dista desde o acontecimento até à data em que o mesmo está a ser estudado. Os documentos mais antigos, por vezes, são mais difíceis de localizar e nem sempre estão disponíveis. Nestas circunstâncias, o recurso a fontes documentais secundárias pode ser uma das possibilidades, mas poderá ser limitador na abrangência da investigação.

Um dos aspetos limitadores desta tipologia é a generalização dos resultados, tornando-os erróneos, pois que os acontecimentos não são repetíveis da mesma forma.

Deste modo, alguns constrangimentos encontrados no nosso estudo foram limitadores tanto quanto ao Processo, como à Estrutura e Resultados do Trabalho, e que apresentaremos de seguida.

A – De ordem Pessoal

1º - Factor Tempo – Tornou-se um trabalho árduo, que ao empreendê-lo não possuíamos a dimensão que tínhamos pela frente, assim, consideramos que para realizar um trabalho desta envergadura necessitaríamos de um período de tempo muito mais alargado e de uma total disponibilidade para o tratamento da informação.

2º - A nossa qualificação histórica é enquanto autodidata, o que por certo levanta lacunas e imprecisões, mas mesmo assim, também, defendemos que não há melhor olhar que o de um enfermeiro, para perceber a história da sua profissão, mesmo que esse possa apresentar alguns défices técnicos históricos, quando comparados com o de um historiador especializado.

Contudo, reconhecemos que para a interpretação literária, um trabalho desta natureza necessitaria de formação específica em História, para exprimir as sensações, bem como o tratamento do assunto de forma clara e com uma sequência lógico-temporal, o que exige, para além de habilidade inata, também formação qualificada.

B – De ordem Metodológica

A complexidade deste trabalho envolveu uma série de constrangimentos metodológicos entre os quais a inexistência de estudos nesta área, que impossibilitou replicar as evidências científicas ou fazer uso das mesmas.

A inexistência de um fundo documental único obrigou a consulta de sucessivas fontes com grande dispersão e a sucessivas deslocações.

O facto de não ser permitido o empréstimo ao domicílio dos Periódicos, bem como algumas restrições, quanto ao número de documentos a consultar, resultaram num grande dispêndio de tempo e um esforço financeiro, que tivemos de ter em linha de conta. Por vezes, a impossibilidade de cópia dos documentos, associado a coleções incompletas, incluindo Centros de Documentação e Redações das Revistas, ou mesmo a BN, muitas vezes apenas possuíam os primeiros números, obrigando a diversos contactos e a consulta *in loco*.

Outro aspeto prendeu-se com a falta de organização de alguns arquivos ou manutenção de serviços de Arquivo atualizados ativos, o que obstou muitas vezes à consulta.

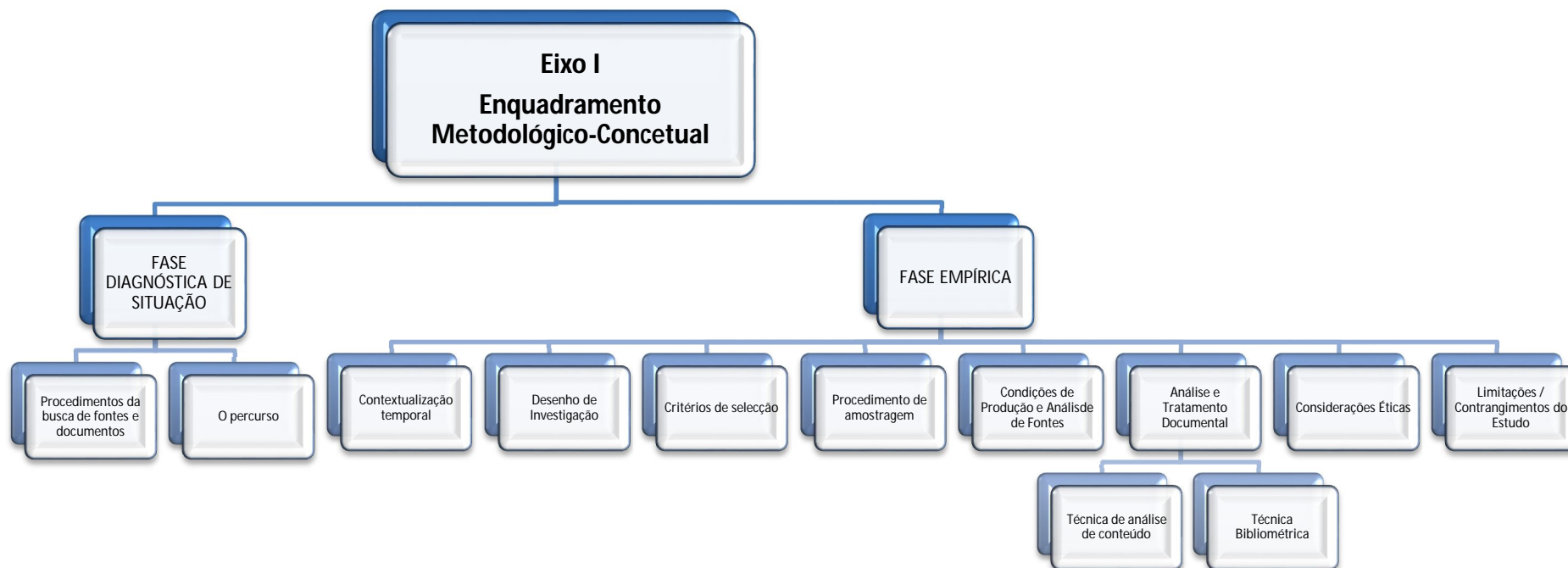
No que respeita ao trabalho de análise e tratamento da informação, a cópia dos artigos aliado à grande diversidade de tipologias dos artigos, os próprios estilos linguísticos de cada autor e regras impostas para publicação, revelaram-se um trabalho moroso, árduo, e complexo, estas limitações, sendo quase arquétipos materiais a qualquer investigador, foram perturbadoras, obrigando muitas vezes a fazer concessões de vária ordem. Porém, nunca o foram suficientes para fazer perigar o entusiasmo e motivação do trabalho, que sempre foram constantes em todas as etapas deste percurso.

À medida que progredia na análise e descoberta de conexões teóricas e práticas dos acontecimentos, foi sendo cada vez mais aliciante e motivador, «o ato criativo».

Tal como afirmámos no início do presente capítulo, o seguinte diagrama representa o Enquadramento Metodológico que percorremos com as duas etapas, Diagnóstica e Empírica e suas secções que constituem a **tese**.

Nos capítulos que se seguem apresentamos os desenvolvimentos e conclusões sobre todas estas etapas percorridas, que envolvem o estudo dos periódicos de enfermagem editados, em Portugal, que encerrando apenas um pedaço da História de Enfermagem. Contudo, nem por isso deixam de representar um legado e uma memória que os enfermeiros devem desocultar e preservar.

Figura nº 3 - Diagrama representativo da estrutura do Eixo I – Enquadramento Metodológico-Concetual



2– EIXO II – PERÍODO PRÉ- FORMAL – OS PRIMÓRDIOS DA ESCRITA PROFISSIONAL: Uma trajetória da escrita em torno da Enfermagem

*(...) qualquer viagem de muitas léguas começa sempre por um primeiro passo!
Não nos desanime a dificuldade ou o perigo!
Em frente amigos!
Unamos as nossas forças e saibamos traçar os nossos caminhos.
Só assim nos apresentaremos dignos do passado que herdamos! (...)*

Maria Eugénia Gomes de Carvalho³
Presidente da Mesa da Assembleia Geral do SEZN

A existência de numerosa bibliografia internacional, sobre a história da enfermagem, contrasta com a escassez bibliográfica nacional.

A escassez, para não dizer a inexistência de trabalhos de investigação sobre a Divulgação do conhecimento e a evolução da profissão de enfermagem no nosso país, foi um dos motivos que nos conduziram à realização deste trabalho. Um dos objetivos centra-se no percurso que, ao longo do tempo, se verificou sobre a construção da profissão e da disciplina.

No âmbito da investigação, esta temática não tem motivado muito os estudiosos, particularmente os enfermeiros, com exceção dos estudos de Nogueira (1967), Nogueira (1990), Soares (1997), Nunes (1999), Amendoeira (2006) e Vieira (2007), podendo considerar-se um oásis no meio do deserto da literatura da Enfermagem Portuguesa.

Segundo Streubert e Carpenter (2002, p. 237), a Enfermagem necessita da infusão de novas ideias, novos significados e novas interpretações do seu passado, para explicar o seu lugar na história e a sua direção futura.

Do mesmo modo Oguisso (2005, p. IX) considera que, infelizmente, o desconhecimento da história da profissão, até mesmo pelos próprios Enfermeiros, tem feito com que se menospreze o passado, como se apenas o futuro nos interessasse. Esquece-se de que o presente é o reflexo ou uma resultante do passado, da mesma forma que o futuro irá refletir as conquistas do presente.

³ In *ECOS DA ENFERMAGEM* n.º 135 Ano XVII novembro/dezembro 1984

Não cabe no contexto do trabalho a análise da situação, fica, no entanto, o repto à consideração daqueles que se interessam por estas matérias e a outros que, como nós, desempenham responsabilidades na formação dos estudantes de enfermagem.

Para a compreensão do conhecimento divulgado, nos periódicos de enfermagem, impõe-se fazer uma retrospectiva do que foi o movimento da escrita na sua generalidade, pois que só, em 1886, com a criação das Escolas de Enfermagem, poderemos encontrar indícios que permitem traçar alguns marcos históricos para a mesma. Um dos resquícios dessa trajetória foi a publicação do primeiro periódico – *O Arquivo do Enfermeiro* (IIª Série) em 1925.

Conforme temos vindo a referir, os documentos encontrados remeteram-nos para um percurso cronológico da escrita em Enfermagem que acompanhou os séculos XIX, XX e XXI.

Tal como afirmámos anteriormente, estabelecerem-se datas muito precisas para a periodização em história, é uma questão que tem levantado alguma discussão, pois que, em rigor, não se pode falar de uma data que marcou determinado facto, porque ela não representa mais do que uma medida que, por vezes, já tinha em grande parte começado antes. E, por outro lado, não termina com a chegada de um novo marco, visto que os seus efeitos ainda perduram por algum tempo. Os limites temporários nem sempre representam uma coerência histórica e os séculos não coincidem com as séries de 100 anos.

A questão que se coloca nestas circunstâncias é a noção de tempo cronológico e de tempo não cronológico, o primeiro, o tempo quantitativo serial (séculos, anos, meses...) o segundo, o tempo substantivo e transaccional, o espaço social dos fenómenos, dos factos históricos (causas, circunstâncias, contextos, consequências...), o que nem sempre são coincidentes.

Embora, não sendo a dimensão cronológica a que mais nos interessa estudar, ela esteve subjacente, pois que, o recurso ao tempo cronológico permitiu situar os fenómenos históricos num contínuo do crescimento e do desenvolvimento da divulgação do conhecimento, comparando-o com outros fenómenos produzidos, no mesmo período e espaço de análise.

A intenção ao analisar retrospectivamente a produção intelectual dos enfermeiros, a partir de um organizador principal fez emergir e valorizar a construção do conhecimento em enfermagem, o que não quer dizer que se dispensassem os parâmetros temporais, eles contribuíram para a contextualização formal dos acontecimentos, sem contudo nos deixarmos enredar nas teias dos mesmos.

Estudar o passado, implicou conhecer melhor as lógicas do conhecimento através das publicações periódicas, em enfermagem, no século XX e início do século XXI, e os

contornos que as envolveram até à situação presente, usando as dimensões temporais de duplo sentido.

Contudo, neste caminho, inúmeras vezes, deparámo-nos com ambivalências e diferenças de datas cronológicas, em variadíssimos acontecimentos e contextos. O procedimento nestes casos foi contornar o problema, recorrendo ao confronto das fontes e com a opção pela integração em ciclos mais amplos, no sentido de fazer convergir diferentes sensibilidades e opiniões.

O problema da reconfiguração do passado é uma questão de atitude, que encerra em si mesmo inúmeros *olhares*, e *sensibilidades*, níveis de compreensão, de interpretação e de abstração, consoante o ponto de partida, as perspetivas e a formação académica e profissional de quem o estuda. No nosso caso, a forma como abordamos os assuntos, segue uma metodologia diferente da do historiador ou do jornalista, que possuindo competências específicas sobre a história, a história da escrita, da imprensa, do jornalismo e do periodismo, seriam à partida diferentes.

O ritmo do progresso do Conhecimento da Enfermagem Portuguesa foi variável, ao longo do tempo. Todavia, de um modo geral, a história recente situa a publicação do DL 480/88 de 23 de dezembro que integra o ensino de Enfermagem no Sistema Educativo, ao nível do Ensino Superior, como factor catalizador e responsável pela rapidez com que o mesmo se tem processado.

São várias as mudanças daí decorrentes, como sejam:

- o estatuto alcançado que permitiu aos enfermeiros o acesso à Universidade e a sua contribuição intelectual para a construção da Disciplina, como um corpo de Conhecimentos próprios, no qual se enquadra a necessidade de maior qualidade da produção e divulgação científica;
- o surgir da imprensa periódica científica, bem como a reconversão das linhas editoriais dos periódicos mais generalistas, exigindo, por um lado, um maior rigor nos conteúdos editoriais, por outro oferecendo maiores oportunidades aos leitores e aos autores, integrando-se neste movimento de construção e de consolidação da Disciplina de Enfermagem;
- o facto de a UCP ter fundado, em 2010, a Sociedade Portuguesa de História da Enfermagem, representa um passo importante, para colmatar esta lacuna na Profissão e Disciplina, esperando que possa contribuir para um maior conhecimento do que *fomos*, do que *somos* e do *muito que poderemos vir a Ser*, enquanto Enfermeiros.

Assim sendo, neste capítulo, apresentamos, em primeiro lugar, uma breve retrospectiva histórica da escrita portuguesa, seguindo-se a evolução da Enfermagem entre nós, desde as origens até à publicação da *Postilla Religiosa*. Apresentamos uma reflexão em torno desta

obra e, por último, terminamos com a perspetiva da escrita dos médicos sobre a enfermagem.

CAPÍTULO 1 – CONSIDERAÇÕES/ INFLEXÕES SOBRE O MOVIMENTO DA ESCRITA EM PORTUGUÊS

*Uma língua não nasce de pronto, como um indivíduo,
em dia e hora susceptíveis de se marcarem no calendário ou no quadrante*

Leite de Vasconcelos

A origem da escrita, da imprensa e do jornalismo é bastante mais remota que a profissão de enfermagem e, muito embora, não sendo objetivo, traçar o seu percurso histórico, apresentamos uma breve incursão, como referência fundamental, na tentativa de perceber qual o seu sentido e dimensão, particularmente, a nível nacional.

Os termos utilizados no presente capítulo: escrita, imprensa, jornalismo, não podem ser confundidos, mas complementam-se, daí que mereceram que nos debruçássemos sobre todos eles no seu conjunto.

A memória histórica permite-nos aceder à informação do passado, é assim que a escrita é ainda, hoje, considerada como a maior invenção de todos os tempos, tendo surgido em datas diferentes em diversas partes do mundo.

Ao recuar no tempo para encontrar um marco histórico para a escrita, as fontes apontam duas fases: a primeira a era pré-histórica como a antecessora do uso da escrita; e a segunda, considera que com a invenção da escrita começam os tempos históricos. Mattoso e Henriques (1965).

É comum afirmar-se que a universalidade do pensamento humano, se dá com a atribuição de um sinal a cada som, porém, foi a grande invenção do alfabeto que marcou um passo decisivo, para que a escrita atingisse um grau de emancipação, definitivamente, em relação ao desenho.

A conquista do alfabeto veio permitir a construção da história, tornando-se numa conquista de muitas sociedades: Índia, China, Coreia, Japão, Mesopotâmia, Egito, regiões da Europa e dos povos maias e astecas. Encerra-se um ciclo e inicia-se um outro, que veio revolucionar as dinâmicas comunicacionais.

O desenvolvimento da oralidade e da escrita deveu-se, em grande parte, ao aperfeiçoamento de competências cognitivas e psico-motoras, particularmente dos órgãos dos sentidos, contribuindo para que o homem primitivo se tornasse num ser comunicante.

A transcrição da língua falada, ou a expressão escrita, exigiu do homem capacidade de interpretação de signos que, para além de representarem a realidade concreta, o conduziram também a uma representação da realidade abstrata.

A necessidade do homem para representar cenas da sua vida quotidiana, transações económicas, práticas religiosas, organização política, entre outras, tornaram-no num ser diferente e com capacidade para utilizar imagens, desenhos impressos, que simbolizavam linguagens. Estas marcas, constituídas por imagens, que, até aí, tinham sido as formas mais utilizadas, como manifestação, passam a ser substituídas por sinais gráficos, designados por grafemas, Coutinho (2003, p. 63).

A escrita, ao afastar-se da imagem, e associando-se a uma representação analógica dos objetos, adquiriu maior eficácia, tornou-se numa forma mais rápida, duradoura e decifrável da mensagem, o que não acontecia antes, com as anteriores formas de comunicação, com o som, o fogo ou, simplesmente, com a memória.

Ao longo do tempo, a escrita tomou diversas formas. Aos primeiros manuscritos, sucederam-se as oficinas, as indústrias e atividades comerciais relacionadas com o papel; a impressão, a tipografia, o livro, os jornais e as revistas.

Neste percurso, não ficou alheia a ação civilizadora da Igreja e das ordens religiosas, da monarquia, do Estado e, mais recentemente, da sociedade civil, movimento que se estendeu a toda a Europa. Se foram estes, cada um a seu modo, que contribuíram em larga escala, para o desenvolvimento da escrita e da cultura, também o foram na mesma medida os que cercearam a liberdade de expressão e de informação.

A chegada da escrita foi um processo resultante de diversos factores dos quais os factores económicos se destacaram, que conduziu a um sistema baseado em trocas comerciais, contudo, promoveram-se e alargaram-se as redes de informação e de comunicação.

O conhecimento académico difundiu-se pelo império *Garb-Andaluz* através das mesquitas, das bibliotecas e das escolas islâmicas. O árabe era a língua da administração e do ensino, mas era também muito falada, não apenas pelos muçulmanos, como pelos membros de outras comunidades. É evidente que com os avanços da Reconquista esta língua foi desaparecendo, no entanto a sua influência no português foi acentuada e duradoura. A nível da cópia e distribuição de manuscritos, era muito comum, em especial, no século XI. O nível de literacia era bastante elevado particularmente nas cidades sob o seu domínio, entre as quais se encontravam Lisboa, Beja, Mértola e Silves. Atualmente a influência árabe

ainda se faz notar em algumas palavras relacionadas com alimentos, plantas, tecnologia agrícola, administração, assuntos de ordem militar e toponímia, mais relevante nestas regiões, onde a colonização árabe foi mais intensa.

A existência de um conjunto de atividades intelectuais criou a exigência do uso de uma língua tanto ao nível da oralidade como da escrita, donde a língua árabe exerceu forte influência ao nível de diversas profissões dos quais se destacavam os especialistas no Corão, os juristas, os filósofos, os matemáticos, os biógrafos-historiadores, os poetas e os músicos

O recuar no tempo em busca das origens do movimento literário da escrita, em português, é na opinião de Leonor Buescu (1965) não poder estabelecer um limite demarcatório, entre o fim do latim e início do português p. 9.

A autora refere que, após um período obscuro que precede o aparecimento dos primeiros escritos em Português, surge uma língua diferente da latina, mesclada de vestígios de diversas origens, com uma feição especial e diferenciadora em relação a outras línguas, que corresponde ao período da romanização.

O impacto da experiência romana, no nosso país, refletiu-se no desenvolvimento da cultura, do direito e da justiça, entre muitas outras vertentes, contudo ao nível das letras, verificou-se que, no interior do território, as pessoas falavam uma forma de latim vulgar que um dia iria evoluir para o português.

A investigação sobre a datação para a formação da língua portuguesa tomou o século XIII como marco inicial do *português medieval*, resultado de uma situação de contacto de línguas durante o período da Reconquista.

Reúne consenso entre os investigadores que as sucessivas mudanças, desencadeadas pelo latim vulgar, a partir da era cristã, que se prolongou até ao século IV, bem como os contactos culturais, quer com povos germânicos, quer com povos árabes e a forte influência do clero, foram os factores para que a mudança ocorresse.

No tempo de D. Afonso Henriques o português era uma língua compósita, de estrutura e vocabulário maioritariamente oriundos do galaico-português usado, no noroeste da Península, mas também derivava do lusitano e de outros dialetos moçárabes.

O território nacional foi, assim, salpicado por formas linguísticas com algumas particularidades que, ainda hoje, se fazem sentir, como seja o caso da parte Norte, onde o galego teve maior expressão, e no Centro e no Sul tivesse sido maior o predomínio do árabe, fatores que conferem alguma diferenciação linguística.

São várias as designações a que a filologia portuguesa costuma atribuir à terminologia do português, entre os quais se destaca *português arcaico*, *português antigo*, *português medieval* e *galego-português (ou galaico português)*.

Na opinião de Fernandes (1993, p. 349), estas designações correspondem a significados de contornos pouco nítidos, podendo distinguir-se uma língua vulgar e uma língua literária. Mattoso (1993, p. 366) aponta a data de 1325, como sendo a que a língua portuguesa estava praticamente feita.

O autor considera que o português é essencialmente galego-português enriquecido com vocabulário e fonética moçárabes. Expandiu-se conforme as linhas quase rigorosas da Reconquista.

A poesia foi a primeira forma de expressão que se conhece e condiz com a data do início da nacionalidade, e só posteriormente aparece a prosa.

Estas duas formas de expressão tiveram percursos diferentes, na opinião de Motta e outros (sem data), que referem que *«enquanto a poesia apresenta grande qualidade e volume, a prosa exhibe, com a sua penúria uma forma hesitante e confusa»* p. 16.

A bibliografia evidencia a figura de D. Dinis por ser o primeiro rei que determina que todos os documentos oficiais que saíssem da cúria romana, fossem escritos em português, sendo que, ele próprio, desempenhou um papel relevante, no desenvolvimento da língua e da própria cultura portuguesa.

O português tornou-se na língua exclusiva do governo secular, deixando o latim para a Igreja.

Portugal foi entre os primeiros estados europeus a adoptar esta mudança.

O português era muito usado na composição literária, tornando-se na língua preferida dos poetas, dos prosadores e da nobreza.

Os primeiros documentos em prosa são constituídos por textos de carácter burocrático, testamentos, queixas, partilhas, vendas e doações. Os mais antigos textos que se conhecem datam dos finais do século XII, uma canção de amor, texto poético (1189), e um auto de partilhas, documento em prosa (1192).

A partir do século XII as letras e as artes adquirem novo fulgor, devido à troca de mercadorias e de informações, conjuntamente com o crescimento económico da época, que vieram favorecer o acesso à alfabetização.

As crónicas que narram factos históricos, as folhas volantes e as gazetas manuscritas, que descrevem tanto acontecimentos verdadeiros como fantasiosos, tornam-se os documentos mais populares, em circulação em toda a Europa.

Em Portugal, a data do mais antigo escrito em português é do século XIII e trata-se de um manuscrito famoso conhecido como *Notícia de Torto*, destinado a ser convertido em linguagem notarial.

Depois e durante anos, a ação da Igreja e a criação da Universidade, em 1290, vieram trazer ao país, não apenas um forte incremento da produção e divulgação da língua portuguesa e do conhecimento, mas também um factor de desenvolvimento económico e social. Muito embora a Universidade tenha tido uma itinerância de quase 500 anos, entre Coimbra e Lisboa, e por vezes de muito modesta ação, representou, conjuntamente com as várias escolas monásticas e catedrais, um pólo de aquisição e difusão do conhecimento sem a necessidade de sair do reino.

A literatura refere que o clero detinha o monopólio do saber e o ensino compreendia as sete artes liberais: o *Trivium* (gramática, retórica e dialética) e o *Quadrivium* (aritmética, geometria, astronomia e música).

No século XV, pode encontrar-se os primeiros sinais da imprensa escrita, com o surgir de uma variedade de folhetos informativos, polémicos, descrevendo eventos particulares, desastres naturais, relações sensacionalistas ou fenómenos sobrenaturais. De publicação avulsa e irregular, esses eram vendidos nas ruas como grande fonte de informação sobre os acontecimentos da época.

Um pouco por todo o mundo, as cartas tornaram-se a principal fonte de informação entre as pessoas, sendo muito frequentes as trocas de correspondência entre as principais classes sociais.

Até à Idade Média, as informações eram restritas e controladas. A reprodução de textos teve início com os copistas e os escribas que, com o desenvolvimento da escrita, do pergaminho e do papel, puderam fazer cópias de textos religiosos, literários e filosóficos.

Somente no século XV foi produzido o papel maleável, permitindo a impressão de livros, sendo que a viabilização do papel conduziu a uma outra descoberta, o tipógrafo. Nessa medida, a produção da cultura foi acelerada pelo uso do papel e pela impressão em larga escala.

Sousa (2003) sustenta que o que fez detonar a explosão da comunicação foram os grandes descobrimentos, o crescimento do comércio e a invenção da tipografia.

As transações económicas entre países e civilizações diferentes diversificaram as técnicas de comunicação, de materiais e equipamentos que deram um forte impulso às oficinas artesanais de impressão e da circulação do papel.

A expansão da cultura, para além dos mosteiros e catedrais, era quase nula. Até ao século XVII, as principais escolas, anexas aos conventos e mosteiros, contribuíram para o desenvolvimento da prosa, onde foram produzidos textos pelos monges que, além da atividade religiosa e monástica, das atividades agrícolas, ainda se dedicavam ao cuidado da cultura.

Era reconhecido o trabalho dos monges na sua atividade científica e literária, sendo vulgar encontrar gravuras que representavam o labor dos monges copistas, como era o caso das Escolas da Ordem de Cister. Os monges ocupavam-se da cópia de manuscritos que refletiam a sabedoria antiga, redigiam-se tratados, escreviam-se memórias, e compunham-se obras litúrgicas. A ação civilizadora da Igreja e das Ordens religiosas estendeu-se a toda a Europa, durante toda a Idade Média, situação que se prolongou até ao século XVIII.

No nosso país os principais centros de toda esta atividade situaram-se nos mosteiros de Alcobaça, Santa Cruz de Coimbra e do Lorvão, dos quais se destacaram a *Fábrica e as Oficinas dos Monges da Ordem de Cister, no Mosteiro de Alcobaça*, que gozavam de grande prestígio nacional e grande projeção internacional.

Os livros manuscritos já geravam tanto interesse que algumas obras chegaram a ser copiadas em vários exemplares, para responder às encomendas. Era frequente observar-se a intensa atividade de artesãos e escrivãos que empunham diversas penas de aves e tinteiros, que lhes possibilitavam deixar registadas as marcas da sua vida quotidiana, muito embora, fossem as classes sociais mais abastadas, aquelas que, desde sempre, tiveram maior acesso à instrução e à cultura.

1.1 - Na senda da Tipografia

Foi a descoberta da tipografia em meados do século XV, como resultado da existência de um público em crescimento, para quem já não bastava a reprodução manuscrita de um livro, que além de pôr em evidência as possibilidades da técnica, acelerou prodigiosamente a difusão das ideias e das notícias, e constituiu-se num poderoso fator de transformação das mentalidades.

Os documentos escritos, pictóricos e de ilustração sobre a atividade marítima e a Epopeia dos Descobrimentos, demonstravam diferentes formas de comércio e de manufactura em redor do pergaminho, tecido, madeira, papiro que acarretaram uma série de vários ofícios ligados à escrita, e cujos temas versavam os costumes de outros povos, as grandes conquistas, as cópias de cartas marítimas e relatos de viagens.

De um modo geral, desenvolveu-se com grande intensidade a produção literária, sendo muito incentivada pela monarquia e por uma burguesia em ascensão.

A Universidade de Coimbra tornou-se um dos principais focos da neo-escolástica, no império espanhol e nos restantes países da Contra-Reforma.

No ensino destacou-se a ação dos Jesuítas, embora outras ordens religiosas tivessem acesso às suas cátedras. Ou seja, a imprensa mecânica veio dar solução a essa grande procura. Uma série de obras começou a ser impressa, lançando também as bases para a publicidade impressa. O livro e a imprensa tornaram-se nos novos condutores do pensamento.

Para Giovannini (1987, p. 111), (...) *o livro, com tudo aquilo que contém, envolve interesses jurídicos, económicos e comerciais, tanto mais relevante quanto mais se desenvolve o seu potencial de difusão popular (...)*. É interessante observar que o livro passou a ser o novo fio condutor das ideias, de filósofos, intelectuais e de poetas que passaram a expressar os seus pensamentos em livros, fazendo as ideias circularem na sociedade.

O surgimento da imprensa foi, segundo Sousa (2003), o primeiro passo para a democratização da cultura, tendo mesmo desencadeado técnicas de normalização da informação e a simplificação das mensagens.

As ideias renascentistas contribuíram para que esta relação com a escrita se fortalecesse. A este propósito, Giovannini (1987), destaca que não sabe se foi a impressão tipográfica que promoveu o Renascimento ou se foi a corrente cultural que favoreceu a imprensa. O que é certo afirmar é que a circulação de ideias, em grande escala, estava presente durante as grandes mudanças sociais.

Em relação ao mérito da imprensa, como fator de desenvolvimento social, Breton e Proulx (2002) e Giovannini (1987) afirmam não ser tão evidente que a imprensa tenha sido a causa das grandes mudanças sociais.

Breton e Proulx (2002) sugerem que as ideias renascentistas, que favoreceram as revoluções, são anteriores às técnicas tipográficas, tendo contribuído para o processo mecânico de reprodução de textos.

A imprensa chega a Portugal no reinado de D. João II.

De entre as várias mudanças ocorridas, em Portugal, nos finais do século XV, destaca-se o apoio do poder real ao sistema de ensino, graças à entrada de vários tutores estrangeiros ou que tinham estudado no estrangeiro que tinham como missão educar as elites da monarquia e da nobreza.

Os estudantes portugueses eram encorajados a estudar em Itália, França ou Espanha, tendo D. Afonso V e os seus sucessores destinados fundos para o efeito, D. João III chega mesmo a criar 50 bolsas, para que os estudantes estudassem em Paris.

Um pouco por todo o reino são fundados novos colégios que ofereciam um ensino universitário e sub universitário. As fontes indicam que, em 1550, em Lisboa existiam cerca de oito mil crianças a aprender a ler e a escrever em português. Contudo, o estudo do latim, do grego e o hebraico eram línguas muito difundidas.

Mas todo este progresso só era possível pelo crescente uso de materiais impressos, desde o reinado de D. João II. O rei promove a abolição dos direitos aduaneiros sobre os livros importados.

No reinado de D. Manuel I a imprensa é a nova tecnologia ao serviço do rei e da nobreza com fins administrativos, o que vai possibilitar a distribuição de mil cópias da primeira edição das *Ordenações Manuelinas*, compêndio em cinco volumes, redigida por um conjunto de especialistas em leis. As edições de mil exemplares eram muito comuns e tornavam-se muito mais baratas, se fossem produzidas em massa, do que produzir os manuscritos.

Porém, a difusão da tipografia fez-se com relativa lentidão, as primeiras oficinas eram judaicas e os primeiros tipógrafos, que se fixaram no país, eram alemães.

Assim, os primeiros documentos que se imprimiram datam de 1487, confinando-se a breves documentos oficiais, livros com caracteres hebraicos, para uso dentro da expressiva comunidade, que motivada pelo comércio marítimo, se estabelecera nas principais cidades de Lisboa e Porto.

O aparecimento dos primeiros livros portugueses impressos, que se conhecem, trata-se de um *Tratado de Confissão*, datado de 1489 (apenas descoberto em 1965); as traduções de *Vita Christi*, traduzida em 1495, seguindo-se a impressão do *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende, a *Crónica do Imperador Clarimundo*, romances de cavalaria, e outras obras de cariz patriótico, religioso e moral.

Lopes e Saraiva (1976, p. 183) fazem referência que, até 1536 a impressão de livros é escassa e como que excepcional.

O livro era coisa de difícil aquisição não apenas pela escassez de edição, mas, porque o acesso às Escolas e Universidades, era apenas reservado às classes sociais mais privilegiadas. A monarquia, a nobreza e o clero detêm o poder e, por isso, lhes é reservado a excepcionalidade do acesso à instrução, à cultura, patrocinando estas a um segmento muito restrito dos restantes grupos sociais, em prol da sua utilidade e benefício.

Saraiva (2007, p. 180) refere que o número de livros publicados sobre a antiguidade grega e romana era também muito pequeno, quando comparado com os de outros países.

No reinado de D. Manuel tornou-se obrigatório, para os moços da corte, o ensino da gramática. A partir daí, imprimiram-se cartilhas para aprender a ler, como a de João de Barros, em 1539, e a de Fr. João Soares, em 1550. O rei continuou a seguir uma política de apoio à instrução já iniciada pelos seus antecessores, o regente D. Pedro, D. Afonso V, D. João II e sua esposa a rainha D. Leonor, que tinham procurado atrair homens cultos para a corte e concedido fortes apoios às Letras. Os autores (Disney (2009) e Boxer (1968) designam a todo este fulgor de *A Renascença Literária Portuguesa*.

Todavia, o reinado de D. Manuel foi marcado por uma forte perseguição aos judeus e cristãos novos, sendo conhecida a imagem de uma enorme fogueira no Rossio, em Lisboa, onde muitos deles foram massacrados.

O monarca manda levantar as restrições de saídas do país, venda das propriedades, mas impõe a proibição da religião e dos costumes judaicos. Os livros e textos médicos escritos em hebraico foram banidos e as bibliotecas confiscadas. Estas medidas seriam continuadas por D. João III.

Antes da indústria da comunicação a «compreensão do tempo passado e de lugares distantes» fazia-se por pessoas que mantiveram contacto com essas realidades, só com o aparecimento da imprensa é que a própria História passou a ser contada de forma diferente.

A atividade marítima com o ciclo das navegações e a Epopeia dos Descobrimentos Portugueses, compunham a vida um pouco por todo o território nacional, verificando-se grande expansão da atividade comercial, mesmo relacionada com a atividade de impressão e da escrita e de manufatura em redor do pergaminho, do tecido, da madeira e do papiro.

A introdução da imprensa permitiu a produção de trabalhos mais ambiciosos: textos religiosos e legais, clássicos em latim, comentários, gramáticas, crónicas históricas, poesia e teatro portugueses. Estima-se que cerca de sessenta por cento dos trabalhos publicados no século XVI, eram em português e os restantes em latim ou espanhol.

Os vários testemunhos de toda esta atividade dão-nos a ideia da diversidade de ofícios ligados à escrita, o que possibilitaram o acesso a cópia de cartas marítimas e aos relatos de viagens que, com mais ou menos realismo ou imaginação, constituíam fonte de interesse e de elevada procura, particularmente, entre as classes sociais mais abastadas.

Foi graças a toda esta atividade e ambiente que tornaram possível a edição das grandes obras dos cronistas, dos quais se destaca Fernão Lopes e a obra ímpar de Camões com os *Lusíadas* e a importância de Alexandre Herculano, no movimento da escrita da História Portuguesa Historiografia).

A escrita entrou num novo ciclo de atividade comercial, em que a livre circulação de ideias se desenvolvia a um ritmo muito acelerado, que impunha um controlo, uma vez mais pelos grupos sociais de maior privilégio.

A liberdade de expressão é coisa a que os impressores, tipógrafos, copistas e os primeiros editores não tinham como garantia, quando comercializavam a escrita. O surgir da ação da censura, refletiu-se em todos os documentos em circulação, com exceção daqueles de raiz mais popular que, por vários motivos, conseguiam transpor as malhas apertadas do Censor, fosse ele representado pela Igreja ou pelo Rei.

Saraiva (2007) refere que, na segunda metade do século XVI, nenhum livro podia sair sem ter *três licenças: a do Santo Ofício, a do Ordinário eclesiástico na diocese respectiva e a do Paço*.

O procedimento constava do seguinte: o relator do Santo Ofício examinava o livro em manuscrito e obrigava o autor a alterá-lo, amputá-lo ou acrescentá-lo, antes de lhe conceder a fórmula «nada contém contra a Santa Fé e os bons costumes».

São demais conhecidas as consequências da Santa Inquisição e da censura religiosa, durante toda a Idade Média, em relação à produção e divulgação da cultura e da escrita portuguesa, facto que se enquadrava na prática comum em todas as sociedades europeias. O mesmo autor afirma que, (...) *desde a segunda metade do século XVI até à reforma pombalina da Censura não podemos afirmar que conhecemos o texto original de uma obra impressa, mas somente um texto ao qual os censores anuíram* (...).

A questão que prevalece é a seguinte: como é que a Inquisição conseguiu tornar-se tão poderosa e permanecer mais de dois séculos? Parte da resposta poderá ser encontrada no apoio dado pelos cristãos velhos, por uma população simpatizante, constituída por uma burguesia nova, diversos setores da nobreza, do clero e da Coroa.

A Inquisição gozava de forte apoio da família real, do alto clero e da nobreza e de um apoio esmagador das cortes e do clero mais baixo Saraiva (1969) p. 243.

A Censura produzida pela Inquisição era a grande responsável pela estagnação e a falta de informação em Portugal.

O livro, como ferramenta essencial ao ensino, era revisto, carecia de aprovação e só depois seria utilizado pelo mestre, pela escola ou pela Universidade.

O renome de certos mestres faz atrair a algumas cidades grande número de estudantes que, associando-se aos professores, formavam corporações culturais/ universidades, sendo esta, uma das circunstâncias, que resulta na produção e edição de livros e obras impressas.

O ensino universitário jesuíta, que se destacara no panorama nacional como de qualidade, foi decaindo à medida que se aproximava e avançava o século XVII. Esta situação fez-se sentir, não apenas ao nível do ensino, mas também ao nível da publicação de livros.

Um pouco por todo o país, particularmente nos grandes centros universitários, surge um outro tipo de bibliografia em alternativa à publicação de livros, tratando-se de um tipo de documentos conhecidos por *Postillas*, que pretendiam manter o ensino razoavelmente atualizado e eficiente (...) *convertendo-se os tratados universitários em manuais, e estes em postillas sem autoria responsável, equivalentes às sebatas no nosso tempo (...)*, Lopes e Saraiva (1976, p. 187).

Foi este género de documentos que tiveram bastante sucesso, como uma das formas encontradas para fazer face à escassez de impressão. Houve que encontrar outras formas mais baratas, mais acessíveis e mais sintéticas que facilitassem a vida académica de mestres e alunos.

Os livros, os jornais e as revistas sendo os veículos que transformam a civilização, porque promovendo a mudança da esfera pública e da cultura, vão tornando possível o contacto mediado com a história, mesmo com a história recente, eram ao tempo, muito raros, difíceis de obter e por isso bastante dispendiosos, particularmente na sociedade portuguesa.

Nos capítulos seguintes retomaremos a referência a este género de documentos, particularmente no que respeita à *Postilla Religiosa*, publicada em 1741, bem como aos Manuais e às Sebatas, porque também eles constituíram a história da bibliografia, utilizada pelos docentes e alunos no ensino de enfermagem, no nosso país, e que vamos encontrar três séculos mais tarde.

1.2- O Jornalismo Português e a Censura

As mudanças político-sociais são creditadas à circulação de impressos, o que veio a favorecer a Revolução Francesa e a ascensão da burguesia, sendo determinante, na Europa, para o estabelecimento do Estado Democrático e da ordem social.

Os filósofos da época – Voltaire, Montesquieu e Rousseau – eram os grandes entusiastas da divulgação e das trocas de ideias. Neste período formalizou-se o conceito de enciclopédia, que propunha reunir os conhecimentos acumulados à época.

O fim da censura prévia na imprensa, é comum encontrar-se nos ideais expressos na Revolução Francesa, o ideário assente na trilogia revolucionária – igualdade, liberdade e fraternidade – fazem imergir a importância e a necessidade de uma imprensa livre e democrática.

Contudo, a imprensa europeia luta com problemas de ordem económica e tecnológica, para além dos motivados pela periodicidade irregular de muitas publicações mercê da vigência da censura prévia imposta pela Igreja e pelos Estados absolutistas.

No entanto, a liberdade de imprensa não é de forma alguma, uma actividade ilimitada. Ela está sujeita a regras e a exigências por parte dos seus profissionais que têm compromissos para com a sociedade.

Kunczic (1997), afirma *que não se deve esquecer que a batalha pela liberdade de expressar uma opinião não foi a luta pela liberdade de imprensa dos jornalistas, mas sim pelo direito do homem comum de falar o que pensa.*

Melo (1985) sublinha que o jornalismo autêntico com periodicidade regular, contínua e livre, só surge de facto com a ascensão da burguesia ao poder e o fim da censura prévia.

Lage (2002) sustenta que três factores foram fundamentais para derrubar a censura: o surgimento de um mercado de massa para os jornais, decorrente do processo de alfabetização crescente, que elevou os trabalhadores à categoria de leitores e formadores de opinião; o desenvolvimento do processo de impressão, que transformou o fazer jornalístico numa indústria; a cobertura dos custos dos jornais pela publicidade, ajudando a firmar ainda mais o conceito de jornal-empresa.

Entre nós, a situação mais favorável ao derrube da censura foi a Revolução do 25 de Abril de 1974, em que os factores de alfabetização, de leitura e o desenvolvimento da indústria do audiovisual concorreram para consolidar essa conquista.

A investigação realizada por Tengarrinha (1989); Rodrigues (1999); Traquina, Nelson e outros (2001); Sousa (2003); Matos e Lemos (2006); Correia e Baptista (2007) e Cascais (2008), acerca de a história, ensino do jornalismo e a profissão de jornalista, não é muito consensual quanto à atribuição de marcos e etapas muito precisas, para o percurso jornalístico.

A este propósito, Tengarrinha (1989, p. 17), divide a história da imprensa periódica portuguesa em três períodos ou épocas: a 1ª época, os primórdios da imprensa periódica em Portugal (da Gazeta de 1641 à Revolução de 1820); 2ª época: a imprensa romântica ou de opinião (da Revolução de 1820 a fins do terceiro quartel do século XIX); 3ª época; a organização industrial da imprensa (desde o último quartel do século passado aos nossos dias).

Enquanto isso, Rodrigues (1999, p. 73), considera quatro períodos; o que decorre entre 1865 a 1933; o que corresponde ao Estado Novo, entre 1933 e 1974; o do período revolucionário, entre 1974 e 1977, e o que existe atualmente desde 1977.

No entanto, Matos e Lemos (2006, p. 30 apenas dividem o período em dois, entre o fim do século XIX e o 25 de abril, separados pelo 28 de maio de 1926. Enquanto Correia e Baptista (2007, p. 21), situam a evolução histórica desde a segunda metade do século XIX até ao 25 de abril e dividem-na em dois grandes períodos: do fim de 1864 a 1933, e de 1933 a 1974.

Não obstante, sobre estas opiniões, a literatura refere como primórdios da imprensa periódica ou 1ª época (Tengarrinha, 1989), um estudo efetuado por Sousa (2003, pp. 1-2), sobre duas publicações seiscentistas – As Relações de Manuel Severim Faria, de 1626 a 1628, e a Gazeta da «Restauração», de 1641 a 1647. Estas representam os primeiros passos para a solidificação da ideia de que o país precisava de publicações noticiosas, capazes de «iluminar os espíritos, pelo menos os das elites instruídas de cariz noticioso, que incluíam abundante informação internacional».

O surgir destes dois títulos, numa época em que Portugal tinha perdido a sua independência e se encontrava sob o domínio Filipino, merecem, ainda hoje, destaque no panorama do jornalismo e da escrita portuguesa.

Sousa (2003, pp. 2-4), relativamente à primeira publicação tipifica-a como uma espécie de anuários noticiosos, coletâneas de notícias sobre acontecimentos num determinado período. Em relação à Gazeta classifica-a como de um jornal, dirigido ao público em geral, sendo considerado o primeiro jornal periódico português que reivindicou, justificadamente, a denominação de gazeta, tratando-se de uma publicação noticiosa mais frequente e barata com poucas páginas e não encadernada.

Este tipo de jornalismo distinguia-se por ser policromático, coexistindo publicações impressas e manuscritas e politemáticas, ocasionais e periódicas.

Após estas tentativas, outras surgiram com as primeiras impressões sobre acontecimentos nacionais e internacionais, entre as quais se incluem três tipos de impressos: as gazetas, os pasquins e folhetos que apresentavam notícias sobre as desgraças alheias e os libelos, folhas de carácter opinativo. Foi através da combinação, destes tipos de impressos, que resultou o jornalismo.

De início, os jornais dedicavam-se a assuntos de ordem literária e cultural, alargando-se para questões de interesse social e político. A novidade do interesse jornalístico pelas questões do quotidiano teve grande impacto social, gerando uma procura excecional por essas informações. Alguns dos jornais aumentavam as suas tiragens para satisfazer a curiosidade dos leitores.

O investimento para editar um jornal era pequeno, a redação contava com duas ou três pessoas, e os leitores pagavam pelo papel e pela tinta gasta na impressão e ajudavam a compor o capital do jornal, para favorecer a sua circulação.

Quando o âmbito do jornal exigia mais mão de obra eram contratadas pessoas que traduziam e processavam as notícias, situação que se pode caracterizar pelo surgir de uma nova profissão a de jornalista ou mais concretamente de «gazeteiro». Sousa (2003, p. 3).

Os autores consideram que a arte de contar histórias é muito característica do jornalismo, existindo desde sempre ao longo da evolução humana. Contudo, a publicação regular das publicações tem origem a partir da segunda metade do século XVI, enquanto a origem dos jornais modernos situa-se nas duas primeiras décadas do século XVII.

Em Portugal, a sua origem é um achado que corresponde ao aperfeiçoamento das técnicas de impressão e numa época em que as notícias passaram a oferecer aos jornalistas e leitores maior confiabilidade.

O sucesso da imprensa ficou a dever-se a uma multiplicidade de factores, desde o aperfeiçoamento contínuo das técnicas de tipografia, à diminuição dos custos e ao aumento das tiragens (que estimulou a leitura), ao incentivo, à instrução e ao gosto de ler, motivado por livros, revistas e jornais, ao aumento da curiosidade e da vontade de adquirir conhecimento sobre assuntos do mundo em geral.

A industrialização e a consequente mecanização tornaram o processo de impressão mais rápido, barato, dinâmico e revelaram-se como agentes de consolidação do jornalismo.

A curiosidade dos leitores, face ao interesse que lhes despertavam as notícias estrangeiras, foi suportada por uma rede de circulação de registos e conhecimentos, que beneficiava da expansão das redes de transportes, do aperfeiçoamento dos correios e do cosmopolitismo de observadores das mais diversas proveniências, que trocavam entre si informações.

Observa-se que a visão teocêntrica do mundo vai sendo substituída pela visão antropocêntrica, como destaca Sousa (2003), constituindo as temáticas das várias esferas da vida pública preferenciais para editores e jornalistas.

O espaço público gerou uma procura pela troca de informações, intensificada cada vez mais pelo acesso da população à leitura e à escrita. Sobre este conceito Habermas, considera-o como um espaço público, ou esfera pública, sendo o local “onde se formam as opiniões e as decisões políticas e onde se legitima o exercício do poder” Sousa (2003, p. 51).

Os debates, que estavam na rua, passam a ser mediados pela imprensa periódica, esta emergindo da esfera pública, revestiu-se de importância especial e tornou-se num espaço para a burguesia discutir, entre si, assuntos relacionados com a sociedade civil. Porém, foi o Estado que abriu caminho para uma informação mais especializada, exigindo novas formas para a exposição de ideias. Surgem as grandes academias, as bibliotecas e sociedades, onde se debatem ideias, uma vez mais circunscritas a uma elite intelectual.

Todavia, a este propósito Traquina, Nelson e outros, (2001, p. 11), consideram uma quase ausência de «espaço público de discussão que marcou as sociedades europeias dos séculos XVIII e XIX.

Com o despertar publicamente do espírito científico do século XVIII, as publicações periódicas, ligadas a academias científicas e à universidade, desenvolveram-se com grande difusão, como resposta aos progressos das ciências e para satisfazer um público que, cada vez mais, demonstrava o seu interesse e curiosidade por diferentes matérias científicas, económicas e políticas.

Era ainda recente, a história do jornalismo, no nosso país, aquando do Terramoto de Lisboa, a notícia da maior catástrofe nacional daquele 1º de novembro de 1755. A enormidade dos acontecimentos e das suas consequências suscitaram, na opinião pública de inúmeros países europeus, uma novidade no contexto da modernidade cultural do Século das Luzes, Araújo, (2005, p. 59).

Foi durante o reinado de D. João IV que se começou a publicar a *Gazeta de Lisboa*, primeiro jornal português noticioso e político. No início tratava-se de um periódico mensal, dizem os historiadores que era usado pelo próprio rei para difundir as suas crónicas. Este jornal depois de várias interrupções aparece outra vez em 1704, sendo que se transforma

no principal meio da imprensa periódica que relata os acontecimentos da grande catástrofe que assola Lisboa em 1755 – O Terramoto de Lisboa.

A *Gazeta de Lisboa* começou a editar notícias periodicamente em português, e apresentava-se, desde 1715, como capaz de reestruturar uma paisagem informativa que já existia. Passados 40 anos era naquele fatídico ano de 1755, o único jornal que se publicava, em Lisboa, e como tal, aquele que poderia relatar os factos e suas consequências. E ainda, porque à semelhança de outros jornais da Europa, privilegiava entre outras notícias, as catástrofes naturais, tal como o fizera anteriormente.

Apesar de a destruição generalizada dos edifícios e equipamentos verificada no centro de Lisboa, a *Gazeta de Lisboa* sobreviveu. Contudo, em Portugal, a cobertura noticiosa do sismo não esteve à escala dos acontecimentos.

As notícias divulgadas por este órgão foram bastante lacónicas, os relatos prudentes e de forma contida, contrastavam com o acontecimento que maior divulgação teve nas páginas dos principais jornais à escala mundial, e era assim, que mesmo, ainda passados alguns meses, estes periódicos vendessem desenfreadamente notícias sobre o terramoto de Lisboa Araújo (2005, p. 58).

A autora sugere que os acontecimentos ocorridos, vinte anos atrás, tiveram uma maior cobertura, atribuindo este ao facto do jornal apenas publicar com privilégio real. O que sugere que, ao acontecer, seria muito provável que tivesse recebido instruções, no sentido de acalmar os leitores, travando a onda de alarmismo que se começava a formar – Araújo (2005, p. 66).

Na época (século XVIII), a escrita apresentava um traço comum, dando relevo a ocorrências naturais registadas em diferentes países e continentes. Por isso, mereciam maior destaque sobre outros acontecimentos relacionados com a memória de figuras ilustres, factos relevantes da história das monarquias, revelações da vida da Corte, acontecimentos internacionais.

Pode dizer-se que com o século XIX, se entra numa outra era do Jornalismo, com efeito este século transporta uma viragem nas redes de comunicação, não só devido ao alargamento da intensa atividade marítima, dos séculos anteriores que, quando associada às recentes inovações tecnológicas e de redes de meios de transporte, favorecem maior acessibilidade e rapidez de circulação de pessoas e mercadorias. As inovações tecnológicas, além de contribuírem para o crescimento e desenvolvimento social, colocam o país na rota dos países europeus, mercê dos avanços, nos quais se incluem a linha férrea, as redes de estradas nacionais, o telégrafo e o telefone e as manufacturas dos têxteis e do cultivo dos campos.

Desenvolvem-se e crescem as editoras, aparecem as primeiras livrarias, a intensa atividade intelectual a diversidade de livros, jornais, associados à grande procura dos leitores, transformam as notícias e as informações em assuntos do seu quotidiano, num movimento à escala global.

Em meados do século XIX, a atividade industrial, em Lisboa, era incipiente, todavia, entre as indústrias com maior número de trabalhadores encontravam-se as relacionadas com a produção de papel, a tipografia e a encadernação. Em 1840, o papel passou a ser produzido a partir da resina das árvores, reduzindo o problema da escassez de material para sua produção.

Com estes, símbolos das novas sociedades, que se tornam mais alfabetizadas e letradas, a impressão periódica apresentava um crescimento e desenvolvimento, de 2 para 6%.⁴

A indústria de papel chega a produzir vários tipos de papel, mas apenas o papel para impressão de jornais conseguia ser competitivo para efeitos de exportação, o que desencadeou uma onda de protesto entre os setores da indústria do papel e da tipografia, que reclamavam a barateza do papel importado. Mata (1999, p. 135),

Muito embora, os índices de alfabetização tivessem melhorado, no entanto, continuavam a apresentar em Portugal proporções muito baixas (21%). De entre os setores industriais com maior sucesso, o do papel, tipografia e encadernação eram os que requeriam mão de obra alfabetizada. A autora escreve que, em 1890, 95% dos seus ativos em Lisboa sabia ler (p. 137).

Na segunda metade do século XIX têm início as primeiras inovações conduzidas pela imprensa portuguesa. O jornalismo transforma-se numa atividade de divulgação de informações voltadas para o público, de forma mediada, periódica e organizada. Por um lado e à luz da democracia, os jornais tinham como missão particular, a vigilância e o controlo do Estado, bem como das organizações privadas de interesse particular, por outro lado a nova lei de imprensa tentava fazer face aos sucessivos ataques contra o governo e a monarquia.

O contexto sócio-político dos finais deste século foi marcado pelos acontecimentos do Ultimato Inglês, em 1890, no reinado de D. Carlos, o que representou a tentativa do governo inglês de estabelecer um Império Britânico do Cabo ao Cairo.

A consequência disso foi a alteração das fronteiras que o Império Português detinha em África, particularmente, entre Angola e Moçambique. Para isso concorrera o movimento colonialista que se verificava por toda a Europa, em resultado da forte industrialização.

⁴ MATA, Maria Eugénia - Indústria e emprego em Lisboa na segunda metade do século XX, 1999, p. 131 in: Ler História 37 As origens Históricas do Estado Providência Perspectiva Comparada. Lisboa : ISCTE., pp. 127-146

As notícias dos jornais denunciavam a passividade que as instituições portuguesas manifestavam em relação ao comportamento do governo inglês, que com a assinatura do referido Tratado era considerado um forte revés da Diplomacia Portuguesa e uma humilhação para toda a Nação Portuguesa. Contudo, também nesta matéria, as liberdades de reunião e de associação foram cerceadas em nome da paz social.

A situação social e económica portuguesa era marcada pela instabilidade governativa e financeira, caracterizando-se por baixos índices de desenvolvimento e crescimento, em que 6% da população activa trabalhava no setor primário e em que o setor industrial apresentava uma dependência do exterior relativamente às matérias-primas, muito embora estivesse sob a égide de uma franca expansão.

É neste clima que se movimenta a sociedade portuguesa mais ilustrada e frequentadora de conferências, de recitais de poesia e de música, de clubes, apreciadora da literatura e das ciências. É uma elite que tem acesso a um conjunto de atividades culturais que se distingue das demais camadas sociais, que lutam pela subsistência do quotidiano.

Algumas destas instituições patrocinadas pela intervenção do rei, dos nobres e dos políticos dão origem a uma dinâmica cultural que se destaca na fundação das Academias de História e das Ciências, de museus, de escolas, de bibliotecas e do Teatro Nacional, em Lisboa.

De um modo geral qualquer atividade cultural distinguia-se pela necessidade de participação na esfera pública, sendo que para isso não tem dificuldade em concretizar esse objetivo, pois encontra à sua espera um público exigente que se define pelo debate de ideias, pela capacidade de escrever e de argumentar.

É neste clima cultural que surgem as bibliotecas de empréstimo, mediante subscrição, chegando as mesmas a atingir cerca de duas dezenas de milhar de volumes.

No campo da cultura o país gozava de uma situação bastante mais desafogada, graças à intervenção da realeza na proteção às diferentes atividades artísticas que se iam desenvolvendo por todo o país com forte incidência na capital portuguesa.

A influência da europeização da cultura e das elites intelectuais conduzia à produção de abundante literatura de natureza histórica ou de temas da atualidade, os quais figuram nas páginas dos jornais e revistas da época.

Alexandre Herculano e Almeida Garrett são os grandes personagens deste movimento literário «romântico», dando origem a uma «nova literatura» ao mesmo tempo «científica e nacional».

Todavia, outras figuras das letras portuguesas entre as quais, Antero do Quental, Teófilo Braga, Ramalho de Ortigão, Eça de Queirós, Oliveira Martins, Adolfo Coelho e Alberto Sampaio, viriam a desempenhar um papel decisivo no debate das ideias, ficando conhecidos como a *Geração de 70*. As críticas literárias e políticas veiculadas nos jornais, nas revistas literárias e nos debates, entre os seguidores de diferentes correntes de opinião pública, inflamaram largas páginas da nossa literatura.

A par da literatura, também o teatro, a música, a pintura e o jornalismo literário e de cariz político eram expressões artísticas em franco desenvolvimento, dos quais a família real e as elites intelectuais assumiam o maior protagonismo.

O jornalismo, de finais do século XIX, e início do seguinte, caracteriza-se pela transição de ordem social, cultural e profissional, ganhando maior importância o jornalismo factual, em detrimento do jornalismo partidário – Santos (2006, p. 102). Neste panorama destaca-se o *Jornal Novidades* (1885-1913), muito apreciado por uma certa elite social, constituída por intelectuais e artistas, particularmente os de meios mundanos e políticos. Os progressos da imprensa facilitaram a popularização do jornal, eram frequentes imagens e notícias de convicções republicanas e outras de carácter elitista em torno das *soirées*, das festas e dos encontros mundanos, atingindo grande sucesso mediático.

De toda a conjuntura, dos finais do século XIX, no plano jornalístico, muito contribuiu a fotografia, a tecnologia importada por fotógrafos franceses e ingleses que, um pouco por toda a cidade de Lisboa, abriam os seus estúdios, muito procurados por uma certa elite intelectual.

Santos (2006, pp. 90 e 103) relata que os géneros jornalísticos, que mais atraíam a atenção dos leitores, estavam nas secções mais emblemáticas, os artigos de fundo, as «notas soltas» ou os casos do dia.

No plano sócio-político o século XX foi marcado por transformações estruturais que, embora lentamente, alteraram a vida social portuguesa.

Alguns dos indicadores sócio-demográficos que caracterizaram o país na primeira metade do século XX, representam o estágio de desenvolvimento, que se atingiu.

Segundo Ramos e Monteiro (2009, p. 596) ⁵ em 1910 dos 5,9 milhões de portugueses, cerca de 34,4% tinham menos de 14 anos, a mortalidade infantil diminuía de 209 por mil para 173, em 1920. A taxa de escolarização que aumentara de 22,1% para 29,3% de 1900 a 1910, quase estagnou até 1920. O analfabetismo da população maior de 7 anos era de

⁵ RAMOS, B. V. e MONTEIRO, Nuno G. - História de Portugal 3ª ed. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2009, p. 596. ISBN 978-989-626-139-9

70,3% entre 1900-1910 e de 66,2% na década seguinte. O número de alunos que frequentavam os liceus aumentara 12%, no período de 1911 a 1917.

Na segunda metade do século XX, 57% da população ativa ocupava-se da agricultura e 80% vivia em vilas aldeias e casais de província.

Em apenas dois anos (1910-1912) emigraram para o Brasil 3,7% da população, sendo considerado o maior êxodo antes de 1960.

Em relação à economia, a grande divergência entre Portugal e os outros países europeus foi considerada como a maior dos últimos 200 anos.

No que respeita ao desenvolvimento dos *Mass Media* o século XX foi considerado como o século de contradições. Por um lado, assistiu-se a grandes mudanças sociais e políticas, e a um grande *boom* do jornalismo e da sofisticação do áudio visual. Intensificam-se as comunicações, graças ao desenvolvimento tecnológico, em todas as esferas da sociedade. No entanto, por outro lado, este período foi marcado pela ação da Censura e do regime autoritário que minaram as relações entre os cidadãos e o Estado.

O século iniciou o seu ciclo marcado pela convulsão entre monárquicos e republicanos, conduziu a uma circulação de notícias e acontecimentos propagandísticos ao serviço das várias facções.

Surgiram no espaço nacional as indústrias impressoras, que tinham grande azáfama, para satisfazer um público cada vez mais exigente, e que caminhava para uma tímida alfabetização, mas nem por isso menos ávido de notícias de todo o império.

Para ilustrar esta imensa atividade jornalística, um pouco por todo o mundo, Blainey, Geoffrey (2009, p. 38), afirma que (...) *o volume de papel que circulava num dia normal do começo do século XX tornou-se provavelmente cem vezes superior ao de um dia normal de há um século atrás (...).*

A 1ª República, coincidente com a 1ª Grande Guerra (1914-1918), veio aumentar o interesse dos leitores pelas notícias do estrangeiro na cena de guerra, dominando estas, mais do que as de carácter nacional, mesmo que o país se tivesse manifestado politicamente neutral. Todavia, esta atitude não é inédita, pois que o mesmo acontecera aquando do Terramoto de Lisboa, o que sugere um alheamento dos jornalistas portugueses pelos acontecimentos nacionais.

A mudança na forma de fazer jornalismo ocorre graças à publicação do *Diário de Lisboa*, no ano de 1921, iniciando um novo período no jornalismo português, pelas técnicas utilizadas, na redação, na seleção noticiosa e temáticas tratadas, a que os autores designam

por (...) *rejuvenescimento do jornalismo verificado na década de 20* (...) Blainey, Geoffrey (2009, p. 57).

A data de 29 de julho, de 1926, representa para a sociedade portuguesa uma época de obscurantismo, pelo atentado contra a liberdade de expressão e de comunicação. Estas veem-se confrontadas com a pesada interferência da Censura, bem como a ingerência do governo nas indústrias de impressão e editoras jornalísticas, sendo as grandes responsáveis por matérias pouco interessantes e de baixa qualidade dos jornais, nas décadas de 30 e 40, Correia e Baptista (2007, p. 51).

A Censura é a grande responsável pelo clima de medo e de intimidação que se apodera de toda a sociedade portuguesa.

No que se reporta à atividade jornalística ela é afetada pelas medidas restritivas de liberdade de expressão e de comunicação, colocando em causa a sua própria sobrevivência, assim como de todo um conjunto de pessoas que gravitam à sua volta.

As diversas colaborações em jornais, na escrita, no cinema, na música, no teatro e nas artes plásticas, desdobram-se em diversas tarefas e empregos como forma de auferir um salário condigno. São elas que ocupam um papel relevante na cultura e que adicionam um conteúdo mais intelectual e internacional às notícias e comentários jornalísticos, obedecendo às exigências do regime.

Trata-se de um período muito conturbado, em que as relações entre cidadãos e poder político resultam em inúmeras rusgas, destruição de instalações de editoras, sedes jornalísticas, apreensão e cancelamento de publicação de jornais, revistas, livros. Deste modo, toda a empresa livreira e editorial estão em risco, exceção para aquelas de apoio ao regime.

Um pouco por todo o país vive-se um clima marcado pela luta clandestina no apoio aos presos políticos, tornando-se num dos factores agregadores e de solidariedade contra o regime repressivo, ao mesmo tempo como resistência à Censura.

O encerramento de empresas de imprensa e jornais e condenação dos seus responsáveis, a prisão e pesadas penas, apresentaram fortes condicionamentos à produção da escrita e, de um modo geral, a toda a atividade cultural do país.

Os acontecimentos políticos, as notas oficiosas e os eventos oficiais, mereciam grande destaque nas colunas dos jornais, em que a escrita utilizada era feita de forma acrítica, recheada de imagens de retórica jornalística, de elogio e de propaganda política.

O ritual de um jornal era constituído pelo envio diário das provas para a censura, até que a sua devolução e substituição estivesse de acordo com os cortes, às vezes parciais, às vezes totais, definidos a lápis azul nas provas tipográficas que os jornais eram obrigados a enviar aos censores antes da publicação - Correia e Baptista (2006, p. 26).

Os autores caracterizam o período de 1926 a 1933 como o mais sombrio da história do jornalismo português por corresponder ao golpe militar de 28 de maio e a promulgação da Constituição salazarista que, na prática, legalizava a ditadura, instituía as bases do que viria a ser o corporativismo fascista e punha termo às liberdades democráticas – Correia e Baptista (2007, p. 45).

A literatura aponta-nos que, neste período, é possível, detetar um antes e um depois que, em rigor, se inicia na segunda metade da década de 50 e se prolonga até 25 de abril de 1974.

Até aos anos 50, o país manteve-se socialmente estabilizado, em três sectores de atividade, que impediam a mobilidade social dos estratos sociais mais baixos. Os assalariados agrícolas raramente ascendiam na escala social. O que, numa sociedade sem indústria e com um sector terciário pouco expressivo, baseado na promoção profissional de relações de favoritismo político e de concessões pessoais, resta a emigração aos trabalhadores rurais e operários, como solução para a sobrevivência.

A partir da década de 50 o crescimento do sector secundário criou alguma mobilidade social, que desencadeou uma evolução positiva também nos índices de analfabetismo, com a redução de 55%, em 1950, para 35%, em 1969 – Correia e Baptista (2007, p. 61).

É evidente que as taxas de alfabetização produzem maiores índices de procura de jornais e revistas e maior exigência dos leitores relativamente à qualidade de conteúdos e apresentação gráfica.

Os anos entre meados na década de 50 e o final da década de 60 constituíram um período com características especiais, marcados pela introdução e inovações nas formas de pensar e fazer jornalismo, que os anos posteriores aprofundariam. Esta maior procura jornalística deveu-se aos movimentos católicos progressistas, às crises académicas, aos primeiros movimentos partidários na clandestinidade, e aos movimentos populares em redor da campanha à candidatura do general Humberto Delgado, que concorria às eleições presidenciais. Estes factos, para além de se tornarem parte importante da resistência política ao regime, também representaram um movimento de contestação ao nível cultural, público e cívico, o que dá origem ao aparecimento de editoras, de revistas, de jornais e de folhetos, que vieram a se revelar bastante intervenientes na divulgação doutrinária dos valores e da cultura.

As crises académicas das Universidades de Lisboa, de Coimbra e do Porto, dos anos 60 (61-62; 65 e 69), cujas reivindicações começaram por se situar em torno da autonomia universitária e dos direitos dos estudantes, desencadeiam uma onda de detenções e expulsões, que conduzem à decapitação do movimento associativo estudantil Cabrera (2006, p. 19).

Contudo, estas situações geram uma procura de outras informações e notícias nacionais e estrangeiras, que contribuíssem para um aumento da consciência cívica e política, para que respondesse aos ideários da liberdade de expressão e de comunicação. Foram movimentos como estes que produzem uma onda de intervenção, que se alastrou a toda a imprensa clandestina, paralela ao jornalismo.

O clima político, que se criou em torno da morte de Salazar, ao invés de corresponder a uma mudança conjuntural da vida social, manteve as clivagens sociais, não obstante, alguns pequenos sinais ao nível da retórica política.

Uma onda de esperança e de certo otimismo varre todo o país com a alternância governativa da subida de Marcelo Caetano ao poder. Esta situação cria uma nova expectativa, sendo entendida como mais favorável a um clima mais desanuviador, menos intimidatório e de aparente abrandamento das medidas repressivas no campo do jornalismo. E assim, o meio jornalístico aproveita a oportunidade para colocar na ordem do dia a questão da liberdade de Imprensa.

Porém, a «primavera marcelista» não corresponderia a essa onda de otimismo que se criara. A situação não muda e a crise anterior vai continuar a fazer sentir-se com repercussões em toda a Imprensa, no período a seguir a 1972 e 1973 em diante, onde a grande parte dos efeitos nas redações dos jornais, só vão ser visíveis a seguir ao 25 de abril Cabrera (2006, p. 20).

O início da década de 70 é marcado pela intervenção dos deputados Sá Carneiro e Pinto Balsemão, da ala liberal da Assembleia Nacional, que apresentaram um projeto de lei da Imprensa que reduzia significativamente o âmbito de atuação da Censura, Correia e Baptista (2006, p. 26).

Todavia, só passado dois anos é que foi publicado o Decreto-Lei 150/72 de 5 de maio, (...) *que fez desaparecer (teoricamente) a censura, passando a existir «uma nova tipologia» de decisões censórias, com «visto» e «autorizado com cortes», «suspense», «demorado», ou «proibido (...)*

A nova legislação determina (...) a proibição das publicações estarem sujeitas ao «exame prévio». Os jornais ficam proibidos de escrever «visado pela censura», que se publica pela última vez no cabeçalho dos periódicos nacionais (...) – Correia e Baptista (2006, p. 26).

A literatura está repleta de situações documentadas que revelam o quanto foi drástica as consequências da Censura, até à Revolução do 25 de abril de 1974. O ciclo do jornalismo censurado encerra-se com a Revolução, iniciando-se um novo jornalismo livre, caracterizado numa primeira fase, por uma onda avassaladora que varre toda a imprensa nacional e regional. Durante este período não falta assunto para incluir nas páginas dos jornais diários, vespertinos, semanários e nas revistas de cariz social. As temáticas noticiosas dirigem-se para assuntos relacionados com a Democracia; a liberdade de imprensa e de expressão; o fim da guerra colonial e a descolonização; a libertação dos presos políticos; o regresso dos exilados políticos; as nacionalizações; o regresso das pessoas vindas do Ultramar, entre muitas outras situações.

Pode dizer-se que, nos primeiros anos, a seguir ao 25 de abril, a Revolução está nas ruas, tal como na imprensa periódica, que desafiava os leitores a um volume de consumo nunca antes visto.

No panorama mediático apareceram vários jornais diários e semanários, para além dos que já se editavam em Lisboa, no Porto e em Coimbra, e de alguns de cariz regional, contribuindo para o alargamento da rede de impressão e de mercado, por vezes excessiva para o espaço nacional.

Contudo, as mudanças ao nível da imprensa não se restringiram apenas ao carácter político, também a imprensa desportiva e as publicações sociais desempenharam um papel relevante, como espaço social de consciencialização cívica, de entretenimento e reveladoras de algum cosmopolitismo.

Esta medida expansionista verifica-se, por um lado, pela criação de jornais e empresas jornalísticas, alguns de distribuição gratuita, e por outro, pelo encerramento de outras de conotação política com o regime anterior.

Neste percurso a indústria editorial ampliou a sua ação, numa primeira fase diversificou a sua atividade a jornais e revistas, alargando-a numa segunda fase à liberalização do áudio visual, da rádio e da televisão.

O final do século XX, e esta primeira década do século XXI, apresentam um rápido desenvolvimento nas áreas de imprensa e do áudio visual. Dá-se uma explosão das tecnologias informáticas, porém, nem sempre movida por objetivos muito claros. A revolução do audiovisual, bem como da informática inflête-se na esfera da vida social, e a globalização impõe-se aos poucos.

Serrano (2004, pp. 131-132) enumera como acontecimentos que revolucionaram a imprensa periódica nacional:

- Revolução 25 de abril de 1974;

- Privatização da imprensa a partir de 1986, que assinalado pelo aparecimento do jornal *O Público* em 1991;
- Globalização da comunicação (1986), com a criação de empresas multinacionais de publicidade, que permitiu a acumulação de massa crítica no mercado publicitário;
- Adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia em 1986;
- Adesão às novas tecnologias (Internet);
- Entrada na bolsa de alguns produtos média (1994, 2000 e 2004);
- Realização da Expo 98.

Mais recentemente outros acontecimentos como o 11 de setembro de 2001 e a crise financeira, económica e social a nível mundial fizeram disparar a imprensa periódica à escala global.

Porém, a atitude ética jornalística é bastante discutível, muitas vezes baseada no imediatismo e sensacionalismo noticioso, o que transforma o jornalismo em jornalismo/espectáculo, visível nas parangonas trazidas às primeiras páginas, acompanhadas quase sempre por imagens chocantes. São na maioria da vezes estas engenharias empresariais, económicas e consumistas, que conduzem a comportamentos jornalísticos pouco éticos e profissionais. É bem notória a concorrência dos diferentes produtos de comunicação, sejam eles a Internet, redes sociais, a imprensa periódica, a rádio, a televisão, contra a imprensa jornalística séria.

Mas, será que vale tudo?

Será que os direitos de liberdade de expressão e de comunicação não se encontram subvertidos aos interesses empresariais, de *marketing*, económicos e de guerras de tiragens e de audiências, que em muitas áreas, ultrapassaram os níveis da razoabilidade social?

Será que não existe espaço para uma imprensa jornalística? Livre? Democrática? Informativa? Pedagógica? Que possa de algum modo contribuir para melhorar o nível de *performance* de literacias essenciais ao bem-estar e qualidade da vida humana?

Ao concluir o presente capítulo, fica a ideia de que muitas outras ocorrências ficaram por apresentar, o que não quer dizer que não tenham desempenhado um papel relevante no desfecho do desenvolvimento da escrita, da imprensa e do jornalismo, mas por não fazerem parte do contexto da investigação, ficaram por desvendar.

O propósito deste percurso muito genérico, temporalmente extenso, constituído por breves referências sobre a escrita, a imprensa, o jornalismo, foi enquadrador do contexto da divulgação do conhecimento e da profissão de enfermagem, no conjunto de revistas

profissionais, ligadas a Associações Sindicais e Organizações Profissionais, Escolas, Instituições de Saúde, Editoras e Autores destinadas a um público-alvo controlado.

Nos capítulos seguintes, daremos mais realce ao conteúdo da bibliografia publicada pelos enfermeiros portugueses, no sentido de apresentar a trajetória histórica, desde as suas origens até à primeira década do século XXI.

CAPÍTULO 2 – ENFERMAGEM PORTUGUESA UMA HISTÓRIA COM HISTÓRIA: Origens e Perspetivas

O presente capítulo pretende apresentar as origens e perspetivas da Enfermagem através do pensamento dos autores portugueses cujos documentos, a maioria constituídos pelos artigos publicados nos periódicos, que foram submetidos a análise, entre os quais citamos: Sousa (1941); Mello (1943); Cunha Teles Dantas (1958); Forjaz; (1964); Pereira (1990); Filipe (1993); Dinis (1996); Salgueiro (1999); Franco (2001); Mendonça (2002); Pedrosa (2002) e Botelho (1998); Sebenta Enfermagem Preliminar da Escola Artur Ravara, Ravara (1967) e de Nogueira (1967); e pelos livros de Nogueira (1990) e Vieira (2007).

A História da Enfermagem Portuguesa tem um percurso que, contrariamente a outros países, ainda se encontra por investigar, havendo necessidade de que seja feito um maior investimento nesta área, a fim de aumentar o conhecimento das suas raízes.

Entre nós ainda são escassos os documentos (livros, artigos, Teses de Doutoramento e ou de Mestrado) sobre a História da Enfermagem Portuguesa, muito embora estejam no prélo algumas Teses de Doutoramento em Enfermagem, particularmente na UCP sobre esta área disciplinar.

A publicação e a tradução dos estudos realizados por Collière (1989) proporcionaram a nível internacional enorme contribuição para o desenvolvimento da Ciência da Enfermagem, pelo conhecimento sobre as bases antropológicas e históricas do Cuidar e dos Cuidados de Enfermagem.

Toda a sua obra atingiu à semelhança de outros países enorme sucesso junto dos enfermeiros portugueses, propiciando entre muitos aspetos a clarificação de conceitos singulares da Disciplina, ao mesmo tempo que aumentava o interesse sobre estas temáticas.

Embora a literatura internacional dê grande relevo a estas matérias de forma bastante circunstanciada, as mesmas suscitaram também a atenção dos autores nacionais, que lhe dedicaram algum espaço.

Para situarmos no tempo o aparecimento das primeiras obras escritas pelos enfermeiros portugueses acerca da História de Enfermagem teremos de avançar até ao século XX, mais propriamente até à década de 60, altura em que é editada a Sebenta de autoria de Nogueira, em 1967, com o título de *História de Enfermagem*.

A bibliografia destinada ao estudo da História da Enfermagem, por parte dos alunos e dos enfermeiros portugueses, desde as primeiras escolas e cursos de enfermagem até essa data, assentava basicamente em bibliografia de autores estrangeiros, que quase sempre se restringia à história da medicina e de técnicas utilizadas no tratamento das doenças, em diferentes civilizações; à ação das ordens religiosas da Idade Média, às figuras históricas de S. João de Deus, S. Vicente de Paulo e de Florence Nightingale.

Fomos encontrar nas décadas anteriores alguns artigos e registos sobre as figuras históricas da Enfermagem e da História do Hospital de Todos-os-Santos em alguns dos periódicos de enfermagem da responsabilidade das Associações de Classe e dos Sindicatos e na Revista *Servir*. Contudo, não temos evidências de que os mesmos servissem como material didático ao estudo das origens da enfermagem. No entanto, somos da opinião que os mesmos poderiam ser uma alternativa e um complemento bibliográfico em língua portuguesa.

Mais tarde, na década de 90, foi publicado um livro com o mesmo título – *História de Enfermagem* – de autoria de Nogueira, que embora, seguindo um rumo muito idêntico quanto aos conteúdos inscritos na Sebenta, foram aprofundados e incluídos novos conhecimentos acerca da enfermagem nacional como, por exemplo, as figuras históricas e a referência à *Postilla Religiosa*.

No final do século XX e início deste século, a publicação dos livros da autoria de Soares (1997), Nunes (1999), Amendoeira (2000) e Vieira (2007) são relevantes referências para o estudo da História da Enfermagem Nacional, a que faremos menção mais adiante.

Encontrámos ainda a publicação de alguns artigos de autores portugueses, que se reportam à História da Enfermagem Contemporânea, não apenas a nível nacional, como também internacionalmente, possibilitando a compreensão das origens e perspetivas da História da Enfermagem Portuguesa.

A bibliografia sobre as origens da enfermagem apresenta duas perspetivas Pré-Nightingale, correspondendo à Fase Empírica e outra Pós-Nightingale correspondendo à Idade Moderna, afirmação da Profissão e ao desenvolvimento da Disciplina.

Nesta secção apresentamos as áreas temáticas e categorias encontradas na análise de alguns artigos cujas temáticas se referem ao trajecto da enfermagem, desde os tempos primitivos, a ação das ordens militares e religiosas e à fundação dos hospitais da responsabilidade da Igreja Católica e da Monarquia.

Enfermagem presente na vida do quotidiano dos povos primitivos

A perspetiva individual assenta no pressuposto de que as origens da enfermagem podem encontrar-se nas civilizações primitivas, nas práticas de cuidar pelas mulheres. Enquanto a perspetiva coletiva assenta no pressuposto de que as raízes da profissionalização se devem às Ordens Religiosas. São estes dois traços que vão marcar a configuração da Profissão.

A mulher enquanto cuidadora

O termo cuidar sugere várias definições e perspetivas, todavia, revistindo-se de alguma complexidade, de uma forma geral encontra-se algum consenso em redor da diversidade e de complementaridade nas diferentes vertentes, relacional, afetiva, ética, sociocultural, terapêutica e técnica.

O ato de cuidar é uma atividade milenar, universal desde que existe a humanidade, assumindo aspetos particulares conforme a cultura, a época e as situações sociais.

Collière (1989, p. 27) sublinha que (...) *Desde que surge a vida que existem cuidados, porque é preciso «tomar conta» da vida para que ela possa permanecer (...) Cuidar, tomar conta, é um acto de vida que tem primeiro, e antes de tudo, como fim, permitir à vida continuar, desenvolver-se, e assim lutar contra a morte.*

A autora refere que «Cuidar é e será sempre algo absolutamente necessário, não apenas à vida dos indivíduos mas, à perpetuação de todo o grupo social» p. 15.

Para Collière (2003, p. 235) cuidar, é um acto de reciprocidade que somos levados a prestar a pessoa que temporariamente ou definitivamente tem necessidade de ajuda (...). Enquanto, isso Hesbeen (2001) define cuidar como (...) ir ao encontro de outra pessoa para a acompanhar no seu caminho, naquele que ela planeia seguir, ou esclarecê-la nas suas dúvidas que sinta, quando confrontada com várias hipóteses possíveis. Permitir à pessoa em sofrimento evoluir para o seu próprio bem-estar, sinónimo da sua harmonia pessoal, singular, não comparável a qualquer outra».

Os estudos de Collière (1989, 2003) e de Senotier (1992) apresentam a mulher como a figura central no cuidado junto das crianças, dos idosos, dos doentes e dos moribundos. Cuidar representa uma tarefa inerente ao papel da mulher.

O papel da mulher – mãe de família, com uma forte ligação à maternidade, aos cuidados do corpo e aos trabalhos domésticos foi desde muito cedo o que prevaleceu nas sociedades primitivas e ao longo da Idade Média particularmente nas sociedades europeias.

No que respeita às raízes da Enfermagem, os vestígios encontrados, que indiciam a vida humana na terra, transportam a ideia de que a enfermagem estaria presente na vida desses povos. Enquanto, a vida comunitária decorria ao ritmo dos ciclos da própria natureza, da agricultura, da economia, da política, a mulher assumia um papel relevante de subsistência e de cuidar da família fosse em tempo de paz e ou em tempo de guerra.

As circunstâncias obrigam ao desenvolvimento de um conjunto de práticas empíricas rudimentares de proteção e de tratamento, pois que, o medo causado pela doença, pelo sofrimento e pela morte, impõem-se na vida familiar, muitas vezes de forma implacável.

Franco (2001, p. 22), escreve que, apesar da Enfermagem como ciência se ter organizado apenas no final do século XIX, ela pode ser identificada e reconhecida desde os primórdios da antiguidade, porque a arte e o saber do cuidar, é intrínseco ao próprio ser humano, por conseguinte, é uma das condições essenciais à sobrevivência da espécie.

Vieira (2007, p. 11) sublinha o papel desempenhado pela mulher ao longo da evolução do próprio género humano, em que a particularidade das atividades vai dar lugar à divisão e organização sexuada do trabalho, atribuindo ao homem e à mulher diferentes tarefas, que vão mudando ao longo do tempo consoante as culturas.

Também Pedrosa (2002, p. 8) reforça esta ideia ao afirmar que as comunidades que perfilham o modelo Pré-Histórico organizam-se de modo a que os elementos sãos, habitualmente mulheres, se ocupassem da assistência e do tratamento dos enfermos, carenciados de cuidados de higiene e alimentação, havendo sempre alguém que, por experiência ou dote pessoal, detivesse o conhecimento empírico necessário para aconselhar no caso de alguém adoecer, ou mesmo intervir no sentido de alterar terapêuticamente o problema.

Quanto às origens da Enfermagem Portuguesa, sendo que há ainda muito por fazer, mas existe a convicção de que o seu percurso é remoto e se perde no tempo. Os achados arqueológicos e outros vestígios, de certa forma espalhados por todo o país, permitem estabelecer a reconstituição dos hábitos e crenças das várias comunidades, que habitaram o território, anterior à Independência.

Enquanto atividade a enfermagem, supõe-se que deverá ser tão antiga como a nacionalidade. Pois, que desde as lutas da independência que os homens envolvidos nas batalhas da reconquista necessitariam de alguém que lhes cuidasse dos enfermos, dos

moribundos e que lhes ajudasse a sarar os ferimentos de guerra, a fim de lhes proporcionar alívio nas suas dores e incapacidades.

A questão que se coloca é quem lhes prestaria esses cuidados?

À semelhança do que nos relata Collière (1997), também entre nós, este papel deverá ter sido atribuído à mulher, como a primeira agente cuidadora.

Esta função de cuidar atribuída à mulher encontra-se enraizada na nossa sociedade por variadíssimas razões, geralmente relacionada com as circunstâncias de guerras e lutas travadas durante vários séculos, associando-se ainda as situações de fome, epidemias e as difíceis condições naturais que frequentemente assolavam o país, deixando um rasto de miséria e de destruição.

Muito embora, as motivações socioeconómicas, políticas e religiosas tivessem sido diferentes nos diversos períodos da História Portuguesa, o resultado relativamente à assistência era quase sempre o mesmo, o país necessitava de pessoas que se dedicassem a cuidar dos mais pobres, dos mais doentes e dos marginalizados pela sociedade, independentemente da natureza que lhes provocara o sofrimento e o infortúnio.

Neste cenário esteve presente a necessidade de entregar a assistência da família e das populações, a quem melhor pudesse oferecê-la, no entanto subentendia-se que a mulher seria a pessoa que melhor perfil apresentava para assumir tal função.

E tanto assim é que mesmo após a criação das Misericórdias e dos Hospitais, a função complementar de mulher-mãe está presente nos cuidados não apenas de manutenção, mas de reparação.

Neste sentido, Figueiredo (2007) refere que a tradição cultural portuguesa atribui às famílias, em particular aos seus membros do sexo feminino, a responsabilidade de cuidar dos seus elementos mais idosos e com laços mais chegados.

A herança da tradição, relacionada com os valores da dedicação, abnegação, educação e socialização familiar e solidariedade feminina, aliados à obrigação moral que foram transmitidos culturalmente contribuíram para que se perpetuasse a função de cuidadora principal da família. Essa herança reforça que o papel da mulher para cuidar é uma construção social, o que se constitui num imperativo ético-moral.

Contudo, poderia parecer que este importante papel social e familiar atribuído à mulher, traduzir-se-ia num significado de afirmação e de reconhecimento político, económico ou mesmo religioso, mas isso não veio a acontecer.

Franco (2001, pp. 22-23) sustenta que a mulher teve sempre um papel instrumental em relação ao cuidar, razão pela qual lhe era atribuída a função de prestar assistência ao nascimento, mas mesmo sendo esta uma tarefa primordial, a figura feminina desempenhou socialmente durante muitos séculos um papel secundário. Este papel de subalternidade foi tão marcante que seriam necessários alguns séculos, para que a emancipação da mulher fosse uma realidade e, por conseguinte, que a sociedade mudasse a sua representação social, se bem que mesmo na atualidade, em muitas circunstâncias, não passe de pura intenção filosófica.

Filipe (1993, p. 7), sustenta que vários séculos passaram desde que Débora há mais de 2050 anos *cumpriu actividades registadas como actos de enfermagem, segundo consta no capítulo XXIV do Génesis*, tendo como seguidoras outras figuras femininas como Fabíola e Marcela, *mas seria em 1820 que havia de nascer a mulher que viria traçar o rumo da enfermagem moderna*, trata-se de Florence Nightingale.

Contudo, o autor salienta também a figura de João Cidade, *cidadão português que viria a morrer em Granada, Espanha em 8 de março de 1550, deixando uma obra notável em prol da enfermagem, da qual nem sequer era profissional, visto que na sua época não existiam ainda escolas de enfermagem*.

2.1– A Fundação dos Hospitais Portugueses e a Intervenção da Igreja e da Monarquia

(...) não há país na Europa, que mais deva gloriar-se na piedade dos seus reis, e alcançar a caridade ardente de seus povos, como este pequeno, mas generoso reino de Portugal (...)

Ameida Garret citado por Leone (1984) ⁶

A origem da Enfermagem Portuguesa supõe-se que tenha seguido um curso idêntico a outros países europeus, particularmente aqueles em que a Igreja Católica e a monarquia e tiveram forte implantação. No que respeita à rede de assistência social e no campo da saúde estas atividades estiveram sempre a cargo da Igreja e da Monarquia, a que se juntaram mais tarde as Misericórdias e mais recentemente, o Estado bem como uma rede privada de cuidados de saúde, a nível nacional.

⁶ LEONE, José Teófilo Farto - História do Hospital Real de Todos-os-Santos. Servir. Lisboa: ACEPS. Vol. 32 n° 4, julho/agosto 1984, pp. 200-207.

O desenvolvimento da Profissão caracteriza-se por um percurso constituído pelas práticas de saúde: mágico-sacerdotais; monásticas-medievais; pós-monásticas; e por um conjunto de diligências que marcam a enfermagem no período Pré-Nightingale e Pós-Nightingale, correspondendo ao início da Enfermagem Moderna.

As práticas de saúde mágico-sacerdotais baseavam-se na relação mística entre as práticas religiosas e de saúde primitivas, desenvolvidas pelos sacerdotes nos templos. Este período corresponde à fase de empirismo (o conhecimento do senso comum é adquirido por tentativa e erro sem qualquer fundamento científico, com base na experiência prática de quem prestava os cuidados).

O período medieval do século X ao século XIII, foi marcado pelas práticas de saúde monásticas-medievais, caracterizadas por práticas leigas exercidas pelos religiosos. Estas, fazendo parte das origens da Enfermagem e inspiradas nos valores espirituais e vocacionais de abnegação, de espírito de serviço, de caridade e de obediência, muito característicos das

Ordens Religiosas e Monásticas, contribuíram para que a Enfermagem fosse conotada como um *sacerdócio* em vez de uma *prática profissional*.

As práticas de saúde pós-monásticas evidenciam a evolução das acções de saúde e do exercício de Enfermagem, no contexto dos movimentos da Renascença e da Reforma Protestante, do final do século XIII ao início do século XVI.

Porém, ao progresso social e intelectual da Renascença, da reforma científica e da evolução das Universidades, não correspondem as devidas reformas no estágio da Enfermagem. Estes factores em vez de serem catalizadores ao seu desenvolvimento, não trouxeram alteração, continuando a mesma confinada aos espaços dos hospitais religiosos.

As iniciativas encetadas nos finais dos séculos XVIII e XIX preparam o advento da Profissão, a partir de Florence Nightingale com o desenvolvimento das Escolas de Enfermagem, a selecção das candidatas, um plano curricular próprio e o controlo da profissão pelos próprios enfermeiros.

Enfermagem – Actividade caritativa

A ação do cristianismo pautou-se desde os seus primórdios por uma dimensão antropológica e de solidariedade entre os homens, sendo *os sacerdotes os primeiros médicos, não havendo durante milénios nas civilizações primitivas uma fronteira muito nítida entre a magia e a medicina mágico-religiosa*. Pires (2000, p. 23).

Foi no contexto das religiões que apareceram as primeiras preocupações pelo sofrimento dos homens, tratamento dos doentes e acolhimento de peregrinos.

Assim, deve-se à acção da Igreja Católica ao longo de todo o percurso da História uma atividade muito relevante no apoio e assistência às populações, particularmente as mais desfavorecidas, sendo mais visível durante o período Medieval.

Neste período todas as instituições refletem o espírito do catolicismo, em todos estes movimentos a Igreja Católica foi a instituição que maior influência exerceu durante a Idade Média (séculos V a XIII), quer nas instituições políticas, quer nos grandes movimentos sociais.

As causas para essa influência assentam no valor da ideia religiosa, como solução para os problemas mais graves da vida e da alma humana, bem como pela superioridade intelectual do clero católico. Destas duas causas fundamentais derivaram outras que concorreram para o enorme prestígio, superioridade económica, intelectual e cultural da Igreja.

Pedrosa (2002, p. 82), sustenta que durante anos a Igreja foi a única instituição a cuidar dos enfermos, sendo que esta ação Assistencial se estendeu a toda a Europa, durante toda a Idade Média, e, por isso, este período da história assumiu um significado particular, onde este ideal cristão de cuidado aos mais necessitados, esteve mais presente.

Almeida (1930, p. 161) descreve a influência da Igreja de três formas:

- 1- *acção doutrinal e disciplinar, pelo exercício da autoridade espiritual;*
- 2- *acção educativa da inteligência pelo «exercício do ensino»;*
- 3- *acção caritativa pelos socorros organizados em benefício dos pobres e dos doentes.*

A ação doutrinal faz-se sentir através da imposição da moral cristã com sanções que incluíam os prémios e castigos divinos àqueles que demonstravam comportamentos contra ou consonantes com os preceitos próprios da Igreja (o inferno como castigo pelos pecados cometidos e o céu como prémio pelas boas obras praticadas). A censura eclesiástica e a proibição de manifestação intelectual e de crítica sobre assuntos que poderiam colocar em causa a autoridade da Igreja ou desafiar a sua ordem (a Inquisição, a que já fizemos referência anteriormente), conduziam frequentemente à prisão, à excomunhão e à morte. Os afortunados que «cumpriam as regras» eram em geral beneficiados com privilégios e méritos, que compensavam económica, política e socialmente.

Quanto à ação educativa da Igreja refletiu-se no monopólio do saber, do ensino, da produção e divulgação.

Foi deste modo e graças à acumulação de riqueza, que prosperaram as Universidades, as obras, os institutos religiosos e o exercício de beneficência pública, quase da sua exclusiva

responsabilidade. Por conseguinte, a solução dos graves problemas da vida medieval partiu sempre das iniciativas da Igreja, sendo em grande parte sustentadas à custa dos bens eclesiásticos.

Papel das ordens militares e religiosas na Fundação dos Hospitais

A estrutura formal da assistência foi entregue às ordens religiosas e a pessoas laicas homens e mulheres, com um estatuto social diferente daquele que em tempos exclusivamente pertencera à mulher. A diferenciação de papéis sociais relativos à mulher com a fundação das ordens religiosas femininas, que conjuntamente com a ação das ordens militares introduzem uma nova dimensão na assistência, pois que se até à data a atividade era exclusiva da mulher, passa a ser também desempenhada pelo homem, na assistência aos feridos de guerra e aos enfermos.

No começo estiveram homens e mulheres ligados a ordens religiosas e outras de cariz laico possuindo apenas como habilitação o treino prático que lhes seria ensinado nos hospitais pelos médicos, tratando-se de noções gerais básicas e de procedimentos muito rudimentares, mas mesmo assim muito acima das possibilidades cognitivas dos candidatos.

A ação e missão das ordens militares e religiosas, como atividade, começaram por ser uma obra de caridade nos primeiros séculos do Cristianismo, quando os cristãos se entregavam ao serviço dos pobres e doentes. São várias as fontes que documentam as motivações e crenças religiosas pela defesa dos lugares Santos dos ataques dos infiéis, durante a Idade Média.

O panorama assistencial europeu, durante toda a Idade Média, caracterizou-se por mobilizar uma multidão de homens, que se alistavam, sendo que muitos acabariam por ser dizimados pelos infiéis.

As ordens ao mesmo tempo religiosas e militares, das quais os Cruzados, os Templários, os Hospitalários e os Cavaleiros de S. João viriam a desempenhar um papel relevante na defesa de Jerusalém e dos lugares Santos. Pires (2000, p. 23).

O destino era quase sempre o mesmo, no entanto, a sua origem seria muito diversa, de vários quadrantes dos vários continentes, organizavam-se expedições. A ideia de uma expedição armada ao Oriente, em defesa da Terra Santa e dos cristãos data do século XI (A primeira cruzada data de 1095-1099).

Vieira (2007, p. 17) considera que a tendência que os povos tinham para se libertar das fronteiras, impostas pelo Regime Feudal aliado ao fervor religioso, conduziu a um movimento sem precedentes em larga escala. O objetivo principal, que movia estes

homens, normalmente, jovens, era o ideal de serviço à causa de libertação dos lugares Santos, estando sob o jugo dos invasores.

Sobre a designação da Ordem dos Cruzados, Almeida, em 1930 (pp. 140-142), descrevia o distintivo usado pelas ordens militares, constituídas pelos guerreiros incitados pelo Papa Urbano II, organizados em exército, usando uma túnica sobre uma cota de malha que os protegia desde a cabeça até os pés, ficando apenas o rosto a descoberto, ostentavam uma cruz vermelha ao ombro, daí receberem o nome de cruzados.

Estes exércitos seguindo caminhos diferentes de vários pontos da Europa reunindo-se em Constantinopla e atravessando o mar, põem termo ao poderio dos turcos em Jerusalém.

O mesmo autor refere que foi graças a todos estes movimentos que um grupo de fidalgos franceses fundou o Hospital com a designação de «*Casa dos pobres do Hospital de Jerusalém*» ou Hospital de S. João que, mais tarde, viria dar origem à Ordem dos Hospitalários ou Cavaleiros de S. João de Jerusalém, (p.140). O mesmo indica o ano de 1123 como a data da criação da Ordem dos Templários ou Irmãos pobres do Templo de Jerusalém, designação que se ficou a dever ao facto de o rei Balduino I ter disponibilizado parte do Templo, onde se situara o Templo de Salomão.

Os alemães no Oriente fundaram em 1197 um Hospital e uma nova ordem que assumia duas funções, a primeira constituía-se na obrigação de tratar dos doentes e a segunda consistia em combater os infiéis, ficando ainda obrigada a escoltar os peregrinos a caminho de Jerusalém para os defenderem dos ataques a que se sujeitavam durante este percurso.

Pires (2000, p.23) descreve a origem da palavra Hospital, assente na raiz latina – *Hospitalis* «*hospes*», etimologicamente é sinónimo de *hospício, albergue, albergaria ou seja casa de hospitalidade, destinada a substituir o lar da pessoa sã ou doente. Os hospícios existiam junto dos conventos cristãos com funções mistas: recebiam crianças, velhos e inválidos, recebendo também os peregrinos que passavam.*

Contudo, só a partir do reinado de Constantino se poderá falar de liberdade religiosa, pelo que passam a ser conhecidos os hospitais cristãos. O sacerdote era, então a pessoa mais culta, exercendo funções de médico.

Deste modo, a história dos primeiros hospitais iniciou-se com o movimento das cruzadas, porque era necessário criar um espaço (Hospício/Hospital) que servisse de albergue aos peregrinos, aos doentes e aos pobres. Estas ordens religiosas criaram, mais tarde, refúgios e hospícios para acolher os necessitados e peregrinos e lhes oferecer tratamento e comida. Sebenta Enfermagem Preliminar (1967); Nogueira (1990); Pedrosa (2002, p. 82).

As duas ordens internacionais principais eram os Templários e os Hospitalários, que chegaram a Portugal em 1128 e 1130. O recrutamento era feito entre os filhos mais novos

ou ilegítimos da nobreza. Eram considerados como homens disciplinados, bem organizados, que se distinguiram no desempenho importante na Reconquista portuguesa e no princípio de colonização.

A ação caritativa ou beneficente fez-se notar na fundação de hospitais, albergarias e gafarias, destinadas a albergar os doentes, os peregrinos e os leprosos, muitos sob a proteção do poder da monarquia.

O aparecimento das Ordens Mendicantes, entre as quais os Franciscanos e Dominicanos destacaram-se na missão de assistir os pobres e doentes, numa atitude de abnegação, altruísmo e de voluntariado, movidos pelo amor a «Cristo», sendo esta força que move estes homens para fora dos mosteiros na tarefa de espalhar o bem – Nogueira (1990 p. 39).

Os movimentos militares e religiosos estão na origem da fundação de hospitais, que albergam vários grupos sociais de variadíssima condição, contudo, percebe-se que uma faceta tem em comum a assistência na pobreza e na doença. Os que apresentavam mais possibilidades económicas permaneciam rodeados de criados, médicos, cirurgiões à sua volta, que lhes tratavam das feridas e das incapacidades. Só entram nos hospitais aqueles que nada têm.

A raiz mais profunda da Enfermagem assenta na característica religiosa, o que leva Pedrosa (2002, p. 81) a afirmar que (...) *o cuidado ou a manutenção da saúde, permaneciam funções de cariz religioso, tal como no passado «sem escrita». Os templos-termas e os templo-lugares de repouso passaram, assim, do Antigo Egipto à Grécia Clássica, desta aos primeiros Hospitais de Inspiração Cristã, destes aos primeiros Hospitais Muçulmanos, e assim por diante, sempre num contexto próprio da religião (...)*

Mesmo os hospitais militares funcionavam com o trabalho dos religiosos, que dedicavam o seu dia a dia a tarefas básicas aos doentes, e a outras relacionadas com a higiene e de limpeza das enfermarias, para além daquelas decorrentes da própria Ordem Religiosa a que pertenciam.

O movimento das Ordens militares e ou religiosas conferiram um papel importante na organização da vida medieval dos povos, sobretudo europeus, nomeadamente na ajuda da delimitação territorial, para além da assistência aos enfermos e viajantes. É neste contexto que se integra a segunda cruzada (1147-1149), organizada por S. Bernardo, abade de Claraval, indo em defesa de Jerusalém, quando parte do seu exército rumando por mar chegou às costas de Portugal e tornou-se um auxílio precioso para D. Afonso Henriques, na conquista de Lisboa (1147) aos mouros – Almeida (1930, p. 139).

Mais tarde, em 1153, D. Afonso Henriques concede-lhe recompensa régia de fundar, em Alcobaça, uma abadia cisterciense com o propósito de povoar uma região pouco habitada, mas muito fértil, ocupando-se de toda a sua organização.

No reinado de D. Sancho I (1154-1211), a Ordem dos Templários desempenhou um importante papel na Reconquista do território.

A Ordem de Avis criada por D. Afonso Henriques destinava-se a defender Évora dos avanços dos árabes, tendo como referência a Regra de Calatrava com forte associação cisterciense.

Contudo, a Reconquista recompensava generosamente os mosteiros e os cavaleiros permitindo assumir a responsabilidade de muitos castelos de fronteira, sendo-lhes doadas extensas parcelas de terras nos territórios da Beira Baixa, do Ribatejo e do Alentejo, a troco da defesa e conquista dos mesmos territórios.

Os castelos de Tomar e de Belver são um exemplo das mercês adquiridas pelo apoio prestado pelas Ordens dos Templários e dos Hospitalários em favor da defesa das cidades Lisboa e Santarém.

Tudo isto significava que as ordens militares eram os maiores beneméritos na assistência e por isso também os maiores beneficiários territoriais da Reconquista portuguesa (Disney, 2009, p. 147).

Contudo, o avanço dos cristãos acrescentava nas cidades e nos campos a massa dos pobres, dos órfãos e das viúvas.⁷

Almeida (1930, p. 113) refere que *a tragédia dos pobres e cativos continuava. O país sofrera uma fome geral em 1202. E no testamento de 1210, D. Sacho I dota numerosas albergarias pobres e não se esquece dos cativos para os quais estabelecera um hospital em Santarém a que destinara bens fundiários e gado de toda a espécie.*

Pedrosa (2002, p. 85) cita Saunier (1991) para definir o Hospital Medieval, podendo ter uma de várias funções; casa de acolhimento ou hospedagem (Albergue, Albergaria, Hospital ou Hospício), a função de albergar ou hospedar num espaço mais ou menos digno para morrer ou um autêntico estabelecimento de serviços que representava nas cidades um insubstituível papel sanitário profilático e de cura.

⁷ COELHO, António Borges O Tempo e os homens: séculos XII-XIV in História de Portugal dos Tempos Pré-Históricos aos nossos dias dirigida por Medina, João. Amadora : Clube Internacional do Livro. Vol. III [sem data] p. 108.
⁸ ibidem, p. 108

Neste sentido, os hospitais sobrevivem à mercê da ação daqueles que têm poder, das ordens religiosas e neste caso a monarquia revelando-se com a função de Mecenato.

A supremacia política exercida, por um lado, pela Monarquia e, por outro, pela Igreja pelo poder papal, de certa forma representando o direito público na Europa, era consentido universalmente, e desta relação dependiam os reis, a quem a Igreja sob as suas ordens podia destituir ou retirar privilégios. No entanto, os reis também ofereciam privilégios a troco da defesa dos seus territórios, como no caso do nosso primeiro rei D. Afonso Henriques que ofereceu o reino de Portugal em vassalagem à Santa Sé.

A fundação dos hospitais foi uma das obras que mais beneficiou desta relação de circularidade e de conveniência entre estes dois poderes, os hospitais serviram os interesses tanto da Igreja como da realeza. Na encruzilhada, as ordens militares e religiosas prestaram um enorme serviço à causa da Igreja e socialmente ao poder real.

A ação desempenhada pela realeza é sublinhada por Sousa (1941, p. 5) no seguinte excerto (...) *Exemplos régios de caridade para com os enfermos». São exemplo salutar as altas personalidades que do alto do trono deram tão nobres lições de caridade cristã para com os enfermos e chagados.*

Prestemos-lhe as homenagens devidas como incentivo para a prática do dever na enfermagem (...)

Na génese da criação dos hospitais por parte da Igreja e da Monarquia terão estado um conjunto de factores entre os quais: as guerras da Reconquista, as fomes, os terramotos, as intempéries, as guerras civis, e as pestes.

Estas condicionantes que durante muitos séculos assolaram o país, embora sendo fortemente influenciadas pelas condições gerais que se estendiam por toda a Europa, sobretudo no que respeita aos enormes flagelos da fome e da peste negra, da cólera, tuberculose, produziram a necessidade de se repensar as estruturas sociais existentes. Tanto assim, que a título de exemplo estima-se que em 1349 um terço da população do reino tenha desaparecido, situação que séculos mais tarde viria a repetir-se.

A pobreza que se instala após situação de catástrofe, de guerra e ou de doença normalmente desencadeiam sentimentos e atitudes de solidariedade, registando-se o aumento de doações e de fundos destinados ao funcionamento de instituições sociais.

Em Portugal, até ao século XV, estas iniciativas foram da responsabilidade da Igreja e da Monarquia, nos cuidados aos mais necessitados. A assistência social era entendida como obrigação religiosa.

A bibliografia sustenta que já no século XII existia por todo o reino uma rede de instituições caritativas conhecidas como albergarias ou hospitais, a maior parte ligada a associações de pessoas leigas, designadas por confrarias.

Embora, não sendo a principal função das albergarias e dos hospitais o alojamento dos viajantes e dos doentes, mas antes a ação de servir como casa de almas para os pobres, indigentes e os marginalizados, facto é que a rede de instituições dispersas por todo o reino sendo bastante singular, era constituída por pequenos espaços onde confluíam as pessoas com diferentes necessidades.

A origem dos hospitais radica nestas pequenas instituições que vão evoluindo e se desenvolvendo à semelhança do que se passou por toda a Europa.

Tanto quanto se conhece a História o nosso primeiro rei de Portugal, D. Afonso Henriques contraiu um ferimento numa perna que o impediu de prosseguir na sua tarefa da Reconquista, tendo recorrido à ação curativa das águas e à intervenção dos *físicos* do reino.

Contudo a História situa o reinado de D. Afonso II (1185- 1223) como o defensor dos pobres, proporcionando-lhes abrigos, agasalhos e alguma comida. Os historiadores referem que o próprio rei sofria de lepra, pelo que a sua condição de doente lhe conferia maior solidariedade com o infortúnio do povo e dos mais pobres.

De certo modo, todos os reis da primeira dinastia se distinguiram pelo apoio concedido às ordens religiosas monásticas e mendicantes (Dominicanos e Franciscanos) que empenhadas na obra da evangelização e nos cuidados pastorais, estendiam ainda a sua ação caritativa e especialmente à assistência hospitalar ao cuidado dos mais desprotegidos. A sua influência era de tal ordem que os estratos sociais mais elevados, incluindo a realeza, procuraram pertencer à terceira Ordem de S. Francisco.

Porém, a ação dos reinados da segunda Dinastia são mais evidentes graças à construção de hospitais e de estruturas que albergavam os pobres e os gafos (leprosos), redefine-se o seu perfil institucional.

Pires (2000, p.24) sublinha que no nosso país no final da Idade Média podiam ser contabilizados mais de 500 hospitais, cada um com cerca de 8 a 10 camas cada.

Relativamente à atividade das Congregações e Ordens Religiosas em Portugal, a autora, descreve no seu artigo, que foi a partir de 1876 que surgiu a Associação das Irmãs Hospitaleiras dos pobres por Amor de Deus, dedicando-se à assistência em todos os hospitais da Misericórdia, de clínicas e Ordens Terceiras com dedicação exclusiva.

São exemplo as seculares Ordens Terceira de Guimarães, Lisboa e Porto, com uma verdadeira dimensão religiosa, cultural e de ensino, social e de beneficência.

A Ordem Terceira de Guimarães é uma das mais antigas do país. A sua fundação data quase do tempo de S. Francisco, século XIII, tendo sido restaurada no século XVII.

Dedicava-se à assistência hospitalar em 1815 e destinava-se aos irmãos terceiros enfermos. Pires (2000, p. 25).

Assim, as ordens militares e religiosas desempenharam um papel importante na fundação dos hospitais e na assistência aos doentes, apesar muitas vezes serem questionáveis os motivos que estiveram na sua origem e desenvolvimento.

O Hospital Real de Todos-os Santos: uma nova filosofia

Nogueira (1990) refere que os hospitais foram transformados em unidades superlotadas que substituíam e absorviam os pequenos hospitais medievais, que eram ocupados por todo o tipo de pessoas, para além dos doentes, encontravam-se crianças enjeitadas, os inválidos, os velhos, amas-de-leite, grávidas e uma chusma de vagabundos, que gravitam em redor das cidades, oriundos dos meios rurais. Deste modo, o hospital tem uma polivalência de situações sociais, daí que o Hospital «Hôtel-Dieu», em França fosse conhecido como a «Arca de Noé».

Sobre esta realidade vamos encontrar em Portugal no final do século XV uma situação bastante idêntica com a anexação dos 43 pequenos hospitais de Lisboa naquele que viria a ser conhecido como o *Grande Hospital* ou *Hospital Real de Todos – os – Santos*. Pires (2000, p. 24).

A criação de um novo hospital, em Lisboa, com uma nova filosofia representa um feito que se reveste de grande importância no panorama da assistência, no desenvolvimento do ensino da medicina e da própria atividade da medicina.

Durante a fase de análise observámos que foram vários os artigos que publicaram sobre a História do Hospital Real de Todos os Santos, de entre estas referências, selecionaram-se os artigos do *Arquivo do Enfermeiro* (IIª Série) (1943); Segura (1962); Leone (1984); Garrido e outros (1990); Pedrosa (2002) e Abelha (2003).

O panorama europeu dos finais do século XV é descrito por Pedrosa (2002, p. 86), de pleno desenvolvimento das escolas médicas, particularmente em França e Itália e na maior parte dos países europeus, que bem estruturadas beneficiavam das descobertas científicas do Renascimento.

Ao contrário dos séculos anteriores, estes hospitais eram centros de excelência a que recorriam as classes sociais mais abastadas. Os pobres, os doentes e os desprotegidos são marginalizados.

Os Hospitais transformaram-se em grandes monumentos comparáveis às grandes catedrais, onde se refugiavam os enfermos e todos os grupos sociais a quem a sorte parecia ter abandonado.

A reforma dos métodos assistenciais, caracterizava-se pela concentração de pequenos estabelecimentos caritativos, em grandes unidades técnicas e administrativas. Pires (2000, p. 24).

Conhecedor desta situação de progresso e desenvolvimento verificado por toda a Europa, D. João II decide apoiar um projeto idêntico no nosso país, particularmente na cidade de Lisboa, onde se concentra o maior comércio e movimentação marítima, decorrentes dos Descobrimentos. É este o local onde se aglomeram o maior número de pessoas e de bens, daí a necessidade de reformar a rede assistencial hospitalar e de implementação dos novos progressos tecnológicos da medicina.

A data escolhida para o efeito recaiu no dia 15 de maio de 1492, considerado um marco histórico da assistência por corresponder à fundação de (...) *um hospital, numa Horta do Convento de São Domingos, em Lisboa, um hospital com a designação de Hospital Real de Todos-os-Santos, que se deve ao facto de em Lisboa haver muitos hospitais dedicados a diferentes santos e de este hospital vir a substituir os então existentes* (...) Abelha (2003) p. 2.

Leone (1984) sublinha que (...) *o povo não ignorava, que havia sido um Voto do Monarca, para o recompensar do auxílio prestado como fiel aliado, na defesa dos direitos da Corôa, que os grandes Senhores lhe queriam usurpar! Era sua intenção construir um solene Hospital, para albergar os enfermos de Lisboa e seu termo a fim de que «os pobres e pessoas miseráveis tivessem algum mais certo reconhecimento e remédio, de suas necessidades em esta cidade, do que nela para eles, até então havia».*

E esta sua pia resolução, teve a auxilia-la a concordância do Papa Xisto IV, que pela breve de 13 de Agosto de 1479, autorizou o Príncipe Perfeito, que regia o reino na ausência de seu pai, a recolher todos os bens dos outros pequenos hospitais, para realizar os necessários fundos a levar a cabo obra tão generosa. (...) p. 201.

A sua inauguração viria a acontecer no reinado de D. Manuel I em 1502.

Segura (1962) descreve as razões, as finalidades e os propósitos que moveram o rei D. Manuel a dar seguimento à grandiosa obra iniciada por D. João II da construção do Hospital de Todos – os – Santos, bem como a Bula Papal que lhe autorizou este investimento. Transcrevemos na íntegra o *Trecho do Introito do Regimento do Esrital de Todosos Santos de EL-Rey Nosso Senhor de Lisboa – Dado por D. Manuel I em 1504*

DOM MANOEL POR GRAÇA DE DEOZ REY DE PORTUGAL, E DOS ALGARVES, DAQUEM E DALEM MÁR EM AFRICA SENHOR DE GUINE, E DA CONQUISTA NAVEGAÇÃO, COMERCIO DE ETHIOPIA ARABIA PERSIA, E DA INDIA. A QUANTOS ESTA NOSSA CARTA VIREM DIGO CARTA DE REGIM.Tº VIREM, DADO E FEITO

POR NOZ COM AGRAÇA E AJUDA DO ETERNO DEOZ PARA A GOVERNANÇA DO NOSSO ESPRITAL DE TODOLOS SANTOS DESTA CIDADE. FAZEMOS SABER Q. VENDO NOZ LOGO COMO PELA MERCE DE DEOZ VIEMOS A SER REY DESTES REGNOS, COMO EL REY DOM JOÃO MEU PRIMO MOVIDO DE BOA INTENÇÃO, POR Q OS POBRES, E PESSOAS MISERAVEIS TIVESSEM ALGUM MAIS CERTO RECOLHIMENTO, E REMEDIO DE SUAS NECESSIDADES EM ESTA CIDADE DO Q NELA PARA ELES ATÉ ENTÃO HAVIA, POSTO Q EM ELA, ESPRITAES HOUVESSE, E SUPLICOU AO SANTO PADRE, Q POR QUANTO ELE TINHA ORDENADO DE EM ESTA CIDADE POR SER A PRINCIPAL DESTES REGNOS, E DE GRANDE POVO, E MANEO DOS HOMENS ASY NATURAES COMO ESTRANGEIROS FAZER UM ESPRITAL, SOLEMNE LHE DESE AUTORIDADE, PARA Q AO ESPRITAL QUE ASY QUERIA FAZER SE JUNTASSEM TODOS OS OUTROS ESPRITAES Q NELA OUVESSE, E ASY TODAS SUAS RENDAS PORQ ALY JUNTAS, E SUAS RENDAS RECOLHIDAS, A LEM DAS AJUDAS, E ESMOLAS, Q ELLE DE SUA FAZENDA FIZESSE, OS ENCARREGOS DO DITTO ESPRITAL, E OS POBRES, E SUAS NECESSIDADES PODESSEM SER MELHOR SOPORTADAS, E REMEDIADAS, E ELLES MELHOR PROVIDOS E CURADOS. E Q SUA SANTIDADE VISTO SEU BOM PROPOZITO, E TENÇÃO LHE CONCEDEO, E OUTORGOU, SEGUNDO Q DELLO HY HÁ SUA BULLA AUTENTICA, E PASSADA EM FORMA DEVIDA p. 39.

É interessante este documento do ponto de vista histórico, por permitir a compreensão da narrativa que os diversos autores foram desenvolvendo, ao longo do tempo, em redor da fundação e funcionamento deste Hospital, que esteve na origem do Hospital de S. José e dos Hospitais Civis de Lisboa.

Abelha (2003) refere que *há data da sua inauguração o Hospital era considerado um dos melhores hospitais do mundo. Os doentes eram separados em função do sexo e da doença*.p. 2

Segura (1962) faz referência às excelentes condições do Hospital e às condições de higiene e de assistência que era dispensada aos pobres e doentes.

O autor cita Damião de Góis que escreve na sua obra *Lisboa de Quinhentos* (1554) *refere-se ao hospital dos pobres e doentes, chamado de Todos-os-Santos diz ele «Não cede em nada ao da Misericórdia, nem na magnificência das instalações, nem na soma dos gastos, nem na bondade para com os pobres que se vêem acabrunhados pela doença, nem na compaixão para com as crianças expostas que ali se alimentam e educam.*

«Está o edifício dividido em quatro alas, com hortos aprazíveis; tem trinta e quatro galerias, que, em toda a volta, dão para habitações magníficas, onde se vêem, limpos e asseados, os refeitórios, os dormitórios, com camas e roupas alvíssimas.

«Os doentes pobres são recebidos e agasalhados com bondade e largueza, não os deixando sair antes de recuperada a saúde. A alguns mesmo, ao abandonarem o hospital, dão-lhes dinheiro para que possam sustentar-se, sem trabalho e dificuldades, até se acharem completamente restabelecidos.

Edifício magestoso, o Hospital ficou sendo não só o maior hospital português como um dos maiores da Europa. pp. 39-40

No que respeita à traça arquitetónica do Hospital, esta representava à época um projeto inovador e bastante arrojado, inspirada nos modelos italianos, marcada pela transição do Gótico para o Renascimento. Possuía três enfermarias, a *Casa de Doudos*, *Casa das Boubas*, uma *Enfermaria para Convalescentes* e a *Roda dos Engeitados*. Mais tarde, foi ampliado por D. João III, para mais treze enfermarias ou «corredores» e aumentou o número de médicos e de enfermeiros.

Segura (1962) salienta o facto de o teatro ser uma das fontes de receita dos Hospitais, muito em voga na Europa, particularmente em Itália e em Espanha. Assim, o nosso país adopta este princípio, cabendo ao Hospital de Todos-os-Santos o privilégio de conceder licenças para a representação de comédias a troco de uma quota-parte dos lucros, se destinarem a fazer face às despesas com a assistência. O alvará que lhe outorga este privilégio data de 20 de agosto de 1528, por decisão régia de Filipe II, que estabelece que em Lisboa se possam representar Comédias em geral ou em particular apenas nos lugares que o Provedor e oficiais do Hospital o determinarem. É evidente, que as licenças para as representações obedecem às regras da Inquisição e da Censura, pois que antes de lhes serem concedidas as licenças teriam de ser examinadas e aprovadas pelos desembargadores do Paço.

Com as receitas conseguidas o Hospital procurava prestar gratuitamente assistência não apenas aos doentes e aos inválidos, mas também às crianças abandonadas, deixadas na «Roda». Contudo, já no século XVIII, o Hospital foi perdendo muitas das suas receitas por esta via, sendo substituídas por uma verba estabelecida anualmente, com consequências diretas no nível de assistência que fora apanágio da grandeza do Hospital.

Quanto à assistência ficara a cargo de um corpo clínico, administrativo e auxiliar, sendo regido por um regulamento (Regimento) que não só definia o modelo organizacional e os serviços que prestava, como também definia as funções e responsabilidades de cada profissional Abelha (2003, p. 2).

No final do século XV a Misericórdia de Lisboa toma a responsabilidade de «governo e administração do Hospital Real de Todos-os-Santos, como resultado da fusão de todos os estabelecimentos hospitalares dispersos pela cidade. A este propósito, Leone (1984), escreve, que embora D. Manuel tivesse dado grande impulso ao funcionamento do Hospital, foi apenas no reinado de D. João III que clinicamente se desenvolveu.

O Hospital é encarado como (...) esta *instituição de caridade e os seus pacientes foram vivendo anos de muito bem-estar, até ao reinado de D. Sebastião, mas após a tomada da regência do reino pelo cardeal Infante D. Henrique, que logo mandou entregar a*

administração do Hospital à Mesa da Misericórdia de Lisboa, contribuiu para a sua imediata decadência...p. 202

O autor faz referência que a pretexto de que os padres de S. João Evangelista faziam falta na Congregação foi-lhes retirada a função da administração do Hospital, sendo uma medida que prejudicava os doentes que ficavam privados do estudo da anatomia e da cirurgia, atividades em franco desenvolvimento nos reinados anteriores.

A ação da Igreja e da Monarquia, bem como de toda a sociedade revoltada contra os jesuítas, os judeus e os cristãos novos iniciam feroz perseguição, obrigando-os a fugir do país, ou a procurarem esconderijo em outras paragens.

Esta situação em resultado da convergência entre a denúncia pública e a alçada do Tribunal do Santo Ofício, conduzem ao despedimento de todo o pessoal de enfermagem, ficando a assistência entregue aos Irmãos Obregões, religiosos espanhóis a quem a Misericórdia confiara o tratamento dos enfermos.

Esta conjuntura manter-se-ia até 1644, data em que seria permitido o regresso dos enfermeiros laicos ao Hospital, após um rigoroso inquérito aos «obregões» onde se provou a sua incapacidade profissional e moral, pelo que foram expulsos «para sempre», do reino. Leone (1984, p. 202).

Segundo Abelha (2003, p. 2) estas circunstâncias levaram ao desvio de bens e de receitas, acelerando a decadência do Hospital, assim como, *três grandes incêndios, sendo o último na sequência do terramoto de 1755 que deixaram o edifício em ruínas.*

Os 20 anos seguintes em que prevaleceu esta situação foram considerados pelos autores como de enormes prejuízos para os doentes e pessoal do Hospital, finalmente, e por ação e graça de D. José, o problema vai ser resolvido com a reconstrução de uma parte do edifício, com exceção da igreja e da sacristia que faziam parte do conjunto do mesmo, devendo-se a sua fundação a Dn^a Filipa de Sá em 1613.

Leone (1984), refere que (...) *Após reparadas as ruínas do hospital, e aproveitadas para instalação de doentes, era urgente nomear um Enfermeiro-Mor, com capacidade e firmeza, para restaurar a Administração, pondo-a de novo a funcionar normalmente, cobrando rendas e outros réditos e mantendo aturada vigilância e fiscalização, o que o Marquês de Pombal conseguiu, escolhendo para tal cargo D. Jorge Francisco Machado de Mendonça, que viria a escrever o «Breve Memorial», relatório acerca da sua obra (...) Homem da rija Escola de Sabastião José de Carvalho e Mello (...), considerado como o restaurador do Hospital de Todos-os – Santos, p. 203.*

Do excerto destacamos a figura do Enfermeiro-Mor, homem da confiança do Marquês de Pombal, a quem foi confiada a função de refazer a Administração, cobrar rendas e

impostos, mater a vigilância e a fiscalização. A escolha recaindo sobre D. Jorge Francisco Machado, ficara a dever-se ao facto de pertencer à *rija Escola* de Pombal e pelas suas qualidades de capacidade e firmeza.

Garrido e outros (1990, p. 45) escrevem que no reinado de D. João III, século XVI, o hospital Real de Todos-os-Santos possuía um Enfermeiro-Mor, eleito pela Mesa da Misericórdia de Lisboa, que deveria ter como qualidades ser um homem (...) *nobre, bom e honrado* (...).

Também Abelha (2003, p. 2), se reporta à figura do Enfermeiro-Mor, sublinhando que após as Invasões Francesas, *o Hospital beneficiou da reconstrução de parte do edifício a mando de D. Francisco de Almeida enfermeiro-mor*.

Mais tarde, em 1901, seria nomeado como Enfermeiro-Mor do Hospital Real de S. José, sucessor do Hospital Real de Todos-os-Santos, o Médico Curry Cabral que, por motivos de sobrelotação, mandou construir o Hospital do Rego, adquirindo o Convento de Santa Marta, em 1906 ficando sob a responsabilidade da Administração do Hospital.

No entanto, sabe-se que o perfil do Enfermeiro-Mor embora tenha a designação de enfermeiro, não se trata da pessoa que desempenha na enfermaria a assistência ao doente, muitas vezes trata-se de um funcionário que administrava os bens e o pessoal do Hospital, conforme os excertos apresentados.

Quanto ao número de enfermeiros que integravam o quadro de pessoal do Hospital Real de S. José, D. Jorge Francisco Machado de Mendonça apresenta, no seu Relatório, no quadro dos funcionários do Hospital, de 1759, um total de 18 enfermeiros, distribuídos por ambos os sexos, 14 enfermeiros e 4 enfermeiras, para o total dos doentes distribuídos por 19 enfermarias: 15 para homens e 4 para mulheres. Do total das enfermarias para homens: 8 destinavam-se aos doentes com *febres*; 3 para *feridos*; 1 para *incuráveis*; 1 para *desnocações*; 1 para *loucos* e 1 para *gálicos*. As enfermarias para mulheres 3 destinavam-se a doentes com *febres* e 1 para *incuráveis*. Leone (1984, pp. 203-204).

Donde se deprende que em média existiria um enfermeiro por enfermaria, sendo que nas enfermarias para homens exerciam a atividade os enfermeiros e nas destinadas a mulheres as enfermeiras, se se tiver em conta o elevado número de doentes internados, poderemos deprender como seria o nível de assistência dos doentes internados.

O artigo *O Hospital de S. José História da sua Fundação* publicado pelo *O Arquivo do Enfermeiro (IIª Série)* em 1943, descreve (...) *expulsos os Jesuítas de Portugal, e confiscados todos os seus bens, a vastidão do colégio de S. Antão, fundado pelo Cardeal D. Henrique, em 1579, fez nascer a ideia de o destinar para hospital, e por isso a carta régia de 26 de Setembro de 1769 concedeu aquele edifício para substituir o pequeno e arruinado hospital de Todos os Santos* (...) p. 125.

Segura (1962) afirma que após o Terramoto de 1755, data da destruição do Hospital e do Teatro da rua das Arcas que existira até então, mandou o rei D. José construir umas enfermarias cuja edificação estava concluída em 1763. Nada ali, porém, recordava a antiga grandeza. E seis anos depois (1769), quando o Colégio de Stº Antão dos jesuítas expulsos, se transformou em Hospital – o de S. José – para lá foram transferidos os doentes daquelas pequenas e insuficientes enfermarias, p. 41

A sobrelotação dos Hospitais foi desde o seu início um dos problemas a que os autores referem como sendo uma situação caótica, conforme o documentam os excertos seguintes (...) *No hospital de Rilhafois havia em média 560 doentes. No hospital de D. Estefânia havia as enfermeiras de Santa Margarida (cirurgia) Santa Quitéria (cirurgia) de Santa Ana (medicina), Nossa Senhora do Carmo (medicina), cada uma com 36 camas, santa Estefânia (para crianças) com 50 camas, e a enfermaria – barraca (medicina) com 40 camas. Além das camas indicadas muitas vezes havia necessidade de se armarem outras provisórias, chamadas de coxias, chegando nalguns dias atingir números superiores a 2000.*

(...) Desde 1 de Novembro de 1616 a igual dia do ano seguinte entraram no hospital 3026 doentes, dos quais faleceram 620, ficando 255 em tratamento, donde se avalia o grande movimento que o Hospital tinha então (...). p. 125

A assistência tem raízes muito marcadas pela ação e missão da Igreja, e do Poder Real e a forte influência sobre as instituições, no caso, as Ordens militares, as Ordens religiosas e os hospitais.

A dinâmica instituída durante a Idade Média constitui um marco paradigmático da assistência, sendo um exemplo muito peculiar, visto que se projetara nos séculos seguintes, com outras características, em que a fundação das Misericórdias irão desempenhar uma ação bastante relevante e complementar na assistência social e nos cuidados de saúde.

De um modo geral, na Idade Média e nos períodos subsequentes da História da Monarquia, o poder do rei sobrepõe-se ao da mulher (rainha), apenas interrompido quando à frente dos destinos do país está no governo exclusivo uma rainha, o que aconteceu esporadicamente na Iª e IIª Dinastias e mais temporariamente na IVª Dinastia.

O papel do rei foi, desde sempre, «a parte mais visível e maior» no comando dos destinos do reino, cabendo à mulher/rainha, fosse ela esposa ou fosse mãe do monarca, o papel de materializar as «pequenas obras ou obras menores» que, no entanto, representavam muitas vezes a única ajuda no auxílio aos mais necessitados e desprotegidos.

Assim, de entre as mulheres mais citadas nos livros da História Portuguesa destacam-se as rainhas: D. Isabel de Aragão (1271-1336); D. Leonor de Lencastre (1485); D. Maria I (1777-1816); D. Estefânia (1858-1859); D. Maria Pia de Sabóia (1862-1911) e D. Amélia

de Orleães (1865-1951). A sua ação é reconhecida pela sua dedicação aos doentes e apoio na assistência dos hospitais e também por outras obras de proteção à maternidade, às crianças e aos idosos.

Alguns historiadores atribuem à ação de D. Teresa a fundação de uma estalagem e de um hospital destinado aos caminhantes.

Pires (2000, p.24) descreve a atividade da rainha D. Teresa na fundação das famosas albergarias em Mesão Frio, Moledo, Amarante, Albergaria-a- Velha, estando esta última a cargo dos Cónegos Regrantes de Stº Agostinho.

Também se pensa que a estalagem ou albergaria e hospital de Canaveses fossem mandados construir pela esposa de D. Afonso Henriques, a rainha D. Mafalda.

Em 1294 um diploma com data de 20 de novembro do rei D. Dinis refere o apoio à albergaria e ao hospital instituído por D. Mafalda, sua trisavó.

Rainha Santa Isabel de Portugal: a *Rainha que Cuidava*

No capítulo anterior, fizemos alusão ao rei D. Dinis (1279-1325) como precursor das letras e da escrita. Contudo, a sua esposa, a rainha Isabel de Aragão, desempenhou também um papel de relevo, sendo mais conhecida pela sua característica de generosidade, de santidade, manifestada em muitos episódios, entre os quais, o mais mediático, o milagre de transformação do pão em rosas, mas a sua atividade destacou-se em outras áreas.

A fundação dos hospitais, a doação de bens para o seu funcionamento, alguns provenientes do seu próprio pecúlio pessoal, tornou esta figura conhecida dos enfermeiros portugueses, constituindo uma referência da história das origens da enfermagem.

As práticas cuidativas, que se aplicavam nos hospitais e nos albergues atribuídas à rainha, são muito simples e algumas até arcaicas, mas da pesquisa bibliográfica estas práticas tinham o propósito de aliviar as dores e de sarar as feridas, numa época marcada pela lepra e pelas pestes.

Sousa (1941, p.4) define a rainha Stª Isabel como, (...) *anjo da paz, sob cujos nêveos dedos se transformava em rosas o oiro da caridade, era solicitada em tratar os miseráveis gafos, nos quais via a vida a pessoa de Cristo. Prensava-lhe as chagas, medicava-os e socorria-os com a esmola temporal e espiritual (...).*

Salgueiro (1999, p. 83) cita Crespo (1972) a propósito da intervenção da rainha relacionada com a sua Ação Caritativa e Social, «*abria a sua bolsa, hipotecava os seus haveres, para fundar hospitais, conventos, albergues, gafarias, casa de regeneração, orfanatos e que se lhe deve a fundação dos primeiros estabelecimentos de assistência particular em Portugal* Nesta época, podemos já constatar uma Rede hospitalar nacional.

E o que eram os hospitais à época?

As concepções são descritas como estabelecimentos de pequena dimensão, de promiscuidade entre doentes, pobres, viajantes e outros grupos sociais. A coabitação é, por vezes, bem mais difícil, que a inexistência de ajuda. As práticas eram muito simples, confundiam-se entre conteúdos técnicos, místicos e mágicos. Não obstante, estes representaram grande importância, num tempo marcado por várias catástrofes naturais.

Mata (2000, p. 45), descreve o hospital primitivo do Espírito Santo em Santarém em finais do século XIII como de estrutura orgânica constituído por um pequeno complexo imobiliário, onde se albergavam e residiam separadamente: a) os cônjuges pobres; b) os homens pobres solteiros; c) as mulheres virgens e as viúvas; d) os enfermos e; c) os funcionários contratados pelo hospital.

Em 1415 a primeira referência ao hospital do Espírito Santo «o Novo», por ter sido reformulado o primitivo possuía quatro camas de madeira, constituído por colchões (*almadraques*) e travesseiros (*cabeçais*) de lã, cobertas de burel, mantas e esteiras. Era fornecido aos enfermos a murta (flor aromática) e o óleo da candeia da igreja e garantir a iluminação do espaço *onde se recolhiam os pobres, para que se vejam conthinoadamente*. Mata (2000, p. 46).

São, pois Hospitais muito idênticos ao Hospital do Espírito Santo a quem se atribuiu à generosidade da mulher do rei D. Dinis, a rainha Isabel de Aragão, e que são citados no artigo:

(...) – Santarém, em 1321, *o Hospital dos Engeitados ou Inocentes de Santarém, que sustentava à sua custa. Nele se recolhiam os engeitados e abandonados, criando-os e ensinando-lhes um ofício antes de lhes abrir as portas para o mundo.*

- Coimbra – em 1333 o «Espital de Santa Helisabet» *que se destinava a 15 homens e 15 mulheres de 50 e mais anos, que após a sua morte foi entregue à Abadessa do Mosteiro de Santa Clara; Hospital de Velhas Inválidas «um recolhimento de mulheres pobres e honradas, a quem a vergonha de pedir esmola fazia maior a sua necessidade»*

- Leiria *o Hospital de Velhas Entrevadas*

- Alenquer *funda numa das Casas do Paço uma Albergaria para acomodar pobres passageiros e doentes* (...) Salgueiro (1999), cita Crespo (1972 pp. 83-85)

A autora continua a citar Crespo (1972, p. 28), para enaltecer esta preocupação social da rainha com os doentes e com o Funcionamento e Equipamento dos Hospitais, doando um avultado legado, recomendado que a enfermaria de Odivelas seja tão grande como a de Alcobaça e (...) *mando que comprão, refação pelos meus dinheiros segundo a medida da minha cama e item mando a esse mosterio de Odivelas para comprar herdamento para a*

enfermaria, mil ib. Item mando que os panos de sirgo que acharem à minha morte, do meu vestir façam vestimenta (...) e a liteira que ficar na minha casa (...).

O artigo no seu capítulo a «Rainha Cuidava» apresenta vários exemplos desta particularidade de Práticas Empíricas de Cuidar, cuidar dos pobres, doentes e de cura das feridas, com manifestações da sua atividade de Santa, entre os quais seleccionámos os seguintes excertos:

(...) onde ela própria se ocupava diariamente de cuidar dos doentes e lavar as suas roupas (...):

(...) visitava as enfermas pondo em elas as mãos mui sem nojo & mandando delas pençar, segundo a dor que havia ou demandava» (Relaçam, in Brandão, p. 508 Manuscrito folha 10) (...).

(...) na dieta hospitalar que haveriam de estabelecer para os enfermos ... visita os enfermos e «por vezes apresentava a eles o que havião de comer» in (Relaçam in Brandão p. 515 e manuscrito folha 15) (...).

A autora questiona se neste gesto não estará «o precursor do toque terapêutico?».

No mesmo sentido, tece comparação com o exercício da ação caritativa da rainha com os fundamentos da enfermagem moderna como sendo (...) *foi pioneira do «cuidar»*. *Na prática fervorosa das obras de misericórdia, ela utilizou um modelo holístico (...) Ester Sierra demonstra, na sua tese de doutoramento, terem correspondência directa com a pirâmide de Maslow (...) Salgueiro (1992, p. 2)*

A Rainha D. Leonor e a ação das Misericórdias

A situação social Europeia do século XIV foi marcada por grande turbulência, as guerras, as catástrofes naturais sucediam-se, dando origem a epidemias, das quais a Peste Bubónica. A Peste Negra e a Cólera foram as mais drásticas, conduzindo a taxas de mortalidade e de morbilidade de tal ordem elevadas, que reduziram a população europeia em dois terços e a um quarto da população mundial.

Gil Vicente, dramaturgo português, que tão bem soube retratar as situações vividas nos séculos XV e XVI pelos portugueses marinheiros, das longas viagens marítimas, são descritas como a existência de escorbuto devido às carências alimentares, particularmente a falta de consumo de alimentos frescos, sem vitamina C; os acidentes a bordo que provocavam estropiados, são entre outras doenças que provocavam vítimas e que na maioria das vezes enlutavam as famílias que ficaram na grande metrópole.

O século XV, marcado pelas guerras de África, e Espanha, pelas fomes, as epidemias e os tremores de terra, arrastaram o país para uma situação social de grande miséria e

disseminação das doenças. Os autores descrevem Lisboa, como uma capital particularmente afetada por uma multidão de pessoas doentes, sem abrigo e estendendo a mão à caridade pública.

Neste contexto social, maior número de pessoas são chamadas a cuidar dos doentes, e tanto assim, que surgiu uma nova e dinâmica confraria conhecida como Misericórdia e seria esta Instituição que em poucos anos, iria assumir um papel relevante no sistema de segurança social português na assistência aos mais desprotegidos e também aos doentes.

É neste cenário que se verificam as grandes Reformas na Assistência e na Saúde, quando em 1479 a Coroa recebeu a aprovação papal para fundir os hospitais de Lisboa e, em 1486 os hospitais de província.

Em 1484, é criado o Hospital das Caldas da Rainha, e fundadas as Misericórdias, por iniciativa da rainha D. Leonor.

O ideal religioso que presidia a estas instituições tinha por base as 14 obras de Misericórdia, à qual as Confrarias ficavam obrigadas a cumprir em todas as suas atividades caritativas.

Na base da fundação da Misericórdia de Lisboa *está Frei Miguel Contreiras, à altura confessor da rainha, tendo sido ele o autor do primeiro compromisso ou Regimento da Misericórdia de Lisboa. (...).*

Sousa (1941, p. 5), referia-se à rainha D. Leonor como (...) *dócil aos caritativos ensinamentos de Frei Miguel Contreiras, faz surgir do quasi nada a povoação de Caldas da Rainha com o seu hospital e balneário e funda a abençoada instituição das Misericórdias, que por toda a parte surgem, criando hospitais, que são ainda hoje a base da nossa assistência aos doentes.*

A sua memória abençoada não pode ser esquecida das mulheres portuguesas e especialmente das enfermeiras (...).

A sua personalidade é descrita por Correia (1937) nos seguintes excertos:

(...) desvanecida a sua glória humilde... ignorada até há pouco tempo pela maioria dos portugueses, que a miúdo a confundiam com Leonor Teles, tem-se elevado de tal modo e tanto entre as figuras da História de Portugal, que poucas se lhe podem comparar no conjunto das qualidades de inteligência, cultura, bondade, firmeza, modéstia, nobresa, acção fértil em resultados e ensinamentos para serem seguidos. p. 8

O carácter de uma figura desaparecida tem de avaliar-se pelos documentos que dela nos deixaram os contemporâneos, pelas críticas dos historiadores e principalmente pelas obras, que nos deixaram. p. 8.

Nogueira (1990, p. 61), cita Garcia Resende que descreve a rainha como sendo (...) *singular pessoa de tantos engenhos e bondades e tanta formosura, manhas e gentileza tão acabada e perfeita* (...) e Pero Moniz escreveu (...) *na Caridade e clemência era tão excelente que comumente lhe chamavam «Mãe e Amparo dos Pobres»*.

Garrido e outros (1990, pp. 42-48), fazem referência às qualidades da rainha D. Leonor, como (...) *senhora dotada de grandes qualidades humanísticas, sente a necessidade de criar uma Instituição que apoiasse os desprotegidos da sorte, e funda em 1498 a Confraria de Nossa Senhora da Misericórdia, na Capela da Terra Solta, no claustro da Sé Catedral*. (...)

Relativamente, à fundação das Misericórdias, Correia (1937) escreve: (...) *é a sua obra e o exemplo que nos legou como perscrutadora da moderna Assistência Social*. (...) *a rainha que o sabia ser quando a sua opinião podia influir a bem dos negócios do Estado; (...) dedicando-se com amor à protecção dos humildes e de todos os infelizes, com amor se dedicando também à protecção das belas artes* (...) p. 8

No que concerne à ação da rainha relacionada para manter o hospital das Caldas da Rainha, o autor refere que: (...) *fundar o Hospital das Caldas...dando origem a uma obra aos desprotegidos da sorte, a das Misericórdias e que também fundou as Caldas, o mais antigo hospital termal do mundo, cuja primitiva organização ainda hoje é admirada por nacionais e estrangeiros*. (...) *ajudando os primeiros passos decisivos da imprensa em Portugal* (...) *vendendo as suas jóias e as suas terras para fundar e manter para sempre o Hospital das Caldas, onde desde o princípio houve cem camas, nele se tratando de graça enfermos pobres de qualquer parte do Paiz*. (...) p. 9.

No início da sua fundação, as Misericórdias tinham como missão assistir aos enfermos, visitar os encarcerados, enterrar os mortos e conformar os que sofriam, mas foi alargando a sua ação ao cuidado das crianças enjeitadas, das gafarias e dos hospitais.

A «Roda dos Expostos», designação por que era conhecida o local onde famílias indigentes ou outras com filhos de ligações ilegítimas, que a sociedade à época rejeitava, aí eram abandonadas as crianças que normalmente eram retiradas e deixadas ao cuidado de estas instituições.

À medida que se vai alargando a rede assistencial, vai-se desenvolvendo também uma política centralizadora, aglutinando os pequenos hospitais e outras instituições dedicadas às causas sociais e assistenciais. O espírito de unidade e centralização era a dominante desta Reforma, Nogueira (1990 p. 61).

Relativamente aos cuidados prestados nestes hospitais, sabe-se que se resumiam aos cuidados básicos aos doentes e sua vigilância, cumulativamente com o desenvolvimento de tarefas domésticas de limpeza das roupas e das enfermarias.

Em 1525, já existiam cerca de sessenta delegações que operavam em Portugal, nas ilhas atlânticas e em Goa. Um século depois o número duplicara, este progresso em parte deveu-se ao apoio do rei D. Manuel I e da rainha D. Leonor, mas também pelo entusiasmo gerado em torno da instituição pelas diversas classes sociais, que suportavam o seu financiamento através de doações e de heranças ou disposições testamentárias.

A Misericórdia acabou por tomar a responsabilidade de muitos dos hospitais existentes e da fundação de outros e constituiu a principal instituição da caridade organizada, perdurando por muitos séculos.

O sucesso da 1ª Misericórdia em Lisboa foi notável, culminando com a construção da 2ª Misericórdia no Porto em 1499, Pires (2000, p. 24) cita no seu artigo que no ano da morte da rainha D. Leonor em 1525 tinham sido criadas 61 daquelas instituições de norte a sul do país, estendendo-se a Luanda, a Goa, a Macau e ao Brasil.

Todavia, a reforma que decreta a extinção das Ordens e Congregações Religiosas em 1834, introduz o enorme golpe no seu funcionamento, com consequências sociais, particularmente para as populações com maiores dificuldades. Apenas, com a implantação da República a situação pode ser pouco a pouco revertida, facto que ficou a dever-se à publicação da Lei de 2011 de abril de 1946. Esta estabelece a organização regional do país, no qual os hospitais das principais Misericórdias são integrados em três grandes áreas de Lisboa, do Porto e de Coimbra. A rede assistencial hospitalar passou a ter uma configuração de proximidade, central, distrital e concelhia, o que viria a perder com as reformas introduzidas pela revolução do 25 de abril de 1974.

A Rainha D. Maria I e as medidas de Saúde Pública

O reinado de D. Maria I (século XVIII) foi marcado por diversas iniciativas relacionadas com as ciências, a saúde e a segurança social, entre as quais a fundação da Biblioteca Nacional, a Academia das Ciências de Lisboa, a Casa Pia, destinada ao amparo dos órfãos de ambos os sexos. Introduziu no reino o Instituto das Religiosas da Visitação que tinham sido fundadas por S. Francisco de Sales e Santa Joana Francisca.

No Brasil, fundou um hospital para doenças de pele, atribuindo um subsídio anual para cura de *enfermidades* não contagiosas.

Também se atribui à iniciativa da própria rainha o início da vacinação contra a varíola, através de um corpo de voluntários que demonstrassem boa qualidade de serviços, tendo ficado sob responsabilidade da Misericórdia de Lisboa.

Garrido e outros (1990, p. 45) afirmam que deste Corpo de Voluntários, aqueles que possuísem (...) *maior aptidão para o tratamento dos doentes, frequentavam cursos de enfermagem e os restantes eram colocados em serviços de apoio aos enfermos* (...).

A comunidade das Filhas da Caridade, fundada em França por S. Vicente de Paulo foi autorizada a espalhar-se em Portugal por decreto de D. João VI de 14 de abril de 1819, tomando ao seu cuidado as crianças órfãs, doentes e abandonadas, que estavam internadas numa enfermaria enquadrada no complexo da Casa Pia.

Pires (2000, p. 24) refere que «*A sociedade portuguesa reconhecia mérito nestas irmãs pelo trabalho que desenvolviam junto dos doentes e das crianças pobres e abandonadas*».

A rainha D. Estefânia e a assistência às crianças

O reinado de D. Pedro V foi marcado por um conjunto de vicissitudes que muito fragilizaram a sua administração e particularmente as classes sociais mais débeis, entre estas encontram-se: os tumultos provocados pela carestia de vida, conhecidos como os *tumultos do pão barato* e pelas epidemias de cólera morbo-asiática e a febre amarela e ainda por um tremor de terra.

As fontes referem que em 1856 morreram cerca de três mil pessoas em Lisboa, devido a epidemia de cólera, mas mesmo assim um número bastante inferior ao ocorrido, em 1833, pelo mesmo motivo.

Em 1857 a febre amarela dizimou em três meses cerca de cinco mil e trezentas pessoas em Lisboa, situação que desencadeou a vinda de um grupo de religiosas francesas da Congregação de S. Vicente de Paulo, dedicando-se à assistência dos doentes e de obras de beneficência.

Esta situação desencadeou uma onda de revolta e contestação por parte dos setores mais progressistas da sociedade e de defesa das suas causas por parte da aristocracia.

O conflito é descrito pelos autores como tendo grande projeção nas ruas mercê de um grande comício em Lisboa, chegando as Irmãs da Congregação a serem apedrejadas e ainda de uma violenta campanha jornalística, levando os parlamentares a discutir o assunto em assembleia no Parlamento.⁸ Proença e Manique citados por Nunes (2003, pp. 20-21).

Segundo, Nunes (2003, p. 21) a diferenciação entre Enfermagem laica e religiosa poderá ter tido as suas origens neste conflito.

⁸ PROENÇA, Maria Cândida; MANIQUE, António Pedro - Da reconciliação à queda da monarquia. In Portugal Contemporâneo. Lisboa: Publicações Alfa; Vol. II pp. 52-55 [sem data].

A esposa de D. Pedro V, a rainha D. Estefânia, destacou-se na ajuda às crianças vítimas das mais variadas doenças, das quais se destacava a cólera que grassando em Lisboa, seriam internadas no Hospital de S. José, conjuntamente com os outros doentes adultos.

Ao verificar as condições deploráveis que se encontravam, resolve criar um Hospital que proporcionasse os melhores cuidados, contudo a morte a 17 de julho de 1859, por angina difterica aos vinte e dois anos retirou-lhe essa possibilidade

Um ano após a sua morte D. Pedro V em sua memória e em cumprimento dos seus desejos fundou o Hospital D. Estefânia em Lisboa. Contudo, só muitos anos depois, no reinado de D. Luís seria inaugurado a 17 de julho de 1877.

O Hospital D. Estefânia tornou-se num ícone de conjugação de vontades, tendo participado na sua construção o apoio de vários monarcas, D. Pedro V e D. Luís I e o pai da rainha e o governo português.

A administração do hospital ficou a cargo do Hospital de S. José, sendo que a 14 de novembro de 1877 foi estabelecido que o Hospital D. Estefânia deveria ter uma enfermaria destinada a crianças pobres de ambos os sexos, em memória e cumprimento da rainha sua fundadora. Foram transferidas para o mesmo as enfermarias do Hospital de S. José, de Sant' Ana e Senhora do Carmo, de medicina, e Santa Margarida e Santa Quitéria, de cirurgia, do sexo feminino

D. Maria Pia de Sabóia, esposa de D. Luís, alargou a sua intervenção no apoio às populações que ficaram sem as suas famílias e haveres devido às cheias e inundações em 1876 e às vítimas da seca no Ceará no Brasil em 1877.

Foi graças à intervenção da rainha que a assistência à infância e às mães mais se destacou com a fundação de Creches, particularmente na Calçada da Tapata em Alcântara em Lisboa, que era à época uma instituição de renome, possuindo uma lotação para cinquenta crianças de idades entre os 30 dias e três anos. Estas instituições possuíam a particularidade em que as crianças eram trazidas pela manhã e eram levadas à noite, eram amamentadas pelas mães uma vez ao dia e às outras era-lhe fornecido leite por *mamadeiras de vidro* e podiam tomar outros alimentos para além do leite.

O pessoal era constituído por uma regente e quatro criadas e uma cozinheira, dois médicos que diariamente faziam uma visita à creche.

A ação da rainha D. Amélia na assistência aos doentes com tuberculose

O reinado de D. Carlos e da esposa, a rainha D. Amélia foi marcado por grandes convulsões sociais, que deram origem a reformas sociais e no campo da saúde, das quais se destacaram as relacionadas com as condições de trabalho, o apoio às famílias e o ensino.

Relativamente às condições de trabalho dos assalariados eram tão difíceis, que desencadearam uma onda de protestos em todo o território nacional, verificando-se alguma acalmia, graças à intervenção do Congresso das Associações de Classe, em 1891.

Do resultado deste Congresso sobressaem medidas sociais que melhoraram grandemente as condições de vida das populações, assim, foram regulamentadas: leis laborais relacionadas com o trabalho das mulheres e das crianças; a fiscalização da higiene e segurança nas fábricas que empregavam menores; a criação de tribunais de trabalho e a responsabilidade patronal no que respeitava a acidentes de trabalho.

Ficou muito conhecida a Lei de 25 de fevereiro de 1891 que aprovava o contrato de trabalho garantindo a jornada de 8 horas diárias, fixando o repouso semanal e uma tarifa para o salário mínimo, porém o descanso semanal obrigatório ao domingo para todos os assalariados, seria apenas decretado vinte anos após 1911.

Entre as diversas medidas sociais foi proibido as mulheres de trabalhar durante quatro semanas após o parto, assim como a obrigação das fábricas que empregassem mais de 30 mulheres, de instalar uma creche a menos de 300 metros, para possibilitar que as mães pudessem amamentar os filhos.

O direito de associação era apenas reservado às classes operárias, limitando os seus direitos à esfera exclusivamente profissional.

Em 1893, foi fixada a idade mínima de ingresso no trabalho de 16 anos para os rapazes e de 21 anos para as raparigas.

Uma outra importante Reforma, no final do século XIX (1870), foi a do Ensino com a publicação do Ensino da *Cartilha Maternal* de João de Deus que, sendo ampliada em 1895, preconizava que um terço da carga horária se destinasse às disciplinas científicas de Física, Química, Matemática e Desenho, enquanto as modernas disciplinas, nas quais se enquadravam o Latim, a Geografia, a História e a Filosofia, ocupavam os restantes dois terços. Dois anos mais tarde (1897) foram criadas as Escolas Normais para a formação de professores.

Um pouco por todo o território nacional foram criadas escolas destinadas às crianças de ambos os sexos, sob a responsabilidade de professoras diplomadas pelas escolas normais, sendo uma medida que tardou a concretizar-se por falta de verbas.

O Ensino declarava-se oficial, laico e descentralizado. Era constituído por três graus: o Elementar obrigatório com duração de três anos; o Complementar com duração de 2 anos e o Superior com a duração de três anos, contudo, apenas funcionou regularmente o primeiro grau de ensino.

As condições de trabalho das professoras do Ensino Elementar melhoraram substancialmente, beneficiando de dois meses durante o último período de gravidez e a seguir ao parto, sem perda de vencimento, aumento de vencimento e inspeção sanitária escolar.

Porém, por ciclos o país era atravessado vários casos de epidemias e doenças, como foi o caso da tuberculose pulmonar no século XIX e início do século XX, em épocas em que a vacinação era uma medida avulso e pouco usual, onde as pessoas mais abastadas procuravam «alívio para os seus padecimentos» através das virtudes do clima do Arquipélago da Madeira.

A «tísica pulmonar», conforme era conhecida, afetou várias gerações de figuras reais dos finais do século XVIII e século XIX, entre as quais Amélia Augusta, única filha de D. Pedro IV, que veio a falecer em 1853 no Funchal, onde se refugiara para recuperar do fatídico mal.

Em sua memória a esposa de D. Pedro IV (Amélia de Beauharnais) fundou um hospital no Funchal para doentes «do peito», cuja inauguração ocorreu em 1856.

À sua intervenção também se atribui a fundação de uma casa de «sanidade» na mesma cidade destinada a doentes pobres, a fundação de asilos para os órfãos cujos pais morreram vítimas das epidemias de febre amarela e de cólera que assolaram por todo o país.

Em 1891 é fundado o Instituto Ultramarino e o Instituto Bacteriológico. Os objetivos destas instituições visavam respetivamente, a proteção, o socorro às famílias dos oficiais e praças da armada e dos exércitos do continente e das províncias ultramarinas e às dos funcionários civis, e a administrações de medicamentos antidifetéricos e anti-rábicos às populações.

O país viveu os flagelos das epidemias de uma forma contínua e cíclica. A exemplo disso observa-se que a cidade do Porto foi assolada por uma epidemia de peste Bubónica com origem provável em Bombaim, facto que o governo tentou resolver criando um cordão sanitário em redor da cidade, medida esta muito contestada pelos comerciantes por ser gravosa para a economia local e regional.

O ano de 1899 foi relevante no plano de assistência no trabalho, pela publicação de legislação que criava um fundo especial de beneficência pública destinado à defesa sanitária contra a tuberculose, doença que vitimava grande parte da população portuguesa, o que levou à criação por parte de D. Carlos e da rainha D. Amélia de Instituições de Assistência e Apoio aos Tuberculosos, entre os quais os Sanatórios do Outão, Carcavelos, Guarda e Lisboa e o Dispensário de Lisboa.

A atividade da rainha D. Amélia é destacada por Sousa (1941, p. 5) do seguinte modo, (...) *o excelso vulto da Rainha Sr.^a D. Amélia, fundadora da Assistência Nacional aos*

Tuberculosos, do Instituto Câmara Pestana, dos dispensários espalhados pelo País. No de Alcântara, como em visitas domiciliárias, tratava solícita os doentes, dando assim alto exemplo de carinhosa solícitude. (...).

O Sanatório D. Carlos I (atual Hospital Pulido Valente, em Lisboa) conjuntamente com as suas enfermarias para tratamento dos doentes com Tuberculose, devendo-se à iniciativa do monarca e da rainha, atingiram enorme prestígio tornando-se numa referência a nível nacional no diagnóstico e tratamento desta doença.

Ainda, durante este reinado são implementadas as Reformas no campo da saúde e do ensino da responsabilidade de Hintze Ribeiro, médico de Saúde Pública (1901). No campo da saúde, particularmente em Lisboa implementam-se medidas contra epidemias, combate às doenças infecciosas, salubridade dos lugares e habitações, inspecção de substâncias alimentícias, higiene da indústria e do trabalho, documentação de estatísticas demográfico-sanitárias.

Resumidamente, constatamos que, ao longo de oito séculos de independência portuguesa, a monarquia e a igreja foram as instituições que repartindo entre si a assistência social e a da saúde das populações mais pobres e doentes, foram também, na maioria das vezes, as grandes responsáveis pelas enormes dificuldades que lhes infligiram.

Na secção seguinte fazemos alusão ao papel desempenhado por S. João de Deus, considerado como figura de destaque no panorama da Enfermagem, desde o século XV até à atualidade. Segundo o enfermeiro Mourão (1954, pp. 31-32) este personagem a par de Florence Nightingale são (...) *os dois trampolins para a enfermagem contemporânea. Duas épocas, dois exemplos. (...).*

Nos capítulos e secções seguintes e de acordo com o descrito anteriormente complementamos a informação com o recurso à digitalização de imagens e das capas de alguns dos documentos consultados e a sua descrição física. O objetivo foi o de possibilitar ao leitor um maior conhecimento dos mesmos, podendo servir de elementos de estudo para subsequentes investigações.

2.2 – S. João de Deus: O primeiro português com História na Enfermagem Mundial



Imagem nº 1 – Imagem de S. João de Deus salvando os doentes durante o incêndio em Granada

A figura de S. João de Deus é incontornavelmente para a Enfermagem Portuguesa, uma figura de relevo, muito embora envolta de muita fantasia, misticismo e de algum desconhecimento científico sobre a sua verdadeira ação.

Nos tempos que correm, as figuras pátrias são muitas vezes esquecidas, ignoradas e até delapidadas em favor de outras nacionais ou não, todavia convém revitalizar «a alma lusa» particularmente em tempos de grandes convulsões sociais e de valores humanos.

A Enfermagem Portuguesa tem um dever para com o legado histórico, o de celebrar as efemérides nacionais com igual dimensão das internacionais, não sendo o que se passa na atualidade com o assinalar das datas de 8 de março e 12 de maio, referências para a Enfermagem, a primeira relativa a S. João de Deus e a segunda a Florence Nightingale.

Neste sentido, convém recordar que a efeméride importante do panorama da Enfermagem Portuguesa está representada no dia 8 de março, remontando ao ano de 1495, data em que nasceu em Montemor-o-Novo, João Cidade, mais tarde, João de Deus (1495 a 1540), que veio a tornar-se uma personagem histórica a nível mundial e só mais tarde a nível nacional.

A sua biografia é vasta, a maioria é escrita pela autoria de religiosos, daí advém a carga mística que acarreta os escritos sobre a sua vida. Recorde-se que a escrita dos séculos XV e XVI é recheada de imagens das grandes aventuras, das batalhas, das viagens e descobertas, que envoltas de romantismo e de misticismo, povouam a literatura da época e que ainda mantém algumas das suas repercussões.

Para efeitos do estudo seleccionámos os artigos de autoria nacional de Mello (1943); Mourão (1954); Cunha Teles Dantas (1958); Forjaz, (1964); Nogueira (1967); Pereira (1990); Nogueira, (1990); Dinis (1996); Botelho (1998) e Mendonça (2002), que descrevem a Vida de S. João de Deus, de vários modos, consoante as datas de publicação e à luz dos valores sociais à época.

Todavia, outros historiadores internacionais como sejam: Pavey, A. E. (1953); Seymer, L. R. (s.d.); Donahue (1985 e 1993) têm sido entre muitos aqueles que em tempos bem longínquos têm permitido aos enfermeiros portugueses conhecer melhor esta figura emblemática, paralelamente com a muita da bibliografia editada pela Ordem de S. João de Deus.

Em todos os escritos dos autores, observam-se traços comuns e muito particulares da sua vida como religioso e a referência à dimensão caritativa no cuidado que dedicava aos mais pobres e desprotegidos da sociedade.

Dotado de grande religiosidade e de solidariedade, tornaram-no numa figura ímpar ao conseguir albergar os mais doentes e abandonados.

Num panorama europeu extremamente adverso, que se vivia nas cidades à época, marcado por grande miséria, em que mendigos, viajantes, peregrinos, velhos e crianças deambulavam pelas ruas na esperança de conseguirem alguma ajuda.

A sua vida em Espanha, particularmente nas cidades de Granada e Córdova, foi dedicada à assistência aos mais desfavorecidos e marginalizados da sociedade.

De um modo geral toda a literatura sublinha o ambiente vivido por S. João de Deus no hospital de Granada, onde foi bastante maltratado, precisamente 10 anos após a sua abertura. Botelho (1998, p. 57).

Como exemplo da áurea de misticismo, são bastante significativos os artigos sob o título «S. João de Deus Patrono dos Enfermeiros» publicado em 1943, de autoria de Mello, na revista *Enfermeira*, e de Forjaz, em 1964, com o título «Caridade», publicado na revista *Servir*.

Muito embora, vinte anos de diferença entre os dois artigos, ambas as autoras escolheram para publicação esta faceta da vida do Santo.

O misticismo observa-se em várias passagens como as que descrevemos, sendo que desde muito cedo este menino seria predestinado a uma vida de glória a Deus e dedicada aos mais fracos. (...) *Dizem que os sinos repicaram na vila de Montemór-o-Novo, tocados milagrosamente por anjos de céu, quando em certo dia de Março do ano de 1495, uma criancinha foi a baptisar. Era filha de André Cidade e puzeram-lhe o nome de João.* Mello (1943, p. 14).

O sentido milagroso que lhe é atribuído é descrito pela autora (p. 16) quando, na qualidade de vendedor ambulante, encontrou na estrada um menino que pegou ao colo, lhe deu água e o protegeu e que este (...) *sustentava na mão uma romã (a que em Espanha chamam granada) e ouviu da sua boca estas palavras «S. João de Deus, Granada será a tua cruz» o menino desapareceu e o santo obediente tomou o caminho de Granada onde o esperavam na verdade grandes trabalhos.*

Refere a mesma autora as inúmeras graças concedidas por intermédio de Nossa Senhora de Guadalupe que visitou o seu santuário por diversas vezes (...) *Confortado e amparado pelas graças que Nossa Senhora lhe dispensou no seu santuário, voltou João para Granada e aí se entregou inteiramente às suas obras de misericórdia* – Mello (1943, p. 17).

Este traço místico do seu carácter está patente em muitos dos excertos sobre a variadíssima literatura, na sua maioria de cariz religioso.

No que se reporta a outra dimensão da sua vida, e por certo aquela que mais nos interessa no contexto deste estudo, é a obra de assistência hospitalar que é descrita pela mesma autora no seu artigo através dos seguintes excertos:

(...) eram muitas as esmolas que caíam na sacola de S. João de Deus, mas muitos também os pobres que lhe pediam agasalho, por isso ele esfalfava-se a trata-los (...) (,,,) Também algumas pessoas entusiasmadas pelo seu exemplo que tinham diante dos olhos ofereceram-se para o serviço do hospital. Assim foi crescendo esta grande obra.

(...) De toda a parte, não só da cidade de Granada, acorriam os doentes ao hospital de S. João de Deus. Já não cabiam na antiga casa e foi preciso procurar outra maior – Mello (1943, p. 18).

E foi com as esmolas e com a manutenção do Arcebispo Dom Pedro Guerrero que para isso deu ordem, depois de prometer (a S. João de Deus) que ele próprio manteria o hospital e pagaria todas as suas dívidas contraídas por caridade.

Ao fundar um hospital, em 1538, em Granada, diferente do Hospital Real, onde permanecera internado durante algum tempo, foi sujeito ao tratamento aplicado aos «alienados» fechado numa cela, amarrado, nu, batido com cordas dobradas.

Forjaz (1964, p. 11) sublinha também esta dimensão quando escreve que (...) *houve uma preocupação em toda a sua vida: o serviço dos outros, a Caridade.*

S. João de Deus não se limitou a pregar a Caridade, viveu-a, gastou-se ao serviço dos outros, deu um testemunho vivo do seu amor a Deus através do seu amor aos homens.

A autora chama-lhe *Enfermeiro Apóstolo* e ressalta a sua *Prática da Caridade*:

(...) a tua vida cheia de trabalho... uma vida vazia, falha de significado...és calculista e trabalhas sem Deus (...)

(...) nos hospitais e clínicas e sanatórios e casa ricas e bairros pobres onde entras todos os dias há almas abandonadas que esperam de ti (Enfermeiro) uma esmola de amor Não lha negues, não fujas dos homens (...)

(...) Enfermeiro apóstolo, compreende o que é o amar os homens, quem ama quer o melhor para aqueles que ama e o melhor é Cristo (...) p. 11.

Estas características estão de certo modo representadas na imagem nº 1 que anteriormente apresentamos, sendo uma das mais comuns que encontramos em muitos dos escritos acerca da sua vida, em que é observado S. João de Deus carregando aos ombros e ao colo os doentes internados no Hospital em Granada aquando de um incêndio que o devastou.

Cunha Teles Dantas (1958, pp. 271-274) referia, a propósito das comemorações do Dia do Enfermeiro, que fazia sentido que (...) *no dia litúrgico de S. João de Deus e que a Enfermagem escolheu para seu patrono, fazendo desse dia também o Dia dos Enfermeiros*

Sobre a sua ação em prole do cuidado aos outros e sobre a grandeza do seu caráter continua a sublinhar a autora: (...) *creio que os eleitos não têm época, estão sempre presentes com o brilhante exemplo da sua vida, e neste caso, em particular, como precursor da técnica hospitalar moderna, S. João de Deus é hoje o patrono dos Hospitais. Por ter sido exemplo vivo de sacrifício e de dedicação a todo o homem carenciado de saúde ou de recursos materiais ou espirituais, a Igreja outorgou-lhe o título de patrono dos Enfermeiros.*

Provido de instituição que é timbre dos grandes, institui a higiene dos doentes nos hospitais e a limpeza dos doentes nos hospitais que criou; distribuiu judiciosamente pelas diversas salas e enfermeiras os doentes consoante a natureza da doença, aplicou processos humanos de tratamento sobretudo no domínio das doenças mentais, que até hoje a ciência não contrariou e por vezes não ultrapassou. pp. 271-274

Mais recente o artigo da revista *Servir*, de autoria de Mendonça (2002), com o título *Modelo no Cuidar*, indica alguma da investigação que tem sido feita e cita que apenas são (...) *conhecidas cinco cartas escritas por ele, das quais quatro são dirigidas a pessoas benfeitoras agradecendo as dádivas doadas para o seu Hospital, a outra carta era dirigida a um candidato discípulo, onde revela as normas exigidas e que são essencialmente semelhantes aquelas para o ingresso na vida religiosa (...).*

A propósito dos requisitos para se ser admitido no Hospital, mais uma vez se encontra a referência à sua religiosidade, (...) *o objectivo principal da sua acção era obter a glória e a honra de Jesus, de tal maneira que a cura do corpo fosse um meio de salvar as almas* (...) p. 120

No que respeita à sua ação, Mourão (1954); Botelho (1998) e Mendonça (2002 p. 122) destacam a implementação de uma organização exemplar que revolucionou a assistência e o **Modelo de Cuidar**.

Mourão (1954, pp. 31-32 e 36) descrevia do seguinte modo a sua ação (...) *S. João de Deus foi um enfermeiro incomparável. Capaz de tudo por amor do próximo (...) surgiu por intuição da sua vida ascética a necessidade de fazer bem; dedicou-se aos doentes. Honra a Deus por tão nobre exemplo para todos nós que o temos por padroeiro. Bom técnico? Não interessa; atente-se apenas que para a época, o melhor.*

Segundo Botelho (1998, pp. 57-58) a figura de S. João de Deus é a mais importante do século XVI, pelo modo como cuidava dos doentes como os defendia e protegia, o carinho e o humanismo da sua relação com os elementos da equipa e, sobretudo o conhecimento que demonstrou na prática dos cuidados. Esta figura foi verdadeiramente impressionante para a época e mesmo para os dias de hoje.

Os autores sublinham a grande preocupação que o Santo demonstrava pelas regras de higiene e alimentação, pelo relacionamento com os doentes, separando-os fisicamente por doenças, os curáveis e incuráveis, lançando as bases do moderno trabalho em equipa, Botelho (1998, p. 58) através da entreajuda dos técnicos que se ocupavam do doente.

Mendonça (2002, pp. 120-122) refere a mesma preocupação em redor da *Separação dos doentes, segundo a natureza da doença e gravidade das mesmas*;

- *Estabelecimento de uma relação privilegiada e de apoio individualizado, chamando a pessoa pelo seu nome*;

- *Respeito pela privacidade, dando a cada um uma cama, separando-o dos outros doentes*;

- *Cuidava do conforto e higiene dos doentes e de todo o arranjo e higiene das instalações, das roupas*;

- *Chamava os médicos para o diagnóstico e tratamento da doença*;

- *As prescrições terapêuticas eram cumpridas com rigor*;

- *Os doentes mentais eram tratados em condições de igualdade e sem segregação*.

(...) *Em sua homenagem é criada a Escola de Enfermagem em Évora com a designação de Escola de Enfermagem de S. João de Deus.*

Os autores - Forjaz (1964, p. 11); Pereira (1990, p. 204) e Botelho (1998) – fazem referência à sua vida e obra lhe valeram o título de *Padroeiro dos Hospitais, Enfermos*,

Enfermeiros e das Associações Profissionais de Enfermagem, sendo o dia 8 de março escolhido para o dia da Enfermagem.

Segundo Forjaz (1964, p.11) e Pereira (1990, p. 204), o Santo Padre Leão XIII proclamou S. João de Deus o Padroeiro dos Hospitais e dos Enfermos, em 27 de maio de 1886, e mais tarde, em 28 de agosto de 1930 Pio XI declarou-o Padroeiro dos Enfermos, Enfermeiros e das suas Associações Católicas.

Dinis (1996) indica como data da sua canonização o dia 16 de outubro de 1690.

De tudo o que apresentamos, constatamos que todos estes procedimentos constituem um modelo nos cuidados e na forma de encarar a pessoa doente na sua humanidade.

Atente-se que muitos destes princípios foram utilizados três séculos mais tarde por Florence Nightingale, junto das tropas da Guerra da Crimeia nos Hospitais de Campanha. É evidente que S. João de Deus não obteve a mesma notoriedade, porque os contextos socioeconómicos e as origens sociais de cada uma destas personagens eram bastante diferenciados.

Não obstante, essa circunstância não pode deixar de ser uma referência entre nós.

O seu legado, como fundador das Ordens Hospitaleiras Portuguesas, distingue-se, particularmente, na assistência aos doentes mentais (Pires, 2000 p. 24), aos idosos, a toxicodependentes, doentes com SIDA, às crianças, das várias instituições espalhadas um pouco por todo o Continente e Ilhas.

Os Hospitais de Montemor-o-Novo e da Casa de Saúde do Telhal são exemplo deste ideal de ação caritativa, distinguindo-se ainda no panorama da saúde, neste início do século XXI.

Em Portugal, são várias as Igrejas dedicadas a S. João de Deus (Montemor-o-Novo e Lisboa).

São algumas as iniciativas de associar o dia 8 de março a eventos da enfermagem portuguesa, ainda sendo este o dia escolhido em algumas escolas para as cerimónias oficiais de encerramento de cursos e de entrega de diplomas aos novos enfermeiros.

Pudemos testemunhar a grande dedicação que esta figura representou para os enfermeiros portugueses, particularmente nas primeiras revistas no século anterior, através das muitas ilustrações e artigos referentes a estas cerimónias espalhadas por todo o país, bem como nas então províncias ultramarinas.

Em algumas das Escolas de Enfermagem a cerimónia do compromisso profissional dos recém-formados ainda se faz junto de uma imagem de S. João de Deus e algumas destas ainda promovem visitas de estudo e culturais a Granada e ao túmulo na igreja com o seu nome.

Sobre a sua obra, os documentos em análise sublinham a importância da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus espalhada pelos cinco Continentes, em 45 países.

Os autores referem que, entre as muitas cidades espanholas, Granada ficou sempre ligada à vida desta figura, onde estão as suas relíquias na catedral e que ainda atualmente constituem lugar de grande veneração. Também, em Portugal, as Igrejas edificadas em Montemor-o-Novo e Lisboa, dedicadas a S. João de Deus, refletem a grande devoção do povo português.

Contudo, os artigos analisados, ao fazer sobressair as práticas de saúde monástica e medieval, reforçam a ideia do aparecimento da Enfermagem como prática religiosa desempenhada pelas ordens religiosas. As práticas de saúde, mágico – sacerdotais, centradas na relação mística e nas práticas religiosas e de saúde primitivas, desenvolveram-se à sombra dos Mosteiros e Catedrais.

As qualidades morais como a abnegação, o espírito de serviço, a obediência eram atributos inerentes a quem exercia a enfermagem. Estes conferiam-lhe um carácter de sacerdócio e não uma conotação de prática profissional, facto que deixou marcas no modo de ser encarada socialmente.

Conforme documentado, anteriormente, a Idade Média foi um período que deixou como legado uma série de valores que, com o passar dos tempos, foram aos poucos legitimados e aceites pela sociedade como características próprias da enfermagem.

Do final do século XIII até ao século XVI, devido aos movimentos Renascentistas e da Reforma Protestante, as práticas de saúde pós monásticas evidenciam a evolução no campo da saúde, em especial, do exercício de Enfermagem.

Ao contrário do que afirmámos anteriormente acerca de o progresso científico, social, intelectual da Renascença e da evolução das Universidades, estes não se apresentaram como factores de crescimento para a enfermagem. A prática permaneceu confinada aos hospitais religiosos, permanecendo empírica e desarticulada, durante muito tempo, desagregando-se ainda mais a partir dos movimentos das Reformas Religiosas e da Santa Inquisição.

Este período correspondeu à fase empírica, em que a experiência e a tentativa e erro de quem cuidava eram dominantes, sem que existisse qualquer fundamento científico.

Nogueira (1990, p. 63) estabelece como movimentos de mudança, neste panorama, a industrialização do século XVI, que sob o domínio do sistema político e económico da sociedade, trouxe grandes desenvolvimentos na área da construção hospitalar.

O autor faz referência ao Hospital de Todos os Santos como sendo modelo, pois que, já no reinado de D. João III, o Hospital possuía um *Banco* para consultas e remédios para os pobres, uma enfermaria especial para pessoas nobres e uma casa para alienados. O Hospital tinha ainda de cuidar das crianças enjeitadas que lhe eram deixadas à porta.

A propósito dos progressos a nível europeu, Pedrosa (2003, p. 81) aponta o século XVI como aquele que foi marcado por quatro fenómenos: o Movimento «Renascentista», a Reforma Protestante, os Descobrimentos e a Inquisição. Acontecimentos que se tornaram importantes no desenvolvimento em várias áreas, desde as artes, à ciência, à escrita, com o aparecimento de várias áreas, desde as artes, à ciência, à escrita, com o aparecimento de várias profissões, nas quais encontraremos os princípios que vieram a tornar-se inspiradores à enfermagem como atividade e, posteriormente, como profissão.

A Reforma Protestante, iniciada por Martinho Lutero (1517), que se estendeu um pouco por toda a Europa (Norte da Alemanha, França, Países Baixos, Escandinávia e Inglaterra), foi a grande impulsionadora da mudança na forma de cuidar dos doentes e do exercício da enfermagem, destacando-se as figuras emblemáticas, como o Pastor Fliedner e sua esposa e, mais tarde, Florence Nightingale.

Também, a Epopeia dos Descobrimentos contribuiu para o conhecimento e para a investigação experimental, relacionados com a diversificação das formas terapêuticas e farmacológicas. O conhecimento de receitas medicinais, divulgadas em textos e literatura com origem nas plantas, constituía a farmacopeia popular mais usual e disponível. Igualmente o surto dos Descobrimentos, as viagens marítimas e o conhecimento de países como a Índia, o Japão, a China e o Brasil, fazem chegar à Europa as novas experiências do estudo, do diagnóstico e do tratamento das doenças, diversificando e complementando as receitas medievais. O grande *boom* relacionado com a divulgação de medicamentos de origem oriental (extraídos de plantas e conhecidos entre indígenas e outros povos), para além de revolucionar as práticas de medicina e de farmácia europeias dos séculos XVI, XVII e XVIII, esteve na base da criação de profissões ligadas à saúde.

A título de exemplo os autores que temos vindo a analisar, entre os quais Franco (2001, p.23) salienta que, no século XVI, a Parteira aparece incluída no lote de profissões adstritas às artes de curar, a par do Médico, do Cirurgião e do Farmacêutico. A autora destaca o século XVII como aquele que representa uma mudança no exercício da medicina, passando a ser exigido um exame feito pelo Cirurgião-Mor para a prática desta atividade. No entanto, e apesar deste progresso, encontram-se referências de que mesmo, no século XVIII, alguns médicos e cirurgiões não sabiam ler e escrever.

Quanto à Enfermagem pouco a pouco vai sendo cada vez mais premente a necessidade de se organizar enquanto atividade, facto que veio apenas a ser conseguido no século XIX, na Inglaterra, culminando com o surgimento da Enfermagem moderna como atividade profissional institucionalizada.

Relativamente, aos artigos analisados verificamos que estas matérias estão presentes, e que são sinais, ainda que muito tímidos, da evolução profissional.

Quando comparados os artigos mais antigos com os mais recentes, infere-se que o conteúdo linguístico é diferente, mais evidente nos primeiros um maior sentimento de religiosidade e de misticismo, enquanto nos mais recentes sobressaem os aspetos teóricos e científicos que denotam maior pesquisa e investigação, o que poderá ser indicador de maior maturidade da própria produção e publicação dos temas da própria enfermagem.

Os grandes nomes portugueses ligados à medicina, entre os quais Amato Lusitano (1511-1568) e Garcia da Orta (1501-1568), impuseram-se no campo das letras e da saúde como duas figuras do Renascimento, mas também, por isso mesmo, foram duas das grandes vítimas da Inquisição. Tal como afirmámos, no capítulo anterior, esta *Santa Instituição* impõe a sua ordem e poder, cerceando o desenvolvimento em todas as áreas da sociedade e cultura portuguesas, à qual não ficam de fora também as que se relacionam com a saúde.

No que respeita à bibliografia produzida em Portugal destinada aos enfermeiros, Soares (1996, pp. 43-52) destaca a publicação de três livros: um de 1664 com o título – *Luz da Medicina, Pratica, Racional e Methódica. Guia de Enfermeiros. Directório de Principiantes*, de autoria do médico Dr. Francisco Fortunato Roma; o outro de 1741 da autoria de Frei Diogo Sant-Iago, com o título – *Postilla Religiosa e Arte de Enfermeiros* e o terceiro sem autor, publicado em 1747, com o título – *Instrucção de Enfermeiros e consolaçam para os affligidos enfermos: Verdadeira pratica de como se devem aplicar os remedios que os Medicos ordenaõ, Muito necessária para que os enfermos sejam bem curados e proveitosa aos praticantes de Medicina*.

Os dois primeiros livros são escritos por autores nacionais, enquanto o terceiro é uma tradução para a língua portuguesa

De todo este panorama o aparecimento dos Livros *Luz da Medicina, Pratica, Racional e Methódica. Guia de Enfermeiros. Directório de Principiantes* e *Postilla Religiosa e Arte de Enfermeiros* constituem a primeira bibliografia portuguesa, que se conhece, sendo por isso muito relevante no percurso histórico da Profissão e na génese da escrita destinada aqueles que praticavam a enfermagem nos séculos XVI e XVII, por esse facto reservamos-lhe algum espaço de análise.

CAPÍTULO 3 – 1741 – A *POSTILLA RELIGIOSA E ARTE DE ENFERMEIROS*

– UM LIVRO COM 270 ANOS –

O curso natural da escrita iniciou-se, como temos vindo a referir, pela mão das ordens religiosas e da nobreza, ainda como divulgação escassa e de conteúdo muito empírico em que a tradição oral era muito comum.

O processo de cuidar surge em Portugal, como refere Fernandes (2007), no Século XVIII pelas mãos do clero e sem que os enfermeiros (noviços) tivessem qualquer tipo de autonomia na sua intervenção.

É interessante verificar que, após 50 anos da canonização de S. João de Deus, e no seguimento do tipo de documentos tão em voga, desde o ensino jesuíta, o primeiro documento escrito para enfermeiros em Portugal foi uma *Postilla* de autoria de um discípulo desta Ordem Hospitaleira.

Graça (2005, p. IV) define sebenta ou *postilla* (do latim *postila*, anotação que esclarece ou completa um texto), baseada em «cadernos manuscritos».

Assim, a obra editada e publicada por *Fr. Diogo de Santt-Iago Religioso de S. João de Deus em 1741 A Postilla Religiosa e Arte de Enfermeiros Edição Fac – Símile*, constitui um verdadeiro achado histórico para a Enfermagem, pois que cerca de 100 anos antes da figura de Florence Nightingale este documento (...) *é o primeiro manual de formação em cuidados de enfermagem, que há notícia em Portugal, e nessa medida, deveria ocupar lugar de algum relevo na proto-história do ensino das ocupações e profissões de saúde* – Graça (2005, p. I).

O autor reforça a importância histórica deste documento pelo facto da existência de «menos de seis exemplares nas nossas bibliotecas públicas que, sendo considerada uma obra rara», aumenta o seu valor como *testemunho histórico* da escrita portuguesa.

Foi localizado um exemplar em bom estado de conservação na Academia das Ciências de Lisboa, pelo Dr. Moutinho Borges, Conservador do Museu de S. João de Deus, da Província Portuguesa da Ordem Hospitaleira, e de António Leite Ribeiro, proprietário da Editora ALCALÁ, responsável pela sua fac-similização e respetiva edição, p. II.

Também, este livro assume mais relevo quando, tanto quanto se sabe, que à época, ainda existiam médicos e cirurgiões que não sabiam ler e escrever.

Soares Brandão, Cirurgião-Mor, determina em 1758, que não fosse admitido à frequência das aulas do Hospital de Todos os Santos quem não soubesse ler, escrever, dominasse as regras de ortografia e gramática portuguesa, além de outros requisitos para o Diploma.

O resultado desta determinação em pouco valeu, passando os candidatos (...) *sem de ordinário, saberem ler nem escrever, e todos com cartas autênticas do Senhor Coronel Cirurgião-Mor*. Nogueira (1990, p. 94).

Este facto, tão frequente no seu tempo, vai ter repercussões, mais tarde, no desenvolvimento da enfermagem portuguesa.

O Diploma, «atestado pelo clínico», quase sempre Diretor de serviços hospitalares, tornou-se num documento extremamente útil, colmatando a escassez de enfermeiros.

Podemos verificar algumas particularidades deste livro como sejam:

Apresenta um frontispício-capa com o título e subtítulo: *Postilla Religiosa e Arte de Enfermeiros, guarnecida com eruditos conceitos de diversos Authores, facundos, Moraes, e Escriurarios*.⁹

Tem a identificação do autor que nos indica a sua natureza e filiação religiosa: *Padre Fr. Diogo de Sant-Iago, Religioso de S. João de Deos*.

Remete-nos para o cargo que ocupava o autor e o objetivo da publicação: (...) *Com que educou, e praticou aos seus Noviços, Sendo mestre delles no Convento de Elvas, para a perfeição da vida Religiosa, e voto da Hospitalidade*.

Apresenta outra característica interessante, ou seja, a menção a quem o autor dedica a obra e o cargo que ocupa: *Dedicada ao Reverendissimo Padre Fr. Joze' de Jesus Maria, Dignissimo Provincial Apostolico da mesma Provincia*.

A sua impressão foi feita em *Lisboa Ocidental na Officina de Miguel Manescal Da Costa, Impressor do Santo Officio*. Foi publicado no *Anno MDCCXLI com todas as licenças necessarias*.

⁹ Fr. Diogo de Sant-Iago, *Postilla Religiosa e arte de Enfermeiros*. 1741, 109. Edição Fac-símile. Lisboa: Edição Alcalá, 2005.

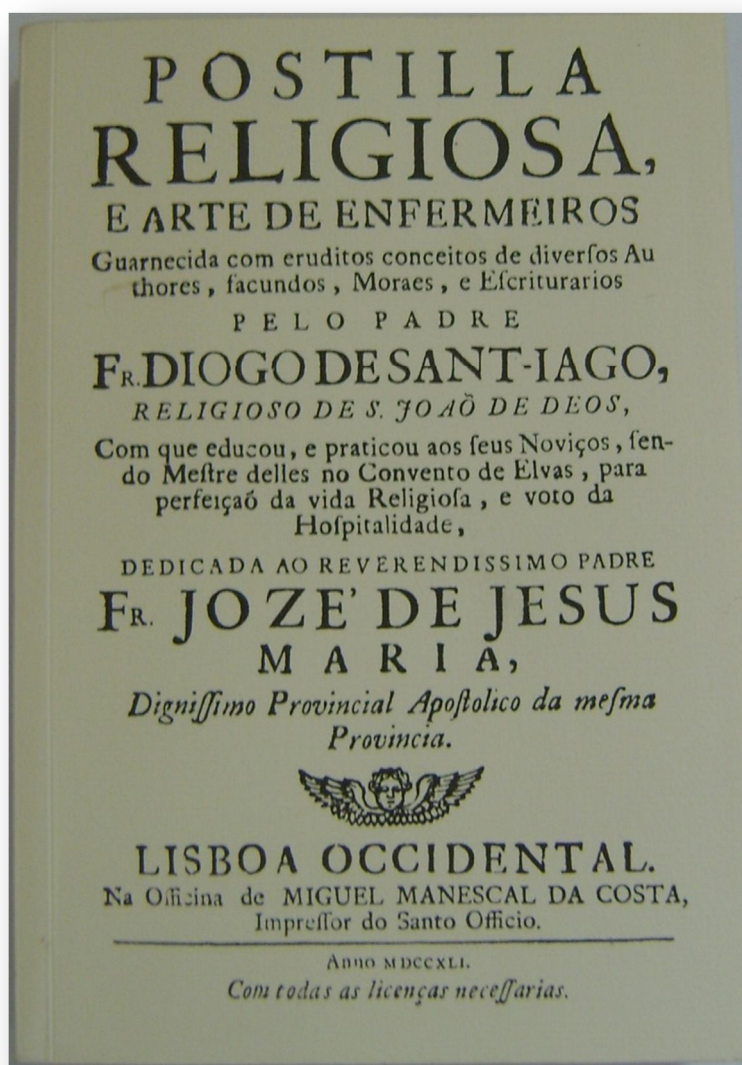


Imagem nº 2 – Digitalização da Capa do livro *A POSTILLA RELIGIOSA E ARTE DE ENFERMEIROS*

Importa verificar o percurso que a obra teve de fazer para obter as licenças do Santo Offício, do Ordinário Eclesiástico e do Paço, conforme referimos no capítulo anterior. A juntar a estas, o livro teve de se sujeitar à Licença da Ordem do Convento de N. P. S. João de Deus da Cidade de Elvas, a 18 de julho de 1740, concluindo-se todo o processo de Licenciamento a 13 de abril de 1741.

A Licença da Ordem *Do Santo Officio* foi assinada por *Fr. Manoel da Cruz, Qualificador do Santo Officio, Lente Jubilado na Sagrada Teologia, Qualificador do S. Officio, e Examinador das Trez Ordens Militares.*

É curiosa a forma elogiosa como se refere ao autor a S. João de Deus e ao próprio livro – (...) *Reverendo P. Fr. Diogo de Sant-Iago, o Religioso da Sagrada religião do grande, e excelso Patriarca S. Joaão de Deus ...confesso que o vi, e li com muito gosto, por ver que não há nelle cousa, que não convide a hum universal applauso, principalmente entre os Prelados, e os súbditos, e entre os enfermos, e Enfermeiros, pois na Economia, e na Medicina dá a huns, e a outros a mais proveitosa regra (...).*

A seguir submeteu-se à Censura do Reverendo Mestre Bartholomeu de Vasconcellos, por parte do Ordinário Eclesiástico da Diocese de Lisboa, que afirma (...) *nelle não achey cousa repugnante à pureza da nossa Santa Fé, ou rectidão dos costumes, antes sim huma doutrina admirável, com que o espírito do Author abrazado nos incêndios da caridade ensina ao Mundo as Artes de bem viver, e de morrer; e como praticou primeiro o que agora ensina, entendo se faz merecedor não só da licença, o que pede, mas hum premio grande no Ceo (...).*

A Licença do Paço foi remetida ao (...) *Doutor Cypriano de Pinna Pestana, Medico da Camera de S. Magestade e Fysico Mór do Reyno, que dá o seu aval referindo ...he obra muito agradável a quem ler, e muito útil para quem desejar assistir com caridade de bom Enfermeiro aos doentes; porque ensina os melhores termos, e circunstancias medicas para a tal assistência, fundamento á caridade, e baze ao zelo espiritual, como legitimo Filho do mayor Pay da Hospitalidade; e como contenha o tal livro, e ensine tão necessária doutrina para os miserandos afflitos, se faz digno da licença, que pede (...)*

No *Prólogo ao leitor* o autor mostra uma atenção especial à atualidade dos conteúdos, submetendo-os à apreciação de eminentes médicos e cirurgiões. Mais uma vez, se reforça a ideia de que a obra se destina aos Noviços do Convento de Elvas, conforme se demonstra neste excerto: (...) *que nesta Postilla requintey particularmente os conselhos da politica Religiosa, com outros muito diversos, e mais proximamente experimentados, não para que delles se aproveitem aquelles, de quem eu posso aprender, mas sim aquelles, a quem pela occupação tenho obrigação de ensinar; e como os principais são os do nosso instituto, lhe ajuntey os desta Arte de Enfermeiros na praxe moderna, que revista, e corregida por Medicos doutos, e Cirurgiões peritos, ficou capaz de se aproveitarem della os meus Noviços, e Religiosos (...).*

Trata-se de um livro de carácter didático, um manual de procedimentos técnicos, com o propósito de harmonização e execução das técnicas médicas. Um só modo de «fazer enfermagem» faz todo o sentido para este tipo de documento em *Postilla*.

A compilação de anotações, no sentido de ajuda e estímulo ao estudo dos seus Noviços e que os seus Religiosos exercitem com mais perfeição o voto da Hospitalidade.

A *Postilla Religiosa* é constituída por três tratados, num total de 300 páginas. O primeiro Tratado – *Postilla Religiosa* – destinada a *advertências para a perfeição religiosa do estado de noviço até ao de prelado superior*, ocupa cinco capítulos da página 1 a 71, o segundo Tratado – *A Arte de Enfermeiros* – com o subtítulo *para assistir aos enfermos, com as advertências precisas para a aplicação dos remédios* – aquele que mais nos interessa, no contexto que estamos a estudar, apresenta-se em cinquenta e nove capítulos da página 72 a 172.

O terceiro Tratado refere-se a *advertências para «bem morrer»*, num total de sete capítulos, ocupando 80 páginas, incluindo os anexos, desde a página 173 a 256.

Desconhece-se qual teria sido o número de exemplares publicados do livro, mas podemos especular que teria com certeza enorme sucesso entre os Irmãos Hospitaleiros de S. João de Deus, pois que, na opinião de Graça (2005, p. I), desde 1645, estes não só administravam uma vasta rede de hospitais militares, de campanha e de retaguarda, como neles prestavam cuidados de enfermagem.

Fr. Diogo de Sant-Iago, no cargo de «professor de enfermeiros», destinados a exercer a sua missão nos serviços reais de saúde e militar, escreveu o seu livro, como resultado da sua experiência de 40 anos, como religioso, formado nos institutos dos Irmãos Hospitaleiros de S. João de Deus.

O Tratado II – *Arte de Enfermeiros – para assistir enfermos e advertências sobre a aplicação de medicamentos* – constitui um verdadeiro manual de boas práticas que permitem compreender a enfermagem portuguesa do século XVIII. Neste, no início do capítulo I, *Advertências para o Enfermeiro*, salienta-se a importância que assumia o ser eleito pela autoridade eclesiástica, como enfermeiro, a sua missão caritativa, no cuidar da saúde tanto do corpo como da alma e fazê-lo, porque isso agrada a Deus, conforme o representado no seguinte excerto.

(...) Se o Prelado vos eleger Enfermeiro *day-lhe logo o agradecimento de formar conceito da vossa capacidade para emprego de tanta importância, e merecimento, de cuja 176ujeitos rende a 176ujei da alma, e corpo do enfermo, credito da nossa Religião, e instituto della. Haveis de advertir, que o Enfermeiro, que he caritativo, considera que o faz ao enfermo, Deos o recebe, estima e remunera. Deve haver 176ujeitos genérica de amor entre o enfermo, e Enfermeiro* (...) pp. 72-73.

As aulas são descritas como (...) *as enfermarias, aonde os livros são os enfermos, que também o Santo Job chamava aos pobres enfermos os seus livros; e quanto mais cheyas estão estas aulas de volumes, mais cheyas estão de merecimentos. São Bibliotecas de toda a variedade de queixas* (...) p. 5

O pormenor com que são descritos os procedimentos técnicos constitui referência, na administração de medicamentos, que a título de exemplo transcrevemos:

(...) Os remédios que aplicares aos enfermos, sejam só pela vossa mão, e a tempo; que as medicinas dilatadas se privaão do nome de remédio, disse Quintilliano. Nunca deis remédio bebido sem primeiro ser mechido, e agoa ao enfermo para lavar a boca, por evitar o perjuizo de o lançar fora. Tende muito, e muito particular cuidado nos numeros que trazem os medicamentos, para que não haja equivocação na applicação delles; e não só nos números tereis esta vigilancia, mas também na cor, cheiro, e qualidades delles; porque nas boticas sucede muitas vezes porem-se os números errados, como eu tenho varias vezes experimentado, e outros muitos Enfermeiros, o que se tem remediado com a experiência dos remédios” p. 76.

Neste excerto, está presente a ideia de procedimentos técnicos que ainda atualmente são seguidos, tais como se verifica o cumprimento do horário da administração dos remédios. O facto de os remédios serem líquidos ou em pó, deverão ser agitados, diluídos ou serem mexidos, dando água ao doente, previamente, a fim de diminuir o mau sabor que os mesmos possam causar.

É interessante notar a preocupação que já existia pela necessidade de evitar trocas de remédios, o que implicava que fossem dados por mão própria, havendo a necessidade de conferir o número porque eram designados, mas também pelas características de cor, cheiro e pela sua qualidade.

A prática de prescrição dos medicamentos por números foi uma prática que ainda perdurou, na organização das farmácias hospitalares, particularmente, na rede dos Hospitais Civis de Lisboa, até finais da década de 1970.

No texto, é reforçado o cuidado de conferir a prescrição clínica com o medicamento, mesmo com aqueles que são enviados pela «botica», estando na origem de trocas de remédios, que serão evitadas pela atitude do Enfermeiro. Esta prática ainda constitui uma das funções do enfermeiro na atualidade mesmo com o sistema de prescrição em dose unitária.

As características de uma nova farmacopeia estão presentes no Tratado II do capítulo I ao LIX, onde se documenta, não apenas as indicações medicamentosas, como também as formas artesanais de fabrico.

Graça (2005, p. III) afirma que o Livro dá uma ideia aproximada do arsenal terapêutico que era usado nos hospitais de então, militares e civis, que considera ser tão diversificado como ineficaz.

De entre as técnicas relatadas estão as purgas, os clisteres, as sangrias, os vomitórios, as ventosas, entre muitas outras. São apresentados também um conjunto de aplicações de

plantas, de frutos, de caldos e de unguentos à base de cevada, de violetas, de malvas, de ameixas, de azeite, de vinho, de caldo de galinha, explicando-se as formas de preparação com a sua indicação terapêutica.

O capítulo XXI *Lençol molhado em vinho como se costuma pôr a hum enfermo*, é um exemplo das muitas terapêuticas utilizadas que se ensinava.

177 *Quando o Medico, ou Crurgiaõ mandar se embrulhe o enfermo em lançoes de vinho, primeiro há de ser cozido com algumas ervas quentes, v.g. alecrim, rosas secas, &c. Estando o vinho bem quente junto da cama do enfermo, mettereis o lançol nelle, para que se ensope bem; e este depois de espremido, o poreis em sima do enfermo, e o embrulhareis nelle da cabeça atè aos pés, e logo lhe lançareis a mais roupa; e nesta forma estará embrulhado o tempo, que o medico, ou Cirurgiaõ determinar, e se lhe molhará as vezes, o que elle dispuzer* pp. 102-103.

Em relação aos medicamentos *Per Os*, (via oral) observamos como é descrito com pormenor as várias técnicas de administração no capítulo XIX, que ensina *Pirolas como, e como se haõ de dar*, e que transcrevemos:

(...) 243 *As pirolas de Laudano, que servem para dormir, ou outras qaesquer, que sejaõ, se haõ de dar ao enfermo quatro horas ao menos depois de cear, e não antes, porque lhe pôde resultar gravíssimo dano, se o estômago não tiver feito cabal cozimento.*

244 *Para se darem ao enfermo, que he fácil de as engulir, tomareis huma nos dedos pollex, e índex, e estando o enfermo com a boca aberta, lhe atirareis com ella de forma, que lhe toque na garganta, a assim a engulirá com muita facilidade.*

245 *O enfermo, que as não puder tomar nesta forma, se lhe embrulhará a pirola em aparas de hóstia, tez de cebolla. Ou em pelle de uvas, e metendo-lhas na boca, cada huma de per si, as tomará com facilidade.*

246 *Naõ podendo engulillas nesta forma, lhas mettereis na boca o mais dentro, que puder ser, com os dous dedos índex, e maxismo, e lhe dareis huma gota de agoa para as levar para baixo. Se com todas essas diligencias as não puder levar, lhas dareis cada huma de per si em colheres de caldo de farinha* pp. 131-132.

É de realçar os pormenores práticos da administração dos medicamentos por via oral, de modo a assegurar com elevada certeza que o mesmo foi deglutido. Também estão patentes no excerto as situações e práticas a utilizar, no sentido de minimizar o sabor desagradável do mesmo.

Destacamos que este modo de descrever, com pormenor, estes procedimentos pode ser os referentes, na década de 60 e 70 do século XX, das *Sebentas e Manuais* destinados ao ensino dos alunos nos Cursos de Auxiliares e Geral de Enfermagem, nas Escolas de Enfermagem Portuguesas, a que nos referiremos nos capítulos seguintes.

As raízes históricas da escrita de enfermagem permitiram-nos pensar e (re) situar no contexto da Tese a importância que representou a publicação dos primeiros livros, revistas

e sebatas escritos em português, depois de quase um século e meio da publicação do livro *A Postilla Religiosa*, a que faremos também referência, em capítulos posteriores.

Todavia, o acontecimento social mais importante do século XVIII foi marcado pelo terramoto de Lisboa, que destruiu todas as estruturas de assistência social e hospitais, mesmo o mais importante, o Hospital de Todos-os-Santos.

Refere a Revista *Arquivo do Enfermeiro* que (...) o Hospital de Todos-os-Santos por ocasião do memorável terramoto, sofreu outro incêndio e tão violento que o reduziu a última ruína, sendo transportados os doentes que escaparam para debaixo de cabanas ou barracas no Rossio, onde estiveram quasi três semanas, miseravelmente expostos ao rigor do tempo.¹⁰

Nestas circunstâncias, fácil se torna compreender, como seriam, os cuidados de enfermagem, e em que condições seriam prestadas.

Após a expulsão dos Jesuítas, e confiscados todos os seus bens, a vastidão do colégio de Santo Antão, fundado pelo Cardeal D. Henrique, em 1759, fez nascer a ideia de o destinar para hospital, e por isso a carta régia de 26 de setembro de 1769 concedeu aquele edifício para substituir o pequeno e arruinado hospital de Todos-os-Santos.

Deu-se ao novo hospital a denominação de S. José pelo facto de ter sido doado por D. José, com outra forma de rendas e governo.

No contexto dos dois movimentos Renascentistas e da Reforma Protestante, a Europa ocidental encontrava-se dividida por cisão religiosa entre países de expressão protestante e católica. São extintas as ordens religiosas católicas, com consequências para a Enfermagem, tanto ao nível da prestação de cuidados nos hospitais, como no domicílio.

O progresso social e intelectual da Renascença, a reforma da ciência e a evolução das universidades, não foram, por si só, suficientes no sentido de se transformarem em factores de crescimento para a Enfermagem. Esta encontrava-se enclausurada nos hospitais religiosos, permanecendo como atividade empírica e desarticulada, alheia aos progressos científicos do momento.

Viveu-se um momento de alguma decadência social, o que exigiu a que fossem criados asilos, recolhimentos, casas de regeneração de raparigas, sendo o reinado de D. José aquele que mais se destacou com a fundação da Casa Pia de Lisboa.

Nogueira (1990) refere que estes estabelecimentos apenas cumpriam, em parte, o seu desígnio, pois que os elevados custos de funcionamento eram suportados pelos próprios

¹⁰ ARQUIVO DO ENFERMEIRO da História e Fundação do Hospital de S. José - *Arquivo do Enfermeiro* nº5 julho de 1943 Ano I (2ª série) p. 73

doentes pobres internados, sujeitos a um trabalho penoso, sob um regime policial e repressivo. Esta situação, conjuntamente com as difíceis condições de salubridade, mesmo nas maiores capitais europeias, torna este século, como tendo sido destacado pela inexistência de regras básicas de Higiene. O que aconteceu foi a tomada de consciência de que as condições de saneamento e de salubridade do ambiente e individuais estavam na origem de inúmeras doenças e epidemias.

Em Portugal, o médico Ribeiro Sanches foi o pioneiro nesta reforma ambiental de saúde pública, sendo o reinado de D. João V conhecido como o reinado das grandes obras públicas, como o Aqueduto das Águas Livres, construção de rede de esgotos, pavimentação de ruas e estradas.

A Inglaterra do período pré-Nightingale é marcada pelas práticas de saúde medievais, focalizadas na influência dos factores sociais, económicos e políticos da estrutura feudal, nas práticas de saúde e nas relações destas com o cristianismo.

O avanço da medicina veio favorecer a reorganização dos hospitais, o que conduziu à preponderância da figura do médico como principal responsável por esta reorganização, que tem as suas raízes no processo da disciplina científica médica, com reflexos na Enfermagem, ao ressurgir da fase sombria em que esteve submersa.

Nos hospitais à época o papel da assistência era entregue a mulheres geralmente de baixa condição social; ajudantes, cozinheiras e prostitutas, que como forma de castigo, e ou de reabilitação, trabalham em condições muito adversas apenas a troco de alimentação e de alojamento.

Deste modo, as administrações hospitalares tinham à sua disposição uma plêiade de pessoas desmotivadas, iletradas, cansadas, cheias de vícios, com poucas alternativas sociais de usufruírem de melhores condições de vida, isto é, são estas pessoas que asseguram os serviços na falta de mão de obra qualificada e de carácter mais idóneo.

Sob exploração deliberada, considerada um serviço doméstico, pela queda dos padrões morais que a sustentava, a prática de enfermagem tornou-se indigna e sem atrativos para as mulheres de casta social elevada.

Esta fase tempestuosa, ou «período negro», que significou uma grave crise para a Enfermagem, onde permaneceu por muito tempo e apenas no limiar de alguns movimentos reformadores, por iniciativa religiosa e social, tentaram melhorar as condições do pessoal a serviço dos hospitais.

Deste modo, a Enfermagem surgiu, não mais como uma atividade empírica, desvinculada do saber especializado, mas como uma ocupação assalariada que veio preencher a

necessidade de escassez de mão de obra existente nos hospitais, pelo que influenciou fortemente as relações de trabalho entre trabalhador e entidade patronal.

Pelo exposto, verifica-se que as preocupações ao nível dos cuidados nos hospitais se situam em redor de atividades de limpeza das enfermarias, da higiene dos doentes. Quando se compara as práticas exercidas pelos noviços de Fr. Diogo de Sant-Iago, concluímos que, após mais de dois séculos, o estatuto social da enfermagem não melhorara, antes pelo contrário deteriorou-se.

As noções de enfermagem e de práticas de enfermagem muito rudimentares resumiam-se a tarefas domésticas relacionadas com a higiene dos espaços, sobretudo os mais desprestigiantes, sendo que alguns tratamentos e curativos não requeriam qualquer qualificação.

CAPÍTULO 4 – NA ESCRITA SOBRE ENFERMAGEM – LIVROS DE AUTORIA DE MÉDICOS – A QUEM SERVE?

*Um bom livro educa e orienta.
É o mestre sempre pronto a esclarecer-nos as dúvidas
e a resolver-nos as dificuldades
É por isso que desejei um livro, escrito em nossa língua,
que servisse aos alunos da nossa Escola de Enfermagem*

Professor Doutor Ângelo da Fonseca, 1939 ¹¹

A estruturação e afirmação de qualquer ciência ou ramo do saber passam pelo desenvolvimento dos próprios actores, mas também pela investigação que forem capazes de produzir, divulgar e consumir, pelo ensino e suas estruturas educativas, bem como pelos principais veículos de divulgação, designadamente livros e revistas.

Desde meados do século XIX que mercê do rápido desenvolvimento dos diversos domínios científicos, quer ao nível das ciências experimentais quer ao nível das ciências sociais e humanas, que o papel desempenhado pelas publicações periódicas passou a adquirir uma relevância crescente, muito embora ainda prevalecesse a ascendência do livro.

¹¹ Ângelo da Fonseca (1872 - 1942) - médico, professor catedrático da Faculdade de Medicina de Coimbra, administrador dos Hospitais da Universidade de Coimbra, Diretor Geral da Instrução Pública. Foi atribuído o seu nome à Escola de Enfermagem de Coimbra (1920).

O percurso histórico da escrita de Enfermagem é constituído por dois momentos, um que remonta aos finais do século XIX até à primeira metade do século XX, caracterizado por uma escrita **sobre** a Enfermagem e outro marcadamente pelo desenvolvimento de uma atitude produtiva e de divulgação **de** Enfermagem profissional, que tem início na segunda metade do século XX e se entende até aos nossos dias.

Todavia e como é apanágio do tempo histórico verifica-se a coexistência de uma zona cinzenta marcada pelas duas formas de escrita – **sobre** e **de** – Enfermagem que corresponde às décadas de 50 a 70 do século XX, em que os médicos publicam livros, manuais e sebatas destinados aos alunos das Escolas de Enfermagem, mas também os enfermeiros docentes editam sebatas de enfermagem destinadas à formação dos alunos.

Contudo, devido a um conjunto de acontecimentos, há medida que a profissão e a disciplina se vão desenvolvendo, verifica-se uma mudança paradigmática da escrita, quer ao nível da responsabilidade de autoria, quer ao nível do tipo de documentos e muito particularmente ao nível dos conteúdos profissionais.

Pouco a pouco a escrita **sobre** Enfermagem vai dando lugar à escrita **de** Enfermagem, passando os enfermeiros de uma atitude passiva simplesmente de leitores e utilizadores do conhecimento técnico da Medicina, para uma outra atitude de responsabilidade autónoma de produção, publicação e disseminação do conhecimento profissional e disciplinar.

A escrita **sobre** Enfermagem tem as suas raízes históricas na ação de alguns médicos, professores nos Cursos de Enfermagem nos Hospitais de Lisboa, Coimbra, Porto e Braga, correspondendo a figuras destacáveis no panorama nacional com grande influência junto do poder político e por isso com repercussões para a Enfermagem nacional.

Em 1950, o Dr. Costa Sacadura, antigo diretor da Escola de Enfermagem Artur Ravara apresenta numa pequena brochura a que teve acesso Soares (1996) onde são referenciados livros sobre Enfermagem, cuja publicação ocorrera em Portugal entre 1664 e 1942 uns em português e outros como consequência de traduções.

Do resultado da nossa própria pesquisa, também tivemos acesso às primeiras obras escritas em português, como por exemplo, no Arquivo da Biblioteca Nacional, o livro com a data de 1664 de autoria do Dr. Francisco Roma com o título de *Luz da Medicina, Pratica Racional, e Methodica, Guia de Enfermeiros, Directorio de Principiantes*, capa que digitalizámos e que apresentamos como imagem nº 3.

O autor tinha como formação académica e experiência profissional ser bacharel em filosofia e em medicina pelas universidades de Évora e de Coimbra, respetivamente. Acompanhara para Lisboa, o rei D. João IV, na qualidade de seu médico particular, tornando-se, médico da câmara real.

Dos elementos que constam da capa do livro observa-se que está escrito que o autor é médico da Câmara de Sua Magestade e do S. Ofício de Inquisição e Cavaleiro de Cristo.

O Dr. Francisco Roma salienta no *Prólogo ao Leitor* que se trata de um livro resumo das doutrinas de Hipocrates, Galeno Avicena, entre outros, cujo mérito é concentrar num único volume o que se encontrava disperso por muitos.

O autor sublinha particularmente as três razões que o levam a publicar este livro, assim, a primeira destina-se ao público em geral, a segunda é dirigida «*aos empíricos idiotas com capa de médicos*» e o terceiro aos enfermeiros.

A primeira razão porque o autor destina este livro é essencialmente dirigida aos nacionais e para o público em geral, servindo assim, ao maior número de leitores, porque tratando-se de uma obra escrita em português, adopta uma linguagem comum para que todos entendam e aproveitem os ensinamentos.

A segunda razão sublinhada é destinada aos *empíricos*, *que fazendo passar-se por médicos que diagnosticavam, tratavam e prescreviam medicamentos, o que apenas se reservava aos médicos com instrução feita nas Universidades*. O médico sobrevaloriza o seu próprio poder e estatuto social, apelidando os seus concorrentes de *empíricos idiotas com capa de médico*.

A terceira razão e a que mais nos interessou nesta obra, foi a que diz respeito aos enfermeiros, para que os (...) *enfermeiros que assistem os enfermos saibam ministrar os remédios a hora conveniente, e para os que vivem em lugares afastados em que não há médico «saibam tomar a dieta adequada», a «primeira e melhor parte da medicina», e com a qual se podem livrar muitos achaques, e nestes ensinamentos colham algum auxílio para não morrerem à míngua*. (...) Soares (1996, pp. 44)

É curioso, verificar-se que as ações do enfermeiro assentam em três vertentes, a dieta, a terapêutica e o ensino, o que vamos encontrar 77 anos depois, em 1741 na *Postilla Religiosa e Arte de Enfermeiros*.



Imagem nº 3 – Digitalização da Capa do livro *Luz da Medicina, Pratica Racional, e Methodica, Guia de Enfermeiros, Directorio de Principiantes*.

Relativamente, ao processo de edição, tanto quanto se sabe, dos primeiros manuais destinados ao ensino das enfermeiras portuguesas datam da primeira metade do século XX.

Como, observámos anteriormente, quer neste livro como na *Postilla Religiosa*, desde muito cedo houve a preocupação de munir aqueles que exerciam a actividade de *Enfermagem*, de alguma instrução, para que pudessem assistir os enfermos que lhes eram confiados e cumprir adequadamente as prescrições médicas. Por conseguinte, esta razão seria suficiente para o aparecimento de um tipo de obras designadas por **Guia** ou **Manual**, muito em voga na Europa e EUA, alguns dos quais escritos em língua francesa e que podem ser consultados na biblioteca da Escola de Enfermagem de Lisboa – Pólo Artur Ravara. Soares (1996, pp. 43-44).

Sendo assim, os primeiros materiais didáticos, eram constituídos por textos, apontamentos, livros, manuais e sebatas.

Os manuais enquadram-se no tipo de bibliografia destinada à formação dos alunos, apresentando-se de forma reduzida, nele constando noções, conhecimentos, processos de uma disciplina ou de uma técnica. Este tipo de documentos visavam a indicação das regras para a aplicação de medicamentos, execução de tratamentos e de alguns procedimentos a adoptar na ausência do médico. Soares (1996, pp. 43-44).

A literatura referente à Formação em Enfermagem situa o século XIX, como aquele em que mercê de um conjunto de factores, uns mais favoráveis que outros, concorreram para que o Ensino e as Escolas de Enfermagem oficiais, da primeira metade do século XX, pudessem se desenvolver, granjeando um estatuto próprio que as conduziria a adoção de princípios de autonomia técnica e administrativa.

É evidente que as condições sociais que rodeavam o recrutamento, a prática e a formação dos enfermeiros do século XIX, e início do Século XX, não propiciavam à leitura ou escrita por parte daqueles que se dedicavam ao exercício da «assistência de enfermagem».

As sucessivas legislações, que concorreram para melhorar esta situação com o estabelecimento nas Escolas de Enfermagem, possibilitou o recrutamento, a admissão, a preparação, a criação de diversos cursos e o aumento da duração de outros, como foi o caso de 1947 dos (...) *cursos preparatórios ou de pré-Enfermagem, de auxiliares de Enfermagem e de enfermeiros, conforme o grau de preparação técnica exigida para o exercício da respectiva profissão* (...),¹² exigiam a necessidade de proporcionar aos alunos os instrumentos de trabalho que lhes facilitassem a aprendizagem.

O manual português dos anos vinte *Assistência moral e religiosa aos doentes*, descreve a exigência dos valores religiosos para todas as que pretendiam tornar-se enfermeiras.

Nos anos trinta editaram-se duas obras a primeira com o título de *À cabeceira dos que sofrem. Preceitos e conselhos de moral hospitalar*, tradução de uma obra francesa escrita por uma religiosa a segunda com a designação de *Moral profissional da enfermeira: adaptação de várias obras congéneres europeias*, da autoria de Isabel d'Orey.

Em todos estes documentos ressalta a condição indispensável ao exercício da prática, possuir um conjunto de valores religiosos, caritativos e femininos, a par dos procedimentos técnicos na assistência aos doentes no hospital. Os aspetos éticos, entre os quais o segredo profissional ocupam grande destaque nas páginas destes manuais.

A pesquisa revelou ainda que a bibliografia para uso dos enfermeiros entre o final da década de 30 e a década de 60 era constituída por livros, manuais e sebtas de autoria de médicos e só muito pontualmente as publicações periódicas se apresentavam com um carácter didático.

Esta produção tornou-se uma necessidade, tanto mais, que alguns destes médicos eram em simultâneo Diretores e ou professores das Escolas de Enfermagem. A escassez de

¹² DECRETO-LEI 36 219 de 10 de abril de 1947. Diário do Governo. Ministério do Interior.Subsecretário de Estado da Assistência Social. - Reorganização do Ensino de Enfermagem p. 278

bibliografia existente, nem sempre em língua portuguesa, dificultava a aprendizagem, tendo em conta o baixo nível de escolaridade dos candidatos ao curso de enfermagem.

Silva (2008, p. 146) refere que os manuais escolares usados nas escolas de enfermagem portuguesas nas duas primeiras décadas do século XX eram manuais franceses, enquanto que no decorrer das décadas seguintes, surgiram alguns manuais portugueses, tendo aumentado o volume das obras em língua espanhola e inglesa, como resultado da ligação da Escola Técnica de Enfermeiras à Fundação Rockefeller.

A propósito da produção /divulgação de material de apoio ao curso de enfermagem, o Dr. Costa Simões¹³ convida um seu amigo Dr. Ignacio Rodrigues da Costa Duarte, para lecionar a cadeira de *serviços de enfermaria*. Após a leitura, tradução de textos, manuais ou livros usados no ensino de enfermagem, em França, simplificou-os para serem utilizados na Escola, chegando mesmo (...) *a lithographar as suas lições, que iam sendo colleccionadas em brochura, sob a epigraphe de – Guia do enfermeiro – que não chegou a passar da pág. 96, p. 335.*

Esta publicação teve uma edição de 50 exemplares, possibilitando, mais tarde, a atualização de uma outra edição, no que se depreende o sucesso que este primeiro exemplar obteve junto das principais Escolas de Coimbra, de Lisboa e do Porto.

Em resultado da pesquisa efectuada, encontrámos referência ao *Manual de primeiros socorros e enfermagem, para uso dos pescadores do bacalhau, dos serviços de assistência do grémio, dos Armadores de navios da Pesca do bacalhau*, de autoria dos médicos Alberto Ferro Murinello e José A. R. de Campos Henriques, de 1939, (capa representada na imagem nº 4).

As primeiras páginas apresentam, no capítulo *Advertência*, que o mesmo, (...) *se destina exclusivamente aos pilotos dos lugres bacalhoeiros, a fim de lhes relembrar aquilo que foi ensinado no seu curso de enfermagem p. 1.*

O manual aparece, neste sentido, como uma forma de revisão de matérias, que perante a necessidade de intervenção prática se poderia recorrer. Deste modo, cumpria a sua missão enquanto Manual, o de ser um prolongamento ao aprendido em contexto da formação.

Contudo, os autores apontam que dada a impossibilidade de (...) *ter um enfermeiro a bordo, o que seria o ideal, teve que se pensar em dar aos pilotos umas breves noções de enfermagem e primeiros socorros para as doenças ou acidentes que com mais frequência ocorrem na pesca do bacalhau.*

Deste modo, o livro tinha a finalidade de substituir-se ao enfermeiro, sendo um processo mais prático e mais barato.

¹³ Costa Simões (1819 - 1903) - médico, professor catedrático, administrador dos Hospitais da Universidade de Coimbra, em Outubro de 1881 cria o primeiro curso de enfermagem a funcionar nos Hospitais da Universidade de Coimbra em 1881.

Afirma-se, ainda, que tiveram *que fugir de dar correctas definições médicas de terminologia desconhecida de pessoas estranhas à profissão, pois havia que empregar termos e noções acessíveis, àqueles a quem se dirigia o curso, seguindo-se o mesmo critério na administração da própria terapêutica* p. 1.

As ideias base destes excertos são demonstrativas da «cultura social e profissional», vivida à época. A situação da falta de enfermeiros que o país atravessava é notória, constatando-se que, embora tivessem decorrido cerca de cinquenta anos sobre o início dos cursos de enfermagem em 1881, a falta de enfermeiros surgia como principal razão para serem apenas fornecidas algumas noções básicas a pessoas sem outra formação. Diante do exposto, havia que fazer face ao problema, sendo transmitidos alguns conhecimentos muito gerais (*breves noções de enfermagem*) a pessoas estranhas à profissão.

Está presente a ideia que já temos vindo a sublinhar de que o médico é quem determina o *saber de enfermagem*, quer para os candidatos a enfermeiros, quer para as pessoas que são recrutadas para exercerem os seus serviços na falta de enfermeiros.

É curioso que os autores sentiram necessidade de particularizar que (...) *correctas definições médicas de terminologia desconhecida e (...) a administração da terapêutica*» eram noções que envolviam alguma complexidade, pelo que tiveram, por um lado de as simplificar e, por outro, não descodificavam as noções mais complexas.



Imagem nº 4 – Digitalização da Capa do livro *Manual de primeiros socorros e enfermagem, para uso dos pescadores do bacalhau, dos serviços de assistência do grémio, dos Armadores de navios da Pesca do bacalhau*

A importância atribuída ao facto de existir escritos em português, isto é, documentos de apoio ao ensino, cuja indicação está disponível, no prefácio da primeira edição do livro *Enfermagem guia da enfermeira profissional e auxiliar do médico prático*, de Alberto Costa, publicado em 1939, veio colmatar as dificuldades sentidas por haver escassa informação disponível em língua portuguesa, (imagem nº 5).

Este manual visava um triplo objetivo, não apenas promover o ensino dos enfermeiros, mas também servir de auxiliar ao médico e proporcionar informação às mulheres que em casa prestavam assistência à família, particularmente em situação de doença.

O autor define que (...) *cuidar de doentes é espinhosa tarefa que devia (...) ser tida mais à conta de sacerdócio do que modo de vida* (...), a este propósito Nunes (2003) refere-se às expressões usadas pelo autor uma de carácter inovador – *cuidar* – e as outras duas – *tarefa espinhosa* e *sacerdócio* – de linguagem tradicional. A primeira insere-se na concetualização de *cuidar* defendida por muitas teóricas de enfermagem na atualidade, como sendo a atividade de *tomar conta*, associada a *prestar auxílio, consolo, apoio* em situações difíceis.

As outras expressões remetem-nos para o estatuto da enfermagem, enquanto sacerdócio, obrigação moral e não como modo de vida, isto é não deveria ser uma atividade remunerada, o que de certo modo se integra no pensamento à época do que deveria ser a Enfermagem, com uma carga religiosa, onde outras expressões de vocação, dever, missão, são muito usuais.

A importância deste manual é descrita pelo Dr. Ângelo da Fonseca manifestando o seu regozijo pela publicação desta obra, quando chega a escrever: (...) *Desejei um livro assim, quando se inaugurou o Curso de Enfermagem, nos nossos Hospitais (Universidade de Coimbra). Sonhei-o! E julguei que em sonhos ficariam sempre os meus desejos.*

Pensava então como hoje penso: no ensino, a prelecção, a demonstração e a técnica são elementos fundamentais; mas, por si sós, não bastam à educação perfeita do aluno. É indispensável a leitura.

Um bom livro educa e orienta.

É o mestre sempre pronto a esclarecer-nos as dúvidas e a resolver-nos as dificuldades.

É por isso que desejei um livro, escrito em nossa língua, que servisse aos alunos da nossa Escola de Enfermagem.

Apesar de esta perspetiva médica, verificamos, presentemente, que as técnicas de preleção e de demonstração, e a técnica conjuntamente com a leitura, são os meios de excelência ao ensino.

Sem dúvida que a ideia da criação de um manual para apoio, quer para alunos de enfermagem, quer para professores da mesma especialização foi uma mais valia para ambos.

Tal perspetiva também se reflete no livro *Manual de enfermagem civil e militar* (1940), de A. Oliveira Alves e Joaquim Barbosa. De facto, os autores referem em jeito de advertência (...) que *em contacto com vários cursos de Enfermagem, civis e militares tiveram muitas vezes ocasião de verificar os inconvenientes para mestres e alunos, da falta de um livro que pudesse servir de orientação para uns e de guia prático durante e após o curso para outros.*

É essa lacuna que tentamos preencher (...).

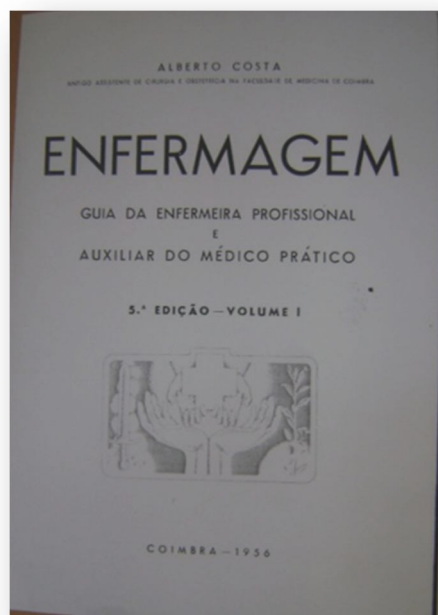


Imagem nº 5 – Digitalização da capa do livro *Enfermagem guia da Enfermeira profissional e auxiliar do médico prático*

Por estas fontes e testemunhos observamos o quanto representou a publicação de livros e de manuais técnicos como suportes de apoio ao ensino de enfermagem e particularmente escritos em português. Não é de mais sublinhar que estes se destinavam a consulta dos candidatos / enfermeiros, de professores /enfermeiros, mas que de certa forma defendiam os próprios interesses do médico e do próprio Estado.

De um modo geral, estes documentos estavam organizados por um conjunto de especificações técnicas das várias disciplinas médicas, Anatomia, Fisiologia, Patologia, Farmacologia, Cirurgia e de técnicas consideradas pelos médicos, como sendo tarefa do enfermeiro.

Tratar um doente implicava o seu estudo minucioso de modo a conseguir-se, pelo encadeamento dos sintomas, chegar tanto quanto possível a um diagnóstico certo, do qual dependeria a terapêutica útil a aplicar; (...) *não é isto o que se ensina nos cursos de enfermagem* f. 1.

Este papel profissional está presente naqueles que se publicaram nas décadas de 30 e 40, conforme o testemunham o *Manual de primeiros socorros e enfermagem para uso dos pescadores do bacalhau, dos serviços de assistência do grémio, dos Armadores de navios da Pesca do bacalhau* de 1939. Assim, constata-se que as tarefas referentes à enfermagem seriam desenvolvidas por pessoas com outras profissões.

Por seu turno, o *Manual de enfermagem civil e militar* (1940) de A. Oliveira Alves e Joaquim Barbosa descreve que, (...) *Se há porventura, profissões mais nobres do que outras, coloquemos sem hesitar, entre as primeiras, a medicina e a enfermagem* f. 2.

O enfermeiro e o médico quase que se nivelam na sua missão social: ao passo que o clínico aplica toda a sua inteligência e saber na observação e tratamento dos doentes, procurando atenuar os males da humanidade, o enfermeiro, seu colaborador dedicado, põe todos os seus cuidados, perseverança e boa – vontade no cumprimento das determinações que recebe.

Pobres daqueles doentes que, apesar duma boa assistência clínica, estiverem sujeitos a uma má enfermagem! f. 2.

Atente-se que embora se afirme que a medicina e a enfermagem sejam das profissões mais nobres, não têm o mesmo nível de missão social. Contudo, o excerto dá-nos conta que a enfermagem foi incluída tal como a medicina entre as profissões, podendo tratar-se de um estilo linguístico e não de uma expressão de conteúdo, parecendo-nos prematuro à época designar a Enfermagem nacional como profissão, cujos requisitos seriam ainda muito incipientes. Sobre o assunto voltaremos a debruçarmo-nos sobre o mesmo, em capítulos mais adiante.

Estatuto social do enfermeiro

No que respeita ao estatuto social do enfermeiro, à época, os excertos retratam que lhe competia seguir à risca a aplicação de prescrições dos *facultativos/clínicos*. Enquanto a estes lhe está reservado o desenvolvimento e a aplicação do raciocínio intelectual formal, técnico e científico (inteligência, o saber e a observação), o enfermeiro faz depender a sua ação de predicados morais (colaboração, dedicação, prestar cuidados, ter perseverança e boa-vontade, no cumprimento das determinações que recebe do médico – O papel de enfermeiro ideal valorativo moral e social).

No seu livro os autores especificam melhor a «definição de enfermagem» como uma arte submissa ao poder do médico, cujos objetivos não se dirigiam para os doentes, visando, antes os seus próprios interesses e necessidades, e ou, os da própria própria classe médica. «O poder» concedido ao enfermeiro para atuar no Hospital obedece a determinadas condições, quando está presente o médico é a ele que cabe as grandes decisões, sendo o enfermeiro apenas, um executor de ordens e de prescrições. Quando na ausência do

médico, e em caso de se encontrar sozinho, o enfermeiro somente poderá tomar qualquer decisão em situações estritamente de urgência.

Os excertos dão realce a esta forma de representar socialmente a enfermagem e das suas formas de autonomia.

A enfermagem é descrita (...) *como uma arte, em que o propósito é servir a medicina, vigilância dos doentes e aplicação de prescrições dos clínicos.*

(...) *o enfermeiro não trata doentes, limita-se a seguir à risca a orientação que lhe for atribuída pelo médico.*

Em (...) *casos de urgência, em que a ausência do médico pode exigir do Enfermeiro uma decisão rápida, consciente e, só nestas ocasiões, de sua inteira responsabilidade; pretende-se, finalmente, que aprenda todas as modalidades da terapêutica e de higiene, de que será quase sempre o executor imediato junto do doente, E nada mais!*

O Enfermeiro que quiser ir além destes limites, deixa de fazer enfermagem; passa a ser um curandeiro, um charlatão a mais, caindo sob a alçada da justiça f. 2.

A mensagem é muito clara, pois que, ao exceder estes limites, deixava de se ser enfermeiro e tornava-se um charlatão ou um curandeiro, facto que foi matéria noticiosa que preencheu as páginas dos Periódicos, no *Enfermeiro Português*, *Arquivo do Enfermeiro* (IIª Série) e que desencadeou uma onda de contestação por parte das Associações Sindicais. Atente-se que à data este tipo de pessoas proliferavam por todo o país, exigindo da parte dos sindicatos apelos aos seus associados e à população em geral, para procederem à denúncia de tais situações. É deste confronto intelectual, entre a opinião pública e o grupo profissional de enfermeiros, que se foi construindo o conhecimento da história acerca de a profissão de enfermagem.

Contudo, as duas posições expressas nos dois livros, apenas publicados com o intervalo de um ano, dão conta de duas representações de enfermagem diferentes, no primeiro o enfermeiro poderá ser substituído por pessoas sem qualquer formação, o que não faz dele um charlatão, enquanto no outro, se for além dos limites impostos, cairá sob a alçada da justiça.

Questiona-se, se o primeiro por ser destinado a pessoal da pesca e o outro a pessoal militar e civil, as pessoas teriam estatutos diferenciadores de tratamento e de cuidados?

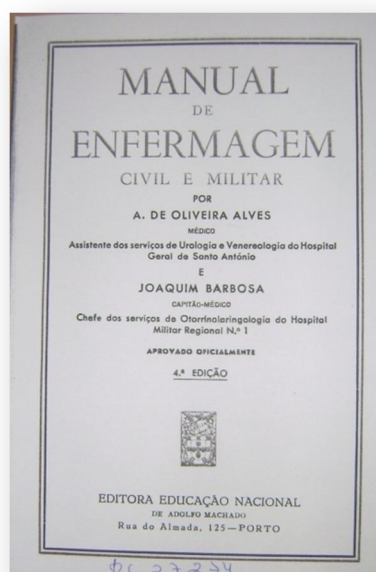


Imagem nº 6 – Digitalização da capa do livro *Manual de enfermagem civil e militar*

O *Manual Teórico de Enfermagem Cirúrgica*, de autoria de Rui Bordalo Machado, professor de Cirurgia, na Escola de Enfermagem das Casas de S. Vicente de Paulo, publicado em 1954, resulta da Reforma do Ensino e do Regulamento das Escolas de Enfermagem, públicas e privadas, publicada pelos Decretos nº 38.884¹⁴ e nº 38.885 de 28 de agosto de 1952.¹⁵

O autor enaltece a publicação desta legislação que (...) *representaram para a Enfermagem Portuguesa um verdadeiro benefício, cujos resultados se começam já a sentir.*

A propósito dos Programas Oficiais respeitantes a todas as disciplinas dos cursos de Enfermagem considera que *têm sido muito diversamente apreciados mas, não obstante, pensa-se que a sua publicação representa para os alunos, para os professores e para as Escolas de Enfermagem, um considerável auxílio que será devidamente apreciado a partir de 1955, quando nos exames oficiais se começarem a exigir os programas aprovados.* (...) p. V. *Pela primeira vez no nosso País temos programas gerais para o ensino da Enfermagem!*

O aparecimento deste livro e de outros, que aguardavam edição, é um indicador significativo da existência de uma «*Bibliografia da Enfermagem*». (...) *Sem as medidas promulgadas em 1952, não seria possível o aparecimento deste livro. Nem o de aquele que*

¹⁴ DECRETO - LEI nº 38.884 de 28 de agosto de 1952. Ministério do Interior. Direcção-Geral da Assistência - Reforma do ensino de enfermagem pp. 117-120

¹⁵ DECRETO - LEI nº 38.885 de 28 de agosto de 1952. Ministério do Interior. Direcção-Geral da Assistência - Regulamento das Escolas de Enfermagem pp. 120-122

todos esperamos, com impaciência, da autoridade dos Drs. Santana Carlos e Correia de Seixas, sobre Anatomia e Fisiologia, para Enfermeiros. E os que se seguirão a estes? Por isto se pensa que os criticados programas oficiais marcarão uma época na Enfermagem em Portugal como parece que estão conseguindo), fazer surgir uma Bibliografia Portuguesa desta nobre profissão. E, certamente, que nessa bibliografia se irão, insensivelmente, apagando os defeitos que os programas iniciais comportavam...

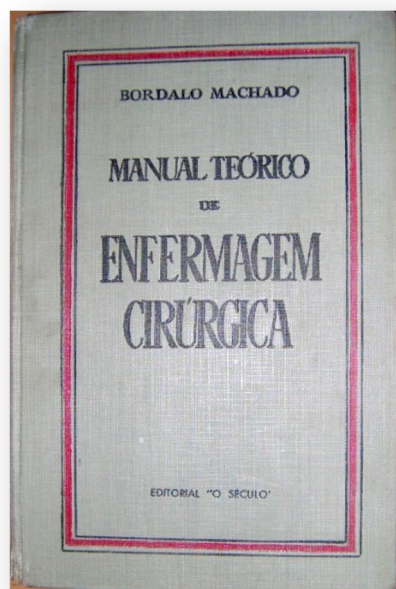


Imagem nº 7 - Digitalização da capa do livro *Manual Teórico de Enfermagem Cirúrgica*

De entre os documentos estudados destacamos também o papel desempenhado pelas sebatas e manuais, como relevante no ensino das técnicas e procedimentos para os alunos e professores de enfermagem. A título de exemplo faremos alusão às sebatas de autoria de médicos e professores da Escola de Enfermagem Artur Ravara, que com o objetivo de complementar o ensino presencial, em sala de aula, se tornaram uma referência ao estudo de matérias consideradas como das mais complexas, nos cursos de enfermagem.

De entre estes professores, Castilho em 1969, fazia jus ao carácter urgente da edição deste tipo de documentos, afirmando (...) *atente-se ao factor urgência! E sei que, na medida do possível, algumas ou muitas das deficiências serão eliminadas quando das Lições seguintes, de Psiquiatria Clínica, forem também dactilografadas e se tornar possível, assim, uma revisão e uma ordenação de conjunto.*



Imagem nº 8 – Digitalização das capas de alguns exemplares das sebatas de autoria de médicos professores da Escola de Enfermagem Artur Ravara (década de 60/ 70)

O quadro seguinte indica algumas destes manuais e sebatas de autoria de médicos professores que leccionaram na Escola de Enfermagem Artur Ravara e que se tornaram referência para outras Escolas no ensino da Anatomia e Fisiologia, Patologia e Psiquiatria.

Quadro nº 9 – Títulos de alguns Manuais e Sebatas de autoria de médicos professores da Escola de Enfermagem Artur Ravara na década de 60/70

Título dos Manuais e Sebatas	Autor	Data
Anatomia e Fisiologia Humanas	Dr. Júlio Correia de Seixas	1965
Apontamentos de Patologia Cirúrgica	Dr. Teles Amaro	1965
Lições de Psiquiatria: 1ª Parte Psicopatologia 2ª Parte Psiquiatria Clínica	Dr. Adriano Castilho, Assistente do Hospital Miguel Bombarda	1969
Lições de Patologia Médica		1970

A edição destas sebatas e manuais gozaram de enorme sucesso junto dos alunos e professores e supriram em grande medida a falta de bibliografia em língua portuguesa, que se fazia sentir no mercado nacional.

Volvidos que estavam mais de vinte anos sobre a edição dos Livros, também encontramos a referência nestas Sebentas ao papel do enfermeiro como auxiliar do médico, referindo Castilho (1970, p. 5) (...) *o Enfermeiro colabora e ajuda o médico colocando-se numa boa posição para entregar os instrumentos necessários para a observação e para ajudar o doente a tomar as posições necessárias para que a observação possa ser feita em boas condições. É ao enfermeiro que compete também compor o doente a fim de respeitar o pudor do indivíduo que está a ser observado. O Enfermeiro é também obrigado a colaborar na colheita de vários produtos para análise, sendo ele encarregado muitas vezes da sua obtenção, etc., para enviar aos laboratórios*

O Enfermeiro, convivendo mais intimamente e mais demoradamente com os seus doentes, pode colher elementos que completam a história do doente. Nesse convívio o enfermeiro pode chegar ao conhecimento de vários factores:

- a) Da vida familiar e social do doente;*
- b) Da vida mental, temperamento e condições psíquicas;*
- c) Das confidências do doente;*
- d) Dos sintomas subjectivos das suas queixas sobre dores, sentimentos, e até emoções*

Os livros eram organizados em capítulos referentes a meios de Diagnóstico, Tratamento e Procedimentos Terapêuticos, relativamente às doenças médicas ou cirúrgicas, apresentavam algumas figuras e ou esquemas que ajudavam na sua compreensão.

As técnicas consistiam na administração de terapêutica, execução de pensos, preparação de roupas e materiais, no fazer a higiene do doente e cuidar do arranjo das enfermarias.

A duração temporária destes documentos era variável, normalmente eram revistos de cinco em cinco anos, mantendo a sua organização programática.

O Livro Enfermagem guia da enfermeira profissional e auxiliar do médico prático, da autoria de Aberto Costa, fez grande sucesso, daí ter sido reeditado por variadíssimas vezes (5ª edição), tal como sucedera com o *Manual Teórico de Enfermagem Cirúrgica*, de Bordalo Machado.

Eu própria estudei por estes dois Livros e Sebentas aquando da minha formação na Escola de Enfermagem Artur Ravara, entre 1971 a 1974. Mais tarde já como professora de enfermagem, constatámos que os mesmos eram utilizados nos Cursos de Auxiliares de Enfermagem e do Curso de Enfermagem Geral da Escola de Enfermagem de Santarém, bem como em quase todas as escolas nacionais oficiais.

Quanto à questão sobre a quem serve este tipo de escrita, foram muito evidentes dois principais propósitos, um de sentido «altruístico», dotar os candidatos a enfermeiros de

bibliografia acessível, que de outro modo seria difícil de se conseguir, e um o outro, servindo os interesses profissionais dos médicos e do próprio Estado.

A análise dos livros e das sebtas, editadas pelos médicos, permitiram-nos reconhecer estas perspetivas, sublinhadas por Collière (1999) ao afirmar que (...) *as enfermeiras constituíam uma verdadeira bênção para os médicos, porquanto muito solicitados, dispunham de mão-de-obra médica, que não se interessava nem pela prática em si, nem pelas ideias da medicina, mas apenas pela vocação de servir.*

A enfermagem desenvolvia-se à sombra da hierarquia médica, como se tratasse das relações de dominação, servo senhor, marcadamente do regime feudal. Desta forma, a medicina amplia e reforça as relações de dependência face aos demais grupos profissionais, entre os quais os enfermeiros.

O poder médico era triplo: por um lado exercia o poder do conhecimento técnico e científico, por outro detinha o poder mágico de sarar/curar e de «devolver a vida». Por último, mas não de menos importância, detinha o poder público-institucional. Quase sempre o seu espaço profissional se entendia da Universidade ao Hospital, à direção das Escolas de Enfermagem, que cumulativamente com a atividade política/governativa lhe permitiam a centralização do poder legal, cívico, profissional e a decisão sobre os destinos da enfermagem, bem como sobre a saúde do país em geral.

Todos estes documentos, além de constituírem uma fonte de conhecimento das diversas matérias técnicas, científicas curriculares, contribuem ainda como fontes relevantes para a compreensão do estatuto profissional do enfermeiro.

Invariavelmente este perfil é descrito como sendo de subordinação e de dependência ao poder do médico, cabendo ao enfermeiro de um seu «auxiliar» que deve seguir à risca a aplicação as suas prescrições e ordens, situação a que temos vindo a sublinhar.

O Perfil do Enfermeiro Ideal como Bom Enfermeiro está presente transversalmente em todos os manuais, sebtas e livros, como o demonstram os excertos seguintes, evidenciando essa preocupação valorativa, em que se exige que o enfermeiro tenha de ser, (...) *acima de tudo, Honesto e Verdadeiro: se cometer algum erro – e quem os não comete? – deve confessá-lo honesta e lealmente para não causar, ocultando-o, um mal talvez maior.*

Alguém disse, com muito espírito e propriedade, «o enfermeiro é a muleta do médico». Estas palavras dizem tudo. Compreende-se facilmente que um enfermeiro desleal ou menos verdadeiro possa comprometer o médico, desonrando-se a si próprio.

Precisa de ser inteligente dotado de um raciocínio pronto e de um sangue-frio a toda a prova, para compreender o porquê dos seus actos, reagir com celeridade, que as circunstâncias reclamam e atuar com a calma necessária em todas as emergências difíceis,

sem ter em conta os seus problemas pessoais e ou familiares - «Os problemas são deixados à porta do Hospital» -.

O enfermeiro precisa de possuir (...) *um carácter lídimo e uma conduta leal e irrepreensível* (...) para merecer a confiança do médico que lhe entrega os seus doentes, tem de ser simples, possuir bom coração e bom humor constante, não (...) *fazer da sua profissão um motivo de vaidade, sentir com os doentes as suas desgraças e os seus padecimentos e atender sempre com boa disposição as suas exigências tantas vezes inexecutáveis, e suportar as suas irritabilidades quase sempre directamente relacionadas com a doença.*

Tudo o que vier ao conhecimento do enfermeiro no exercício da sua profissão (condições particulares da vida do doente, segredos de família, diagnóstico, tratamentos aplicados, etc.) deve constituir um segredo inviolável; é o segredo profissional, que em circunstância alguma lhe é permitido revelar (...).

(...) muitas vezes terá de renunciar as suas comodidades e até maiores interesses para não abandonar um doente a quem a sua presença seja indispensável. Parente, amigo ou inimigo, conhecido ou desconhecido, um doente que lhe seja confiado deve ser sempre considerado como um doente apenas, e para todos deve ir igualmente, e com toda a latitude, a sua inteligência, competência e carinho.

Em duas palavras, o enfermeiro tem de ser HONESTO e VERDADEIRO e possuir um ESPÍRITO CARITATIVO, DISCIPLINADO e DISCIPLINADOR.

Do exposto, subjaz a ideia de que o enfermeiro teria de merecer a confiança do médico, pelo que o doente considerado como propriedade sua, e que consoante a avaliação da sua capacidade de confiança, assim aquele lhe poderia ser entregue aos seus cuidados. O critério de avaliação seria sempre exclusivamente do médico.

Porém, o mesmo não se verifica na relação enfermeiro/médico em que o enfermeiro nunca questionaria as competências do médico, as suas qualidades ou perfil de carácter, estando, por isso, subjugado às suas decisões profissionais e pessoais.

Todavia, os manuais, sebatas e livros não são apenas os documentos onde estas ideias são expressas, eles mais não são do que os seguidores da norma estabelecida pelo poder legislativo, conforme se pode ler no ponto 1- do Decreto-Lei nº 38:884 de 1952¹⁶, sobre a reorganização do ensino, que contemplava o seguinte: (...) *na medida que se afirma a importância técnica dos enfermeiros, são mais complexos os serviços que os médicos lhes confiam.*

Por outro lado, só uma elevada compreensão dos deveres profissionais e sólidas qualidades morais podem defender os enfermeiros dos riscos pessoais a que estão sujeitos

¹⁶ DECRETO - LEI nºs 38.884 de 28 de agosto de 1952. Diário do Governo. Ministério do Interior. Direcção-Geral da Assistência - Reforma do ensino de enfermagem pp. 117-120.

no exercício da sua actividade profissional e bem assim da insensibilidade perante a dor alheia, primeiro passo para o abandono dos doentes.

A enfermagem é uma profissão essencialmente vocacional. (...) p. 117

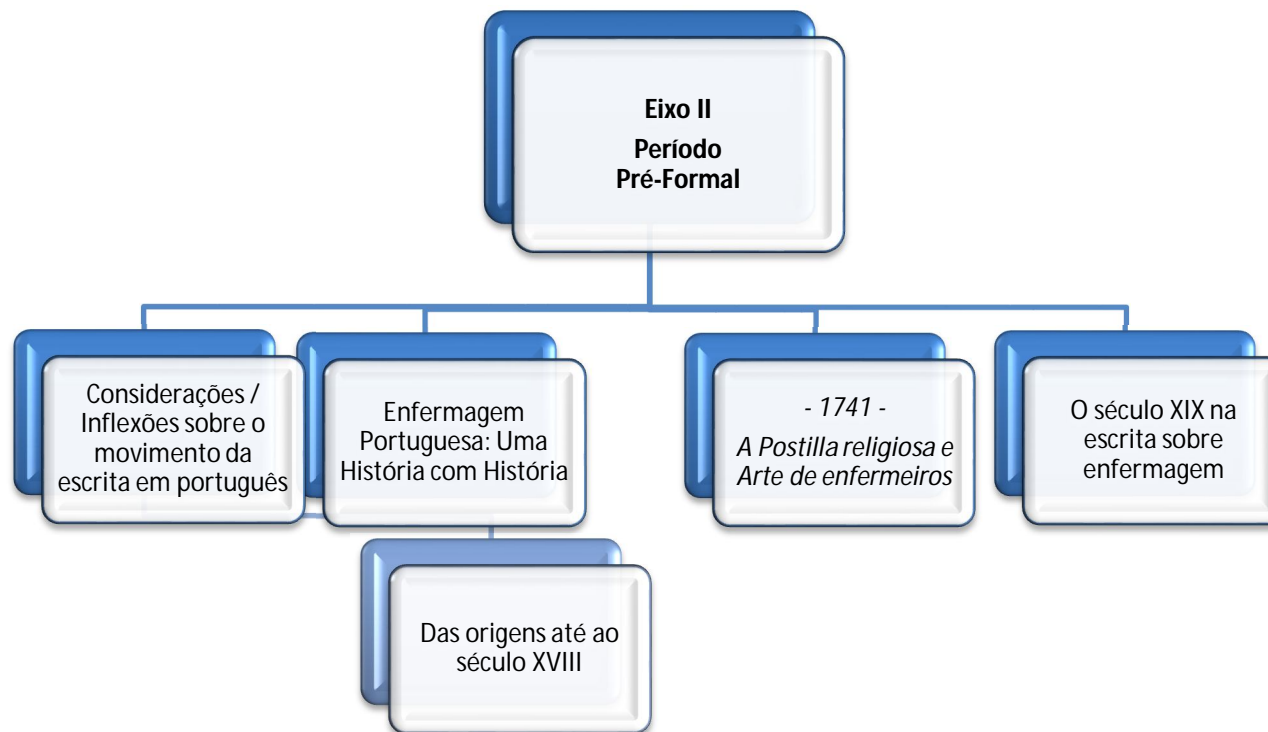
Em síntese, observamos que este conjunto de livros, manuais e sebatas de autoria dos médicos, embora sendo editados em épocas diferentes, desempenharam importância na formação dos enfermeiros e pioneiros da bibliografia **sobre** enfermagem, motivando à edição e à publicação de uma bibliografia específica **de** enfermagem.

Este percurso, embora muito resumidamente, consubstancia as origens de uma referência literária que supostamente visava um carácter utilitário para os enfermeiros ou candidatos a enfermeiros. Todavia, fica-nos a sensação de que mais do que esse objetivo, e, mercê das baixas qualificações dos enfermeiros, serviam mais os interesses clínicos e os resultados da sua atividade enquanto médicos ou diretores de serviços hospitalares. Contudo, não é de mais sublinhar que mais investigação terá de ser realizada para o aprofundamento de esta, e de outras questões.

Em síntese, apresentamos no diagrama seguinte os tópicos que constam do EIXO II – PERÍODO PRÉ- FORMAL – OS PRIMÓRDIOS DA ESCRITA PROFISSIONAL: Uma Trajetória da escrita em torno da Enfermagem.

Os quatro capítulos enquadram estas temáticas, visaram compreender as origens de uma literatura importante para a formação dos enfermeiros, que embora sendo de autoria de médicos, configuram a preocupação de um melhor aperfeiçoamento e desempenho hospitalar de ambos os intervenientes, e, com isso uma melhor assistência no campo da saúde da população em geral, numa época em que as condições seriam bastante difíceis.

Figura nº 4 – Diagrama representativo da estrutura do Eixo II – Período Pré-Formal



3- EIXO III – PERÍODO FORMAL – A ESCRITA DE ENFERMAGEM: Criação das publicações periódicas profissionais

A literatura acerca de a evolução da profissão da Enfermagem Portuguesa permitiu-nos perceber a situação paradoxal que a acompanhou, no entanto, nem sempre a observância de progresso numa determinada área, significava mudança nos padrões habituais, tradicionais.

A coexistência em simultâneo de alguns procedimentos, às vezes incongruentes, contraditórios, refletem-se muitas vezes no próprio desenvolvimento, crescimento profissional e social.

A exemplo do que afirmamos a própria história da divulgação da escrita de enfermagem, na primeira metade do século XX, mais precisamente no ano de 1925, evidencia o início da publicação de *O Arquivo do Enfermeiro* (Iª Série), como a origem do Periodismo da Enfermagem Portuguesa. Este acontecimento parecendo significar um sinal de maturidade profissional, antes representa um acontecimento fortuito e esporádico, porque não foi acompanhado de outras medidas ou reformas, tais como o nível de formação e a regulamentação do exercício profissional.

Vinte e cinco anos após, a legislação atribui como primeira Reforma do Ensino aos Decreto-Lei nº 36.219 de 1947 e nº 38.884 e 38.885 de 28 de agosto de 1952, conferindo a autonomia técnica administrativa às Escolas de Enfermagem.

Do ponto de vista teórico estes normativos constituem uma mudança significativa para a Enfermagem, porém, do ponto de vista prático alguns sinais continuam a acentuar as incongruências. Tais como o facto de as Escolas continuarem sob a dependência e funcionamento dos hospitais, sendo consideradas como mais um dos seus serviços, cabendo ao médico várias funções, acumulando a gestão da Escola, com a direção do Hospital e o próprio ensino dos alunos.

O Período Formal da Escrita de Enfermagem corresponde a um ciclo de sessenta e cinco anos, marcado por algumas situações paradoxais que, muitas vezes, colocaram entraves ao desenvolvimento e crescimento da Profissão.

A escrita profissional de enfermagem, nas décadas de 50, de 60 e 70, no panorama nacional, é marcada pela tradução de livros estrangeiros e de artigos estrangeiros

publicados nas próprias revistas de enfermagem e ou em revistas de diferentes áreas profissionais.

Foi graças a esta atividade que o uso de bibliografia técnica e profissional se expandiu em termos nacionais, possibilitando à enfermagem o contacto com o desenvolvimento técnico e científico que se verificava além-fronteiras.

A existência das duas principais fontes bibliográficas a primeira de carácter bastante mais informal, constituída por livros, manuais, sebatas e lições de autoria dos médicos, e a segunda, de carácter mais formal constituída pela escrita profissional de enfermagem produto da tradução de livros e de artigos estrangeiros estiveram na base da produção da escrita de enfermagem profissional.

De forma gradual, a escrita profissional de enfermagem ganha mais força e expressão com o surgir da publicação regular das Revistas técnicas e profissionais.

O ponto de viragem desta situação situa-se mais explicitamente na década de 90, caracterizada por ações mais congruentes, concertadas e sistemáticas que contribuíram para o desenvolvimento e crescimento profissional.

Viveu-se uma época de grande significado e alcance para o desenvolvimento da escrita profissional de Enfermagem, devido a uma súbita produção e divulgação de bibliografia em português, que nunca mais seria interrompida, observando-se pela grande quantidade de livros, de artigos e de periódicos publicados, no final do século passado e primeira década deste.

CAPÍTULO 1 – PRODUÇÃO EDITORIAL DOS ENFERMEIROS PORTUGUESES

A produção editorial foi classificada com base na informação recolhida nas Fases inicial/ Diagnóstica e mais final/ Empírica, segundo a cronologia que apareceram, e pela ação que desempenharam junto da comunidade profissional. Deste modo, obtivemos as seguintes categorias documentais: Publicações Periódicas, Sebatas, Publicação de Livros e Literatura Científica Cinzenta.

O quadro abaixo representa a distribuição deste género de documentos segundo o período de publicação. Assim, constatamos as Publicações Periódicas são o tipo de documentos mais antigos que se publicam, enquanto a Literatura Científica Cinzenta, designadamente as Teses de Doutoramento constituem os documentos de publicação mais recente.

A tradução de Livros teve início na década de 80, enquanto a década de 90 marcou o início da publicação de livros, das Dissertações de Mestrado e de Trabalhos referentes a Provas de Concurso para as categorias de Professor Coordenador e Professor Adjunto.

A publicação de Sebentas/ Manuais e Cadernos foi a mais efémera, restringindo-se às décadas de 60 e 70.

Muito embora, todos os outros tipos de documentos ainda se mantenham em publicação, apenas nos referiremos ao período de tempo selecionado para estudo.

Quadro nº 10 - Classificação da Produção dos Enfermeiros Portugueses segundo Período de Publicação

Produção Editorial	Tipo de Documentos	Período de Publicação (Décadas)
Publicações Periódicas	Artigos publicados em Revistas	20-200-
	Revistas e Jornais	
Sebentas	Sebentas/Manuais/ Cadernos/ <i>Dossiers</i>	60-70
Publicação de Livros	Traduções de Livros	80-200-
	Livros	90-200-
Literatura Científica Cinzenta	Dissertações de Mestrado	90-200-
	Trabalhos/ Provas de Concurso	90-200-
	Teses de Doutoramento	2000-200-

As Publicações Periódicas (Revistas e Jornais) constituíram o único meio de divulgação do conhecimento durante quarenta anos. Contudo, durante o mesmo período de tempo, foram encontrados outros documentos de autoria dos enfermeiros, constituídos por notas, por apontamentos e rascunhos que, não fazendo parte do estudo, podem constituir-se enquanto material precioso para outra investigação.

As Sebentas da autoria dos docentes, conjuntamente com as de autoria dos médicos e das próprias escolas de enfermagem, desempenharam um importante recurso didático e de suporte ao ensino dos estudantes, numa época de escassez bibliográfica, em português. Dos conteúdos das sebtas escritas pelos enfermeiros docentes ou da responsabilidade das escolas constavam essencialmente os procedimentos técnicos de enfermagem, ao contrário das sebtas médicas que tratavam de matérias relacionadas com a medicina, a cirurgia ou a farmacologia.

A publicação de Livros e de Literatura Científica Cinzenta fazem parte de um percurso mais recente do desenvolvimento da profissão e da própria disciplina, graças à integração

do Ensino de Enfermagem no Ensino Superior Politécnico,¹⁷ à integração dos docentes na Carreira do Ensino Superior¹⁸ e ao acesso aos Estudos Universitários. Estes factores explicam a mudança de atitude através da diversidade e significativo volume de documentos que passaram a ser produzidos e divulgados de maneira mais regular e sistemática.

A estas conquistas atribuímos o desenvolvimento da escrita profissional, bem como as mudanças ao nível da Investigação com implicações muito positivas na Prática dos Cuidados e na Gestão em Enfermagem, como também são reveladoras de uma atitude paradigmática de estudo e de trabalho, que toda a profissão tem sabido gerir ao longo da sua História.

Da pesquisa efectuada, a nossa convicção baseia-se no pressuposto de que as bases da Profissão e da Disciplina assentam na relação positiva e dinâmica, entre os factores de desenvolvimento técnico e profissional, a produção científica e a consequente divulgação.

1.1– Publicações Periódicas

A categoria Publicações Periódicas é constituída por três tipos de documentos, as revistas, os boletins e os jornais profissionais que, embora possuindo alguma especificidade, tiveram um tratamento comum, porque constituem uma literatura relevante no espectro da Enfermagem nacional. E, ainda, apresentam algumas características idênticas, tais como: responsabilidade editorial (enfermeiros ou de organizações de enfermagem); autoria (enfermeiros); destinatários (enfermeiros); matérias editoriais (relacionadas com a Enfermagem) e descrição física e *design* muito semelhantes.

Os primeiros periódicos que se editaram, apresentavam alguma indiferenciação, quanto à designação de Revista ou Jornal. Ou seja, por vezes, tratando-se do mesmo documento somente tinha designações diferentes.

Nesta ordem de ideias todas as Publicações Periódicas constituem o universo do nosso estudo, a que já fizemos referência, em capítulos anteriores, perfazem um total de 41 durante o período de estudo entre 1925 a 2009.

O quadro seguinte representa a distribuição dos 41 periódicos por data de publicação. Assim, é interessante verificar desde a publicação do *Arquivo do Enfermeiro* (Iª Série) em

¹⁷ DECRETO-LEI - 480/88 de 23 de dezembro de 1988. Diário da República (Iª Série) nº 295 - Integração do ensino de enfermagem no sistema educativo nacional pp. 5070-5072.

¹⁸ DECRETO-LEI - 166/92 de 5 de agosto de 1992. Diário da República (Iª Série) nº 179. Ministério da Saúde - Estatuto da Carreira do Pessoal Docente do Ensino de Enfermagem pp. 3676-3679.

1925 até à década de 60, tendo decorrido 35 anos, foram publicados apenas onze (11) periódicos.

Os dados revelam-nos ainda que de 1958 a 1980 foi necessário um interregno de 22 anos, para que fosse publicado um novo periódico – *Boletim Sindical dos Enfermeiros da Zona Sul e Região Autónoma dos Açores*. Mais recentemente de 1980 a 2000 foram publicados um total de dezoito (18) novos periódicos, representando um número bastante superior ao que foi publicado em 55 anos desde o primeiro periódico. Na primeira década do século XXI publicaram-se tantos periódicos como nos primeiros 35 anos deste percurso de publicação.

Sobre os títulos, encontramos dois iguais em 1925 e 1942 – *Arquivo do Enfermeiro* (Iª e IIª Série).

Ao periódico – *Servir Jornal das Enfermeiras diplomadas pela Escola de São Vicente de Paulo*, publicado em 1949, sucedeu com uma designação idêntica em 1952 a Revista *Servir*, de âmbito mais geral, a que faremos alusão mais adiante.

Em relação a outros títulos constatamos que a maioria contém a identificação profissional de Enfermeiro, Enfermeira ou área profissional – Enfermagem, enquanto os restantes apresentam denominações que poderiam ser utilizadas por outras áreas profissionais (*Subir, Divulgação, Trajectos e Projectos, Percursos...*).

Verificamos que apenas dois títulos utilizam no mesmo a designação do género feminino – *A Enfermeira* (1942) e (1949) *Servir Jornal das Enfermeiras...*.

Um outro dado inscrito no título é o reforço da nacionalidade (*Enfermeiro Português, Enfermagem Portuguesa...*).

Apenas o periódico *O CLUNY* adoptou a designação da responsabilidade editorial (Escola Superior de Enfermagem de S. José de Cluny).

No conjunto dos títulos identificamos um título em língua inglesa – *Nursing (edição portuguesa)* como uma extensão da Revista Americana com o mesmo título.

Um dos periódicos apresenta um título em versão latina – *VITAEnfermagem*.

Quadro nº 11 – Distribuição de Periódicos de enfermagem por data de publicação

Periódicos	Data de Publicação
<i>O Arquivo do Enfermeiro (Iª Série)</i>	1925
<i>O Enfermeiro Português</i>	1929
<i>A voz do enfermeiro</i>	1931
<i>A Enfermeira</i>	1937
<i>O Arquivo do Enfermeiro (IIª Série)</i>	1942
<i>Servir Jornal das enfermeiras diplomadas pela Escola de São Vicente de Paulo</i>	1949
<i>Servir</i>	1952
<i>Revista de Enfermagem</i>	1953
<i>Ecos de Enfermagem</i>	1954
<i>Subir</i>	1955
<i>Enfermagem Portuguesa Revista Técnica e Cultural</i>	1958
<i>Boletim Sindical dos Enfermeiros da Zona Sul e Região Autónoma dos Açores</i>	1980
<i>Enfermagem</i>	1985
<i>Divulgação</i>	1987
<i>Nursing</i>	1988
<i>Enfermagem em Foco</i>	1991
<i>Cuidar</i>	1992
<i>Nephro's</i>	1993
<i>Sinais Vitais</i>	1994
<i>Informar</i>	1995
<i>Revista Portuguesa de Enfermagem</i>	1996
<i>Enfermagem Oncológica</i>	
<i>(Re) Encontro</i>	
<i>Pensar em Enfermagem</i>	1997
<i>Referência</i>	1998
<i>INFOESES</i>	
<i>Trajectos e Projectos</i>	
<i>O CLUNY</i>	1999
<i>SOS Jornal de Enfermagem</i>	1999
<i>Ordem dos Enfermeiros</i>	2000
<i>Revista de Investigação em Enfermagem</i>	
<i>AESOP</i>	

<i>Revista da Associação dos Enfermeiros Obstetras</i>	
<i>AcontecEnfermagem</i>	2001
<i>VITAEnfermagem</i>	
<i>Enfermagem e o Cidadão</i>	2002
<i>APECSP</i>	2006
<i>Enfermagem & Sociedade</i>	
<i>Percursos</i>	
<i>ONCO.NEWS</i>	2007
<i>Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental e Psiquiátrica</i>	2009
Total Periódicos	41

O quadro seguinte reporta-se aos números publicados por cada uma das Revistas, perfazendo um total de números.

Podemos constatar que os Periódicos, que mais números publicaram, correspondem como é natural aos mais antigos, como é o caso da Revista *Servir* e *Ecos da Enfermagem*.

Sobre a Revista *Subir* apenas foi possível encontrar um número publicado, desconhecendo-se o total de números publicados.

Quadro nº 12 – Distribuição das publicações de enfermagem inventariadas de 1925 a 2009

Publicações Periódicas	Números Publicados
<i>O Arquivo do Enfermeiro (Iª Série)</i>	10
<i>O Enfermeiro Português</i>	6
<i>A voz do enfermeiro</i>	28
<i>A Enfermeira</i>	7
<i>O Arquivo do Enfermeiro (IIª Série)</i>	12
<i>Servir – Jornal das enfermeiras diplomadas pela Escola de Enfermagem de São Vicente de Paulo</i>	26
<i>Servir</i>	298
<i>Revista de Enfermagem</i>	81
<i>Ecos da Enfermagem</i>	267
<i>Subir</i>	1
<i>Enfermagem Portuguesa Revista Técnica e Cultural</i>	12
<i>Boletim Sindical dos Enfermeiros da Zona Sul e Região Autónoma dos Açores</i>	60
<i>Enfermagem</i>	57
<i>Divulgação</i>	38
<i>Nursing (edição portuguesa)</i>	240
<i>Enfermagem em Foco</i>	74
<i>Cuidar</i>	6

<i>Nephro's</i>	32
<i>Sinais Vitais</i>	81
<i>Informar</i>	37
<i>Revista Portuguesa de Enfermagem</i>	16
<i>Enfermagem Oncológica</i>	44
<i>(Re) Encontro</i>	7
<i>SOS Jornal de Enfermagem</i>	118
<i>Pensar em Enfermagem</i>	24
<i>Referência</i>	21
<i>INFOESES</i>	5
<i>Trajectos e Projectos</i>	3
<i>O CLUNY</i>	16
<i>Ordem dos Enfermeiros</i>	31
<i>Revista de Investigação em Enfermagem</i>	19
<i>AESOP</i>	21
<i>Revista da Associação dos Enfermeiros Obstetras</i>	9
<i>AcontecEnfermagem</i>	12
<i>VITAEnfermagem</i>	8
<i>Enfermagem e o Cidadão</i>	18
<i>APECSP</i>	2
<i>Enfermagem & Sociedade</i>	3
<i>Percursos</i>	2
<i>ONCO.NEWS (Associação de Enfermagem Oncológica Portuguesa)</i>	7
<i>Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental e Psiquiátrica</i>	2
Total = 41	1761

1.2- Sebentas e Manuais Didáticos

É pois, neste contexto de mudança, que surgem as Sebentas e os Manuais de autoria das Escolas de Enfermagem e dos enfermeiros docentes.

Numa época em que as Bibliotecas das Escolas de Enfermagem eram espaços de Arquivo «estáticos e fechados», de poucos recursos bibliográficos, pessoal com pouca preparação, escassez de procura, as Sebentas e Manuais ocupavam um papel relevante como instrumentos pedagógicos essenciais na didática das técnicas de enfermagem.

A exceção, neste panorama, foi a intervenção da Escola de Ensino e Administração de Enfermagem, na pessoa de Maria Amélia de Hungria, que cabe aqui destacar, dado que desempenhou um papel muito relevante na Organização das Bibliotecas e Formação do Pessoal, de todas as Escolas de Enfermagem, oficiais e privadas, a nível nacional.

Foi a partir daí que as Bibliotecas passaram a ser encaradas como espaços de pesquisa, de aprendizagem, aumentando a sua procura tanto por estudantes como pelos professores.

Note-se que a instalação da Biblioteca da Escola de Enfermagem Artur Ravara, só aconteceu após a reforma do Ensino da Enfermagem realizada em 1965.

Diversificou-se o espólio bibliográfico, dando lugar ao Depósito de livros estrangeiros, livros traduzidos em português do Brasil, expandindo-se a leitura no domicílio, bem como a assinatura de algumas revistas de enfermagem e de saúde, nacionais e internacionais.

A par da existência de manuais e livros, da autoria dos médicos, também os enfermeiros, pela primeira vez, iniciaram um ciclo de produção, publicação e divulgação dos seus saberes técnicos profissionais na forma de *Sebentas/ Manuais/Cadernos* e *Dossiers*; alguns dos quais constituíam documentos pessoais de apoio aos estudantes, sendo outros de responsabilidade das Escolas de Enfermagem.

Segundo Macedo e outros (2007, p. 104) a reforma operada no Ensino de Enfermagem, em 1965¹⁹, entre outras mudanças verificou-se (...) *a elaboração de textos e sebatas com os conteúdos de ensino relacionados com as áreas de aprendizagem e programas de acordo com o plano de estudos, que eram distribuídos aos alunos.*

Atualmente, é discutível o valor destes manuais no ensino, e particularmente ao nível do ensino superior e particularmente no Ensino da Enfermagem, criticado por muitos, chegando mesmo a ser considerados como um verdadeiro «crime pedagógico» (Coutinho p. 5), limitadores da capacidade de pesquisa e de inovação do próprio estudante. Contudo, deverá ter-se em conta o seu objetivo, o nível de escolaridade dos alunos, os recursos didáticos disponíveis e o modo como eram usados à época.

Assim sendo, as *Sebentas* e *Manuais*, utilizados nas Escolas de Enfermagem nacionais, constituíam instrumentos pedagógicos muito em voga mesmo no Ensino Superior, a nível nacional, sendo que o Ensino de Enfermagem, mesmo fora do Sistema Educativo, pautava-se por regras semelhantes a outros níveis de ensino integrado.

Recorde-se que as aulas teóricas sobre a Anátomo-Fisiologia, Patologia Médica e Cirúrgica, Farmacologia, Dietética, Psicologia, entre outras, eram lecionadas exclusivamente pelos médicos professores das Escolas de Enfermagem, os quais utilizavam *Sebentas* e *Manuais* escritas por eles próprios, conforme já fizemos referência.

As aulas práticas e desempenho de técnicas eram da responsabilidade dos enfermeiros docentes Monitores e ou Auxiliares de Monitor que acompanhavam presencialmente os alunos nos campos de estágio hospitalares. Situação a que alude o Enfermeiro Monitor-Chefe, José Pinto Teles, da Escola de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca Enfermagem,

¹⁹ DECRETO-LEI - 46.448 de 20 de julho 1965. Diário do Governo. Ministério da Saúde e Assistência. Direcção Geral dos Hospitais. - Reforma do Ensino de Enfermagem - Plano de Estudos do Curso de Enfermagem Geral p. 107.

em 1953, quando sublinha que (...) *o ensino da técnica de enfermagem é exclusivamente ministrado pelo pessoal que desempenha funções de monitorado*.²⁰

Também, Macedo e outros (2007, p. 59) referem que (...) *as aulas práticas eram exclusivamente da competência dos monitores*.

A organização das sebtas era quase sempre da responsabilidade dos enfermeiros Monitores, sendo dirigidas aos alunos do Curso Auxiliar de Enfermagem e do Curso de Enfermagem Geral.

Os autores eram enfermeiros docentes da Escola que possuíam, para além da sua experiência e formação profissional, ainda Cursos de Especialização de Enfermagem (Saúde Materna e Obstétrica, Enfermagem Pediátrica, Enfermagem Psiquiátrica e de Enfermagem de Reabilitação ou o Curso de Ensino e Administração em Enfermagem e um dos docentes possuía, além do mais, uma Licenciatura em Psicologia Clínica.

Quanto às características destas obras, podem-se descrever como documentos estéticos muito simples, dactilografados, geralmente marcados pela sobriedade da sua qualidade gráfica, com ilustrações, algumas desenhadas manualmente pelos próprios autores.

A sua divulgação era feita pela própria Escola Artur Ravara ou através de contacto com os docentes das outras Escolas. Desconhece-se a tiragem do número de exemplares que se editaram e qual foi a sua duração. Todavia, encontramos várias (re) edições, o que poderá explicar o seu sucesso entre a comunidade académica das Escolas de Enfermagem oficiais e particulares de Lisboa, do Porto e de Coimbra, tendo-se propagado a partir de 1973 às Escolas distritais.

Os conteúdos de enfermagem organizavam-se em torno das patologias ou afeções médicas e cirúrgicas, constituídos por procedimentos técnicos, geralmente, acompanhados de ilustrações (equipamentos e materiais). «A técnica» apresentada tinha quase sempre um cariz prescritivo.

Os procedimentos técnicos indicavam, em pormenor, os passos que se deviam seguir de forma sequencial, contemplando a preparação do doente para qualquer exame ou tratamento médico ou técnica de enfermagem, o equipamento utilizado e o desenvolvimento dos «modos de fazer antes, durante e após» os mesmos.

²⁰ TELES, José Pinto – Encerramento do ano letivo de 1952-53 na Escola de Enfermagem «Dr. Ângelo da Fonseca». Revista de Enfermagem n.º 1 outubro 1953, pp. 31-33.

Os objetivos visavam o treino, o domínio do «saber fazer a mão», permitindo mesmo na ausência do Monitor ou Auxiliar de Monitor repetir e rever a técnica, assegurando a uniformização dos procedimentos.

As aulas práticas desenvolviam-se em contexto da «sala de demonstrações», quase sempre equipadas com material próprio, ou através de imagens e esquemas elaborados no quadro preto, ou em quadros de papel pelos próprios Monitores.

As revisões técnicas eram praticadas pelos alunos, com o recurso à simulação, supervisionados pelos Auxiliares de Monitor.

Nestas «aulas de demonstrações» era utilizado o material indicado nas sebatas, e, na falta de um modelo para a execução da técnica, o próprio aluno representava o papel do doente como modelo a quem os outros colegas simulavam as técnicas.

A situação difícil nas Escolas devido a escassos recursos humanos e económicos, sendo quase sempre uma constante, ao longo do tempo, particularmente mais grave, nas décadas de 60 e 70, não obsteu a que os docentes iniciassem de certo modo a sua atividade enquanto autores/escritores.

Neste sentido, depreende-se a importância das sebatas e de outros manuais, sendo ao tempo, preciosos auxiliares de ensino técnico e teórico numa época, onde escasseava a bibliografia particularmente em português, escrita por enfermeiros, e em que os recursos financeiros para aquisição de outra bibliografia eram escassos.

Tal como o apresentado anteriormente, este tipo de documentos escritos por enfermeiros e por médicos professores das Escolas constituíam por vezes a única literatura relevante e mais acessível aos alunos de enfermagem, aspetos que nos mereceram alguma reflexão neste estudo.

Muito embora, alguns destes documentos fossem utilizados nos dois cursos lecionados nas Escolas - Curso Auxiliar de Enfermagem e Curso de Enfermagem Geral -, apenas nos referiremos às sebatas destinadas aos alunos do Curso de Enfermagem Geral na Escola de Enfermagem Artur Ravara.

Esta bibliografia de enfermagem seguia uma linha editorial muito elementar, normalmente datilografada pelos próprios docentes com os escassos meios disponíveis na Escola, sendo a grande preocupação a uniformidade de regras e procedimentos técnicos a utilizar no decorrer dos estágios nos contextos de trabalho no Hospital.

Muito embora, o Plano de Estudos do Curso de Enfermagem Geral da Reforma de 1965 incluísse também estágios em serviços de Saúde Pública, não foi possível aceder a nenhum manual ou seбата em uso nos estágios em serviços de Saúde Pública.

A imagem nº 9 apresenta alguns dos elementos das capas que constituem algumas das sebentas a que nos referimos, e onde, se pode verificar algumas destas características a que aludimos.

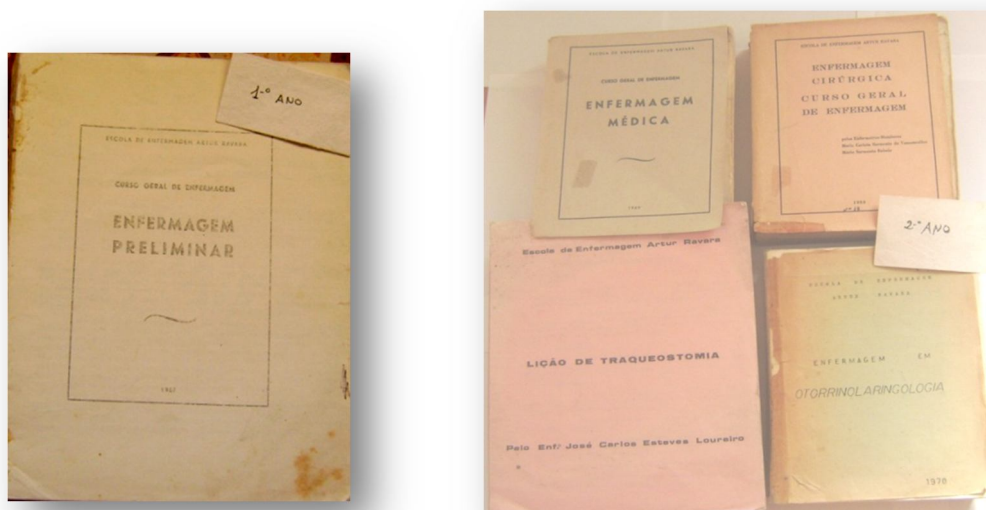


Imagem nº 9 – Digitalização das capas de alguns exemplares das sebentas do Curso de Enfermagem Geral de autoria de enfermeiros professores da Escola de Enfermagem Artur Ravara na década de 60/70.

O quadro seguinte apresenta a ficha técnica de alguns exemplares das Sebentas, editadas entre 1967 e 1977 em uso no Curso de Enfermagem Geral na Escola Artur Ravara.

Todas as sebentas foram editadas pela Escola de Enfermagem Artur Ravara, sendo a própria escola também autora das Sebentas de *Enfermagem Médica*, *Enfermagem em Oftalmologia* e de *Otorrinolaringologia* editadas respetivamente em 1969 e 1970.

Verificamos que algumas sebentas foram escritas em coautoria, sendo alguns dos autores responsáveis por mais de uma obra.

O período em que foram editadas as sebentas corresponde à integração do Plano de Estudos de 1965, evidenciando-se mudanças ao nível das disciplinas, conteúdos e estágios do Curso de Enfermagem Geral.

Quadro nº 13 – Ficha técnica dos títulos de Sebentas de autoria de docentes da Escola de Enfermagem Dr. Artur Ravara nas décadas 60/70

Data	Título	Autor	Editora
1967	<i>Enfermagem Preliminar</i>	Escola de Enfermagem Dr. Artur Ravara	Escola de Enfermagem Dr. Artur Ravara
	<i>Enfermagem Parte I</i>	Dolores dos Santos; M ^a Amélia Coquenão; M ^a Carlota S. Vasconcellos; M ^a A. Xavier Cordeiro; Esmeralda O. L. Johansen; Mário Sarmiento Rebelo; Luísa Antunes Vaz de Carvalho;	
	<i>Enfermagem Obstétrica para o Curso Geral de Enfermagem</i>	Maria de Lourdes Rodrigues Fernandes	
	<i>Enfermagem Pediátrica</i>	Irene Maria Botelho	
1968	<i>Enfermagem Parte II</i>	Dolores dos Santos; M ^a Amélia Coquenão; M ^a Carlota S. Vasconcellos; M ^a A. Xavier Cordeiro; Esmeralda O. L. Johansen; Mário Sarmiento Rebelo; Luísa Antunes Vaz de Carvalho;	
	<i>Enfermagem Cirúrgica para o Curso Geral</i>	Maria Carlota Sarmiento de Vasconcellos; Mário Sarmiento Rebelo	
1969	<i>Enfermagem Médica</i>	Escola de Enfermagem Dr. Artur Ravara	
1970	<i>Enfermagem em Oftalmologia</i>	Escola de Enfermagem Dr. Artur Ravara	
	<i>Enfermagem Otorrinolaringologia</i>	Escola de Enfermagem Dr. Artur Ravara	
1973	<i>Enfermagem Psiquiátrica</i>	Mário Sarmiento Rebelo	
1977	<i>Enfermagem Pediátrica edição revista e actualizada</i>	Irene Maria Botelho	
1978	<i>Enfermagem Obstétrica para o Curso Geral de Enfermagem edição revista e actualizada</i>	Maria de Lourdes Rodrigues Fernandes	

A forma como se desenvolveu a profissão de enfermagem constituiu um dos temas que transversalmente ocupou as páginas dos diversos periódicos, com particular incidência nos primeiros periódicos de natureza sindical, assunto a que nos referiremos nos capítulos seguintes.

Porém, o sentido que os docentes atribuíam também a este assunto está, de um modo geral, bem patente, nas primeiras páginas das Sebentas, refletindo os fundamentos, as concepções e enquadramento histórico.

No final da década de 60 (1967) a Sebenta *Enfermagem Preliminar* refere no Capítulo I – 1.1 subordinado ao tema – A enfermagem como profissão. Evolução do conceito de Enfermagem. Definição de profissão. O enfermeiro profissional, onde está inscrito o conceito de enfermagem como sendo a (...) *a actividade que tem por fim promover a saúde física e mental pelo ensino e exemplo e tratar o doente total (físico, social e espiritual), tendo em conta a família e a sociedade. Exige àqueles que a exercem, além de certas qualidades, uma preparação adequada e a posse de um diploma oficial.*

A tónica que aparece nesta definição faz sobressair o conceito atualizado de saúde da OMS da década de 50, em todas as dimensões de totalidade, Física, Mental, Social e Espiritual, relevando a vertente do ensino e exemplo dirigida à família e sociedade, mediante a formação e a exigência legal de um diploma. Contudo, a definição de Enfermagem é entendida como uma atividade, existindo a necessidade de reforçar a definição de Enfermeiro profissional como sendo (...) *a pessoa que tendo seguido estudos profissionais, de base, está apta e habilitada a assumir no seu país a responsabilidade do conjunto de cuidados de enfermagem no quadro da equipa responsável pela promoção da saúde, pela prevenção da doença e pelos cuidados aos doentes*». *Enfermagem Preliminar* (1967) *Escola de Enfermagem Dr. Artur Ravara*.

Reportando-nos ainda ao conteúdo da Sebenta da Escola Artur Ravara, afirmava-se que o conceito de enfermagem tinha evoluído através dos anos, ganhando uma extensão do seu significado. (...) *Assim, enfermagem, que começou por ser aquela actividade que a qualquer se reconhecia o direito de prestar e que consistia em socorrer os doentes e necessitados, passou posteriormente a uma actividade com funções próprias que consistia fazer daqueles que a exerciam auxiliares preciosos e insubstituíveis do médico na luta contra a doença e é hoje a ciência e a arte de prestar cuidados completos ao doente, evitar a doença, prolongar a vida e promover a saúde.*

Esta nova mudança paradigmática da enfermagem como *ciência e arte* reflete de certo modo a influência internacional das enfermeiras Virgínia Henderson (EUA) e Wanda Horta (Brasil) que, em Portugal, tiveram muito sucesso particularmente na década de 70, ao nível do Ensino de Enfermagem.

As concepções de Enfermagem e de Processo de Enfermagem de Virgínia Henderson e Wanda Horta foram largamente documentados através da revista *Servir*, bem como por algumas traduções a que os enfermeiros portugueses iam tendo acesso, e ainda pela formação realizada na EEAE ou no estrangeiro.

A sebenta define no seu Capítulo 1.1 as *Qualidades do Enfermeiro*, entendidas como sendo predicados que parecem indispensáveis, ao desempenho cabal das suas funções.

É apresentado o resultado de um inquérito realizado em que foram enumeradas 327 qualidades exigidas ao enfermeiro, agrupando-as em físicas; intelectuais; morais; técnicas; sociais e espirituais.

O enfermeiro ideal era aquele que necessitaria, antes de mais, de ser uma pessoa saudável, dinâmica, desembaraçada, rápida na execução do seu trabalho; que possua um certo grau de ciência médica, e esteja seguro de todos os conhecimentos científicos adquiridos.

(...) Quanto mais vastos e profundos forem os conhecimentos do Enfermeiro, mais seguro este estará de si e mais seguro estará o Doente do seu Enfermeiro;

O Enfermeiro deve ser dotado de curiosidade intelectual sede de saber – não só dentro do campo profissional, como no da cultura geral;

Tem de ser uma pessoa séria, cumpridora, possuindo ao máximo o sentido de responsabilidade, isto significa que respeitará as obrigações do seu trabalho, a higiene, a assepsia, as prescrições médicas, as ordens de serviço, não fugirá à verdade e terá coragem suficiente para confessar a tempo um erro cometido. Deve dar provas de dignidade profissional pela sua apresentação (uniforme impecável) e pelas suas atitudes (modos de falar, gestos, porte). Um enfermeiro consciente da sua dignidade não aceita recompensas monetárias dos doentes ou familiares pelos serviços;

O enfermeiro deve preocupar-se com a dignidade da sua vida particular, pelo reflexo que ela traz à sua vida profissional;

Cada Enfermeiro é responsável pelo bom nome da sua profissão.

No aspeto técnico exigia-se um bom contacto humano com o Doente e que ele saiba (...) executar com destreza manual: o bom êxito de muitas técnicas pode ser prejudicado pela falta de jeito; leveza e precisão nos movimentos e limpeza e ordem em todo o trabalho, nunca deixando as suas tarefas a meio;

Como qualidades sociais necessita de ter boas relações humanas, orientadas pela boa educação e respeito, sendo paciente – não pode esquecer que o Doente é egoísta por natureza, que para ele o seu caso é único. Deve aceitar, compreender as suas mudanças de humor e fazer apor reerduzi-las ao mínimo; ser amável, simpático, alegre, capaz de inculir coragem e confiança;

Não deve, porém, com tacto e diplomacia permitir familiaridades, nem que o assunto da conversa com os doentes incida sobre a sua vida particular;

Em relação à equipe, o Enfermeiro terá presente que o respeito mútuo, a consideração, a boa educação e o espírito de colaboração serão os traços essenciais a orientar as suas relações.

Como qualidades espirituais referem que (...) quer o Enfermeiro professe ou não uma religião, não deverá esquecer-se de que tem obrigação de considerar o conforto espiritual do Doente, respeitando a religião dos outros; não constituir um obstáculo ao conforto

espiritual do Doente e servir de intermediário entre o Doente e o serviço religioso, caso o Doente o peça ou necessite.

A Representação Social do Enfermeiro está também patente no capítulo Introdução sub capítulo 1.3 – *Funções do enfermeiro. O enfermeiro como membro da equipa de saúde*

É interessante verificar que as funções são dirigidas, não apenas aos cuidados de enfermagem, mas também à gestão, ensino e ou ao desenvolvimento de estudos, representando as áreas curriculares do Curso de Enfermagem Geral, sendo diferentes consoante o campo em que o enfermeiro exercesse a sua atividade.

São descritas entre outras as seguintes funções:

(...) – *Prestar ao Doente cuidados de enfermagem necessários ao restabelecimento da saúde, dando ao Doente o conforto moral e espiritual de que necessita;*

- *Promover a saúde, pela educação do indivíduo e da comunidade e pela protecção específica dos indivíduos contra as doenças transmissíveis;*

- *Chefiar uma equipa de enfermagem;*

- *Dirigir um serviço de enfermagem;*

- *Ensinar numa escola de enfermagem;*

- *Participar em certos campos de estudo, como organização científica do trabalho, análise das necessidades sanitárias do país, elaboração de programas do ensino de enfermeiros*

(...)

Muito embora, algumas Escolas pudessem ter «as suas técnicas», a grande maioria ensinava sobre o modelo da Escola Artur Ravara (...) *As sebenta davam suporte bibliográfico não só aos alunos desta Escola (Artur Ravara), mas também eram disponibilizadas para o ensino-aprendizagem desenvolvido nas escolas de Enfermagem das Forças Armadas e escolas das províncias ultramarinas, entre outras* Macedo e outros (2007, p. 104).

A produção e a divulgação por parte dos docentes das Escolas de Enfermagem, embora escassa, por vezes até rodeada de dificuldades, pela falta de meios e equipamentos, nem por isso esmoreceu a vontade de contribuir para aumentar o potencial dos alunos.

A sucessiva legislação publicada, na primeira metade do século XX, também não contribuía em muito para a promoção da produção e de publicação por parte dos enfermeiros. Muitas vezes a escassez de pessoal de enfermagem, nos serviços de saúde e nas escolas de enfermagem, não proporcionavam as condições mínimas, para que estas se desenvolvessem.

Pode concluir-se que a produção e publicação deste tipo de documentos bibliográficos, por parte dos enfermeiros nacionais, tenham desempenhado um papel instrumental particularmente ao nível do ensino de enfermagem.

1.3 – Publicação de Livros

A questão que se tem colocado em redor da tradução de livros e artigos estrangeiros para a língua portuguesa foi um assunto que nos interessou particularmente, uma vez que esta atividade literária constituiu-se como factor de socialização para a Enfermagem Portuguesa. Recorde-se que outra bibliografia técnica e científica de enfermagem era quase inexistente, e considerando que adquirir um livro ou uma Revista estrangeira até à década de 70 não era nada fácil, nem do ponto de vista económico nem político. Os poucos livros existentes eram sujeitos à ação da censura e normalmente eram traduzidos com pouca preocupação técnica ou em português do Brasil, com termos fora do contexto dos enfermeiros nacionais.

Rebelo (1998, p. 45) escreve que a (...) *produção editorial de livros com a assinatura de enfermeiros portugueses, sendo recente é contudo notável. E é notável por várias razões, das quais destaca o número de obras publicadas desde (1995) e o facto de serem editados por outras editoras que não exclusivas de enfermagem.*

Salienta ainda que muito embora os autores utilizem várias perspectivas de análise têm aspetos comuns como sejam (...) *o estudo da especificidade do cuidado de enfermagem, questionando as práticas reais e os seus actores; as temáticas e os objetos de estudo são distintos. Considera que a reflectir, pensar as práticas para pensar a formação e a ação é um pressuposto que atravessa a generalidade dos estudos realizados e publicados (...).*

Da análise efetuada verificámos que, no conjunto das várias editoras, a FORMASAU (Editora de enfermagem) e a Lusociência foram as que maior número de livros publicaram.

Encontrámos alguns dos livros editados pelos próprios autores.

A análise veio demonstrar que os Livros publicados reportavam-se quase exclusivamente a Teses de Doutoramento e de Dissertações de Mestrado, facto que consideramos como positivo, dado que a edição em livro possibilita uma maior divulgação das temáticas estudadas, ampliando o horizonte do conhecimento produzido.

Não encontrámos nenhum livro que fosse escrito em co-autoria com outros profissionais, todos os autores eram enfermeiros.

O período de maior publicação verificou-se a partir da década de 90, que pensamos estar associado às mudanças da integração do Ensino de Enfermagem, no Sistema do Ensino Superior e o acesso dos enfermeiros aos cursos de Mestrado nas Universidades nacionais.

Esta recolha, feita durante a Fase Diagnóstica, revelou-se algo inconclusiva, pelo que não conseguimos estabelecer com rigor a cronologia das primeiras edições de livros de autores de enfermeiros.

As temáticas selecionadas pelos autores referiam-se à comemoração de efemérides relativas ao percurso histórico de Escolas e Hospitais e à Formação de Enfermagem.

Do total de 346 livros recenseados, nesta fase, apenas foram encontrados 82 de autoria de enfermeiros. Contudo, na fase subsequente este número foi atualizado, sendo recenseados um total de 150. Nestes, os Códigos Temáticos dos títulos mais encontrados foram em torno da **Formação, Perspetivas e Tendências, Ética e Prática Clínica**.

A **Investigação e Saúde Laboral** foram os códigos menos encontrados.

Quadro nº 14 – Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos Títulos dos Livros escritos por enfermeiros portugueses

Códigos Temáticos	Total	F	PT	E	PC	BC	G	I	SL
	150	54	34	20	18	10	8	3	3

O quadro que se segue apresenta a distribuição dos Códigos Temáticos encontrados nos títulos dos livros, que foram recenseados na Fase Diagnóstica, no *site* da BN.

Os livros publicados por Associações Profissionais e por Escolas foram codificados também através da técnica de análise de conteúdo, resultando na sua maioria os Códigos Temáticos de **Prática Clínica e Ética**. Destes destacam-se os livros publicados pela ACEPS sobre Planeamento Familiar, Aborto e Código Deontológico, muito utilizados pelos enfermeiros na década de 70.

Nesta distribuição é interessante que as traduções de livros feita para português por enfermeiros portugueses se referem na sua maioria aos Códigos Temáticos de **Ética** e de **Bases Concetuais**.

Entre os títulos dos livros codificados destacam-se as temáticas relacionadas com Processo de Enfermagem, Modelos e Teorias de Enfermagem, Perspetiva Antropológica da Enfermagem, particularmente dos teóricos: George Castledine, Roper, Logan e Tierney, Collière, Orem e Watson.

Quadro nº15 – Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos Títulos dos Livros no *Site* da Biblioteca Nacional

Códigos Temáticos	Total	PT	F	E	PC	G	BC	SL	I
Livros Enf's Portugueses	82	24	24	12	10	5	3	3	1
Livros publicados por Associações Prof./Escolas	33	-	-	4	10	2	2	1	-
Livros Traduções Enf's Portugueses	75	-	-	39	1	2	15	1	-
Livros escritos em português por Brasileiros	32	-	-	15	1	1	4	-	-

É de salientar que muitos dos autores são professores e muitos dos livros resultaram de trabalhos realizados no âmbito da formação universitária.

De um modo geral os resultados apresentam algumas áreas mais deficitárias como sejam as áreas de **Investigação, Gestão** e aspetos relacionados com as condições de trabalho ou **Saúde Laboral**.

O recenseamento dos livros de autoria dos enfermeiros portugueses sobre a História de Enfermagem é um dos temas que desenvolveremos em capítulo mais adiante.

1.4 – Literatura Cinzenta Científica

Literatura cinzenta é o termo utilizado em sentido amplo, para designar publicações cuja apresentação física e conteúdo intelectual a tornam efémera. Tem em vista informação de alcance restrito, provenientes do governo, mundo académico, negócios, indústria em formato escrito e electrónico, cujo objetivo não é comercial.

Segundo Irwin Weintraub (2006)²¹ a literatura cinzenta científica engloba boletins, relatórios, notas de registo, teses, documentos de governo, fichas descritivas, resumos de conferências e outras publicações distribuídas gratuitamente, disponíveis por assinatura, ou para venda.

²¹ IRWIN Weintraub «The Role of Grey Literature in the Sciences» - Referência IIª Série Número 3 dezembro de 2006 Bases de Dados de Literatura Cinzenta pp. 81-84

O autor indica como vantagens deste tipo de literatura em relação a outras formas de divulgação, a rapidez de acesso, maior flexibilidade e a possibilidade de se encontrar em grande detalhe.

As entidades produtoras de literatura cinzenta científica, em Portugal, podem resumir-se em instituições de investigação e desenvolvimento tecnológico; instituições de ensino superior (departamentos universitários e escolas superiores de ensino politécnico); organismos da Administração Pública (designadamente as que se dedicam a atividade de transferência de conhecimento e de formação) e sociedades científicas e sócio-profissionais.

Os autores Maria, Lopes e Cabrita (2008) fazem referência de que a criação de valor de qualquer organização, na qual se enquadram as Instituições do Ensino Superior, assenta mais em factores *intangíveis*, designados genericamente de conhecimento ou de *capital intelectual*, do que em factores de ordem financeira.

Muito embora, o conceito de *capital intelectual* não reúna consensos, os autores utilizam o termo adoptado pela EU (2006) como sinónimo de activo intelectual, activo intangível ou activo do conhecimento, onde se combinam recursos intangíveis, actividades que permitem às organizações do ensino superior transformar recursos materiais, financeiros e humanos, num sistema capaz de gerar valor para os *stakeholders* (estudantes, professores e investigadores).

Para efeitos da Tese adoptou-se o mesmo sentido como sendo todo o conhecimento que produzido por estudantes, professores e investigadores no âmbito do Ensino Superior pode ser convertido em valor. Significando que no caso das Universidades e dos Institutos Politécnicos enquanto organizações promotoras e disseminadoras de conhecimento, por excelência, são obrigados a adoptar uma política de orientação para o mercado.

O que pressupõe que o desafio tem de ter em conta um universo cada vez mais exigente e ao mesmo tempo mais escasso, onde apenas os resultados da investigação, a publicação de trabalhos e ou artigos, que os professores e ou os estudantes promovam, são potenciadores de gerar valor acrescentado.

O papel que cabe às Instituições do Ensino Superior é o de fazer a gestão do seu *capital intelectual*, na qual a sua competitividade depende em muito da forma como forem capazes de combinar o conhecimento e o modo como o aplicam ao bem estar da sociedade, torna-se condição indispensável que os estudantes incorporem não apenas o conhecimento explícito como também o tácito.

Esta *nova* realidade a que as Instituições do Ensino Superior estão sujeitas na procura de melhores estudantes, de professores e de investigadores, bem como a obtenção de fundos,

para a investigação, exige um reajustamento dos objectivos às necessidades reais, no sentido de melhorar o seu desempenho organizacional.

Os mesmos autores sublinham que a gestão do *capital intelectual* deve ser equacionada numa perspectiva estratégica de modo a que os resultados de investigação sejam convenientemente divulgados de modo a convencer os seus *stokholders* (alunos, professores, investigadores) ... de que são a escolha acertada p. 1.

Não há dúvida que o maior sucesso de qualquer organização é alcançado pelo maior e melhor conhecimento acumulado que detém ou que domina de modo mais eficiente e mais eficaz.

Todavia, os autores chamam a atenção para a necessidade de se promover mais e melhor investigação sobre o *capital intelectual* que permita avaliar (identificar, medir e divulgar) numa perspectiva estratégica institucional.

O relacionamento entre o *capital intelectual* produzido pelas Instituições do Ensino Superior e outras organizações é considerado como um imperativo social e económico. E, neste sentido, a Comissão Europeia, em 2004, emitiu uma recomendação para que as Instituições procedessem ao reporte do seu *capital intelectual*. Este foi considerado como o propulsor oculto da economia baseada no conhecimento que, conjuntamente com a difusão da informação sobre o *capital intelectual*, poderá ser estimulante e tornar mais visível os esforços de investigação e desenvolvimento das organizações.

A década de 90, do século anterior, constituiu um desafio para a Enfermagem Portuguesa, quando as Universidades começaram a aceitar os enfermeiros nos cursos de mestrados e de doutoramentos e, foi precisamente ao nível de estes graus académicos e de provas de Concurso para Professor, que se situou uma parte muito significativa da investigação realizada entre nós. Por conseguinte, é este *capital intelectual* ou seja toda esta literatura produzida em contexto académico, a que se designa por literatura cinzenta.

A sua relevância e utilidade situa-se, não apenas ao nível dos professores, mas sobretudo ao nível da aprendizagem dos estudantes e de todos os que pretendam aceder a resumos de investigação, ou a artigos completos, dados estatísticos e outros tópicos de interesse.

A prática baseada na evidência não é mais do que a utilização dos resultados da investigação na prática quotidiana dos enfermeiros, independentemente dos contextos em que prestam cuidados.

Contudo, temo-nos vindo a aperceber, da inexistência de investigação, neste domínio, de facto, desconhecem-se estudos que se tenham produzido e que caracterize esta investigação.

Este desconhecimento, sobre os resultados e que metodologias estão a ser objeto de estudo, por parte dos enfermeiros nos seus percursos de investigação, impede o acesso a outros ao conhecimento de enfermagem.

Nesta perspectiva os estudos de Soares e Basto, (1998); de Basto e Soares (1999); Teixeira (2000); de Baggio; Erdmann; Figueiredo; Rodrigues e Vieira (2011), constituem uma exceção.

A propósito do estudo sobre *10 anos de investigação em enfermagem*, Soares e Basto (1998) concluem que a maioria, se não a totalidade dos trabalhos, que se fazem, em Portugal, são realizados no âmbito de provas académicas, muito embora alguns enfermeiros tenham dispendido muitos recursos, todavia, estes tiveram muito pouca divulgação.

As mesmas autoras supõem que tenha existido evolução tanto ao nível do desenvolvimento teórico como das metodologias utilizadas, mas não basta supor, é preciso saber realmente se esta se verificou.

O estudo realizado por Basto e Soares (1999) constitui uma mudança no panorama da investigação da produção académica. Este estudo consistiu na análise de trabalhos académicos onde foram analisados 541 resumos de investigação realizados por enfermeiros no âmbito dos Cursos de Administração de Serviços de Enfermagem, Cursos de Pedagogia Aplicada ao Ensino de Enfermagem feitos em Escolas de Enfermagem e Cursos de Mestrado em Enfermagem, em Universidades Portuguesas. As conclusões referem que o objeto de estudo mais frequente foi a prestação de cuidados, referente à situação de saúde do utente, a intervenção enfermeiro e os resultados dos cuidados bem como o processo de enfermagem. Os hospitais e as escolas de enfermagem foram os contextos onde se realizaram os estudos.

Também o estudo desenvolvido por Teixeira (2000) sobre 530 trabalhos, enviados pelas Escolas Superiores de Enfermagem, Hospitais e Administrações Regionais de Saúde, dos quais 190 resumos, foram considerados como indicativos do estado da arte da investigação em enfermagem, em Portugal, tendo sido realizados em contextos de cursos de enfermagem, de concursos, de mestrados e de doutoramentos.

Mais recentemente, as conclusões do estudo bibliométrico referente ao período de 2000 a 2010, efectuado pelos autores: Baggio; Erdmann; Figueiredo; Rodrigues e Vieira (2011), revelaram a produção da literatura cinzenta da enfermagem portuguesa em contexto universitário.

Foram analisadas um total de 204 dissertações de mestrado e 33 teses de doutoramento em Enfermagem/ Ciências de Enfermagem apresentadas pelo ICBAS, 72 dissertações e 3 teses pela UCP, e 5 teses pela UL.

As três temáticas mais estudadas foram as relacionadas com o *idoso*, a *família* e os *adolescentes*. O tema *idoso* aparece na primeira posição em 26 dissertações e em 6 teses, enquanto *família* ocupa a segunda posição em 23 dissertações e 5 teses e na terceira posição *adolescentes* com 14 dissertações e 4 teses.

Os autores sugerem face aos resultados a necessidade de divulgação em bases de dados ou *site* institucional *online*, na totalidade, para a divulgação e acesso dos estudos pela comunidade científica portuguesa e internacional.

Contudo, no que se reporta a outra face da investigação em enfermagem, produzida também em contexto académico, no âmbito dos cursos de formação inicial e especializada, ainda não foi feito nem o espólio, nem a análise da mesma, desconhecendo-se quer o número de trabalhos, quer as temáticas, as metodologias e as conclusões de estudos desenvolvidos pelos estudantes das várias escolas do Continente e Ilhas. Diante do exposto, parece-nos ser indubitavelmente matéria com interesse para investigação.

No que concerne aos trabalhos realizados pelos estudantes nas Escolas, constatámos que muitas, não só os não tinham catalogado, como também se encontravam indisponíveis para consulta pública, estando mesmo reservada a consulta aos próprios estudantes.

Consideramos que este trabalho de catalogação e análise é imprescindível que seja feito pelos professores, contemplando os seguintes itens: síntese da problemática estudada, palavras-chave, quadros teóricos, autores e obras referenciados e mini-bibliografias dos autores, questões orientadoras, objetivos, participantes, metodologias, técnicas de recolha e análise de dados e resultados.

Se tal trabalho de catalogação e análise não for feito, correr-se-á o risco de se perder esta informação científica. Este ao ficar apenas confinado ao seus autores, sem a consequente divulgação impede o acesso ao conhecimento a outros investigadores, e ou estudantes, interrompendo-se o ciclo do conhecimento produzido.

Quanto aos trabalhos desenvolvidos pelos professores, normalmente encontram-se disponíveis para consulta na BN e em algumas das Bibliotecas das próprias Universidades ou Institutos. Atualmente, os Repositórios são bastante acessíveis. Quanto ao arquivo destes trabalhos nas próprias bibliotecas das escolas, através do RCAAP, também se torna possível aceder mais facilmente a esta literatura.

Porém, muitos dos professores põem em questão a utilidade da investigação académica dominante, por não ser conhecida adequadamente a realidade educativa.

Mas, será que o conhecimento dessa realidade seria capaz de alterar a situação?

Mesmo, considerando esta realidade, a investigação produzida, seria capaz de provocar melhoria e qualidade do conhecimento?

Será que este conhecimento só interessa aos mesmos que o criam, ou a alguns outros estudantes de âmbito universitário?

Será que o facto de se impedir o acesso a estes, contribui para a melhoria da qualidade educativa?

Sobre estas questões, cabe às Escolas refletir sobre a situação, pois que a divulgação do conhecimento produzido «intra muros», é reconhecido como factor de desenvolvimento da aprendizagem, conferindo-lhe uma maior visibilidade institucional, promovendo a saída do anonimato, através da sua cultura organizacional, da qualidade do seu corpo docente e dos seus estudantes. É importante romper com preconceitos ideológicos que impedem a divulgação do conhecimento, cabendo ao professor a supervisão e o controlo da aprendizagem do estudante, e não escudar-se de falácias e ou mitos, que ponham em causa a sua missão, enquanto formador, neste processo de aprendizagem da didática da investigação.

Atualmente, ninguém põe em causa a importância e o valor que o professor e o estudante têm, pois ao consagrarem-se à investigação, trazem mais-valias quer ao conhecimento científico, quer para adquirirem um maior aprofundamento dessa realidade educativa.

A escassa produção de investigação por parte dos professores de enfermagem, em contexto de trabalho pedagógico, é atribuída à falta de condições de trabalho e à indefinição de recursos próprios, bem como à falta de supervisão científica, sabendo que a motivação e os incentivos são factores relevantes, para um maior investimento nesta área.

Todos os professores têm a noção de que, com frequência, as pessoas, que promovem e divulgam a investigação e inovação, são as que controlam a informação e recebem a – satisfação e compensação por esta atividade. Contudo, também reconhecem que existe uma dualidade de pessoas, as que levam a cabo as inovações, e as outras que têm que fazer a maior parte de trabalho árduo, aqueles que sofrem o *stress* são os professores, e estes obtêm poucas compensações e muito pouco reconhecimento institucional – Sancho y Hernández (1989, p. 76).

Se esta investigação não for integrada na carreira docente, embora a situação lhe possa proporcionar o enriquecimento pessoal, terá de ser enquadrada também como forma de promoção profissional, sob pena de não se tornar motor de maior produção científica e de desenvolvimento.

Os autores, sobre esta relação desigual entre Investigadores e Professores, referem que enquanto os primeiros têm nas aulas e nos docentes uma importante fonte de dados, deles se nutrem para realizar os seus trabalhos e incrementar o seu currículo académico, os segundos, muitas vezes, pouco benefício extraem desta *relação parasitária*. Como afirma Elliott, numa entrevista realizada em 1989 e publicada pela Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias Vol. 1 nº 1 (2002).

Muitas das Bases de Dados consideram este tipo de Literatura como uma parte essencial das disciplinas, enquanto espaços de partilha e divulgação do conhecimento, destinando-se a um público especializado que pode participar, replicar e aprofundar outras áreas afins ao conhecimento já existente.

Se nos reportarmos aos dados recenseados na fase inicial ou Diagnóstica, anteriormente descritos, verificamos que a literatura cinzenta é constituída por um total de 449 documentos relativos a Teses, Dissertações e Trabalhos de Provas de Concurso, representando 61% do total de títulos identificados como de autoria de enfermeiros.

As Universidades Católica Portuguesa e a Universidade do Porto – Instituto Ciências Biomédicas Abel Salazar, foram as universidades que lecionaram o Mestrado em Enfermagem/Ciências de Enfermagem, sendo que foram identificados um total de 160 títulos na UCP e o total de títulos de 82 no ICBAS.

Em relação à análise dos dados relacionados com as Provas de Concurso para Professores verificámos que foram as Escolas de maior dimensão a nível nacional – Escolas Superiores de Enfermagem de Bissaya Barreto (Coimbra) e S. João (Porto), entre as que mais contribuíram para essa situação.

Quanto às questões de género e área de atuação, observou-se que foram as professoras das Escolas Superiores de Enfermagem as que maior produção apresentaram.

O elevado volume verificado de Teses de Doutoramento, de Dissertações de Mestrado e de Trabalhos de Provas Públicas de Concurso poderá ser explicado no fundamento de exigência da legislação da integração do Ensino de Enfermagem, no Ensino Superior, e a consequente inclusão dos docentes de Enfermagem, na Carreira Docente do Ensino Superior Politécnico.

CAPÍTULO 2 – PERIODISMO EM ENFERMAGEM – O ESTADO DA ARTE

A construção da temática sobre o Periodismo teve por base o conjunto de informação que em rigor mais se aproxima do objeto do estudo, uma vez que é inexistente ou escassa a investigação nesta área, como temos vindo a explicitar ao longo da Tese.

Assim, para traçar o estado da arte sobre o periodismo da enfermagem portuguesa, recorreremos à análise de livros, de teses de doutoramento, de dissertações de mestrado, de artigos publicados em periódicos, ou como resultado de comunicações em eventos nacionais, e ou internacionais, entre outros.

Da pesquisa efetuada encontrámos referência ao período compreendido nas décadas de 60 do século passado a 2009. O período mais destacado com o maior número de documentos escritos verificou-se entre 1980 a 2009, o que de certo modo reforça o estágio de desenvolvimento da Profissão e da Disciplina, já anteriormente verificado no mesmo período em relação a outros acontecimentos.

Todos os documentos foram submetidos a análise e catalogação em quatro grandes áreas temáticas, a Divulgação do Conhecimento em Enfermagem, a História de Enfermagem, o Ensino de Enfermagem, a Investigação e o Exercício Profissional que, em síntese, apresentamos em imagens das capas dos livros e nos quadros seguintes.

Por uma questão metodológica, a catalogação dos títulos foi organizada em torno do aprofundamento destas áreas temáticas, se bem que estamos conscientes de que, qualquer que fosse a classificação utilizada, seria sempre subjetiva.

Os documentos encontram-se identificados nos quadros seguintes e constituem um total de 42 documentos em análise distribuídos por dezanove artigos publicados em periódicos; treze livros; cinco dissertações de mestrado; três outros documentos como resultado de comunicações em eventos nacionais e ou internacionais e outros e ainda por uma tese de doutoramento e uma sebenta ou manual didático.

O primeiro documento que encontrámos neste percurso sobre a História de Enfermagem data da década de 60. Trata-se de uma sebenta destinada aos alunos da Escola de Enfermagem dos Irmãos de S. João de Deus – Telhal.

A primeira década deste século foi a de maior produção sobre o assunto com 24 documentos, seguido da década de 90 com nove e a do final da década de 80 com três

documentos, o que de certo modo corresponde ao estágio de desenvolvimento da Profissão e da Disciplina.

O quadro que se segue reflete a distribuição dos títulos referentes à Divulgação do Conhecimento em Periódicos de Enfermagem constituídos por cinco documentos publicados em 1998, 2003, 2004 e 2007 e por uma Dissertação de Mestrado em 2006. Os trabalhos caracterizam-se por dois artigos de investigação (estudos quantitativos), um de revisão bibliográfica e uma comunicação publicada em artigo de revista.

Os periódicos *Servir*, *Informar*, *Pensar Enfermagem* e *Percursos* foram os responsáveis pela publicação. A maioria destes trabalhos foram publicados em coautoria com outros enfermeiros portugueses e o artigo de investigação foi publicado em coautoria com um autor estrangeiro (Brasil).

A dissertação de Mestrado respeita a um estudo exploratório, quantitativo e qualitativo, sendo desenvolvido no âmbito das Ciências de Educação. A maioria dos trabalhos foram produzidos por enfermeiros da área da prestação de cuidados da zona Norte, enquanto os relativos à investigação foram de autoria de enfermeiros da zona Sul.

Estes dados encontram-se descritos em síntese no quadro seguinte do qual constam as principais conclusões.

O primeiro artigo de autoria de Cabral (1998) revela a grande vitalidade da Revista *Informar*, observado pelo número elevado de artigos publicados por número (média de oito artigos), significando maior diversidade de temas e de autores.

Quanto às conclusões do estudo publicado na revista *Pensar Enfermagem* por Basto e Carvalho (2003) num universo de 323 textos publicados em oito periódicos, estes últimos foram os que tiveram mais adesão por parte dos enfermeiros. Estes artigos abordam várias tipologias, tais como artigos de investigação, artigos de reflexão e relatos de experiências e textos de cariz informativo. Da análise destacaram-se artigos de investigação 125 (39%); 108 (33%) reportavam-se a relatos informativos; constatarem-se 68 (21%) artigos de reflexão; 22 (7%) faziam referência a relatos de experiências.

Na década de 90, o objeto mais estudado foi a intervenção em enfermagem, tendo por base teórica as ciências de enfermagem, os utentes, os sujeitos mais estudados, dando ênfase ao estudo da área clínica.

As autoras concluem que se verificou um crescimento das produções escritas, tendo (...) *como foco os conceitos centrais da disciplina de enfermagem*, o que pode significar que *a produção do conhecimento é um facto no quotidiano do enfermeiro, daí ter suscitado o seu interesse pela divulgação e publicação*.

O trabalho de Marques e Morais (2004) sobre a caracterização de 63 livros escritos por enfermeiros portugueses, entre 1990 e 2004, mostra a grande produção escrita dos enfermeiros, nas últimas décadas, particularmente nos anos de 2002 e 2003. A maioria dos autores era constituída por professores de enfermagem que fizeram a sua publicação individualmente.

A investigação resultou da formação académica no âmbito dos cursos de Mestrado e Doutoramento, sendo áreas de maior interesse a Prestação de Cuidados, o Ensino, a História, as Técnicas (procedimentos) e a Ética.

O estudo de Filipe (2006 e 2007) consistiu na dissertação e num artigo de investigação sobre (...) *textos enquanto unidades de análise* da revista *Servir* entre 1952-1984, incluindo capa, sumário, publicidade, notícias, artigos, informações, num total de 325 *textos*.

As conclusões revelaram que ao longo de quatro décadas em estudo (50, 60, 70 e 80), alguns aspetos foram constantes, como é o caso da categoria *Informação*. As mudanças ocorreram nas categorias *Carácter Religioso*, nas décadas de 50 e 60, *Doença e Saúde* na década de 70 e *Componente Teórica* na década de 80.

A autora conclui da análise dos textos que ocorreu uma deslocação dos traços de perfil do enfermeiro português, marcado pela religião, na década de 50, evoluindo para a *emancipação profissional* na década de 80.

Muito embora, a tentativa de comparação das conclusões destes trabalhos, seja um achado muito divergente, tendo em conta as diversas tipologias documentais, as diferenças metodológicas, os contextos diferentes e a abrangência. Contudo, parece existir como elemento comum, o facto do expressivo aumento da produção e divulgação do conhecimento, em que o tema *Cuidados de Enfermagem e Investigação* estiveram presentes.

Nesta conformidade, observamos uma mudança paradigmática que inflete a mudança ao nível da compreensão do conhecimento profissional, marcadamente pela deslocação da dimensão individual para a dimensão coletiva/social, representando uma evolução positiva na forma de conceber o conhecimento próprio da Disciplina de Enfermagem.

Quadro nº 16 – Distribuição de títulos em Periódicos tendo como tema a Divulgação do Conhecimento no século XX e início do século XXI em Portugal

Data	Revista	Contexto de Divulgação	Autor (s)	Título	Resultados	Referência Bibliográfica
1998	<i>Informar</i>	Comunicação apresentada no Fórum «Desafios em Enfermagem» realizado pela revista Sinais Vitais em Coimbra em 1998, no debate Produção de Saberes	CABRAL	<i>4 Anos de contributo para a divulgação de saberes</i>	Até final do 4º ano de publicação, foram publicados 15 números e 122 artigos de enfermeiros de diferentes regiões do país. Os temas de enfermagem mais publicados foram: Cuidados de Enfermagem Gestão; Ética; Investigação; Docência/Prática; História Escola e Hospitais e Docência	CABRAL, Dinora Maria Gil da Costa. - 4 Anos de contributo para a divulgação de saberes. Informar nº 15 outubro/dezembro: Porto: 1998 pp. 3-5
2003	<i>Pensar Enfermagem</i>	Estudo de Investigação: descritivo de perspectiva dedutiva	BASTO e CARVALHO	<i>A produção do conhecimento em Enfermagem: o que escrevem os enfermeiros portugueses</i>	Nos anos de 2001 e 2002, foram questionados pelo telefone os funcionários das Escolas de Enfermagem de Viana do Castelo; Cidade do Porto; S. João; Bissaya Barreto; Ângelo da Fonseca; Artur Ravara; Maria Fernanda Resende; S. João de Deus (Évora) e de Faro sobre as 6 revistas portuguesas mais procuradas pelos utilizadores. Os resultados sobre as Revistas de Enfermagem foram: <i>Nursing</i> (edição portuguesa) e <i>Servir</i> (9 vezes); <i>Servir</i> e <i>Sinais Vitais</i> , (8 vezes cada); <i>Pensar Enfermagem</i> e <i>Enfermagem em Foco</i> (5 vezes cada); <i>Enfermagem</i> (4 vezes); <i>Referência</i>	BASTO, Marta Lima e CARVALHO, Zuila Maria de Figueiredo – A produção do conhecimento em Enfermagem: o que escrevem os enfermeiros portugueses. <u>Pensar Enfermagem</u> Vol. 7 nº 2, 2º Semestre Lisboa : 2003 pp. 2-14

Data	Revista	Contexto de Divulgação	Autor (s)	Título	Resultados	Referência Bibliográfica
					(3 vezes); <i>Revista de Investigação em Enfermagem</i> (2 vezes); <i>Informar</i> (1 vez)	
2004	<i>Informar</i>	Revisão Bibliográfica	MARQUES S e MORAIS	<i>Produção editorial dos enfermeiros portugueses Análise comparativa</i>	Foram analisados 63 livros escritos por enfermeiros nacionais. 50% foram publicados em 2002 e 2003. A FORMASAU foi a editora que maior número de livros publicou, seguida da Lusociência e da Quarteto. A maioria é escrita individualmente. Os livros na maioria (24) foram provenientes da área do Ensino, não decorrentes de trabalhos académicos. A Prestação de Cuidados foi a área mais publicada em livro. A palavra mais utilizada nos títulos foi Enfermeiro/Enfermagem, seguido de cuidar/cuidados.	MARQUES, Paulo e MORAIS, Luísa – Produção editorial dos enfermeiros portugueses análise comparativa. <i>Informar</i> . Ano X. nº 32 janeiro/junho: Porto: 2004 pp. 13-15
2006	Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação na Universidade Nova de Lisboa	Estudo Exploratório. Quantitativo e Qualitativo.	FILIPE	<i>Contribuição para o estudo dos periódicos de enfermagem: Traços de perfil do enfermeiro na Revista Servir (1952-1984)</i>	Foram analisados 20 exemplares da Revista Servir publicados nas décadas 50, 60, 70 e 80. Existiu uma mudança da Categoria Carácter Religioso nas décadas de 50,60. Ao longo das décadas ocorreu uma deslocação dos traços de perfil do enfermeiro Português. Na década de 50 o perfil encontrado foi de <i>caridade e na fé</i> . Na década de 60 inicia-se um <i>combate entre a caridade e a técnica</i> , dá-se a	FILIPE, Ana do Rosário Loureiro - <u>Contribuição para o estudo dos periódicos de enfermagem: Traços de perfil do enfermeiro na Revista Servir (1952-1984).</u>

Data	Revista	Contexto de Divulgação	Autor (s)	Título	Resultados	Referência Bibliográfica
					<i>emancipação da enfermeira refém da religião.</i> Na década de 70 surge a <i>emergência da enfermeira como profissional.</i> Na década de 80 verificou-se a <i>emancipação Profissional</i> privilegiando a Investigação. Como resultado final dá-se uma alteração do perfil da <i>Enfermeira Católica</i> (década de 50) para a <i>Enfermeira Profissional</i> (década de 80).	Dissertação de Mestrado em Ciências de Educação na Universidade Nova de Lisboa : 2006
2007	<i>Percursos</i>	Estudo Exploratório. Quantitativo e Qualitativo.	FILIPE		Estuda 20 exemplares da Revista <i>Servir</i> publicados nas décadas 50, 60, 70 e 80.	FILIPE, Ana do Rosário Loureiro. Publicação na revista <u>Percursos</u> Setúbal : 2007

O quadro seguinte alude a alguns títulos que se apresentam por ordem cronológica e cujas temáticas se inserem na História da Enfermagem Portuguesa.

Os investigadores mostram algumas diferenças de perspetiva metodológica e de aprofundamento relacionadas com esta matéria. Neste lote incluem-se os trabalhos, publicados por Nogueira, B. (1968); Nogueira, M. (1990); Nunes (2003); Vieira (2007).

As contribuições mais relevantes destacam-se pelo seu carácter nos domínios da História e do Ensino de Enfermagem, marcadas pela preocupação central da enfermagem portuguesa, pelo que as apresentamos com mais detalhe.

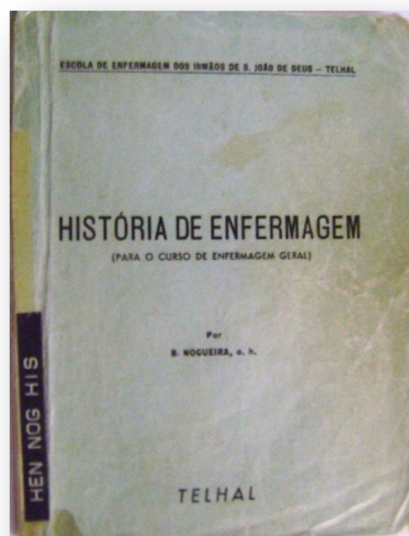


Imagem nº 10 – Digitalização da capa da sebenta *História de Enfermagem* da autoria de Nogueira, B. (Década de 60)

A sebenta da Escola de Enfermagem dos Irmãos de S. João de Deus – Telhal, da autoria de Fr. Bento Nogueira O. H. de 1968 é um documento policopiado na «Gestetner» do Telhal, com o objetivo de ensinar a História da Enfermagem aos alunos do Curso de Enfermagem Geral.

Tratando-se de um documento escrito por um dos enfermeiros da Ordem de S. João de Deus sublinha o sentimento religioso muito marcado em todo o texto.

O curioso, é que apesar de ser editada em 1968, após a publicação do Plano de Estudos de 1965, e da consequente exigência do Curso Geral dos Liceus (5º ano), para ingresso no Curso de Enfermagem Geral, ainda prevaleceu a conceptualização da Enfermagem como sendo uma atividade vocacional

O autor descreve na Introdução a relação entre a Enfermagem, a Hospitalidade e a Medicina afirmando (...) *que se encontram coligadas, Estabelece as diferenças entre a História Geral que se encontra pejada de descrições de guerras e esforços dos homens para se abaterem e dizimarem uns aos outros, enquanto neste livro de estuda a actividade do homem em favor do homem e a luta de alguns pelo bem-estar de todos.*

Pode ser uma actividade e história menos retumbante, mas não deixará de ser muito mais simpática e atraente, para quem se interessa, sobretudo, pelo bem-estar de todos (...).

A enfermagem é (...) a actividade de cuidar doentes e compartilhar da dor e incerteza dos mais aflitos não deve ser abraçada como qualquer outra. É sempre uma ocupação em que o sujeito dá mais do que recebe. E por isso deve ser exercida em espírito de apostolado e dedicação ao próximo, exigindo do profissional uma grande dose de disponibilidade e amor pelos seus semelhantes.

Nogueira (1968) vai mais longe nesta defesa da Enfermagem vocacional, encontrando uma explicação para a Medicina e a Enfermagem se terem desenvolvido devido à ação da religião, o que está bem expresso no seguinte excerto (...) *à sombra da religião, e como no passado eram quase sempre os sacerdotes e seus colaboradores que nos templos se dedicavam a cuidar dos enfermos, assim como ainda hoje os motivos religiosos é que inspiram a muitas pessoas o desejo de valer ao próximo nas suas enfermidades. De facto não há nada como o ideal religioso para inspirar a coragem e dedicação de que deve ser revestido quem se dispõe a viver para o bem-estar dos que sofrem.*

Do ponto de vista estrutural este documento encontra-se organizado em sete capítulos, apresentando apenas o percurso internacional com início na assistência aos doentes nos povos antigos, seguindo-se a assistência na Idade Média, na Renascença; no Século XVIII; Século XIX e Século XX.

Relacionado com a história da assistência em Portugal encontramos referências à ação da rainha D. Leonor de Lencastre, à Fundação em Portugal da Misericórdia de Lisboa, ao Hospital Termal das Caldas da Rainha e do Hospital de Todos os Santos.

A figura de S. João de Deus é enaltecida por ter consagrado (...) *a sua vida ao serviço dos enfermos e necessitados por amor de Deus* (...) p. 49.

Foi graças aos serviços prestados pelos discípulos de S. João de Deus nos hospitais fundados por eles próprios espalhados pelos cinco continentes, que levou a que os reis de Espanha e de Portugal lhes confiassem o serviço de assistência *nas naus como enfermeiros*. p. 51.

O livro faz referência ainda à ação da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus nos séculos XVII e XVIII nos Hospitais militares e da marinha e ainda naqueles que iam sendo edificados nos domínios ultramarinos.

Uma outra curiosidade deste documento é o facto de se referir na página 51 ao livro da *Postilha Religiosa e Arte de Enfermeiros, escrito em 1741, para uso dos Irmãos de S. João de Deus, pelo P. Santiago, da mesma Ordem.*

A História da Medicina Portuguesa no século XVIII, é descrita no cap. XVIII relativa aos cirurgões como sendo (...) *cirurgiões, que à época não sabiam ler. Por este motivo o Cirurgião-Mor, Soares Brandão, determinou em 1758 que não fosse admitido à frequência das aulas do Hospital de Todos os Santos quem não soubesse ler, escrever, ortografia e gramática portuguesa, além de outros requisitos para o diploma. Como porém, os examinadores eram mais interesseiros que sérios, o resultado deste decreto foi, segundo Sá Matos «encheram-se os domínios portugueses de algebristas, emplastadeiras, sangradores, parteiras e dentistas, sem, de ordinário, saberem ler nem escrever, e todos com cartas autênticas de Senhor Coronel Cirurgião-Mor* (...) pp. 60-61.

Na opinião de Nogueira (1968, p. 66) ao longo da idade média, *os cuidados de enfermagem estavam a cargo das freiras e de outras pessoas imbuídas do ideal religioso, geralmente muito dedicadas aos enfermos, mas com pouca cultura de Enfermagem.*

O exemplo que nos é dado pelo autor baseia-se no Regimento do Hospital das Caldas da Rainha, onde se quase não se diferenciava as atribuições entre os enfermeiros e serventes. Enquanto (...) *os enfermeiros eram obrigados «a muita diligência e paciência, quer para aplicarem os tratamentos..., quer para levar ao banho, às costas, os doentes... para os lavar, levar todas as refeições às enfermarias, varrer e limpar estas e fazer as camas, vigiar Os enfermos... chamar o vigário... amortilhar os cadáveres... despejar e limpar diariamente os tanques dos banhos... ter sempre limpos os urinóis e bacios, bem como os púcaros dos xaropes e purgas. (...).*

Para se ser enfermeiro chegava a prática e alguma habilidade, contudo o desenvolvimento dos hospitais exigiam mais clínicos e a necessidade de formação de enfermeiros. Nesta continuidade em 1793, o Comissário Geral da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus, através de um requerimento dirigido a Pina Manique, defende a necessidade dos membros da Congregação estudarem medicina na Universidade de Coimbra, por duas ordens de razão, a primeira é que se evitaria os incómodos de apenas os doentes nas enfermarias serem visitados pelos médicos apenas uma vez ao dia, e por outro lado os membros da Congregação, quando devidamente habilitados, poderem substituir os médicos nos hospitais militares. Este pedido dirigia-se para serem aceites em Coimbra, 40 Irmãos e alunos da casa Pia, para frequência de Cursos Universitários. Contudo, a morte de Pina Manique pôs por terra algumas destas aspirações.

O documento sublinha a ação da Cruz Vermelha Portuguesa que, desde a sua criação, em 1864, tem prestado serviços relevantes ao exército português, em todas as Guerras em África, Índia, França, colaborando com outras Associações Internacionais no auxílio às vítimas civis e militares nas guerras europeias. A sua atividade destaca-se no auxílio prestado ao povo português em situações paz, de catástrofes e de epidemias.

Por último, o autor escreve a importância das entidades Internacionais como sejam a Fundações – Rockefeller e Nightingale, a OMS, as Associações Profissionais – ICN e o CICIAMS, para o desenvolvimento da Enfermagem moderna.

No entanto, e ao contrário das sebtas da Escola de Enfermagem Artur Ravara não se encontram esquemas ou imagens, contudo, apresenta referências bibliográficas em pé de página e no final do documento, que constituem um complemento à informação apresentada, permitindo o aprofundamento das temáticas.

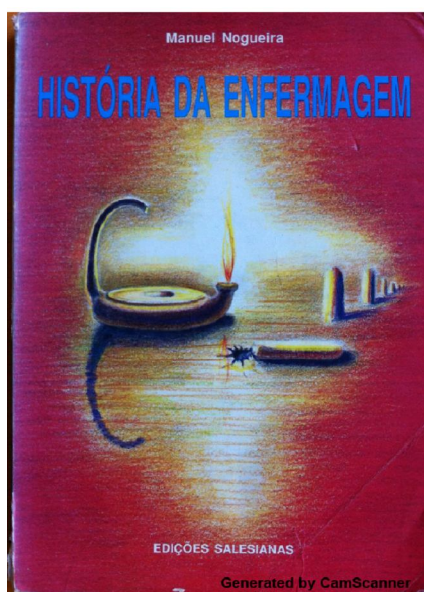


Imagem nº 11 – Digitalização da capa do livro *História de Enfermagem* da autoria de Nogueira, M. (Década de 90)

Fazemos uma referência particular ao Livro *História da Enfermagem* de Nogueira, M. (1990), por considerarmos uma obra que segue o mesmo tema do documento anterior, apesar de distarem 22 anos sobre o primeiro.

Trata-se de um livro que na atualidade ainda tem a sua importância por constituir um marco na escrita da enfermagem portuguesa, tratando-se de o único livro escrito por um enfermeiro português, que diz respeito à História de Enfermagem, a nível internacional e a nível nacional.

O autor refere na introdução que pretende dar a conhecer a multimilenária panorâmica da «actividade do homem em favor do homem» e da «luta de alguns pelo bem-estar de todos», tornando-se bastante proveitoso para aqueles que devam «colher lições do passado» p. 5.

Trata-se de um livro de história que resulta da revisão de literatura documental a nível internacional e nacional, constituído por oito capítulos, onde no primeiro são apresentados alguns aspetos gerais sobre a *Identidade da Enfermagem* e os restantes sete capítulos, constituídos por períodos cronológicos, que retratam a evolução da Enfermagem, desde a assistência aos doentes na antiguidade, até ao século XX.

Alguns dos assuntos tratados na Sebenta anterior a que fizemos referência encontram-se especificados também neste livro.



Imagem nº 12 – Selo emitido pelo Vaticano em 1986 de S. Giovanni *di Dio Patrono degli Ospedali e degli Infermi* (S. João de Deus Patrono dos Hospitais e dos Doentes)

O livro apresenta algumas gravuras, entre as quais destacamos nas páginas 65 e 147 as referentes a dois selos emitidos pelo Vaticano em 1986, uma de S. Giovanni *di Dio Patrono degli Ospedali e degli Infermi* (S. João de Deus Patrono dos Hospitais e dos Doentes) e a outra de 1886 – 1986 *Proclamazione a Santi Patroni degli Ospedali e degli Infermi* (1º Centenário da Proclamação de S. João de Deus e de S. Camilo de Lellis como Patronos dos Hospitais e dos Doentes). Estas imagens representam a mesma ideia já apresentada anteriormente quando nos referimos anteriormente à vida do santo, transportando os doentes ao colo, salvando-os do incêndio do hospital em Granada.

Os elementos gráficos que compõem a capa distinguem-se pelo símbolo da lamparina e um conjunto de marcos rodeados de luz, sendo bastante sugestivos pela cor e conjugação dos vários elementos.

O livro foi composto e impresso na Uniarte Gráfica Porto.

Entre as muitas facetas da sua vida profissional, o autor para além de ser enfermeiro, é possuidor de uma licenciatura em Teologia e colaborou na Revista *Hospitalidade* que aborda temas relacionados à história da medicina e à psiquiatria.

O autor como nota final com o título *Abertos ao Futuro*, escrita em 8 de março de 1989, em Nampula – Moçambique, refere que *chegado ao fim desta apaixonante história sob a impressão de termos avançado por uma clareira muito luminosa da evolução da Humanidade: uma caminhada de tantos dos seus membros empenhados na luta contra os males e na promoção dos bens que interessam todos, mas principalmente aos mais desfavorecidos.*

Considera ainda que *todos os problemas «permanecem em aberto», sempre reclamantes de aperfeiçoadas competências e empenhadas boas vontades, para seu recto encaminhamento, em favor dos que precisam e para bem de todos.*

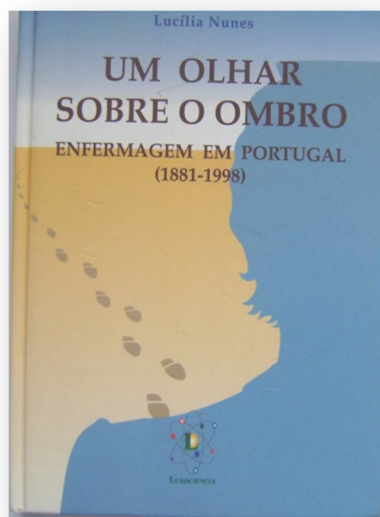


Imagem nº 13 – Digitalização da capa do livro *Um Olhar sobre o Ombro Enfermagem em Portugal (1881 – 1998)*

O livro da autoria de Nunes (2003) *Um Olhar sobre o Ombro Enfermagem em Portugal (1881-1998)* resultou da dissertação de Mestrado em Ciências de Enfermagem, em que a autora refere ter seleccionado elementos que pudessem constituir contributo para a história da enfermagem em Portugal e fornecer o subsídio na reflexão sobre o percurso profissional.

O objetivo fulcral do estudo foi o de identificar e examinar a visão do homem que foi difundida na e pela enfermagem em Portugal.

O livro está organizado em dois tomos, o Tomo I sob o título “À procura do conceito de «ser humano» na Enfermagem em Portugal” (1881-1954) e o Tomo II com o título “Horizontes e perspectivas da Enfermagem em Portugal” (1954-1998).

A autora estabelece para a cronologia do primeiro marco (1881 a 1954) o facto de corresponder aos programas de estudo e/ou a escritos sobre as concepções de homem, e para o segundo marco (1954-1998) por equivaler à reforma curricular de 1952, à promulgação legislativa da autonomia técnica, administrativa das escolas de Enfermagem e, por último, à tomada de posição relativa ao Ensino e Exercício Profissional.

Do primeiro Tomo constam os capítulos: “Caminhos de Enfermagem em Portugal”; “O Ser Humano em Perspectiva” e o “Ser Humano na Enfermagem”. Neste a autora faz referência aos periódicos profissionais de enfermagem, onde salienta a sua importância como forma de comunicação, difusão de informação, estabelecimento de relações entre os enfermeiros, promovendo a reflexão de problemas e proporcionar informações atualizadas. Faz referência particular aos periódicos *O Enfermeiro Português*, *A Voz do Enfermeiro* e *Revista de Enfermagem*, todos de raiz associativa que estão na base do movimento sindical dos enfermeiros.

Do segundo Tomo constam os capítulos: “Traços leves em cenário difícil” (1955-1973); “De um nível único ao nível superior” (1974-1989) e “Perfil do final do século” (1990-1998).

O livro tem como particularidade a existência de extensas notas de rodapé, que complementam e aprofundam a informação incluída na mancha da página.

Relativamente ao *currículum* da autora salientamos o percurso académico (à data da publicação do livro), além da formação especializada em Enfermagem de Saúde Mental e Psiquiátrica e Mestre em Ciências de Enfermagem, ainda possui uma Licenciatura em Filosofia e Mestrado em História Cultural e Política.

No que respeita ao *design* do livro, quer o título, quer a imagem da capa são muito sugestivos, conforme se pode observar pela imagem acima exibida. Os elementos imagéticos da capa são constituídos por uma silhueta humana de costas, o que configura o título, sendo também acompanhada por marcas de pegadas deixadas na areia e que são visíveis por cima do ombro.

No interior das páginas observam-se algumas gravuras, particularmente interessantes, muito elucidativas e de cariz didático sobre a história da enfermagem, como sejam as que se reportam a capas de Manuais didáticos escritos por médicos professores nas Escolas de Enfermagem portuguesas e ou livros estrangeiros.



Imagem nº 14 – Digitalização da capa do livro *Ser Enfermeiro Da Compaixão à Proficiência*

O livro *Ser Enfermeiro Da Compaixão à Proficiência* de autoria, de Vieira (2007), sublinha na Introdução ter como objetivos (...) *Espera-se deixar aos futuros enfermeiros, e a todos os que carecem dos seus cuidados, uma ideia clara da situação actual da enfermagem em Portugal, do que move o grupo profissional e daquilo que dos enfermeiros se pode esperar hoje e sempre.*

A autora descreve o livro como sendo de pesquisa, escrito (...) *de forma breve e simples*, dirigido a jovens estudantes universitários.

Está organizado em quatro capítulos. No primeiro capítulo são abordados os temas relativos ao percurso da enfermagem, desde os tempos primitivos até à consolidação da profissão na atualidade; as funções do enfermeiro, a regulamentação e organização da profissão e a evolução do ensino de enfermagem.

O segundo capítulo apresenta uma perspetiva dos conceitos metaparadigmáticos da Pessoa, da Saúde, do Ambiente e da Enfermagem.

O terceiro capítulo reporta-se a questões de ordem de Ética e da Deontologia Profissional, e, por último, no quarto capítulo são tratados os Desafios Futuros nos aspetos demográficos, o trabalho de equipa e os avanços da investigação e a aprendizagem ao longo da vida.

Quanto às características físicas, destacamos como particularidade o seu formato de livro de bolso de 15 cm, sendo um dos livros de enfermagem de formato mais pequeno que consultámos.

A sua parte gráfica é constituída por um conjunto de linhas sóbrias, tanto na disposição dos seus elementos como na cor utilizada.

No interior das páginas estão representados alguns quadros e gráficos, que complementam os assuntos abordados.

Na capa destaca-se uma imagem com duas figuras humanas que sugerem o enfermeiro num ambiente hospitalar.

O livro integra-se num conjunto de outros documentos, constituindo o Volume 16 da Coleção Campus do Saber, da edição da UCP (de formato igual).

Quanto às qualificações da autora sublinha-se a sua formação de Mestrado em Ciências de Enfermagem, na UCP e Doutoramento em Filosofia Contemporânea na Universidade Nova de Lisboa, formação especializada em Enfermagem de Saúde Infantil e Pediátrica, professora orientadora de Teses e Dissertações de Enfermagem relativas à História da Enfermagem, conjuntamente com a lecionação das áreas de História da Enfermagem nos Cursos de Doutoramento e de Mestrado na UCP e orientadora desta **tese**.

Todavia, salienta-se que este livro não se enquadra dentro da bibliografia para fins de títulos académicos, trata-se antes de pesquisa em contexto de trabalho Pós-Doutoramento e com significado para estudo nos Cursos de Licenciatura, Mestrados e Doutoramentos de Enfermagem, particularmente na Universidade Católica Portuguesa.

O quadro seguinte representa os quatro títulos dos livros que descrevemos graficamente classificados nas temáticas da História da Enfermagem Portuguesa e que se publicaram de 1968 a 2007.

Quadro nº 17 – Distribuição de títulos de autores portugueses que serviram de referência ao estudo tendo como tema geral a História de Enfermagem

Data de publicação	Título	Autor	Referência Bibliográfica
1968	<i>História da Enfermagem (Para o Curso de Enfermagem Geral)</i>	NOGUEIRA	NOGUEIRA, B. – <i>História da Enfermagem (Para o Curso de Enfermagem Geral)</i> . Telhal: Escola de Enfermagem dos Irmãos de S. João de Deus – Telhal: 1968.
1990	<i>História da Enfermagem</i>	NOGUEIRA	NOGUEIRA, Manuel. – <i>História da Enfermagem</i> . 2ª edição. Porto: Edições Salesianas, 1990 ISBN 972-690-225-8
2003	<i>Um olhar sobre o Ombro: Enfermagem em Portugal (1881-1998)</i>	NUNES	NUNES, Lucília – Um olhar sobre o ombro. Enfermagem em Portugal (1881-1998). Lisboa: Lusociência, 2003. ISBN 972-8383-30-4
2007	<i>Ser enfermeiro da compaixão à proficiência.</i>	VIEIRA	VIEIRA, Margarida – <i>Ser enfermeiro da compaixão à proficiência</i> . Lisboa: Universidade Católica Editora, 2007. ISBN 972-54-0146-8

Quanto aos artigos e trabalhos publicados tendo como referencial a história do Ensino de Enfermagem, foram identificados alguns na sua maioria nas duas últimas décadas.

As mudanças mais significativas ocorreram, desde a Integração no Sistema Educativo Superior a nível do Politécnico, com o título académico de Licenciado em ciclo único, os títulos de Mestrados profissionais, a recente integração de algumas das Escolas de Enfermagem a nível das Universidades e a conversão de outras em Escolas Superiores de Saúde e o grande «boom» de enfermeiros às Universidades Portuguesas e Internacionais. Factores estes que, conduziram a uma viragem também na produção da escrita profissional, quer nos seus conteúdos, quer mesmo na sua diversidade e regularidade de publicação e divulgação.

Os livros publicados pelas Escolas de Enfermagem refletem os acontecimentos mais relevantes da sua biografia e cumulativamente constituem uma literatura muito interessante acerca da História do Ensino Português.

As imagens das capas documentam alguns destes marcos históricos do Ensino de Enfermagem.

A Divulgação do Conhecimento em Periódicos de Enfermagem e a Evolução da Profissão, em Portugal, no século XX e início do século XXI



Imagem nº 15 – Digitalização de capas de livros sobre a História de algumas Escolas de Enfermagem

No quadro seguinte apresentamos um conjunto de informação relacionada com estes livros da responsabilidade das Escolas de Enfermagem, sendo publicados por ocasião do aniversário das Escolas, são eles:

- *Escola de Enfermagem Artur Ravara: breves referências para a sua história* de 1987;
- *60 Anos ao serviço da formação de enfermagem: subsídios para a história da ESEIC*;
- *Imagens e Memórias da Escola Técnica de Enfermeiras (1940-1988)*;
- *Histórias e Memórias da ESEnfCP*;
- *Escola Superior de Enfermagem de Maria Fernanda Resende Memórias de um Percorso*;
- *Escola Superior de Enfermagem de S. João 1955/2005*;
- *Escola Superior de Enfermagem de Artur Ravara Pioneira no Passado, Actuante no Presente, Inovadora no Futuro 121 anos de História*;
- *A Arte de Enfermeiro: Escola de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca*

De um modo geral todos estes livros visam dar uma panorâmica da Escola e do seu percurso, com elevado interesse para a investigação acerca da História do Ensino da Enfermagem Portuguesa.

Na generalidade apresentam algumas imagens, esquemas ou gráficos que complementam a informação, permitindo ainda o estudo dos diversos Planos de Estudo que se foram desenvolvendo ao longo do tempo.

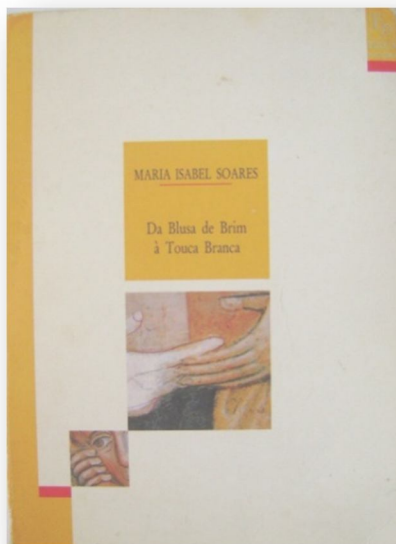


Imagem nº 16 – Digitalização da capa do livro *Da Blusa de Brim à Touca Branca Contributo para a História do Ensino de Enfermagem em Portugal (1880-1950)*

O livro de Soares (1997), *Da Blusa de Brim à Touca Branca Contributo para a História do Ensino de Enfermagem em Portugal (1880-1950)* reproduz, embora com algumas

alterações a Dissertação de Mestrado de Psicologia e Ciências da Educação realizada na Universidade de Lisboa.

Como curiosidade salienta-se que a autora, além de ser licenciada em enfermagem, é titular de uma licenciatura em História, tendo desempenhado cargos de direcção técnica em vários departamentos ligados ao Ensino de Enfermagem (Departamento de Ensino de Enfermagem / DEE).

Esta obra apresenta algumas facetas interessantes, tais como o facto de ser o primeiro livro a ser escrito por uma enfermeira no âmbito da formação universitária portuguesa; prefácio apresentado por Mariana Diniz de Sousa (Ex-Bastonária da Ordem dos Enfermeiros); ser a primeira obra de enfermagem nacional editada por uma Organização Profissional de Enfermagem, mais propriamente a APE (em colaboração entre a EDUCA) e tratar-se de um estudo histórico sobre o ensino de enfermagem, sobre a criação das escolas e dos cursos de enfermagem, num período em que a Enfermagem Portuguesa iniciava os seus primeiros passos.

Para além destas circunstâncias, o livro resulta de pesquisa de documentos escritos em Arquivos de várias escolas, hospitais, destes alguns, são inéditos, o que permitiu trazer a público factos até à data desconhecidos do grupo profissional.

Da análise a este livro ressalta-se a objetividade na linguagem, as notas de rodapé que permitem aprofundar o conteúdo ou que remetem para outras leituras complementares, a sua organização em quatro capítulos, dando a conhecer no primeiro as Escolas de Enfermagem oficiais e particulares, no segundo e terceiro capítulos os aspetos curriculares dos cursos e os alunos de enfermagem e, por último, o processo de profissionalização.

O seu formato é de 24 cm, no interior não apresenta qualquer esquema, quadro ou imagem, a exceção é mesmo a capa que é representada por duas pequenas gravuras, numa alusão às mãos e ao olhar, o que nos remete para os dois órgãos dos sentidos com maior expressão no cuidar em enfermagem.

Salienta-se o título bastante sugestivo – *Da Blusa de Brim à Touca Branca* – que representam duas peças do uniforme usados pelas enfermeiras, confeccionados em dois tipos de tecido que correspondem à evolução da profissão no período em estudo.

Está integrada na Coleção Educa-História e impressa na Imprensa de Coimbra.



Imagem nº 17 – Digitalização da capa do livro *Simbologia dos emblemas das escolas de enfermagem em Portugal*

O livro de Fonseca (2003) com o título *Simbologia dos emblemas das escolas de enfermagem em Portugal* constitui um documento de referência no panorama da enfermagem portuguesa, por se tratar do único género que retrata os aspetos que envolvem a heráldica usada pelos enfermeiros, representando as escolas de enfermagem como instituições formativas, responsáveis pela atribuição do título profissional.

Os símbolos e insígnias profissionais são normalmente atribuídos aos recém-formados em sessão solene, pelas escolas de enfermagem, desde há largas décadas.

O livro representa um documento histórico, baseado em pesquisa, tendo como objeto material os emblemas das Escolas de Enfermagem e a descrição física dos elementos figurativos.

É um livro constituído por várias secções, numa primeira parte são descritas as razões do estudo e alguns aspetos teóricos que ajudam a compreender os elementos simbólicos, usados na enfermagem.

Na segunda parte são apresentadas imagens de cada um dos emblemas de cada uma das escolas acompanhadas da descrição dos seus elementos.

É uma obra de edição de autor, sem qualquer participação na sua impressão e edição, sendo impresso em Santarém.

A capa apresenta uma imagem sugestiva que representa um emblema onde se pode observar os principais elementos que identificam a enfermagem a lamparina e a cruz da hospitalidade.

O autor para além da Licenciatura em enfermagem, e da formação em Pedagogia e Administração de Enfermagem, do Curso de especialização em Enfermagem de Saúde Mental, possui formação complementar de História e em Heráldica, estando o seu percurso profissional ligado ao Ensino e à Administração Hospitalar.

O livro foi importante, não apenas pelo seu contributo metodológico menos utilizado pelos enfermeiros portugueses, mas sobretudo porque permitiu a descrição do logótipo dos periódicos estudados nesta pesquisa.

Para os estudiosos que se interessam por estas matérias a Escola Superior de Saúde de Santarém possui em Arquivo todos os exemplares dos emblemas estudados oferta do próprio autor.

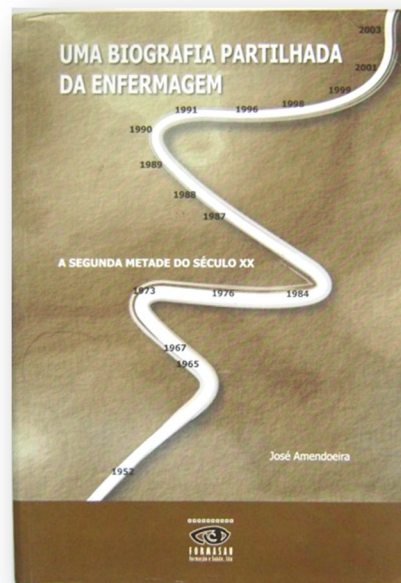


Imagem nº 18 – Digitalização da capa do livro *Uma biografia partilhada da Enfermagem A segunda metade do século XX 1950-2003. Um contributo sócio-histórico*

Amendoeira (2006) é o autor do livro *Uma biografia partilhada da Enfermagem A segunda metade do século XX 1950-2003. Um contributo sócio-histórico*, é uma obra que resulta da Tese de Doutoramento em Sociologia (Sociologia da Educação).

A obra está organizada em cinco partes, na primeira dá-se ênfase aos Modelos de Formação, à construção do Currículo, ao Processo de Profissionalização e a Biografia Partilhada da Enfermagem; na segunda parte são dados a conhecer os Espaços de Formação em Enfermagem, desde o início da criação das Escolas até 2003; na terceira parte são apresentados os aspetos relativos dos Saberes dos Enfermeiros ao Conhecimento de Enfermagem; na quarta parte dá-se relevo à Identidade Profissional e na última parte apresenta-se o Modelo Transicional, como interpretação do objeto de estudo.

Trata-se de um documento que apresenta as seguintes particularidades:

- a única publicação histórica resultante de uma tese de Doutoramento realizada por um enfermeiro português no espaço nacional;
- um estudo inédito, sobre o ensino de Enfermagem em Portugal na segunda metade do século XX;
- diferentes técnicas de pesquisa, associando a pesquisa bibliográfica, à pesquisa documental em Arquivos de Escolas de Enfermagem, Departamentos Centrais Oficiais, e, outros Arquivos pessoais, a entrevistas etnobiográficas a personalidades de mérito reconhecido, no contexto da enfermagem nacional;
- continuidade ao estudo anterior de Soares (1997);
- editado pela FORMASAU, Formação e Saúde, Lda, editora da responsabilidade e de propriedade de Enfermeiros.

O livro constitui um documento que, no dizer do seu autor na nota prévia, na publicação se apresenta (...) *com possibilidade de acesso a um acervo documental da maior relevância para o conhecimento da Enfermagem em Portugal.*

No interior do livro encontram-se notas de rodapé, quadros, esquemas e figuras, que ajudam à compreensão do conteúdo, e que no nosso caso se tornaram elementos fundamentais para o aprofundamento de muitas matérias ao longo de todo o estudo.

Do percurso profissional do autor relevam-se o Mestrado e o Doutoramento em Sociologia da Educação, Especialização em Enfermagem Médico-Cirúrgica, Pedagogia em Enfermagem e a leccionação da metodologia Histórica no Doutoramento em Enfermagem Na UCP, na UL e no ICBAS.

Do conjunto de esquemas e figuras apresentadas pelo autor seleccionámos a figura 2 p. 77 que tem o título do livro – *Para uma Biografia Partilhada da Enfermagem*, representando a perspetiva das entrevistas, os períodos de análise de Nightingale aos Anos 60 e dos Anos 60 à Atualidade.

Quanto à descrição física do livro apresenta um formato de 23 cm, impresso por Redhorse – Indústria Gráfica Lda Coimbra.

A capa é bastante sugestiva, marcada pela sobriedade de cor e grafismo, apresentando uma figura esquemática, representada por linhas rectas e curvas em sentido ascendente com um marco inicial 1953 e um outro 2003, sugerindo pelo caminho outras datas, correspondendo a marcos cronológicos de significado no estudo.

Em síntese estes livros constituem um valioso espólio acerca de a História da Enfermagem e do Ensino em Portugal e representam marcos importantes para o estudo das nossas raízes.

O quadro que se segue expõe o estado da Arte relativo ao Ensino de Enfermagem, assim destacam-se para além dos livros, a que fizemos alusão, ainda outros documentos igualmente relevantes na construção da «verdade» histórica?

Quadro nº 18 – Distribuição de títulos de trabalhos de autores portugueses que serviram de referência ao estudo relacionados com o Ensino de Enfermagem

Data de publicação	Título	Autor	Tipo de documento	Referência Bibliográfica
1983	<i>Evolução do ensino de enfermagem em Portugal nos últimos 25 anos</i>	SOUSA	Artigo	SOUSA, M. Diniz de – A evolução do ensino de enfermagem em Portugal nos últimos 25 anos. <u>Servir</u> , nº 9. março/abril, Lisboa: 1983, pp. 89-103
1986	<i>Bases para a mudança na formação das(os) enfermeiras(os) em Portugal</i>	SANTOS		SANTOS, Mª Teresa Silva. Bases para a mudança na formação das (os) enfermeiras (os) em Portugal. <u>Enfermagem</u> nº 4 (2º trimestre), Lisboa: 1986, pp. 11-14
1987	<i>A integração do ensino de enfermagem no sistema educativo nacional. Sua importância no desenvolvimento sanitário do país</i>	BESSA		BESSA, M. A. A integração do ensino de enfermagem no sistema educativo nacional. Sua importância no desenvolvimento sanitário do país. <u>Enfermagem</u> Vol. 35 nº1 janeiro/fevereiro, Lisboa: 1987, pp. 28-37
1987	<i>Escola de Enfermagem Artur Ravara: breves referências para a sua história</i>	ESCOLA DE ENFERMAGEM ARTUR RAVARA	Livro	ESCOLA DE ENFERMAGEM ARTUR RAVARA <u>Escola de Enfermagem Artur Ravara : breves referências para a sua história</u> . Lisboa: Grafilarte, 1987.
1992	<i>Contributo para a mudança no ensino de</i>	MACHADO	Trabalho no âmbito	MACHADO, M. Rosário Silvestre. – <u>Contributo para a mudança no ensino de enfermagem</u> . Trabalho no âmbito da disciplina de Teorias de Desenvolvimento Curricular

Data de publicação	Título	Autor	Tipo de documento	Referência Bibliográfica
	<i>enfermagem.</i>		do Mestrado	no Mestrado em Ciências de Enfermagem. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, Lisboa: 1992
1997	<i>Ensino de Enfermagem: Diferentes realidades novas perspectivas – Realidade do Ensino de Enfermagem em Portugal</i>	MACHADO	Conferência	MACHADO, Maria do Rosário Silvestre – Conferência Transatlântica <u>Ensino de Enfermagem: Diferentes realidades novas perspectivas – Realidade do Ensino de Enfermagem em Portugal</u> . Angra do Heroísmo: Escola Superior de Enfermagem de Angra do Heroísmo, 1997.
	<i>Da Blusa de Brim à Touca Branca Contributo para a História do Ensino de Enfermagem em Portugal (1880-1950)</i>	SOARES	Livro	SOARES, Isabel. – <u>Da Blusa de Brim à Touca Branca Contributo para a História do Ensino de Enfermagem em Portugal (1880-1950)</u> . Lisboa: EDUCA Associação Portuguesa de Enfermeiros, 1997. ISBN 972-8036-14-0
	<i>60 Anos ao serviço da formação de enfermagem: subsídios para a história da ESEIC</i>	SOUSA		SOUSA, Regina Teixeira de. – <u>60 Anos ao serviço da formação de enfermagem: subsídios para a história da ESEIC</u> . Escola Superior de Enfermagem Imaculada Conceição: Porto: 1997
2001	<i>Imagens e Memórias da Escola Técnica de Enfermeiras (1940-1988)</i>	CORRÊA		CORRÊA, Beatriz de Mello – <u>Imagens e Memórias da Escola Técnica de Enfermeiras (1940-1988)</u> . Lisboa: Edição de autor, 2001.
2003	<i>Simbologia dos emblemas das escolas de enfermagem em Portugal</i>	FONSECA		FONSECA, J. E. – <u>Simbologia dos emblemas das escolas de enfermagem em Portugal. Um património da profissão de enfermagem</u> . Santarém: Edição de autor, 2003. ISBN 195898/03
	<i>Histórias e Memórias da ESEnfCP</i>	ESCOLA SUPERIOR DE ENFERMAGEM CIDADE DO PORTO (obra Coletiva)		ESCOLA SUPERIOR DE ENFERMAGEM CIDADE DO PORTO – <u>Histórias e Memórias da ESEnfCP</u> . Lusociência Loures: Edições Técnicas e Científicas, 2003.
2004	<i>Entre Preparar Enfermeiros e Educar em Enfermagem uma Transição Inacabada (1950-2003)</i>	AMENDOEIRA	Tese de Doutoramento	AMENDOEIRA, J. – <u>Entre preparar enfermeiros e educar em enfermagem Uma transição inacabada</u> . Tese de Doutoramento em Sociologia da Educação apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova.

Data de publicação	Título	Autor	Tipo de documento	Referência Bibliográfica
				Lisboa: 2004.
2005	<i>O papel da Escola na evolução do Ensino de Enfermagem 1886-1930.</i>	MARQUES e COSTA	Artigo	MARQUES e COSTA – O papel da escola na evolução do ensino de enfermagem 1886-1930. <u>Servir</u> Vol. 53 n° 5 setembro/outubro: Lisboa: 2005, pp. 226-234
	<i>Escola Superior de Enfermagem de Maria Fernanda Resende. Memórias de um Percorso</i>	PACHECO e Outros	Livro	PACHECO, António e Outros – <u>Memórias de um Percorso. Escola Superior de Enfermagem de Maria Fernanda Resende</u> . Lisboa: Ensaios – Gabinete de Comunicação e Investigação Histórica, 2005.ISBN 972-99657-0-6
	<i>Escola Superior de Enfermagem de S. João 1955/2005</i>	ESCOLA SUPERIOR DE ENFERMAGEM DE S. JOÃO		ESCOLA SUPERIOR DE ENFERMAGEM DE S. JOÃO - <u>Escola Superior de Enfermagem de S. João 1955/2005</u> . Porto: 2005.
2006	<i>Uma biografia partilhada da Enfermagem A segunda metade do século XX 1950-2003 Um contributo sócio-histórico</i>	AMENDOEIRA		AMENDOEIRA, J. – <u>Uma biografia partilhada da Enfermagem A segunda metade do século XX 1950-2003 Um contributo sócio-histórico</u> . Coimbra: FORMASAU, 2006. ISBN 972-8485-67-0
2007	<i>Escola Superior de Enfermagem de Artur Ravara Pioneira no Passado, Actuante no Presente, Inovadora no Futuro 121 anos de História</i>	SILVA e Outros		SILVA, António Victor Azevedo e outros – <u>Escola Superior de Enfermagem de Artur Ravara Pioneira no Passado, Actuante no Presente, Inovadora no Futuro 121 anos de História</u> . Loures: Lusociência – Edições Técnicas e Científicas, 2007.
2008	<i>A Arte de Enfermeiro: Escola de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca</i>	SILVA		SILVA, Ana Isabel – <u>A Arte de Enfermeiro: Escola de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca</u> . Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra: 2008 ISBN 978-972-8704-99-5

A seguir apresentamos alguns trabalhos produzidos tendo como área a Investigação em Enfermagem.

No que se refere à evolução da investigação foram produzidos alguns artigos que permitiram perceber a forma como os enfermeiros portugueses responderam aos desafios das mudanças verificadas no âmbito dos *curricula* escolares, particularmente dos planos de

estudos dos cursos de bacharelato em enfermagem²², Cursos de Estudos Superiores Especializados em Enfermagem²³, bem como da Carreira de Enfermagem.²⁴

Os últimos artigos dizem respeito à análise de resumos de dissertações de mestrado de enfermeiros portugueses, que pretendiam estudar o objeto de estudo, as metodologias utilizadas e as principais conclusões. Trata-se de um estudo em coautoria, que revela o estado da arte de uma das vertentes da investigação produzida em contexto académico universitário (literatura cinzenta).

Quadro nº 19 – Distribuição de títulos de Artigos de autores portugueses que serviram de referência ao estudo em relação à Investigação

Data de publicação	Título	Autor	Referência Bibliográfica
1998	<i>Evolução da investigação em enfermagem em Portugal</i>	BASTO	BASTO, Marta Lima - Evolução da investigação em enfermagem em Portugal. <u>Pensar Enfermagem</u> Vol. 1 nº 2 1º semestre: Lisboa: 1998, pp. 17-19.
	<i>10 anos de investigação em enfermagem em Portugal</i>	SOARES e BASTO	SOARES, Maria Isabel e BASTO, Marta Lima. 10 Anos de investigação em enfermagem em Portugal. <u>Enfermagem</u> nº 14 2ª série: Lisboa: 1998.
2000	<i>Integração da investigação na formação em enfermagem. Proposta de guia de orientação</i>	BASTO e Outros	BASTO, Marta Lima e Outros – Integração da investigação na formação em enfermagem. Proposta de guia de orientação, <u>Enfermagem</u> , 2ª série julho/setembro: Lisboa: 2000, pp. 11-13.
	<i>Práticas de enfermagem: algumas reflexões sobre o estado da arte da investigação</i>	BASTO e MAGÃO	BASTO, M. L. e MAGÃO, M. T. – Práticas de enfermagem: algumas reflexões sobre o estado da arte da investigação. <u>Revista de investigação em Enfermagem</u> , Coimbra: nº 4, agosto 2001, pp. 3-11.
	<i>O estado da arte da investigação em</i>	LOPES	LOPES, Manuel José - O estado da arte da investigação em enfermagem. O enfermeiro

²² PORTARIA nº 195/90 de 17 de março de 1990. Ministérios da Educação e da Saúde. Diário da República (1ª Série) nº 64 - Regulamentação do curso de bacharelato em enfermagem pp. 1331-1334

²³ PORTARIA nº 239/94 de 16 de abril de 1994. Ministérios da Educação e da Saúde. Diário da República (1ª Série) - B nº 89 - Regulamentação dos Cursos de Estudos Superiores Especializados na área de Enfermagem pp. 1812-1825

²⁴ DECRETO- LEI 437/91 de 8 de novembro de 1991. Ministério da Saúde. Diário da República (1ª Série) nº 1257 - Reestrutura a carreira de enfermagem. pp. 5723-5741

Data de publicação	Título	Autor	Referência Bibliográfica
2001	<i>enfermagem. O enfermeiro como sujeito/objecto de investigação</i>		como sujeito/objecto de investigação. <u>Revista Sinais Vitais</u> n.º 38, setembro Coimbra: 2001, pp. 31-35.
	<i>O estado da arte da investigação em enfermagem em Portugal: a profissão/modelos profissionais como objecto de análise; Um património da profissão de Enfermagem</i>	TEIXEIRA	TEIXEIRA, Otília – O estado da arte da investigação em enfermagem em Portugal: a profissão/modelos profissionais como objecto de análise. <u>Enfermagem</u> , n.º 23/24 (2ª série), julho/dezembro. Lisboa: 2001, pp. 31-36.

No quadro que se segue apresentamos um conjunto de trabalhos realizados no âmbito de temáticas relacionadas como Exercício de Enfermagem, alguns dos quais tendo por base os cursos de mestrados e de doutoramentos.

A juntar a estas mudanças a publicação do REPE²⁵ e a Criação da Ordem dos Enfermeiros²⁶, e a centralidade dos cuidados de enfermagem na Pessoa Humana, com a utilização de uma linguagem comum (CIPE) e processos de trabalho próprios e específicos, tornam hoje a Disciplina de Enfermagem, entre as outras disciplinas do conhecimento, com capacidade de produzir, publicar e divulgar conhecimento, seja sob a forma de livros, artigos em periódicos, comunicações e provas públicas de concursos.

Quadro n.º 20 – Distribuição de títulos de trabalhos de autores portugueses que serviram de referência ao estudo relacionados com o Exercício Profissional

Data de publicação	Título	Autor	Tipo de documento	Referência Bibliográfica
1994	<i>Percepção do Enfermeiro em saúde comunitária sobre a influência da formação em educação para a saúde na prática clínica</i>	MACHADO	Dissertação de Mestrado	MACHADO, M. Rosário Silvestre – <u>Percepção do Enfermeiro em saúde comunitária sobre a influência da formação em educação para a saúde na prática clínica</u> . Dissertação de Mestrado em Ciências de Enfermagem apresentada à Faculdade de Ciências Humanas/ Departamento de Ciências da Vida e da Saúde da Universidade Católica

²⁵ DECRETO-LEI n.º 161/96 de 4 de Setembro de 1996. Ministério da Saúde. Diário da República (Iª Série) n.º 205 - Aprova o Regulamento do Exercício Profissional dos Enfermeiros pp. 2959-2962.

²⁶ DECRETO-LEI n.º 104/98 de 21 de Abril de 1998. Diário da República (Iª Série) n.º 93 - Cria a Ordem dos Enfermeiros e aprova o respetivo Estatuto pp. 1739-1757.

Data de publicação	Título	Autor	Tipo de documento	Referência Bibliográfica
				Portuguesa. Lisboa: 1994
1998	<i>Remexendo o “Baú” de um serviço Contributo para a história do papel da enfermeira nos serviços de protecção materno-infantil no distrito de Ponta Delgada</i>	RAPOSO	Trabalho apresentado para Provas de Concurso para Professor Coordenador	RAPOSO, M. Manuela Dias Silva. <u>Remexendo o “Baú” de um serviço Contributo para a história do papel da enfermeira nos serviços de protecção materno-infantil no distrito de Ponta Delgada</u> . Dissertação no âmbito das provas públicas para concurso para professor coordenador. Ponta Delgada: Escola Superior de Enfermagem de Ponta Delgada, 1998
2000	<i>Cuidado de enfermagem intenção ou acção o que pensam os estudantes?</i>	AMENDOEIRA	Artigo	AMENDOEIRA, José – Cuidado de enfermagem intenção ou acção o que pensam os estudantes? <u>Nursing (edição portuguesa)</u> n° 146 julho/agosto 2000, pp. 8-14
2004	<i>Enfermagem em Portugal. Contextos, actores e saberes</i>	AMENDOEIRA		AMENDOEIRA, José - Enfermagem em Portugal. Contextos, actores e saberes <u>Enfermagem</u> . N° 35/36 (2ª série), julho/dezembro. Lisboa: 2004, pp. 13-22.
2004	<i>A evolução do exercício profissional de enfermagem de 1940 a 2000 – Análise numa perspectiva histórica</i>	MACHADO	Dissertação de Mestrado	MACHADO, Natália de Jesus Barbosa – <u>A evolução do exercício Profissional de enfermagem de 1940 a 2000 – Análise numa perspectiva histórica</u> . Dissertação de Mestrado em Ciências de Enfermagem apresentada no Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto. Porto: 2004
2004	<i>Educação para a Saúde – O tempo e o Modo</i>	MACHADO	Capítulo de Livro	MACHADO, M. Rosário Silvestre - <u>Educação para a Saúde – O tempo e o Modo</u> . In Transversalidade em Educação e Saúde, publicação em colectânea da Colecção CIDINE dirigida pelos Professores Isabel Alarcão e José Tavares. Porto: Editora, 2004.
	<i>Cuidados de Enfermagem à</i>			ANTUNES, Isabel Maria Quelhas Lima Engrácia – <u>Cuidados de enfermagem à família para promoção da</u>

Data de publicação	Título	Autor	Tipo de documento	Referência Bibliográfica
2005	<i>família para promoção da saúde da criança Encontro com a história (1888-1988)</i>	ANTUNES	Dissertação de Mestrado	saúde da criança <u>Encontro com a história (1888-1925)</u> . Dissertação apresentada ao Instituto Ciências Biomédicas de Abel Salazar. Universidade do Porto, Porto: 2005.
2006	<i>Enfermagem, Disciplina do Conhecimento</i>	AMENDOEIRA	Artigo	AMENDOEIRA; José – Enfermagem, Disciplina do Conhecimento. <u>Sinais Vitais</u> n° 67 julho, Coimbra: 2006, pp. 19-27
2007	<i>Dos Postos de Protecção à Infância aos Dispensários Materno-Infantis. Contribuição para o estudo da Saúde Materno-Infantil, na saúde pública e na sociedades portuguesas (1929-1957)</i>	SILVA	Tese de Doutoramento	SILVA, Maria Helena Racha da - <u>Dos Postos de Protecção à Infância aos Dispensários Materno-Infantis. Contribuição para o estudo da Saúde Materno-Infantil, na saúde pública e na sociedade portuguesas (1929-1957)</u> . Tese de Doutoramento em História – História Cultural e das Mentalidades Contemporâneas apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa: 2007

Em traços gerais, estes 42 trabalhos refletem as preocupações dos enfermeiros, nos finais do século passado, e, início deste, concorreram para aprofundar o assunto em estudo, bem como permitiram conhecer o estado da arte do Periodismo, nas áreas de Divulgação do Conhecimento, da História da Enfermagem, do Ensino, da Investigação e do Exercício da Enfermagem Portuguesa.

Este conjunto de informação com certeza não reflete com rigor o estado da arte sobre as temáticas, significando no entanto importantes indicadores que resultaram da pesquisa efetuada, que associando-se ao conjunto dos artigos publicados nos periódicos de enfermagem permitiram-nos um melhor conhecimento sobre a temática em estudo.

CAPÍTULO 3 – PERFIL DAS PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS

O presente capítulo apresenta o Perfil das Publicações Periódicas que constituem o universo da imprensa da Enfermagem, a nível nacional, e que foi possível recensear, no decorrer do período em estudo, de acordo com as estratégias metodológicas definidas.

O perfil foi desenhado a partir dos seguintes indicadores: análise dos periódicos; codificação das temáticas e palavras – chave nos títulos dos artigos e caracterização sócio-demográfica dos autores no total de todos os números encontrados, constituindo este o volume da divulgação do conhecimento nacional na imprensa periódica de enfermagem.

A caracterização dos periódicos foi feita com o recurso às técnicas de análise de conteúdo e bibliométrica. Para a descrição física dos periódicos apoiámo-nos em alguns dos elementos que constituem o paratexto englobando: Formato; Índice; Secções ou Rubricas; Conteúdos ou temas; Publicidade; Design da Capa (cor, mensagem, logotipos ou símbolos) entre outros.

A história tem nos demonstrado que os jornais e as revistas congregaram as vozes silenciadas durante séculos, colaborando livremente e transgredindo as normas para elas estabelecidas, conquistando, por isso, um lugar e um papel importante na sociedade.

Todavia, este papel quando comparado com aquele que é atribuído aos livros, os periódicos são frequentemente desvalorizados enquanto factos históricos, devido ao seu carácter efémero. Contudo, talvez seja essa sua característica, um dos aspetos particulares que os torna tão interessantes e que representam um fenómeno de sucesso da imprensa nacional e internacional. Ao longo do tempo, muitos destes periódicos tornaram-se alvos fáceis de instrumentalização dos poderes instituídos e, mesmo ainda hoje, representam meios de manipulação propagandística de ideias e de formação de consciências destinados a variados sectores muito específicos da sociedade.

Ao seleccionarmos para estudo o conhecimento divulgado nos periódicos profissionais publicados, neste período de tempo, que acaba por abarcar toda a história da imprensa de Enfermagem em Portugal, estamos conscientes de que fenómenos semelhantes possam ocorrer ou terem ocorrido. Muito embora correndo alguns desses riscos, interessou-nos as políticas editoriais e conteúdos temáticos, como constituintes fundamentais de identificação e compreensão das formas de transmissão do conhecimento profissional.

No nosso caso, consideramos que o estudo da história da enfermagem ficaria incompleto se não se estudasse e se aprofundasse o conhecimento sobre os Periódicos de Enfermagem, bem como o próprio conteúdo cognitivo veiculado por estes. Por conseguinte, temos a convicção de que estes são potenciadores de novos conhecimentos que ajudam à compreensão do próprio processo de comunicação e da ciência de Enfermagem.

O pressuposto de que os periódicos especializados devem ser estudados em si mesmos, pelo papel que desempenham, como fonte de informação e de conhecimento produzido pelos próprios enfermeiros portugueses, constitui um domínio que procura abrir horizontes à compreensão da nossa identidade.

Habitualmente, os periódicos têm sido utilizados como fonte de informação relativa à divulgação genérica do «estado da arte», sem que lhes seja atribuído um destaque específico no processo comunicativo, tantas vezes secundarizado em relação aos livros.

Os periódicos são, assim, encarados, não apenas como fontes, mas como *objetos* de estudo relevantes para a história da Enfermagem, na medida em que são considerados como catalisadores de formação e de desenvolvimento social, permitindo analisar modalidades de apropriação do conhecimento científico e conhecer os seus atores.

Neste sentido, e conforme já fizemos referência, aos periódicos profissionais, foi-lhe atribuído um valor histórico intrínseco de divulgação técnica e científica, salvaguardando as especificidades próprias do contexto histórico em que foram publicados. Eles serviam os interesses dos autores, e sobretudo dos próprios leitores.

A particularidade destes é a que lhes dá a proximidade identitária entre quem produz e de quem lê. O processo editorial não pode alhear-se dos autores e dos leitores, porque fazem parte integrante desta dinâmica entre quem a publica e o público visado.

Nesta situação dual não existem duas entidades, muito distintas, como no caso dos periódicos generalistas, em que, existem fronteiras, encontrando-se de um lado os jornalistas profissionais e do outro lado, o público leitor anónimo.

Se nos reportarmos à esfera do assunto privado e da passagem para a esfera pública, notamos que qualquer autor, quando transforma uma ideia ou um saber, num texto escrito, tem intenção de transmitir a um leitor, qualquer que ele seja, o sentido que atribuiu a um conjunto de sinais significativos. Também, por parte do leitor que seleciona determinada matéria tem a pretensão de que o autor corresponda às suas necessidades e interesses. Esta situação presumida, não é mais do que passar da esfera do assunto privado para a esfera pública, o qual é difícil prever a sua dimensão e utilização.

A revista ou o jornal, desde que sai da redação, difícil se torna assegurar o controlo de circulação, se bem que quase todos os proprietários editoriais possuem os seus canais de distribuição, mais ou menos organizados, o que lhes dá uma ideia da sua circulação.

Presentemente, são poucas as empresas jornalísticas e periodistas que não utilizem a divulgação informática, a par da já tradicional divulgação em suporte de papel, lhes dá um carácter mais universalista, mais democrático, logo mais imediato.

Num país com baixos índices de consumo e de leitura, numa época onde se verifica elevada livre circulação de jornais e revistas, a integração nas redes informáticas, veio revolucionar a acessibilidade e rapidez às mesmas.

É tão recente e rápido o desenvolvimento desta tecnologia que, quando retrocedemos a cinco anos atrás, observamos que era quase impossível aceder a estes conteúdos nesta modalidade, o que de certo modo pode explicar a morosidade no processo de pesquisa do nosso estudo.

A informatização electrónica integral ou em parte dos títulos ou conteúdos editoriais, possibilita, igualmente ao editor identificar os leitores, particularmente aqueles que interagem com os editores, enviando-lhes pareceres, críticas, opiniões, cartas e textos para publicação. Cada vez mais as empresas de comunicação estudam os factores de impacto dos *média*. Atualmente as publicações «*on line*» sucedem-se às tiragens de exemplares em suporte de papel.

Transpor a realidade no contexto do país onde a produção científica é ainda muito reduzida tem os seus custos. Um deles é a dificuldade de se conseguir um mercado para os periódicos, não só em virtude dos custos de produção e distribuição e do número de leitores, mas também pelos obstáculos políticos pela obtenção de licenças de circulação e venda.

Porém, qualquer que seja a modalidade de publicação dos jornais e revistas, estes constituem atualmente os meios indispensáveis de troca de informação e do conhecimento de enfermagem, constituindo-se fórum de troca de ideias, livre e democrático, como elemento agregador na vertente académica, científica, pedagógica, técnica e profissional.

É evidente que a transmissão da palavra escrita, quando comparada com a expressão oral, representa um maior distanciamento entre autor/emissor e leitor/ receptor, o que pode colocar barreiras, ou constrangimentos, na transposição do pensamento reflexivo para a palavra escrita, quer depois na decodificação recepcionada pelo leitor.

Nesta conjuntura, os periódicos profissionais oferecem vantagem aos seus leitores que, por se tratar de um público-alvo preferencial, colocando o autor e o leitor no mesmo referencial de código linguístico. Na maioria das vezes, editores e leitores possuem

interesses e afinidades comuns, tais como a formação, a experiência profissional, o sentido de pertença profissional e de um repertório linguístico comum, o que lhes permite decifrar a mensagem escrita.

É esta linguagem, a que designamos por escrita profissional, que normalmente possui uma intencionalidade e utilidade (informativa/formativa, etc.), sendo dirigida preferencialmente a outros profissionais, o que condiciona a que outros públicos acedam ao seu código ou entendam essa linguagem codificada.

No caso da enfermagem, a exigência de atualização de conhecimentos, embora sendo um princípio profissional/social, é também ao mesmo tempo uma necessidade individual. A aquisição de competências cognitivas, afetivas ou psicomotoras pode ser conseguida através de várias formas. No entanto, para efeitos do estudo as que mais nos interessam destacar são a leitura e os fóruns que dela decorrem. A possibilidade de crítica e de reflexão através das matérias publicadas tanto nos periódicos profissionais nacionais como nos periódicos estrangeiros são excelentes estratégias de promoção de auto-atualização, independentemente da área e contexto de atuação inerente ao exercício profissional.

Relativamente à publicação da imprensa escrita da enfermagem portuguesa, situamos as suas origens nas décadas de 20 e 30 mercê da intervenção das Associações Sindicais, que de forma propagandista ao serviço dos ideais políticos se revelaram fazedoras de opinião dos enfermeiros, conforme apresentaremos nos capítulos seguintes.

Para a classificação da história da imprensa da enfermagem portuguesa, apoiámo-nos nos autores Tengarrinha (1989); Rodrigues (1999); Matos e Lemos (2006); Correia e Baptista (2007), para aferirmos as diferentes classificações da história da imprensa periódica em Portugal, já anteriormente mencionadas no Capítulo 1 – Considerações/ Inflexões sobre o movimento da Escrita em Português.

Contudo, quando ponderadas as várias propostas, constatou-se que não se adequavam em concreto ao período de tempo por nós estudado.

Assim, e embora tivessem constituído um importante referencial, considerámos mais ajustada uma outra classificação que tivesse em conta por um lado o tempo cronológico, por outro, a contribuição dada na generalidade por cada periódico e entidade editorial e ao mesmo tempo os conteúdos publicados pelos autores/enfermeiros.

O friso cronológico foi construído do ponto de vista prospetivo, tendo em conta as raízes em que assentaram os primeiros periódicos, bem como as marcas que subsistiram no tempo e que deram origem à imprensa periódica moderna que hoje conhecemos.

A Cronologia Histórica da **Divulgação do Conhecimento nos Periódicos da Enfermagem Portuguesa** compreende um percurso que dista de 1925 a 2009, datas que marcam o início da primeira publicação da responsabilidade de uma associação sindical e o início da última publicação da responsabilidade de uma organização profissional.

Este período cronológico compreende a trajetória paradigmática da afirmação profissional e disciplinar porque passou a Enfermagem Portuguesa em torno de três momentos chave: Período de **Iniciação** ou **Iniciático**; Período de **Transição** ou **Indiferenciação** e Período de **Consolidação**.

O primeiro período é constituído pelos periódicos que se publicaram entre 1925 a 1950 (25 anos), o segundo pelos periódicos que iniciaram a sua publicação entre o período de 1952 a 1980 (28 anos) e o último pelos periódicos que começaram a sua edição entre o período de 1985 a 2009 (24 anos).

Os quadros e gráfico seguintes representam esquematicamente estes períodos em que classificámos o percurso estudado de Divulgação do Conhecimento nos Periódicos de Enfermagem Portugueses.

O **Período Iniciático ou de Iniciação** corresponde à publicação dos cinco primeiros periódicos de Associações Sindicais e por um periódico de Edição de Autor. Os primeiros distinguem-se pelas matérias relacionadas com a união de classe e a legalização da profissão e o segundo por temas técnicos e profissionais.

De um modo geral cada um destes periódicos teve uma publicação muito curta, variando entre um a quatro anos. O aparecimento de um novo periódico significava a extinção do seu antecessor.

Quadro nº 21 – Distribuição dos Periódicos segundo o **Período Iniciático** ou de **Iniciação** da Divulgação do Conhecimento

Período de Iniciação ou Iniciático
<i>O Arquivo do Enfermeiro (Iª Série) – 1925</i>
<i>O Enfermeiro Português – 1929</i>
<i>A voz do enfermeiro - 1931</i>
<i>A Enfermeira – 1937</i>
<i>O Arquivo do Enfermeiro (IIª Série) – 1947</i>
<i>Servir Jornal das enfermeiras diplomadas pela Escola de São Vicente de Paulo – 1949</i>

O **Período de Transição ou de Indiferenciação** é marcado pela publicação de Periódicos cujos artigos se relacionam com assuntos profissionais de carácter generalista, alguns muito centrados na doença, com os procedimentos terapêuticos, os aspectos técnicos e outros temas e informações, resultando de traduções de artigos estrangeiros para português. Alguns destes Periódicos ainda se encontram em atividade, o que denota que as suas entidades proprietárias souberam resistir e adaptar-se às sucessivas mudanças sócio-económicas e principalmente às de ordem profissional.

Quadro nº 22 – Distribuição dos Periódicos segundo o **Período de Transição** ou de **Indiferenciação** da Divulgação do Conhecimento

Período de Transição ou de Indiferenciação
<i>Servir</i> – 1952
<i>Revista de Enfermagem</i> – 1953
<i>Ecos de Enfermagem</i> – 1954
<i>Subir</i> - 1955
<i>Enfermagem Portuguesa Revista Técnica e Cultural</i> – 1958
<i>Boletim Sindical dos Enfermeiros da Zona Sul e Região Autónoma dos Açores</i> – 1980

O **Período de Consolidação** é distinto dos anteriores, corresponde a uma mudança paradigmática do conteúdo editorial, caracterizado pela publicação de Revistas Científicas e pelo elevado volume de artigos científicos e artigos técnicos publicados nas restantes revistas de conteúdo disciplinar expresso pela contemporaneidade dos seus assuntos.

É evidente que esta classificação terá de ser compreendida à luz de uma dinâmica transversal, pois que a contribuição das revistas publicadas no primeiro período, foram tão importantes para o conteúdo editorial das que se lhes seguiram no segundo período, como estas o foram para as que se iniciaram no período seguinte.

Quadro nº 23 – Distribuição dos Periódicos segundo o **Período de Consolidação** da Divulgação do Conhecimento

Período de Consolidação
<i>Enfermagem</i> – 1985
<i>Divulgação</i> – 1987
<i>Nursing (edição portuguesa)</i> – 1988
<i>Enfermagem em Foco</i> – 1991
<i>Cuidar</i> – 1992
<i>Nephro's</i> – 1993
<i>Sinais Vitais</i> – 1994
<i>Informar</i> – 1995
<i>Revista Portuguesa de Enfermagem</i> – 1996
<i>Enfermagem Oncológica</i> – 1996
<i>(Re) Encontro</i> – 1996
<i>Pensar em Enfermagem</i> – 1997
<i>Referência</i> – 1998
<i>INFOESES</i> – 1998
<i>Trajectos e Projectos</i> – 1998
<i>O CLUNY</i> – 1999
<i>SOS Jornal de Enfermagem</i> – 1999
<i>Ordem dos Enfermeiros</i> – 2000
<i>Revista de Investigação em Enfermagem</i> – 2000
<i>AESOP</i> – 2000
<i>Revista da Associação dos Enfermeiros Obstetras</i> – 2000
<i>AcontecEnfermagem</i> – 2001
<i>VITAEnfermagem</i> – 2001
<i>Enfermagem e o Cidadão</i> – 2002
<i>APECSP</i> – 2006
<i>Enfermagem & Sociedade</i> – 2006
<i>Percursos</i> – 2006
<i>ONCO.NEWS</i> – 2007
<i>Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental e Psiquiátrica</i> – 2009

Em síntese pode dizer-se que a Divulgação do Conhecimento em Enfermagem assenta nos 41 Periódicos divulgados durante o século anterior e a primeira década deste século, podendo verificar-se que a periodicidade é bastante heterogénea, sendo as Revistas *Servir* e *Ecos de Enfermagem* as que mais persistiram no tempo.

No que respeita ao volume de periódicos publicados nota-se que nos **Períodos de Iniciação** e de **Transição** se publicaram igual número de Periódicos, sendo o maior número de periódicos publicados mais recentemente no **Período de Consolidação**.

Estes dados retratam o crescimento e desenvolvimento ao nível da produção e do volume de artigos publicados de origem nacional, o que pode significar maior maturidade e autonomia profissional e aprofundamento da disciplina de enfermagem.

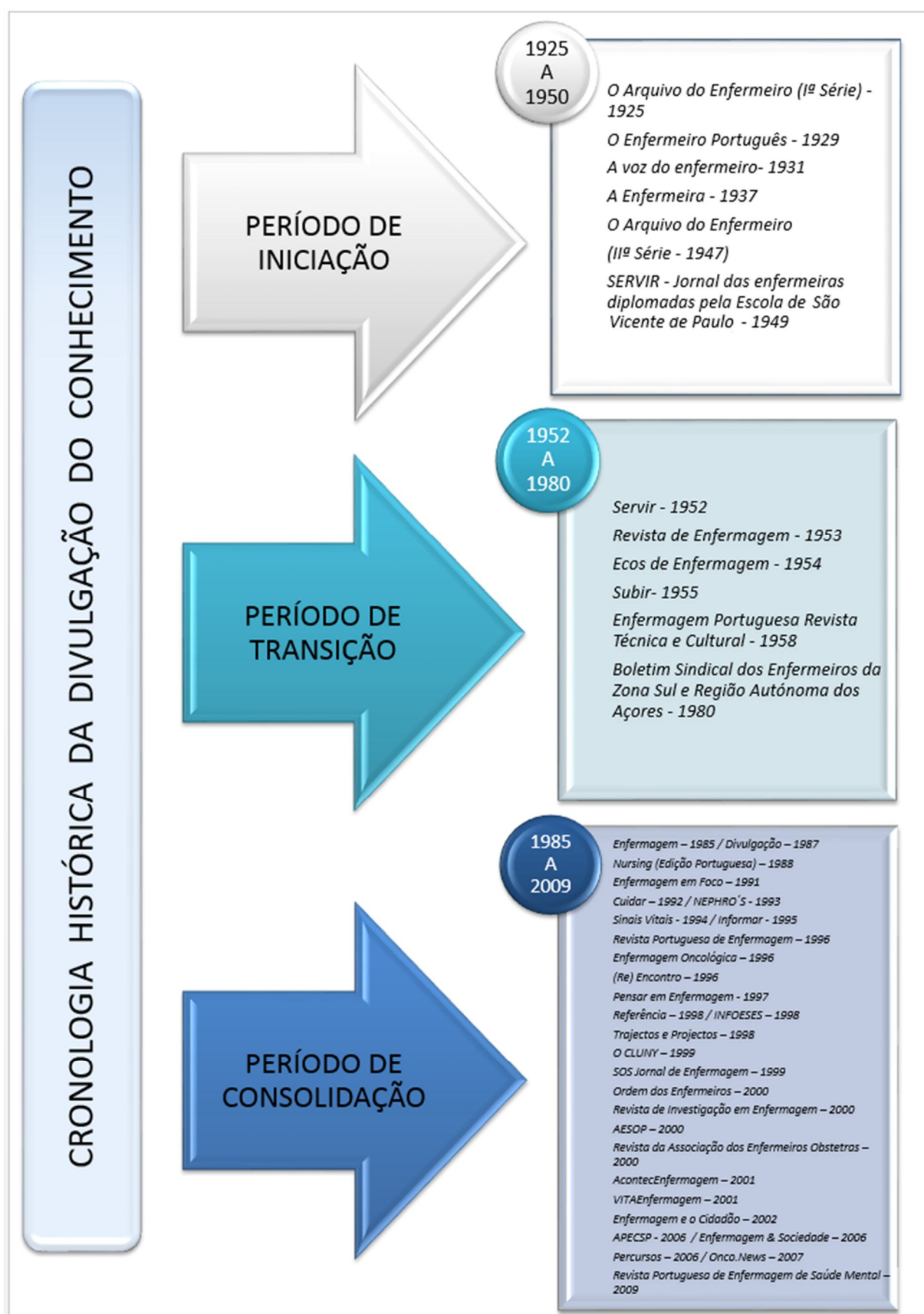
A figura nº 5 interpreta a Cronologia da Divulgação do Conhecimento constituída pela classificação dos periódicos desde o início da publicação do primeiro periódico em 1925 até à publicação do último em 2009.

As secções seguintes reportam-se à caracterização de cada um dos periódicos segundo os períodos de Divulgação do Conhecimento e o perfil das entidades responsáveis pela sua publicação.

Os quadros expõem os resultados obtidos nas variáveis: número de exemplares publicados, número de exemplares encontrados, total de artigos publicados, total de artigos publicados por enfermeiros nacionais, género dos autores, autoria singular e coautoria, área profissional e local de trabalho.

Estes e outros resultados conjugados com os elementos descritivos da ficha técnica de cada um dos periódicos e complementados com as imagens das capas e logótipos utilizados, permitem um conhecimento mais cabal do fenómeno em estudo.

Figura nº 5 – Diagrama representativo da Cronologia Histórica da Divulgação do Conhecimento



3.1 – Responsabilidade Editorial

A responsabilidade editorial dos periódicos entre 1925 a 2009 é repartida pelas Associações Sindicais, Organizações Profissionais, Escolas de Enfermagem, Instituições de Saúde/Hospitais, Edição Editorial e Edição de Autor.

A referência à primeira metade do século XX como o início da publicação dos Periódicos de Enfermagem marca, no panorama nacional, um acontecimento que não se lhe tem dado a relevância que o mesmo merece, o mesmo sucede com a própria profissão, que quase tem votado ao ostracismo estes factos. Sublinhamos este facto com base na inexistência e escassez de investigação nesta matéria.

Por conseguinte, sendo um período caracterizado pelo associativismo da enfermagem, com destaque para a publicação das primeiras revistas, coloca-se a questão de qual relevância deste tipo de publicações?

A tentativa de resposta poderá ser encontrada através da literatura que situa a origem do associativismo de enfermagem na década 20 do século passado, o que de certo modo se confunde com o marco iniciático da imprensa periódica.

Destaca-se neste movimento a ação das associações profissionais e das escolas de enfermagem que desempenharam um papel fundamental na publicação de periódicos, o que tem de ser encarado como um gesto demonstrativo de romper com algumas situações de alguma ambiguidade, como seja a legalização do exercício profissional, num tempo de mudanças e reformas que se fizeram sentir em todas as áreas de atuação.

Neste percurso encontramos ainda outras entidades que deram o seu contributo para a divulgação do conhecimento em enfermagem, entre as quais, empresas editoriais e de enfermeiros editores como proprietários.

No quadro abaixo representado descreve-se a totalidade dos Periódicos que se publicaram desde 1925 a 2009 (data do primeiro e do último periódico) segundo a responsabilidade editorial das Associações Sindicais, das Organizações Profissionais, das Escolas de Enfermagem, das Instituições de Saúde (Hospitais), da Edição Editorial e de Edição de Autores.

No período que compreende as décadas de 20, 30 e 40 publicaram-se seis periódicos, dos quais cinco são da responsabilidade de Associações Sindicais e um de uma de Edição de Autor.

Os periódicos *O Arquivo do Enfermeiro* (Iª Série) e *O Enfermeiro Português* foram publicados na década 20, enquanto *A Voz do Enfermeiro* e *A Enfermeira* datam da década de 30 e *Arquivo do Enfermeiro* (IIª Série) da década de 40.

A análise de conteúdo dos artigos destes periódicos permitiu perceber que, na quase totalidade, os temas são marcados por assuntos relacionados com a legalização da profissão e outros de teor sindical.

O periódico *Servir Jornal das enfermeiras diplomadas pela Escola de São Vicente de Paulo* data da década de 40, e representa uma mudança ainda que muito incipiente no panorama dos conteúdos editoriais até aí publicados. É constituído pela tradução de alguns artigos feita por enfermeiros, alguns artigos de autoria de enfermeiros portugueses e por médicos, regendo-se por objetivos de cariz religioso.

A década de 50 está representada por cinco revistas: uma de propriedade de uma Organização Profissional (*Servir*); duas da responsabilidade de Associações Sindicais (*Revista de Enfermagem* e *Ecos de Enfermagem*); uma de propriedade de uma Escola de Enfermagem (*Subir*) e outra de um enfermeiro editor (*Enfermagem Portuguesa Revista Técnica e Cultural*).

Os temas abordados, nas publicações sindicais, continuam a privilegiar, como é natural, os assuntos relacionados com o associativismo de classe. Enquanto a Revista *Servir* reflete uma linha de continuidade editorial do *Servir Jornal das Enfermeiras Diplomadas pela Escola de São Vicente de Paulo*.

Quanto ao periódico *Subir*, por se tratar do único exemplar, que conseguimos encontrar, não nos permitiu identificar as linhas editoriais. Porém, neste número são apresentados assuntos relativos à vida académica da própria escola.

O periódico *Enfermagem Portuguesa Revista Técnica e Cultural* caracteriza-se por um conteúdo editorial constituído por assuntos relacionados com o associativismo, bem como por artigos técnicos de produção nacional.

Na década de 80 foram publicadas quatro Revistas: o *Boletim Sindical dos Enfermeiros da Zona Sul e Região Autónoma dos Açores* de uma das Associações Sindicais, a *Enfermagem* de uma Organização Profissional, a *Divulgação* de propriedade de um Hospital e a *Nursing* (edição portuguesa) de propriedade de uma empresa editorial.

O aparecimento destes Periódicos constitui um ponto de viragem na escrita profissional, ainda que seja de forma discreta, sendo mais visível a publicação de artigos por enfermeiros nacionais relativos a assuntos técnicos da prática particularmente nas revistas *Enfermagem e Divulgação*. Enquanto a linha editorial da Revista *Nursing* (edição portuguesa) assenta na continuidade da tradução de artigos de índole técnica pelos enfermeiros.

A década de 90 marca o movimento da publicação regular do conhecimento em enfermagem, não apenas pela quantidade como pela qualidade das matérias apresentadas, que se caracterizam por temáticas essencialmente relacionadas com a Profissão e o Desenvolvimento da Disciplina.

Por conseguinte, neste período foram publicados catorze Periódicos: sete dos quais de Escolas de Enfermagem: (*Informar*; (*Re*) *Encontro*; *Pensar Enfermagem*, *Referência*, *INFOESES*, *Trajectos e Projectos*, *O CLUNY*; dois da mesma empresa editorial (*Sinais Vitais* e *SOS Jornal de Enfermagem*) e a *Revista Portuguesa de Enfermagem* de propriedade de uma outra empresa editorial; duas revistas pertencem a Organizações Profissionais (*Cuidar e Nephro's*) e as Revistas *Enfermagem em Foco* e *Enfermagem Oncológica*, a primeira de uma Associação Sindical e a outra de um Hospital.

Quanto à publicação no início deste século, foram publicadas onze revistas: seis de Organizações Profissionais (*Ordem dos Enfermeiros*, *AESOP*, *Revista da Associação dos Enfermeiros Obstetras*, *Enfermagem e o Cidadão*; *APECSP* e *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental*; três de Escolas de Enfermagem (*AcontecEnfermagem*, *Enfermagem & Sociedade* e *Percursos*); uma de edição editorial (*Revista de Investigação em Enfermagem*) e uma de uma Instituição de Saúde (*VITAEnfermagem*).

Este é um período marcado pela expansão do conhecimento intelectual, em resultado do nível académico alcançado, da exigência profissional e social e da prática dos cuidados de enfermagem cada vez mais rigorosa.

Esta dinâmica de produção e de divulgação, já iniciada nas duas décadas anteriores, representa neste início de século um ritmo e volume sem precedentes.

O ano de 2006 foi marcado pela interrupção das Revistas *Informar* e *AcontecEnfermagem* das Escolas de Enfermagem Imaculada Conceição e de S. Vicente de Paulo, pela integração das mesmas na UCP.

Observa-se ainda a reestruturação de algumas revistas entre as quais a *Servir*.

A responsabilidade editorial observa-se também ao nível das regras de publicação e de divulgação, promovendo uma cultura editorial de exigência e de qualidade relativamente

ao conteúdo editorial, bem como os direitos de publicação e de autoria. Deste modo, as empresas tentam defender os direitos dos leitores, que têm o direito a uma informação actualizada, rigorosa e credível.

Uma outra característica deste movimento é o facto de os artigos publicados se apresentarem como originais e inovadores, denotando uma melhoria qualitativa ao nível dos padrões do conhecimento proposto por Carper (1997)²⁷, do ponto de vista pessoal, técnico, científico, ético e estético.

Quadro nº 24 – Distribuição dos Periódicos de enfermagem publicados segundo décadas e responsabilidade editorial

Séculos e Décadas	Periódicos	Responsabilidade Editorial
Século XX	<i>O Arquivo do Enfermeiro</i> (1ª Série)	Associações Sindicais
20	<i>O Enfermeiro Português</i>	
30	<i>A Voz do Enfermeiro</i>	
	<i>A Enfermeira</i>	
40	<i>O Arquivo do Enfermeiro</i> (IIª Série)	
	<i>Servir Jornal das enfermeiras diplomadas pela Escola de São Vicente de Paulo</i>	Edição de Autor
50	<i>Servir</i>	Organização Profissional
	<i>Revista de Enfermagem</i>	Associações Sindicais
	<i>Ecos da Enfermagem</i>	
	<i>Subir</i>	Escola
	<i>Enfermagem Portuguesa Revista Técnica e Cultural</i>	Edição de Autor
80	<i>Boletim Sindical dos Enfermeiros da Zona Sul e Região Autónoma dos Açores</i>	Associação Sindical
	<i>Enfermagem</i>	Organização Profissional
	<i>Divulgação</i>	Instituição de Saúde
	<i>Nursing (edição portuguesa)</i>	Edição Editorial
90	<i>Enfermagem em Foco</i>	Associação Sindical
	<i>Cuidar</i>	Organizações Profissionais
	<i>Nephro's</i>	
	<i>Sinais Vitais</i>	Edição Editorial
	<i>Informar</i>	Escola
	<i>Revista Portuguesa de Enfermagem</i>	Edição Editorial
	<i>Enfermagem Oncológica</i>	Organização Profissional
	<i>(Re) Encontro</i>	
	<i>Pensar em Enfermagem</i>	

²⁷ CARPER, Barbara A. - Fundamental patterns of knowing in nursing in: Nicole, Lesley H. Perspectives on Nursing Theory, 3rd ed., Philadelphia : Lippincott, 1997.

	<i>Referência</i>	Escolas
	<i>INFOESES</i>	
	<i>Trajectos e Projectos</i>	
	<i>O CLUNY</i>	
	<i>SOS Jornal de Enfermagem</i>	Edição Editorial
Século XXI	<i>Ordem dos Enfermeiros</i>	Organização Profissional
2000-2009	<i>Revista de Investigação em Enfermagem</i>	Edição Editorial
	<i>AESOP</i>	Organizações Profissionais
	<i>Revista da Associação dos Enfermeiros Obstetras</i>	
	<i>AcontecEnfermagem</i>	Escola
	<i>VITAEnfermagem</i>	Instituição de Saúde
	<i>Enfermagem e o Cidadão</i>	Organizações Profissionais
	<i>APECSP</i>	Escolas
	<i>Enfermagem & Sociedade</i>	
	<i>Percursos</i>	
	<i>ONCO.NEWS</i>	
	<i>Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental e Psiquiátrica</i>	Organizações Profissionais

O gráfico abaixo resume o número de periódicos segundo a década de publicação, donde podemos constatar que a década de 90 foi aquela onde se produziu o maior número de Revistas, seguindo-se o último período 2000/2009 com a publicação de 11 revistas. Um dado curioso é a ausência de publicação de novos periódicos nas décadas de 60 e 70.

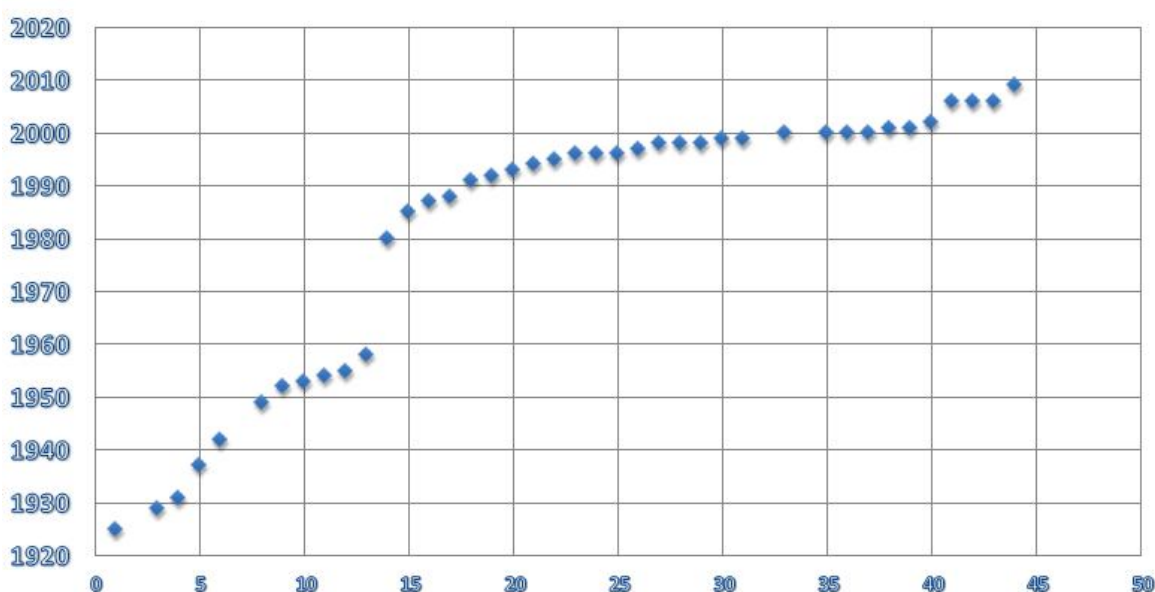
Quando recuamos no tempo, verificamos que, na primeira metade do século XX, se publicou igual número de revistas, que numa das décadas mais recentes, o que prova a vitalidade e desenvolvimento profissional e disciplinar da Enfermagem, particularmente nas três últimas décadas.

Não se conhecem as razões deste interregno na publicação, e embora, não se tenham publicado novos periódicos nestas décadas, não pode ser entendido como décadas de «vazio profissional da Enfermagem», os factos comprovam precisamente o contrário, a existência da grande vitalidade profissional deste período, são exemplo disso as mudanças bastante significativas ao nível do Ensino de Enfermagem, dos Cuidados de Enfermagem, da Investigação e da própria Profissão e Disciplina.

Elegemos alguns dos acontecimentos desta época como uma breve «fotografia» das muitas mudanças normativas e reformas que se destacaram, e que por várias razões não tiveram uma grande dimensão ao nível da divulgação nos periódicos de enfermagem, tais como a Reforma do Ensino de Enfermagem com a exigência de maiores habilitações literárias aos candidatos ao Curso de Enfermagem, a reestruturação das Direções das Escolas, a administração pedagógica pelos docentes enfermeiros, as reformas dos Planos de Estudo de 1965, de 1976 e a criação de novos Cursos de Especialização em Enfermagem. Também

ao nível dos Cuidados de Enfermagem salientamos a publicação da carreira de Enfermagem, a conquista de maior autonomia nos cuidados de enfermagem, a liderança de equipas de saúde e a participação do enfermeiro na administração e gestão dos serviços de saúde. E ainda, a realização, supervisão e avaliação de alguns trabalhos e projetos de investigação pelos enfermeiros, constituindo também «ventos de mudança profissional» de grande significado para a elevação da profissão e do estatuto social da enfermagem.

Gráfico nº 1 – Distribuição do nº de periódicos de enfermagem publicados por décadas



A estratégia de análise de conteúdo dos artigos permitiu-nos estabelecer a caracterização sóciodemográfica editorial com base nas variáveis identificadas nos artigos. Contudo, esta caracterização apenas reflete uma ideia aproximada da realidade, ficando aquém da mesma pela falta de uniformização nas regras de publicação. Às vezes entre artigos publicados no mesmo número e periódico constatamos a utilização de regras diferentes, o que nem sempre permitiu a obtenção de todas as variáveis de identificação. Deste modo, as variáveis área profissional e local de trabalho dos autores são as que mais se encontram incompletas.

A análise revelou que nos 41 Periódicos foi possível encontrar 1540 números, correspondendo a 5329 artigos que foram da autoria de 8324 enfermeiros.

Esta informação dá-nos a ideia dos esforços desenvolvidos pelas várias entidades (Associações Sindicais, Organizações Profissionais, Escolas, Instituições de Saúde/Hospitais, Edição Editorial e de Enfermeiros Editores) e muito particularmente dos

enfermeiros portugueses de potenciar de uma forma eficaz a difusão do conhecimento em paralelo com o desenvolvimento profissional e disciplinar.

O elevado volume de produção científica é tão significativo que se pode observar pela publicação de artigos em todos os periódicos, mesmo aqueles de tiragens muito pequenas ou de espaço circunscrito de divulgação.

No quadro e gráfico seguinte apresentamos os aspetos que constituem a caracterização sóciodemográfica dos autores que divulgaram o conhecimento nos artigos no conjunto dos números encontrados nas Publicações.

O facto de alguns dos periódicos não possuírem uma política de exigência criteriosa das regras de uniformidade de publicação, obstaram à leitura completa das variáveis.

Os resultados totais revelam-nos que foram publicados 1761 números, dos quais foram encontrados 1540 números, correspondendo a 87%, valor que se considera como bastante significativo, atendendo às inúmeras tentativas junto de várias entidades e serviços. no sentido de obtermos o valor real.

Quanto ao total geral de artigos foram recenseados 9891, dos quais 53,9% (5329) foram identificados como sendo 8324 de autoria de enfermeiros nacionais. Nunca é demais recordar que estes achados correspondem a uma realidade «condicionada aos critérios elegíveis» e já descritos anteriormente.

Quanto à caracterização dos autores, encontramos maior representatividade das enfermeiras com um total de 74% (6162) de enfermeiras, contra os 26% dos enfermeiros (2162), facto que não nos surpreende, uma vez que somos uma profissão maioritariamente de mulheres.

Mesmo na atualidade as enfermeiras são substancialmente em maior número do que os enfermeiros em qualquer área de atuação.

Ribeiro (1997) cita alguns autores no seu artigo sobre – *O Ensino de Enfermagem de 1988 a caminho de 1998 O desafio de uma década* – afirmando que esta circunstância se deve à Influência de modelos: militar e religioso que descreve como (...) *a enfermagem é uma profissão feminina, cuja razão de escolha, o género parece atravessar de forma flagrante (Araújo, 1995), fortemente influenciada por um modelo militar. p. 21 e religioso (Alavi & Catoni, 1995) ou religioso e médico (Collière, 1989; Monguillon, 1993) onde os valores da discipulação, da obediência, da humildade, da bondade e de serviço entre outros, marcaram ao longo da história a construção da identidade das enfermeiras. p. 22 (...)*

Quanto à admissão dos candidatos ao Curso de Enfermagem, até ao final dos anos 30, as escolas de enfermagem admitiam estudantes de ambos os sexos, sendo a partir daí que as escolas passaram a excluir os candidatos do sexo masculino, o que ainda duraria alguns anos para retomar a prática de admissão de candidatos de ambos os sexos.

Esta atitude discriminatória de género, era uma prática na Europa, onde a enfermagem era uma actividade quase exclusivamente feminina.

Esta situação no nosso país teria a sua influência dos Estados Unidos, veiculada por enfermeiras que ali se deslocavam para fazerem a sua formação, alicerçando-se também na legislação que ia sendo publicada.

Marques e Costa, 2005, p. 226 utilizando uma citação de citação de autores portugueses (Santos citado em Soares), afirmam que a *superioridade da enfermagem feminina* «*mais facilmente educável, paciente, disciplinada, ordeira e económica*», porque «*o fundo de resignação e de compaixão da mulher é mais adaptável a uma profissão a que o carácter insubmisso e egoísta dos homens dificilmente se molda*» Soares 1993, p. 83.

No que respeita à origem dos candidatos ao curso de enfermagem, estes procediam de uma larga faixa de grupos sociais de artesãos, operários, trabalhadores qualificados e semiquualificados, bem como da pequena burguesia rural e comerciantes, seguido dos empregados públicos, profissões liberais, assalariados agrícolas e trabalhadores urbanos não qualificados.

À data, o acesso à profissão de enfermagem representava, para os grupos sociais mais desfavorecidos, uma melhoria do modo de vida ou até de ascensão social, que ficava mais facilitada, pois que muitas vezes apenas se sabia ler e escrever ou se era analfabeto.

Ser enfermeira, era um mal menor, era o possível, se bem que as condições de trabalho fossem muito más.

As autoras citam um estudo realizado por Nóvoa, onde se conclui que a origem social dos professores de instrução primária, entre 1900 e 1936, feito a partir da informação recolhida das certidões de nascimento são sobreponíveis às encontradas nos enfermeiros.

Se recuarmos no tempo, encontramos nos normativos a diferenciação entre ser enfermeira ou enfermeiro, pois que o Regulamento do hospital Miguel Bombarda, aprovado em 7 de maio de 1851, refere que o hospital dispunha de um chefe de enfermeiros que, a nível do hospital, era responsável pelos enfermeiros, pelas enfermarias e pessoal que lhes estava adstrito. Contava com um enfermeiro e 12 ajudantes para o setor masculino e uma enfermeira e doze ajudantes para o setor feminino.

Mais tarde, também a publicação do Diário do Governo nº 111 de 13 de maio de 1911, Decreto com força de lei, publica que passa a haver um enfermeiro chefe responsável pela

divisão dos homens e também uma enfermeira chefe responsável pela divisão das mulheres.

Relativamente à variável autoria, e, de acordo com os dados recolhidos, verificamos que a maioria (65,3%) publicou individualmente, sendo em menor número (2,2%) os autores que o fizeram conjuntamente com outros de diferentes áreas profissionais.

Quanto aos locais de trabalho apenas 75,8% dos autores (6267) indicaram a sua área profissional, e, destes 46,2% fizeram referência ao Hospital, seguido de 22% das Escolas de Enfermagem, enquanto os que trabalham nos Centros de Saúde e em Outras Instituições foram os que menos publicaram, obtiveram-se 6,3 e 1,3%, respetivamente. As razões que podem ajudar a explicar estas percentagens, têm a ver com a maior concentração de enfermeiros que se situam nos Hospitais, bem como o facto do elevado número de periódicos ser da responsabilidade das Escolas de Enfermagem, que conjuntamente com a exigência da função docente são ambientes mais favoráveis à produção e divulgação do conhecimento.

Os resultados parcelares entre cada um dos grupos dos periódicos apontam para uma taxa de concretização de 100% entre números publicados e encontrados, nos periódicos da responsabilidade das Escolas de Enfermagem, e da responsabilidade da Edição de Autores, enquanto o valor mais baixo se verificou no grupo da responsabilidade de Edição de Editores.

Proporcionalmente, os dados revelam ser os periódicos pertencentes às Organizações Profissionais os que apresentam uma maior diversidade de artigos, sendo também neste grupo que se verificou o maior número de artigos proveniente de autores de Outras Instituições de Saúde, que não apenas os Hospitais, Escolas e Centros de Saúde.

Quanto à distribuição da assinatura dos artigos segundo o género observou-se que os integrados no grupo da Edição de Autores são os que apresentam maior equilíbrio entre o género feminino e masculino, verificando-se aqui também uma situação de equilíbrio entre a área profissional – Hospital, Escolas e Outras Instituições de Saúde.

Os artigos da responsabilidade das Editoras foram os mais publicados em coautoria, enquanto os das Organizações Profissionais utilizaram a publicação individual.

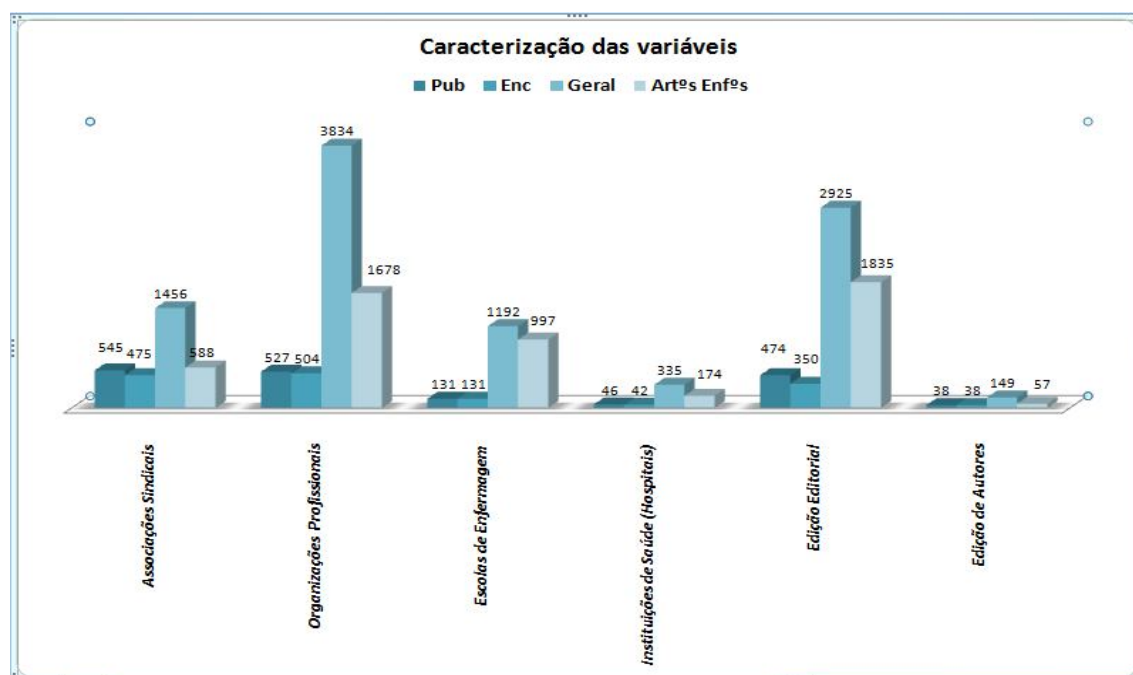
Os professores e os enfermeiros utilizaram como meios de publicação os diferentes periódicos independentemente da responsabilidade editorial. Todavia, registaram-se os maiores valores nos artigos nos periódicos que estão sob a responsabilidade das próprias organizações, Escolas ou Hospitais. Por conseguinte, os professores das Escolas foram o maior grupo de autores entre os que publicaram nos periódicos das Escolas e os enfermeiros o maior grupo que publicaram nos periódicos dos Hospitais.

Os maiores valores em quase todas as variáveis registaram-se no grupo de periódicos da Edição das Editoras, sendo este o de maior produção editorial.

Quadro nº 25- Caracterização das variáveis identificadas nos periódicos de enfermagem publicados entre 1925 a 2009

Responsabilidade Editorial dos Periódicos de Enfermagem		Total Números		Total Artigos		Total Autores Enf's	Sexo		Autoria			Área Profissional			
		Pub	En c	Ger al	Artº s Enfº s		M	F	Ind.	Out	Et al ou	Hos	Esc	CS	Out inst
Total															
<u>Associações Sindicais</u>		545	475	1456	588	806	312	494	453	129	6	286	98	73	16
<u>Organizações Profissionais</u>		527	504	3834	1678	2651	644	2007	1118	517	44	1175	598	94	75
<u>Escolas de Enfermagem</u>		131	131	1192	997	1606	289	1317	665	302	30	576	609	126	-
<u>Instituições de Saúde (Hospitais)</u>		46	42	335	174	281	62	219	141	33	-	238	19	-	-
<u>Edição Editorial</u>		474	350	2925	1835	2923	833	2090	1043	754	38	1552	465	229	6
<u>Edição de Autores</u>		38	38	149	57	57	22	35	57	-	-	15	9	-	8
<u>Total Geral</u>	<u>41</u>	<u>1761</u>	<u>1540</u>	<u>9891</u>	<u>5329</u>	<u>8324</u>	<u>2162</u>	<u>6162</u>	<u>3477</u>	<u>1735</u>	<u>118</u>	<u>3842</u>	<u>1798</u>	<u>522</u>	<u>105</u>
Nº/%		<u>100%</u>	<u>87%</u>	<u>100%</u>	<u>53,9%</u>	<u>100%</u>	<u>26%</u>	<u>74%</u>	<u>65,3%</u>	<u>32,6%</u>	<u>2,2%</u>	<u>46,2%</u>	<u>22%</u>	<u>6,3%</u>	<u>1,3%</u>

Gráfico n° 2 – Caracterização das variáveis identificadas nos Periódicos segundo Responsabilidade Editorial



No que respeita aos dados relacionados com a distribuição geográfica dos locais de trabalho, utilizámos como referência a Nomenclatura das Unidades Administrativas Territoriais (NUTS I; II e III).

A tabela e o gráfico seguinte representam a distribuição geográfica do total (Continente e Ilhas) dos 4469 enfermeiros/autores. Destes, 3842 indicaram como local de trabalho o Hospital, 522 indicaram o Centro de Saúde e 105 indicaram Outras Instituições.

Contudo, os dados relativos á área hospitalar apenas se referem aos 3839 autores que identificaram explicitamente o Hospital e a sua localização. Esta circunstância deve-se ao facto da incompleta identificação dos artigos, a que por diversas vezes referenciámos ao longo da Tese.

Assim, pode observar-se que no Continente foram identificados 3728 enfermeiros que trabalham em Hospitais, distribuídos por 46% (1723) na Região de Lisboa e Vale do Tejo, 36% (1342) na Região Norte, o que corresponde à área de maior concentração de profissionais de enfermagem.

Em menor número seguem-se as Regiões Centro com 13%, Alentejo 3,0% e Algarve com 1,5%.

As Regiões Autónomas dos Açores e Madeira em relação ao Continente representam apenas 2,9%.

Dos autores que indicaram o Centro de Saúde, como área Profissional, a percentagem é bastante semelhante nas regiões, Norte, Centro e Sul, com 33%, 26% e 32,9%, e com pouco significado nas Regiões Autónomas da Madeira e dos Açores.

Relativamente às Outras Instituições, a Região de Lisboa e Vale do Tejo foi a mais indicada pelos autores, seguindo-se a Região Centro e o Norte, as restantes regiões tiveram pouca expressão.

A maior concentração de Enfermeiros verificou-se nos três principais núcleos de Lisboa, Porto e Coimbra. Esta circunstância corresponde à situação real do país, pois que são estas as áreas de maior concentração dos enfermeiros e são estes os pólos aglutinadores de hospitais, centros de saúde e de outras instituições, na sua maioria instituições particulares e privadas.

Recordamos que muitos dos periódicos privilegiam a autoria de enfermeiros que exercem funções nas instituições onde se publicam os periódicos, tendo maior expressão em Lisboa, Porto e Coimbra. Contudo, em nenhum dos periódicos encontramos descrito esta regra de exclusividade na publicação de artigos de enfermeiros enquadrados nas instituições proprietárias das Revistas, mas observando a missão e diretivas das mesmas, podemos concluir que lhes é conferida preferência na seleção e na publicação.

Será que esta situação é também responsável pela pouca expressão dos resultados encontrados nas regiões do Alentejo, Algarve e Ilhas Autónomas dos Açores e da Madeira, onde apenas foram encontrados dois periódicos (Enfermagem & Sociedade - Escola Superior de Enfermagem de S. João de Deus - Évora e CLUNY - Escola Superior de Enfermagem de S. José de Cluny - Funchal)?

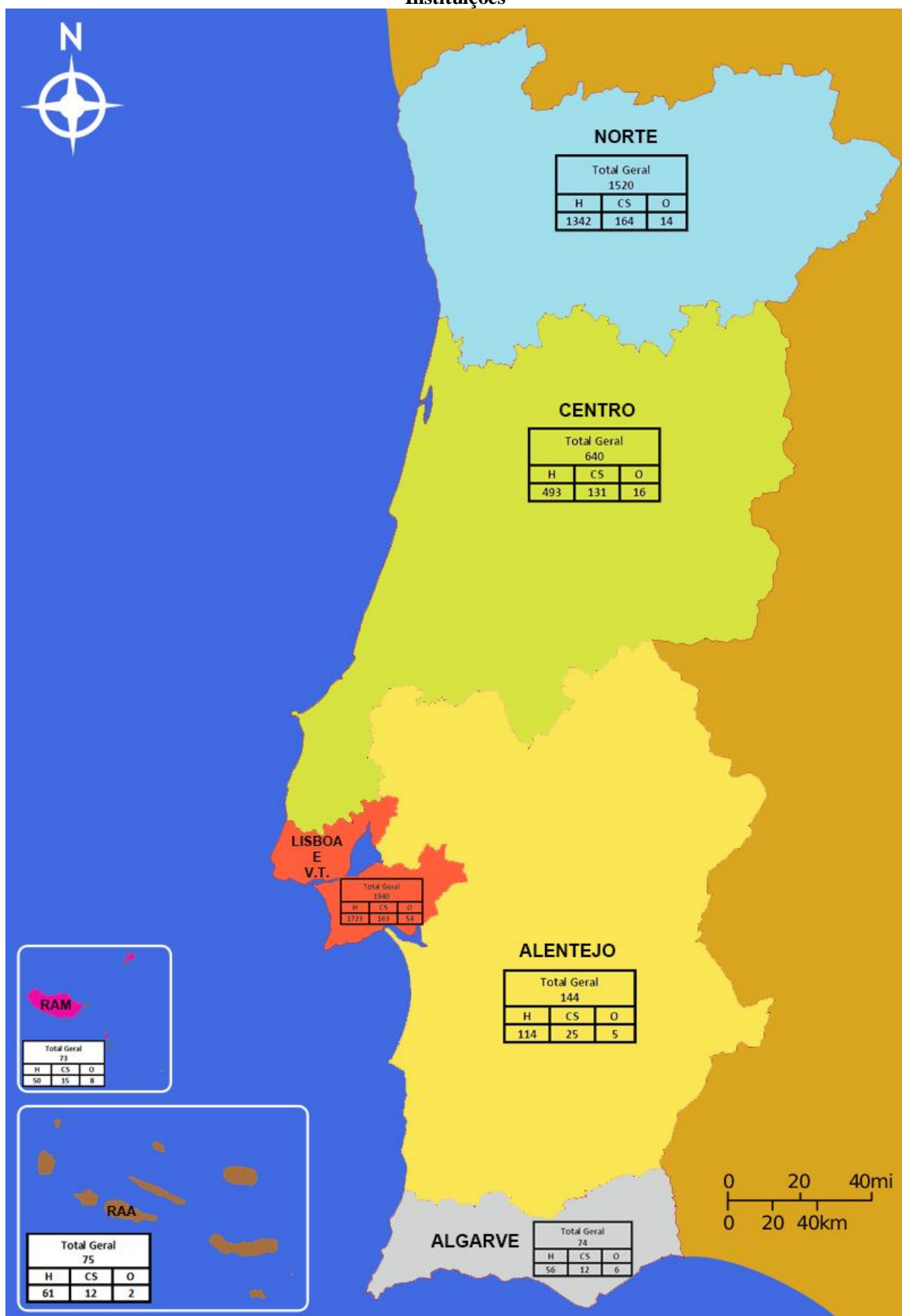
A pouca expressão dos resultados nestas áreas - Alentejo. Algarve e Ilhas - reflete também algumas das assimetrias verificadas no país em outras situações, onde a concentração de recursos é menor comparativamente com o litoral.

O quadro e o gráfico seguintes expressam esta circunstância de grande concentração e de dispersão profissional dos enfermeiros/autores a nível nacional.

Quadro nº 26 – Distribuição Geográfica da proveniência do Local de Trabalho – Hospitais, Centros de Saúde e Outras Instituições – dos enfermeiros/autores de artigos publicados nos periódicos de enfermagem no decurso do século XX e início do século XXI

NUTS I II III	Área Profissional			Total Geral
	Hospitais	Centros de Saúde	Outras Instituições	
Continente	3728	495	95	4318
Norte	1342	164	14	1520
Minho – Lima	45	16	-	61
Cávado	66	15	-	81
Ave	30	16	-	46
Grande Porto	974	64	14	1052
Tâmega	10	5	-	15
Entre Douro e Vouga	120	7	-	127
Douro	63	19	-	82
Alto Trás-os-Montes	34	22	-	56
Centro	493	131	16	640
Baixo Vouga	28	14	-	42
Baixo Mondego	362	43	16	421
Pinhal Litoral	4	7	-	11
Pinhal Interior Norte	-	31	-	31
Pinhal Interior Sul	2	5	-	7
Dão – Lafões	-	6	-	6
Serra da Estrela	10	8	-	18
Beira Interior Norte	35	6	-	41
Beira Interior Sul	22	5	-	27
Cova da Beira	30	6	-	36
Lisboa e Vale do Tejo	1723	163	54	1940
Oeste	49	12	-	61
Grande Lisboa	1260	115	54	1429
Península de Setúbal	224	13	-	237
Médio Tejo	71	11	-	82
Lezíria do Tejo	119	12	-	131
Alentejo	114	25	5	144
Alentejo Litoral	5	8	-	13
Alto Alentejo	43	6	5	54
Alentejo Central	38	7	-	45
Baixo Alentejo	28	4	-	32
Algarve	6	12	6	74
Região Autónoma dos Açores	61	12	2	75
Região Autónoma da Madeira	50	15	8	73
Total Geral	3839	522	105	4466

Figura nº 6 – Distribuição geográfica da proveniência do local de trabalho – Hospital, CS e Outras Instituições



O quadro seguinte apresenta os resultados relativos à distribuição geográfica das Escolas de Enfermagem, locais de trabalho dos enfermeiros/autores.

A designação das Escolas de Enfermagem indicadas pelos autores, como locais de trabalho, foi a aquela que as Escolas detinham à época em que o artigo foi publicado. Contudo, para efeitos de representação, os dados foram agrupados pelas cidades onde se encontram sediadas as Escolas, obtendo-se assim uma lista de 27, conforme quadro seguinte.

O panorama nacional, relativamente à distribuição geográfica das Escolas de Enfermagem, é marcado, na atualidade, pela integração das Escolas oficiais de Lisboa (ESEL – Dr. Artur Ravara, Dr. Francisco Gentil Martins, Calouste Gulbenkian, Maria Fernanda Resende), do Porto (ESE Porto – D. Ana Guedes, S. João e Cidade do Porto) e de Coimbra (ESE Coimbra – Dr. Ângelo da Fonseca e Dr. Bissaya Barreto), com o estatuto de Escolas não integradas). As restantes Escolas foram integradas nos Institutos Politécnicos como Escolas Superiores de Saúde ou nas Universidades (Braga, Vila Real, Évora, Algarve e Ponta Delgada)

Ao nível das Escolas de Enfermagem religiosas de Lisboa (S. Vicente de Paulo) e Porto (Irmãs da Imaculada Conceição) foram integradas na UCP.

Paralelamente, à situação da rede nacional de Escolas de Enfermagem criada na segunda metade do século XX (Lisboa, Porto, Coimbra e Braga) e na década de 70 (Escolas Distritais). No início deste século, foram criadas outras Escolas de Enfermagem privadas ou integradas em Universidades particulares, mais concentradas nas zonas: Norte, Grande Porto e Grande Lisboa.

Quanto aos resultados incritos no quadro abaixo, revelam que o maior número de autores identificados é proveniente das cidades onde se concentram o maior número de Escolas de Enfermagem (oficiais, privadas e particulares) – Lisboa, Coimbra e Porto, correspondendo também ao facto de as Escolas de Lisboa e de Coimbra serem proprietárias das publicações *Pensar Enfermagem* e *Referência*, respetivamente.

Esta assimetria de resultados corresponde a uma maior concentração de professores e também do número de periódicos, factos que poderão ser significativos relativamente à disponibilidade de acesso à publicação, bem como o caso destes centros representarem a principal sede de estruturas universitárias e intelectuais do país.

Este aspeto poderá justificar as baixas percentagens observadas nas Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira, onde apenas foi identificado o único periódico regional – *O CLUNY* (Funchal), bem como devido à dispersão de meios e equipamentos.

Quadro nº 27 – Distribuição Geográfica da proveniência dos enfermeiros (Local de Trabalho – Escolas de Enfermagem) autores de artigos publicados nos periódicos de enfermagem no decurso do século XX e início do século XXI

<u>Área Geográfica das Escolas de Enfermagem</u>	<u>Fi</u>	<u>%</u>
<u>Continente</u>	<u>1687</u>	<u>93,8</u>
Aveiro	18	1,0
Beja	41	2,3
Braga	14	0,7
Bragança	17	1,0
Castelo Branco	16	0,8
Chaves	7	0,3
Coimbra	380	21,1
Évora	64	3,6
Faro	12	0,7
Guarda	11	0,6
Leiria	13	0,7
Lisboa	595	33,2
Macedo de Cavaleiros	5	0,2
Portalegre	15	0,9
Porto	213	12,0
Santarém	25	1,3
Setúbal	59	3,3
Vale do Ave	6	0,3
Viana do Castelo	84	4,7
Vila Real	28	1,5
Viseu	64	3,6
<u>Região Autónoma dos Açores</u>	<u>51</u>	<u>2,7</u>
Angra do Heroísmo	24	1,3
Ponta Delgada	27	1,4
<u>Região Autónoma da Madeira</u>	<u>60</u>	<u>3,5</u>
Funchal (Madeira e S. José de Cluny)		
<u>TOTAL</u>	<u>1798</u>	<u>100,0</u>

Figura nº 7 – Distribuição geográfica da proveniência do local de trabalho – Escolas de Enfermagem



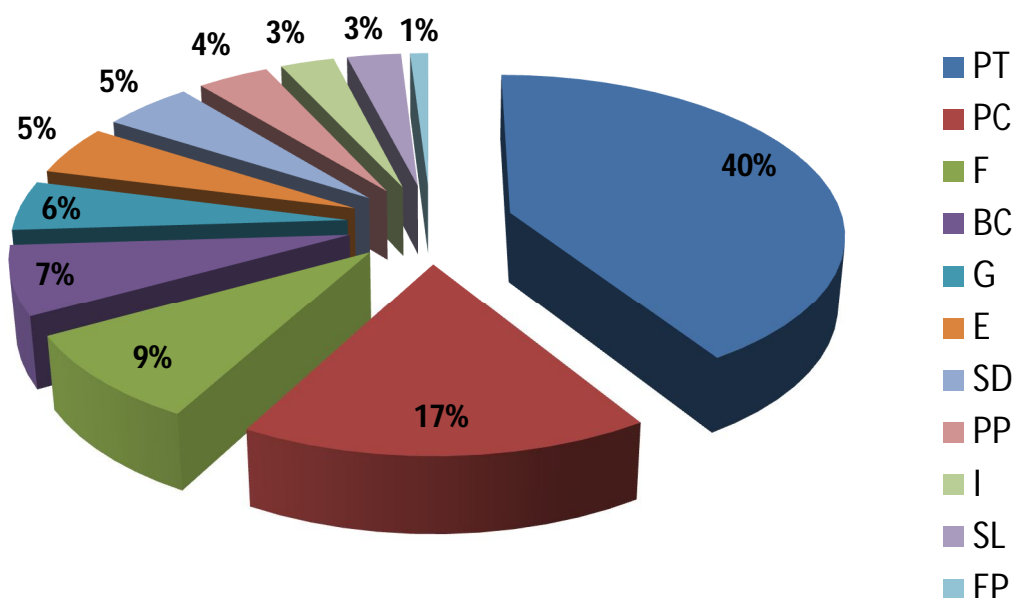
Ainda, e tomando como referência as questões de investigação e os objetivos da **tese**, submetemos a tratamento de análise de conteúdo os títulos dos artigos, resultando onze códigos temáticos, que representamos no quadro e gráfico seguintes.

O código temático mais representado foi o de Perspetivas e Tendências (**PT**) com 40%, seguindo-se os códigos **PC**, **F** e **BC** com 17%, 9% e 7% respetivamente, todos os restantes obtiveram percentagens iguais ou inferiores a 5%, sendo o código menos pontuado **FP** com 1%.

Quadro nº 28 – Distribuição dos Códigos Temáticos relativos à codificação dos títulos dos artigos de autoria dos enfermeiros portugueses

Códigos Temáticos		Fi	%
Perspetivas e Tendências	PT	2098	40%
Prática Clínica	PC	878	17%
Formação	F	501	9%
Bases Conceptuais	BC	387	7%
Ética	E	301	6%
Gestão	G	241	5%
Situações de Doença	SD	284	5%
Processos Terapêuticos	PP	236	4%
Investigação	I	170	3%
Saúde Laboral	SL	169	3%
Figuras e Personalidades	FP	64	1%
Total Geral	-	5329	100,0

Gráfico nº 3 – Distribuição dos Códigos Temáticos relativos aos títulos dos artigos dos Periódicos



No quadro seguinte, encontram-se algumas das expressões exemplificativas inscritas, nos títulos dos artigos, que nos permitiram a tomada de decisão para a seleção dos códigos temáticos.

Conforme já descrito anteriormente na parte metodológica, a codificação foi feita após a leitura dos títulos dos artigos na fase de identificação e recenseamento. Deste modo, tivemos uma primeira percepção dos termos e expressões que nos conduziram à identificação das temáticas.

Os passos seguintes consistiram na releitura e reanálise de todo o material no sentido de agregação das unidades, harmonizando os mesmos nas categorias encontradas.

Após os procedimentos de validação e consensualização entre o Investigador e pelos peritos chave (externos) resultaram finalmente nos onze códigos considerados como suficientes e que representariam a vasta informação proporcionada pelos autores nos títulos dos artigos dos periódicos em análise.

Assim, teve-se em conta o conjunto de todas as palavras e expressões que constituíam integralmente o título e ou subtítulo dos diversos artigos, sendo apenas excluídos os considerados como pouco relevantes para a codificação.

Este procedimento bem como a enumeração das palavras-chave nos títulos dos artigos, conforme discriminaremos no capítulo seguinte, complementaram o perfil dos periódicos e permitiram-nos uma melhor percepção do fenómeno em estudo.

Códigos Temáticos		Expressões
Perspetivas e Tendências (40%)	PT	Um olhar sobre... Uma perspetiva para o milénio... A tendência da enfermagem de... Uma perspetiva para o século XXI... De ... a ... Um caminho... O rumo de... Um percurso... Uma trajetória... Que significado... Que expetativas? Que desafios? Um desafio... A realidade de ... Uma visão... O ontem... O presente... o passado... O futuro de... O amanhã... A evolução de...

		Através do tempo... O que será?...
Prática Clínica (17%)	PC	Cuidados de Enfermagem em ... Intervenção/ões do Enfermeiro... Papel do Enfermeiro... Prestação de Cuidados no Hospital... /no serviço de.../na Unidade de ... Prática dos Cuidados... O exercício de enfermagem...
Formação (9%)	F	Formação em Enfermagem... O ensino de Enfermagem... Escola/s de Enfermagem... O professor... O estudante... Aprendizagem... Teorias de Aprendizagem Avaliação da aprendizagem... Avaliação dos alunos... Educação permanente/ Formação contínua... Métodos e técnicas de ensino...
Bases Conceptuais (7%)	BC	Modelos de enfermagem... Teorias de enfermagem... Cuidar... Concepção de... Enfermagem Profissão... Disciplina... Ambiente terapêutico... Relação de ajuda... Relações interpessoais...
Gestão (6%)	G	Avaliação de desempenho... Liderança... Papel do enfermeiro chefe no serviço/ Unidade / Hospital/Centro de Saúde... Distribuição de pessoal... Trabalho em equipa... Manuais de... Normas de... Gestão de recursos humanos... Processo de mudança... Supervisão...
Ética (5%)	E	Ética.../ Deontologia... Valores profissionais... Segredo Profissional... Humanização de ... Consentimento informado... Responsabilidade perante... Eutanásia... A dignidade Humana... Direitos do doente... Direitos Humanos...

		A caridade A esperança
Situações de Doença (5%)	SD	Situações de Doença/Diagnóstico médico: Tuberculose; HIV/SIDA; Tétano; Cólera; Alcoolismo; Tabagismo; Toxicodependência; Varizes... Feridas... Doença Oncológica... AVC... Enfarte Agudo do Miocárdio...
Processos Terapêuticos (4%)	PP	Técnica de... (algaliação; entubação nasogástrica, ligaduras; Tratamento de feridas; Técnicas de instrumentação; O penso... A cirurgia de....
Investigação (3%)	I	Investigação... Tipologias de Investigação (Fenomenologia; Investigação-ação; Investigação Histórica...Etnografia) Um estudo sobre... Uma pesquisa... Validação de Escalas...
Saúde Laboral (3%)	SL	Satisfação/Insatisfação Profissional... Burnout... Riscos biológicos.../Riscos profissionais... Mecanismos de coping... Stress laboral... Carga de Trabalho... Trabalho por turnos... Motivação/Desmotivação dos enfermeiros... Acidentes de Trabalho...
Figuras e Personalidades (1%)	FP	Vida e obra de... Figuras Históricas; Reis e Rainhas (Stª Isabel; D. Leonor...) da Enfermagem (S. Vicente de Paulo; As Irmãs de S. Vicente de Paulo; S. João de Deus; Florence Nightingale; Irmã Eugénia Tourinho... Enfermeiros Portugueses (Enfermeira Maria Fernanda Resende; Enfermeira Tito de Moraes; Enfermeiro António Mourão; Enfermeira Emília Costa Macedo, Enfermeira Mariana Diniz de Sousa...)

Em capítulos anteriores, foram expostas as circunstâncias que estiveram na origem da publicação dos periódicos de enfermagem e a sua ligação com as estruturas sindicais, enquanto nas secções seguintes apresentamos a caracterização de cada um dos periódicos nas seguintes dimensões: missão, descrição física, estrutura sociodemográfica dos autores e códigos temáticos. São ainda apresentadas algumas imagens das capas dos periódicos, como complemento adicional aos leitores da **tese**, para figurar como memória futura, visto que muitos apenas estão acessíveis na BN e Hemeroteca de Lisboa.

3.1.1– Associações Sindicais

O percurso histórico da Enfermagem Portuguesa, tem ao longo do período em estudo, se pautado por uma forte cultura de associativismo sindical, com início na primeira metade do século XX, ainda que de forma muito incipiente, foi ganhando pouco a pouco a notoriedade que se conhece na atualidade.

No panorama nacional, as associações sindicais de enfermagem distribuídas, por todo o território, são entre as suas congéneres as que maior número de associados congregam, desempenhando um papel de intervenção na defesa dos interesses e direitos profissionais.

Recuando no tempo, e atendendo à conjuntura sócio-política da época, atribui-se à Revista Profissional dos Enfermeiros Portugueses – *Arquivo do Enfermeiro* (Iª Série) editada em 1925, a responsabilidade de ser primeira estrutura responsável por essa atividade editorial, contudo a escassez de elementos não permitem um maior desenvolvimento.

De entre as atividades mais comuns do associativismo sindical a criação de jornais e revistas, representam importantes veículos de informação e de comunicação, ao serviço dos enfermeiros.

Este tipo de periódicos é caracterizado por uma política editorial constituída por dois grandes grupos de matérias, uma de natureza essencialmente sindical como sejam: atividades e eventos sindicais, legislação de trabalho, formas de reivindicação e de condições de trabalho, e outro grupo de matérias de caráter técnico e profissional.

A repartição das matérias editoriais é feita de forma desigual, o que se enquadra no espírito das próprias revistas, uma vez que as matérias de cariz sindical ocupam maior centralidade, face à relevância dos artigos técnico-profissionais.

Não obstante, a especificidade destes de periódicos são significativas as mudanças ao nível dos problemas com que se confrontava a enfermagem. Os primeiros periódicos dominados

por objetivos que visavam a legalização da profissão e união de classe, só muito esporadicamente abordavam temas técnicos de autoria de enfermeiros portugueses. Mais recentemente, os periódicos *Ecos da Enfermagem* e *Enfermagem em Foco* a partir das décadas de 80/ 90, apresentam matérias relacionadas com a qualidade dos cuidados de enfermagem, organização dos serviços, regulamentos/diretrizes profissionais, e artigos de índole técnico-científica de autoria de enfermeiros nacionais.

É evidente que a singularidade das matérias editoriais deste tipo de periódicos, quando comparados com os outros, mais vocaciados para a formação/informação, técnico-científica e divulgação de eventos profissionais, não pode ser compreendida da mesma forma.

Contudo, e tendo em conta a particularidade destes periódicos, foi-lhes de lhes dado um tratamento semelhante a outros, fundamentando a opção no papel interveniente e decisivo relativamente ao movimento de consciencialização de classe e de profissionalização.

No que respeita a este tipo de periódicos da responsabilidade das associações sindicais de enfermagem, estes, à semelhança do que afirmam os autores, caracterizam-se por uma forte relação entre as correntes políticas governamentais e as suas linhas editoriais.

A imprensa periódica sindical é um tipo de imprensa onde mais se faz notar as correntes ideológicas perfilhadas, trata-se de um género jornalístico que centra a sua atenção na reivindicação e contestação, de direitos e regalias de trabalho, pressionando o poder político e ou patronal para a conquista de melhores condições sociais.

No entender de Tengarrinha, (1989, p. 263) existe uma relação próxima entre a imprensa sindical e a conjuntura político-cultural à época.

Na sociedade portuguesa e graças às mudanças introduzidas pela República de 1910, a publicação da lei de liberdade da imprensa na qual se incluiu a imprensa associativa, foi um dos acontecimentos mais marcantes neste período conturbado da vida nacional.

Porém, esta lei seria objeto de alteração cerca de vinte anos após, com a instauração da lei da Censura Prévia, com o propósito de ser *indispensável a uma obra de reconstrução e saneamento moral*.²⁸

Os sindicatos nacionais criados pelo Estado Novo, em 1934, como organizações com a finalidade de controlar os trabalhadores e todos os processos laborais a eles associados, o direito de organização e negociação coletiva, obrigaram a uma alteração das leis que regiam as eleições sindicais.

²⁸ DECRETO n° 22:469 de 11 de abril de 1933. Diário do Governo (1ª Série)

No que respeita à criação de qualquer jornal ou revista, defendia-se, na década de 30, que não bastava apenas o poder económico ou a decisão unilateral de um qualquer empresário ou de uma qualquer associação sindical. Exigia-se-lhes que cumprissem as disposições legislativas, em que só era autorizado (...) *a criação de novas publicações a pessoas de confiança da ditadura, ou que se julgava serem-no. O seu artigo 2, fazia referência a que nenhuma publicação periódica ou não, mas sujeita por lei a regime de censura prévia, poderá ser fundada sem que seja reconhecida a idoneidade intelectual e moral dos responsáveis.*²⁹

Ainda que o país tivesse assumido os compromissos internacionais, no que respeitava à ratificação sobre as leis de trabalho da OIT estas nunca foram postas na prática. Correia e Baptista (2006, p. 28).

Neste sentido, também encontramos sinais da ação repressiva da Censura nos periódicos de enfermagem publicados anteriormente ao 25 de abril de 1974, é exemplo disso a inscrição de *Visado pela Comissão de Censura* que muitos apresentam (capa, folha de título ou páginas centrais), ou ainda pelo sentido metafórico utilizado na escrita dos textos.

Conforme temos vindo a documentar os periódicos de enfermagem editados no segundo quartel do século XX (1925 a 1950) foram enquadrados na **Fase de Iniciação da Divulgação do Conhecimento em Enfermagem**, constituídos pelos periódicos de responsabilidade sindical – *Arquivo do Enfermeiro* (Iª Série), *O Enfermeiro Português*, *A Voz do Enfermeiro*, *A Enfermeira* e *O Arquivo do Enfermeiro* (IIª Série).

As questões em torno das reformas do ensino, da união da classe e da legalização da profissão, são escritas num estilo linguístico que denota a forte influência das ideologias políticas nacionais e mundiais.

As palavras e expressões utilizadas manifestam certa agressividade e incitamento à participação dos associados na contestação e denúncia das situações porque passava a *profissão*. É comum os artigos conterem expressões que refletem as influências ideológicas de Carl Marx ou dos ideais do Estado Novo, e da ditadura Salazarista.

As fases de **Transição** e de **Consolidação** incluem os Periódicos de carácter sindical: *Boletim Sindical dos Enfermeiros da Zona Sul e Região Autónoma dos Açores e Enfermagem em Foco*.

²⁹ DECRETO-LEI 26:580, de 14 de maio de 1936.

As temáticas publicadas nesta, dizem respeito às condições de trabalho e aspetos salariais, encabeçando movimentos de contestação e reivindicação de direitos e regalias sociais e profissionais.

Os periódicos *Ecos da Enfermagem* e *Enfermagem em Foco*, sendo os únicos de natureza sindical ainda em publicação, apresentam, além de outros assuntos, secções ou rubricas destinadas à divulgação do conhecimento de artigos de reflexão, procedimentos técnicos e ou científicos,

O panorama político nacional mudou significativamente após a Revolução de abril de 1974, com as conquistas de um conjunto de direitos, dos quais as liberdades de associação, de imprensa e de expressão, que permitiram a todos os cidadãos nacionais o seu exercício em plenitude.

É assim, que as Associações Sindicais dos Enfermeiros recebem a influência marcada pelas ideologias políticas das Federações Sindicais Nacionais (UGT e CGTP), uma de cariz mais liberal e a outra de ideologia comunista.

Os periódicos *Ecos da Enfermagem* e *Enfermagem em Foco* expressam o cunho ideológico da filiação a que pertencem os seus proprietários.

Escreve o Editoralista da Revista *Ecos da Enfermagem* nº 148 Ano XX setembro – outubro de 1987 que (...) *no dia 25 de Julho de 1987, a Assembleia Geral do nosso Sindicato determinou a adesão à UGT, com a maioria de 86% dos votos expressos*. Mais tarde, maio-junho 1989 o Editorial nº 156 Ano XXI da revista volta a confirmar esta sua tendência (...) *a nossa linha sindical: SOMOS FILIADOS NA UGT* (...).

No quadro seguinte apresentamos a distribuição dos Periódicos de estruturas Sindicais segundo os períodos cronológicos da Divulgação do Conhecimento.

A lista cronológica de publicação dos nove Periódicos das Associações Sindicais compreende um período de sessenta e seis anos, dos quais mais de cinquenta anos foram divulgados pelo *Ecos da Enfermagem*, representando o mais antigo periódico associativo ainda em publicação.

Quanto ao percurso de publicação, podemos observar que, após dezassete anos sobre a publicação do primeiro Periódico – *O Arquivo do Enfermeiro* (Iª Série) –, surgiu um segundo com a mesma designação numa segunda série.

A *Revista de Enfermagem*, *Ecos da Enfermagem* e *Boletim Sindical dos Enfermeiros da Zona Sul e Região Autónoma dos Açores*, *Enfermagem em Foco* foram as que tiveram uma maior duração, ultrapassando mais de uma década de publicação, enquanto as restantes apresentam um período de vida bastante curto. A este propósito, Nunes (2003, p. 202)

refere que o carácter propagandístico poderá estar na origem da curta vida desses periódicos, uma vez que reduz o interesse do público.

As Revistas *Ecos da Enfermagem* e *Enfermagem em Foco* ainda se mantêm em circulação, sendo apenas as duas publicações de Associações Sindicais que conseguimos recensear em todo o espaço nacional. Muito embora, a quando da deslocação à Escola de S. José de Cluny tivéssemos contactado com algumas referências de uma outra revista designada por *Enfermagem* que se publicara na Região Autónoma da Madeira, contudo, não foi possível obter outros elementos, pelo que se reforça a este propósito que apenas nos referimos aos periódicos que possuímos elementos seguros da sua existência.

Quando comparamos os números publicados constatamos que o maior contributo veio da parte das quatro últimas Revistas que se publicaram (*Revista de Enfermagem*, *Ecos da Enfermagem*, *Boletim Sindical dos Enfermeiros da Zona Sul e Região Autónoma dos Açores* e *Enfermagem em Foco*).

Enfermagem em Foco sucedeu ao *Boletim Sindical dos Enfermeiros da Zona Sul e Região Autónoma dos Açores*.

Ao observarmos o total de números publicados durante este período de tempo verificamos que a *Ecos da Enfermagem* publicou quase tantos números como o conjunto de todos os outros periódicos.

Quadro nº 29 – Distribuição de Periódicos Publicados por Associações Sindicais entre 1925 a de 2009

Períodos Classificação da Divulgação do Conhecimento	Publicações Periódicas	Data		Números Publicados
		Início	Terminus	
Período Inicial ou de Iniciação	<i>O Arquivo do Enfermeiro</i> (Iª Série)	1925	1927	10
	<i>O Enfermeiro Português</i>	1929	1930	6
	<i>A Voz do Enfermeiro</i>	1931	1934	28
	<i>A Enfermeira</i>	1937	1943	7
	<i>O Arquivo do Enfermeiro</i> (IIª Série)	1942	1945	12
Período de Transição ou de Indiferenciação	<i>Revista de Enfermagem</i>	1953	1974	81
	<i>Ecos da Enfermagem</i>	1954	No ativo	267
	<i>Boletim Sindical dos Enfermeiros da Zona Sul e Região Autónoma dos Açores</i>	1980	1991	60
Período de Consolidação	<i>Enfermagem em Foco</i>	1991	No ativo	74
Total				545

O quadro seguinte representa a ficha técnica dos Periódicos associativos dos sindicatos, que se publicaram no período em estudo.

Até à década de 50, estes órgãos de comunicação constituíram as únicas estruturas nacionais ou regionais representativas dos enfermeiros portugueses.

O Enfermeiro Português assume-se como uma Revista de Propaganda do Grémio dos Enfermeiros de Terra e Mar do Norte de Portugal.

Desconhecem-se as tiragens dos Periódicos *Arquivo do Enfermeiro* (Iª Série); *O Enfermeiro Português*; *A Voz do Enfermeiro*; *Arquivo do Enfermeiro* (IIª Série) e *Revista de Enfermagem*.

O periódico *A Enfermeira* é o único de âmbito distrital, com uma periodicidade anual, apresentando uma tiragem de 100 exemplares e caracteriza-se por ter um título no feminino.

O Periódico *Enfermagem em Foco* é propriedade do Sindicato dos Enfermeiros Portugueses, de âmbito nacional, enquanto *Ecos da Enfermagem* tem uma maior implantação regional na zona Norte do país, sendo estes os periódicos que apresentam as mais elevadas tiragens, com 7000 e 14000 exemplares respetivamente.

Em relação à periodicidade ela oscila entre a modalidade de quinzenal (*O Enfermeiro Português*), a anual (*Arquivo do Enfermeiro* (Iª Série) e *Enfermeira*), sendo a mais frequente a bimestral. Note-se que o *Arquivo do Enfermeiro* (IIª Série) passou a ser publicado mensalmente, enquanto na Iª Série fora editado anualmente.

Quanto à Composição e Impressão apenas os periódicos *O Enfermeiro Português* e o *Ecos de Enfermagem* foram impressos na cidade do Porto, todos os restantes foram impressos em Lisboa.

Quadro nº 30 – Caracterização da ficha técnica das publicações identificadas desde 1925 a 2009, de propriedade de Associações Sindicais

Designação dos Periódicos	Editor e Propriedade	Data Fundação	Periodicidade	Tiragem	Depósito Legal	Direção	Composição e Impressão
<i>Arquivo do Enfermeiro</i> (1ª Série)	Revista Profissional dos Enfermeiros Portugueses	1925	Anual	-	-	1º - 1925 –	-
	Revista dos Profissionais de				CDU 614-	1º- 1929 –	Redação e Administração

A Divulgação do Conhecimento em Periódicos de Enfermagem e a Evolução da Profissão, em Portugal, no século XX e início do século XXI

Designação dos Periódicos	Editor e Propriedade	Data Fundação	Periodicidade	Tiragem	Depósito Legal	Direção	Composição e Impressão
<i>O Enfermeiro Português</i>	Enfermagem e Propaganda do Grémio dos Enfermeiros de Terra e Mar do Norte de Portugal	1929	Quinzenal	-	253.5 (05)	Mário Afonso 2ºs – 1930 – Custódio Tavares e Mário Afonso	o: - Porto – Composição e Impressão: Tipografia Gonçalves, Porto.
<i>A Voz do Enfermeiro</i>	Revista do Sindicato dos Enfermeiros da Região Sul	1931				1º - 1931 – Manuel Marques	Redacção e Administração: Lisboa Rua do Arsenal, 124 1º esquerdo. Composição e Impressão: Futurista – Gráfica Rua Antero do Quental Lisboa.
<i>A Enfermeira</i>	Boletim do Sindicato Nacional Feminino das Enfermeiras do Distrito de Lisboa	1937	Anual	100 Exemplares	R. 132344	-1937- Isabel Gabriela D'Albuquerque e D'Orey	Redacção e Administração: Lisboa Composição e Impressão: Tipografia Pinheiro & Dias Lisboa
<i>Arquivo do Enfermeiro (IIª Série)</i>	Revista Profissional dos Enfermeiros Portugueses	1942	Mensal	–		- 1942 – Domingos Pereira Bento	Redacção e Administração: Rua da Junqueira, 312 Lisboa Composição e Impressão: Tipografia Vieira Praça Afonso Albuquerque, 5 e 6 Belém Lisboa
<i>Revista de Enfermagem</i>	Sindicato Nacional dos Profissionais de Enfermagem	1953	Bimestral	-	-	1º- 1953 Manuel Leitão Branco 2º- 1957 Daniel Pinto 3º - 1960 – Pulquério M. de Almeida 4º - 1973 –	Redacção e Administração: Lisboa, Rua de Stª Marta, nº 58 2º ; Praça Marquês de

A Divulgação do Conhecimento em Periódicos de Enfermagem e a Evolução da Profissão, em Portugal, no século XX e início do século XXI

Designação dos Periódicos	Editor e Propriedade	Data Fundação	Periodicidade	Tiragem	Depósito Legal	Direção	Composição e Impressão
						José Carlos Loureiro	Pombal, nº 6. 3ºDtº Composição e Impressão: Lisboa Sociedade Gráfica Batalha, Rua Vítor Bastos 12-A; Tipografia Vatil, Lda Rua do Centro Cultural, 7-B
<i>Ecoss da Enfermagem</i>	Sindicato dos Enfermeiros	1954	Bimestral	7000 Exemplares	CDU 614-253.5(05) (469.121.23 P)	1º - 1954 – José A. Calheiros 2º - 1... – José Correia Azevedo	Redacção e Administração: Porto Rua de D. João IV, nº 210 Composição e Impressão: Porto Oficinas Gráficas Reunidos; Marca – Artes gráficas; Tadinense – Artes Gráficas
<i>Boletim Sindical dos Enfermeiros da Zona sul e Região Autónoma dos Açores</i>	Sindicato dos Enfermeiros da Zona Sul e Região Autónoma dos Açores	1980	Bimestral	-	CDU 614.253.5 (05) ISSN 0872-0053	-1980 – Vitorino Batista de Carvalho,	Redacção e Administração: Lisboa, Praça Marquês de Pombal, 6, 3º Dtº Composição e Impressão em Setúbal na empresa Armazém dos Papéis do Sado, Lda, Praça do Quebado, nº 14; Proença, CRL Rua D. Carlos Mascarenhas, nº 39, Lisboa
<i>Enfermagem</i>	Sindicato dos	1991	Trimestral	14.000 Exemplares	CDU 614 CDU	1ª – 1991 – Mª Augusta	PRINTIPO – Indústrias

Designação dos Periódicos	Editor e Propriedade	Data Fundação	Periodicidade	Tiragem	Depósito Legal	Direção	Composição e Impressão
<i>m em Foco</i>	Enfermeiros Portugueses			s	614(614.253.5) (=1469) (05) ISSN: 0871-8008 (614.253.5) (=1469) (05) ISSN: 0871-8008 ISSN: 0871-8008	de Sousa 2º - 1998- José Carlos Martins	Gráficas Ldª, Damaia Ausenda Matos Grafinter DPI- Design, Produção Gráfica e Imagem, Ldª.

Os resultados bastante díspares correspondem à cronologia de divulgação, que apresenta uma amplitude entre um (1) a cinquenta e cinco (55) anos.

Muito embora nos quadros conste a inclusão do periódico *Arquivo do Enfermeiro (Iª Série)*, conforme já sublinhamos anteriormente, não foi possível a sua codificação por não ser encontrado qualquer exemplar.

Quanto aos restantes, foi possível ter acesso acerca de 87,1% dos números publicados.

A diferença maior entre os números de exemplares publicados e encontrados verificou-se com o periódico mais antigo em circulação entre os seus congéneres o *Ecos de Enfermagem*.

No que respeita ao perfil dos autores encontram-se algumas diferenças ente os periódicos, assim, em relação ao total de artigos publicados 40,4% são de autores enfermeiros.

Quanto ao género, são as enfermeiras as que apresentam o maior percentual com 61,3%, facto que não nos surpreende numa profissão em que predomina o género feminino. Todavia, os periódicos: *O Enfº Português*, *A Voz do Enfermeiro* e *Arquivo do Enfermeiro (IIª Série)* só foram encontrados artigos escritos por enfermeiros.

Os enfermeiros que individualmente publicaram neste conjunto de periódicos perfizeram 77%, enquanto apenas os periódicos *Ecos de Enfermagem* e *Enfermagem em Foco* foram aqueles em que se verificou a publicação em coautoria com autores de diferentes áreas profissionais, no entanto os dados são muito pouco significativos.

O periódico *Boletim Sindical Enfermeiros da Zona Sul e Região Autónoma* foi o único que foi possível identificar todos os artigos de autoria de enfermeiros portugueses.

Do total de de 588 artigos de autoria de enfermeiros, apenas 58% dos autores indicaram a área de trabalho, sendo que a maioria referiu trabalhar no Hospital, seguindo-se os que indicaram trabalhar na Escola de Enfermagem e em menor números em Centros de Saúde e Outras Instituições. Em relação ao periódico *A Voz do Enfermeiro* os autores indicaram apenas trabalhar no Hospital.

As áreas geográficas de maior concentração dos locais de trabalho foram Lisboa, Porto e Coimbra, correspondendo às áreas de maior concentração de serviços de saúde públicos e privados.

Quadro nº 31 – Caracterização da produção escrita identificada nos periódicos de Associações Sindicais de Enfermagem publicados entre 1925 a 2009

Periódico s das Associações Sindicais	Total Números		Total Artigos		Tot. Enfº s	Sexo		Autoria			Área Profissional			
	Publ	Enc	Ger al	Artºs Enfºs		M	F	Indi v.	Outr o	E t al o u	Hos p.	Esc .	CS	Ou t ins t
<i>Arquivo do Enfermeiro (Iª Série)</i>	10	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<i>O Enfº Português</i>	6	6	24	10	10	10	-	10	-	-	-	-	-	-
<i>A Voz do Enfermeiro</i>	28	20	112	42	42	42	-	42	-	-	8	-	-	-
<i>A Enfermeira</i>	7	7	34	12	12	3	9	12	-	-	-	-	-	-
<i>Arquivo do Enfermeiro (IIª Série)</i>	12	12	95	11	11	11	-	11	-	-	-	-	-	-
<i>Revista de Enfermag em</i>	81	81	439	132	148	107	41	125	7	-	27	37	4	7
<i>Ecos da Enfermag em</i>	267	229	181	141	241	52	189	69	70	2	107	5	41	1

<i>Boletim Sindical Enfermeir os Zona Sul e Região Autónoma</i>	60	47	42	42	59	6	53	34	8	-	16	11	5	8
<i>Enfermag em em Foco</i>	74	73	529	198	283	81	202	150	44	4	128	45	23	-
Total	545	475	1456	588	806	312	494	453	129	6	286	98	73	16
Associaç ões Sindicais	100 %	87,1 %	100 %	40,4 %	100 %	38,7 %	61,3 %	77 %	22 %	1 %	35%	12 %	9 %	2 %

No quadro seguinte está representada a distribuição das áreas temáticas como resultado da codificação dos títulos dos artigos de enfermeiros. Após o trabalho de análise e de agregação foram encontradas um total de onze códigos, observando-se por ordem decrescente, que os mais representados foram: **PT**), seguindo-se **SD**, **F** e **FP**.

Quanto aos periódicos *Ecos de Enfermagem* e *Enfermagem em Foco*, os de maior tempo de circulação, apresentam em maior número temáticas relacionadas com **SD** (situações de Doença), sendo quase a exceção face aos restantes que de uma maneira geral publicaram em maior número títulos relativos a temáticas relacionadas com **PT**.

O código **I**, não aparece referenciado nos títulos dos artigos dos primeiros periódicos, bem como **BC**, o que de certo modo traduz o estágio do exercício profissional à época, muito centrado em questões relacionadas com a legalização e a organização sindical.

Os temas dos artigos referem-se a situações de curandeirismo e de charlatanice que figuravam em todo o país exercendo enfermagem sem qualquer formação e sem «documentação» para o efeito. Nos capítulos seguintes desenvolveremos mais aprofundadamente este assunto, tendo como pano de fundo o que escreveram à época, os enfermeiros, nos periódicos.

Quadro nº 32 – Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos títulos dos Artigos dos Periódicos de Associações Sindicais de Enfermagem publicados entre 1925 a 2009

daq	Números		Total Artigos		Códigos Temáticos										
	Pub.	Enc.	Ger al	Enfº s	PT	SD	F	FP	PP	P C	SL	B C	I	E	G
<i>Arquivo do Enfermeiro (Iª Série)</i>	10	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<i>O Enfermeiro Português</i>	6	6	24	10	9	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-
<i>A Voz do Enfermeiro</i>	28	20	112	42	10	-	12	-	6	4	4	-	-	4	2
<i>A Enfermeira</i>	7	7	34	12	6	-	-	4	-	1		1	-	-	-
<i>Arquivo do Enfermeiro (IIª Série)</i>	12	12	95	11	11	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<i>Revista Enfermagem</i>	81	81	439	132	118	-	2	2	2	3	1	-	1	2	1
<i>Ecos da Enfermagem</i>	267	229	181	141	11	62	6	21	5	8	3	4	10	1	2
<i>Boletim Sindical dos Enfermeiros Zona Sul e Região Autónoma</i>	60	47	42	42	24	-	5	2	-	-	4	3	2	2	-
<i>Enfermagem em Foco</i>	74	73	529	198	40	71	19	6	17	11	13	16	8	5	-
Total Associações Sindicais	545	475	1456	588	229	133	45	35	30	27	25	24	21	14	5
	100 %	87,1 %	100 %	100 %	39,0 %	22,6 %	7,6 %	6,0 %	5,1 %	4,6 %	4,3 %	4,1 %	3,6 %	2,3 %	0,8 %

A fim de procedermos a uma análise mais pormenorizada destes resultados e do que eles expressam, apresentamos a seguir a caracterização de cada um dos nove periódicos da responsabilidade editorial das Associações Sindicais de Enfermagem, no período em estudo.

Em primeiro lugar, daremos a conhecer a missão de cada um dos periódicos, bem como os elementos que ajudam a caracterizar o seu designer e outros aspetos relacionados com o paratexto, apresentaremos imagem da capa de um exemplar selecionado ao acaso, no sentido de que a ilustração seja um auxiliar para o leitor.

De seguida damos a conhecer a caracterização sóciodemográfica dos autores e dos códigos temáticos codificados nos títulos dos artigos.

I – Período Iniciação – 1925-1950

1 – 1925 – 1927 – *O Arquivo do Enfermeiro* (Iª Série) – *Revista Profissional dos Enfermeiros Portugueses*: Primeiro órgão de imprensa da classe de enfermagem.

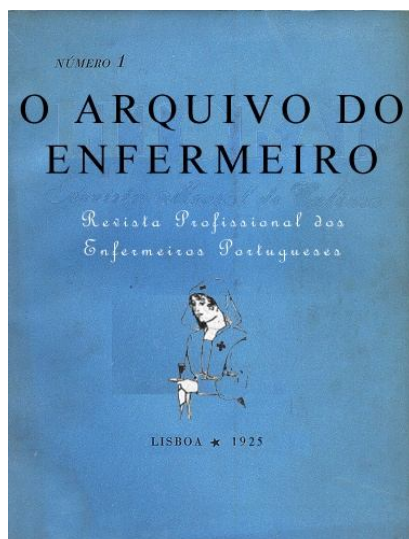


Imagem nº 19 – Reconstituição de como poderia ser a capa da Revista *O Arquivo do Enfermeiro* Iª Série
- *Revista Profissional dos Enfermeiros Portugueses*

Muito embora não fosse encontrado qualquer exemplar da Revista *O Arquivo do Enfermeiro* Iª Série – *Revista Profissional dos Enfermeiros Portugueses*, tentámos a reconstituição da capa do que seria a revista de acordo com a tradição gráfica na década de 20.

Contudo, o facto de não ser encontrado nenhum exemplar não impediu que outros periódicos posteriores fizessem várias referências a ele e que atestam a sua existência, conforme demonstraremos a seguir.

Os testemunhos e a memória histórica	Considerações
<p>O Editorial do primeiro número de <i>O Arquivo do Enfermeiro</i> (IIª Série) de janeiro de 1942 faz referência ... «a criação da primeira Revista Profissional dos Enfermeiros Portugueses o «Arquivo do Enfermeiro» foi o primeiro órgão de comunicação social a ser publicado em 1925.</p> <p>A característica pluridisciplinar deste órgão, é descrita pelo editorialista, «que se dirigia a todos os auxiliares de Medicina e do pessoal hospitalar (...) (...) dirige-se aos Directores e Professores das Escolas Profissionais de Enfermagem, ao corpo médico, à classe farmacêutica, enfermeiros, enfermeiras e demais auxiliares de medicina, o mesmo destinava-se a um leque alargado de outros profissionais que não enfermeiros».</p> <p><i>Arquivo do Enfermeiro</i> (IIª Série) – Revista profissional dos Enfermeiros portugueses nº 1 Ano I 1942</p> <p>Também <i>O Enfermeiro Português</i>, Ano I nº 3 Porto, 30 de novembro de 1929 faz alusão a este periódico num artigo sob o título <i>Enfermeiros de Portugal</i> de autoria do enfermeiro de Manuel Santos Tavares onde se pode ler (...) <i>Chegou enfim, pela 2ª vez, o segundo porta-voz da classe de enfermagem. O primitivo que foi «Arquivo do Enfermeiro», de Lisboa, proficientemente dirigido pelo nosso colega Pereira Bento, ...morreu no 2º ano de existência. Era útil à classe, e esta desprezou-o. A colaboração, cheia de profissionalismo, convidava o enfermeiro a dar-lhe vida, mas o desprezo destes forçou-o a abandonar a luta no seu 2º ano de publicação. Que este mau exemplo dos enfermeiras se não repita!</i></p> <p>Mais tarde, o Professor Dr. Costa-Sacadura escreveu na <i>Revista de Enfermagem</i> nº 1 outubro 1953, p.3 «Outras revistas da especialidade a precedem e na minha colecção encontro a primeira datada de 1922 e de que se publicaram apenas dois números. Outras se lhe sucederam também de efémera duração». O Periódico <i>Revista de Enfermagem</i> (nº 26 abril</p>	<p>Existem algumas discrepâncias de datas na atribuição da origem deste periódico, não foi encontrada qualquer explicação, contudo foram várias as referências que apontam a data de 1925 para este facto histórico.</p> <p>Podemos constatar que são vários os grupos profissionais da área da saúde a quem o mesmo se destinava, podendo mesmo ser utilizado por outros grupos profissionais.</p> <p>Depreende-se que se trata de um Periódico de Enfermagem de carácter generalista com assuntos de âmbito profissional, mas que, de certo modo, poderá ser acessível a outros públicos para além da área da saúde.</p> <p>A literatura é escassa e o facto de não ter acedido a nenhum exemplar, pouco podemos ir mais além do que aquilo que os autores que à época deixaram testemunhado.</p> <p>Não encontrámos outros elementos que nos permitissem a descrição física deste periódico. O excerto da <i>Revista de Enfermagem</i> de 1958 refere a existência de 10 exemplares, em que as temáticas se dirigem para a defesa dos interesses da enfermagem e da classe.</p>

1958 pág. 303), na rubrica Da nossa Lavra e da Lavra alheia apresenta uma notícia com o título Arquivo do Enfermeiro que o enfermeiro José Pereira, por ter doado 10 exemplares deste órgão, escreve que (...) *foi a primeira Revista de carácter profissional a defender os interesses da enfermagem e a elevar o prestígio da classe. Data de 1925 o seu aparecimento, tendo sofrido interrupção. Voltou a surgir em 2ª série (...).(...) veio a dar a conhecer o 1º órgão de imprensa da classe de enfermagem*

Também Nunes (2003) p.56 refere que (...) *Encontrámos inúmeras referências à existência do Arquivo do Enfermeiro (Revista Profissional de Enfermeiros com números anuais publicados em 1925, 1927) e à sua recuperação (em 1942, 1944 e 1945), mas o periódico que vimos, cronologicamente como primeiro, foi o Enfermeiro Português, iniciado em 1929 (...).*

2 – 1929 – 1930 – O Enfermeiro Português Revista dos Profissionais de Enfermagem e Propaganda do Grémio dos Enfermeiros de Terra e Mar do Norte de Portugal



Imagem nº 20 – Digitalização da capa de O Enfermeiro Português Revista dos Profissionais de Enfermagem

O Enfermeiro Português Revista dos Profissionais de Enfermagem e Propaganda do Grémio dos Enfermeiros de Terra e Mar do Norte de Portugal, *assume-se como o único*

porta-voz da organização profissional de enfermagem portuguesa, e tinha como propósito unir todos os enfermeiros em torno de apenas um órgão associativo, facto que não era muito partilhado pelas diversas estruturas sendo que à época existiam as seguintes (...) *colectividades de classe: Associação de Classe dos Enfermeiros e Pessoal dos Hospitais Cíveis Portugueses; Associação de Classe dos Enfermeiros e Enfermeiras da Zona Sul, Associação de Classe dos Enfermeiros de Ambos os Sexos do Porto, Associação Escolar dos Alunos da Escola Profissional de Enfermagem de Lisboa e Gremio dos Enfermeiros de Terra e Mar do Norte de Portugal (Associação de Classe)* (...) Número 2 Ano 1 *O Enfermeiro Português* de 15 de novembro de 1929 p. 2.

O Enfermeiro Português foi o segundo periódico que se publicou passado o interregno de dois anos sobre a extinção da 1ª Série, do *Arquivo do Enfermeiro*. Assume-se como um órgão continuador dos ideais de união da classe de enfermagem em torno da sua legalização, opondo-se ao exercício profissional por pessoas sem qualquer formação nem situação jurídica que lhe permitissem ocupar esse papel social e profissional.

O grande apelo que é feito aos leitores no sentido de manter acesa a chama viva do periódico e da união da classe é manifestada pelo seguinte excerto (...) *O Enfermeiro Português não se empresta, nem se inutiliza, coleciona-se* (...).

Sem o auxílio da classe «O Enfermeiro Português» não pode cumprir a sua missão p. 2 – *Enfermeiro Português* Ano I nº 3 Porto 30 de novembro de 1929.

A este propósito Marques e Costa (2005) afirmam que este Periódico retomou as mesmas temáticas, que o seu antecessor, *O Arquivo do Enfermeiro* (1ª Série) insistindo sobretudo na necessidade de reformar e uniformizar o ensino profissional e o reconhecimento legal dos diplomas.

A Missão	Descrição Física
A nova revista com a designação de <i>Enfermeiro Português Revista dos Profissionais de Enfermagem e Propaganda do Grémio dos Enfermeiros de Terra e Mar do Norte de Portugal, (Associação de Classe)</i> , que « <i>Nascida do impulso voluntário de meia dúzia de caracteres que, levados pelo desejo de se tornarem úteis à sua classe, se abalançaram a tam grande empresa, «O Enfermeiro Português,» revista dos Profissionais de Enfermagem, pretende preencher uma lacuna existente no nosso meio, adoptando como lemas a defesa das prerrogativas da classe e pugnar pelos interesses colectivos que se apresentam no</i>	Este periódico consta dos Arquivos da Biblioteca Nacional Quanto à descrição física da Revista, o seu formato é semelhante a um jornal diário (37cm), quer nas suas dimensões, quer na apresentação gráfica. É escrito em colunas, com paginação própria, apresenta alguma publicidade relativa a serviços de saúde e a alguns medicamentos. Não apresenta qualquer simbologia ou logótipo que o identifique, nem índice de matérias. O Editorial com a designação de <i>Apresentando</i> do nº1 de 12 de outubro de 1929 faz referência à ausência de quaisquer

A Missão	Descrição Física
<p><i>decorrer da sua carreira.». O Enfermeiro Português</i>, Ano I nº1 Porto 31 de outubro de 1929 (<i>Apresentando...</i>)</p> <p>Embora, sejam escassos os elementos para a caracterização do periódico <i>Arquivo do Enfermeiro</i>, consideramos interessante a opinião expressa por Silva (1929) no seu artigo sob o título “<i>Uma carta significativa</i>”, publicado no Periódico <i>O Enfermeiro Português</i>, Ano I nº 4 31 de dezembro de 1929, comparando os dois Periódicos, considera <i>o Enfermeiro Português é superior ao «Arquivo do Enfermeiro»</i>.</p> <p>O autor aponta como razão para a interrupção prematura da publicação do <i>Arquivo do Enfermeiro</i> a falta de interesse dos leitores (...) <i>infelizmente sucumbiu quando era ainda muito infantil, talvez à falta de ser cuidadosamente amparado por tantos profissionais, que tinham dever de zelar pela sua vida, porque o mesmo se propunha zelar pelos seus interesses</i>.</p> <p>É evidente que o impacto de qualquer revista junto dos leitores é um factor importante para a sua continuidade.</p> <p>Quanto aos seus objetivos e finalidades assume-se como uma (...) <i>Revista dos Profissionais de Enfermagem, pretende preencher uma lacuna existente no nosso meio, adotando como lemas a defesa das prerrogativas da classe pugnar pelos interesses colectivos que se apresentam no decorrer da sua carreira. Tomando lugar na Imprensa associativa (...) Pugnaremos pela classe, procuraremos fazer triunfar as suas reivindicações (...)</i></p> <p><i>Além de tudo isto, combaterá acerrimamente os curandeiros, curiosas, charlatães, etc. estampando os seus feitos nas suas colunas.</i></p>	<p>apoios financeiros, sublinhando o carácter voluntário que envolveu a sua criação.</p> <p>Afirma o editorialista (...) <i>a nossa revista, produto do esforço e boa vontade de reduzidos elementos despida de auxílios estranhos, completamente despida de preconceitos e proselitismo (...)</i></p> <p>A modalidade de assinatura tanto poderia ser anual, como semestral ou trimestral mediante pagamento adiantado.</p> <p>A luta pela legalização da profissão é o tema que transversalmente se encontra em todos os números deste periódico. Faz referência o número 2 de 15 de novembro que se calcula (...) <i>em 4.000 o número de enfermeiros, em Portugal, Ilhas e colónias, englobando civis, exercito e armada. É pois uma força, respeitável e que deve ser respeitada (...)</i></p> <p>Quanto à organização e estrutura dos conteúdos, o periódico apresenta três secções: <i>Higiene, Profilaxia e Medicina</i>, da responsabilidade da Liga Portuguesa de Profilaxia Social, entidade à qual estava associado <i>o Grémio dos Enfermeiros de Terra e Mar do Norte de Portugal</i>.</p> <p>O estilo linguístico utilizado é de incitamento, sendo usado um tom provocatório (...) <i>Enfermeiros de Portugal é tempo de despertardes do sono e ressuscitardes do marasmo e apatia de longos anos. Bandeiras avante e corações ao alto, dizei connosco; Pela classe de enfermagem nacional, ala arriba!</i></p> <p>Nunes, 2003 p. 205 estabelece a relação entre o brado de Karl Marx à classe operária e esta organização sindical (...) <i>Trabalhadores de todo o mundo, uni-vos</i>, o que exemplifica a influência da ideologia veiculada nas páginas da revista de <i>O Enfermeiro Português</i>.</p> <p>A importância desta publicação reside</p>

A Missão	Descrição Física
	essencialmente como veículo de artigos de opinião escritos por enfermeiros portugueses sobre as temáticas de incentivo à união de classe e à denúncia da situação de ilegalidade do exercício profissional, mesmo que seja ainda de características bastante modestas, quanto ao <i>design</i> , conteúdo e tiragem.

No quadro seguinte apresentamos a caracterização da produção escrita identificada no *O Enfermeiro Português* e os resultados obtidos nos restantes periódicos de Propriedade das Associações Sindicais. Observa-se que foram publicados um total de seis números, correspondendo a 24 artigos, sendo apenas 41,6% escritos por enfermeiros portugueses, enquanto se observou 40,4% no total dos periódicos das Associações Sindicais.

Observa-se a tendência da enfermagem masculina (100%), facto que representa uma curiosidade numa profissão dominada pelo género feminino. Quando comparamos os resultados obtidos no total dos periódicos das Associações Sindicais observamos que os autores masculinos representam apenas 38,7%., contra os 61,3% de autoras femininas.

Será que o tipo de periódico (sindical) era à época mais aliciante para publicação para os enfermeiros do que para as enfermeiras?

Será que este fenómeno social é porque somos historicamente um país com uma cultura associativa relacionada com o género masculino?

Todos os artigos foram escritos individualmente por enfermeiros, contudo não apresentavam identificação da área profissional e do local de trabalho, o que de certo modo era muito usual neste tipo de artigos. Situação que ainda atualmente muitas vezes observamos, contrariando as normas de publicação definidas pela quase totalidade dos periódicos que se encontram em circulação.

Quanto à análise de conteúdo dos títulos dos artigos obtivemos apenas duas áreas temáticas Perspectivas e Tendências (**PT**) nove títulos e Formação (**F**) com um título.

Todos os artigos que constituíram a amostra foram categorizados como sendo artigos de **Opinião/Reflexão**, sendo o tipo de artigos característicos destes periódicos e usual à época.

Quadro nº33 – Caracterização da produção escrita identificada em *O Enfermeiro Português*

<i>O Enfermeiro Português</i>	Total Números		Total Artigos		Total Autores Enf's	Sexo	Autoria	Códigos Temáticos	
	Pub.	Enc.	Geral	Enf's				PT	F
	6	6	24	10	10	M	Ind.	9	1
	100 %	100 %	100%	41,6%	100%	100%	100%	90 %	10 %
Total	545	475	1456	588	806	312	453	229	45
% Associações Sindicais	100 %	87,1 %	100%	40,4%	100%	38,7 %	77%	39,0 %	7,6 %

3 – 1931 – 1934 – *A Voz do Enfermeiro* – Propriedade do Sindicato Profissional dos Enfermeiros da Região do Sul

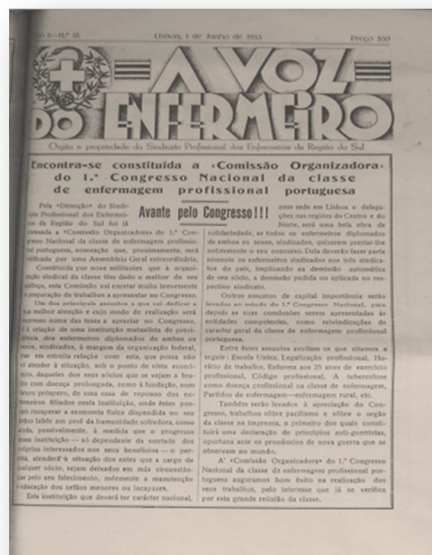
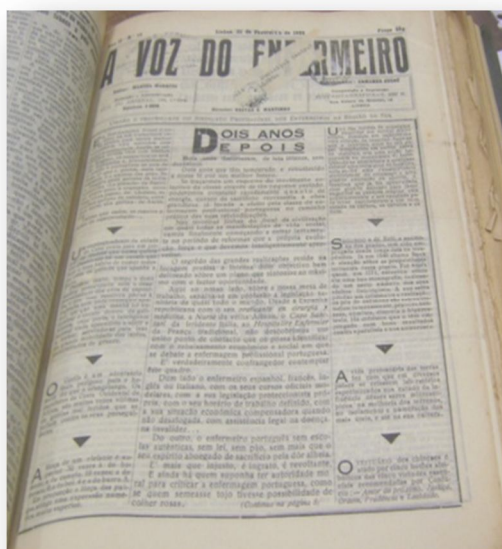


Imagem nº 21 – Digitalização da capa da Revista *A Voz do Enfermeiro* – Propriedade do Sindicato Profissional dos Enfermeiros da Região do Sul

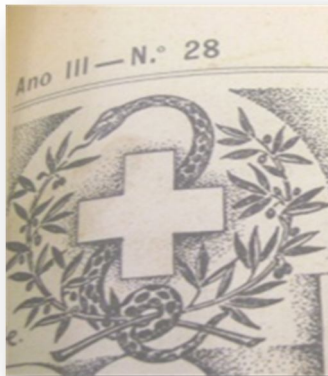
Em 21 de março de 1934 é criado o Sindicato Nacional das Parteiras Portuguesas, em Lisboa, em cuja origem se situam os atuais sindicatos.

Marcolino Gramacho e Maria Augusta Sousa, enfermeiros membros do Sindicato dos Enfermeiros da Zona Sul, aquando das comemorações do 50º Aniversário deste Sindicato (1984) retratavam o ano de 1934, como sendo marcado pela (...) *greve geral do 18 de janeiro a última demonstração de força dos trabalhadores durante a ditadura antes do esmagamento dos Sindicatos* (...). Gramacho (1984)

É o fascismo que neste ano de 1934 impõe implacavelmente, e pelo período de 40 anos, o fim às liberdades de expressão, de associação, e de organização.

- É o fascismo que impõe neste ano de 1934 à custa do sangue e vida de muitos trabalhadores a selagem dos Sindicatos combativos, a abertura dos Sindicatos com todo o aparelho no seu interior capaz de controlar todos os gestos que pudessem ser a manifestação da defesa dos princípios de justiça, igualdade e liberdade Sousa (1984).

É neste ambiente que por ocasião da fundação do Sindicato Profissional dos Enfermeiros da Região do Sul em 1934 foi editado o periódico *A Voz do Enfermeiro*. Este periódico apresenta em relação aos anteriores um maior aprofundamento dos temas profissionais, no entanto continua a lutar pelo reconhecimento profissional, defendendo a formação e reivindicando idênticas condições de trabalho aos seus congéneres estrangeiros.

Missão	Descrição Física
<p>Este periódico apresenta-se com o objetivo de que (...) <i>pugnará pela conquista dos direitos naturais e humanos que nos devem ser conferidos</i> (...) – <i>A Voz do Enfermeiro</i>, Ano I nº1 23 de agosto de 1931 p. 1.</p> <p>Desde os finais do século XIX, com a ação de Florence Nightingale que a formação dos enfermeiros é da responsabilidade das Escolas de Enfermagem (...) <i>a necessidade de aquisição de uma cultura, criar um espírito culto, bem equilibrado, moral e intelectualmente, assumindo à semelhança dos anteriores a continuidade do processo de luta contra o charlatanismo e curandeirismo. «Fogos – Fátuos – A cultura e a Classe de Enfermagem» A Voz do Enfermeiro</i>, nº 18 de 1933 p. 1</p> <p>«Dois anos depois» é o título de um dos artigos publicados no nº 15 de 1933 p. 1 em que o editorialista apresenta a situação social e profissional da enfermagem portuguesa</p>	<p><i>A Voz do Enfermeiro</i> tem características de um jornal com artigos e notícias breves. Apresenta-se escrito a preto e branco, sem índice de matérias.</p>  <p>Na folha principal apresenta um logotipo constituído por uma cruz, e por uma serpente envolvendo um ramo de oliveira, supomos que</p>

comparativamente com a de alguns países europeus, sendo o seu panorama bastante negativo, (...) *é verdadeiramente confrangedor contemplar este quadro. Do lado o enfermeiro espanhol, francês, inglês ou italiano, com os seus cursos oficiais modelares, com a sua legislação protecionista própria, com o seu horário de trabalho definido, com a sua situação económica compensadora quando não desafogada, com assistência legal na doença na invalidez (...)* (...) *Do outro, o enfermeiro português sem escolas autênticas, sem lei, sem pão, sem mais que o seu espírito abnegado de sacrifício pela dor alheia.*

Este periódico interrompeu a sua publicação sendo o último número 28, que já reduzira a sua paginação (...) *Devido a circunstâncias imperiosas este nº de «A Voz do Enfermeiro» é publicado somente em 4 páginas, tal como o anterior, facto este de que estamos certos os nossos estimados assinantes, leitores e amigos nos desculparão.*

se trata da própria simbologia da associação sindical.

Tem uma dimensão de 33 cm, apresentando uma publicidade paga e de conteúdo bastante variado (farmácias, laboratórios, comércio de cafés, calçado e vestuário, entre outros). Muitas das firmas publicitadas ofereciam contrapartidas aos leitores na compra dos seus produtos, mediante a apresentação de *A Voz do Enfermeiro* (Casa dos Lanifícios direito de 10% de desconto sobre os preços marcados nas transacções que ali se dignem efectuar).



O número 15 do Ano 2 de 1933 dá conta da aspiração da União Social Católica para aglutinar este órgão de comunicação social, subentendendo-se não ser esse o desejo dos associados e da direcção da Revista (...) *A União Social Católica procura*

fascinar a classe de enfermagem profissional portuguesa que não se deixa seduzir pelo canto da sereia mau grado os seus capiciosos manejos!

Manteve a sua periodicidade mensal durante os dois primeiros anos, passando a quinzenal a partir da publicação do nº 21, setembro de 1933, tendo suspenso a sua publicação em dezembro do mesmo ano. Uma das características que nos chamou a atenção foi os títulos dos artigos, que consideramos bastante sugestivos marcados por palavras e termos de incentivo à paz, à união da classe e à legalização da profissão.

A transcrição de alguns excertos e títulos exemplificam o que afirmamos: *Para a frente! A guerra* assinado por Alfredo Ferreira Abrantes afirma (...) *A guerra é o maior flagelo da humanidade (...)* *o que nos reservará o futuro? (...)* *Avante, pois, rapazes!...*

(...) *Trabalhai com valentia e 304ujeitos304z, para a supressão da guerra; sede corajosos, para mostrar aos que não querem ver, a luz da Razão. Paz e Liberdade!!!!*

Dos excertos sobressai a preocupação pela solidariedade e pela paz mundial, enquanto os

	<p>títulos que a seguir apresentamos reflectem as preocupações pela situação de ilegalidade do exercício profissional, a inexistência de Escolas de Enfermagem e as difíceis condições sociais e de trabalho a que estavam sujeitos os enfermeiros portugueses.</p> <p>Os títulos: <i>Questões de organização sindical e Cursos de Enfermagem; Regulamentação do exercício da profissão de enfermagem; 1º de Maio Epopeia do Trabalho e da amargura; A voz que brada no deserto; Uma injustiça flagrante; Não somos médicos; Folga sinónimo ridículo.</i></p> <p>As secções ou rubricas que constam da <i>A Voz do Enfermeiro</i> são as seguintes: <i>Um pouco de tudo; A Guerra; Literatura; Olhando o mundo; Cultura Profissional.</i></p> <p>Os artigos são curtos, escritos em três colunas e marcados por um estilo de crítica social e profissional contra alguma classe médica a quem seria muito convenientes as condições de trabalho e do exercício profissional de enfermagem.</p>
--	--

Dos dados apresentados no quadro, indicado abaixo, infere-se que, na primeira linha, dos 28 números publicados apenas foram encontrados 20 (71,4%), os quais totalizaram 112 artigos, sendo apenas 37,5% (42) de autores enfermeiros, todos do sexo masculino. Situação idêntica já encontrada no periódico anterior, constituindo uma exceção no horizonte profissional

Quanto à autoria todos os artigos foram publicados individualmente, o que constitui a regra verificada no conjunto de todos os periódicos.

Apenas 19,4% autores indicaram prestar cuidados nos hospitais nas localidades de Lisboa e de Coimbra (HCL e HUC).

Quadro nº34 - Caracterização da produção escrita identificada no
Periódico *A Voz do Enfermeiro*

<i>A Voz do Enfermeiro</i>	Total Números		Total artigos		Autores Enf's	Sexo	Autoria	Área Profissional
	Pub.	Enc.	Geral	Enf's		M	Ind.	Hos.
	28	20	112	42	42	42	42	8
	100 %	71,4	100%	37,5%	100%	100%	100%	19,4%
Total	545	475	1456	588	806	312	453	286
Associações Sindicais	100	87,1%	100%	40,4%	100%	38,7%	77%	35%

O quadro seguinte representa os Códigos Temáticos encontrados neste periódico, comparativamente com o total das Associações Sindicais, assim observamos que as áreas temáticas encontradas nos títulos mais frequentes foram: **F** (28,6%); **PT** (23,8%); **PP** (14,3%) e com igual percentual **PC**, **E**, **SL** com 9,5% e em último lugar o código **G** com 4,8%.

É interessante constatar que o código **PT** que ocupa o primeiro lugar, nos códigos dos outros periódicos, neste ocupa a segunda posição, de modo, e com exceção deste código, todos os restantes de *A Voz do Enfermeiro* obtiveram percentuais superiores.

Quadro nº 35 - Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos títulos do Periódico *A Voz do Enfermeiro*

Periódicos de	Números		Total Artigos		Códigos Temáticos						
	Pub.	Enc.	Geral	Enf's	F	PT	PP	PC	SL	E	G
<i>A Voz do Enfermeiro</i>	28	20	112	42	12	10	6	4	4	4	2
	100 %	71,4	100%	100%	28,6%	23,8%	14,3%	9,5%	9,5%	9,5%	4,8%
<u>Total % Associações Sindicais de Enfermagem</u>	545	475	1456	588	45	229	30	27	25	14	5
	100	87,1%	100%	100%	7,6%	39,0%	5,1%	4,6%	4,3%	2,3%	0,8%

4 - 1937 – 1943 - *A Enfermeira* - Boletim do Sindicato Nacional Feminino das Enfermeiras do Distrito de Lisboa

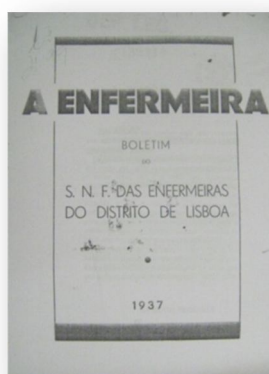


Imagem nº 22 - Digitalização da capa de *A Enfermeira* - Boletim do Sindicato Nacional Feminino das Enfermeiras do Distrito de Lisboa

De certo modo, todos os periódicos de cariz associativo refletem a sua tendência e envolvimento com as ideologias seguidas pelas estruturas associativas, na maioria das vezes representam um veículo informativo servindo os interesses e objetivos propagandísticos das mesmas. Neste sentido, o presente periódico é um bom exemplo do que afirmamos, pois que, a forte ligação e envolvimento do Sindicato e do Boletim à ideologia política à época são uma constante ao longo de todos os exemplares analisados. Recorde-se que a ação da Censura e a limitação dos direitos de liberdade de expressão e de comunicação são entraves a um associativismo livre e a uma imprensa imparcial e justa.

Os excertos retirados dos Editoriais que apresentamos a seguir, são demonstrativos da forte dependência deste periódico aos ideais do Estado Novo e ao regime de Salazar.

Fonseca (2003, p. 29) situa a década de 40 como (...) *o advento do Estado Novo Corporativo e na sequência da sua doutrina de controlo sindical que nos primeiros anos da década de 1940 aparece o Sindicato Nacional dos Profissionais de Enfermagem preenchendo o espaço deixado por outras iniciativas sindicais de enfermagem anteriormente existentes e entretanto extintas e nele integradas como o foi também o Sindicato Nacional das Parteiras Portuguesas.*

Mais tarde e ainda na vigência do mesmo regime o Sindicato viria a fragmentar-se em quatro, sediados respectivamente em Lisboa, Porto; Coimbra e Funchal, todos com a designação de nacional mas com um âmbito de acção regional e congregados numa Federação Nacional dos Sindicatos de Enfermagem. Os quatro sindicatos ostentavam emblemas com o mesmo formato e simbologia, distinguindo-se apenas entre si pela inclusão da designação do distrito em que estavam sediados (...).

Missão

O Editorial da Revista *A Enfermeira Boletim do Sindicato Nacional das Enfermeiras do Distrito de Lisboa* nº1 publicado em 1937, descreve a sua missão, destinando-se não apenas às enfermeiras associadas, mas também a outras enfermeiras que se revejam nos princípios editoriais, conforme podemos constatar pelo seguinte excerto;

(...) A Todas

Este Boletim que aparece hoje pela primeira vez, não é destinado unicamente às nossas sócias efectivas e auxiliares.

É dirigido a todas as enfermeiras portuguesas que estão em união com o nosso pensamento e o nosso ideal, isto é a todas que, desejando ganhar honradamente o seu pão de cada dia aspiram também a cumprir, pondo nela o seu coração, a alta missão que à enfermeira foi confiada. É dirigido àquelas que sabem ter para o doente uma palavra caritativa, para o convalescente um sorriso, para o moribundo uma oração; àquelas que querem ver o uniforme da enfermeira tão respeitado como a farda do soldado, e erguem altivamente a cabeça na paz duma boa consciência e na alegria de levar aos que sofrem um pouco de conforto e consolação.

Da nossa Presidente (...).

O texto é bastante curioso, revelando alguns dos valores profissionais de cariz caritativo-religioso, pelos quais as enfermeiras devem pautar a sua conduta para com os *enfermos* e respeitando o uniforme de trabalho como se tratasse de uma farda militar.

Este Periódico apresenta ainda um carácter singular, não apenas por ser propriedade de um Sindicato Nacional Feminino das Enfermeiras de carácter Regional, mas porque se assume como defensor dos valores pátrios, nacionalistas do Estado Novo.

A assunção política de apoio ao Estado Novo está presente em quase todos os editoriais dos exemplares encontrados, senão vejamos, alguns dos excertos do Resumo do Relatório de 1936, que integram o nº1 da Revista:

(...) Esta publicação assume-se claramente como fiel baluarte do Ideal Nacionalista do Estado Novo,

(...) São 3 pontos de vista sob os quais podemos encarar a actividade da Direcção do SNF das Enfermeiras do Distrito de Lisboa no ano 1936-1937.

1º - Afirmação do seu Ideal Nacionalista dentro do Estado Novo.

2º - Aperfeiçoamento dos seus membros.

3º - Regalias e Benefícios para as suas associadas.

A Direcção e os seus membros do Sindicato Nacional aproveitaram todos os ensejos que se lhe deparam para afirmar bem alto o seu ideal, baseado sobre as leis e directivas do Estado Novo; assim por ocasião do comício anti-comunista a 28 de Agosto (1937), além de assistir a esta manifestação enviaram a sua Ex^a o Snr. Sub-Secretário, de Estado das Corporações, uma mensagem de apoio assinada por 200 enfermeiras.

Os textos revelam a posição anti-comunista assumida não apenas pela Direcção da revista, mas ainda por ação conjunta de um *abaixo-assinado*.

(...) quando do comício anti-comunista do Pôrto fez-se o Sindicato representar por duas das suas associadas (...)

(...) a Direcção do SNF das Enfermeiras do Distrito de Lisboa no ano 1936-1937 pretendeu cumprir sempre e em todas as ocasiões a alta missão que lhe foi confiada para dentro da doutrina do Estado Novo, alcançar sempre mais e melhor das suas associadas e por elas poder actuar e auxiliar a Revolução Nacional para o engrandecimento da Pátria e o bem de todos nós – 14-11-1937

Mais tarde a mesma ideia de filiação patriótica está basatnte presente, mostrando o Sindicato disponibilidade para se fazer representar nas diversas atividades governativas, o que é expresso pelos seguintes excertos: *Não queremos deixar de afirmar na primeira página do nosso Boletim, na nossa inteira e completa adesão ao Estado Novo.*

É muito fraca a nossa voz para dizer toda a gratidão dos portugueses a Salazar e aos seus colaboradores, mas alguma coisa diremos.

Nós, as enfermeiras portuguesas queremos contribuir na medida das nossas forças para o engrandecimento de Portugal, queremos que seja cada dia mais consciencioso o nosso trabalho mais paciente a nossa caridade, mais digna a nossa vida. Se é verdade que uma alma que se eleva, eleva o mundo não será decerto menos verdadeiro que uma profissão que se dignifica enobrece a sua Pátria.

Da nossa Presidente (...).

(...) O Sindicato testemunhou sempre o seu ideal nacionalista dentro do Estado Novo, tomando parte em todas as manifestações para que for convidado (...) p. 5. A Enfermeira nº 4 junho de 1940.

Os elementos que constituem a descrição física deste periódico sintetizam-se do seguinte modo:

Descrição Física
<p>Este Boletim apresenta-se como um documento de linhas muito simples, dactilografado, de assuntos muito genéricos de origem nacional, mas também alguns internacionais, relativos a Enfermagem e a outros assuntos da atualidade à época.</p> <p>Apresenta-se num formato de 22 cm, com capa de fundo branco constituída pela denominação da revista, destacando-se o título a toda a largura da página, escrito em letras maiúsculas, de cor preto de grandes proporções, face aos demais elementos identificadores.</p> <p>Todos os números apresentam o mesmo <i>design</i> de capa.</p> <p>O estilo linguístico utilizado é marcado pela exaltação de amor à Pátria e aos ideais do Estado Novo, sublinha-se que apesar de se assumir comoleal aos ideais do Estado Novo nem por isso deixa de ser sujeito à fiscalização e ação da Censura, como o demonstra a referência em rodapé da chancela de que o periódico foi <i>Visado pela Comissão de Censura</i>.</p> <p>Apresenta algumas secções ou rubricas como <i>Relatório de Contas e Notícias</i> sob várias designações (Diversos, Distracções, Aniversários, entre outros).</p> <p>Não apresenta qualquer tipo de símbolos, de imagens, de esquemas, ou de publicidade.</p> <p>Por vezes, não foi possível identificar os autores dos artigos como enfermeiros.</p> <p>As temáticas, de um modo geral, referem-se às <i>Características da Enfermeira, Enfermeira Ideal</i> e a algumas figuras da Enfermagem Portuguesa, entre as quais <i>S. João de Deus</i>, porém continua a tratar os assuntos anteriores da legalização do exercício profissional.</p>

O assunto da legalização da profissão é acompanhado pela questão do tratamento da enfermeira e da sua identificação profissional por parte de outros profissionais.

Considerámos interessante verificar que nunca é utilizado o termo Enfermeiro, em seu lugar a palavra Enfermeira aparece como forma de designar a profissional de Enfermagem. O seguinte excerto ilustra a situação que referimos «*ENFERMEIRA*» é como «*Doutor*» um título ganho pelo nosso estudo e pelo nosso trabalho e seria muito para desejar que as enfermeiras fossem tratadas por enfermeira seguido do nome de batismo como na Alemanha ou do nome de família como em Inglaterra.

O que não nos parece conveniente é ser a enfermeira tratada por tu pelos médicos e por menina pelas empregadas, assim como não vemos razão para ser chamada enfermeira toda a empregada de consultório que use uma bata branca. Enfermeira Boletim do S. N. F. das Enfermeiras do Distrito de Lisboa nº 7 1943, p. 21

No que respeita a este aspeto verificamos que mais tarde os alunos de enfermagem são chamados a escolher a sua identificação profissional, sendo que muitas escolas adotem como princípio o uso do primeiro nome seguido do apelido, enquanto outras seguem os dois últimos apelidos, ou deixam ainda ao critério de escolha de cada aluno a sua forma de identificação profissional.

Em relação à caracterização sóciodemográfica dos autores, o quadro abaixo indica que estes são, na sua maioria, constituídos por mulheres que escrevem individualmente, não apresentando o local de trabalho.

O género feminino está mais representado, o que não encontramos nos periódicos citados anteriormente, contudo, o título escolhido para designar este periódico é revelador da tendência, muito embora 25% sejam autores masculinos.

Quanto aos códigos temáticos encontrados nos títulos dos artigos, distribuem-se na sua maioria por **PT**, seguido de **FP**, e de **PC** e **Bases Conceptuais (BC)**. Quando comparamos os percentuais encontrados nos periódicos das Associações Sindicais observamos que os autores escolheram em maior percentagem para título dos artigos temáticas relacionadas com aspetos gerais e que foram codificados em **PT**. Um dado relevante é o valor encontrado no código **FP** que é pouco expressivo nos restantes periódicos e que neste em termos percentuais corresponde a 33,4%. Também o código **BC** atinge maior percentagem (8,3%) neste periódico, enquanto se observou 4,1% nos periódicos congéneres.

Quadro nº 36 – Caracterização da produção escrita identificada no Periódico *A Enfermeira*

<i>A Enfermeira</i>	Total Números		Total artigos		Autor es Enf ^{os}	Sexo		Autor ia Ind.	Códigos Temáticos			
	Publ.	Enc	Geral	Enf ^{os}		M	F		PT	FP	PC	BC
	7	7	34	12		3	9		6	4	1	1
	100%	100%	100%	35,3 %	100%	25%	75%	100%	50%	33,4 %	8,3%	8,3%
<u>Total</u>	545	475	1456	588	806	312	494	453	229	35	27	24
<u>% Associações Sindicais</u>	100%	87,1 %	100%	40,4 %	100%	38,7 %	61,3 %	77 %	39,0 %	6,0%	4,6%	4,1%

5 - 1942-1945 - Arquivo do Enfermeiro (IIª Série) – Revista Profissional dos Enfermeiros Portugueses

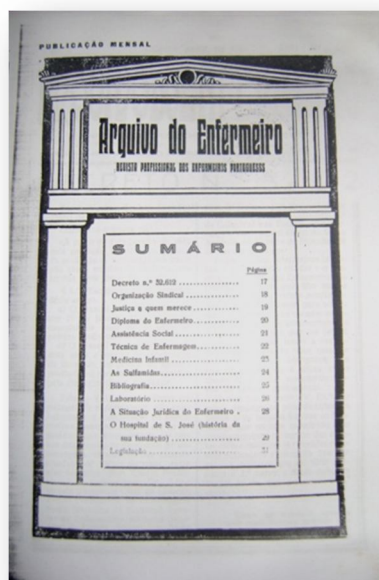


Imagem nº 23 - Digitalização da capa de Arquivo do Enfermeiro (IIª Série) – Revista Profissional dos Enfermeiros Portugueses

Missão	Descrição Física
<p><i>Dirigido pelo Alferes da Cruz Vermelha Portuguesa Domingos Pereira Bento, este «Arquivo» destina-se à expansão de conhecimentos úteis, à cultura e dignificação do enfermeiro moderno, publicado na Rubrica Das Revistas e Jornais em o O Arquivo do Enfermeiro (IIª Série) nº 5 julho de 1943.</i></p>	<p>As matérias constantes neste periódico, em algumas áreas, não são muito diferentes das que foram mencionadas nos anteriores órgãos associativos, de certa maneira elas desenvolvem-se em redor das questões da união de classe e das reformas sobre a assistência social e a organização do ensino.</p> <p>No entanto, aparecem outros assuntos de índole técnica com a inclusão da rubrica <i>Técnica de Enfermagem</i>, bem como vários números dedicados à história da <i>fundação do Hospital de S. José, a secção Aviação Sanitária</i>.</p> <p>A publicação regular de legislação aparece como uma <i>directriz</i> que não encontrámos anteriormente.</p>

	<p>Como características apresenta uma capa onde constam apenas a identificação da Revista e de frontspício e Sumário.</p> <p>Na folha de título consta somente a ficha técnica, não apresentando editorial ou artigo de fundo.</p>
--	--

Os resultados apresentados no quadro abaixo referem-se à caracterização da produção escrita da revista *O Arquivo do Enfermeiro* (IIª Série) e podemos observar que foram encontrados todos os números publicados, perfazendo um total de 95 artigos, sendo apenas 12% de autores enfermeiros portugueses. Quanto ao género 100% dos artigos são de autores masculinos, enquanto no resto dos periódicos de Associações Sindicais na mesma variável se obteve apenas 38,7%. O elevado percentual verificado no género masculino é um traço comum nestes primeiros periódicos sindicais.

À semelhança de outros periódicos os autores não indicaram a área profissional.

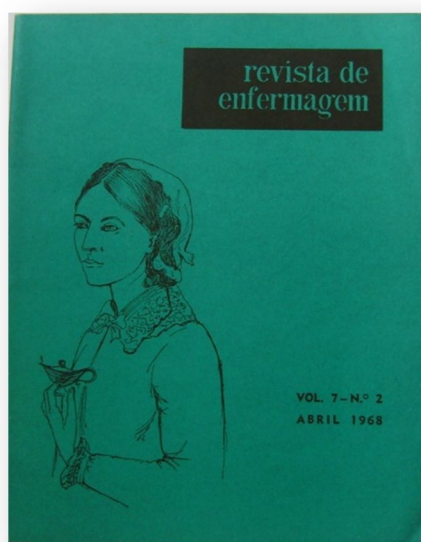
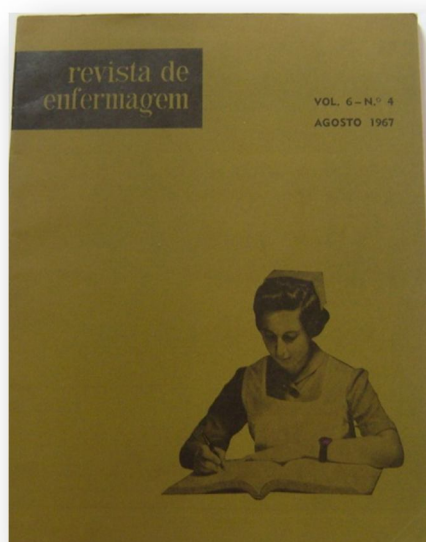
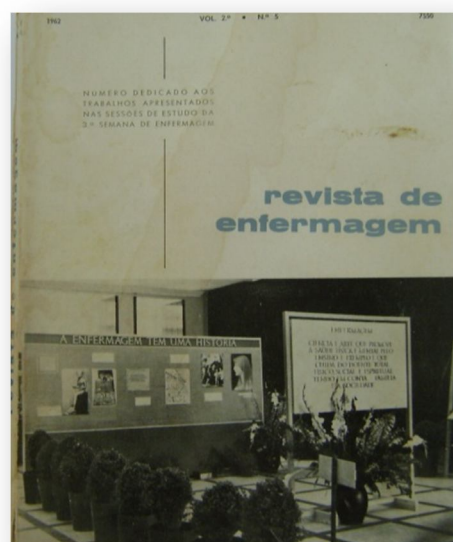
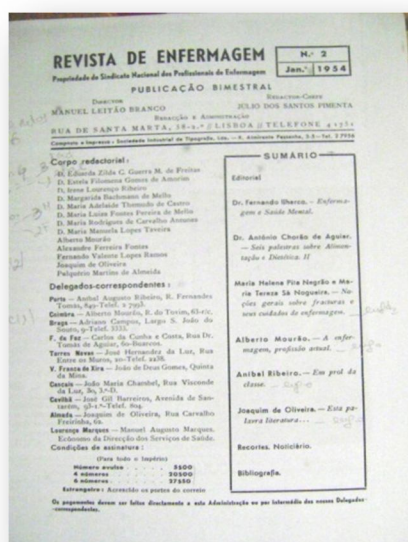
Quanto à autoria todos os artigos foram publicados individualmente, cujas temáticas se inserem no Código Temático de **PT**, por conseguinte correspondendo a um aspeto comum aos restantes periódicos sindicais.

Quadro nº37 – Caracterização da produção escrita identificada no Periódico *Arquivo do Enfermeiro* (IIª Série)

<i>Arquivo do Enfermeiro</i> (IIª Série)	Total Números		Total artigos		Autores Enf's	Sexo	Autoria	Códigos Temáticos
	Pub.	Enc.	Geral	Enf's		M	Ind.	PT
	12	12	95	11		11	11	11
	100%	100%	100%	12%	100%	100%	100%	100%
Total %	545	475	1456	588	806	312	494	229
<u>Associações Sindicais</u>	100%	87,1%	100%	40,4%	100%	38,7 %	61,3%	39,0%

II - Período Transição – 1952 - 1980

1 - 1953 – 1974 - *Revista de Enfermagem*



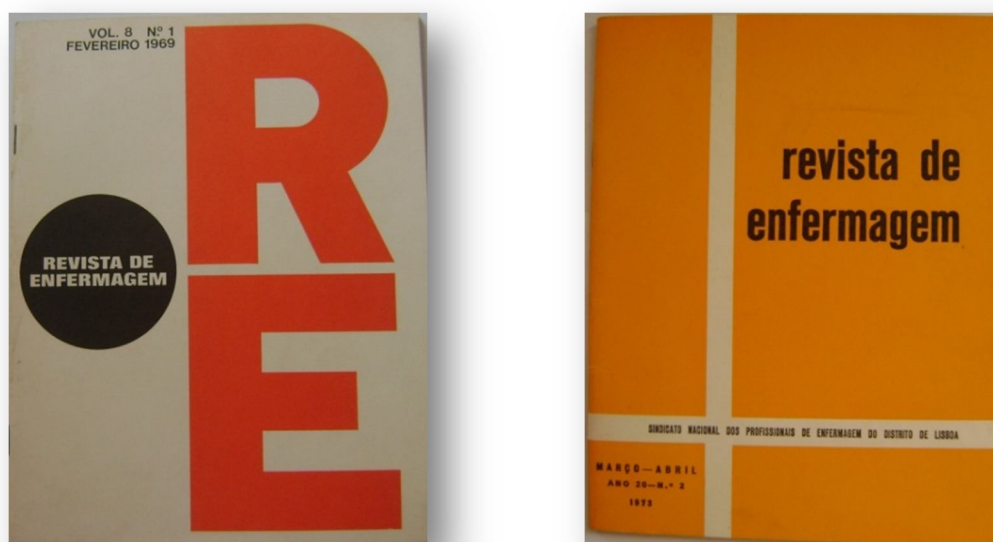


Imagem nº 24 - Digitalização da capa de *Revista de Enfermagem* (1954; 1962; 1967; 1968; 1969, 1973)

A *Revista de Enfermagem* de edição e propriedade do Sindicato Nacional dos Profissionais de Enfermagem foi criada em outubro de 1953 e de entre os anteriores marca uma viragem do ponto de vista da autoria dos artigos, pois que a maioria são de autores portugueses e os temas mais específicos sobre a profissão.

Missão

A *Directriz* (Editorial) da Revista faz referência que a mesma se (...) *destina em especial aos profissionais de Enfermagem e pretende levar, a todos, os impulsos vivificadores que animam uma época, e simultaneamente satisfazer os anseios de quem, tendo abraçado a profissão, se sente desamparado e já falto de fé no seu destino.*

Deve ser desejo unânime que ela consiga os seus fins, quer na difusão de mais e melhores conceitos técnicos e éticos, quer no acolhimento daquelas aspirações que nos hão-de colocar na posição que nos compete, por direito próprio, dentro da sociedade – e tudo para bem da Nação.»
p. 1 *Revista de Enfermagem* nº 1 outubro 1953

Os valores profissionais, como sejam o compromisso de servir bem e de trabalhar para o outro, estão inscritos no lema «*Fazer bem sem olhar a quem*». O seguinte excerto reflete o sentimento patriótico de respeitar o nome de Portugal e, de certa forma, denota a defesa da ideologia dominante.

Para além destes valores também está muito presente o sentimento patriótico de respeitar o nome de Portugal, senão vejamos:

(...) Desde que pugnemos dentro dos princípios orientadores que regem a nossa sociedade, convictos estamos de que com o auxílio do Governo, até agora nunca recusado, da classe médica e de todos, a crise passará e dela sairemos, altivos e dignos, cientes da justiça prestada e prontos a cumprir sempre, mais e melhor, o nosso dever em prol do bem comum, elevando-nos e erguendo

tão alto quanto possível o sagrado nome de Portugal (...) p.1 *Revista de Enfermagem* nº 1 outubro 1953 p. 3

O Professor Dr. Costa-Sacadura (médico parteiro e ginecologista e Diretor da Escola de Enfermagem Artur Ravara) escreve no primeiro número da Revista, um artigo sob o título “*Algumas palavras de Apresentação*”, onde afirma que (...) *Inicia-se hoje a publicação de uma revista com o título Revista de Enfermagem que surge no seguimento de um plano cultural inteligentemente traçado pelo Sindicato (...).*

Refere o mesmo que (...) *a Revista de Enfermagem, elemento precioso e valioso de cultura para o aperfeiçoamento dos profissionais de enfermagem e que muito contribuirá, sob aspectos vários, para aumentar os conhecimentos dos seus leitores e elevar o prestígio da classe»* p. 3, bem como «*por lhe proporcionar a leitura da sua revista que, além de elemento de cultura, será elo de estreita união e amizade entre os elementos de tão prestimosa classe tão intimamente ligada à classe médica»*. p. 4

A publicação da Revista, na opinião deste ilustre catedrático, contava com a (...) *colaboração de médicos e enfermeiros, visando principalmente o aperfeiçoamento do ensino, baseado na selecção dos candidatos, no internato, na especialização, etc.* p. 4

Corrêa (1953)³⁰ escreve no artigo *Revista de Enfermagem (...)* *A existência de um periódico especializado implica a existência dum grupo consciente dos seus interesses e que recorre a essa forma no intento de estreitar as relações entre os diversos membros que o compõem, levantar discussões sobre problemas relacionados e garantir informações actualizadas que a todos aproveitem, traduzindo-se isto por um melhoramento do grupo devido a melhoramento individual dos seus membros (...).* p. 19

A autora refere ainda (...) *A criação dum órgão de intercâmbio entre um grupo de idade comum é, pois, um passo que deixa adivinhar um progresso vincado e seguro. (...)* pp. 19-20 *Revista de Enfermagem* nº 1 outubro 1953.

Está presente o sentido gregário que o periódico procurando o relacionamento entre os enfermeiros para discutir os problemas da classe e complementarmente a atualização de conhecimentos.

No Editorial da *Revista de Enfermagem* do nº 2 de janeiro de 1954 p.1 afirma-se a propósito do êxito que obteve o nº1 (...) *que os nossos intuitos foram bem compreendidos e serão eficazmente secundados por todos aqueles que estão connosco nesta tarefa de elevação e engrandecimento de uma Classe.*

Revista de Enfermagem será doravante uma unidade cultural no campo da imprensa especializada Nós mantê-la-emos precisamente com esse objecto definido, e ainda em virtude de três razões fundamentais: a primeira – porque se impõe a obrigação moral de a manter, mesmo contra o pessimismo, o desalento ou a incompreensão daqueles que ignoram o próprio prestígio da sua profissão; a segunda – porque teremos reais possibilidades de o fazer, especialmente com a ajuda de todos os bem-intencionados; e a terceira, finalmente – porque a maioria dos nossos colegas assim o exige por ter chegado à conclusão de que era esta, afinal a revista que realmente faltava para servir de campo de debate dos inúmeros problemas que se torna mister trazer a lume, ser intérprete fiel das dificuldades que muitos colegas estão ainda experimentando e se tornar o porta-voz seguro das suas mais justas aspirações profissionais.

³⁰ Beatriz de Mello Corrêa - enfermeira graduada, com um curso especializado de Educação de Enfermagem, tirado num Colégio de Nova Iorque, Subdiretora da Escola Técnica de Enfermagem do Instituto Português de Oncologia

A descrição física da capa relativa ao primeiro número do periódico é apresentada por Nunes (2003) como podemos observar no seguinte excerto.

Descrição Física
<p>A capa do primeiro número da Revista é constituída por «duas metades – a metade superior com a identificação do título e a metade inferior com uma cruz sobre a qual está um círculo que contém no interior uma lâmpada e o escudo nacional. A separar as duas metades da capa, estão as linhas de uma representação gráfica da Terra. A cor de fundo é o branco (representação da Terra e das cinco quinas), o amarelo (da lâmpada) e o azul claro (do escudo que contém as cinco quinas). A cruz tem um traço exterior castanho e um interior, a amarelo. O fundo do círculo é sempre da cor da capa». Nunes, (2003, p. 209).</p> <p>A revista foi adotando ao longo da sua circulação vários formatos, alguns dos quais representados pelas imagens das capas (Imagem nº 24).</p>

Os resultados do quadro seguinte demonstram a caracterização da produção escrita na *Revista de Enfermagem* comparativamente com os obtidos nos periódicos das Associações Sindicais, assim, observa-se que foram identificados todos os números publicados, onde se publicaram 439 artigos na generalidade, dos quais 132 são de autores enfermeiros.

Dos 148 autores, 72,3% são masculinos, Este resultado revela a tendência anterior já encontrada nos periódicos anteriores. Contudo, o percentual obtido é quase o dobro do encontrado nos restantes

No que respeita à autoria mantém-se a tendência de publicação individual, quanto à área profissional foram os professores de enfermagem os autores que mais artigos publicaram, seguindo-se os que trabalham no Hospital.

As Escolas mais referenciadas foram as Escolas de Enfermagem Artur Ravara e ETE, enquanto os Hospitais foram os Hospitais da Universidade de Coimbra.

Quanto aos enfermeiros que trabalham em Instituições privadas ou particulares, este periódico obteve uma percentagem superior ao verificado nos CS, concorrendo para isso os autores que trabalhavam na Stª Casa da Misericórdia de Lisboa.

Quadro nº 38 – Caracterização da produção escrita identificada no Periódico *Revista de Enfermagem*

<i>Revista de Enfermagem</i>	Total Números		Total Artigos		Autor es Enf's	Sexo		Autoria		Área Profissional			
	Pub	Enc	Geral	Enf's		M	F	Ind.	Outro	Esc.	Hosp	Out ins	CS
	81	81	439	132	148	107	41	125	7	37	27	7	4
	100 %	100%	100 %	30%	100%	72,3 %	27,7 %	94,6 %	5,4%	25 %	18,2 %	4,7 %	2,7 %
Total	545	475	1456	588	806	312	494	453	129	98	286	16	73
Total % Associações Sindicais	100 %	87,1 %	100 %	40,4 %	100%	38,7 %	61,3 %	77 %	22 %	12 %	35%	2%	9%

O quadro abaixo indicado representa a distribuição dos Códigos Temáticos atribuídos aos títulos dos artigos, assim, podemos observar que do total 90% foram codificados em **PT**, os outros códigos apresentam valores pouco significativos.

O código **PT** é o que apresenta maior percentagem em quase todos os periódicos.

Quadro nº 39 – Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos títulos do Periódico *Revista de Enfermagem*

<i>Revista de Enfermagem</i>	Total Números		Total Artigos		Códigos Temáticos								
	Pu b.	En c.	Ge ral	En f's	PT	PC	F	FP	PP	E	G	I	SL
	81	81	439	132	118	3	2	2	2	2	1	1	1
	100 %	100 %	100 %	30 %	90 %	2,3 %	1,4 %	1,4 %	1,4 %	1,4 %	0,7 %	0,7 %	0,7 %
Total	545	475	1456	588	229	27	45	35	30	14	5	21	25
Total % Associações Sindicais	100 %	87,1 %	100 %	40,4 %	39,0 %	4,6 %	7,6 %	6,0 %	5,1 %	2,3 %	0,8 %	3,6 %	4,3 %

2 - 1954 - 200... - *Ecos da Enfermagem*

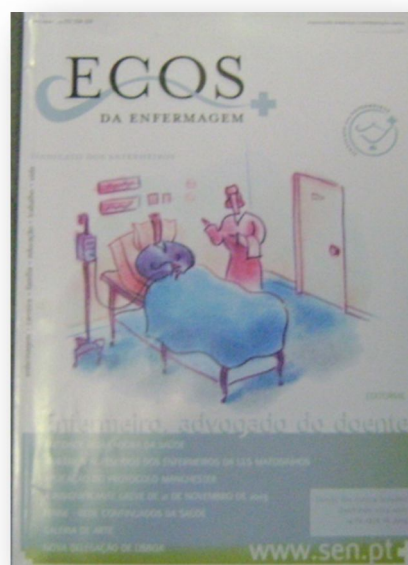
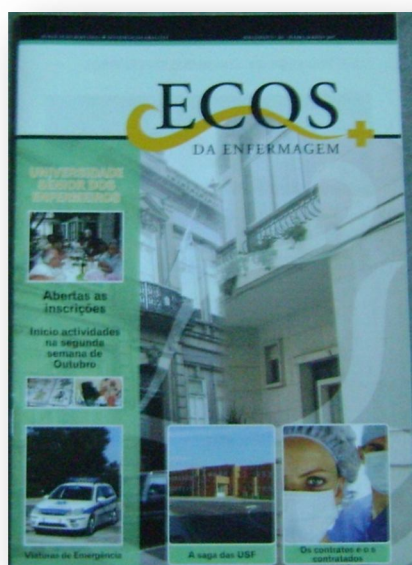
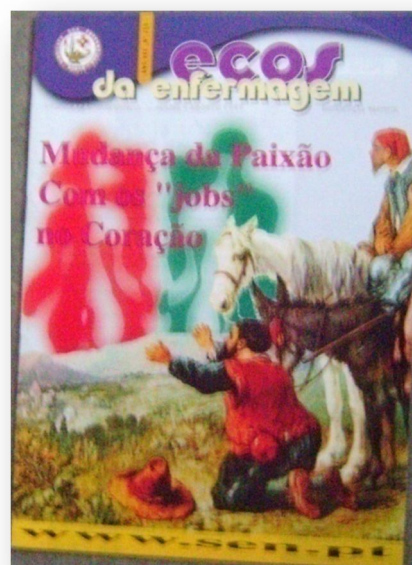


Imagem nº 25 - Digitalização da capa de *Ecos da Enfermagem* (Décadas de 80, 90 e 2000)

O periódico *Ecos da Enfermagem* é um órgão da propriedade do Sindicato dos Enfermeiros, com sede no Porto, representando o mais antigo periódico de raiz sindical e o segundo mais antigo que conseguiu chegar até nós.

O periódico foi publicado em duas séries. A primeira série corresponde à primeira fase de publicação desde a sua criação de 1954 até 1965 e a segunda ao período após o reinício da nova edição de 1981 até à actualidade.

Carvalho (1984, p. 5) releva entre as diversas atividades do Sindicato a publicação deste (...) *periódico pelo papel de informação de todos nós acerca da legislação específica sob a qual nos orientamos profissionalmente é, a todos os títulos, meritório. Como elo de ligação entre a direcção do Sindicato e os seus associados é, de facto, apreciável.*

Este veículo de comunicação principiou a publicar-se em Agosto de 1954 e foi de tiragem regular mensal até Setembro de 1964. (...)

No seu percurso encontrámos algumas dificuldades e constrangimentos, que são comentados por Carvalho (1984, p. 5) e por Azevedo (2006, p. 23) (...) do seguinte modo: (...) *Nesta altura por razões de ordem financeira, por um lado, e talvez por falta de colaboradores houve necessidade de suspender a sua publicação.* Carvalho (1984, p. 5).

(...) *O Boletim do nosso Sindicato «Ecos de Enfermagem», interrompeu a sua publicação em 1965, (e retomou-a em 1981 com a publicação do Decreto-Lei 305/81, de 12 de Novembro, que publicou a, então nova carreira, construída essencialmente, no nosso Sindicato), por falta de condições, entre as quais destacamos: a verba e o verbo. Na emergência, em seu lugar, o Presidente da MAG (Mesa da Assembleia Geral) ia colaborando com a Direcção, nomeadamente na produção dum “boletim informativo” mensal que era mandado aos sócios, pelo correio. Vinha longe o hábito da distribuição pelos locais de trabalho. Eram extraídos de um policopiador, ora mecânico, ora manual, consoante o estado de “alma” da máquina.* Azevedo (2006, p. 23).

Na continuidade dos esforços desenvolvidos para manter em circulação este periódico, Carvalho (1984, p. 5) dá conta de que (...) *cumprindo um dos pontos do seu programa de candidatura, a Direcção eleita para o triénio de 1981/1983 fez sair o primeiro número da nova série e Novembro/Dezembro de 1981, o qual vem sendo publicado com a regularidade trimestral, salvo um recente atraso motivado por problemas relacionados com o seu registo na Direcção – Geral de Comunicação Social.*

Missão	Descrição Física
<p>Assume-se como um órgão de comunicação de tendência sindical, visando dar a conhecer aos enfermeiros a legislação e assuntos profissionais sobre o seu interesse.</p> <p>O <i>Intróito</i> do livro <i>Ecos de Enfermagem 200 Edições – 1981-1997</i> da edição do Sindicato dos Enfermeiros do Norte apresenta como missão do novo período de edição da Revista</p> <div data-bbox="228 683 550 1153">  </div> <p>(...) <i>Como culminava um período da nova era da Enfermagem, no Portugal de Abril, entendendo-se ter chegado a hora de instituir um veículo estável, que levasse aos Enfermeiros uma informação pertinente, mas já parcialmente sedimentada. Não foi preciso, porque ele já existia: Eco da Enfermagem era seu título. Bastava reeditá-lo. SEN (1997) p. 6</i></p> <p>Os 200 editoriais publicados nesta obra tendem a satisfazer a necessidade dos leitores por duas ordens de razões, uma de análise comparativa entre o conteúdo e a realidade da profissão e a outra mais vasta no sentido de estabelecer a comparação entre a história do passado profissional e a história recente nos últimos 20 anos.</p> <p>(...) <i>200 Editoriais são um número significativo para se poder encontrar o fio condutor da nossa acção; do que pensamos e do que disso concretizámos.</i></p> <p>(...) <i>tal como nos Ecos de Enfermagem nos serviu para fazer a ponte entre os que nos antecederam e o presente, também os editoriais podem servir de base àqueles que partem de um ponto e querem chegar a outro. (...) SEN (1997) p. 6.</i></p> <p>O Editorial nº 121 do Ano XIV de novembro/dezembro 1981 inicia pela questão de (...)</p>	<p>A revista <i>Ecos da Enfermagem</i> associativa de maior longevidade, tem ao longo dos 50 anos mudado de formato e de designer.</p> <p>Os números encontrados como mais antigos apresentam um formato de jornal com 48 cm, escrito em colunas, com publicidade variada.</p> <p>Após o 25 de abril de 1974, a publicação apresenta um formato de 30 cm, num conjunto de folhas soltas numeradas.</p> <p>No título destaca-se o símbolo do Sindicato dos Enfermeiros da Zona Norte, de forma oval, com uma cruz ao centro, com incrustação da lamparina encimada pelo escudo e as quinas.</p> <p>A partir da década de 90 a simbologia adquiriu novo designer com sobreposição da lamparina, sobre a torre dos Clérigos e a cruz com o escudo e as quinas no centro.</p> <p>O periódico, apresenta como rubricas fixas: <i>Editorial, Legislação, Actividade Sindical e Actividades Profissionais</i>. Os artigos são breves, mais de carácter opinativo, que técnico ou científico. As temáticas estão relacionadas com legislação e informação sobre a atividade sindical. Destaca-se a transcrição de legislação seguida por vezes de forma comentada.</p> <p>Os temas que versam os primeiros números continuavam a seguir a mesma linha editorial dos periódicos anteriores, marcados pelo apelo à união de classe e contra o charlatanismo.</p> <p>Quanto ao designer da revista apresenta um aspeto bastante melhorado do ponto de vista gráfico e de organização das matérias. A capa, a impressão em cor, imagens e alguma publicidade, demarcaram a diferença do novo registo, sobre as anteriores.</p> <p>No que se refere aos conteúdos, o novo formato da revista apresenta maior diversidade e aprofundamento de artigos de âmbito técnico e científico.</p> <p>Destaca-se a publicação em livro das 200 edições do periódico – <i>Ecos da Enfermagem 200 edições – 1981-1997</i>.</p>

<p><i>Porquê o ressurgir do ECOS DA ENFERMAGEM?</i></p> <p><i>Necessidades e promessas são a base desse ressurgimento.</i></p> <p><i>Necessidades que a Direcção sente de informar resultante da satisfação que os sócios manifestam de serem informados.</i></p> <p><i>Daí surgiu a promessa da reedição do ECOS DA ENFERMAGEM, cuja concretização se inicia.</i></p> <p><i>A falta de um veículo de informação próprio do Sindicato deixa os Associados expostos ao boato e na situação de desconhecedores de muitos assuntos de interesse pessoal e/ou geral da Classe.</i></p> <p><i>Mas se a informação é importante para que os Associados se mantenham permanentemente em contacto com a realidade sindical, consideramos igualmente primordial incluir outras rubricas, de índole informativa e até recreativa.</i></p>	
---	--

Quanto à caracterização dos artigos, o quadro seguinte revela que foram encontrados 229 números (86%) dos 267 publicados. Contudo, esta diferença percentual é das maiores entre os periódicos do género sindical, situação que se poderá justificar pelo facto de ser um dos periódicos de distribuição gratuita, ser dos mais antigos que se publica, e, ainda, o caso dos seus associados se concentrarem na região Norte. Por conseguinte, completar as colecções foi um trabalho infrutífero, mesmo após as várias *démarches* desenvolvidas para o conseguir.

Relativamente à percentagem de artigos de autoria dos enfermeiros, obteve-se 78%, contra 40,4% identificado nos restantes periódicos.

O género feminino neste periódico reuniu 78,4%, enquanto nos restantes periódicos a percentagem ficou pelos 6,3%.

Os autores de *Ecos da Enfermagem* publicaram em maior percentagem em coautoria, seguido muito de perto dos valores obtidos pelos autores que o fizeram individualmente. Dos 64% dos autores que identificaram a área profissional, 44,4% indicaram o Hospital, seguindo-se o CS com 17%, enquanto os valores obtidos na modalidade de Escolas e outras instituições foram pouco significativos.

O local de trabalho dos autores que obteve maior percentagem foi o Hospital de S. João no Porto e os CS da região do Grande Porto. Embora, o Periódico tenha uma cobertura em

todo o território nacional, no entanto a proximidade geográfica, constitui um dos factores de maior atratividade para os autores/enfermeiros da região Norte e sobretudo do grande Porto.

Quadro nº 40 – Caracterização da produção escrita identificada no Periódico *Ecos da Enfermagem*

<i>Ecos da Enfermagem</i>	Total Números		Total Artigos		Autor es Enf's	Sexo		Autoria			Área Profissional			
	Pub .	Enc.	Ger al	Enfº s		M	F	Ind .	Out.	Et al ou	Hos p	CS	Esc	Out inst
	267	229	181	141	241	52	189	69	70	2	107	41	5	1
	100 %	86%	100 %	78%	100%	21,6 %	78,4 %	49 %	49,6 %	1,4 %	44,4 %	17 %	2%	0,4 %
<u>Total %</u>	545	475	145 6	588	806	312	494	453	129	6	286	73	98	16
<u>Associações Sindicais</u>	100 %	87,1 %	100 %	40,4 %	100%	38,7 %	61,3 %	77 %	22 %	1%	35%	9%	12 %	2%

O quadro seguinte retrata a distribuição códigos dos títulos dos artigos codificados, na *Revista Ecos da Enfermagem* e no total das outras das Associações Sindicais. Observou-se que este periódico apresentou títulos que foram codificados em todos os códigos identificados no conjunto de todos os periódicos.

O facto de se tratar do periódico de natureza sindical há mais tempo em circulação, e a versatilidade dos seus artigos teve repercussões ao nível das categorias dos códigos, resultando percentagens maiores em códigos que não têm sido muito comuns nos periódicos anteriores, como é o caso dos códigos **SD** com 44%, **FP** 14,9%, **I** 12,8% e **PT** 7,8%. Nos restantes periódicos a maior percentagem observou-se no código **PT** com 38,9%, seguido de **SD** com 22,6%.

Quadro nº41 – Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos títulos do Periódico
Ecos da Enfermagem

Ecos da Enfermagem	Números		Total Artigos		Códigos Temáticos										
	Pub .	Enc .	Ger al	Enf °s	SD	FP	I	PT	PC	F	PP	BC	SL	G	E
	267	229	181	141	62	21	18	11	8	6	5	4	3	2	1
	100 %	86 %	100 %	78 %	44 %	14,9 %	12,8 %	7,8 %	5,8 %	4,2 %	3,5 %	2,8 %	2,1 %	1,4 %	0,7 %
<u>Total %</u> <u>Associações Sindicais</u>	545	475	145 6	588	133	35	21	229	27	45	30	24	25	5	14
	100 %	87,1 %	100 %	40,4 %	22,6 %	6%	3,5 %	38,9 %	4,6 %	7,7 %	5%	4,1 %	4,3 %	0,9 %	2,4 %

4 - 1980 – 1991 - Boletim Sindical dos Enfermeiros Zona Sul e Região Autónoma dos Açores



Imagem nº 26 - Digitalização da capa de *Boletim Sindical dos Enfermeiros Zona Sul e Região Autónoma dos Açores (1980 e 1989)*

O Sindicato dos Enfermeiros da Zona Sul sucessor do Sindicato dos Enfermeiros da Região Sul criado em 21 de março de 1934, edita na década de 80 o Boletim Sindical, que se mantém em circulação até 1991.

Embora a associação sindical tenha assumido várias designações - Sindicato dos Enfermeiros da Zona Sul (1980); Sindicato dos Enfermeiros da Zona Sul e Região Autónoma dos Açores (1987); Sindicato dos Enfermeiros Portugueses (1988), este periódico manteve-se fiel à linha editorial desta estrutura sindical.

Missão	Descrição Física
<p>O Sindicato dos Enfermeiros Zona Sul e Região Autónoma esteve situado em Lisboa, na Praça Marquês de Pombal, foi o editor responsável pela difusão do <i>Boletim Sindical</i>.</p> <p>A sua missão tem como propósito manter os seus associados informados, contribuindo para a sua formação e melhorar a coesão e o espírito de classe.</p> <p>Refere o nº 2/80 publicado em março de 1980 que este seria enviado a <i>todos os sócios, pretende ser um veículo para essa informação. E, ainda mais, pretende ser um local privilegiado para o estabelecimento do diálogo entre os enfermeiros...É importante que se troquem experiências. Para isso é indispensável que nos encontremos, por meio do Boletim ou em grupos de trabalho....</i>p. 1</p>	<p>É caracterizado por linhas muito simples, escrito em colunas, com algumas imagens a preto e branco.</p> <p>A simbologia impressa no título é representada por uma cruz, com a lamparina dentro de um círculo inscrito ao centro.</p> <p>Trata-se de uma publicação em formato 30x21cm organizada por rubricas às quais as questões sindicais ocupam o maior espaço editorial.</p> <p><i>Opinião e Temas Técnico-Profissionais</i> são espaços destinados aos temas em que os autores refletem assuntos relacionados com a profissão, enquanto a <i>História do Sindicalismo em Portugal</i>, de autoria da direção do Sindicato, constituíram a rubrica de maior destaque, pretendendo-se com a mesma <i>eleva a formação da consciência de classe das massas trabalhadoras</i>, 28 de março de 1980 p. 11.</p> <p>Os artigos selecionados para análise de conteúdo são provenientes das rubricas <i>Opinião e Temas Técnicos-Profissionais</i> alguns dos quais reportam-se o Estatuto Profissional do Enfermeiro.</p>

O primeiro quadro indica os dados relacionados com o BSEZSRA e com o total das Revistas Sindicais.

O número de exemplares encontrado no BSEZSRA foi de 78%., sendo que todos os artigos encontrados (42) foram de autoria de 59 enfermeiros portugueses, dos quais 89,9% são

mulheres. Este fenómeno relacionado com o género dos autores constitui uma excepção face aos resultados dos primeiros periódicos, contudo, são uma característica transversal presente quase em todos os periódicos, que tem a ver com percurso histórico da enfermagem, o qual temos vindo a desenvolver por diversas vezes.

Outros resultados observados e idênticos aos anteriores é o facto de a maioria dos autores publicarem individualmente e indicarem em maior percentagem, o Hospital e as Escolas de Enfermagem, como as suas áreas de trabalho.

Quadro nº 42- Caracterização da produção escrita identificada no Periódico *Boletim Sindical dos Enfermeiros da Zona Sul e Região Autónoma dos Açores* (BSEZSRAA)

BSEZSRAA	Total Números		Total Artigos		Autor es Enf ^{os}	Sexo		Autoria		Área Profissional			
	Pub.	Enc.	Ger al	Enf ^{os}		M	F	Ind .	Outr o	Hosp	Esc.	Out inst	CS
	60	47	42	42	59	6	53	34	8	16	11	8	5
	100 %	78%	100 %	100 %	100%	10,1 %	89,9 %	81 %	19%	27,1 %	18,6 %	13,5 %	8,4 %
Total %	545	475	1456	588	806	312	494	453	129	286	98	16	73
Associação s Sindicais	100 %	87,1 %	100 %	40,4 %	100%	38,7 %	61,3 %	77 %	22%	35%	12%	2%	9%

Quanto ao segundo quadro, está representada a distribuição das áreas temáticas codificadas nos títulos dos artigos, situando-se em maior percentagem o código **Perspectivas e Tendências** com 24 títulos, correspondendo a 57% do total dos artigos; **Formação e Saúde Laboral** com 12 e 9,9% respetivamente. Comparativamente com as percentagens verificadas nos outros periódicos as posições são as mesmas relativamente aos códigos **PT** e **F**, enquanto na terceira posição está o código **FP**.

Quadro nº 43 – Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos títulos do Periódico *Boletim Sindical dos Enfermeiros da Zona Sul e Região Autónoma*

BSEZS RAA	Números		Artigos		Códigos Temáticos						
	Pub.	Enc.	Geral	Enf's	PT	F	SL	BC	I	E	FP
	60	47	42	42	24	5	4	3	2	2	2
	100%	78%	100%	100%	57%	12%	9,9%	7%	4,7%	4,7%	4,7%
Total	545	475	1456	588	229	45	25	24	21	14	35
% Associações Sindicais	100%	87,1%	100%	40,4%	38,9%	7,7%	4,3%	4,1%	3,5%	2,4%	6%

III - Período Consolidação – 1985 - 2009

4 - 1991 – 200... - *Enfermagem em Foco*



Imagem nº 27 - Digitalização da capa de *Enfermagem em Foco* (décadas de 90/2000)

A *Enfermagem em Foco* é a Revista do Sindicato dos Enfermeiros Portugueses, tendo sido criada em 1991, trata-se portanto, do periódico de publicação mais recente de natureza sindical, por esse facto marca a diferença sobre os anteriores no que diz respeito ao volume e qualidade de artigos de opinião, reflexão e técnico-científicos.

Missão	Descrição Física
<p><i>Enfermagem em Foco</i> atualmente caracteriza-se por ser um periódico de carácter sindical de âmbito nacional.</p> <p>O Editorial e uma carta dirigida pela Direção do SEP publicados no nº 58 Ano XIV janeiro/março de 2005, transmitem as alterações na publicação e imagem da revista <i>Enfermagem em Foco</i>, assim reafirma-se que a mesma (...) <i>é o meio de informação privilegiado entre a Direcção do Sindicato dos Enfermeiros Portugueses e os sócios.</i></p> <p><i>Ao longo dos tempos a nossa revista tem vindo a conquistar um espaço na comunidade de enfermagem, que devemos valorizar. (...).</i></p>	<p>A revista ao longo do tempo tem registado alterações quanto à disposição das matérias, todavia as de carácter sindical ocupam o maior espaço informativo.</p> <p>O nº 58 de janeiro/março de 2005 aponta as razões de essas mudanças que transcrevemos a seguir.</p> <p><i>(...) Ao longo de 13 anos e 57 números, a «Enfermagem em Foco» tem sido uma companhia assídua dos sócios do SEP, em particular e dos enfermeiros em geral. Tentando acompanhar os tempos, as diferentes Direcções do SEP têm tido a preocupação de tentar encontrar as melhores formas de tornar este órgão de informação o mais atractivo possível, dentro dos condicionalismos de ser uma revista periódica (trimestral) e tendo em os custos globais (gráfica e correios). (...).</i></p> <p><i>(...) pode ser considerada «publicação periódica» ao invés de «correio editorial», resultando daí uma substancial diminuição nos custos do correio.</i></p> <p><i>(...) Um dos novos requisitos impostos nesta «nova formatação» é que o número de revistas/ano passe dos habituais 4 números para 5 e, o outro, é a existência de um preço de capa, ainda que a «Enfermagem em Foco» continue a ser de distribuição gratuita aos sócios do Sindicato dos Enfermeiros Portugueses. (...)</i></p> <p><i>(...) A revista «Enfermagem em Foco» passa a ter uma nova imagem, um novo grafismo. (...).</i></p> <p><i>A revista «Enfermagem em Foco» determina um novo ciclo na vida do Sindicato.</i></p> <p>Apresenta-se num formato 30x21cm com as seguintes rubricas: <i>Editorial; Em destaque; Acção Sindical; Regiões; A Lei em Questão; Espaço de Autor; Reflexão; Técnico-Científico: Em Foco... na Net; Dito e Escrito; Tome nota e E Ainda...</i></p> <p>De acordo com os critérios definidos para a análise dos artigos, foram selecionados os que constavam das rubricas <i>Espaço de Autor</i>, de <i>Reflexão</i> e <i>Técnico-Científico</i>.</p> <p>A revista não apresenta as normas de publicação, contudo na ficha técnica é descrito que os trabalhos publicados no «<i>Espaço de Autor</i>» são</p>

	<p>submetidos à apreciação de uma Comissão Científica e independente, segundo critérios estabelecidos.</p> <p>Quanto ao designer da capa da revista é bastante diferenciada ao longo do tempo, variando de número para número.</p> <p>A disposição dos elementos comuns tem se mantido ao longo do tempo como por exemplo o título que consta no cabeçalho escrito em letra de cor preta, seguido da designação do Sindicato.</p> <p>Na parte inferior figuram alguns títulos que integram o Sumário, bem como o ano, a data e o número.</p> <p>Os artigos são acompanhados por imagens, esquemas e figuras, algumas caricaturadas, que tornam a leitura bastante mais sugestiva.</p>
--	---

Os resultados da análise do periódico *Enfermagem em Foco* indicam que apenas não foi possível identificar um número, desconhecemos se o mesmo foi publicado ou não.

Relativamente ao total dos artigos recenseados apenas 37,4% são de autores enfermeiros.

Dos 283 autores enfermeiros a maior percentagem é de enfermeiras com um valor de 71,3%, valor superior ao verificado no total das Associações Sindicais.

Os dados revelam ainda que a autoria individual e a de coautoria são as mais significativas, sendo que os valores obtidos neste periódico e nos restantes são bastante próximos.

No que respeita à área profissional dos autores o Hospital e as Escolas de Enfermagem são os locais de trabalho onde se registaram os valores mais elevados.

O IPO de Lisboa foi a instituição hospitalar que maior valor obteve.

Quanto às Escolas de Enfermagem a Escola de S. Vicente de Paulo e Pós-Básica de Lisboa foram as que concorreram com os os maiores valores.

O Centro de Saúde de Oeiras foi de entre as Outras Instituições o local de trabalho de origem da maioria dos autores.

Quadro nº 44 – Caracterização da produção escrita identificada no Periódico *Enfermagem em Foco*

<i>Enfermagem em Foco</i>	Total Números		Total Artigos		Autores Enf's	Sexo		Autoria			Área Profissional		
	Pub.	Enc.	Geral	Enf's		M	F	Ind.	Outro	Etal ou	Hos	Esc	CS
	74	73	529	198	283	81	202	150	44	4	129	45	23
	100 %	98,6 %	100 %	37,4 %	100%	28,7 %	71,3 %	75,8 %	22,2 %	2 %	46 %	16 %	8 %
Total	545	475	1456	588	806	312	494	453	129	6	286	98	73
% Associações Sindicais	100 %	87,1 %	100 %	40,4 %	100%	38,7 %	61,3 %	77 %	22%	1 %	35 %	12 %	9 %

Os códigos temáticos mais encontrados nos títulos dos artigos do periódico *Enfermagem em Foco* foram **SD** com 36%, **PT** com 22% e **F** com **9,5%**.

Quando se comparam os percentuais obtidos nos artigos deste periódico com os restantes verifica-se que foram superiores nos códigos **PT**, **PC** e **E**, enquanto em todos os outros se observam valores superiores.

Os dados revelam que embora seja um tipo de periódico com maior vocação para matérias sindicais, como é natural, todavia reserva um espaço alargado para a publicação de outras matérias mais relacionadas com a prática, a formação e sobretudo as questões relacionadas com doenças ou acidentes de trabalho na enfermagem e ou formas de prevenção.

Quadro nº45 – Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos títulos do Periódico *Enfermagem em Foco*

<i>Enfermagem em Foco</i>	Números		Total Artigos		Códigos Temáticos								
	Pub.	Enc.	Geral	Enf's	SD	PT	F	PP	BC	SL	PC	FP	E
	74	73	529	198	71	40	19	17	16	13	11	6	5
	100 %	98,6 %	100 %	100%	36%	20%	9,5 %	9 %	8 %	6,5 %	6 %	3 %	2 %
Total	545	475	1456	588	133	229	45	30	24	25	27	35	14
% Associações Sindicais	100 %	87,1 %	100 %	40,4 %	22,6 %	38,9 %	7,7%	5%	5%	4,3%	4%	6 %	2,3 %

Em síntese os periódicos de iniciativa sindical apresentam um perfil bastante diferenciado, no que concerne à divulgação do conhecimento profissional, observa-se que a contribuição destes periódicos não deve ser entendida apenas pelo volume de publicação pelos enfermeiros portugueses, pois que este poderá ser observado em outros periódicos mais especializados e sobretudo de edições mais recentes.

A contribuição dos periódicos sindicais tem de ser entendida à luz do contexto sócio-histórico à época.

Os primeiros periódicos sofreram um conjunto de constrangimentos e vicissitudes, que envolveu várias circunstâncias, tais como: a proibição de associação; a limitação de liberdade de expressão e de comunicação; o exercício profissional ser desempenhado por um conjunto de pessoas estranhas à profissão, com a conivência das autoridades governativas e clínicas; a enorme escassez de enfermeiros nos hospitais, e ainda as difíceis condições de trabalho e sociais dos enfermeiros.

O caminho histórico que os enfermeiros tiveram de percorrer foi marcado por lutas e reivindicações que se refletem nas páginas destes periódicos. Por conseguinte trata-se de um tipo de literatura paralela, que de certo modo constitui um serviço útil, imprescindível à missão de partilhar, de unir e de defender os interesses da classe.

A edição desses primeiros periódicos enquadra-se na **Fase de Iniciação** de produção e divulgação do conhecimento, marcada por artigos de matérias relacionados com a legalização da profissão e a reestruturação do Ensino e do Exercício.

Os periódicos *Ecos da Enfermagem* e *Enfermagem em Foco*, ainda em publicação, representam uma mudança face a este espectro editorial, mantendo, como é óbvio o carácter sindical, apresentam também rubricas ou secções destinadas à divulgação do conhecimento produzido pelos enfermeiros, sobre conteúdos relacionados com as várias áreas de actuação.

3.1.2 – Organizações Profissionais

As Organizações Profissionais teem ao longo do tempo representado um papel de charneira no desenvolvimento da profissão e na contribuição para a afirmação da sua autonomia e para a internacionalização do conhecimento.

Os periódicos distribuem-se pelas Organizações Profissionais, a ACEPS, a APE, a Ordem dos Enfermeiros e a Sociedade Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental.

Servir e *Enfermagem* são as revistas que neste percurso já vasto de publicação se distinguem entre as demais a primeira da propriedade da ACEPS desde 1952 e a segunda da APE desde 1985. Porém, a publicação da revista da *Ordem dos Enfermeiros*, constitui também um marco carregado de grande simbolismo profissional, por ser o órgão de comunicação da única organização profissional agregadora de todos os enfermeiros portugueses, aquele que tem a maior tiragem, sendo de distribuição gratuita a todos os seus associados, representando por isso uma etapa de afirmação, desenvolvimento e crescimento profissional.

Nos quadros abaixo são apresentados os elementos caracterizadores dos periódicos cuja responsabilidade editorial pertence a estas organizações Profissionais. Assim, observa-se a distribuição das doze revistas, segundo os períodos de divulgação do conhecimento e de acordo com a data de início e terminus de publicação.

Deste modo, observa-se que estes periódicos se distribuem pelos Períodos: ***Transição e Consolidação***.

Quanto ao período de publicação regular, constatamos que as duas primeiras são as de maior duração com 57 e 37 anos, respetivamente, seguindo-se a *Nephro's* e a *Enfermagem Oncológica* com 16 e 13 anos.

A Revista *Cuidar* foi a menor duração, apenas com 4 anos.

A maioria dos periódicos publica-se há 9 anos.

As revistas *Onco.News* e *Enfermagem de Saúde Mental* são as mais recentes com 2 e 1 ano de publicação.

No que se reporta à publicação a revista *Servir*, foi enquadrada no **Período de Transição**, enquanto todas as restantes foram enquadradas no **Período de Consolidação** (*Enfermagem*, *Cuidar*, *Nephro's* e *Revista de Enfermagem Oncológica* e as revistas: *Ordem dos Enfermeiros*, *AESOP*, *Revista da Associação dos Enfermeiros Obstetras*, *Enfermagem e o Cidadão*, *APECSP*, *ONCO.NEWS* e a *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental*).

Quadro nº 46 – Distribuição de Periódicos Publicados por Associações Profissionais de 1952 a 2009

Períodos de Divulgação do Conhecimento	Revistas	Período de Publicação	
		Início e Terminus	Duração em anos
Período de Transição	<i>Servir</i>	1952 - 2009	57
Período de Consolidação	<i>Enfermagem</i>	1985 - 2009	37
	<i>Cuidar</i>	1992 - 1996	4
	<i>Nephro's</i>	1993 - 2009	16
	<i>Revista de enfermagem Oncológica</i>	1996 - 2009	13
	<i>Ordem dos Enfermeiros</i>	2000 - 2009	9
	<i>AESOP</i>	2000 - 2009	9
	<i>Revista da Associação dos Enfermeiros Obstetras</i>	2000 - 2009	9
	<i>Enfermagem e o Cidadão</i>	2002 - 2009	7
	<i>APECSP</i>	2006 -2009	3
	<i>ONCO.NEWS</i> (Associação de Enfermagem Oncológica Portuguesa)	2007-2009	2
	<i>Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental e Psiquiátrica</i>	2009	1

No quadro seguinte estão representados os elementos que compõem a ficha técnica de cada um destes periódicos editados pelas respetivas Associações Profissionais.

Os resultados demonstram que a maioria das publicações surgiram após o ano de 2000.

A periodicidade mais usual é a trimestral.

No que diz respeito ao volume das tiragens observa-se grande amplitude de variação, sendo a de maior tiragem a editada pela *Ordem dos Enfermeiros* com 42.800 exemplares e a de menor tiragem a *Onco. News*, com 600 exemplares.

Quanto ao género dos enfermeiros que assumem a responsabilidade de Direção dos periódicos verifica-se que são as enfermeiras que na sua maioria assumem essa responsabilidade na condução dos destinos dos mesmos.

As cidades de Lisboa, Porto e Coimbra constituem as áreas geográficas de implantação destes periódicos, sendo a cidade de Lisboa a mais representada.

Quadro nº47 – Caracterização da ficha técnica das publicações das Organizações Profissionais identificadas de 1952 a 2009

Designação	Editor e Propriedade	Data fundação	Periodicidade	Tiragem	Depósito Legal	Direção	Composição e Impressão
<i>Servir</i>	Associação Nacional das Enfermeiras Católicas Associação Católica das Enfermeiras e Profissionais de Saúde	1952	Bimestral	-	Nº 28340/89 ISSBN: 0871/2370	1ª - 1952 - Amélia Montalvão 2ª - 1960 - Emília Maria Costa Macedo 3ª - 2007 - Margarida Vieira	Grafilarte, Artes Gráficas – Águeda Tipografia da Associação dos Deficientes das Forças Armadas Largo do Outeirinho da Amendoeira, (Campo de Santa Clara) Lisboa
<i>Enfermagem</i>	Associação Portuguesa de Enfermeiros	1985	Trimestral	3000 Exemplares	Nº 20946/88 ISN: 0871-0775	- 1985 - Marília Pais Viterbo de Freitas	Gráfica 2000 Rua Sacadura Cabral, 89-A Cruz Quebrada
<i>Cuidar</i>	Associação de Enfermeiros Especialistas em Enfermagem Médico-Cirúrgica	1992	-	1000 Exemplares	Nº 216710 Publicação Periódica Nº 116711	- 1992 - Nídia Salgueiro	Escola Superior de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca
<i>Nephro's</i>	Associação Portuguesa de	1993	Semestral	-	-	1º - 1993 – Sérgio Gomes	Produção Gráfica Edições

A Divulgação do Conhecimento em Periódicos de Enfermagem e a Evolução da Profissão, em Portugal, no século XX e início do século XXI

Designação	Editor e Propriedade	Data fundação	Periodicidade	Tiragem	Depósito Legal	Direção	Composição e Impressão
	Enfermeiros de Diálise e Transplantação					2º - 2005- Sampaio Dias	Recife Calçada do Monte, 23 r/c SL2 – Artes Gráficas Lisboa
<i>Revista de enfermagem Oncológica</i>	Sociedade Portuguesa de Enfermagem Oncológica	1996	Trimestral	1000 Exemplares	Nº 104279/96 ISSN: 0873-5689	- 1996 - Maria Raquel S. Pacheco Esteves	Centro de Cópias António Silva Lemos Arte Gráficas, Lda. Porto
<i>Ordem dos Enfermeiros</i>	Ordem dos Enfermeiros	2000	Trimestral	42.800 Exemplares	Nº 153540 /00 ISSN: 1646-2629	1ª - 2000 - Mariana Diniz de Sousa 2ª - 2004 – Maria Augusta de Sousa	DPGI-G Design Produção Gráfica e Imagem Estrada de Benfica nº 304 A Lisboa
<i>AESOP (Associação de Enfermeiros de Sala de Operações Portugueses)</i>	Associação de Enfermeiros de Sala de Operações Portugueses	2000	3 Vezes/ano	2000 Exemplares	Nº 147626/00 ISSN: 0874-8128	1ª - 2000 - Mª José Dias Pinheiro 2ª - 2002 – Carla Cambotas 3ª - 2004 - Fátima Ferreira	Espaço Gráfico, Lda. Rua Coronel Luna de Oliveira, 6 A-B Lisboa
<i>Associação dos Enfermeiros Obstetras</i>	Associação Portuguesa dos Enfermeiros Obstetras	2000	Trimestral	-	Nº 213433/04 ISSN: 1646-3625	- 2000 - Dolores Silva Sardo	APEO – Região Norte Porto Gráfica Vilar do Pinheiro
<i>Enfermagem e o Cidadão</i>	Jornal da Secção Regional do Centro da Ordem dos Enfermeiros	2002	Trimestral	4000 Exemplares	Nº 178374/02	- 2002 – Amílcar de Carvalho	PMP Coimbra

Designação	Editor e Propriedade	Data fundação	Periodicidade	Tiragem	Depósito Legal	Direção	Composição e Impressão
APECS <i>(Associação Portuguesa de Enfermeiros de Cuidados de Saúde Primários)</i>	Associação Portuguesa de Enfermeiros de Cuidados de Saúde Primários	2006	2 N ^{os} por ano	1500 Exemplares	N ^o 242143/06	- 2006 - José Barbosa Lima	100 Ciência Publicações, Organizações e Eventos, Lda Coimbra
ONCO.NEWS	Associação de Enfermagem Oncológica Portuguesa	2007	Trimestral	600 Exemplares	262108/08	- 2007 - M. Jorge Freitas Almeida	Estrada Interior Circunvalação, 6657 4200 - 177 Porto
Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental e Psiquiátrica	Sociedade Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental	2009	Duas vezes por ano Junho/Dezembro	1000 Exemplares	ISSN: 1647-2160 Depósito Legal: 294975/09	- 2009 - Carlos Sequeira	Academia de Design Print: Invulgar Escola Superior de Enfermagem do Porto

No quadro que a seguir apresentamos estão inscritos os elementos relacionados com a caracterização dos autores que publicaram os artigos neste tipo de periódicos e que fazendo parte do perfil dos periódicos permitem estabelecer a comparação entre os mesmos, dando-nos a ideia da sua contribuição neste percurso de divulgação do conhecimento e da evolução da profissão. Nesta sequência, observa-se que os exemplares encontrados correspondem a 96% dos publicados.

Da generalidade dos artigos (3834), 44% foram escritos por enfermeiros portugueses. Do total dos autores/enfermeiros, verifica-se um fenómeno idêntico ao já observado no total dos periódicos de Associações Sindicais, em que a maioria é de autoria das enfermeiras, com 76%.

Também em relação à autoria continua a observar-se que se publicam mais artigos individualmente, do que em coautoria.

Quanto à proveniência dos enfermeiros/autores, apenas 73,3% indicaram o contexto de trabalho, e destes referiram em maior percentagem (44,3%) o Hospital, seguindo-se as

Escolas de Enfermagem com 22,6% e por último os Centros de Saúde e Outras Instituições com 3,5 e 2,9%.

Quadro nº48 – Caracterização da produção escrita identificada nos periódicos de Organizações Profissionais de Enfermagem publicados de 1952 a 2009

Periódicos das Organizações Profissionais	Total Números		Total Artigos		Tot. Enfºs	Sexo		Autoria			Área Profissional			
	Publ	Enc	Ger al	Artºs Enfºs		M	F	Ind	Outro	Et al ou	Hosp .	Esc.	CS	Out inst
<i>Servir</i>	298	298	2433	665	949	209	740	485	162	18	294	307	41	57
<i>Enfermagem</i>	57	57	424	277	440	76	364	179	90	8	207	139	10	14
<i>Cuidar</i>	6	6	18	14	14	5	9	13	1	-	-	10	-	-
<i>Nephro's</i>	32	17	91	82	206	91	115	37	43	2	156	10	-	1
<i>Enfermagem Oncológica</i>	44	44	261	164	261	78	183	102	56	6	142	48	10	1
<i>Ordem dos enfermeiros</i>	31	29	184	165	194	86	108	148	16	1	23	17	4	-
<i>AESOP</i>	21	21	123	102	215	17	198	32	64	6	167	12	1	1
<i>Associação dos Enfermeiros Obstetras</i>	9	9	112	93	191	28	163	38	53	2	126	42	18	1
<i>Enfermagem e o Cidadão</i>	18	18	154	89	135	35	100	67	22	--	52	5	8	-
<i>APECSP</i>	2	2	16	15	26	10	16	8	7	-	-	6	-	-

Periódicos das Organizações Profissionais	Total Números		Total Artigos		Tot. Enfºs	Sexo		Autoria			Área Profissional			
	Publ	Enc	Ger al	Artºs Enfºs		M	F	Ind	Outro	Et al ou	Hosp .	Esc.	CS	Out inst
<i>ONCO.NEWS</i>	7	1	4	2	2	2	-	2	-	-	2	-	-	-
<i>Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental e Psiquiátrica</i>	2	2	14	10	18	7	11	7	3	1	6	2	2	-
Total Organizações Profissionais	527	504	3834	1678	2651	644	2007	1118	517	44	1175	598	94	75
	100 %	96 %	100 %	44 %	100 %	24 %	76 %	66,6 %	30,8 %	2,6 %	44,3 %	22,6 %	3,5 %	2,9 %

O resultado da codificação dos títulos dos artigos dos periódicos que foram enquadrados nesta secção pode ser observado no quadro seguinte.

Assim, do total dos doze periódicos de propriedade das Associações Profissionais, verifica-se que apenas a *Servir*, a *Enfermagem* e a *Revista de Enfermagem Oncológica* apresentam uma distribuição em todos os códigos encontrados, sendo o mais representado **PT** com 43%, seguido de **PC** com 16% e **F** com 9%.

Claramente, são os periódicos de distribuição mais recente os que apresentam um menor número de artigos e por isso mesmo também o menor número de códigos.

Quanto aos códigos temáticos menos utilizados pelos autores são os relativos a **FP** e **SL** com 1%. Também os códigos **I**, **SD** e **PP** obtiveram percentuais inferiores a 5%.

Quadro nº 49 – Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos títulos dos Artigos dos Periódicos de Associações de Enfermagem publicados de 1925 a 2009

Códigos Temáticos Periódicos	Nºs Publ	Nºs Enc	Tot Art's	Tot Art's Enf's	PC	F	G	I	BC	PT	E	SL	FP	SD	PP
<i>Servir</i>	298	298	2433	665	80	99	35	8	74	266	47	9	13	15	19
<i>Enfermagem</i>	57	57	424	277	9	30	17	12	8	179	10	2	5	2	3
<i>Cuidar</i>	6	6	18	14	2	1	2	-	4	4	-	-	1	-	-
<i>NEPHROS</i>	32	17	91	82	21	-	3	1	3	19	7	-	-	3	25
<i>Revista de enfermagem Oncológica</i>	44	44	261	164	66	10	7	6	8	33	10	10	1	4	9
<i>Ordem dos enfermeiros</i>	31	29	184	165	1	8	14	2	13	80	46	1	-	-	-
<i>AESOP</i>	21	21	123	102	55	3	5	1	12	8	5	1	-	4	8
<i>Associação dos Enfermeiros Obstetras</i>	9	9	112	93	30	2	1	2	4	50	-	-	-	1	3
<i>Enfermagem e o Cidadão</i>	18	18	154	89	4	-	1	-	1	66	1	1	-	11	4
<i>APECSP</i>	2	2	16	15	2	-	1	-	-	9	-	1	-	2	-
<i>ONCO.NEWS</i>	7	1	4	2	-	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-
<i>Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental e Psiquiátrica</i>	2	2	14	10	5	-	-	-	2	3	-	-	-	-	-
Organizações Profissionais	527	504	3834	1678	275	153	87	32	129	718	126	25	20	42	71
	100%	96%	100%	100%	16%	9%	5%	2%	8%	43%	8%	1%	1%	3%	4%

Período de Transição - 1952- 1980

Em Abril de 1952 foi editado o 1º Servir (Servir Vol. 25 nº 2 março/abril 1977)

A revista *Servir* é de entre as que foram publicadas pelas Organizações Profissionais a que há mais tempo se publica e que ainda se mantém em funcionamento. Foi enquadrada no **Período de Transição ou de Indiferenciação**, atendendo à cronologia de publicação e aos conteúdos à época que se publicaram, muito centrados em traduções de artigos e de outros de autoria de outros profissionais. Todavia, e porque continuou a sua regular publicação

por outros períodos, tendo evoluído nos conteúdos editoriais, pode dizer-se que é uma publicação com um carácter transversal a todas as fases da Divulgação do Conhecimento.

1 - 1952 - 200... – *Servir*

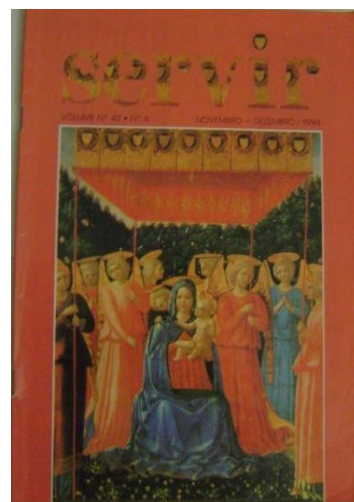
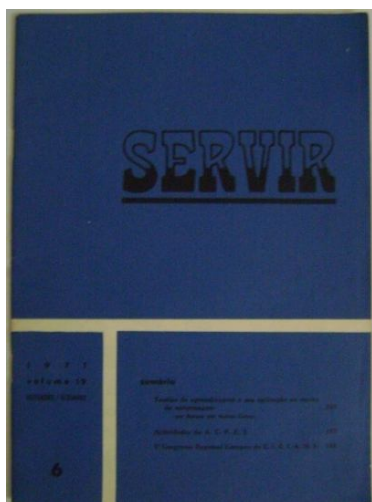
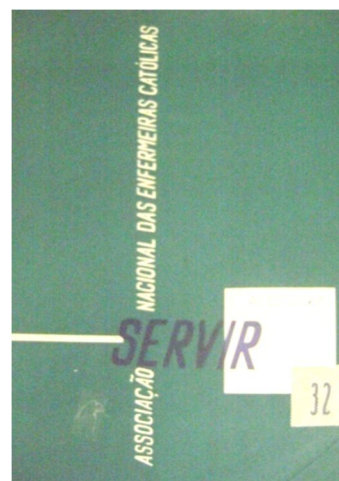
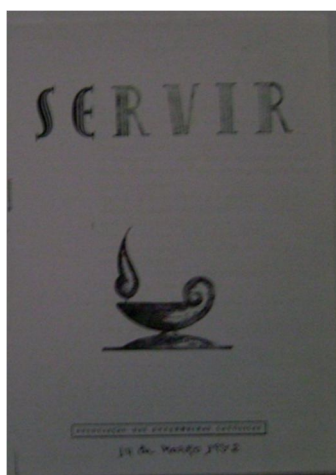




Imagem nº 28 - Digitalização da capa de *Servir* (Décadas 50, 60, 70. 80. 90. 2007)

O percurso da Revista *Servir* faz-se de um conjunto de acontecimentos, factos e pessoas, e destas encontramos uma ligação muito forte à ACEPS bem como à enfermeira Emília Maria da Costa Cabral de Macedo.

Segundo os estatutos da ACEPS, a sua presidente assume a direção da revista. Assim, a enfermeira Costa de Macedo foi uma das suas Diretoras, onde o seu *curriculum* profissional revela que mais de quarenta anos conduziu as linhas editoriais da Revista, tornando-a numa das figuras da Enfermagem mais prestigiadas a nível nacional.

Neste sentido, Vieira (2007, p. 178) escreve na biografia da enfermeira Costa de Macedo que (...) *Era na revista Servir que colocava o seu enlevo, sempre atenta a novos autores e temas relevantes de que importasse dar notícia aos seus leitores. Durante cerca de cinquenta anos fez de um boletim interno uma revista profissional de divulgação científica, que se afirmou na comunidade de saúde nacional e internacional.*

Este periódico começou a ser publicado em Abril de 1952 pela AEC. Esta Associação é filiada desde o início da sua constituição, em 1948, no CICIAMS.

A ACEPS é um organismo autónomo, reconhecido pela Conferência Episcopal e dotado de personalidade jurídica, cujo fim é a promoção dos profissionais de enfermagem e saúde, que nela se queiram agregar, com a consequente defesa dos seus legítimos interesses, segundo a ordem social cristã. ACEPS (Folheto de Divulgação).

Ao longo dos anos, foram várias as remodelações que ocorreram com a Revista *Servir*, inicialmente dirigida apenas aos associados, foi se impondo no meio académico e profissional.

Durante as décadas de 50, 60 e 70 foi a única revista profissional especializada que a par com as suas congéneres de cariz sindical se publicou entre nós. Todavia este seu percurso não foi isento de alguns problemas, tendo passado *por diversos constrangimentos que, em algumas fases, dificultaram a sua publicação atempada, mas conseguiu impor-se nas últimas décadas, vindo a ser indexada na PubMed pela Medline, desde 1984*. Vieira (2007, p. 1).

A partir de 2004, a revista assumiu uma nova dimensão com a distribuição por assinatura internacional e tornou-se membro da Associação de Imprensa de Inspiração Cristã, o que de certo modo, representou mais uma valorização no seu vasto *curriculum* bem como *uma* mais valia para os enfermeiros portugueses.

Actualmente ainda se mantém em circulação pela responsabilidade editorial da ACEPS.

Missão
<p>A missão da Revista Servir descrita em 14 de março 1952 no seu número inaugural refere que pretende (...) <i>ser o traço de união entre todas as enfermeiras e a todas levar o conhecimento dos fins da Associação “tornar vivo o espírito de Cristo na nossa profissão.</i></p> <p>(...) <i>O teu aperfeiçoamento moral e técnico é o ideal da Associação, a razão da sua existência”</i></p> <p>Em 2005 a Revista apresenta como objetivos. (...) <i>Informar sobre a actualidade científica da Enfermagem, os acontecimentos, actividades e outros assuntos com interesses para a enfermagem, comprometendo-se a (...) assegurar o respeito pelos princípios deontológicos e pela ética profissional da saúde (...) Servir</i>, Volume 53, nº 4, 2005.</p> <p>Em 2007, Vieira sublinha no Editorial da Revista de janeiro/abril 2007 Volume 55 nº 1-2 pp. 1-2 <i>Nesta nova fase a Revista Servir continuará a sua missão inicial, embora com uma nova apresentação e exigências de qualidade crescente. Continuará a noticiar acontecimentos passados de relevo para a saúde, anunciará actividades pertinentes e divulgará documentos e posições oficiais das diferentes instituições e da área da saúde bem como a doutrina da Igreja Católica relevante para a área da saúde, dará a palavra às vozes cuja opinião ajuda a desenvolver o pensamento ético e humanístico e valorizará a publicação de artigos científicos, com predomínio para a investigação realizada por autores de língua portuguesa.</i></p>
Descrição Física
<p>Por se tratar de um periódico com um percurso muito longo, constatamos a inexistência de alguns elementos identificadores, particularmente nos primeiros números, o que se deve à escassez de meios técnicos e arquivísticos de que dispomos hoje.</p> <p>Deste modo, serão apresentados alguns elementos da sua descrição física com base na nossa análise e no documento editado pela ACEPS (1981) pp. 39-41.</p> <p>Década de 50</p> <p>Quanto às características físicas em 1952 publicava-se com as dimensões de (...) <i>17x24cm, tinha 16 páginas e a capa era branca com o título a cor</i>. ACEPS (1981) pp. 39-41.</p> <p>Na capa apresentava além do título inscrito na parte superior – Servir – e a imagem da lâmpada e</p>

na parte inferior a designação da Associação.

Os seis primeiros exemplares da revista não possuem qualquer referência da data de publicação nem do número, só a partir do número 7 é que passa a ser numerada.

Em 1953 as dimensões do periódico descritas no Arquivo da BN é de 25cm.

Contudo, a informação da ACEPS (1981) pp. 39-41. *É de que (...) Em 1955, a revista mudou de cor da capa, manteve as suas dimensões e cada número passou a ter 18 páginas.* A cor da capa era bege encimada pelo título em fundo de cor vermelho vivo. Na parte inferior a designação da AEC e número estão escritas em cor vermelha sobre o fundo da capa.

(...) Em 1957, muda novamente o tipo de capa e, em Setembro desse ano, aumenta o seu número de páginas para 22. ACEPS (1981) pp. 39-41.

Nesta data o designer da capa apresenta as seguintes alterações: capa em fundo verde escuro; sem a imagem da lâmpada; título na parte inferior em cor preta; designação da ANEC em posição vertical e o número inscrito na parte inferior do lado direito sobre fundo branco a tracejado em forma de quadrado.

(...) Em 1958, a capa passa a ser a cores.

Década de 60

Em 1963, os números de Março e Agosto tiveram a dimensão de 14x20cm.

Em Novembro deste ano, a revista sofre algumas alterações, passando as suas dimensões a ser 20x28cm e a ter 34 páginas. A partir desta altura, a revista manteve estas dimensões, a capa toma aspectos diferentes cada ano, geralmente mantendo o mesmo tema com tons diferentes em cada número. ACEPS (1981) pp. 39-41.

Década de 70

O documento que temos citado refere que em 1971 se inicia a indexação temática, que inclui também os anos de 1969 e 1970.

Uma outra mudança registada nesta data é a publicação de trabalhos realizados pelos enfermeiros que frequentam o Curso de Enfermagem Complementar – Secção de Ensino e Administração da Escola de Ensino e Administração de Enfermagem. Também a capa apresenta o sumário com a identificação dos autores e paginação dos artigos.

Alguns dos artigos foram publicados em separatas, das quais destacamos:

Seminário sobre *Investigação para a melhoria dos Serviços de Enfermagem; Teorias de Enfermagem e Paternidade Responsável e o Planeamento Familiar*, sendo que este mereceu uma 2ª edição. Encontramos a publicação de um número especial em 1972 e 1973 subordinado ao tema «*Sociedade Moderna e População*»), que correspondeu às Jornadas Internacionais, organizadas em Portugal, que envolveu a comunidade profissional em larga medida.

Destaca-se o exemplar da revista de novembro/dezembro de 1974 Vol. nº 23, nº 5, pelo teor das temáticas relativas à situação da Enfermagem Portuguesa e posições das Associações Sindicais relacionadas com carreiras profissionais, condições de trabalho e salariais, extinção do Curso de Auxiliares de Enfermagem e promoção dos mesmos a enfermeiros.

De 1977 ao Vol. 26 nº 1 de 1978 - 25º Aniversário - foi a temática de capa.

O ano de 1978 foi dedicado ao *Direito à Vida*, enquanto o ano de 1979 foi dedicado ao Ano Internacional da Criança e à *Declaração dos Direitos da Criança*, as imagens de capa são muito coloridas e bastante sugestivas.

Década de 80

(...) Em 1980 a revista atinge entre 48 a 56 páginas. ACEPS (1981) pp. 39-41.

No que se refere aos seus conteúdos refere o mesmo documento que a revista tem procurado

publicar assuntos de actualidade profissional e tentado acompanhar a evolução e o progresso da Enfermagem em todo o mundo.

Nesta década é abandonada a inscrição da temática na capa, sendo esta caracterizada por imagens de cariz mais genérico (os novos hospitais de Portalegre e Bragança com a inclusão de nota técnica, etc.). Destaca-se a imagem de capa do Vol. 29, nº 3 de maio de 1981 que apresenta as imagens da medalha comemorativa do II Congresso Nacional de Enfermagem realizado em Coimbra em 1981.

Década de 90

Neste espaço de tempo a revista foi evoluindo tanto na dimensão, quantidade e qualidade dos artigos, publicando maior número de autores enfermeiros portugueses. As temáticas reflectem assuntos relacionados com os modelos e teorias de enfermagem. De um modo geral são publicados temas resultantes de trabalhos de Mestrado em Ciências de enfermagem e em outras áreas do saber, realizados em Universidades portuguesas.

A imagem de capa é bastante genérica, como curiosidade destaca-se o sumário acompanhado por imagens.

2000-2009

Neste período constamos algumas inovações relacionadas com o aspeto da revista, no primeiro momento que se situa entre 2000 a 2006 e outro a partir daí até à presente data. No primeiro momento a revista continua na linha de publicação de artigos científicos, de reflexão e de opinião, privilegiando os autores nacionais. Quanto ao aspeto da capa apresenta ilustrações de ordem genérica, continuando a seleccionar motivos religiosos alusivos ao Natal (2001) e ao dia da Mãe (2002).

O ano de 2007 constitui uma mudança muito significativa no processo de revisão e de aceitação dos artigos para publicação sendo da responsabilidade do Conselho Científico, como um dos órgãos que foi constituído pela primeira vez no historial da revista.

As imagens de capa são marcadas pela sobriedade, com o recurso a uma cor por ano de publicação, voltando os títulos dos artigos à capa.

Destaca-se neste período a morte da enfermeira Emília Maria da Costa Macedo a 17 de setembro de 2007, que mereceu um número dedicado à sua *Biografia, O Legado e Os Testemunhos*, de quem teve o privilégio de privar com ela. A perda da enfermeira Costa Macedo, figura emblemática do panorama nacional e internacional, particularmente da Enfermagem Portuguesa, representou para todos os enfermeiros portugueses um momento de grande emoção, mas de elevada estima e de reconhecimento por tudo o que fez, em particular pela Revista *Servir*, para que esta tivesse sido capaz de impor-se num tão longo período de tempo.

A partir desta data os artigos publicados são acompanhados de resumo, palavras-chave escritas em bilingue - língua portuguesa e língua inglesa.

De um modo geral a revista *Servir* apresenta como secções ou rubricas: *Editorial, Artigos, Notícias e Actividades*.

Como característica geral registamos que algumas das imagens, artigos e textos da revista apresentam motivos de ordem religiosa, particularmente nos grandes acontecimentos da Igreja Católica por ocasião do Natal e da Páscoa.

Os anúncios publicitários que em algumas décadas marcaram a caracterização da revista foram escasseando, para que na actualidade sejam inexistentes.

No quadro abaixo estão representados os elementos que fazem parte da caracterização da revista *Servir* e do conjunto das Associações Profissionais.

Observa-se que em relação à revista *Servir* foram encontrados todos os exemplares publicados, contudo não foi tarefa fácil, pois que estão disseminados por vários Centros de Documentação: Escolas de Enfermagem, ACEPS, Arquivos (BN, Hemeroteca Municipal de Lisboa), bem como pelos associados e ex-associados e particulares, em todos eles não encontrámos um único serviço em que as coleções estivessem completas.

Um outro aspeto prende-se com o facto de muitos dos exemplares se encontrarem encadernados (por anos e por volumes), todavia, esta prática de arquivo, torna a consulta difícil, não apenas pela reprodução dos artigos, mas sobretudo pela leitura integral dos mesmos, delimitando as possibilidades de análise.

Quanto ao número de artigos publicados constata-se que do total de 2433 (100%), apenas 27% são de autores/enfermeiros portugueses. O que se trata de um dado curioso, pois que tratando-se de um percurso tão longo de publicação era expectável que a publicação nacional fosse em maior número. Observa-se que durante muitos anos cada exemplar publicava um pequeno número de artigos (4/5), sendo que muitos dos quais resultavam de traduções de artigos estrangeiros e ou outros de autoria de outras áreas profissionais, por conseguinte foram excluídos por não fazerem parte dos critérios selecionados.

Quanto ao género dos autores verifica-se que o número de autoras/enfermeiras quase que quadruplica o número de autores masculinos.

A autoria individual é a forma mais utilizada para publicação, enquanto a coautoria entre autores/enfermeiros é a segunda mais utilizada, sendo pouco expressiva a coautoria com diferentes áreas profissionais.

Relativamente à área profissional as Escolas de Enfermagem e os Hospitais são os mais indicados como locais de trabalho com percentagens muito próximas (32 e 31%), seguindo-se as Outras Instituições e por último os Centros de Saúde com 6 e 4 % cada.

Comparativamente estes resultados com os observados nos periódicos das Organizações Profissionais as maiores disparidades situam-se em relação aos percentuais do total dos Artigos de Enfermeiros publicados no total das revistas das Associações que obteve um percentual de 44% contra os 27% encontrados na revista *Servir*.

Quanto ao local de trabalho verifica-se uma inversão de posições, enquanto na revista *Servir* a primeira posição pertence às Escolas de Enfermagem, já no total das Associações, o Hospital ocupa essa posição, o mesmo sucedendo com as outras variáveis - Outras Instituições e CS.

Quadro nº 50 – Caracterização da produção escrita identificada no Periódico *Servir*

<i>Servir</i>	Total Números		Total Artigos		Tot. Enf ^o s	Sexo		Autoria			Área Profissional			
	Pub	Enc	Geral	Art ^o s Enf ^o s	Tot. Enf ^o s	Masc .	Fem.	Indiv .	Outro	Et al o u	Esc.	Hosp	Out inst	CS
	298	298	2433	653	949	209	740	485	150	18	307	294	57	41
	100 %	100%	100%	27%	100%	22%	78%	74%	23%	3 %	32%	31 %	6%	4%
<u>Total Organizacões Profissionais</u>	527	504	3834	1678	2651	644	2007	1117	501	41	598	1175	75	94
	100 %	96%	100%	44%	100%	24,3 %	75,7 %	67,3 %	30,2 %	2,5 %	22,6 %	44,3 %	2,8%	3,5 %

O quadro seguinte refere-se à codificação temática dos títulos dos artigos da revista *Servir*. Os resultados apresentam as áreas temáticas distribuídas por ordem decrescente pelos códigos **PT** com 40%, seguindo-se **F** com 15%, **PC** com 12%, **BC** com 11%, **E** com 7% e **G** com 5,2%, todos os restantes obtiveram percentagens abaixo dos 4%.

Um dado significativo e quase transversal a todos os periódicos é a tendência dos autores na sua maioria selecionarem para título dos artigos expressões que nos conduziram à codificação de **Perspetivas e Tendências** que obteve o mesmo percentual, quer na revista *Servir* como no restante dos outros periódicos das Associações Profissionais.

Podemos ainda observar outros resultados interessantes como é o caso da percentagem encontrada no código **PC**, que na revista *Servir* apresenta 12%, enquanto nos restantes periódicos é de 16%. Também os códigos **G** e **FP** nesta revista apresentam percentagens inferiores, respetivamente 5,2% e 2%, enquanto no conjunto dos outros periódicos de idêntica natureza foi bastante semelhante 5% e 1%.

Quadro nº 51 – Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos títulos dos Artigos da revista *Servir*

	Nºs Publ	Nºs Enc	Tot Artºs	Tot Artºs Enfºs	PT	F	PC	BC	E	G	PP	SD	FP	SL	I
<i>Servir</i>	298	298 10	243 3	665	26 6	99	80	74	47	35	19	15	13	9	8
	100 %	100 %	100 %	27 %	40 %	15 %	12 %	11 %	7 %	5,2 %	3 %	2,2 %	2 %	1,4 %	1,2 %
Toal Organiza ções Profission ais %	527	504	3834	167 8	718	153	275	129	12 6	87	71	42	20	25	32
	100 %	96%	100 %	100 %	43 %	9% %	16 %	8% %	8 %	5% %	4 %	3% %	1 %	1% %	2% %

Período Consolidação - 1985 - 2009

1- 1985 – 200... - *Enfermagem*



Imagem nº 29 - Digitalização da capa de *Enfermagem* (Décadas de 80/90/2000)

A revista *Enfermagem* é o órgão de comunicação da APE publicado em 1985.

A APE é uma Associação de Enfermagem de âmbito nacional, filiada no Conselho Internacional de Enfermeiras, membro do Comité Permanente de Enfermeiras da EU, do Grupo de Enfermeiras da Europa e Grupo de Enfermeiras Investigadoras da Europa e a OMS.

Tem como finalidade (...) *Defender os valores sociais, culturais, éticos e humanos da profissão de enfermagem, visando participar na melhoria dos cuidados de enfermagem aos três níveis de prevenção – primária, secundária e terciária – a todos os clientes independentemente da raça, religião, cor, opinião política ou condição sócio-económica (...).*

Trata-se por isso de uma Associação Profissional não confessional e com representação em todo o espaço nacional, muito embora a sua sede seja em Lisboa. Foram criadas várias secções: de Enfermagem Comunitária, de Enfermagem Obstétrica, de Enfermeiros de Saúde Ocupacional, de Enfermeiros de Sala de Operações e de Enfermeiros de Hemodiálise e de Transplante Renal.

O Editorial da revista nº 1 1º trimestre de 1985 subordinado ao tema «Enfermagem» o *Gesto e o Elo*, apresenta as razões da edição deste periódico, escrevendo o editorialista (...) *Foi há mais de um ano que a APE começou a estudar a possibilidade da publicação de uma revista, não só porque se tinha entendido que na actual fase da vida da Associação se tornava indispensável estabelecer uma comunicação directa com os seus associados e dum modo geral com os enfermeiros portugueses, como também para responder a solicitações de colegas de várias zonas e sectores de actividade em sintonia com essa necessidade.*

Missão	Descrição Física
Como missão a revista propõe-se (...) <i>«Enfermagem», fosse qual fosse a orientação a seguir, deveria sobretudo contribuir para a melhoria técnico-científica cultural e ética dos seus leitores, enfermeiros ou outros técnicos de saúde.</i> <i>Ambição demasiada talvez. Mas parece incontroverso que todos os meios deverão ser usados para dotar os enfermeiros com conhecimentos e capacidades a todos os níveis que lhes permitam enfrentar os desafios que uma prática quotidiana erigida de dificuldades decorrentes de estruturas em mutação lhes provocam.</i> <i>Há portanto razão para se ser ambicioso na proposta de apoio e união que o projecto da</i>	Quanto ao aspeto gráfico da revista, apresenta-se num formato de 29 cm. A sua publicação é distribuída gratuitamente aos seus associados. O editorial da revista <i>Enfermagem</i> nº 1 1º Trimestre de 1985 descreve no geral as rubricas ou secções por que é constituído cada número (...) <i>«Enfermagem» procurará incluir em cada número artigos de opinião e de investigação, nacionais e estrangeiros, sobre assuntos que abrangam uma larga gama de interesses e necessidades. Tratar-se-á nas reportagens, mesas redondas ou entrevistas a publicar, abordar os assuntos que mais preocupam a classe e que mais directamente lhes digam</i>

<p><i>revista consubstancia. Enfermagem nº 1 1º trimestre de 1985</i></p> <p>No número 1 da 2ª série, publicado em janeiro/março de 1996, é reforçada a missão da revista, mas é apresentado também um novo projeto entre a Associação dos Enfermeiros Portugueses (APE) e a Associação dos Enfermeiros da Sala de Operações (AESOP). O editoralista escreve que <i>APE e AESOP iniciaram um projeto de cooperação e colaboração entre as duas Associações (...)</i> A revista ENFERMAGEM pretende continuar a ser, essencialmente, um órgão de divulgação de estudos, de trabalhos de investigação e de artigos de opinião dos enfermeiros portugueses, para além de vir a publicar também trabalhos de enfermeiros estrangeiros que entenda útil e importante divulgar.</p> <p><i>Mantém-se a mesma estrutura da revista, continuar-se-à a procurar que a Enfermagem seja um local onde todos os colegas encontrem um espaço seu, sempre que desejem.</i></p> <p>A ENFERMAGEM vai procurar debater assuntos de interesse para os enfermeiros portugueses, através de entrevistas individuais e colectivas que organizará para o feito. Anualmente procurará publicar um número temático, relativo a uma área considerada prioritária e pertinente, com o objectivo de pôr à disposição dos leitores de Enfermagem um conjunto de trabalhos e temas actualizados relativos ao mesmo assunto. (...)</p>	<p><i>respeito. Informação sobre legislação será incluída, assim como elementos bibliográficos sobre publicações periódicas e livros técnicos e culturais.</i></p> <p><i>Uma palavra para os alunos de enfermagem dizendo-lhes que «Enfermagem» se encontra solidária com as suas aspirações e anseios reservando-lhes um espaço para as suas opiniões e trabalhos (...).</i></p> <p>O designer da capa tem variado ao longo do tempo, contudo o símbolo da APE tem figurado em cada número da revista, constituído por um círculo com uma cercadura contendo na parte superior as palavras - Associação Portuguesa - e na parte inferior - de Enfermeiros - Tem sobreposta em todo o diâmetro a lâmpada com a chama e a pega que se encontram fora dos contornos deste círculo.</p> <p>As cores mais utilizadas são a cor amarelo ouro, sendo que por vezes apenas se encontra desenhada a preto e branco.</p> <p>Apresenta publicidade relacionada com equipamentos e ou instrumentos cirúrgicos.</p> <p>O Sumário está organizado por rubricas <i>Opiniões & Realidades; Enfermagem Agora; Breves e Informação Bibliográfica.</i></p> <p>No Sumário consta da folha de título com identificação dos autores e um pequeno resumo desperando no leitor o interesse por determinada matéria.</p> <p>Os artigos são escritos em duas colunas, acompanhados por esquemas, quadros, tabelas e imagens coloridas.</p>
---	---

A caracterização sociodemográfica dos autores dos artigos publicados na revista de *Enfermagem* encontra-se descrita no quadro abaixo, indicando que foram encontrados todos os números que foram publicados.

No total dos 375 artigos publicados 65% são de autores enfermeiros.

A maioria (82%) são autoras/enfermeiras.

A publicação individual foi a mais observada com 66%, seguido de 33% em coautoria com outros enfermeiros.

O Hospital e as Escolas foram os contextos que contribuíram com 51 e 29% para a publicação dos artigos dos enfermeiros portugueses.

Os dados relacionados com os totais dos periódicos das Associações Profissionais correspondem de certo modo aos encontrados neste periódico, sendo pouco significativas as diferenças percentuais entre eles.

Quadro nº 52 – Caracterização da produção escrita identificada no Periódico *Enfermagem*

<i>Enfermagem</i>	Total Números		Total Artigos		Tot. Enfs	Sexo		Autoria			Área Profissional			
	Pub	Enc	Ger al	Artº s Enfs		M	F	Ind .	Out.	Et al ou	Hosp	Esc.	Out inst	CS
	57	57	375	244	375	68	307	160	80	4	192	107	14	10
	100 %	100 %	100 %	65 %	100 %	18 %	82 %	66 %	33%	1 %	51%	29%	4%	3%
Total Organizacões Profissionais	527	504	3834	1678	2651	644	2007	1118	501	41	1175	598	75	94
	100 %	96%	100 %	44 %	100 %	24 %	76 %	66,6 %	30,2 %	2,5 %	44,3 %	22,6 %	2,8 %	3,5 %

Relativamente à distribuição dos códigos temáticos os dados representam a tendência que temos vindo a referir e que estão documentados no quadro seguinte. Deste modo, observa-se que o código **PT** obteve 65% na *Enfermagem* e no total das Associações 43%.

O código temático **F** ocupa a segunda posição com 11%, enquanto no total dos outros periódicos das Associações Profissionais, esta posição é ocupada pelo código **PC** com 16%. As maiores diferenças percentuais registam-se neste código (**PC**) que neste periódico apenas obteve 3%, enquanto nos Outros Periódicos obteve 16%. As percentagens obtidas nos códigos **PP**; **SL** e **SD** são as menores verificadas neste periódico, enquanto no total dos outros periódicos as menores percentagens (1%) pertencem aos códigos **FP** e **SL**.

Quadro nº 53 – Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos títulos dos Artigos do Periódico de *Enfermagem*

<i>Enfermagem</i>	Nºs Publ	Nºs Enc	Tot Artºs	Tot Artºs Enfºs	PT	F	G	I	E	PC	B C	FP	PP	SL	SD
	57	57	424	277	179	30	17	12	10	9	8	5	3	2	2
	100 %	100 %	100 %	100 %	65 %	11 %	6 %	4 %	4 %	3 %	3 %	2 %	0,8 %	0,6 %	0,6 %
Total Periódicos Associações de Enfermagem	527	504	3834	1678	718	153 9%	87	32	12 6	275	12 9	20	71	25	42
	100 %	96%	100 %	44%	43 %		5 %	2 %	8 %	16 %	8 %	1 %	4%	1%	3%

2 - 1992 – 1996 – *Cuidar - Revista de Informação e Cultura Profissional*

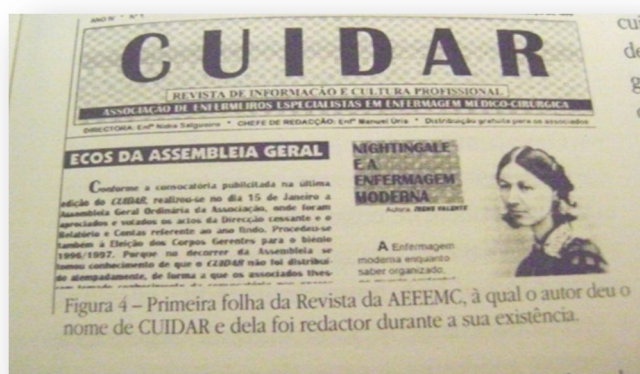


Imagem nº 30 - Digitalização da capa de *Cuidar - Revista de Informação e Cultura Profissional* in: *Referência* nº 6 maio 2001, p. 79

Cuidar é a revista fundada pela Associação de Enfermeiros Especialistas de Enfermagem Médico-Cirúrgica, sendo o primeiro exemplar editado em Fevereiro de 1992, fazendo parte do espólio do Arquivo da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra.

A Associação de Enfermeiros Especialistas em Enfermagem Médico-Cirúrgica (AEEEMC) é uma associação criada em 8 de novembro de 1988, (...) *de carácter socioprofissional, aberta a todos os enfermeiros habilitados com o curso de especialização em enfermagem médico-cirúrgica.*

A AEEEMC destina-se a defender os interesses dos enfermeiros, particularmente dos especialistas em enfermagem médico-cirúrgica, nos aspectos de promoção e valorização profissional e científica (...).

Missão	Descrição Física
Em entrevista à enfermeira Nídia Salgueiro ³¹ em abril de 2011 sobre o percurso da revista <i>Cuidar</i> foi dado a conhecer que se (...) <i>tratava de uma publicação muito simples e despretençiosa que teve a sua origem no âmbito do Curso de Especialização em Enfermagem Cirúrgica a funcionar na Escola de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca (...), destinando-se a mesma a divulgar trabalhos e artigos, no sentido de promover a formação e valorização dos enfermeiros particularmente dos associados da AEEEMC.</i>	A revista tem o aspecto de um jornal pelas suas características: escrita em duas colunas a preto e branco. Não apresenta índice de matérias ou qualquer <i>spot</i> publicitário, e ou símbolos. Os artigos de ordem profissional são descritos de forma breve, acompanhados por imagens e esquemas. As rubricas ou secções são constituídas pelos Artigos, <i>Notícias e Esta Coimbra de encantos feita...</i> Os conteúdos programáticos tratam matérias com muita actualidade à época, entre os quais destacamos: <i>Avaliação do desempenho; Intervenção de ajuda holística em Enfermagem; Diagnósticos de Enfermagem e Paradoxos da Carreira de Enfermagem.</i>

No quadro que se segue está representada a caracterização do periódico *Cuidar* conjuntamente os códigos encontrados nos títulos dos artigos, comparativamente com os dados resultantes dos outros periódicos das Associações Profissionais.

Foram recensados todos os exemplares que foram publicados.

Na generalidade foram publicados 18 artigos, sendo 78% (14) de autores enfermeiros.

Quanto ao género 64% são autoras enfermeiras.

³¹ Nídia Salgueiro professora aposentada da Escola Superior de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca e Diretora da Revista *Cuidar*

A publicação individual obteve 93%.

A origem do local de trabalho dos autores foi identificada apenas por 70% como sendo as Escolas de Enfermagem.

Quanto aos resultados relativos aos códigos temáticos obteve-se igual percentagem nos códigos **PT** e **BC** (29%), seguido de igual percentagem (14%) pelos códigos **PC** e **G** e com 7% para cada um dos códigos **F** e **FP**.

Quadro nº54 – Caracterização da produção escrita identificada nos Artigos do Periódico *Cuidar*

<i>Cuidar</i>	Total Números		Total Artigos		Tot · Enf °s	Sexo		Autoria		Área Profissi onal	Códigos Temáticos					
	Pub ·	Enc ·	Ger al	Art °s En f°		M	F	In d	Out ro		PT	B C	PC	G	F	F P
	6	6	18	14		5	9	13	1		4	4	2	2	1	1
	100 %	100 %	100 %	78 %	100 %	36 %	64 %	93 %	7%	70%	29 %	29 %	14 %	14 %	7 %	7 %
Total	527	504	383	167	265	64	20	11	501	598	71	12	27	87	15	20
Associa ções de Enferma gem	100 %	96 %	100 %	44 %	100 %	24 %	76 %	66,6 %	30,2 %	22,6%	43 %	8 %	16 %	5 %	9 %	1 %

3 – 1993-200... - *Nephro's*



Imagem nº 31 - Digitalização da capa de *Nephro's*

A revista *Nephro's* é publicada pela Associação Portuguesa de Enfermeiros de Diálise e Transplantação.

Na origem da Associação e da criação deste periódico estiveram motivações relacionadas com a necessidade de congregar os enfermeiros que trabalhavam em centros de hemodiálise, um pouco dispersos um pouco por todo o território.

Missão	Descrição Física
<p>Este periódico pretende ser um elemento agregador dos enfermeiros de diálise e transplantação.</p> <p>A necessidade da existência de um órgão de comunicação que tratasse de temáticas tão específicas como estas, pode ser um importante contributo à formação nestas matérias tão específicas como sejam a nefrologia, a diálise e a transplantação. Além do mais destina-se a veicular trabalhos realizados pelos seus associados e à divulgação de eventos nacionais ou estrangeiros de interesse.</p>	<p>A revista tem um formato de 29x21cm.</p> <p>A capa manteve sempre a mesma apresentação, tanto na cor como nos motivos. Trata-se de um periódico ilustrado a cores, bastante apelativo pela qualidade de papel (brilhante), cor da capa (branco e azul), logotipo e disposição dos elementos.</p> <p>A capa está dividida em duas partes, cor branca junto à lombada e azul do lado direito.</p> <p>Os motivos apresentam-se contrastados (na parte branca elementos azuis e na parte azul são brancos).</p> <p>O título encontra-se no cabeçalho dividido por</p>

<p>O Editorial de janeiro de 2004 demonstra o êxito da revista junto dos associados ao afirmar (...) <i>A nossa revista tem permitido o conhecimento a reflexão sobre o estado da arte e da ciência no nosso domínio de intervenção. Procuramos, assim, traduzir o desenvolvimento que vamos realizando. Temos publicado um conjunto de trabalhos e artigos de opinião que expressam, um construto cujo suporte (técnico-científico é revelador de uma preocupação na fundamentação das razões das intervenções realizadas. Tal como procura apreciar as razões em que se baseia ou mesmo procura descobrir novas abordagens e respectiva fundamentação (...).</i> (...) <i>Pelo feedback, obtido, sentimos que constitui uma mais valia para os enfermeiros (enão só...), o que enaltece a qualidade dos artigos publicados. Continuamos a manter o desejo em aperfeiçoar a qualidade na oferta dos temas, das análises, dos estudos e das opiniões. (...)</i></p>	<p>duas partes <i>NE</i> a azul e <i>PHRO`S</i> a branco. Por baixo constam os restantes dados de identificação, volume, número, direção, periodicidade e data</p> <p>Junto á lombada consta o logotipo representado pelo desenho de um rim preenchido pela figura de uma lamparina estilizada, com a identificação da Associação Portuguesa de Enfermeiros de Diálise e Transplantação, cuja sigla consta do rodapé.</p> <p>O lado direito é preenchido pela ampliação do logotipo sobrepondo-se o índice.</p> <p>Apresenta as seguintes secções: <i>Editorial; Cartas, Notícias e Normas para Publicação de Trabalhos na Rrevista Nephro`s</i>, não integra publicidade comercial.</p> <p>As temáticas são constituídas por assuntos relacionados com a nefrologia, diálise e tranplantação.</p>
---	--

A caracterização de *Nephro`s* consta no quadro seguinte, nele observa-se que foram encontrados 53% dos números publicados.

Do total dos artigos foram identificados 90% como sendo de autores portugueses.

Relativamente aos 206 autores identificados, 56% são do sexo feminino.

No que respeita à publicação 52%, fizeram-no em coautoria, o que não deixa de ser uma exceção, pois que no total das revistas das Associações Profissionais a primeira posição é ocupada pela publicação individual com 66,6%.

Tal como temos vindo a referir anteriormente, destaca-se uma vez mais a área profissional Hospitalar como a originária dos autores em maior percentagem com 76%, enquanto no total dos periódicos das Associações Profissionais se obteve 44,3%.

Quadro nº55 - Caracterização da produção escrita identificada no Periódico *Nephro's*

<i>Nephro's</i>	Total Números		Total Artigos		Total Enfs	Sexo		Autoria			Área Profissional		
	Pub	Enc	Geral	Enfs		M	F	Ind.	Out	Etalou	Hosp	Esc.	Out inst
	32	17	91	82	206	91	115	37	43	2	156	10	1
	100 %	53 %	100 %	90%	100 %	44 %	56 %	45 %	52%	3 %	76%	5%	0,5 %
Total Associação de Enfermagem	527	504	3834	1678	2651	644	2007	1118	501	41	1175	598	75
	100 %	96 %	100 %	44%	100 %	24 %	76 %	66,6 %	30,2 %	2,5 %	44,3 %	22,6 %	2,9 %

O quadro abaixo representado indica-nos a distribuição dos códigos temáticos como resultado da codificação dos títulos dos artigos. Por conseguinte, observa-se que foram encontrados 8 códigos, sendo **PP** com 30% o que obteve maior percentual, seguindo-se **PC** com 26% e **PT** com 23%.

Os resultados dos periódicos das Associações Profissionais indicam a posição inversa, destes códigos sendo o código **PT** o que ocupa a maior percentagem com 43%, segue-se **PC** na segunda posição com 16%.

Quadro nº 56 - Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos títulos dos Artigos do Periódico *Nephro's*

<i>Nephro's</i>	Total Numeros		Total Artigos		Códigos Temáticos							
	Publ	Enc	Geral	Art's Enfs	PP	PC	PT	E	G	BC	SD	I
	32	17	91	82	25	21	19	7	3	3	3	1
	100%	53%	100%	100%	30%	26%	23%	8%	4%	4%	4%	1%
Total Associações de Enfermagem	527	504	3834	1678	71	275	718	126	87	129	42	32
	100%	96%	100%	44%	4%	16%	43%	8%	5%	8%	3%	2%

4 - 1996-200... - *Enfermagem Oncológica*

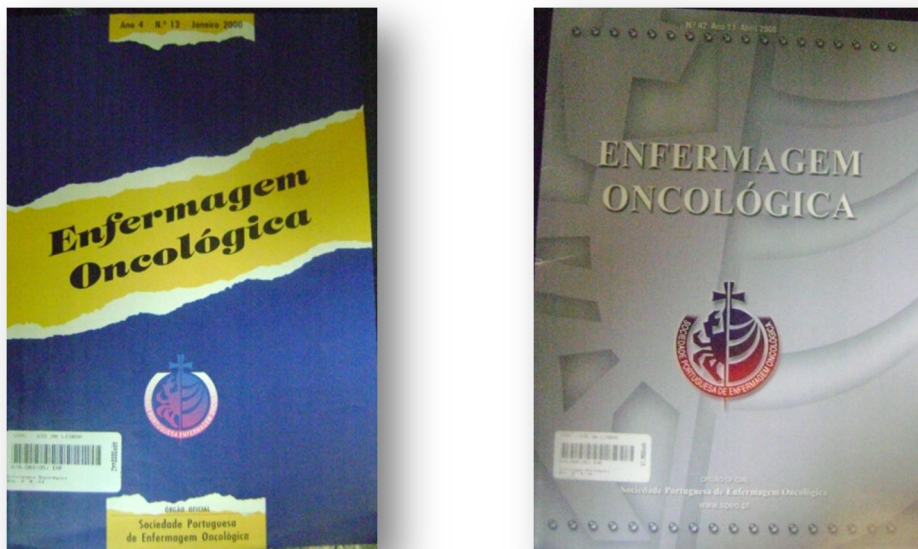


Imagem nº 32 - Digitalização da capa de *Enfermagem Oncológica*

A revista *Enfermagem Oncológica* é o órgão oficial da Sociedade Portuguesa de Enfermagem Oncológica fundado em 1996, que sucedeu à Revista *Divulgação*, dando continuidade à difusão da informação no domínio oncológico.

Missão	Descrição Física
<p>No número 0 da revista <i>Enfermagem Oncológica</i> de outubro de 1996, escreve Raquel Esteves a Editoralista que (...) <i>esta publicação emerge de um novo projecto com um carácter mais globalizante e abrangente, onde a mensagem escrita é apenas, uma das vertentes do processo de mobilização e disseminação da informação, na área de Enfermagem Oncológica.</i></p> <p>(...) a «Revista <i>Enfermagem Oncológica</i>» é um meio, que se insere, neste projecto, como um factor facilitador do crescimento e desenvolvimento do ensino e da prática de Enfermagem Portuguesa.</p> <p>Pode dizer-se que este periódico visa para além da função de comunicação, uma outra mais dirigida à Sociedade Portuguesa de</p>	<p>As características físicas do periódico têm sido alteradas durante o seu percurso, em síntese podem ser observadas, pelo seu formato inicial com as dimensões de 17,5x24cm e actualmente com 30x 20,5cm; a capa iniciou por ser publicada em fundo de cor preto, depois em azul escuro e actualmente em azul acinzentado. Na versão mais antiga, consta do cabeçalho o ano de publicação, o nº e a data (Mês e ano), sobre uma barra amarela, debruada a branco, o título inscrito na parte central a cor preta sobre uma barra amarela, debruada a branco.</p> <p>No rodapé a designação da Sociedade Portuguesa de Enfermagem Oncológica, sobre barra amarela debruada a branco, este elemento comum nestes espaços da capa, fazem lembrar o avesso do papel amarelo que foi rasgado.</p>

<p>Enfermagem Oncológica, o que é reforçado pelo seguinte excerto da editorialista (...)</p> <p><i>A concretização desta função vai, também, permitir caracterizar o «modus vivendi» da associação e, servir de instrumento de avaliação dos princípios estatutários da mesma. (...).</i></p>	<p>O símbolo da Sociedade é constituído por elementos idênticos aos do IPO.</p> <p>O formato é de um círculo incompleto com uma cercadura externa cor de rosa (mais intenso na parte central) com a identificação da Associação, em branco.</p> <p>No interior sob fundo azul escuro, a imagem em tons <i>degradée</i> de cor rosa a violeta dividida em duas metades, o símbolo do cancro (caranguejo) e a outra metade por um semicírculo com algumas barras, lembrando as coordenadas da globo, encimado por uma cruz.</p> <p>A Revista não está organizada em secções ou rubricas. Apresenta publicidade relativa a laboratórios farmacêuticos e equipamentos clínicos.</p> <p>Os temas são na sua maioria relacionados com a doença oncológica, porém (...) <i>o conteúdo não terá só áreas temáticas fixas, permitindo deste modo, assegurar a todos os profissionais, a possibilidade de participar, escrevendo. (...)</i></p> <p><i>Enfermagem Oncológica</i> número 0 de outubro de 1996.</p>
---	--



No quadro seguinte estão representados os resultados obtidos na revista *Enfermagem Oncológica* e os obtidos no total dos periódicos de Associações Sindicais, destacando-se que todos os números publicados desde o início de publicação foram encontrados.

Quanto à totalidade dos autores recenseados 62,8% são enfermeiros.

Quanto ao género 70% são mulheres.

No que respeita à autoria 62% são autores individuais e 34% são coautores.

Quanto à área profissional apenas foi indicada por 77% dos autores, dos quais 54,4% trabalham em Hospitais e 18,4% em Escolas de Enfermagem.

Os totais obtidos dos periódicos das Associações Profissionais não diferem muito dos encontrados no periódico *Enfermagem Oncológica*, enquadrando-se na dinâmica dos dados obtidos nos outros periódicos.

Quadro nº 57 - Caracterização da produção escrita identificada no Periódico *Enfermagem Oncológica*

<i>Enfermag em Oncológica</i>	Total Números		Total Artigos		Tot al Enf ºs	Sexo		Autoria			Área Profissional			
	Pub	Enc	Ger al	Enf ºs		M	F	In d.	Out	Et al ou	Hos p	Esc.	CS	Out · Inst ·
	44	44	261	164	261	78	183	102	56	6	142	48	10	1
	100 %	100 %	100 %	62,8 %	100 %	30 %	70 %	62 %	34 %	4%	54,4 %	18,4 %	3,8	0,4 %
<u>Total</u> <u>Associações</u> <u>de</u> <u>Enfermagem</u>	527	504	3834	1678	2651	644	200 7	111 8	501	41	1175	598	94	75
	100 %	96 %	100 %	44%	100 %	24 %	76 %	66, 6 %	30,1 %	2,5 %	44,3 %	22,6 %	3,5 %	2,8 %

Os dados inscritos no quadro que se segue referem-se aos códigos temáticos encontrados nos títulos dos artigos da Revista de *Enfermagem Oncológica* comparativamente com os resultados nos restantes periódicos editados pelas Associações Profissionais.

Observamos que neste periódico obtivemos os onze códigos temáticos, com a seguinte distribuição: **PC** com 40%; **PT** com 20%; **F**, **E** e **SL** com 6% cada; **PP** e **BC** com cerca de 5%; **G** e **I** com 4% e por último **SD** e **FP** com 2,5 e 0,7%, respetivamente.

Quando comparamos os valores obtidos neste periódico com o total dos restantes observamos uma inversão de posição entre os dois códigos **PC** e **PT** com 40%, e 43%, respetivamente.

Quanto à posição dos códigos, onde se obteve os valores mais baixos, também se verificaram algumas diferenças em relação ao código **SL** que neste periódico se encontra na terceira posição *exéquo* com **F** e **E** enquanto nas restantes se encontra na última posição.

Quadro nº58 - Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos títulos dos Artigos da *Revista de Enfermagem Oncológica*

<i>Revista de enfermagem Oncológica</i>	Total Números		Total Artigos		Códigos Temáticos										
	Publ	Enc	Ger al	Artº s Enfº s	PC	PT	F	E	SL	PP	B C	G	I	SD	FP
	44	44	261	164	66	33	10	10	10	9	8	7	6	4	1
	100 %	100 %	100 %	100 %	40 %	20 %	6 %	6 %	6 %	5,6 %	5 %	4,2 %	4 %	2,5 %	0,7 %
Total	527	504	3834	1678	275	718	153	126	25	71	129	87	32	42	20
Associações de Enfermagem	100 %	96 %	100 %	44 %	16 %	43 %	9 %	8 %	1 %	4 %	8 %	5 %	2 %	3 %	1 %

5 - 2000 - 200... - *Ordem dos Enfermeiros*

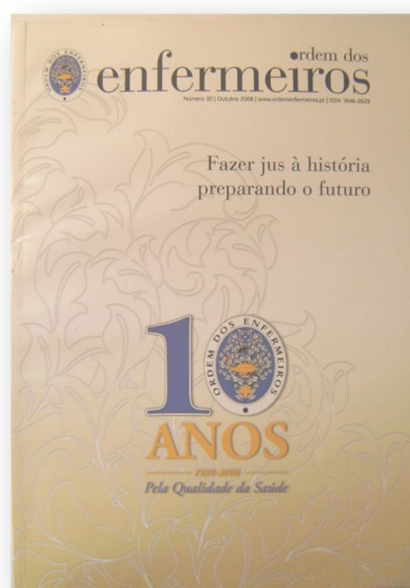
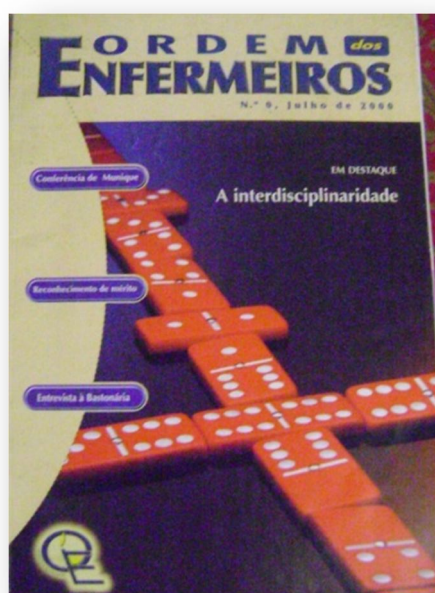


Imagem nº 33 - Digitalização da capa de *Ordem dos Enfermeiros*

A criação de um órgão regulador da profissão de enfermagem era uma aspiração antiga dos enfermeiros portugueses, que apenas se concretizou pela publicação do Decreto-Lei nº 104/98 de 21 de abril, que cria a Ordem dos Enfermeiros e aprova o respectivo Estatuto.

O preâmbulo do documento apresenta em síntese algumas conquistas alcançadas pela profissão e que se resumem:

- o exercício da profissão de enfermeiro, remonta, em Portugal, a finais do século XIX;
- as modificações operadas nas competências exigidas aos enfermeiros, ao nível da formação académica e profissional, que se traduz no desenvolvimento de uma prática profissional cada vez mais complexa, diferenciada e exigente;
- Desde os finais da década de 60 os enfermeiros pugnaram pela necessidade de se proceder à criação de mecanismos conducentes à regulamentação e controlo do exercício profissional, atribuições de uma associação profissional de direito público, bem como pela adopção de um código deontológico e de um estatuto disciplinar, que permitisse aos enfermeiros pautar a sua conduta profissional com vista à qualidade dos cuidados de enfermagem.

A Ordem dos Enfermeiros é uma associação pública representativa dos diplomados em Enfermagem que, em conformidade com os Estatutos e com as disposições legais aplicáveis, exercem a profissão de enfermeiro para:

- *Promover a defesa da qualidade dos cuidados de enfermagem;*
- *Zelar pela função social, dignidade e prestígio da profissão;*
- *Fomentar o desenvolvimento da formação e investigação em Enfermagem;*
- *Emitir parecer sobre os modelos de formação e a estrutura geral dos cursos de enfermagem;*
- *Desenvolver, regulamentar e controlar o exercício da profissão de enfermeiro;*
- *Atribuir títulos profissionais;*
- *Assegurar o cumprimento das regras de ética e deontologia profissional;*
- *Pronunciar-se sobre processos legislativos, contribuindo para a definição da política de saúde.*

A Revista da Ordem dos Enfermeiros foi editada em julho de 2000. A Ordem dos Enfermeiros enquanto associação de direito público (...) *implica a obrigação de divulgar publicamente parte da informação que gera. Simultaneamente, contudo, a Ordem é um espaço plural de sujeitos individuais, com necessidades informativas que ultrapassam o mero conhecimento dos resultados da actividade dos diferentes órgãos sociais que a constituem. (...).*

O periódico tem uma vasta área de abrangência, dirigindo-se a todos os seus associados espalhados por todo o Continente e Ilhas distribuídos pelas cinco Secções Regionais (Açores, Centro, Madeira, Norte e Sul).

Missão
<p>Referia a Bastonária Mariana Diniz de Sousa no Editorial do Número 0 da Revista 2000 que a (...) <i>sua concepção assentou numa assumida intenção de criar um meio de informação capaz não só de cumprir a sua função de veículo da informação oficial da Ordem, mas também de funcionar como um espaço aberto a ideias inovadoras, a reflexões e comentários. O processo deverá ser tão interactivo quanto os condicionalismos da própria natureza deste meio de informação o permitirem.</i> (...)</p> <p>(...) <i>daremos lugar à participação de pessoas de outras profissões que, pela diversidade de olhares que propiciam, pela pluralidade e fundamento das opiniões que transmitem, possam contribuir para alargar os horizontes da reflexão e análise de temas que marcam a actualidade da profissão e da saúde.</i> (...)</p>

No que respeita à descrição física do periódico apresentamos como síntese:

Descrição Física
<p>A Revista da Ordem dos Enfermeiros apresenta-se num formato de 30cm, está organizada nas seguintes secções: e subsecções: <i>Editorial, Intervenção, Notícias, Actividade, Deliberações dos órgãos sociais; A considerar, Destaque regional, Região em foco, Em destaque; Debates e rebates, Reflexões, Figuras e personalidades; Conhecer os órgãos sociais, A Ordem à lupa, Agenda e A palavra aos membros.</i></p> <p>A organização do índice de matérias estrutura-se em torno destas secções.</p> <p>O <i>designer</i> da capa deste periódico apresenta uma evolução ao longo do tempo, contudo, podemos estabelecer dois momentos, no primeiro que compreende quatro números (nº 0,1,2,e 3), no qual consta na capa na parte inferior esquerda o logotipo e no segundo momento este foi substituído pelo emblema da Ordem dos Enfermeiros.</p> <p>As capas dos primeiros 16 números apresentam alguma regularidade dos elementos que as constituem, prevalecendo a cor amarela como fundo na qual figuram na parte superior, a identificação da revista em cor azul-escuro, o índice na parte superior esquerda em letras de cor branca sobre caixas de texto em cor azul-escuro.</p> <p>O espaço de capa é ocupado por imagens bastante sugestivas, destacamos sobretudo a capa do nº5 de janeiro de 2002, apresentando um aspeto geral dos congressistas do Iº Congresso da Ordem dos Enfermeiros, destacando-se na primeira fila a Bastonária Mariana Diniz de Sousa ladeada pelo ex-Presidente da República, Dr. Jorge Sampaio.</p> <p>O logotipo é constituído pelas letras O e E (abreviatura), sob um fundo de uma imagem estilizada de uma lamparina no interior da letra O de cor ouro, cuja chama da mesma cor sobressai da letra E. Por baixo da letra O consta a designação por extenso da abreviatura – Ordem dos Enfermeiros.</p> <p>Quanto às insígnias da Ordem dos Enfermeiros são apresentadas na Revista nº 3 junho de 2001, pela vogal do Conselho Directivo da qual fazem parte os seguintes elementos:</p>

(...) - *escudo de armas associativas oval e azul;*

- *listela branca com legenda a negro identificativa da Ordem dos Enfermeiros;*

- *escudo azul com cinco besantes de prata contornado a ouro, representando as armas de D. Manuel I e o carácter nacional da profissão: a decisão de adoptar este elemento apoia-se no facto de os primeiros registos sobre enfermeiros datarem do tempo de D. Manuel I, constituindo, mais exactamente, matéria do regimento do Hospital de Todos os Santos, outorgado em 1504 por este rei;*

- *ramagem de prata realçada a negro, representando simbolicamente a fidelidade no exercício da profissão e a nobreza da mesma;*

- *lamparina de ouro realçada a negro, simbolizando o carácter internacional e universal da enfermagem, produzindo uma chama vermelha, o que representa a acção permanente dos profissionais;*



- *cruz de ouro, simbolizando a enfermagem no contexto dos profissionais da Saúde em Portugal;*

- *serpente negra, realçada a prata, animada, lampassada a vermelho e dextrovolvida: simboliza o carácter científico da profissão e a argúcia da sua concretização no dia-a-dia, decisão que é suportada pela evolução recente da profissão.*

(...)

A autora escreve (...) que a manifestação simbólica que representa a Ordem, capaz de exprimir crenças e valores através da transformação plástica de um raciocínio em traços artísticos correspondentes à linguagem oculta do simbólico.

As insígnias serão usadas no estandarte, no emblema e em selo próprios, os quais passarão a ser usados após a respectiva aprovação da Assembleia Geral e respectivo registo. pp. 11-13

O número 17 de julho de 2005 apresenta-se renovado e a Bastonária Maria Augusta Sousa no Editorial da mesma refere-se a essa particularidade como (...) *a nova imagem da nossa Revista. Enquadra-se no desenvolvimento para a melhoria da comunicação, que temos vindo a implementar desde a mudança de site e que continuará com a renovação do próprio grafismo da Revista.*

O desejo expresso pela Bastonária é de que a nova imagem seja um incentivo a conhecer o conteúdo da nova Revista e a torná-lo útil ao quotidiano do enfermeiro.

A capa passa a ser editada em cor branca com o emblema na parte superior antecedendo o título escrito em cor preta em duas linhas, sobressaindo a palavra «enfermeiros» na segunda linha, apresentando por baixo os restantes elementos de identificação e o site da Ordem.

Continuam a figurar na capa o índice e as imagens que se reportam às temáticas tratadas em cada número.

De um modo geral os conteúdos relacionados com a agenda da Ordem dos Enfermeiros publicados na Revista ocupam um espaço mais amplo, o que de certo modo corresponde aos objetivos da mesma.

Em cada número são apresentadas imagens e fotografias de atividades realizadas pelas várias secções regionais facto que tornam a leitura bastante mais interessante.

Não apresenta publicidade comercial.

O quadro seguinte retrata os dados que constituem a caracterização da revista da *Ordem dos Enfermeiros* comparativamente com os dados nos outros periódicos das Associações.

Foi possível recensear 29 números dos 31 publicados, com um total de 184 artigos, dos quais 90% foram publicados por enfermeiros.

Quanto ao género feminino ele é o mais representado em cerca de 56%.

A autoria individual é a modalidade que obteve 89,8%.

Apenas 23% dos autores indicaram a área profissional, sendo o Hospital o mais referido com 12%, seguido do CS com 9% e apenas 2% de Outros contextos.

Relativamente a esta lacuna observada na identificação da área profissional dos autores, somos de opinião que a redação e o Conselho Científico têm um papel muito importante na aceitação dos artigos, pois que tratando-se de uma publicação periódica de um órgão regulador da profissão, deverão constar todos os elementos identificadores, no sentido de possibilitar essa informação aos leitores, sendo além de um direito, permite também o desenvolvimento de informação mais completa.

Quadro nº59 - Caracterização da produção escrita identificada no Periódico *Ordem dos Enfermeiros*

<i>Ordem dos Enfermeiros</i>	Total Números		Total Artigos		Tot. Enf's	Sexo		Autoria			Áreas Profissional		
	Pub.	Enc.	Geral	Art's Enfº		M	F	Ind.	Outro	Et al ou	Hosp.	Esc.	CS
	31	29	184	165	194	86	108	148	16	1	23	17	4
	100%	94%	100%	90%	100%	44%	56%	89,8%	9,6%	0,6%	12%	9%	2%
<u>Total Associações de Enfermagem</u>	527	504	3834	1678	2651	644	2007	1118	517	43	1175	598	94
	100%	96%	100%	44%	100%	24%	76%	66,6 %	30,8%	2,6%	44,3%	22,6%-	3,5%

Quanto à distribuição dos códigos temáticos segundo a codificação dos títulos dos artigos, o quadro seguinte revela que o maior percentual se situou em **PT** na ordem dos 48,5%, tal como o verificado no total dos periódicos das Associações Profissionais com 43%.

A segunda posição foi alcançada pelo código **E** com 28%, percentual este bastante superior ao total dos outros periódicos.

Neste periódico o valor obtido pelo código **PC** é bastante diferente pois que atinge a última posição em *exéquo* com o código **SL** com 0,6%, enquanto no total dos restantes periódicos ocupa a segunda melhor posição com 16%.

Pelos resultados alcançados nos códigos dos títulos dos artigos mais uma vez se constata a missão da própria revista, donde as questões relativas à Prática Clínica, que muitas vezes se referem aos cuidados de enfermagem e aos procedimentos técnicos, não são as matérias mais abordadas.

Também as temáticas relacionadas com as condições de trabalho nos contextos profissionais não parecem reunir as preferências editoriais da Revista.

Assim, os títulos refletem uma outra orientação, o que se coaduna com a natureza do periódico e da missão do próprio órgão, enquanto órgão regulador e normativo das questões ético-deontológicas e jurídicas da profissão.

Quadro nº60 - Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos títulos dos Artigos do Periódico *Ordem dos enfermeiros*

	Nºs Publ	Nºs Enc	Tot Art's	Tot Art's Enf's	PT	E	G	BC	F	I	PC	SL
<i>Ordem dos Enfermeiros</i>	31	29	184	165	80	46	15	12	8	2	1	1
	100%	94%	100%	100%	48,5%	28%	9%	7,3%	4,8%	1,2%	0,6%	0,6%
<u>Total Periódicos Associações de Enfermagem</u>	527	504	3834	1678	718	126	87	129	153	32	275	25
	100%	96%	100%	44%	43%	8%	5%	8%	9%	2%	16%	1%

5 – 2000- 200... - AESOP - Associação de Enfermeiros de Sala de Operações Portugueses



Imagem nº 34 - Digitalização da capa de AESOP - Associação de Enfermeiros de Sala de Operações Portugueses

Missão	Descrição Física
<p>O Editorial do nº1 da Revista de 1 fevereiro de 2000 refere ...«Vamos começar uma nova etapa da vida da nossa Associação. A partir de hoje passámos a ter uma revista técnico científica só nossa. É com grande esforço que avançamos para esta nova etapa, conscientes de que uma revista própria será um grande benefício para todos nós. É um trabalho árduo, e estamos conscientes que só com a participação de todos é que poderemos levar este desafio até ao fim. Pretendemos que esta nossa revista seja uma revista técnica mas também um elo de ligação entre todos nós. Queremos que a utilizem para partilhar experiências, trocar ideias, perguntar, criticar, dar informações. Queremos que cada um sinta</p>	<p>A revista apresenta-se num formato de 30/21cm.</p> <p>Todos os números publicados apresentam os mesmos elementos na capa na mesma cor e com a mesma disposição, distinguindo-se apenas pela numeração e data.</p> <p>O <i>design</i> da capa consiste numa capa em fundo branco, com lombada verde, o título é escrito sobre uma caixa verde com a designação por extenso, seguida das iniciais da Associação de Enfermeiros de Sala de Operações Portugueses.</p> <p>Os títulos são apresentados na capa, apresentados em espaço entre o cabeçalho e a metade inferior da mancha, que é preenchida</p>

<p><i>que a revista é sua e que nela participe activamente.</i></p> <p><i>O corpo redactorial está ansioso por saber a vossa opinião e as vossas sugestões. Quais os assuntos que gostariam de ver tratados? Que colaboração é que estão dispostos a dar?</i></p> <p><i>Pensamos que ser leitor activo é muito mais interessante e permite dar uma dinâmica diferente. Vamos manter as Práticas Recomendadas, em destacável. Vamos abrir uma rubrica sobre instrumentação. Como podem ver já neste número, vamos em cada número escolher uma cirurgia e falar sobre o trabalho da enfermeira instrumentista durante essa cirurgia. Quais as cirurgias que vos interessa mais que abordemos? Querem dar um contributo para este tipo de trabalho?</i></p> <p><i>Que outras rubricas é que acham importante a revista ter?</i></p> <p><i>Queremos que a nossa revista seja um veículo de formação e actualização permanente.</i></p> <p><i>Sem o contributo de todos a revista não terá a utilidade que queremos que tenha.</i></p> <p>Na rubrica <i>Informação aos Autores</i> acrescenta que (...) <i>Embora a sua área de divulgação seja, preferencialmente, a de Bloco Operatório e Enfermagem Perioperatória, a Revista dirige-se a todos os enfermeiros independentemente da sua área de actuação, pelo que se aceitam artigos de todos os enfermeiros que desejem divulgar os seus trabalhos, as suas experiências e expressar as suas opiniões sobre assuntos relativos à profissão.</i> p. 4 Editorial do 1º número – Vol I nº 1 fevereiro 2000</p>	<p>pelo símbolo da Associação de Enfermeiros de Sala de Operações Portugueses, representado por um círculo de fundo amarelo com um triângulo de fundo verde com a imagem de uma mão enluvada, segurando uma pinça de <i>kocher</i>. O índice e Editorial constituem a folha de título.</p> <p>Os artigos apresentam-se organizados nas seguintes rubricas ou secções: <i>Informação aos autores; Destacável: Instrumentação; Pergunte que nós respondemos/esta secção é sua; Cartas; Entrevistas e Notícias.</i></p> <p>Como curiosidade cada um dos números inclui nas folhas centrais numeradas de a a h as rubricas ou secções <i>Destacável: Instrumentação</i> que se apresentam num tipo de papel de gramagem superior ao restante da revista, conferindo-lhe maior relevo face aos restantes conteúdos.</p> <p>Os artigos são acompanhados de imagens coloridas, com a identificação dos títulos e os parágrafos são iniciados por letra capitular.</p> <p>As temáticas tratadas são específicas e respeitantes apenas a assuntos de âmbito das técnicas desenvolvidas na Sala de Operações.</p> <p>Apresenta espaços ocupados com publicidade da responsabilidade de empresas que, na sua maioria, comercializam produtos usados em hospitais, nas sala de operações.</p>
---	---

A distribuição dos resultados indicada no quadro que se transcreve abaixo são norteadores da tendência que temos vindo a desenvolver, assim, foram recenseados todos os números publicados.

Quanto aos artigos publicados pelos enfermeiros foi de 83%. A quase totalidade dos autores são enfermeiras (92%).

No entanto, um dado é divergente dos anteriores no que respeita à responsabilidade de autoria em que o maior percentual de 62,7% se verificou na responsabilidade partilhada com outros enfermeiros.

A área profissional mais pontuada foi o Hospital com 77,7%, mantendo-se a tendência já refletida em outros periódicos.

Quadro nº61 - Caracterização da produção escrita identificada no Periódico *AESOP*

<i>AESOP</i>	Total Números		Total Artigos		Tot. Enf ^{os}	Sexo		Autoria			Área Profissional			
	Pub ..	Enc .	Ger al	Art 's Enf		M	F	Ind.	Out ro	Et al ou	Hos p.	Esc.	CS	Out inst
	21	21	123	102	215	17	198	32	64	6	167	12	1	1
	100 %	100 %	100 %	83 %	100 %	8 %	92 %	31,4 %	62,7 %	5,9 %	77,7 %	5,6 %	0,5 %	0,5 %
Total Periódicos	527	504	3834	1678	2651	644	2007	1118	517	43	1175	598	94	75
Total Associações de Enfermagem	100 %	96%	100 %	44 %	100 %	24 %	76 %	66,6 %	30,8 %	2,6 %	44,3 %	22,6 %	3,5 %	2,9 %

O quadro que se segue transporta os dados relativos aos códigos temáticos da revista *AESOP* que demonstram que o total de 102 artigos de enfermeiros se distribuíram por 10 códigos: **PC** com 54%; **BC** com 11,8%; com igual percentagem (7,8%) **PT** e **PP**; **G** e **E** obtiveram **4,9%** cada; **SD** com 4%; **F** com 3% e **I** e **SL** apresentam 0,9%.

A comparação dos dados revela-nos que os títulos dos artigos mais pontuados referem-se a assuntos da prática, seguindo-se os de âmbito concetual e de natureza no enfoque da Enfermagem como disciplina.

A leitura dos resultados comparados entre este periódico e o total dos restantes indica-nos que os autores selecionaram para título dos artigos as questões que envolvem os Cuidados de Enfermagem (**PC**), enquanto nos restantes privilegiaram as questões mais genéricas (**PT**).

Estes resultados não surpreendem visto tratar-se de um periódico relacionado com matérias especializadas da prática de enfermeiros e que estão em consonância com os resultados verificados em outros periódicos semelhantes.

Quadro nº62 - Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos títulos dos Artigos do Periódico AESOP

AESOP	Nºs Publ	Nºs Enc	Tot Art's	Tot Artºs Enfºs	PC	BC	PT	PP	G	E	SD	F	I	SL
	21	21	123	102	55	12	8	8	5	5	4	3	1	1
	100 %	100 %	100 %	83 %	54 %	11,8 %	7,8 %	7,8 %	4,9 %	4,9 %	4 %	3 %	0,9	0,9
<u>Total Periódicos Associação s de Enfermagem</u>	527	504	3834	1678	275	129	718	71	87	126	42	153	32	25
	100 %	96%	100 %	44%	16 %	8%	43%	4%	5%	8%	3 %	9 %	2 %	1 %

7 - 2000-200... - Revista da Associação Portuguesa dos Enfermeiros Obstetras

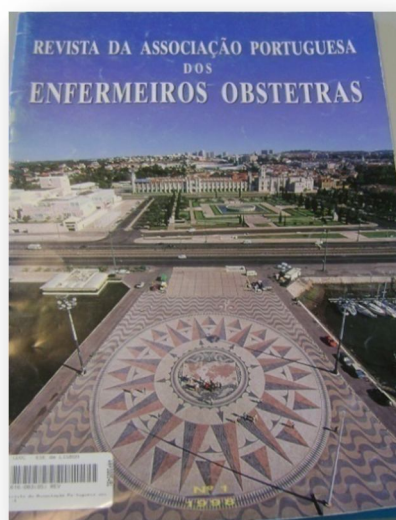



Imagem nº 35 - Digitalização da capa da Revista da Associação Portuguesa dos Enfermeiros Obstetras

Missão	Descrição Física
<p>A revista assume como missão ser uma forma de comunicação com os outros; poder analisar a intervenção, reponsabilidade do enfermeiro obstetra, assim como os seus percursos e valores.</p>	<p>Relativamente à descrição física a revista tem um formato de 30x21cm; o designer da capa é diverso, tem mudado de exemplar para exemplar.</p> <p>Os primeiros números apresentavam uma capa de fundo branco com imagens de paisagens relacionadas com as cidades de Lisboa e Porto.</p> <p>Os números a partir de 2006 a capa mudou de</p> <div data-bbox="842 658 1197 981"></div> <p>visual, apresentando-se em fundo de tons cinzentos escuros, no entanto os elementos fixos estão inscritos no cabeçalho, como é o caso do título, e no rodapé o número e ano. Nesta nova versão da capa consta o logotipo da Associação Portuguesa de Enfermeiros Obstetras, sendo representado de forma estilizada como duas mãos abertas elevadas segurando uma imagem feminina com um bebé ao colo e a forma do globo terrestre com coordenadas. É um logotipo que se destaca muitas vezes no centro da capa, ou servindo de fundo aos artigos nas páginas interiores.</p> <p>O sumário consta na folha de título com a identificação dos autores.</p> <p>Apresenta publicidade relacionada com a indústria farmacêutica ou equipamentos e produtos destinados a bebés e às mulheres.</p> <p>Não está organizada por rubricas ou secções, nem apresenta indicação aos leitores das normas de publicação.</p> <p>As matérias editoriais são na sua maioria relacionadas com a maternidade, o bebé e sobretudo com a intervenção do enfermeiro especialista de enfermagem obstétrica.</p>

Tal como os quadros anteriores, também o seguinte dá a conhecer os resultados da caracterização sociodemográfica dos autores responsáveis pela publicação do periódico da *Associação dos Enfermeiros Obstetras*.

Todos os números publicados foram encontrados.

De entre os 112 artigos publicados 93% são da autoria dos enfermeiros portugueses, em que 85% são mulheres.

Os artigos publicados em coautoria perfazem 57%, enquanto a publicação individual perfaz 41%. Situação inversa se verifica no total dos outros periódicos das demais Associações em que a autoria individual obteve 66,7% e em coautoria 30,8%.

A área Hospitalar foi a mais indicada pelos autores com 66% e 44,3%, respectivamente na revista da Associação dos Enfermeiros Obstetras e nos restantes periódicos das Associações Profissionais.

Quadro nº63 - Caracterização da produção escrita identificada no Periódico *Associação dos Enfermeiros Obstetras*

<i>Enfermeiros Obstetras</i>	Total Números		Total Artigos		Associações Profissionais	Sexo		Autoria			Áreas Profissional			
	Pub.	Enc.	Ger. al	Enf. °s		M	F	Ind.	Out. ro	Et. al ou	Hos. p.	Esc.	CS.	Out. inst
	9	9	112	93	191	28	163	38	53	2	126	42	18	1
	100 %	100 %	100 %	83 %	100%	15 %	85 %	41 %	57 %	2 %	66 %	22 %	9,4 %	0,5 %
<u>Total Periódicos</u>	527	504	383	167	2651	644	2007	1118	517	43	1175	598	94	75
<u>Associações de Enfermagem</u>	100 %	96 %	100 %	44 %	100%	24 %	76 %	66,6 %	30,8 %	2,6 %	44,3 %	22,6 %	3,5 %	2,9 %

Os oito códigos temáticos encontrados na revista da Associação dos Enfermeiros Obstetras distribuíram-se do seguinte modo: **PT** com 54%; **PC** com 32,5%; **BC** com 4,3%; **PP** com 3,2%; **F** e **I** com 2% cada e **G** e **SD** com 1% cada.

Quando comparamos as duas dimensões em estudo, *Revista da Associação dos Enfermeiros Obstetras* e o total das publicações associativas verificamos que os códigos mais pontuados foram os mesmos (**PT** e **PC**), muito embora sejam significativas as diferenças percentuais entre os 11 e 16%.

Quanto ao código **F** é o que nos deparamos com uma maior diferença percentual de 7%, o que poderá indicar que os temas relacionados com a formação não tiveram tanta relevância por parte dos autores, como o tiveram nos restantes periódicos.

Se compararmos com os resultados obtidos nos dois quadros verificamos que as Escolas apresentam uma diferença percentual muito maior neste periódico relativamente à diferença percentual nos restantes periódicos (44% e de 21,7%).

Esta situação é semelhante há verificada em outros periódicos da especialidade, e, certo modo, justifica que os enfermeiros especialistas da prática são os que publicam em maior percentagem neste tipo de periódicos, enquanto os professores publicam nos periódicos da responsabilidade das Escolas de Enfermagem.

Será, que esta situação não deveria ser mais equilibrada, de molde a permitir uma maior permuta de conhecimentos entre as várias áreas profissionais, onde todos ganhariam com a partilha dos saberes práticos de uns e dos saberes teóricos de outros?

Quadro nº 64 – Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos títulos dos Artigos da *Associação dos Enfermeiros Obstetras*

<i>Associação dos Enfermeiros Obstetras</i>	Nºs Publ	Nºs Enc	Tot Art's	Tot Art's Enf's	PT	PC	BC	PP	F	I	G	S D
	9	9	112	93	50	30	4	3	2	2	1	1
	100%	100%	100%	83%	54%	32,5%	4,3%	3,2%	2%	2%	1%	1%
Total Periódicos Associações de Enfermagem	527	504	3834	1678	718	275	129	71	153	32	87	42
	100%	96%	100%	44%	43%	16%	8%	4%	9%	2%	5%	3%

8 - 2002 - 200... - *Enfermagem e o Cidadão*



Imagem nº 36 - Digitalização da capa de *Enfermagem e o Cidadão*

Enfermagem e o Cidadão é o Jornal da Secção Regional do Centro da Ordem dos Enfermeiros, criado em 2002 e com sede em Coimbra.

Trata-se de um órgão de comunicação com características particulares face a outros periódicos, pois que sendo da iniciativa dos enfermeiros se destina a um público anónimo, podendo ter uma dupla função, leitor e autor. O olhar do cidadão sobre as questões relacionadas com a saúde está presente na missão do Jornal e é sublinhado pelo Editorialista no nº 0 publicado em fevereiro de 2002, que nos ajudou a documentar a caracterização do mesmo.

Missão	Descrição Física
O Editorialista escreve que este órgão pretende ser o eco das preocupações, ideias, opiniões e trabalhar em prole do cidadão para que consiga melhorar a sua saúde. Escreve o mesmo (...) <i>Honrando responsabilidades atribuídas, pela Assembleia da República, à Ordem dos</i>	O jornal propõe-se divulgar os trabalhos dos leitores que desta forma concorrem para dar cumprimento a uma prerrogativa de intervenção ativa na sociedade, contribuindo para aumentar os níveis de saúde individual e coletiva e como consequência promover o desenvolvimento

<p><i>Enfermeiros, de garantia da qualidade dos Cuidados de Enfermagem, decidimos criar um espaço de informação, dedicado exclusivamente a si, onde a palavra, é dos Homens e Mulheres, crianças e adolescentes dos nossos 6 distritos da Região Centro.</i></p> <p><i>Queremos ser os dinamizadores deste espaço e prevemos inserir o mínimo de artigos de enfermeiros, e só para divulgar os cuidados de enfermagem e de saúde existentes ou a criar, em cada Centro de Saúde, Hospital ou Comunidade. (...)</i></p> <p><i>(...) Destinado preferencialmente a todos os cidadãos da Região Centro, devem ser estes os responsáveis pelos conteúdos, individualmente ou através das suas associações, municípios e colectividades. (...)</i></p> <p><i>Com a finalidade de promover uma (...) cidadania ativa e responsável, definindo o estado e rumo da saúde na nossa região. (...)</i></p> <p><i>O papel do leitor é explicado no mesmo documento como sendo o de (...) assumir uma cidadania responsável, recusando o alheamento pela dinâmica social ou a atitude passiva e amorfa, face a um quadro insuficiente de respostas.</i></p> <p><i>(...) Queremos ajudar a criar uma Soberania das Pessoas em complemento a um Estado Democrático, que em regra nos ouve em cada acto eleitoral, mas que precisa de ser vigiado e estimulado para que algo na saúde e nas nossas vidas melhore.</i></p> <p><i>Fica o desafio. Escreva-nos, publique as suas opiniões deixe-nos as suas propostas. Fazemos eco da sua vontade. (...) nº 0 fevereiro de 2002</i></p>	<p>individual e social.</p> <p>Este Jornal publica-se em formato de 29cm, com um aspeto bastante atraente devido ao colorido das imagens e tratamento dos conteúdos.</p> <p>Refere o mesmo Editorialista que (...) <i>As propostas de estilos de vida saudáveis, que em cada número do nosso jornal procuraremos tratar, estimulando e orientando para práticas de vida adequadas, devem decorrer das propostas de cada leitor (...).</i></p> <p>A capa do jornal é constituída pelo título escrito no cabeçalho em duas linhas na primeira parte do título - <i>Enfermagem</i> - escrito em cor amarela e na segunda linha - <i>e o Cidadão</i> - escrito em cor azul com tamanho de letra inferior. Logo a seguir no canto superior do lado direito a simbologia da Ordem dos Enfermeiros, cuja descrição já fizemos referência anteriormente.</p> <p>Na terceira linha constam os restantes elementos de identificação, Propriedade, mês, ano, e número.</p> <p>Ainda na capa consta o Editorial e do lado direito em toda a altura da folha o Sumário, acompanhado de algumas imagens.</p> <p>O designer da capa muda de número para número, contudo a disposição dos elementos mantém-se.</p> <p>A apresentação dos assuntos é acompanhada por imagens coloridas e bastante apelativas.</p> <p>Os artigos são curtos, de autoria bastante diversa.</p> <p>Apresenta duas grandes secções: Espaço Associativo e <i>Cultura e Recreio</i>.</p> <p>A publicidade que apresenta enquadra-se na divulgação de eventos profissionais.</p>
--	--

Os achados inscritos no quadro que se segue reporta-se à revista *Enfermagem e o Cidadão*. Os 18 números publicdos foram identificados, correspondendo a 154 artigos, dos quais 58% são de autoria dos enfermeiros nacionais. Do total destes artigos 74% são de autoria de enfermeirasm relação, que maioritariamente publicaram individualmente.

Apenas 49% indicaram a área profissional e destes 39% identificaram o Hospital como sendo o contexto de proveniência dos autores. Os outros contextos CS e Escolas apresentam no seu conjunto 10%.

É de realçar que este periódico assume algumas características muito particulares sobre os anteriores, ealçamos as temáticas que, embora escritas por profissionais de diversas áreas disciplinares, por se destinarem preferencialmente ao cidadão comum, e não em particular à comunidade profissional de enfermagem, apresentam temas relacionados com a saúde nas diferentes fases do ciclo vital.

Quadro nº65 - Caracterização da produção escrita identificada no Periódico *Enfermagem e o Cidadão*

<i>Enfermagem e o Cidadão</i>	Total Números		Total Artigos		Total Enf ^{os}	Sexo		Autoria		Área Profissional		
	Pub.	Enc	Geral	Enf ^{os}		M	F	Ind.	Outro	Hosp.	CS.	Esc.
	18	18	154	89	135	35	100	67	22	52	8	5
	100 %	100 %	100 %	58%	100 %	26 %	74 %	75,3 %	24,7 %	39%	6%	4%
<u>Total Periódicos</u>	527	504	3834	1678	2651	644	2007	1118	517	1175	94	598
<u>Associações de Enfermagem</u>	100 %	96%	100 %	44%	100 %	24 %	76 %	66,6 %	30,8 %	44,3 %	3,5 %	22,6 %

A codificação dos títulos dos artigos deste periódico demonstrou que foram encontrados oito códigos, sendo os mais pontuados o código **PT** com apreciável percentagem de 75%, seguido de **SD** com 12% e de **PC e PP** com o mesmo valor de 4,5% e os restantes (**G**, **BC**, **E** e **SL**) com percentuais pouco significativos (1%).

A justificação para a elevada percentagem encontrada no código **PT**, pode ser devido ao facto de se tratar de um periódico de conteúdo mais genérico destinado à população no geral.

Porque se trata de um periódico que visa a promoção da saúde e a prevenção das doenças da população não é de surpreender que os títulos dos artigos sejam dirigidos para temáticas inscritas no código **SD**, enquanto as questões mais reservadas a temáticas profissionais e destinadas aos enfermeiros sejam as menos valorizadas por este órgão de imprensa.

Quadro nº 66 - Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos títulos dos Artigos do periódico *Enfermagem e o Cidadão*

	Total Números		Total Artigos		Códigos Temáticos							
	Publ	Enc	Geral	Art's Enf's	PT	SD	PC	PP	G	BC	E	SL
	18	18	154	89	66	11	4	4	1	1	1	1
<i>Enfermagem e o Cidadão</i>	100%	100%	100%	100%	75%	12%	4,5%	4,5%	1%	1%	1%	1%
<u>Total Periódicos</u>	527	504	3834	1678	718	42	275	71	87	129	126	25
<u>Associações de Enfermagem</u>	100%	96%	100%	44%	43%	3%	16%	4%	5%	8%	8%	1%

9 – 2006 – 200... – APECSP

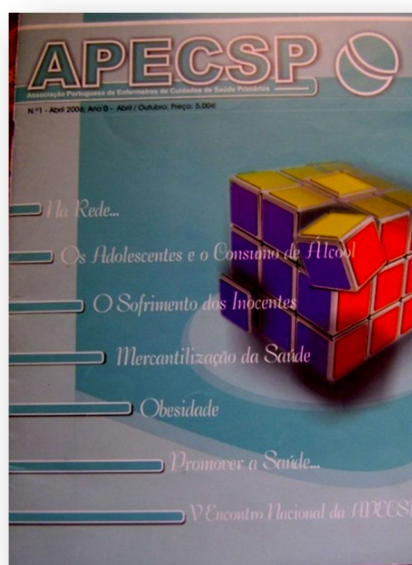


Imagem nº 37 - Digitalização da capa de APECSP

A Associação Portuguesa de Enfermeiros de Cuidados de Saúde Primários, entidade proprietária e editor, publica em abril/outubro de 2006 o seu primeiro número da Revista

da APECSP com o propósito de ser um importante veículo do conhecimento produzido no âmbito dos cuidados de saúde primários.

De um modo geral, os objetivos formulados no número um da Revista, e que a seguir apresentamos, expressam os pontos de vista da Missão para os Cuidados de Saúde Primários, aprovada pelo Conselho de Ministros a 22 de setembro de 2005.

Missão	Descrição Física
<p>O periódico APECSP apresenta como objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none">- <i>Constituir um espaço de análise e discussão sobre cuidados de saúde primários;</i>- <i>Divulgar e discutir a aplicação de processos, métodos e técnicas inovadoras de enfermagem em cuidados de saúde primários;</i>- <i>Divulgar os resultados de trabalhos de investigação em enfermagem, no âmbito dos cuidados de saúde primários;</i>- <i>Divulgar projectos e eventos desenvolvidos pela APECSP e no âmbito dos cuidados de saúde primários;</i>- <i>Divulgar temas de educação para a saúde;</i>- <i>Constituir um espaço de análise de questões das teorias e práticas, do ensino e da investigação, particularmente no âmbito dos cuidados de saúde primários;</i>- <i>Divulgar e comentar novas funções de informação e bibliografia relacionada com cuidados de saúde primários.</i> p. 3 <p>No Editorial do mesmo número - nº 1 abril/outubro de 2006 - o presidente refere que (...) <i>a publicação desta revista traduz uma dupla satisfação, pelo facto de se registar por parte dos associados grande participação na vida real da associação e devido ao desafio motivador e exigente da criação da Associação Portuguesa de Enfermeiros de Cuidados de Saúde Primários.</i>p. 3</p>	<p>A revista é constituída pelos seguintes elementos físicos: formato de 30x21cm; capa em fundo de dois tons de verde encimada pela identificação de iniciais debruadas em cor branco, seguidas da identificação por extenso e restantes elementos identificadores em cor preta; índice de assuntos inscritos na capa. Como simbologia apresenta na capa na parte superior um círculo cortado em duas metades.</p> <p>Os artigos são expostos sobre as páginas em fundo branco em forma de um livro aberto.</p> <p>Os temas são bastante sucintos e escritos sob a forma de duas colunas e de acordo com os objetivos da revista, versam assuntos relacionados com a área de Cuidados de Saúde Primários.</p> <p>É uma Revista caracterizada pela descrição da cor das imagens que, algumas vezes, acompanham as matérias editoriais. Não está organizada por secções ou rubricas de assuntos e não faz referência a publicidade.</p>

Os resultados obtidos na análise deste periódico deixam transparecer a sua ainda curta edição, todavia podemos destacar alguns resultados que se enquadram também do perfil que temos vindo a destacar em cada um dos periódicos, como sejam: a quase totalidade dos

artigos de autores nacionais, a maioria dos artigos publicados serem enfermeiras (61,5%), em que 51% são publicados individualmente.

A área profissional foi identificada por 40% dos autores como proveniente unicamente das Escolas de Enfermagem.

Os resultados obtidos nas outras revistas associativas, divergem quanto ao total de artigos de autores enfermeiros, onde se obtiveram percentagens bastante inferiores, assim como as percentagens obtidas no género masculino que neste periódico são superiores. Também ao nível da variável autoria, os dados revelam que os enfermeiros publicaram em maior percentagem em grupo, do que no total dos outros periódicos.

Quadro nº 67 – Caracterização da produção escrita identificada no Periódico *APECSP*

<i>APECSP</i>	Total Números		Total Artigos		Total Enfermeiros	Sexo		Autoria		Área Profissional
	Pub.	Enc	Gera l	Enfº s		M	F	Ind.	Outro	Esc.
	2	2	16	15		10	16	8	7	6
	100 %	100 %	100 %	94%	100%	38.5 %	61,5 %	53 %	47%	40%
<u>Total Periódicos</u> <u>Associações</u> <u>de</u> <u>Enfermagem</u>	527	504	3834	1678	2651	644	2007	1118	517	598
	100%	96%	100%	44%	100%	24%	76%	66,6 %	30,8 %	22,6%-

No quadro seguinte estão representados os cinco códigos encontrados neste periódico: **PT** com 60%; **PC** e **SD** com 13% cada, **G** e **SL** com 7% cada.

Todavia a curta publicação do periódico consistir em apenas dois exemplares, não deixa de ser interessante que também nesta situação as primeiras posições correspondam aos códigos mais pontuados relativamente a outros periódicos de maior produção.

Quadro nº 68 – Distribuição dos Códigos Temáticos encontrados nos títulos dos Artigos do periódico *APECSP*

<i>APECSP</i>	Números		Total Artigos		PT	Códigos Temáticos			
	Publ	Enc	Geral	Enfºs	PT	PC	SD	G	SL
	2	2	16	15	9	2	2	1	1
	100%	100%	100%	100%	60%	13%	13%	7%	7%
Total Periódicos	527	504	3834	1678	670	436	42	249	43
Associações de Enfermagem	100%	96%	100%	44%	40%	26%	2,5%	14,8%	2,6%

10 – 2007- 200... – *ONCO.NEWS*

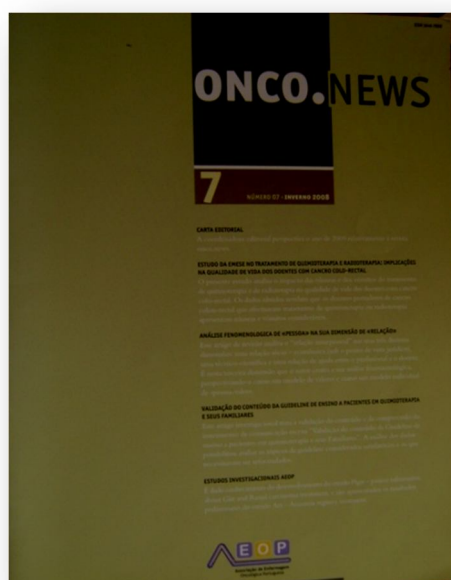


Imagem nº 38 - Digitalização da capa de *ONCO.NEWS*

A revista *ONCO.NEWS* (ON) é o órgão oficial da Associação de Enfermagem Oncológica Portuguesa

Missão	Descrição Física
<p>O periódico <i>ONCO.NEWS (ON)</i> apresenta-se com <i>duas grandes vertentes</i>:</p> <ul style="list-style-type: none">- <i>Publicação de artigos científicos que versem ou não trabalhos de investigação, em conformidade com o definido nas normas de publicação;</i>- <i>Divulgação de programas e projectos que a associação vier a implementar.</i> <p><i>A revista ON pertence a todos os associados e comunidade científica que pretendam divulgar conteúdos científicos em enfermagem oncológica.</i></p> <p><i>Divulgar aquilo que fazemos bem é o melhor contributo que podemos dar á evolução da enfermagem, especificamente á enfermagem em oncologia.</i></p> <p><i>A revista ONCO.NEWS considera para publicação trabalhos relacionados directa ou indirectamente com a Enfermagem Oncológica, nomeadamente através de artigos originais, de revisão, de actualização, casos clínicos ou cartas ao editor.</i></p>	<p>O periódico tem um: formato de 27x21cm.</p> <p>O índice de matérias está inscrito na capa com apresentação de uma breve síntese.</p> <p>Na folha de título o Índice está organizado por secções ou rubricas: <i>Carta Editorial; Artigos; Informação Institucional; Investigação e Divulgação Científica.</i></p> <p>Tooda a revista é escrita a preto e branco, com exceção da capa e da publicidade que se apresentam coloridas. Destacamos a qualidade do papel, as linhas sóbrias do seu designer e do conteúdo dos artigos de investigação.</p> <p>A capa de fundo verde claro, apresenta toda a informação organizada de modo a ocupar apenas a parte direita da mesma.</p> <p>No cabeçalho da capa constam os elementos identificadores da revista, seguindo-se o índice (a preto) e respectivo resumo, (a branco).</p> <p>No rodapé encontra-se o logotipo da Associação de Enfermagem Oncológica Portuguesa, constituído pelas iniciais da Associação escritas a branco num fundo lilás, à excepção da vogal <i>O</i> que tem um fundo amarelo.</p> <p>Todavia a sobriedade das cores e da disposição dos elementos, consideramos que o texto do resumo da capa é de difícil leitura, não apenas pelo tipo de letra mas sobretudo pela cor utilizada..</p> <p><i>A revista está indexada às Bases de Dados: EBSCO e LATINDEX.</i></p>

A caracterização da produção escrita identificada no Periódico *ONCO.NEWS* reflete a jovialidade do periódico com dois anos de publicação, bem como a circunstância de não ter sido possível localizar mais do que um dos exemplares dos sete que foram editados.

No quadro seguinte estão apresentados em síntese os resultados que constituem a caracterização sociodemográfica e os códigos temáticos encontrados na revista e no total das Associações Profissionais, assim, observamos que apenas foram identificados 4 artigos dos quais metade são de enfermeiros que publicaram individualmente e são oriundos da área hospitalar.

Quanto aos códigos temáticos repartem-se por Perspectivas e Tendências (**PT**) e Gestão (**G**) com igual valor percentual (50%).

Consideramos interessante o facto de ter encontrado um valor tão elevado relativamente ao código **G**, pois que os valores obtidos no conjunto dos periódicos enquadrados em outras categorias, as percentagens são bastante inferiores.

Será que este resultado se mantinha se todos os números fossem objeto de análise e codificação dos títulos?

Quadro nº 69 - Caracterização da produção escrita identificada no Periódico *ONCO.NEWS*

<i>ONCO.NEWS</i>	Total Números		Total Artigos		Total Enf's	Sexo	Autoria	Área Profissional	Códigos Temáticos	
	Pub.	Enc.	Geral	Enf's		M	Ind.	Hosp.	PT	G
	7	1	4	2		2	2	2	1	1
	100%		100%	50%	100%	100%	100%	100%	50%	50%
<u>Total Periódicos</u>	527	504	3834	1678	2651	644	1118	1175	718	87
<u>Associações de Enfermagem</u>	100%	96%	100%	44%	100%	24%	66,6 %	44,3%	43%	5%

11 - 2009 - 200... – Revista de Enfermagem da Sociedade de Saúde Mental e Psiquiátrica

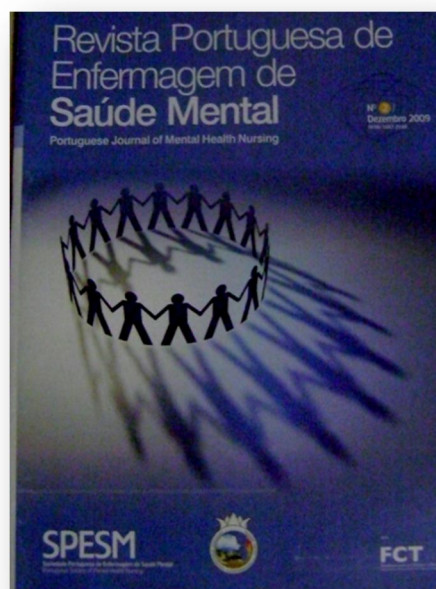


Imagem nº 39 - Digitalização da capa da Revista de Enfermagem da Sociedade de Saúde Mental e Psiquiátrica

A *Revista de Enfermagem da Sociedade de Saúde Mental e Psiquiátrica* é de edição e propriedade da Sociedade Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental, iniciou a sua publicação em junho de 2009, por conseguinte trata-se da última publicação periódica em enfermagem no espaço nacional.

A Sociedade Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental é uma associação científica sem fins lucrativos, criada em junho de 2007, com as principais finalidades a divulgação científica; a investigação; a formação e a promoção da Saúde mental das pessoas. p. 7

Missão	Descrição Física
No Editorial nº 1 junho 2009 o editoralista escreve que a Revista está receptiva à colaboração de todos os profissionais que de um modo ou de outro, se dediquem à Saúde Mental, sendo dado prioridade aos trabalhos de Enfermagem.	A imagem de capa é bastante diversa, porém os elementos de identificação têm se mantido, como sejam: no cabeçalho a identificação do título escrita em letra de cor branca, em língua portuguesa e língua inglesa. Seguem-se os

<p>Salienta a importância da multidisciplinaridade como uma mais valia mútua, essencialmente para o público alvo dos cuidados de enfermagem.</p> <p>(...) <i>Todos poderemos aprender com todos. Este número esboça um caminho que se pretende consolidar no futuro, publicitando muitos trabalhos que os enfermeiros e outros profissionais realizem no âmbito da Saúde Mental.</i></p> <p>...A disseminação do conhecimento constitui uma via, para a melhoria das práticas em Saúde Mental, pelo que a revista também procurará atingir este desiderato, um recurso a utilizar por diferentes profissionais de saúde e por todas as pessoas que se interessam pela Saúde Mental. (...) p. 8</p>	<p>elementos de identificação: número, mês, ano e ISSN.</p> <p>No rodapé da folha de capa consta: do lado esquerdo as iniciais SPESM, por baixo a designação das mesmas - Sociedade Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental, escrito em língua portuguesa e inglesa; no centro encontra-se o símbolo da Sociedade em forma de romã, de cor branca, contendo uma cercadura com a identificação da Sociedade.</p> <p>No seu interior apresenta de forma estilizada a lamparina de cor dourada sobressaindo a chama de cor alaranjada e vermelha, sob um fundo azul acinzentado e na metade esquerda uma imagem de paisagem com um céu com nuvens azuis e brancas com arbustos sobre a lamparina, no entanto quando se olha para o conjunto parece-se com o perfil de um rosto. No canto inferior direito a sigla FCT e por baixo a decodificação Fundação para a Ciência e Tecnologia.</p> <p>A revista apresenta-se no formato de 27x21 cm. Apresenta Índice com a identificação dos autores.</p> <p>A publicidade é a relativa a eventos da SPESM. Não está organizada em secções.</p> <p>Apresenta normas para submissão de artigos à revista.</p> <p>Os artigos versam essencialmente matérias relacionadas com a Saúde Mental, apresentam o resumo e palavras-chave nos dois idiomas - português e inglês.</p> <p>A revista apresenta os assuntos escritos a duas colunas e fazem-se acompanhar de algumas imagens em tons de azul.</p>
--	---

Os dados revelam que a *Revista de Enfermagem da Sociedade de Saúde Mental e Psiquiátrica* tem ainda uma pequena produção editorial, o que se deve ao facto da sua recente publicação, por isso a comparação com os resultados de outras publicações tem de ser observada com algumas reservas estatísticas, tal como o procedimento observado em anteriores publicações apresentadas e de produção idêntica.

Assim, e tendo em conta este facto, podemos observar que foram encontrados todos os exemplares publicados, onde se identificaram 14 artigos, sendo que 11 artigos são de autoria de enfermeiros.

O total de autores identificados foi de 18, dos quais 61% são mulheres que maioritariamente publicaram individualmente os seus trabalhos.

Dos autores que identificaram a área profissional (71,5%) fizeram-no referindo o Hospital em 33%, seguindo-se a Escola com 16,5%, o CS e ainda Outras Instituições de Saúde em *exéquo* com 11% cada.

Os Hospitais referenciados foram: Hospital de S. João: Joaquim Urbano; Magalhães Lemos; Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia; Centro Hospitalar Psiquiátrico de Lisboa e Hospital de Santarém.

O Centro de Saúde indicado foi o de Viana do Castelo. Quanto às Outras Instituições de Saúde foram indicados: o Centro de Toxicodependência da Droga da Região Norte e o Centro Prisional do Porto.

Os resultados obtidos neste periódico quando comparados com os restantes periódicos estão conforme outras situações que temos observado anteriormente.

Quadro nº70 - Caracterização da produção escrita identificada na *Revista de Enfermagem da Sociedade de Saúde Mental e Psiquiátrica*

<i>Revista de Enfermagem da Sociedade de Saúde Mental e Psiquiátrica</i>	Total Números		Total Artigos		Total Enfs	Sexo		Autoria			Área Profissional			
	Pub.	Enc.	Ger. al.	Art. °s Enf. °s		M	F	Ind.	Out. ro	Et. al e out	Hos.	Esc.	CS	Out. Ins. t.
	2	2	14	11	18	7	11	7	3	1	6	3	2	2
	100 %	100 %	100 %	78 %	100 %	39 %	61 %	64 %	27 %	9%	33 %	16,5 %	11 %	11 %
Total Periódico	527	504	3834	1678	2651	644	2007	1118	517	44	598	598	94	75
Sociedade de Enfermagem	100 %	96%	100 %	44 %	100 %	24 %	76 %	66,6 %	30,8 %	2,6 %	22,6 %	22,6 %	3,5 %	

A codificação dos títulos dos artigos da *Revista de Enfermagem da Sociedade de Saúde Mental e Psiquiátrica* foi enquadrada nos códigos temáticos **PC** com 46%, **PT** com 36% e **BC** com 18%.

O código **PT** dos títulos dos artigos dos outros periódicos das Associações Profissionais obteve um percentual superior, enquanto nos códigos **PC** e **BC** nesta revista apresentam percentagens inferiores.

Quadro nº 71 - Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos títulos dos artigos da *Revista de Enfermagem da Sociedade de Saúde Mental e Psiquiátrica*

<i>Revista de Enfermagem da Sociedade de Saúde Mental e Psiquiátrica</i>	Números		Total Artigos		Códigos Temáticos		
	Publ	Enc	Geral	Enf's	PC	PT	BC
	2	2	14	11	5	4	2
	100%	100%	100%	100%	46%	36%	18%
<u>Total Periódicos Associações de Enfermagem</u>	527	504	3834	1678	275	718	129
	100%	96%	100%	44%	16%	43%	8%

Em relação aos periódicos das Associações Profissionais, observamos uma grande diversidade e amplitude temporal, pois que a revista *Servir* tem um período regular de 57 anos, enquanto as revistas *APECSP* e *Onco.News* e *Associação Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental* têm um período de dois a um anos de publicação.

Os resultados indicam-nos que foi conseguido o recenseamento na quase totalidade dos números publicados.

Do total dos artigos escritos por enfermeiros, observaram-se elevadas percentagens no género feminino, autoria individual e na área hospitalar.

Quanto aos códigos temáticos a regra percentual foi, **PT** na primeira posição e **PC** na segunda posição. Em relação aos restantes códigos verificou-se uma grande dispersão e heterogeneidade.

Quando se compararam os achados de cada periódico e o total dos periódicos das Associações Profissionais, encontrámos os mesmos fenómenos, com ligeiras excepções.

3.1.3 – Escolas de Enfermagem

O papel que as Escolas de Enfermagem Portuguesas têm desempenhado ao longo de cerca de 130 anos tem sido fundamental no desenvolvimento da Profissão e da Disciplina. Não apenas por ser um espaço privilegiado na concepção do saber, como também por se consubstanciar na produção de massa crítica especializada com capacidade influenciadora de técnicas, de práticas e de teorias.

As Escolas possuem além dos recursos humanos propícios ao desenvolvimento de uma cultura científica, possuem também espaços dotados de um conjunto de meios logísticos, de equipamentos técnicos e de estruturas organizadas, (arquivos, laboratórios de práticas clínicas, laboratórios multimédia, bibliotecas, acervos documentais e a informatização), que as coloca incontornavelmente no *ranking* do desenvolvimento da investigação e da inovação técnico-científica. Estes espaços podem constituir-se como ambientes de excelência permeáveis ao empreendedorismo protagonizados idealmente por toda a comunidade académica.

Este ambiente facilitador da aprendizagem, torna-o num laboratório propício à reflexão, à discussão de ideias, de concepções e de estratégias, que, pelo facto de dispôr da supervisão de uma elite intelectual capaz de dirigir projetos e trabalhos inovadores, pressupõe a existência de dispositivos que lhe permita veicular todo o manancial produzido.

Por conseguinte, as publicações periódicas podem servir este objetivo, cumprindo a sua missão de informar, de partilhar, de dar a conhecer e de divulgar a informação/conhecimento, permitindo a compreensão da dinâmica formativa, cultural, técnica e científica que cada Escola promove, em primeiro lugar destinada à comunidade académica, mas, visando também outros públicos mais vastos, dentro e fora das suas fronteiras geográficas e/ou simbólicas.

Neste pressuposto, a produção e a divulgação do conhecimento, prolongando-se e extravasando as paredes da sala de aula, dão corpo ao imperativo de formar/produzir e de informar/comunicar/divulgar, onde os professores pelo carácter singular da função docente, têm sabido protagonizar, não apenas sob a forma de colaboração editorial (tradução, publicação de sebatas e manuais, etc.), mas sobretudo na forma de produção autorial (publicação de livros e de revistas, participação em eventos científicos nacionais e internacionais), os quais temos vindo a referir ao longo da **tese**.

A edição de jornais e revistas de propriedade das Escolas destinados apenas aos professores e estudantes, marcou o início do movimento de divulgação do conhecimento produzido em contexto académico. Contudo, este espaço de circulação foi-se alargando e hoje qualquer revista, jornal ou boletim informativo de qualquer escola, serve uma comunidade de leitores mais vasta.

A coexistência dentro do mesmo espaço académico de diversos meios de comunicação é muito frequente, cabendo às Associações de Estudantes a sua organização e dinamização. Na fase Diagnóstica da Tese contactámos com este tipo de revistas, que constituíram ou ainda constituem o *modus operandi* da vida académica estudantil de enfermagem, que não foram explorados por não se enquadrarem no âmbito do trabalho, mas que poderão ser objecto de posterior de publicação.

Quanto à produção editorial da responsabilidade das Escolas de Enfermagem Portuguesas, foram identificadas onze revistas, num total de 36 Escolas públicas, privadas e particulares que foram contactadas. Distam 51 anos, entre a publicação do primeiro periódico com a designação de *Subir* de edição da Escola de Enfermagem Rainha Santa Isabel, de Coimbra publicado em 1955 e a última com o título de *Percursos* da Escola Superior de Saúde de Setúbal, publicada em 2006.

No quadro abaixo estão representados os Periódicos publicados pelas Escolas de Enfermagem, segundo as datas de início e de *terminus* de publicação. Assim, podemos observar que apenas as revistas *Pensar Enfermagem*, *Referência*, *Enfermagem & Sociedade* e *Percursos* são as que se mantêm em circulação.

Quanto ao tempo de circulação verifica-se alguma heterogeneidade entre uma amplitude de 1 ano a 12 anos, sendo as de maior longevidade: *Pensar em Enfermagem* e *Referência*, com 12 e 11 anos cada, seguindo-se *Informar* com 11 anos de circulação, que entretanto suspendeu a sua edição. Os periódicos *INFOESES* e *Trajectos e Projectos* são os que apresentam um período mais curto de 1 e 2 anos, respetivamente, correspondendo às comemorações do 25º aniversário das Escolas de Santarém e de Viana do Castelo.

As revistas de publicação mais recente têm cerca de 3 anos, encontrando-se neste leque a *Enfermagem & Sociedade* e *Percursos*.

Podemos ainda observar que a segunda década do século anterior foi aquela que mais concorreu para a publicação do maior número de periódicos, talvez por influência do número de professores que frequentavam os Cursos de Mestrado em diversas áreas do conhecimento e diferentes Universidades, impondo a necessidade de publicação de artigos científicos. Observa-se que o período de suspensão de alguns periódicos ocorreu nesta primeira década do século XXI, devido à reestruturação das Escolas.

Quadro nº 72 - Periódicos de Escolas de Enfermagem Portuguesas publicados entre 1955 a 2009

Períodos de Divulgação do Conhecimento	PERIÓDICOS DE - ESCOLAS DE ENFERMAGEM -	Período de Publicação
Período de Transição	<i>Subir</i> Escola Rainha Santa Isabel - Coimbra -	1955 -?
Período de Consolidação	<i>Informar</i> Escola Imaculada Conceição - Porto -	1995- 2006
	<i>(Re) Encontro</i> Escola de Santa Maria - Porto -	1996 -
	<i>Pensar em Enfermagem</i> Escola Maria Fernanda Resende - Lisboa -	1997 - 2009 (No ativo)
	<i>Referência</i> Escola Dr. Ângelo da Fonseca - Coimbra -	1998 - 2009 (No ativo)
	<i>INFOESES</i> - Escola Santarém -	1998 -1999
	<i>Trajectos e Projectos</i> - Escola Viana do Castelo -	1998 - 2000
	<i>O CLUNY</i> - Escola de S. José de Cluny - Funchal -	1999 - 2008
	<i>Acontecer Enfermagem</i> Escola S. Vicente de Paulo -Lisboa -	2001 - 2006
	<i>Enfermagem & Sociedade</i> Escola S. João de Deus - Évora -	2006 - 2009 (No ativo)
	<i>Percursos</i> Escola de Saúde - Setúbal -	2006 - 2009 (No ativo)

No quadro seguinte apresentamos a caracterização sociodemográfica dos autores dos periódicos das Escolas de Enfermagem publicados entre 1955 e 2009.

Quanto ao periódico *Subir* apenas foi encontrado um único exemplar no Arquivo da Biblioteca Nacional, pelo que os dados são relativos apenas a este número, desconhecendo-se o total de números publicados e o período de circulação.

Assim, podemos observar que todos os números publicados foram identificados, perfazendo um total de 1192 artigos, sendo que 84% foram de autores enfermeiros.

Do total de 1606 autores enfermeiros, 82% são de enfermeiras e 18% de enfermeiros. Dos 997 artigos de autoria dos enfermeiros, 67% tiveram publicação individual, 30% tiveram publicação de vários autores enfermeiros e apenas 3% foram de autoria conjunta entre enfermeiros e diferentes áreas profissionais.

Dos 1311 enfermeiros que indicaram os locais de trabalho 38% indicaram as Escolas de Enfermagem, seguindo-se os Hospitais com 36% e em percentagem muito pouco significativa os Centros de Saúde com 8%. Constatou-se que 28% não indicaram o local de trabalho, quando da leitura das normas ou regras de publicação dos periódicos observámos que muitas vezes não era exigido este elemento identificador, sendo que outras vezes, tratando-se de uma exigência os artigos não obedeciam a essa regra

Quadro nº 73 - Caracterização Sociodemográfica dos Autores de Artigos das Publicações Periódicas das Escolas de Enfermagem de 1955 a 2009

Periódicos	Nºs		Total Artigos		Total Enfºs	Sexo		Autoria			Área Profissional		
	Pub.	Enc.	Geral	Artºs Enfºs		M	F	Ind.	Et.al	Et.al/al	Esc.	Hos	CS
<i>Subir (?)</i>	1	1	5	4	4	-	4	4	-	-	4	-	-
<i>Informar</i>	37	37	377	343	646	107	539	200	140	3	77	336	45
<i>(Re)Encontro</i>	7	7	66	50	76	6	70	35	14	1	2	32	40
<i>Pensar Enfermagem</i>	24	24	282	244	348	56	292	192	49	3	190	103	22
<i>Referência</i>	21	21	207	185	254	84	170	124	45	16	179	38	14
<i>INFOESES</i>	5	5	31	16	21	13	8	12	4	-	17	4	-
<i>Trajectos e Projectos</i>	3	3	47	33	49	6	43	20	11	2	38	7	-
<i>O CLUNY</i>	16	16	38	44	67	-	67	33	11	-	44	13	-
<i>Acontecer Enfermagem</i>	12	12	102	55	105	10	95	29	23	3	24	43	5
<i>Enfermagem & Sociedade</i>	3	3	11	8	17	2	15	5	2	1	15	-	-
<i>Percursos</i>	2	2	16	15	19	5	14	11	3	1	19	-	-
Total	131	131	1192	997	1606	289	1317	665	302	30	609	576	126
	100 %	100 %	100 %	84 %	100 %	18 %	82 %	67 %	30 %	3 %	38 %	36 %	8 %

Do quadro que se segue consta a ficha técnica de cada um dos periódicos de edição e propriedade das Escolas de Enfermagem.

Os dados em falta no quadro significa que não foi possível obter a sua identificação.

Relativamente à periodicidade verificamos grande diversidade, situando-se entre a publicação mensal e a anual. A modalidade mais frequente é a trimestral e semestral.

Quanto ao número de exemplares publicados variam de 200 a 2000. O mais frequente é a tiragem de 1000 exemplares.

A direção é na sua maioria da responsabilidade de enfermeiras, algumas das quais Diretoras das respectivas Escolas de Enfermagem. Apenas a revista *Referência* tem na sua direção enfermeiros.

A revista *O CLUNY* é da responsabilidade de coordenação do Conselho Pedagógico da Escola Superior de Enfermagem de S. José de Cluny.

A maior parte das Escolas optou pela composição e Impressão das revistas a cargo de empresas gráficas da área de implantação das respectivas Escolas.

Quadro nº 74 - Caracterização da ficha técnica das publicações identificadas de 1955 a 2009 em Escolas de Enfermagem

Designação	Editor e Propriedade	Data fundação	Periodicidade de	Tiragem	Depósito Legal	Direção	Composição e Impressão
<i>Subir</i>	Escola de Enfermagem da Rainha Santa Isabel	1955	?	?	DL 215037	- 1955 - Maria Isabel Penalva Rocha	Escola de Enfermagem da Rainha Santa Isabel Coimbra
<i>Informar</i>	Escola Superior de Enfermagem Imaculada Conceição	1995	Trimestral	1000 Exemplares	Nº 86748 /95	1ª - 1995 – Mª José Pires 2ª - 2003 - Regina Teixeira de Sousa	METANOIA Terreiro da Sé Porto
<i>(Re) Encontro</i>	Escola Superior de Enfermagem de Santa Maria/ Associação dos Antigos Alunos da Escola Superior de Enfermagem	1996	Bimestral	2000 Exemplares 500 Exemplares	Nº 99480/96 ISSN:0873/4054	- 1996 – Maria da Conceição Ferreira de Carvalho Coordenação -2000 - Enfªs Coelho Moreira; Helena Rodrigues	HUMBERTIP O/ Porto

A Divulgação do Conhecimento em Periódicos de Enfermagem e a Evolução da Profissão, em Portugal, no século XX e início do século XXI

Designação	Editor e Propriedade	Data fundação	Periodicidade	Tiragem	Depósito Legal	Direção	Composição e Impressão
	m de Santa Maria						
<i>Pensar Enfermagem</i>	Escola Superior de Enfermagem Maria Fernanda Resende	1997	Semestral	1000 Exemplares 800 Exemplares	Nº 106591 /97 ISSN: 0873-8904	1ª - 1997 - Marta Hansen Lima Basto Correia Frade 2ª - 2007 – Mª Antónia Rebelo Botelho	Textype, Artes Gráficas, Lda Lisboa
<i>Referência Revista de Educação e Formação em Enfermagem</i> <i>Referência Revista Científica da Unidade de Investigação e Ciências da Saúde – Domínio de Enfermagem</i>	Escola Superior de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca Escola Superior de Enfermagem de Coimbra	1998	Semestral Trimestral (desde 2008)	1000 Exemplares	Nº 119318 /98 ISSN: 0874 - 0283	1º - 1998 - Aníbal Custódio dos Santos 2ª - 2004 – Mª Teresa Calvário Antunes Martins 3º - 2005 - Manuel Alves Rodrigues	Victor Hugo Fernandes e Paulo Oliveira PMP Coimbra
<i>INFOESES</i>	Escola Superior de Enfermagem de Santarém	1998	Mensal	200 Exemplares		- 1998 – Mª de Lurdes Asseiro	Escola Superior de Enfermagem de Santarém
<i>Trajectos e Projectos</i>	Escola Superior de Enfermagem de Viana do Castelo	1998	Anual	1000 Exemplares	Nº 139454/99	- 1998– Coordenação Conselho Pedagógico	Gutenberg Forbes Artes Gráficas. Lda Viana do Castelo
<i>O CLUNY</i>	Escola Superior de Enfermagem São José de Cluny	1999	Trimestral	-	-	- 1999 – Escola Superior de Enfermagem de São José de	GrafiMadeira Funchal

Designação	Editor e Propriedade	Data fundação	Periodicidade	Tiragem	Depósito Legal	Direção	Composição e Impressão
						Cluny	
<i>Acontecer em Enfermagem</i>	Escola Superior de Enfermagem de S. Vicente de Paulo	2001	Semestral	-	Nº 165 247/01 ISSN: 645-1805	- 2001 - Mª do Rosário Machado Ferrão A. Antunes	SIG – Sociedade Industrial Gráfica, Lda Camarate Lisboa
<i>Enfermagem & Sociedade</i>	Escola Superior de Enfermagem de S. João de Deus	2006	Semestral	750 Exemplares	Nº 239542 /06	- 2006 - Maria Gabriela do Nascimento Cavaco Calado	Susana Oliveira/ Fundação Luís Molina Gráfica Eborense Évora
<i>Percursos</i>	Escola Superior de Saúde de Setúbal	2006	Trimestral	Publicação electrónica	ISSN 1646/5067	- 2006- Coordenação Lucília Nunes	António Freitas Setúbal

Os códigos temáticos identificados nos títulos dos artigos das revistas das Escolas de Enfermagem encontram-se descritos no quadro abaixo indicado.

Os resultados refletem as diferenças entre as Revistas de maior dimensão e as de menor dimensão e ou as mais recentes.

O facto de se tratar de periódicos da responsabilidade das Escolas de Enfermagem era expectável que o código temático mais pontuado pudesse ser **F**, relacionado com temáticas relacionadas com a Formação, contudo, observou-se que o código mais pontuado foi **PC**, relativo a assuntos da Prática Clínica.

De entre os 11 códigos temáticos identificados, os que reuniram maiores percentagens foram **PC**, **PT** e **F** com 28,2%, 20,8% e 17%, respectivamente. Os restantes códigos obtiveram no total percentagens inferiores a 10%.

De entre os códigos mais pontuados **PC**, **PT**, **E** e **G** a revista que maior contribuição para essa situação foi a *Informar*, sendo a revista que maior número de artigos publicou.

Quanto aos códigos **F, I e BC** a maior contribuição foi dada pela revista *Pensar Enfermagem*.

O código **PT** foi de entre os restantes o único identificado em todas as revistas, sendo que o código **F** apenas não foi identificado na revista *Subir*.

Do total das revistas o código que obteve a menor percentagem foi **FP**.

Quadro nº 75 - Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos títulos dos Artigos dos Periódicos das Escolas de Enfermagem publicados de 1955 a 2009

Códigos Temáticos Periódicos	Nºs		Total Artigos		Códigos Temáticos										
	Pub .	Enc	Ger al	Enf °s	PC	F	G	I	BC	PT	E	S L	FP	SD	P P
<i>Subir</i>	1	1	5	4	-	-	-	-	1	3	-	-	-	-	-
<i>Informar</i>	37	37	377	343	132	27	23	6	16	64	35	21	-	11	8
<i>(Re) Encontro</i>	7	7	66	50	18	7	-	1	5	5	5	-	2	2	5
<i>Pensar Enfermagem</i>	24	24	282	244	38	47	12	26	44	58	11	3	3	1	1
<i>Referência</i>	21	21	207	185	57	34	9	19	16	31	9	5	2	-	3
<i>INFOESES</i>	5	5	31	16	-	5	1	-	-	10	-	-	-	-	-
<i>Trajectos e Projectos</i>	3	3	47	33	14	12	1	1	3	2	-	-	-	-	-
<i>O CLUNY</i>	16	16	48	44	7	19	-	2	6	6	2	-	1	-	1
<i>Acontecer Enfermagem</i>	12	12	102	55	11	11	2	2	6	19	1	-	-	-	3
<i>Enfermagem & Sociedade</i>	3	3	11	8	-	2	-	-	-	4	1	1	-	-	-
<i>Percursos</i>	2	2	16	15	4	6	-	-	-	5	-	-	-	-	-
Total Periódicos	131	131	1192	997	281	170	48	57	97	207	64	30	8	14	21
<u>Escolas</u>	100 %	100 %	100 %	100 %	28,2 %	17 %	4,9 %	5,7 %	9,8 %	20,8 %	6,5 %	3 %	0,7 %	1,4 %	2 %

Período de Transição - 1952 - 1980

1- 1955 - 197? - *SUBIR*

A revista *SUBIR* foi a única entre as restantes das Escolas de Enfermagem enquadrada no Período de Transição.



Imagem nº 40 - Digitalização da capa de *SUBIR*

A Escola de Enfermagem Rainha Santa Isabel, sediada em Coimbra, iniciou funções em 1947, pertencente a uma organização laica, a União Noelista de Coimbra, viria a suspender a sua actividade no início da década de 70 do século anterior. A Escola reitera a sua condição de forte ligação com a União Noelista da Diocese de Coimbra, estrutura religiosa católica.

A revista *Subir*, faz parte do espólio da BN, recorde-se que apenas foi encontrado um único exemplar.

Na página 4 da revista *Subir* é apresentada como (...) finalidade da escola – *formar Enfermeiras Católicas – que curam o corpo e curam a alma! E depois a graça de Deus virá (...)*

Na capa de este periódico consta o Editorial sob o título (...) *SUBIR é o título escolhido (...) para o Jornal da Escola, saíram três números nos fins dos cursos. Hoje ele vai tomar outro aspecto (...).*

O único exemplar encontrado data de 1955, o nº 1 Ano I, no Arquivo da BN, desconhecendo-se a periodicidade, a tiragem e qual o tempo em que se manteve em circulação.

Missão	Descrição Física
<p>O propósito do periódico visa manter o elo de ligação entre a Escola e as enfermeiras e alunas da mesma., conforme retratam os excertos que a seguir apresentamos (...) <i>Começa hoje a sua faina de levar a cada uma de vós, Enfermeiras e alunas da Escola da Rainha Santa Isabel, a palavra amiga, a palavra orientadora da Vossa Escola. Queremos manter o elo que nos une. (...) p. 1</i></p> <p>Sob o título <i>Algumas palavras apenas</i> Manuel Bruno da Costa escreve o seguinte (...) <i>Um pensamento e um desejo estavam na mente dos que criaram a Escola de Enfermagem da Rainha Santa Isabel.</i></p> <p><i>Pensaram – e continuam a pensar – de que se pode e deve aliar a melhor técnica profissional à mais perfeita noção e cumprimento dos deveres sociais e religiosos com os doentes. (...)(...) As folhas impressas que os veículos das ideias que queremos sejam generosas, belas e úteis, tanto da Escola para vós, como devós para a Escola.</i></p> <p><i>Criar-se-á reciprocidade das comunicações intelectuais e morais. As folhas são, pois, vossas, escritas para vós, escritas por vós, A Escola dará todo o seu contributo para que tão bela e eloquente prova de bem querer - o progresso da Enfermeira da Escola da Rainha Santa Isabel através desta extensão extra escolar - não morra.</i></p> <p><i>Que Deus e a Virgem Maria vos façam compreender os nossos desejos. pp. 1-2</i></p>	<p>O exemplar recepcionado apresenta-se num formato de 26 cm.</p> <p>Trata-se de um periódico de 8 páginas escrito em 3 colunas num estilo marcadamente religioso.</p> <p>Não apresenta índice de matérias, nem qualquer <i>spot</i> publicitário.</p> <p>Apresenta como secções ou rubricas, <i>Editorial, Artigos e Notícias da Escola.</i></p> <p>A capa é constituída pelo título que figura na parte superior em letras maiúsculas em tamanho que sobressai na mancha da folha. Apresenta uma fotografia de um edifício com algumas enfermeiras usando uniforme.</p> <p>Quanto aos artigos reportam-se na sua maioria aos acontecimentos da vida académica da Escola.</p>

O quadro que se segue representa comparativamente os resultados relativos à caracterização da revista *Subir* face aos obtidos no total das revistas das Escolas de Enfermagem.

Conforme já referimos anteriormente estes resultados dizem respeito apenas ao único exemplar que foi encontrado. Tentámos obter mais informação junto dos nossos entrevistados acerca desta publicação, mas afirmaram desconhecer a sua existência.

Contudo, podemos observar que do total dos artigos recenseados 80% pertenciam a autores enfermeiros, sendo todos eles publicados individualmente por enfermeiras que trabalhavam na própria Escola (Rainha Stª Isabel).

A ideia que prevalece acerca da constituição do corpo docente e dos estudantes é a de que era constituído pelo género feminino, pois que os excertos se referem a *alunas e enfermeiras*.

Será, assim ou trata-se antes de uma questão de estilo?

Quanto aos códigos dos títulos foram identificados em **PT** e **BC** com 75 e 25 %, respectivamente.

Devido à escassez de informação a caracterização da produção deste periódico não nos permite fazer outras leituras. Contudo, deixamos o desafio para outros a investigação acerca da própria Escola e deste periódico.

Quadro nº76 - Caracterização da produção escrita identificada no Periódico *Subir*

<i>Subir</i>	Nºs		Tot. Artºs		Autores Enfºs	Sexo	Autoria	Área Profissional	Códigos Temáticos	
	Pub. ??	Enc.	Geral	Enfºs		F	Ind	Esc.	PT	BC
	1	1	5	4		4	4	4	3	1
		100%	100%	80%	100%	100%	100%	100%	75%	25%
Total Periódicos Escolas	131	131	1192	997	1606	1317	665	609	207	97
	100%	100%	100%	84.3%	100%	82 %	67%	38 %	20,8%	9,8%

Período Consolidação - 1985- 2009

2 – 1995 – 2006 - *Informar* – Revista de Formação Contínua em Enfermagem

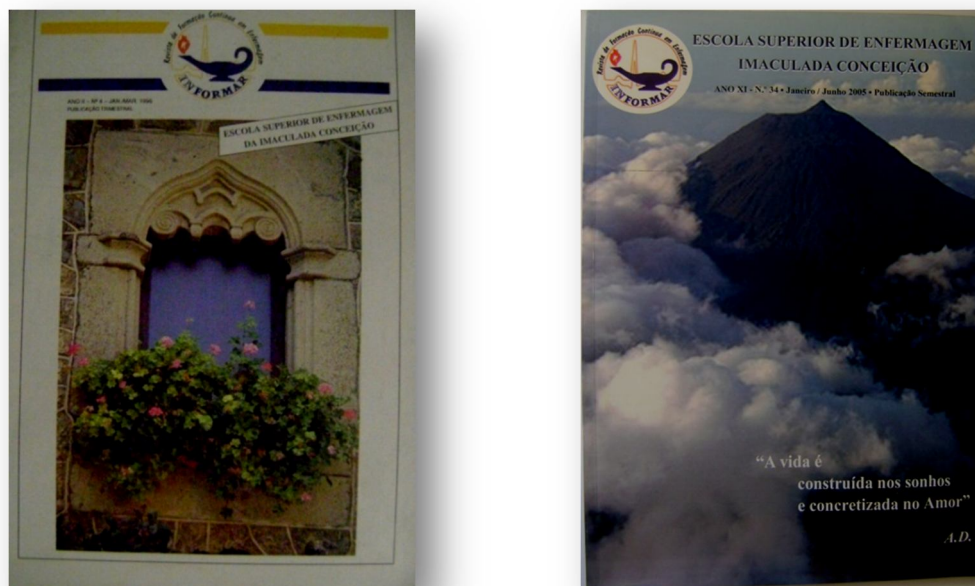


Imagem nº 41 - Digitalização da capa de *Informar* – Revista de Formação Contínua em Enfermagem

A revista de Formação Contínua em Enfermagem *Informar* propriedade da Escola Superior de Enfermagem Imaculada Conceição, data de 1995, muito embora a Escola tenha sido criada em 1935, com a designação de Escola de Enfermagem da Casa de Saúde da Boavista, data em que a Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição iniciou a sua atividade, sendo reconhecida por alvará, em 30 de outubro de 1937 - Fonseca (2003, p. 71).

Missão	Descrição Física
<p>A propósito da missão da revista apresentamos a opinião de Cabral e Costa (1995) e de Cabral (1998) expressa em artigos da própria Revista.</p> <p>(...) <i>A Revista (In)formar, que nasceu no ano de 1995, é uma revista de formação contínua em enfermagem, é feita por enfermeiros dirigida aos estudantes de enfermagem e mesmo a outros profissionais de saúde (...)</i> Cabral (1998).</p> <p>Este periódico (...) <i>pretende criar momentos de inquietação e procura, dando assim voz a tudo aquilo que vai traduzindo o pensar e a vivência, do dia-a-dia do Enfermeiro (...)</i> Cabral e Costa (1995).</p> <p>(...) <i>Como todos os nascimentos ocorreu após um período de maturação trazendo consigo todas as expectativas e esperanças de quem inicia um percurso. O seu projecto de vida, para além de formar e informar, quis ser sempre um local de encontro e elo de ligação entre Escola, Hospital, Centro de Saúde. Estamos convictos de que tem de haver uma ligação cada vez maior entre o lugar onde se faz a aprendizagem «teórica» e o local onde se põe em prática os saberes adquiridos e onde estes se vão desenvolver (...).</i></p> <p>(...) <i>Quisemos ser sempre um momento de inquietação e procura que nas várias áreas de investigação, Docência, Gestão, Ética, Cuidados de enfermagem e variados temas ligados à enfermagem, questione, informe e partilhe o dia a dia do enfermeiro (...).</i> Cabral (1998) p. 3</p>	<p>O logotipo da Revista é constituído por um formato de um escudo circular de contorno de cor amarelo, dividido em duas partes por uma representação gráfica, sobrepondo-se a simbologia da Enfermagem e da própria Congregação constituída por uma lâmpada de cor azul, acesa com chama vermelha.</p> <p>Fonseca (2003, p. 71) refere que a lâmpada foi o símbolo adoptado pela Enfermagem e descreve que «A imagem da lâmpada faz também parte do brasão de armas da Congregação na qual fundamenta a inspiração da Lucerna Ardente simbolizando o óleo que suaviza a dor e cura as feridas, bem como alimenta a chama que irá «iluminar e Aquecer» tal é a sua divisa».</p> <p>A revista de formato de 30x21cm distingue-se pelo seu <i>design</i> de capa e de imagens bastante coloridas, que torna o seu aspeto estético bastante apelativo.</p> <p>Apresenta o índice com a identificação dos autores dos artigos. Os artigos são breves de temáticas generalistas.</p> <p>Não está organizada em secções ou rubricas constantes, não fazendo referência a publicidade.</p>

O quadro abaixo indicado respeita à distribuição dos elementos que integram o periódico *Informar*.

Pelo que observamos todos os exemplares publicados foram identificados, perfazendo um total de 377 artigos, dos quais 91% são artigos da autoria dos 646 enfermeiros.

Os autores distribuem-se do seguinte modo 83% são enfermeiras e 17% são enfermeiros.

No que se relaciona com a autoria foi observado que 58% publicaram individualmente, enquanto 41% publicaram conjuntamente com outros enfermeiros e apenas 1% publicaram com outros profissionais.

O Hospital foi a área profissional mais indicada com 52% pelos autores, seguindo-se a Escola e o Centro de Saúde com 12 e 7%.

A maioria dos autores indicaram a Escola Superior de Enfermagem Imaculada Conceição como contexto de trabalho, contudo encontrámos uma grande diversidade de autores/professores de muitas outras Escolas nacionais, muito embora a zona norte estivesse mais representada.

Quanto à situação relativa aos Hospitais, enquanto local de trabalho dos autores, foi muito semelhante à encontrada anteriormente, assim, observou-se uma maior concentração de autores que trabalham na região norte, mas também por outros que trabalham em Hospitais dispersos por outras regiões.

Em nossa opinião este periódico era até à sua data de suspensão o que apresentava uma maior diversidade de locais de trabalho.

Relativamente aos resultados quando comparados com as revistas publicadas pela totalidade das Escolas de Enfermagem estes atingem percentagens muito próximas, a maior diferença verifica-se na área profissional, em que o Hospital foi a área mais pontuada, enquanto nas outras revistas, a Escola foi a mais pontuada.

Quadro nº77 - Caracterização da produção escrita identificada no Periódico *Informar*

<i>Informar</i>	Nºs		Total Artigos		Tot. Enfºs	Sexo		Autoria			Área Profissional		
	Publ.	Enc.	Geral	Enfºs		M	F	Ind.	Outro	Et al ou	Hos	Esc	CS
	37	37	377	343		107	539	200	140	3	336	77	45
	100%	100%	100%	91%	100%	17%	83%	58%	41%	1%	52%	12%	7%
<u>Total Periódicos</u>	131	131	1192	997	1606	289	1317	665	302	30	576	609	126
<u>Escolas</u>	100%	100%	100%	84.3%	100%	18%	82 %	67%	30 %	3%	36%	38 %	8 %

Os códigos temáticos que estão representados no quadro seguinte referem-se à revista *Informar* e ao total das revistas das Escolas de Enfermagem e podemos observar que a maior percentagem foi alcançada pelo código **PC** com 38,5%, enquanto no total dos outros periódicos foi de 28,2%.

Segue-se com 18,7% o código **PT** contra os 20,8 % no total das revistas e **E** com 10,2% na revista *Informar* e 6,5% nas outras revistas.

Os códigos **F** e **BC** neste periódico atingiram metade do valor encontrado nas restantes revistas das Escolas de Enfermagem.

Observa-se que o código **I** continua a atingir valores bastante baixos, o que de certo modo coloca a necessidade dos autores e dos periódicos investirem nestas matérias, fazendo-as sobressair nos títulos dos artigos publicados.

Quadro nº 78 - Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos títulos dos Artigos do Periódico *Informar*

<i>Informar</i>	Números		Total Art's		Códigos Temáticos									
	Pub	Enc	Ger al	Enf's	PC	PT	E	F	G	SL	BC	SD	PP	I
	37	37	377	343	132	64	35	27	23	21	16	11	8	6
	100 %	100 %	100 %	91 %	38,5 %	18,7 %	10,2 %	8 %	6,7 %	6,1 %	4,6 %	3,2 %	2,3 %	1,7 %
Total Periódicos	131	131	1192	997	281	207	64	170	48	30	97	14	21	57
Escolas	100 %	100 %	100 %	84,3 %	28,2 %	20,8 %	6,5%	17 %	4,9 %	3%	9,8 %	1,4 %	2%	5,7 %

3 -1996 - 2003 - (Re) Encontro



Imagem nº 42 - Digitalização da capa de (Re) Encontro

A Escola Superior de Enfermagem de Santa Maria é a entidade responsável pela publicação do periódico (Re) Encontro cuja fundação data de 1996.

A escola foi criada em 1952 pela Congregação das Irmãs Franciscanas de Calais, integrando a rede de Escolas privadas a nível nacional, sendo considerada uma escola de natureza religiosa.

A Escola iniciou o seu funcionamento com a designação (...) *de Escola do Hospital de Santa Maria, localizada no referido Hospital do Porto, pertença da Província Portuguesa das Religiosas Franciscanas de Calais, Criada em 1952, para o Curso de Auxiliares de Enfermagem e Curso de Enfermagem Geral oficializado pelo Decreto-Lei nº 38.884, de 28 de Agosto de 1952.* (...) Moreira (2002, p. 4).

A mesma autora sublinha a propósito do percurso histórico da Escola, que em 1953 (...) *a designação da Escola era coincidente com a nomenclatura de outra Escola existente no país, pelo que passou a chamar-se de Escola de Enfermagem das Irmãs Franciscanas Missionárias de Nossa Senhora* (...), que manteve até 1991, data que marcou o início da

identificação de Escola Superior de Enfermagem de Santa Maria, que ainda mantém atualmente.

Missão	Descrição Física
<p>O lançamento da revista teve como objetivo satisfazer o <i>curriculum</i> dos enfermeiros, ex-alunos e alunos da Escola Superior de Enfermagem de Santa Maria.</p> <p>Apresentava-se com o propósito de «<i>levar mais longe o seu lema de bem servir contribuindo para o enriquecimento de todos e simultaneamente alargar e estreitar laços de amizade entre antigos alunos</i>» da Escola. Carvalho (1996-1997, p. 1) (<i>Re)Encontro</i> Ano I nº 2, dezembro de 1996 e março de 1997 Editorial p. 1</p>	<p>A revista tem um formato 30x21cm.</p> <p>Apresenta-se dividida em secções constantes entre as quais: <i>Farmacologia, Glossário, Técnicas de Enfermagem e Espaço Informativo</i>.</p> <p>Quanto à extensão dos artigos são normalmente curtos, acompanhados de ilustrações e de destaques, as temáticas são de carácter generalista.</p> <p>A capa apresenta em rodapé a identificação da Propriedade da Revista encimada pela simbologia, com a representação estilizada da lâmpada em formato de escudo oval, de cor vermelho rubro, desenvolvida na horizontal.</p> <p>Esta simbologia representa alguns dos elementos que compõem o emblema da Escola que é descrito por Fonseca (2003, pp. 73-74) como «<i>centrada na oval, estilização da lâmpada ... cuja chama sai do centro, estabelecendo com a oval um contraste de belo efeito estético... À lâmpada, além de símbolo da Enfermagem, atribui a escola um sentido universal de chama, que na perspectiva franciscana ilumina e aquece a relação enfermeira/utente e traduz a fé que dá uma maior dimensão à função de ser enfermeira. Esta perspectiva do sentido universal da chama traduz ainda a abnegação presencial humana e contínua da observação vigilante e persistente junto dos que sofrem.</i>».</p> <p>Como curiosidade, a capa de cada um dos seis primeiros números apresenta em toda a largura da página uma flor, sendo que tornam a revista com efeitos visuais muito apelativos ao leitor.</p>

A informação adicional inscrita no quadro seguinte revela que o maior número de artigos foi publicado por autoras enfermeiras e publicados individualmente.

Quando comparamos os resultados obtidos na totalidade dos periódicos das Escolas de Enfermagem com este periódico, observamos que os resultados obtidos na variável Área Profissional são uma exceção. O maior número de artigos foi escrito por enfermeiros que trabalham em Centros de Saúde, seguindo-se os autores que trabalham em Hospitais e por último os professores das Escolas de Enfermagem, enquanto os resultados obtidos no total dos periódicos da Escolas ocupam uma posição inversa, primeiro os Professores, seguindo-se os dos Hospitais e em último lugar os enfermeiros dos Centros de Saúde.

A região Norte foi a área geográfica de origem dos locais de trabalho, o que pensamos estar associado ao facto da Escola de Santa Maria se situar na cidade do Porto.

Quadro nº 79 - Caracterização da produção escrita identificada no Periódico *(Re)Encontro*

<i>(Re) Encontro</i>	Números		Artigos		Total Autores Enf ^{os}	Sexo		Autoria			Área Profissional		
	Pub.	Enc.	Total Geral	Tot. Art ^{os} Enf ^{os}		M	F	Ind.	Outro	Et al ou	CS	Hosp.	Esc.
	7	7	66	50	76	6	70	35	14	1	40	32	2
	100%	100%	100%	75%	100%	8%	92%	70%	28%	2%	53%	42%	2,6%
<u>Total Periódicos Escolas Total</u>	131	131	1192	997	1606	289	1317	665	302	30	126	576	609
	100%	100%	100%	84,3%	100%	18%	82%	67%	30%	3%	8%	36%	38%

O quadro abaixo representado refere-se às áreas temáticas com que foram codificados os títulos, assim observa-se que o código **PC** (Prática Clínica) obteve a maior frequência, seguido de **F** (Formação) e com igual número (5) encontram-se os códigos **BC**; **PT**; **E** e **PP**, sendo apenas um artigo em que foi possível identificar temáticas relacionadas com a Investigação.

Quadro nº 80 - Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos títulos dos Artigos do Periódico (Re) Encontro

(Re) Encontro	Números		Total Artigos		PC	F	BC	PT	E	PP	SD	FP	I
	Pub.	Enc.	Gera l	Enf ^o s									
	7	7	66	50									
	100 %	100 %	100 %	100 %	36%	14 %	10%	10%	10%	10 %	4%	4%	2%
Total Periódico s Escolas	131	131	1192	997	281	170	97	207	64	21	14	8	57
	100 %	100 %	100 %	84 %	28,2 %	17 %	9,8 %	20,8 %	6,5 %	2%	1,4 %	0,7 %	5,7 %

4- 1997 – 200... - Pensar Enfermagem



Imagem nº 43 - Digitalização da capa de *Pensar Enfermagem*

Pensar Enfermagem é uma Revista fundada pela Escola Superior de Enfermagem Maria Fernanda Resende em 1997, atualmente Escola Superior de Enfermagem de Lisboa (ESEL).

A Escola foi criada pelo Decreto-Lei nº 175/2004³² de julho e integra as Escolas Superiores de Enfermagem; Artur Ravara, Francisco Gentil Martins, a Calouste Gulbenkian e a Maria Fernanda Resende.

A fusão das quatro Escolas constitui um marco recente na história do Ensino de Enfermagem, contudo, cada um dos Pólos (Escolas) com espaços físicos diferenciados, é portador de um percurso inigualável que apresentamos muito resumidamente e que a revista *Pensar Enfermagem* visa se adaptar a este novo ciclo da Escola *como um todo*.

Na origem das Escolas Superiores de Enfermagem Artur Ravara e Francisco Gentil, estiveram estes dois médicos que desempenharam um papel bastante relevante na reforma do Ensino de Enfermagem Portugêses.

A Escola Superior de Enfermagem Calouste Gulbenkian adotou esta designação pelo reconhecimento da Fundação Gulbenkian ter financiado a construção do atual edifício.

A Escola Superior de Enfermagem de Maria Fernanda Resende é a única Escola nacional que adota como identificação o nome de uma Enfermeira, Maria Fernanda Resende, que foi uma figura incontornável na Enfermagem Portuguesa.

Cada uma destas Escolas é portadora de um passado histórico que se confunde com a História da própria Enfermagem Portuguesa e que em síntese se releva. A primeira Escola oficial de Lisboa sob a designação de Escola profissional de Enfermagem (1901) e posteriormente, Escola de Enfermagem de Artur Ravara (1930) foi a primeira Escola pública de Enfermagem em Portugal. As suas origens remontam ao século XIX com a criação, em 1886, do primeiro Curso para a formação de enfermagem no Hospital de S. José.

A Escola Superior de Enfermagem Francisco Gentil foi criada em 1940 com a designação de Escola Técnica de Enfermagem do Instituto Português de Oncologia, depois Escola Técnica de Enfermeiras, que graças à ação do Doutor Francisco Gentil, cujas preocupações entre as quais a carência e a baixa qualificação dos enfermeiros que se verificaram a nível nacional, e muito particularmente com a Instituição que trabalhava (IPO - Lisboa) visou dotar o país com enfermeiras qualificadas, que fossem capazes de participar, pela sua competência científica e humana, na melhoria de assistência de saúde. Foi graças ao

patrocínio da Fundação Rockefeller, que a Escola, se tornou uma referência no panorama nacional, sendo a única Escola sob a tutela do Ministério da Educação Nacional até 1988, data a partir da qual todas as restantes foram integradas no Sistema Educativo Nacional.

32. DECRETO-LEI nº 175/2004, Diário da República Iª Série A. nº 170 de 21 de julho de 2004, pp. 4509-4512

A Escola Superior de Enfermagem Calouste Gulbenkian, de Lisboa foi criada em 1957 com a designação de Escola de Enfermagem do Hospital de Santa Maria, aquando da abertura do Hospital Escolar de Lisboa, actual Hospital de Santa Maria.

Em 1968 a Fundação Calouste Gulbenkian patrocina a construção e o equipamento dos edifícios da Escola e da Residência de Alunos, adotando a designação de Escola de Enfermagem Calouste Gulbenkian de Lisboa, vindo a ser inaugurada em 1972.

A Escola de Ensino e Administração de Enfermagem (EEAE) foi a primeira Escola a nível nacional criada na segunda metade da década de 60, que visava a formação de enfermeiros docentes e gestores, promovendo uma formação de nível elevado para o desempenho de funções no âmbito do Ensino e da Gestão de Serviços e de Organizações de Saúde.

A Escola na década de 80 passa primeiramente a designar-se por Escola Pós-Básica de Lisboa (1984), integrando três núcleos que correspondiam respectivamente às escolas de Enfermagem Psiquiátrica de Lisboa, de Ensino e Administração de Enfermagem e de Enfermagem de Saúde Pública. Em 1988 adota a atual designação de Escola Superior de Enfermagem Maria Fernanda Resende, em memória à Enfermeira Maria Fernanda Resende (1923-1988).

A revista *Pensar Enfermagem* é atualmente da propriedade da Escola Superior de Enfermagem de Lisboa (ESEL) e da UI&DE (Unidade de Investigação e Desenvolvimento em Enfermagem) sendo uma entidade autónoma da própria Escola.

É uma Revista incluída no catálogo LATINDEX e GEODADOS e tem o apoio da FCT.

Missão	Descrição Física
<p><i>Tem como finalidade divulgar os saberes construídos em contexto das práticas de cuidados e situações académicas através de artigos de investigação, reflexão ou relatos da experiência, publicando textos inéditos que contribuam para o conhecimento e desenvolvimento da Enfermagem Pensar Enfermagem Vol. 11 número 2 2º Semestre 2007.</i></p> <p>A revista assume-se como uma publicação de artigos elaborados por enfermeiros, estudantes de enfermagem e outros profissionais dando preferência a artigos de investigação.</p>	<p>A revista apresenta-se em formato de 29x20,5cm.</p> <p>Trata-se de uma revista marcada pela sobriedade de linhas e de cores, sobressaindo a cor do papel em bege, escrito a cor preta e azul marinho.</p> <p>O <i>design</i> da capa é constituído por três espaços: o primeiro pelo título da revista escrito em duas linhas a cor branco sobre fundo azul marinho escuro; o segundo com letras de tamanho mais pequeno escritas em cor preta constando da identificação volume, número, semestre e ano; o último consta do sumário - título dos artigos escrito a azul escrito sobre fundo azul acinzentado, c identificação dos autores a cor preto.</p> <p>Na parte inferior do lado esquerdo em duas</p>

	<p>linhas, na primeira as iniciais da UI&DE e na segunda a designação das iniciais (Unidade de Investigação e Desenvolvimento em Enfermagem).</p> <p>As secções da revista são apresentadas com um separador indicativo na parte superior com as letras brancas em fundo azul marinho. As secções são as seguintes: <i>Artigos de Investigação</i>, <i>Artigos de Reflexão</i>, <i>Relatos de Experiência</i>, <i>Resumos de Investigação</i> e <i>Correio do Leitor</i>.</p> <p>Apresenta <i>Informações aos Autores</i>, onde se estabelecem as regras de publicação.</p> <p>Os artigos apresentam o título escrito no mesmo tom de azul, e em destaque em todas as folhas na margem superior lateral.</p> <p>O resumo é escrito em português e inglês em caixa se texto com fundo azul claro.</p> <p>Apresenta ainda as palavras -chave também nas duas línguas.</p> <p>Os textos apresentam-se escritos em toda a largura da folha, utilizando-se quadros, tabelas ou esquemas resumidos através de caixas de texto.</p> <p>Os artigos apresentam informação das datas em que foram recebidos e aceites para publicação, bem com endereço eletrónico do autor para futuros contactos.</p> <p>A identificação da revista apresenta-se inscrita no rodapé de todas as folhas, destacadas pela cor azul.</p> <p>Quanto aos conteúdos dos artigos são bastante diversos.</p> <p>Como curiosidade a revista divulga na contracapa imagens de materiais, documentos, ou equipamentos que fazem parte do espólio do Museu da Escola.</p>
--	---

Os dados representados no quadro seguinte dizem respeito à caracterização do periódico *Pensar Enfermagem* comparativamente com os obtidos nas mesmas dimensões no total das outras revistas, deste modo podemos observar que dos 24 exemplares publicados todos foram identificados, sendo recenseados 288 artigos, dos quais 87% são de autores enfermeiros.

Do total dos autores enfermeiros (348), 84% são enfermeiras e 16% são enfermeiros.

Relativamente à autoria 78% publicaram individualmente, 21% fizeram-no em parceria com outros colegas enfermeiros, enquanto apenas 1% publicou conjuntamente com outros autores de diferentes áreas profissionais.

Do total dos autores 55% identificaram a Escola como sendo a sua área profissional com 55%, seguido do Hospital com 30% e 6% com Centro de Saúde.

As Escolas mais referenciadas como locais de trabalho pelos autores foram na sua maioria a Escola Superior Maria Fernanda Resende, seguindo-se a Escola de Enfermagem Calouste Gulbenkian, Dr. Artur Ravara e a Escola Dr. Francisco Gentil, muito embora se tenham encontrado outros professores de outras Escolas, os dados são pouco expressivos.

Quanto aos Hospitais mais indicados foram os sediados em Lisboa, no entanto encontrámos referência a uma grande dispersão de outros Hospitais, com maior relevância situados na parte sul do país e regiões autónomas.

No que respeita aos resultados obtidos nas duas dimensões *Pensar Enfermagem* e total de outras Revistas são muito semelhantes, porém podemos observar que a maior diferença percentual se verificou na publicação individual, bem como na área profissional da Escola.

Quadro nº 81 - Caracterização da produção escrita identificada no Periódico *Pensar Enfermagem*

<i>Pensar Enfermagem</i>	Números		Total Artigos		Tot. Enf's	Sexo		Autoria			Área Profissional		
	Publ.	Enc.	Gera l	Enf's		M	F	Ind.	Outro	Et al ou	Esc.	Hosp	CS
	24	24	282	244	348	56	292	192	49	3	190	103	22
	100 %	100 %	100 %	87%	100 %	16 %	84 %	78 %	21%	1 %	55 %	30 %	6 %
Total Periódicos	131	131	1192	997	1606	289	1317	665	302	30	609	576	126
<u>Escolas</u>	100 %	100 %	100 %	84.3 %	100 %	18%	82 %	67%	30 %	3%	38 %	36 %	8 %

Os resultados obtidos pela codificação dos títulos dos artigos na Revista e no total das suas congéneres, observa-se que os códigos mais representativos foram: **PT**, **F**, **BC**, **PC** e **I** entre 23,7% e os 10,7%, os restantes apresentam percentagens inferiores a 5%.

Quando comparados os resultados nas duas dimensões constatamos que as percentagens obtidas nos códigos **PT**, **F**, **BC** e **I** foram mais elevados nesta revista que no total das outras.

Quanto aos valores encontrados no código Formação (**F**) de certo modo espelha a situação verificada em outros periódicos da responsabilidade das Escolas, onde a maioria dos autores são os seus professores.

Um dos resultados interessantes da codificação dos títulos dos artigos foi o valor obtido no código Investigação (**I**), que obteve o dobro da percentagem encontrado no total das outras publicações. Muito embora, esteja ainda longe dos percentuais mais valorizados nos outros códigos, como por exemplo **PT**, **F** e **BC**.

No panorama geral este Periódico afirma-se como sendo um dos principais responsáveis pela publicação de artigos de Investigação, estando integrado na Unidade de Investigação & Desenvolvimento da ESEL, daí que se distinga entre os restantes ao privilegiar a Investigação em Enfermagem, chamando para título esses assuntos.

Quadro nº 82 - Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos títulos dos Artigos do Periódico *Pensar Enfermagem*

<i>Pensar Enfermagem</i>	Nºs		Tot Artºs		Códigos Temáticos										
	Pu b	En c	Ger al	Enf ºs	PT	F	BC	PC	I	G	E	SL	FP	SD	PP
	24	24	282	244	58	47	44	38	26	12	11	3	3	1	1
	100 %	100 %	100 %	87 %	23,7 %	19,3 %	18 %	15,6 %	10,7 %	4,9 %	4,6 %	1,2 %	1,2 %	0,4 %	0,4 %
<u>Total Periódico s Escolas</u>	131	131	1192	997	207	170	97	281	57	48	64	30	8	14	21
	100 %	100 %	100 %	84,3 %	20,8 %	17 %	9,8 %	28,2 %	5,7 %	4,9 %	6,5 %	3%	0,7 %	1,4 %	2%

5 – 1998 - 200... - Referência

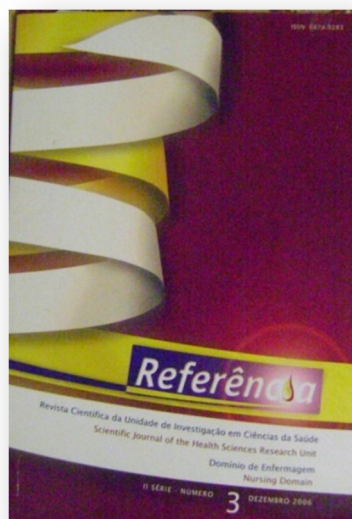
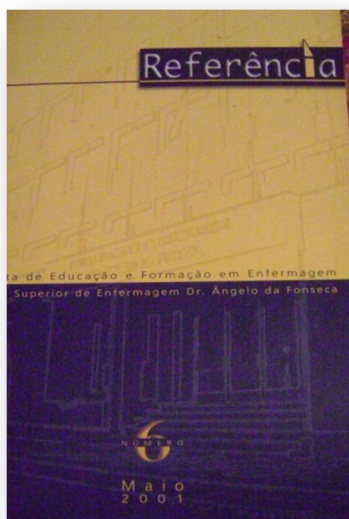


Imagem nº 44 - Digitalização da capa de *Referência*

A Ficha Catalográfica apresenta o percurso do Periódico *Referência*, sendo este marcado por dois momentos: Iª Série com início em janeiro de 1998 como *Revista de Educação e Formação em Enfermagem* de propriedade e edição da Escola Superior de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca do nº 0 (janeiro 1998) a nº 12 (novembro 2004); a partir da IIª Série com início em 2005 (nº 1 dezembro 2005) o complemento de título foi alterado para *Revista Científica da Unidade de Investigação em Ciências da Saúde – Domínio de Enfermagem*, de propriedade da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra e de edição da Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: Domínio de Enfermagem (UICISA-E).

Constitui uma revista científica editada pela Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: Enfermagem Unidade acolhida pela Escola Superior de Enfermagem de Coimbra e avaliada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Ao longo dos anos tem vindo a registar diferentes periodicidades de publicação, tendo sofrido a última modificação em julho de 2010 com a sua 3ª série que coincidiu com o lançamento da nova imagem de capa da revista, bem como de um novo logótipo e página online.

É uma das publicações que se integra no quadro das Publicações Científicas Indexadas, sendo indexada em Information Systems; Latindex; CUIDEN; CINAHL e SciELO Portugal.

É divulgada a nível nacional e internacional em suporte papel, estando disponível *online* na ESEnC/Referência, CINAHL.

Acessível na Hemeroteca Digital CANTÁRIDA Índex, membro do CIBERE com os Descritores em linguagem MeSH (Medical Subject Headings).

Trata-se de uma revista *peer reviewed* dirigida a estudantes, investigadores, profissionais da área da educação e da saúde.

Divulga conhecimento científico produzido em educação e ciências da saúde, com impacto em ganhos em saúde e no desenvolvimento científico da enfermagem, enquanto disciplina e profissão. Marques e Varandas (2005)

Missão	Descrição Física
<p>Os objectivos da Revista <i>Referência</i> são os seguintes:</p> <ul style="list-style-type: none">- Construir um espaço de análise e discussão de teorias e modelos de enfermagem;- Divulgar e discutir a aplicação de processos, métodos e técnicas inovadoras de cuidados de enfermagem;- Apresentar e discutir métodos, técnicas e instrumentos de investigação;- Divulgar os resultados de investigação;- Divulgar projectos pedagógicos/didáticos desenvolvidos na Escola;- Divulgar e discutir projectos e resultados de actividades de promoção da saúde na comunidade;- Constituir um espaço de análise de questões do ensino, particularmente do ensino de enfermagem;- Divulgar e discutir novos sistemas, modelos e técnicas de gestão de cuidados, de pessoal e de serviços de saúde;- Divulgar e comentar novas fontes de informação e bibliografia. <p>Referência nº 6 da Iª série de maio 2001</p>	<p>O periódico <i>Referência</i> teve duas edições, Iª e IIª Série, apresentando-se sempre no formato de dimensões de 27x18,5 cm.</p> <p>A revista tem uma apresentação de capa na Iª Série com um designer constituído por duas cores, amarelo e cinzento-escuro, sobre as quais está representada de forma estilizada o desenho da escola. Na parte superior apresenta a identificação - Referência, distribuindo-se os restantes elementos identificadores, propriedade, número, mês e ano colocados a meio e parte inferior da capa. Na contracapa apresenta na parte inferior a figura do emblema da escola de formato em escudo oval, nas cores preto e branco.</p> <p>Para a descrição sumária do mesmo baseámo-nos em Fonseca (2003) pp. 80-82, que refere que este formato é inspirado na heráldica assistencial religiosa e hospitalar.</p> <p>Tem uma bordadura a negro debruada externa e internamente tendo inscrito por extenso o nome da Escola e da cidade. O campo está dividido em quatro partes iguais, alternando a cor branca e preta. Na parte superior no quadrante de fundo branco está representada a torre da Universidade de Coimbra e no quadrante negro a lâmpada. Na opinião do autor o branco simboliza a pureza e a beleza que devem caracterizar a Enfermagem e o negro que simboliza os ideais assistenciais da ordem de S. João de Jerusalém ou do Hospital que o</p>

	<p><i>adoptou como a sua cor, e recorda a origem da Escola como parte dos Hospitais da Universidade de Coimbra.</i></p> <p><i>A Torre da Universidade simboliza o saber e a tradição académica de Coimbra, enquanto a lâmpada é o símbolo da honra da Enfermagem mas simbolizando também a caridade que há-de iluminar a ciência, humanização e a personalização dos cuidados.</i></p> <p><i>Na parte inferior ambos os quadrantes são ocupados pelo símbolo de um livro aberto onde na página esquerda se encontra inscrita a cruz de Malta. Sob o livro encontra-se a figura de uma palma de louros. O livro representa a ciência e o empenho permanente da Escola em alicerçar o seu corpo de conhecimentos em bases científicas. A palma de louros o reconhecimento social pela acção da Escola nos domínios da formação, do saber e do cuidar. A cruz de Malta corresponde à insígnia da Ordem dos Hospitalários e que traduz a ligação da Escola Ângelo da Fonseca ao Hospital da Universidade de Coimbra como parte integrante da formação dos enfermeiros.</i></p> <p><i>As rubricas desta Iª Série são além do Editorial, Artigos, Comunicação, Fichas Técnicas e História de Vida</i></p> <p><i>A segunda Série deste periódico apresenta uma capa bastante mais sugestiva em cor vermelha rubra, com duas fitas em forma de espiral de cor branca e amarela, que partindo da parte superior esquerda se desenrolam na parte inferior onde estão inscritos os elementos - Referência; Revista Científica da Unidade de Investigação e Ciências da Saúde - Domínio de Enfermagem (em língua portuguesa e em língua inglesa).</i></p> <p><i>Os restantes elementos identificadores figuram na parte inferior sobre o fundo vermelho rubro. Na Contracapa apresenta o Sumário escrito nos dois idiomas.</i></p> <p><i>A Referência nesta IIª Série as rubricas apresentam-se divididas nas seguintes secções: Editorial, Artigos de Investigação, Artigos de Revisão; História e Memória e Unidade de Investigação (Teses de Doutoramento)</i></p>
--	---

A caracterização da produção escrita identificada no periódico *Referência*, comparadamente com o total das revistas das Escolas de Enfermagem está representada no quadro que se segue.

Os números publicados e os encontrados correspondem à sua totalidade. O total de artigos identificados foi de 207, contudo, apenas foram identificados 89% como sendo de autores enfermeiros portugueses. Do total de 254 autores dos artigos publicados, 67% são mulheres e 33% são homens.

A maioria dos artigos (67%) foram publicados individualmente, 24% em coautoria e 9% foi feita conjuntamente com autores de diversas áreas profissionais.

Das diferentes áreas profissionais, as Escolas de Enfermagem foram as mais referenciadas como sendo os locais de trabalho de 70% dos autores, seguindo-se os Hospitais com 15% e por último os Centros de Saúde com 5,5%.

Estes resultados comparativamente com os dados obtidos no conjunto das revistas das Escolas de Enfermagem obtiveram percentagens muito semelhantes (total de artigos, género e autoria). A maior diferença percentual verificou-se na proveniência profissional dos autores, sobretudo entre Escolas e Hospitais.

A maioria dos autores identificou as Escolas de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca e Dr. Bissaya Barreto como sendo os seus locais de trabalho. Também em relação aos Hospitais os mais indicados como locais de trabalho foram os Hospitais e Maternidades, sediadas em Coimbra.

Quadro nº 83 - Caracterização da produção escrita identificada no Periódico *Referência*

<i>Referência</i>	Nºs		Tot.artº		Tot. Enfºs	Sexo		Autoria			Área Profissional		
	Pub	Enc	Gera l	Enfºs		M	F	Indiv .	Outr o	Et al ou	Esc.	Hosp .	CS
	21	21	207	185	254	84	170	124	45	16	179	38	14
	100 %	100 %	100 %	89%	100 %	33 %	67 %	67%	24%	9 %	70 %	15%	5,5 %
Total Periódico	131	131	1192	997	1606	289	1317	665	302	30	609	576	126
s Escolas	100 %	100 %	100 %	84.3 %	100 %	18%	82 %	67%	30 %	3%	38 %	36 %	8 %

Os códigos temáticos apresentados no quadro abaixo inscritos revelam que o código **PC** foi o mais codificado, seguindo-se os códigos **F** e **PT**.

Quanto aos resultados obtidos nos restantes Periódicos da responsabilidade das restantes Escolas observa-se que o mais obtido corresponde ao Periódico *Referência* **PC**, seguido de **PT** e depois o **F**.

A maior disparidade percentual entre os Periódicos *Referência* e os restantes foi observada no código **I**, em que o Periódico *Referência* apresenta títulos com os termos mais relacionados com a Investigação, o que de certo modo se enquadra no perfil de Revista científica indexada.

Sendo este periódico um dos mais prestigiados a nível nacional e internacional no âmbito da divulgação da investigação, destacando-se entre os seus congéneres nacionais, porém, o percentual verificado no código **I** (10%) está longe de refletir essa tendência nos títulos dos artigos publicados.

Por certo há que dar maior visibilidade da Investigação nos títulos dos artigos, apelando à curiosidade por parte do leitor sem a necessidade de leitura dos resumos ou leitura integral dos artigos. O primeiro critério de inclusão ou de exclusão da leitura do artigo é feito pelo leitor a partir da identificação do título, assim, apela-se aos editores que sejam mais criteriosos na seleção dos artigos e também à originalidade dos autores a fim de satisfazerem os leitores.

Quadro nº 84 - Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos títulos dos Artigos do Periódico *Referência*

<i>Referência</i>	Números		Total Artigos		Códigos Temáticos									
	Publ	Enc	Ger al	Enf's	PC	F	PT	I	BC	G	E	SL	PP	FP
	21	21	207	185	57	34	31	19	16	9	9	5	3	2
	100 %	100 %	100 %	100 %	31%	18 %	17%	10 %	8,7 %	5%	5%	2,7 %	1,6 %	1%
<u>Total Periódicos</u>	131	131	1192	997	281	170	207	57	97	48	64	30	21	8
<u>os Escolas</u>	100 %	100 %	100 %	84.3 %	28,2 %	17 %	20,8 %	5,7 %	9,8 %	4,9 %	6,5 %	3%	2%	0,7 %

5 - 1998 - 1999 - INFOESES

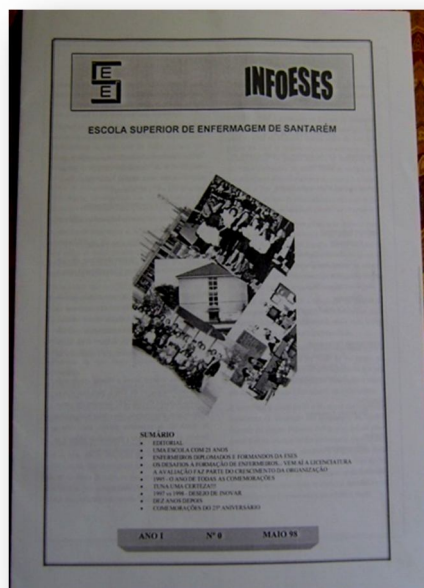


Imagem nº 45 - Digitalização da capa de *INFOESES*

À semelhança do que aconteceu com outras Escolas, a Escola de Enfermagem de Santarém editou um jornal interno com a designação de *INFOESES*, editado por ocasião das comemorações do 25º Aniversário da Escola (16 de maio a 6 de novembro de 1998).

A Escola foi criada pelo Decreto-Lei nº 243/73 de 16 de maio 1973, como Escola distrital, à semelhança das Escolas de Leiria, Setúbal e Viana do Castelo sendo abrangidas pela mesma legislação.

Machado (1998), autora do artigo *Santarém Uma Escola com 25 anos*, publicado no *INFOESES* nº 0 Ano I maio 1998 p. 3, destaca o *Percurso Histórico-Organizativo da ESES*, comparando-o às fases do ciclo vital nas sub categorias: Infância; Rito de Passagem da Infância à Adolescência; A adultez e Desafios para o futuro.

Destas, apresentamos alguns dos excertos que refletem as vivências da Escola, assim, e relativamente à sub categoria Infância o artigo refere que (...) *a ESES é marcada por um período entre 1973 a 1987 corresponde a leccionação no Curso de Auxiliares de Enfermagem e Cursos de Enfermagem Geral dos planos de estudo de 1965, 1976 e 1987* (...) p. 3.

O excerto seguinte reporta-se à sub categoria Rito de Passagem da Infância à Adolescência (...) *a integração do Ensino de Enfermagem no Sistema Educativo a nível do Ensino Superior Politécnico. Demarca a linha individual da passagem (da Escola) da infância à adolescência (...) preparam-se os CESES (...).*

A sub categoria Adultez refere-se ao seguinte excerto acerca das consequências da (...) *integração dos professores na Carreira Docente do Ensino Superior Politécnico, coloca novamente à prova a as capacidades intelectuais, emocionais e físicas dos professores, (da ESES) passando a dispor de (...) professores mestres em áreas científicas da Psicologia, Ciências de Enfermagem e da Educação (...).*

Quanto à sub categoria Desafios para o futuro foram enquadrados os seguintes excertos (...) *a maturidade... e saberes acumulados (...) impõem novos desafios (...) necessidade de uma Licenciatura de formação inicial; intensificar os intercâmbios regionais, nacionais e internacionais (...)*

(...) *projectar mais visivelmente a ESES na Comunidade; re-inventar espaços de acolhimento aos seus diplomados e intensificar a produção científica através da aquisição de títulos de Doutoramento por parte dos professores (...).*

A publicação do DL 480/88 de 23 de dezembro e o DL 166/92 de 2 de agosto, representaram entre outros, importantes mudanças a nível profissional e da disciplina de Enfermagem e abriram o leque de atividades às Escolas e ao seu corpo docente, conforme o conteúdo do artigo. Porém, este periódico, tal como outros, não sobreviveria para testemunhar essas mudanças.

De seguida apresentamos a Missão e a Descrição Física do periódico INFOESES.

Missão	Descrição Física
<p>O Regulamento da Comissão Redatorial do Jornal assinala as características e a missão do mesmo como sendo, um órgão de comunicação social (...) <i>com características essencialmente informativas, privilegiando a comunicação interna, através do desenvolvimento do sentimento de pertença, valorização das experiências e formação entre outra (...)</i> p.1</p> <p><i>Com as comemorações do 25º Aniversário, surge a edição nº 0 do «jornal INFOESES» e se um título é sempre uma síntese, uma ideia chave, espera-se que o INFOESES seja:</i></p> <ul style="list-style-type: none">- Um convite à procura de informação;- Um veículo dos valores subjacentes à	<p>O formato do jornal é de 29,5x21cm.</p> <p>Apresenta-se escrito a preto e branco com as seguintes rubricas: <i>Editorial</i>, e <i>À conversa com...</i></p> <p>Não apresenta publicidade, nem apresenta as normas de publicação.</p> <p>A capa é constituída pelo logotipo da Escola constituído por um S maiúsculo com a letra E em cada uma das hastes do S, seguido da designação do jornal do lado direito em letras maiúsculas que se destacam na mancha da folha.</p> <p>As imagens da capa foram variando ao longo do tempo de publicação, todavia refletem</p>

<p><i>formação desenvolvida;</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>Um espaço de comunicação interna;</i> - <i>Um estímulo ao desenvolvimento de um sentimento de pertença e identificação com a Escola;</i> <p><i>Propiciando igualmente à comunidade envolvente a informação que lhe permita conhecer os nossos projectos e actividades desenvolvidas, quer de natureza científica e pedagógica, quer nas áreas da administração, da cultura e do lazer, pondo em evidência a dinâmica e a qualidade do nosso trabalho...</i></p> <p>Asseiro (1998, p. 2).</p>	<p>momentos da vida da Escola.</p> <p>O Sumário encontra-se na parte inferior, sem identificação dos autores. A ficha técnica consta do verso da capa, sendo a folha encimada pelo símbolo do emblema da Escola a preto e branco, e que Fonseca (2003, p. 89) descreve com pormenor a partir da presença física do emblema.</p> <p><i>(...) De formato em escudo oval (25x19mm), apresenta-se com o campo mantelado ou terciado em mantel, utilizando a terminologia heráldica, de fundo esmalte de brilho/ouro, sendo no mesmo metal o filete que limita o mantel e as figuras em campo.</i></p> <p><i>Sobre o branco, em cima à direita, livro aberto tendo nas páginas inscrito a negro o nome da Escola; abaixo do livro uma minúscula cruz de oito pontas, estilização da cruz de Malta. Sobre o vermelho do mantel na base do campo a lâmpada símbolo internacional da Enfermagem. Sobre o branco à esquerda, partindo do limite do mantel torre sineira com janelas a negro, a Torre das Cabaças, monumento que domina o horizonte urbano de Santarém, identificando a Escola com a cidade (...).</i></p>
---	--

O quadro que a seguir se apresenta diz respeito à caracterização do periódico *INFOESES*, no que se relaciona com a caracterização sócio-demográfica e com os códigos temáticos resultantes da codificação dos títulos dos artigos de autoria dos enfermeiros portugueses.

Os resultados revelam algumas diferenças percentuais entre os do periódico *INFOESES* e o total das outras revistas, podendo a justificação assentar no facto de este periódico ter uma produção e um tempo de duração muito limitados.

Os resultados diferem ao nível do género dos autores, sendo os autores masculinos o que mais publicaram neste periódico, enquanto nos restantes as autoras eram enfermeiras.

A área profissional foi identificada em todos os artigos, sendo a área Escola a mais pontuada com 81%, seguida do Hospital com 19%. Todos os artigos dos autores que indicaram como local de trabalho a Escola eram professores da Escola de Enfermagem de Santarém. Os autores que indicaram o Hospital como local de trabalho indicaram os Hospitais de Torres Novas e Tomar.

Os códigos temáticos encontrados nos títulos dos artigos foram **PT**, **F** e **G**.

Quadro nº 85 - Caracterização da produção escrita identificada no Periódico *INFOESES*

<i>INFOESES</i>	Nºs		Total Artigos		Total Enfs	Sexo		Autoria		Área Profissional		Códigos Temáticos		
	Pub.	Enc.	Ger al	Artºs Enfs		M	F	Ind .	Et. al	Esc .	Hos	PT	F	G
	5	5	31	16	21	13	8	12	4	17	4	10	5	1
	100 %	100 %	100 %	51,6 %	100 %	62 %	38 %	75 %	25 %	81 %	19 %	62,5 %	31,2 %	6,3 %
<u>Total Periódicos Escolas</u>	131	131	1192	997	1606	289	1317	665	302	609	576	207	170	48
	100 %	100 %	100 %	84,3 %	100 %	18 %	82 %	67 %	30 %	38 %	36 %	20,8 %	17%	4,9 %

6 - 1998-2000 - Trajectos e Projectos

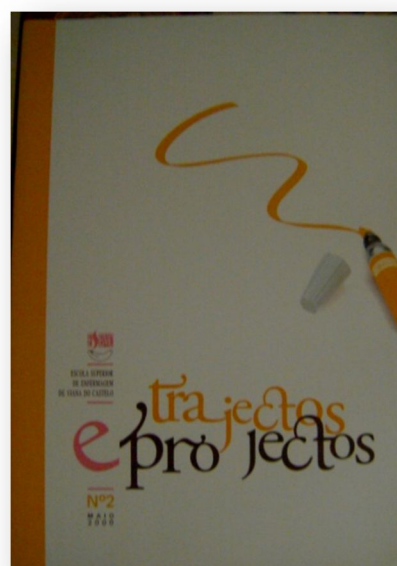


Imagem nº 46 - Digitalização da capa de *Trajectos e Projectos*

A Escola de Enfermagem de Viana do Castelo, tal como o descrito anteriormente, foi criada em 1973, aquando da criação da rede nacional de Escolas de Enfermagem Distritais.

Trajectos e Projectos foi a designação da revista que surgiu por ocasião do 25º Aniversário da escola em 1998. No entanto, a revista ainda se prolongou por um período de publicação de três anos.

Trajectos e Projectos constitui uma exceção na imprensa profissional regional, sendo o único exemplar em todo o país com formato de publicação de Revista de uma Escola Distrital.

O artigo de reflexão da autoria de Jaques (1998) *Aniversário da Escola Superior de Enfermagem de Viana do Castelo*, foi um dos que submetemos aos procedimentos da técnica de análise de conteúdo, da qual salientamos a área temática: *Percurso sócio-histórico da Escola Superior de Enfermagem de Viana do Castelo*, tendo emergido as categorias: Origem da Escola; Missão da Escola, sendo as expressões mais demonstrativas que (...) *os 25 anos de formação reflecte os condicionalismos duma época - pós 25 de Abril – em adaptação permanente às criações e desafios constantes do evoluir de uma sociedade em mudança.* (...).

Sublinha a autora que a Escola foi (...) *criada em 1973 para colmatar as carências de pessoal de enfermagem no distrito* (...).

Quanto à Categoria Mudanças sócio-profissionais as subcategorias: *Reformas do ensino de enfermagem; Evolução das estruturas educativas; Reconhecimento de nível superior e Exigência de habilitações literárias de acesso ao curso de enfermagem* (...), as expressões referem que (...) *A evolução acentuada e rápida da profissão de enfermagem a par do evoluir de outras profissões; as mudanças curriculares frequentes; a reestruturação da carreira; a exigência de formação de docentes; foram alguns desafios difíceis de ultrapassar, mas considerando hoje, momentos de enriquecedores pela exigência do trabalho desenvolvido pela experiência que essas aprendizagens permitiram. As reformas do ensino de enfermagem marcaram as décadas de 70 e 80, com o acelerado e irreversível evoluir, foram o fruto de reflexões produzidas por gerações de enfermeiros em torno de questões da formação e profissão de enfermagem* (...), Jacques (1998, p. 7).

No que concerne à Missão da revista e a sua Descrição Física apresenta um percurso de três anos, correspondendo ao aniversário de um quarto de século da própria Escola.

As temáticas incidem sobre a própria Escola e da região onde a mesma está implantada.

Missão	Descrição Física
<p>No Editorial do número zero (0) de maio de 1998 podemos verificar a missão que presidiu à sua criação <i>«este é o órgão regular de comunicação pelo qual a Escola procura corporizar a sua responsabilidade na divulgação dos seus Trajectos e Projectos.</i></p> <p>Quanto a esta designação a autora explica que <i>na escolha do título prevaleceu a ideia de movimento, de abertura a projectos e à criatividade daqueles que são convidados a escrever.</i></p> <p><i>...este será um espaço que procura atingir áreas intrínsecas ao Ensino de Enfermagem, nomeadamente às componentes organizacionais, científica, cultural e ética, no propósito de ajuda ao desenvolvimento de comunidades saudáveis.</i></p> <p><i>...ao iniciar esta publicação, nasce um novo desafio, no sentido de uma divulgação responsável e consciente de publicações que os autores, com sabedoria, irão com certeza preservar e salvaguardar.</i></p> <p><i>... «Trajectos e Projectos» vai constituir um contributo para revitalizar as energias e o clima interno da Escola Superior de Enfermagem de Viana do Castelo, constituindo-se como expressão de partilha com os serviços de saúde e a própria comunidade.p.5</i></p>	<p>Quanto ao seu designer apresenta um formato em 30x21cm.</p> <p>A capa sobre fundo branco evidencia a prevalência das cores, branco, amarelo, castanho e rosa, que identificam a Escola e a Revista.</p> <p>Todas as capas dos números publicados são constituídas pelos elementos: lombada de cor amarelo e todo o outro espaço de cor branco, sobrepondo-se na metade superior, uma linha de cor amarelo em forma de espiral desenhada por um marcador aberto; na parte inferior figuram os elementos simbólicos da escola.</p> <p>Fonseca (2003, p. 57) descreve-os como a... (...) <i>figura estilizada de triplo simbolismo: imaginada com a cabeça para a esquerda, vê-se uma pomba, símbolo da tranquilidade que a enfermagem deve transmitir ao cuidar: imaginando a cabeça da pomba como o punho, vê-se uma mão, que simboliza a dádiva do cuidar; na forma a seguir descrita transforma-se numa estilização da lâmpada.</i></p> <p><i>Por cima desta figura as iniciais ESEVC (Escola Superior de Enfermagem Viana do Castelo) que designa a Escola, O S foi colocado de forma a constituir a chama da lâmpada estilizada em que a figura anterior se transforma; a lâmpada símbolo da Enfermagem. O aproveitamento do S de superior como chama da lâmpada pretende simbolizar a luz que dá a visão superior do ensino.</i></p> <p>O título da Revista <i>Trajectos</i> (cor amarelo) e (cor rosa) <i>Projectos</i> (cor castanho) dispõe-se em duas linhas.</p> <p>A Revista distingue-se por apresentar uma mancha com espaços vazios, página separadora dos artigos, de cor amarelo.</p> <p>O texto é apresentado em formato de colunas.</p> <p>Os artigos são breves e as temáticas reflectem aspectos particulares das actividades que visavam as comemorações do 25º aniversário da Escola e alguns aspectos epidemiológicos do</p>

	<p>Distrito de Viana do Castelo.</p> <p>Trata-se de uma publicação de linhas sóbrias, mas que lhe conferem um conjunto marcado pelo bom gosto, evidenciado pela qualidade do papel, pelas cores únicas do branco, castanho e amarelo, que contrastam com imagens, esquemas, sendo o próprio texto escrito em cor castanha sobre fundo branco.</p>
--	---

No que respeita aos resultados relativos ao periódico *Trajectos e Projectos* verificou-se que apenas foram publicados três exemplares, num total de 47 artigos, sendo que 33 foram de autoria dos 49 enfermeiros.

A distribuição dos autores foi de 88% de enfermeiras e 12% de enfermeiros, e, deste total, 60% publicaram individualmente, enquanto 33% publicaram com outros enfermeiros e apenas 7% o fizeram em coautoria com outros profissionais.

A área profissional Escola foi a mais frequentada com 77,5%, sendo a maioria dos autores professores da própria Escola de Viana do Castelo. Estes resultados inserem-se na política editorial de outros Periódicos, privilegiando a publicação de trabalhos dos autores da própria instituição, em consonância com o objetivo principal para que foram criados.

Quadro nº 86 - Caracterização da produção escrita identificada no Periódico *Trajectos e Projectos*

<i>Trajectos e Projectos</i>	Números de Artigos		Total Artigos		Total Enf's	Sexo		Autoria			Área Profissional	
	Pub.	Enc	Geral	Art's Enf's		M	F	Ind.	Out.	Et al out	Esc.	Hosp
	3	3	47	33	49	6	43	20	11	2	38	7
	100%	100%	100%	70%	100%	12%	88%	60%	33%	7%	77,5%	14%
Total Periódicos Escolas	131	131	1192	997	1606	289	1317	665	302	30	609	576
	100%	100%	100%	84.3%	100%	18%	82%	67%	30%	3%	38%	36%

Os códigos temáticos representados no quadro seguinte reportam-se a **PC, F, BC, PT, G e I**.

Quando comparamos os resultados obtidos nas duas dimensões neste periódico e nos restantes observa-se uma diferença percentual significativa de 21,2%, 19% e 14,8% nos códigos **PC, F e PT**, enquanto os restantes códigos os resultantes são muito semelhantes.

Os resultados embora bastante díspares não têm grande significado quando comparados os totais dos números de exemplares publicados, pelo que qualquer outra extrapolação pode desvirtuar esta situação. Relembramos que este periódico teve um período muito curto de publicação, circunscrevendo-se aos festejos do 25º aniversário da Escola de Enfermagem de Viana do Castelo.

Quando comparamos o aspeto gráfico deste periódico com um outro criado na mesma data o jornal INFOESES, a que fizemos referência anteriormente, também este criado a propósito do aniversário da Escola de Enfermagem de Santarém, nota-se que entre eles se verificam grandes diferenças, tanto no aspeto gráfico e de disposição dos seus elementos identificadores. Enquanto o primeiro tem uma harmonia de elementos gráficos impressos de design bastante apelativo, o segundo trata-se de um documento policopiado e de linhas muito simples. Contudo, possuem algo em comum, como por exemplo, o conteúdo dos seus primeiros artigos cujas temáticas visavam a celebração do 25º aniversário de cada uma das Escolas.

Quadro nº 87 - Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos títulos dos Artigos do Periódico *Trajectos e Projectos*

<i>Trajectos e Projectos</i>	Números de Artigos		Total Geral	Tot Art's Enf's	Códigos Temáticos					
	Pub.	Enc.			PC	F	BC	PT	G	I
	3	3	47	33	14	12	3	2	1	1
	100%	100%	100%	70%	43%	36%	9%	6%	3%	3%
<u>Total Periódicos Escolas</u>	131	131	1192	997	281	170	97	207	48	57
	100%	100%	100%	84.3%	28,2%	17%	9,8%	20,8%	4,9%	5,7%

7 - 2000- 2006- O CLUNY



Imagem nº 47 - Digitalização da capa de *O CLUNY*

O periódico *O CLUNY* é da responsabilidade da Escola Superior de Enfermagem de S. José de Cluny, sendo o único exemplar profissional encontrado com publicação na Região Autónoma da Madeira e dos Açores.

A Escola de S. José de CLUNY integra-se na rede de Escolas do Ensino Superior Privado Nacional, foi fundada em 1940, na Região Autónoma da Madeira, na cidade do Funchal, pela Congregação francesa das Irmãs de S. José de Cluny.

Missão	Descrição Física
<p><i>O CLUNY</i> conta com a participação de docentes e enfermeiros em formação. Contém essencialmente artigos de carácter científico e/ou de opinião. http://www.esesjcluny.pt/index.php?option=com_content&task=category&sectionid=em2007/10/11</p> <p>O Editorial do Ano I nº 6 de outubro de 2001 fazia referência à missão do CLUNY pelo (...) <i>contributo de trabalhos científicos para reflexão da comunidade</i></p>	<p>O periódico CLUNY é distribuído em formato de 30x21cm.</p> <p>Trata-se de uma revista monocromática, com a particularidade de cada número ser escrito e ilustrado tanto externamente como no interior, numa única cor, variando a cor de número para número. Esta característica não foi observada em nenhum outro periódico.</p> <p>A capa apresenta em fundo e em todos os números imagens do exterior da Escola constituída por duas</p>

<p><i>escolar e da Saúde.</i></p> <p><i>Porém, faz-se um apelo aos educadores e/ou agentes culturais, no sentido de contribuírem com novos artigos, para que o «CLUNY» se torne cada vez mais rico em comunicação científica.</i></p> <p><i>Não se pode deixar de louvar todos os que têm contribuído para que esta revista vá crescendo progressivamente, o que é sinal de vida! (...).</i></p>	<p>secções na parte superior esquerda o emblema da Escola e o Editorial e na parte direita no cabeçalho consta a identificação da Revista, seguida da designação da Escola e dos restantes elementos identificadores, figurando no rodapé o Índice.</p> <p>O símbolo da Escola é descrito do seguinte modo por Fonseca (2003, p. 116): (...) <i>formato em cruz grega (22x22mm). Sobre o fulcro formando um conjunto rectangular, as iniciais ESESJC da designação da Escola, três num plano superior e três num plano inferior em filete branco.</i></p> <p><i>Sobre cada um dos braços da cruz, com o pé a partir do rectângulo definido pelo conjunto das iniciais, uma flor de Lis com as pétalas em branco, dando ao conjunto das quatro o aspecto de uma flor de quatro elementos.</i></p> <p><i>A flor de Lis testemunha a origem francesa da congregação que fundou e tutela ainda a Escola. (...).</i></p> <p>A revista não apresenta publicidade nem rubricas, contudo na contracapa exhibe notícias breves relativas a eventos ocorridos na Escola, acompanhados por imagens ou fotografias de professores, estudantes, enfermeiros ou entidades.</p> <p>Apresenta normas de publicação que os autores devem seguir quando pretendam publicar trabalhos ou artigos.</p> <p>Os artigos são curtos e breves, reflectindo temáticas bastante variadas com maior ênfase para as da Formação em Enfermagem.</p>
--	---

Os quadros seguintes apresentam os elementos relacionados com a caracterização sócodemográfica dos autores e dos códigos temáticos atribuídos aos títulos dos mesmos, comparativamente com os resultados totais encontrados nos periódicos das restantes Escolas de Enfermagem.

O CLUNY publicou até 2008 16 números, os quais todos foram recenseados.

Quanto ao total de artigos de autoria de enfermeiros obtivemos um percentual de 91,7%, representando um valor mais elevado que o encontrado nas restantes revistas das Escolas de Enfermagem.

Quanto ao género apenas foram encontrados autores do género feminino, talvez por ser um periódico de uma Escola particular religiosa, ou por outros motivos, deixando o assunto à reflexão dos leitores.

Continuamos a verificar que a maioria dos autores prefere a publicação individual à publicação em coautoria.

A maioria dos autores são professores da Escola de S. José de CLUNY, idêntica situação encontramos nos periódicos das restantes Escolas onde os seus autores são maioritariamente os seus professores.

Quadro nº 88 - Caracterização da produção escrita identificada no Periódico *O CLUNY*

<i>O CLUNY</i>	Números		Total Artigos		Total Autores Enfermeiros	Sexo	Autoria		Área Profissional	
	Pub.	Enc.	Geral	Art's Enf's		F	Ind	Et al	Escolas	Hospitais
	16	16	48	44	67	67	33	11	44	13
		100%	100%	92%	100%	100%	75%	25%	66%	19%
	100%									
<u>Total Periódicos</u>	131	131	1192	997	1606	1317	665	302	609	576
<u>Escolas</u>	100%	100%	100%	84.3%	100%	82 %	67%	30 %	38 %	36%

Relativamente aos códigos temáticos encontrados nos títulos os valores são descritos no quadro seguinte, onde se observa que os mais pontuados foram **F** com 43,2%, **PC** com 16%, **BC** e **PT** com 13,6% cada.

Os outros códigos obtiveram percentuais menos significativos.

Proporcionalmente os resultados foram superiores neste periódico que no conjunto dos outros de Escolas de Enfermagem, nos códigos **F**, **BC**, **FP** e **PP**.

Segundo a opinião da sua Diretora, embora, este periódico tenha uma restrita difusão regional, demonstra uma preocupação pela informação e formação dos enfermeiros insulares, alguns dos quais foram ex-alunos da Escola, publicando alguns artigos e notícias de eventos científicos nacionais e regionais.

Observámos este significado enquanto órgão social agregador dos enfermeiros nos relatos publicados sobre os mesmos eventos ou efemérides regionais.

Somos de opinião que embora este periódico se considere um órgão desprezencioso, constitui uma mais valia para os enfermeiros continentais a leitura do mesmo, no sentido de maior aproximação entre colegas, saberes e experiências profissionais.

Quadro nº 89 - Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos títulos dos Periódico *O CLUNY*

<i>O CLUNY</i>	Números		Total Artigos		Códigos Temáticos							
	Pub.	Enc.	Geral	Enf's	F	PC	BC	PT	I	E	FP	PP
	16	16	48	44	19	7	6	6	2	2	1	1
	100 %	100 %	100 %	100%	43,2 %	16%	13,6 %	13,6 %	4,5 %	4,5 %	2,3 %	2,3 %
Total Periódicos Escolas	131	131	1192	997	170	281	97	207	57	64	8	21
	100 %	100 %	100 %	84.3 %	17%	28,2 %	9,8%	20,8 %	5,7 %	6,5 %	0,7 %	2%

8 - 2001-2006 - *AcontecEnfermagem*

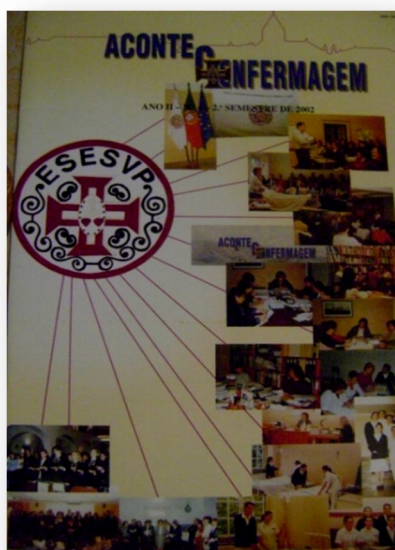


Imagem nº 48 - Digitalização da capa de 2002 e contracapa de 2006 de *AcontecEnfermagem*

AconteceEnfermagem é o periódico da Escola de Enfermagem de S. Vicente de Paulo publicado entre 2001 e 2006.

A Escola de Enfermagem de S. Vicente de Paulo foi criada em 1937, e, muito embora fosse uma escola pertencente à Congregação das Irmãs da Caridade de S. Vicente de Paulo distinguiu-se (...) *ao contrário das outras, que reservavam a entrada aos membros da respectiva congregação, a Escola de Enfermagem de S. Vicente de Paulo estava aberta a todas as candidatas, religiosas ou não. Esta Escola aliás, desenvolveu-se de forma bastante diferente, tendo alcançado prestígio e notoriedade, devido ao empenhamento da sua directora, Irmã Eugénia, figura bem conhecida e prestigiada na época (...) Soares (1997), p. 43.*

Esta Revista constitui uma segunda experiência relacionada com a Escola de Enfermagem de S. Vicente de Paulo, o seu antecessor data dos finais da década de 40 e início de 50 do século anterior, designado por *Servir Jornal das Enfermeiras Diplomadas pela Escola de S. Vicente de Paulo*, a que faremos referência mais adiante.

Missão	Descrição Física
<p>O lançamento de <i>AconteceEnfermagem</i> no 1º semestre de 2001 correspondeu «a uma nova etapa da vida» da Escola em que «a realidade dum sonho antigo», se deveu «à criação de um novo espaço de comunicação entre a comunidade educativa, antigos alunos, enfermeiros, professores, investigadores e outros técnicos de saúde».</p> <p><i>Acontece Enfermagem</i> pretendia «afirmar-se como um importante meio de divulgação da situação da Enfermagem actual e das suas práticas e, ainda ter um papel formativo essencial, estimulando o desenvolvimento de um espírito crítico que permita uma intervenção mais consciente no cuidar ajudando a descobrir novos caminhos». Ferrão (2001, p. 3) Ano I nº1 1º Semestre de 2001</p>	<p>A revista apresenta-se em formato de 30 cm, com capa e imagens coloridas, com Índice de matérias paginado, sem rubricas ou secções.</p> <p>Os artigos distinguem-se por serem curtos e constituídos por temáticas de carácter generalista.</p> <p>Não se encontraram elementos alusivos a publicidade paga.</p> <p>O emblema da escola está integrado no título da revista que consta na capa.</p> <p>A simbologia do emblema constitui o título do primeiro artigo publicado pela revista de autoria de Aguiar (2001, p. 4) Ano I nº1, 1º Semestre de 2001, referindo que a data do emblema data de 1950, tendo ao longo do tempo «sofrido pequenas modificações». A descrição consta de elementos de heráldica e dos símbolos inscritos no formato de um escudo circular com a cruz de Cristo em vermelho sobre esta outra de cor branca, sobrepondo-se um escudete branco de forma oval com dois corações, um coroadado de espinhos e outro trespassado por uma espada, encimados por uma cruz com doze estrelas.</p> <p>O autor explica os elementos com base na influência da Ordem de S. Vicente de Paulo, o milagre de Catarina Labouré sendo estas, as origens da Escola,</p>

	enquanto instituição cristã e vicentina. Representa esteticamente <i>um conjunto harmonioso plástico...</i> p. 4
--	---

Os dados relativos à caracterização da revista *AcontecEnfermagem* divulgados no quadro seguinte revelam que todos os números publicados foram encontrados num total de 102 artigos, sendo que 54% são de autoria de enfermeiros.

O total de autores/enfermeiros foi de de 105, dos quais 90,5% são enfermeiras.

Observa-se ainda que 53% publicaram individualmente e 42% em coautoria com outros enfermeiros e apenas 5% com outros autores de diferentes áreas profissionais.

O Hospital foi a área profissional mais identificada com 41%, seguindo-se a Escola com 23%.

Os resultados obtidos neste periódico, apresentam algumas diferenças relativamente aos outros, tais como, o facto de pouco mais de metade dos artigos serem de autores enfermeiros, o que significa que os restantes foram excluídos por não se encontrarem dentro dos critérios de inclusão definidos.

Também neste periódico se verificou um número substancial de artigos publicados em coautoria com outros enfermeiros.

A área profissional mais identificada neste periódico foi o Hospital, enquanto a área Escola foi a que mais vezes os autores identificaram no total dos outros periódicos.

A Escola como local de trabalho mais referenciado foi a Escola de S. Vicente de Paulo.

Os achados estão em consonância com a publicação do artigo de autoria de Figueiredo e outros (2006) no nº 12 2º Semestre da Revista *AcontecEnfermagem* com o título - *A revista AcontecEnfermagem nos seus primeiros cinco anos*.

No resumo são apresentadas como principais características (...) *a revista tem o mesmo número de artigos; os artigos são pequenos; são escritos na maior parte das vezes por um único autor; os autores são professores da escola ou enfermeiros; os artigos são de opinião/reflexão; o editorial versa sobre a criação da revista, saúde e voluntariado, criança, estratégias de profissionalização, educação e formação, família, doença, diversidade de saberes, investigação, informação e comunicação. O conteúdo dos artigos versa maioritariamente temas saúde/doença e profissão de Enfermagem.* (...) p. 29

Quadro nº 90 - Caracterização da produção escrita identificada no Periódico *AcontecEnfermagem*

<i>AcontecEnfermagem</i>	Números		Total Artigos		Autors Enf's	Sexo		Autoria			Área Profissional		
	Publ	Enc.	Ger al	Enf's		M	F	Ind .	Out ro	Et al outr o	Hos p.	Esc .	C S
	12	12	102	55	105	10	95	29	23	3	43	24	5
	100 %	100 %	100 %	54%	100%	9,5 %	90,5 %	53 %	42%	5%	41 %	23 %	5 %
<u>Total Periódicos</u>	131	131	1192	997	1606	289	1317	665	302	30	576	609	126
<u>Escolas</u>	100 %	100 %	100 %	84.3 %	100%	18 %	82 %	67 %	30 %	3%	36 %	38 %	8 %

Foram identificados oito códigos temáticos neste periódico, sendo os mais relevantes **PT**, **PC**, **F** e **BC**, com 35, 20 e 20%. A diferença entre o periódico *AcontecEnfermagem* e os restantes é a posição entre o primeiro e o segundo código, enquanto neste periódico, a percentagem encontrada foi de 35% no código **PT**, ocupando por isso a primeira posição, nas outras revistas foi de 20,8%, ocupando a segunda posição, figurando a primeira posição o código **PC** com 28,2%.

Quadro nº 91 - Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos títulos do Periódico *AcontecEnfermagem*

<i>AcontecEnfermagem</i>	Números		Artigos		Códigos Temáticos							
	Pub.	Enc.	Gera l	Enf's	PT	PC	F	BC	PP	G	I	E
	12	12	102	55	19	11	11	6	3	2	2	1
	100 %	100 %	100 %	54%	35%	20%	20 %	11 %	5,5 %	3,6 %	3,6 %	1,8 %
<u>Total Periódicos</u>	131	131	1192	997	207	281	170	97	21	48	57	64
<u>Escolas</u>	100 %	100 %	100 %	84.3 %	20,8 %	28,2 %	17 %	9,8 %	2%	4,9 %	5,7 %	6,5 %

9- 2006 - 200... - *Enfermagem & Sociedade*



Imagem nº 49 - Digitalização da capa de *Enfermagem & Sociedade*

A Escola Superior Escola de Enfermagem de S. João de Deus, sediada em Évora teve a sua fundação em 2 de novembro de 1955, funcionando junto do Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Évora no denominado Pavilhão dos Inválidos Mendes (2006, p. 11).

Em 2006 edita a revista *Enfermagem & Sociedade*, por ocasião das comemorações do seu cinquentenário, a 8 de março, fazendo corresponder o lançamento da mesma com a data do nascimento de S. João de Deus (8 de março).

Missão	Descrição Física
O Editorial do nº 0 de 8 de março de 2006 indica que a revista (...) <i>irá abrir caminho novo à divulgação do que se realiza em matéria técnico-científica na nossa comunidade escolar, mas fundamentalmente quer dar espaço a outros, que na área da saúde queiram connosco assumir este desafio, ajudando a divulgar os saberes e as experiências de Enfermagem que se vão construindo, muitas vezes em parceria com outras áreas do saber, que constituem o mundo da interdisciplinaridade nesta vasta científica</i>	<p>A revista <i>Enfermagem & Sociedade</i> pertence ao grupo de revistas mais recentes (2006) e distingue-se pelo seu formato de dimensões de 20x24 cm.</p> <p>A ficha técnica é encimada pelas insígnias da Escola e da Universidade de Évora, instituição em que se encontra integrada.</p> <p>Está sumariada com a identificação dos autores. Os artigos não estão organizados nas seguintes rubricas ou secções: <i>Editorial; Divulgação – Últimas Aquisições.</i></p> <p>A Capa da Revista está dividida em duas secções:</p>

<p><i>que é a Saúde.</i></p> <p><i>Podemos assim ser veículo dos saberes interdisciplinares que através de diferentes olhares e práticas, reflectam também eles novas respostas aos novos desafios que se colocam à saúde dos cidadãos.</i></p> <p><i>É, certamente de uma troca profícua de saberes autónomos que se gera “confronto” saudável do conhecimento e se constrói informação que se quer útil e disponível a todos os interessados. (...)</i></p> <p><i>(...) Para além da produção científica, há que Divulgar para Informar.</i></p> <p><i>Queremos partilhar com todos, artigos de investigação, reflexões e opiniões que sejam fruto das diferentes realidades do quotidiano na Área da Saúde e em particular da Enfermagem p. 1</i></p>	<p>no lado esquerdo de cor vermelho rubro e outra a maior parte de cor branca. Na secção do lado esquerdo contém, como elemento principal, o emblema da Escola, constituído pelos elementos muito estilizados, representando uma Cruz grega de cor vermelho rubro debruada em cor dourada, contendo em cada uma das hastes as iniciais da designação da Escola e ao centro a lâmpada em cor dourada, acesa. O curioso é que este elemento está inscrito de forma inclinada, continuando em extensão sobre a parte branca. Na secção de fundo branco distingue-se na parte superior o título da revista em duas linhas - <i>Enfermagem</i> (Vermelho rubro) & (cor prata) <i>Sociedade</i> (cor ouro).</p> <p>No rodapé está inscrita a frase «Cinquentenário 1955- 2005» alusiva às comemorações deste evento, a mesma está sobre um fundo dourado em cor branco.</p> <p>Neste número, os artigos versam sobre as temáticas em redor das Comemorações do Cinquentenário da Escola. Revista nº 0 março 2006 semestral, a propósito das comemorações do cinquentenário 1955-2005.</p> <p>Os autores são identificados com a área profissional acompanhado de fotografia a cores e com endereço electrónico. Como curiosidade apresenta no início de cada uma frase sob a forma de <i>slogan</i>.</p>
---	--

No quadro seguinte apresentamos os resultados da análise e da caracterização dos artigos do periódico *Enfermagem & Sociedade*, donde podemos verificar que se trata de um periódico bastante recente e com uma produção ainda muito escassa.

Relativamente aos resultados enquadram-se nos resultados obtidos em outras publicações, contudo, observa-se que todos os artigos são da autoria dos enfermeiros, no qual a maioria são enfermeiras e que metade publicaram individualmente e a outra metade em coautoria com outros colegas enfermeiros.

Todos os autores são professores da Escola Superior de Enfermagem de S. João de Deus de Évora.

As temáticas enquadradas nos títulos dos Artigos foram codificadas em **F** e **PT** com 50% cada.

Quadro nº 92 - Caracterização da produção escrita identificada no Periódico *Enfermagem & Sociedade*

<i>Enfermagem & Sociedade</i>	Números		Total Artigos		Autores Enf's	Sexo		Autoria		Área de Trabalho	Códigos Temáticos	
	Publ.	Enc.	Geral	Enf's		M	F	Ind.	Out		F	PT
	2	1	4	4		2	11	2	2		2	2
	100 %	50 %	100 %	100 %	100 %	15 %	85 %	50 %	50 %	100 %	50 %	50 %
Total Periódicos Escolas	131	131	1192	997	1606	289	1317	665	302	609	170	207
	100 %	100 %	100 %	84.3 %	100 %	18 %	82 %	67 %	30 %	38 %	17 %	20,8 %

10 – 2006 - 200... - *Percursos Publicação da Área Disciplinar da Enfermagem*



Imagem nº 50 - Digitalização da capa de *Percursos Publicação da Área Disciplinar da Enfermagem*

Esta publicação é a mais recente de todas as Escolas de Enfermagem, propriedade da Escola Superior de Saúde de Setúbal, publicando-se desde 2006.

Missão	Descrição Física
<p>O Editorial do nº 1 de julho/setembro de 2006 da Revista <i>Percursos</i> traça o seu perfil como sendo (...) <i>A Percursos tem a sua origem na ideia de que fazemos escolhas científicas e metodológicas, pedagógicas e didáticas e, ao fazê-las caminhamos e fazemos caminhos, sem grandes alaridos nem aparatos, à procura do que melhor se adequa aos fins que visamos na Área Disciplinar de Enfermagem e que vale a pena partilhar com os outros - é, por isso, uma publicação despretensiosa. (...) é por isso cronista e narradora (...) com enfoque na produção e disseminação de conhecimento. (...) uma publicação em contexto (...) visa preservar eventos e factos, rumos escolhidos e resultados encontrados.</i></p> <p>Desde o seu primeiro número que é uma revista que se publica <i>on line</i>.</p> <p>Nunes (2006) p. 2 sublinha a importância deste facto ao assumir que (...) <i>Num mundo com tanto acesso a informação, uma aldeia global em que a Web se tornou uma larga avenida, é quase banal colocar a Percursos On-Line sendo este o passo que permite o diálogo, que potencializa tornar-se visível e permite discutir e debater para diante- é por isso, uma publicação que visa futuros (...).</i> julho – setembro 2006 1ª edição.</p>	<p>A revista tem um formato de 20,5x29,5cm.</p> <p>Está organizada regularmente nas seguintes secções: <i>Notícias, Educação, Projectos, Reflexões & Vivências, Enfermagem, Investigação, Saúde e Sistemas de Informação em Enfermagem.</i></p> <p>Trata-se de um periódico em que os artigos são apresentados em texto em cor preta e formato de duas colunas, sendo geralmente acompanhados por imagens coloridas.</p> <p>Da capa constam a identificação, a simbologia, a ficha técnica e o Sumário, este organizado pelas secções constando a identificação dos autores</p> <p>O símbolo está integrado num quadrado onde constam os seguintes elementos: uma mão em forma de concha, segurando um ramo com três folhas. Sobrepondo-se três figuras humanas, masculina e feminina e uma terceira em tamanho inferior entre as duas.</p> <p>A Revista encontra-se escrita em duas colunas, a cor preta.</p> <p>Apresenta um cartão onde são descritas as regras de publicação designada por <i>Política de publicação dos artigos.</i></p>

A caracterização da produção da produção escrita da revista encontra-se expressa no seguinte quadro, donde se observa que 94% dos artigos publicados são de autoria de 19 enfermeiros, em que 74% são mulheres e 26% são homens.

A maioria publicou os artigos individualmente (73%).

A Escola Superior de Setúbal foi a proveniência de trabalho dos autores, facto este também verificado em outras revistas.

O código **F** foi o mais pontuado, dos três códigos encontrados, com 40%, seguiu-se **PT** com 33% e **PC** com 27%. Comparativamente, com os restantes periódicos da responsabilidade das Escolas, os valores observados nos códigos de **F** e **PT** obtiveram valores mais elevados neste periódico.

Quadro nº 93 - Caracterização da produção escrita identificada no Periódico *Percursos*

<i>Percursos</i>	Números		Total Artigos		Autores Enf ^{os}	Sexo		Autoria			Área profissional	Códigos Temáticos		
	Pu bl	En c	Ger al	Enf ^{os}		M	F	Ind iv	Out ro	Et al ou		F	PT	PC
	2	2	16	15	19	5	14	11	3	1	19	6	5	4
	100 %	100 %	100 %	94 %	100%	26 %	74 %	73 %	20 %	7 %	100%	40 %	33 %	27 %
Total Periódicos	131	131	1192	997	1606	289	1317	665	302	30	609	170	207	281
<u>Escolas</u>	100 %	100 %	100 %	84.3 %	100%	18 %	82 %	67 %	30 %	3 %	38 %	17 %	20,8 %	28,2 %

3.1.4 – Instituições de Saúde/ Hospitais

Na Fase Diagnóstica deparámo-nos com diversos órgãos de comunicação interna de várias Instituições de Saúde, particularmente Hospitais e Centros de Saúde, constituídos por Boletins Informativos, Folhas Avulso e ou Revistas, as quais devido aos seus objectivos e ao seu carácter muito específicos, não foram incluídos na Tese.

Por conseguinte, de entre as Instituições de Saúde, apenas foram incluídas as duas publicações periódicas - *Divulgação* e *VITAEnfermagem*, a primeira de propriedade do IPO Centro Regional do Norte - Porto e a segunda do IPO Centro Regional do Centro - Coimbra.

Os resultados da análise destes periódicos encontram-se expressos no quadro seguinte, podendo observar-se que a produção escrita entre as duas revistas é substancial diferente, a primeira com nove anos de publicação, enquanto a segunda com a duração de 2 anos.

Enquanto na revista *Divulgação* se encontraram todos os números (38), apenas foram encontrados metade dos exemplares, (4 números) na *VITAEnfermagem*.

No entanto e apesar das disparidades dos números, os fenómenos são comuns e já descritos nas publicações anteriores, tais como: o género feminino ser o mais representado entre os autores; a autoria individual ser a opção mais verificada e o Hospital a proveniência da maioria dos autores.

Quadro nº 94 - Periódicos de Instituições de Saúde/Hospitais publicados entre 1987 a 2002

Períodos de Divulgação do Conhecimento	PERIÓDICOS DE - INSTITUIÇÕES DE SAÚDE/HOSPITAIS -	Período de Publicação
Período de Consolidação	<i>Divulgação</i>	1987-1996
	<i>VitaEnfermagem</i>	2000-2002

Quadro nº 95 - Caracterização da produção escrita identificada no Periódicos da responsabilidade das Instituições de Saúde/Hospitais

Periódicos de Hospitais	Números		Total Artigos		Total Enfs	Sexo		Autoria		Área Profissional.	
	Pub .	Enc .	Geral	Enfº		M	F	Indiv .	Outro	Hosp	Escolas
<i>Divulgação</i>	38	38	311	152	246	46	200	124	28	204	18
<i>VITAEnfermagem</i>	8	4	24	22	35	16	19	17	5	34	1
Total Periódicos Instituições de Saúde/ Hospitais	46	42	335	174	281	62	219	141	33	238	19
	100 %	91 %	100 %	100 %	100 %	22 %	78 %	81%	19%	85%	7%

O quadro seguinte indica os elementos que compõem a ficha técnica da revista *Divulgação* e da *VITAEnfermagem*, donde se observa que ambas publicações são propriedade do IPO, a primeira na região Norte e a segunda na região Centro.

A distância de 14 anos marca a diferença temporal entre a seu período de publicação..

A periodicidade é semelhante, embora a *Divulgação* não tenha uma periodicidade regular. Contudo, anualmente publicaram-se quatro exemplares, o mesmo número anual de a *VITAEnfermagem* com uma periodicidade trimestral.

As diferenças mais acentuadas verificam-se ao nível das tiragens, a primeira com 2500 e a segunda com 500 exemplares.

A revista *VITAEnfermagem* é uma excepção entre as suas congéneres relativamente ao facto de ter na direcção um enfermeiro.

Quadro nº 96 - Ficha Técnica das publicações de edição dos Hospitais

Designação	Editor e Propriedade	Data fundação	Periodicidade	Tiragem	Depósito Legal	Direcção	Composição e Impressão
<i>Divulgação</i>	Revista do Departamento de Educação e Investigação em Enfermagem IPOFG – Centro Regional do – Porto	1987	4 Números/ano	2500 Exemplares	DL 22765/88	-1987- Zenaida Sobral	METANOIA Terreiro da Sé Porto
<i>VitaEnfermagem</i>	Direcção de Enfermagem do Centro Regional do IPOFG Coimbra	2001	Trimestral	500 Exemplares	-	- 2001 – Jacinto Oliveira	Aventis Coimbra

O quadro abaixo representado reporta-se à distribuição dos códigos temáticos das duas publicações editadas pelos Hospitais, deste modo observa-se que os títulos dos artigos da *Divulgação* foram mais pontuados em PC; PT; BC; SD e F, enquanto na *VITAEnfermagem* foram PT e I.

O maior percentual observou-se no conjunto das duas publicações nos códigos temáticos em **PC** com 26%, seguido de **PT** 25% e **BC** com 14%,

O facto do código temático **PC** ter um ligeiro aumento percentual poderá estar na justificação em parte de estes periódicos serem editados por instituições prestadoras de cuidados, porém continua a prevalecer a orientação do código **PT** com um percentual bastante significativo.

A disparidade entre o volume de exemplares encontrados nas duas Revistas não nos permitem tirar outras ilações quanto aos valores observados, pelo que qualquer outra extrapolação poderá ser pouco rigorosa, pelo que não nos permite ir mais longe na sua análise.

Quadro nº 97 - Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos títulos dos Artigos dos Periódicos de Instituições de Saúde

Códigos Temáticos	Números		Total Artigos		Códigos Temáticos									
	Publ	Enc	Gera l	Enfº s	PC	PT	BC	SD	F	PP	SL	G	E	I
Periódicos														
<i>Divulgação</i>	38	38	311	152	44	35	22	13	11	9	8	6	3	1
<i>VITAEnfermag em</i>	8	4	24	22	1	9	2	1	1	2	-	-	2	4
Total	46	42	335	174	45	44	24	14	12	11	8	6	5	5
Instituições de Saúde/ Hospitais	100 %	91,3 %	100 %	100 %	26 %	25 %	14 %	8 %	7 %	6 %	5 %	3 %	3 %	3 %

Período Consolidação - 1985- 2009

1 - 1987 – 1996 - *Divulgação*



Imagem nº 51 - Digitalização da capa de *Divulgação*

Divulgação é o periódico do Centro de Formação Permanente do Instituto Português de Oncologia Francisco Gentil Centro Regional do Porto. Trata-se de uma Revista temática destacando-se pelas matérias relacionadas com a doença oncológica, tratamrnto e intervenção.

O editorial do primeiro número dá a conhecer (...) *Como nasceu «Divulgação»*, que por iniciativa da Enfermeira Diretora do Departamento considerou (...) *ser urgente e necessária a introdução, no mesmo de uma publicação periódica à semelhança de outras instituições, dedicadas ao tratamento do cancro, dos mais variados países, e onde os enfermeiros apresentam os seus trabalhos, as dificuldades com que se debatem, os problemas que enfrentam na assistência ao doente Oncológico, estabelecendo um intercâmbio de ideias e experiências que, só por si justifica a existência de associações de enfermagem oncológica.a (...).*

Missão	Descrição Física
<p>O mesmo Editorial ajuda-nos a situar sobre o que é este órgão de comunicação e os seus objetivos que se resumem do seguinte modo: (...) <i>Pretende ser um meio de comunicação aberto a todos (as) os (as) enfermeiros (as) e também a outros profissionais de saúde que connosco têm colaborado, bem como a todos quantos desejam participar desta realização.</i> (...)</p> <p>(...) «Divulgação» é essencialmente virada para a enfermagem oncológica dentro deste Centro, mas tenciona crescer, desenvolver-se e ... alargar.</p> <p>«Divulgação» pertence ao Departamento de Educação Permanente e tem como objectivo formar e informar. Divulgará os trabalhos apresentados pelos (as) colegas que colaborem nas acções de formação e todos os outros bem como artigos traduzidos de publicações, com interesse para a melhoria de cuidados e para o nosso trabalho de modo geral. (...).</p> <p>Fernandes (1996) refere que a revista nasceu em janeiro de 1987, fruto das necessidades de formação de um grupo de enfermeiros do IPO-Porto. Considera que a Revista apresenta uma perspectiva técnico-pedagógica, em que a finalidade é a aquisição de novas técnicas e informações, com o propósito de realçar a aquisição de saberes específicos e delimitados, visando a auto-formação. p. 3</p>	<p>Apresenta-se em formato de 30x21 cm.</p> <p>A revista é editada no seu interior a preto e branco, contrastando com os motivos e a cor da capa, que ao longo da sua edição se distinguem pela sua versatilidade.</p> <p>Normalmente a ficha técnica acompanha a explicação das imagens apresentadas na capa. Esta apresenta além do título escrito em cor preta sobre uma barra branca. A primeira letra e a última sobressaiem pelo tamanho maior das mesmas em relação às restantes, bem como pelo facto de no interior da letra D se encontrar o símbolo do cancro – caranguejo de cor vermelho contornado a preto.</p> <p>Por baixo do título estão os outros elementos de identificação da revista.</p> <p>Na parte inferior da capa junto da lombada consta os títulos dos artigos.</p> <p>O índice de assuntos inclui a identificação dos autores, bem como área profissional e local de trabalho. Os artigos são identificados com a fotografia dos seus autores.</p> <p>Contém publicidade a medicamentos, laboratórios farmacêuticos (movimentos de voluntariado (<i>Vencer e Viver</i>) e empresas e produtos comerciais (ConvaTec, Roche, Glaxo), geralmente constituem o verso da capa e contracapa.</p> <p>Para além dos artigos, apresenta as rubricas dedicada a <i>Notícias</i> relativas a eventos científicos; <i>Olhando o futuro Numa perspectiva de enfermagem...</i></p>

Fernandes (1996), no seu artigo *A produção do saber em Enfermagem Oncológica*, que escreve tratar-se de (...) um pequeno estudo retrospectivo sobre a produção do saber em enfermagem, analisando uma estratégia de formação: a «Divulgação» - Revista de Enfermagem Oncológica, para isso estudou todos os artigos publicados, independentemente da área profissão/formação dos autores, considerando a pluridisciplinaridade ser indispensável ao processo de aprendizagem, possibilitando ao enfermeiro o desenvolvimento da sua *atividade em plenitude e eficácia*. p. 3.

Muito embora, a diferença de critérios utilizados pela autora e os utilizados na nossa Tese, alguns resultados traduzem as tendências que encontrámos neste e nos restantes artigos de diferentes periódicos, como sejam: 82% foram de autoria de um único autor; em 93% não

constava o grau académico e dos restantes a maioria eram licenciados; 30% eram autores enfermeiros; a região norte era a zona do país de maior concentração (IPO - Porto), as temáticas mais publicadas referiam-se a situações oncológicas; 50% eram artigos de Revisão pp. 4-8.

2 - 2000 – 2002 - *VITAEnfermagem*



Imagem nº 52 - Digitalização da capa de *VITAEnfermagem*

A Revista *VITAEnfermagem* é editada pela Direcção de Enfermagem do Centro Regional de Oncologia de Coimbra do IPOFG, tendo iniciado a sua publicação em março de 2002.

Este periódico foi editado primeiramente sob a designação de *Boletim Informativo da Direcção de Enfermagem do Centro Regional de Oncologia de Coimbra* do IPOFG, que se publicou entre dezembro de 2000 a junho 2001 e em 2002 passou a designar-se por *VITAEnfermagem*.

A revista encontra-se numa fase de reestruturação tendo suspenso a sua publicação, não se prevendo a retoma da sua publicação, de acordo com a informação da sua Diretora.

Missão	Descrição Física
<p>A missão da revista <i>VITAEnfermagem</i> situa-se na linha de continuidade do Boletim Informativo da Direção de Enfermagem.</p> <p>O enfermeiro Jacinto Oliveira director da do Boletim escrevia no Editorial nº 0 de dezembro de 2000, que (...) <i>a informação é hoje uma realidade omnipresente em todos os domínios da actividade humana – ela aproxima pessoas, encurta distâncias e possibilita a partilha de ideias</i> (...).</p> <p>As linhas orientadoras do Boletim situam-se em duas vertentes. (...) <i>Por um lado constitui o veículo de informação privilegiado da Direção de Enfermagem, por outro pretende-se que ele constitua um espaço aberto de de reflexão para todos os profissionais do Centro Regional de Oncologia de Coimbra e, em particular para os enfermeiros</i> (...).</p>	<p>O nº 2 de 2001 do Boletim é publicado com uma nova apresentação e alterações ao nível dos conteúdos, foi criado o grupo redactorial, que passou a ser responsável pela sua edição.</p> <p>Contudo, este <i>Boletim</i> mantém as características de um órgão interno do Hospital.</p> <p>Quanto à edição da revista <i>VitaEnfermagem</i>, face à apresentação do <i>Boletim Informativo</i> apresenta alterações bastante significativas, pois que renovada quanto à ficha técnica, ao designer, conteúdos e extensão. Contudo, mantém as áreas temáticas relacionadas com a Oncologia.</p> <p><i>VITAEnfermagem</i> publica-se em 23 páginas, num formato de 30cm e a cores, com Índice de matérias incluindo identificação dos autores.</p> <p>As secções são para além do <i>Editorial</i> e dos <i>Artigos</i>, <i>Nets@úde</i>, <i>Informagem</i>, <i>Agenda e Normas e Condições de Publicação de Trabalhos</i>.</p> <p>Na capa apresenta na parte superior do lado direito o símbolo do IPO constituído pelo caranguejo trespassado pela espada no corpo as iniciais DE (Direção de Enfermagem) e por baixo as iniciais CROC (Centro Regional de Oncologia de Coimbra), logo por baixo e em toda a largura da folha consta o título e os restantes dados de identificação da revista.</p> <p>A restante mancha da folha é ocupada por imagens ou motivos bastante coloridos e apelativos.</p> <p>Na parte Inferior tem o subtítulo do periódico Boletim da Direção de Enfermagem do Centro Regional de Oncologia de Coimbra.</p> <p>A revista consta do Centro de Documentação do IPOFG de Coimbra.</p>

3.1.5 – Edição Editorial

Os periódicos de responsabilidade de empresas editoriais inventariados foram: *Nursing (edição portuguesa)*, *Revista Portuguesa de Enfermagem*, *Sinais Vitais*, *SOS Jornal de Enfermagem* e *Revista de Investigação em Enfermagem*.

Este conjunto de periódicos de publicação mais recente constitui um referencial destacado no panorama da divulgação do conhecimento em enfermagem, traduzindo-se pela diversidade das temáticas apresentadas e amplitude de divulgação, sendo bastante fácil encontrar estes periódicos em diferentes Centros de Documentação e Bibliotecas.

Relacionado com o sucesso de estes periódicos junto dos estudantes e dos enfermeiros está associada a organização periódica de Congressos, Jornadas e outras actividades de formação que mobilizam não apenas os seus assinantes e um numeroso público, que tem oportunidade de divulgar os seus trabalhos e de conseguir que muitos sejam premiados com financiamento.

De um modo geral estes periódicos apresentam alguns traços de perfil que se diferenciam de muitos dos anteriores, como é o caso da existência de publicidade a equipamentos, a produtos farmacêuticos ou clínicos, que muitas vezes são responsáveis pelo financiamento da própria investigação de enfermagem que é veiculada pelos próprios periódicos.

No quadro que se segue são apresentados os elementos que fazem parte da caracterização dos periódicos e dos dados sociométricos dos autores/enfermeiros portugueses que publicaram os artigos que são alvo de estudo.

Do total de 474 exemplares publicados por todos os periódicos, aqueles que mais concorreram para esta situação foram *Nursing (edição portuguesa)* e *SOS Jornal de Enfermagem*. Todavia, este último foi o que obteve menor número de exemplares encontrados, facto que por se tratar de um periódico de distribuição gratuita não se enquadra das normas de Arquivo dos Centros de Documentação.

Por razões de disponibilidade de tempo prorizaram-se outros periódicos relativamente a este, por apresentarem matérias de índole profissional que melhor se enquadravam na temática em estudo.

Do total de artigos publicados no conjunto deste tipo de periódicos (2925), contacta-se que 63% são de autoria dos enfermeiros portugueses, distribuindo-se por 72% de enfermeiras e de 28% de enfermeiros.

Em síntese os resultados revelam um fenómeno idêntico ao já observado em outros periódicos anteriores. Quanto ao género, maioritariamente foram as enfermeiras que mais publicaram; a publicação individual foi a mais frequente, e a proveniência profissional dos autores foi o hospital, com 53%.

Quadro nº 98 - Periódicos de Edição de Editoras publicados entre 1988 a 2009

Períodos de Divulgação do Conhecimento	PERIÓDICOS DE - Edição de Editoras -	Período de Publicação
Período de Consolidação	<i>Nursing (edição portuguesa)</i>	1988 - 2009
	<i>Sinais Vitais</i>	1994 - 2009
	<i>Revista Portuguesa de Enfermagem</i>	1996 - 2009
	<i>SOS Jornal de Enfermagem</i>	1999 - 2009
	<i>Revista de Investigação em Enfermagem</i>	2000-2009

Quadro nº 99 - Caracterização da produção escrita identificada nos Periódicos de responsabilidade de Edição Editorial

Periódicos de Edição Editorial	Números		Tot.al Artigos		Autores Enfermeiros	Sexo		Autoria			Área profissional			
	Publ.	Enc.	Ger.al	Enf.ºs		M	F	Ind.	Outr.o	Et.al ou	Pro.f.	C.S	Hos.p.	Out.ins.t
<i>Nursing (edição portuguesa)</i>	240	231	1770	774	1195	358	837	461	298	15	157	112	742	1
<i>Sinais Vitais</i>	81	78	881	834	1393	363	1030	436	390	8	197	99	682	3
<i>Revista Portuguesa de Enfermagem</i>	16	13	97	89	129	33	96	61	28	-	27	8	79	2
<i>SOS Jornal de Enfermagem</i>	118	10	56	25	25	13	12	18	7	-	-	-	7	-
<i>Revista de Investigação em Enferma.</i>	19	18	121	113	181	66	115	67	31	15	84	10	42	-
Total Edição Editorial	474	350	2925	1835	2923	833	2090	1043	754	38	465	229	1552	6
	100%	74%	100%	63%	100%	28%	72%	57%	41%	2%	16%	8%	53%	0,2

A ficha técnica de cada um dos periódicos de edição editorial, consta do quadro abaixo indicado, nele estão indicados os elementos constitutivos que revelam que, quanto à antiguidade a *Nursing (edição portuguesa)* é o periódico mais antigo que se publica desde o final da década de 80, enquanto *Sinais Vitais*, *Revista Portuguesa de Enfermagem* e *SOS Jornal de Enfermagem* se publicam desde o final da década de 90 e a *Revista de Investigação em Enfermagem* data do início do século XXI.

Quanto ao Editor e Proprietário observamos que a editora FORMASAU - Formação e Saúde Lda, com sede em Coimbra - é a proprietária do conjunto das três publicações: *Sinal Vitais*, *SOS Jornal de Enfermagem* e *Revista de Investigação em Enfermagem*. Como curiosidade registre-se que esta é a editora responsável pela publicação da maioria dos livros que foram recenseados na primeira Fase (Fase Diagnóstica) da Tese.

A periodicidade situa-se entre a publicação mensal, trimestral e semestral.

A tiragem varia entre 1000 exemplares da *Revista Portuguesa de Enfermagem* a 10000 exemplares da *Revista Nursing (edição portuguesa)* e de *SOS Jornal de Enfermagem*.

A *Revista de Investigação em Enfermagem* é a única com o título de *Investigação* em todo o território nacional, apresenta-se como sendo exclusivamente científica e com uma tiragem de 5000 exemplares.

A responsabilidade directiva dos periódicos é de directores masculinos, o que constitui uma curiosidade no universo da profissão, maioritariamente do género feminino.

A composição e impressão destes periódicos repartem-se entre as cidades de Lisboa (*Nursing*) e as restantes pela cidade de Coimbra.

Este tipo de periódicos apresenta algumas diferenças na sua política editorial, sendo bastante evidente a referência a marcas comerciais e a empresas de publicidade de produtos e equipamentos clínicos, em uso nos contextos profissionais.

As *Revistas Nursing (edição portuguesa)* e *Sinais Vitais* foram entre outras as mais acessíveis à consulta na maioria das Bibliotecas e Centros de Documentação das Escolas de Enfermagem, pela existência de séries completas e de mais do que um exemplar.

Será por estas apresentarem maior diversidade de temáticas na sua maioria relacionadas com a prática hospitalar? Será que a política de marketing evidenciada pelas altas tiragens tem alguma influência?

Quadro nº 100 - Ficha Técnica dos periódicos de Edição de Editor

Designação	Editor e Propriedade	Data fundação	Periodicidade	Tiragem	Depósito Legal	Direcção	Composição e Impressão
Nursing (edição portuguesa)	Ferreira & Bento Lda. Pedro Serra Pinto Informação em Saúde - Edições e Publicações	1988	Mensal	8.500 Exemplares	Nº 21227/88 ISSN: 0871-6196	1º - 1988 – B. S. Espírito Santo 2º - 1993 – Rogério Gonçalves 3º - 2003 – João Quintela 4º - 2005 – João Carlos F. Gouveia	Mirandela – Artes Gráficas, SA Lisboa TED - Tempora Designer SOCIP - Sociedade Tipográfica, S.A. Samora Correia
Sinais Vitais	FORMASAU – Formação e Saúde, Lda.	1994	Trimestral	10.000 Exemplares	Nº 81264 ISSN: 0872-8844	- 1994 – António Fernando Salgueiro Amaral	GRAFISMO PMP- Serviços e Equipamentos Gráficos, Lda. Coimbra FIG Coimbra
Revista Portuguesa de Enfermagem	Instituto de Formação em Enfermagem Lda.	1996	Trimestral	1000 Exemplares	Nº 1033377 /96 ISSN: 0873-1586	- 1996 – Augusto José de Jesus Duarte Jacinto	Instituto de Formação em Enfermagem Lda. Amadora PRINTIPO- Indústrias Gráficas Lda.
SOS Jornal de Enfermagem	FORMASAU- Formação e Saúde, Lda.	1999	Bimestral	10.000 Exemplares	Nº 104849 ISSN: 0874-386X	- 1999 – José Carlos Pereira Santos	FIG – Fotocomposição e Indústrias Gráficas SA Coimbra
Revista de Investigação em Enfermagem	FORMASAU- Formação e Saúde, Lda.	2000	Semestral	5000 Exemplares	Nº 145933 /2000 ISSN: 0874-7695	- 2000 – Paulo Joaquim Pina Queirós	FORMASAU- Formação e Saúde, Lda. Redhorse – Indústria Gráfica, Lda. Rua do Casal dos Vagares – Alto de S. João Coimbra

No quadro em baixo estão representados os Códigos Temáticos encontrados nos títulos dos artigos dos periódicos da responsabilidade das Editoras: Pedro Serra Pinto, FORMASAU e IFE.

Os resultados indicam que do total dos 1835 artigos de autoria dos enfermeiros 49% referiram temáticas que foram codificadas em **PT**, 13% em **PC** e com igual percentual 6% **PP**, **BC** e **F**, todos os restantes códigos obtiveram percentuais na ordem dos 4,3 e 0,1%.

O código **PT** foi o mais pontuado nos periódicos *Nursing (edição portuguesa)*, *Sinais Vitais*, *Revista Portuguesa de Enfermagem* e *SOS Jornal de Enfermagem*, enquanto o código **PC** foi o mais valorizado na *Revista de Investigação em Enfermagem* e apenas **FP** foi encontrado num artigo da *Revista Portuguesa de Enfermagem*.

Tal como o observado na codificação dos periódicos editados pelas Associações Sindicais, Organizações Profissionais e Escolas de Enfermagem, os autores dos artigos dos periódicos de edição de editores preferiram para títulos temáticas que se enquadram na sua maioria, em Perspetivas e Tendências (**PT**).

Quadro nº 101 - Caracterização dos Códigos Temáticos identificados nos Periódicos de responsabilidade de Edição Editorial

Códigos Temáticos Periódicos	Número s		Total Artigos		Códigos Temáticos										
	Pub l	E nc	Ger al	Enfº s	PT	PC	PP	B C	E	SD	F	G	S L	I	F P
<i>Nursing (edição portuguesa)</i>	240	231	1770	774	292	134	66	56	51	45	43	37	37	13	-
<i>Sinais Vitais</i>	81	78	881	834	545	42	35	42	25	30	46	37	21	11	-
<i>Revista Portuguesa de Enfermagem</i>	16	13	97	89	39	7	1	6	4	4	8	5	9	5	1
<i>SOS Jornal de Enfermagem</i>	118	10	56	25	5	1	-	2	3	1	-	6	4	3	-
<i>Revista de Investigação em Enfermagem</i>	19	18	121	113	11	45	1	3	3	1	14	1	11	23	-
Total Edição Editorial	474	350	2925	1835	892	229	103	109	86	81	111	84	82	55	1
	100 %	74 %	100 %	100 %	49 %	13 %	6 %	6 %	4,5 %	4 %	6 %	4,4 %	4 %	3 %	0,1 %

Período Consolidação - 1985 - 2009

1 - 1998 - 200... - *Nursing* (edição portuguesa)



Imagem nº 53 - Digitalização da capa de *Nursing* (edição portuguesa)

A Revista *Nursing* (edição portuguesa) foi fundada em 1988 e é de propriedade de Ferreira & Bento Lda, atualmente é produzida pelo Editor Pedro Serra Pinto - Informação em Saúde - Edições e Publicações, Unipessoal, Lda.

É membro da Associação da Imprensa Não Diária.

Trata-se de um periódico com uma publicação muito regular e com um grafismo que têm sido bastante constante ao longo do tempo, contudo na década de 2000 foram acrescentados alguns motivos à sua apresentação, tornando-a atualmente numa publicação muito mais agradável e estimulante à leitura.

Na primeira fase a revista adquire a designação de Revista Técnica de Enfermagem e é uma fase marcada pela tradução de artigos publicados por autores estrangeiros muitos da área da Medicina, mas também de outras áreas. Neste período, os artigos publicados pela revista por enfermeiros nacionais são bastante raros.

Na fase subsquente Revista adopta a designação de Revista de Formação Contínua em Enfermagem e marca uma mudança na publicação de artigos de enfermagem por enfermeiros portugueses, dedicando-lhes um maior espaço.

É uma revista que está Indexada à Base de Dados da CINAHL.

Missão	Descrição Física
<p>O propósito da Revista <i>Nursing</i> (edição portuguesa) é possível encontrá-lo descrito no Editorial da Revista nº 3 Ano I de abril de 1988 ao (...) <i>germinou a primeira semente com a publicação do nº1 da nossa Revista ...esta publicação passou a ser propriedade de todos nós, dado o modo como foi aceite pela classe. As responsabilidades da sua edição aumentam bastante, e, por isso terão que ser redobrados os esforços no sentido da nossa Nursing manter uma linha de actuação homogénea, coerente e principalmente humanizada. (...) todos os colegas que através da sua análise permanente muito poderão ajudar a que a tarefa a que deitamos ombros seja em breve um trabalho profícuo e que nos honre a todos como revista aberta, a Nursing receberá e incentivará, com todo o prazer todos os trabalhos de enfermagem que nos sejam enviados (...) (...) melhor participação de todos, nesta recém-nascida publicação. Esperamos que, quando adulta, venha a saudavelmente contribuir, ainda que modestamente, para o progresso científico da nossa actividade profissional (...).</i></p> <p>Afirma-se anos mais tarde (2000) que (...) <i>a nossa intenção é transformar a revista Nursing uma publicação dinâmica e bilateral. Porque a discussão de temas pode abrir portas a novas abordagens e a novos rumos (...).</i></p>	<p>Como características físicas este periódico publica-se em formato de 27x20,5cm.</p> <p>A capa apresenta-se em fundo branco, ou em cor, com imagens muito diversificadas, representando equipamentos, material cirúrgico, procedimentos técnicos e fotografias de algumas situações de doença. Algumas das imagens muitas vezes assumem um carácter de alguma agressividade ao leitor menos incauto.</p> <p>Quanto ao título está inscrito no cabeçalho da revista escrito em cor azul (1ª fase), mais recentemente as primeiras três letras do título NUR escrito em cor preta e SING em cor <i>bordeaux</i>. No interior da letra U está inscrito Edição Portuguesa. Por baixo do título constam os seguintes elementos Revista de Formação Contínua em Enfermagem, o endereço electrónico www.nursingportuguesa.com, seguido de número, mês, ano e preço.</p> <p>Os temas constam da capa não tendo uma localização regular, repartindo-se por toda a mancha da capa. No lado direito inferior da capa contém logotipo de revista indexada da CINAHL (O logotipo da CINAHL é uma marca registada e é propriedade da EBSCO Industries, Inc).</p> <p>Os temas relacionados com feridas ocupam grande espaços de publicação em variadíssimos números e suplementos.</p> <p>Encontra-se dividida por secções tais como: <i>Informagem; Agenda; Artigo em Destaque ou Em Destaque; Cadernos de Enfermagem; Notícias em foco e Breves.</i></p> <p>O Editorial apresenta a fotografia do autor.</p> <p>O índice é organizado por temas como por exemplo - <i>Qualidade - Acreditação Hospitalar Qualidade na Saúde.</i></p> <p>Os artigos apresentam-se divididos por separadores, marcados por cores, cabendo a cada artigo consoante o tema uma cor diferente, que se reflete no título do artigo, nas secções e subsecções, nas imagens, nos gráficos e nos</p>

	<p>esquemas que ostentam a mesma cor. Significando que no mesmo periódico pode coexistir vários artigos em cores diferentes que ajudam o leitor a uma melhor localização do tema.</p> <p>Apresenta grandes espaços de publicidade comercial, relacionados fundamentalmente com a área de saúde, como sejam: laboratórios, empresas de material cirúrgico, equipamentos, produtos clínicos, produtos financeiros, entre outros.</p> <p>Esta característica de uma publicação profissional publicitária, encontra-se expressa na ficha técnica onde consta a identificação da Directora de Publicidade, Assistente de Publicidade e do Gestor Comercial</p> <p>Apresenta as normas de publicação de trabalhos, artigos de revisão, investigação, história e evolução de Enfermagem, referindo-se que este periódico (...) publica artigos originais, artigos de revisão, artigos de opinião e estudos de caso sobre os temas relacionados com a profissão.</p> <p>Os artigos são escritos em colunas acompanhados por caixas de texto, esquemas, gráficos e imagens a cores.</p> <p>As áreas temáticas mais privilegiadas são as seguintes:</p> <p>Feridas; Úlceras; Cardiologia; Diabetes; Nutrição; Urulogia; Nefrologia; Dermatologia; Saúde Mental; Infecciologia; Neurologia; Oncologia; Cuidados Paliativos; Geriatria e Pediatria.</p> <p>Os títulos dos artigos, resumo e palavras-chave constam nos dois idiomas de português e inglês.</p>
--	--

Mais em pormenor o quadro seguinte revela comparativamente a caracterização da divulgação da *Nursing* (edição portuguesa) com o total dos resultados obtidos no conjunto dos periódicos de edição editorial.

Assim, observa-se que foram encontrados 96% dos exemplares do total dos números publicados.

Do total dos artigos publicados 44% pertencem a autoria de um total de 1195 enfermeiros portugueses, dos quais 70% são do sexo feminino.

Do total dos 774 artigos de autoria portuguesa 59,5% foram publicados individualmente, enquanto 38,5% foram em coautoria com outros enfermeiros nacionais e 2% em coautoria com outros autores de diferentes áreas profissionais.

Relativamente à área profissional, o Hospital foi a mais indicada com 62% como a proveniência de trabalho dos autores.

Os resultados encontrados no total dos periódicos de edição de editor são bastante semelhantes aos encontrados neste periódico, diferindo na relação entre o total de artigos de autoria dos enfermeiros em que neste periódico se publicaram 44%, enquanto no total dos outros se publicou 63%. Esta diferença percentual, muito embora não seja muito significativa, porém, traduz o perfil da revista *Nursing* (edição portuguesa) nos primeiros anos da sua publicação, sendo publicado um número muito inferior de artigos de enfermeiros nacionais.

Mais recentemente, esta situação alterou-se grandemente, e atualmente, é mais frequente encontrarem-se artigos apenas de enfermeiros nacionais.

Quadro nº 102 - Caracterização da produção escrita identificada no Periódico *Nursing* (edição portuguesa)

	Números		Total Artigos		Autores Enfermeiros	Sexo		Autoria			Área profissional			
	Publ.	En c.	Ger al	Enf 's		M	F	Indi v.	Outr o	Et al ou	Hos p.	Esc	CS	Out inst
<i>Nursing</i> (edição portuguesa)	240	231	1770	774	1195	358	837	461	298	15	742	157	112	1
	100 %	96 %	100 %	44 %	100%	30 %	70 %	59,5 %	38,5 %	2 %	62 %	13 %	9,3 %	0,08 %
Total dos periódicos	474	350	2925	1835	2923	833	2090	1043	754	38	1552	465	229	6
s Edição Editorial	100 %	74 %	100 %	63 %	100%	28 %	72 %	57%	41%	2 %	53 %	16 %	8%	0,2

Os códigos temáticos encontrados nos títulos dos artigos da revista *Nursing* (edição portuguesa) e que constam no quadro seguinte indicam como os códigos mais valorizados: **PT** com o maior percentual 38%, seguido de **PC** com 13%, **PP** com 9% e **BC** com 7%. Estes resultados encontram-se distribuídos de forma muito semelhante no total das publicações deste tipo, muito pela contribuição do próprio periódico *Nursing* (edição portuguesa) que entre os outros se destaca por ser aquele que maior número de artigos publicou.

A Divulgação do Conhecimento em Periódicos de Enfermagem e a Evolução da Profissão, em Portugal, no século XX e início do século XXI

Quadro nº 103 - Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos títulos dos Artigos do Periódico *Nursing* (edição portuguesa)

Nursing (edição portuguesa)	Números		Total Artigos		Códigos Temáticos									
	Pub.	En c	Gera l	Enfº s	PT	PC	PP	B C	E	SD	F	G	SL	I
	240	231	1770	774	292	134	66	56	51	45	43	37	37	13
	100 %	96 %	100 %	44%	38 %	17 %	9 %	7 %	6,5 %	6 %	5,5 %	4,7 %	4,7 %	1,6 %
Total dos periódicos	474	350	2925	1835	892	229	103	109	86	81	111	84	82	55
Edição Editorial	100 %	74 %	100 %	63%	49 %	13 %	6 %	6 %	4,5 %	4 %	6%	4,4 %	4 %	3 %

2 - 1994- 200... - *Sinais Vitais*

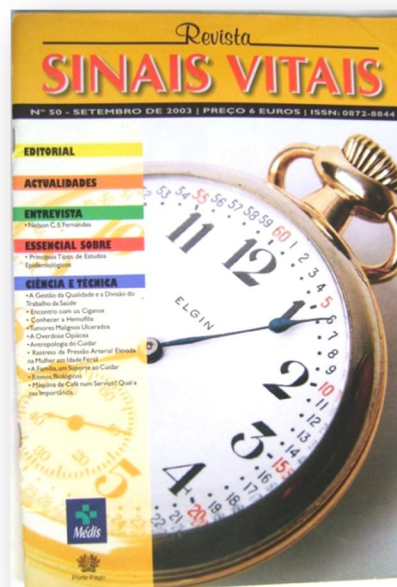
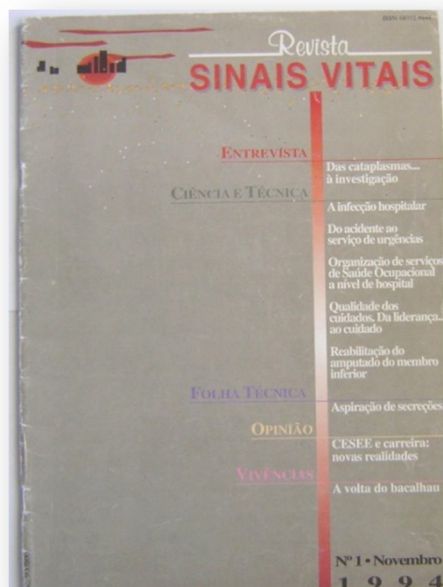


Imagem nº 54 - Digitalização da capa de *Sinais Vitais* (décadas de 90/2000)

A propósito do impacto da publicação da revista, foi feita uma consulta a uma assembleia constituída por 700 participantes do Encontro de Enfermagem, que decorreu em Coimbra em março (oito meses antes da publicação do primeiro número em novembro). Registou-se que dos 383 inquiridos, 55% dos enfermeiros não assinavam nenhuma revista de enfermagem. 76% justificaram como motivo *as existentes não satisfaziam as suas necessidades*, contudo 78% *manifestaram desejo de participar num projecto de uma nova revista*.

Os participantes foram inquiridos sobre os requisitos de uma revista de enfermagem revelando que por ordem de prioridades deveria ser actual, ter bons artigos e fácil leitura. Os autores portugueses foram os mais preferidos, contudo demonstraram interesse que fosse aberta a outros profissionais. Os conteúdos mais referidos foram os temas técnico-científicos, seguindo-se as notícias, artigos de opinião e entrevistas.

O Estatuto Editorial publicado no periódico nº 1 de novembro de 1994 contribui para uma melhor percepção da sua missão e características, conforme se apresenta:

1. *Sinais Vitais é um projecto formativo e informativo, independente, plural e rigoroso, com carácter técnico destinado aos profissionais de saúde.*
2. *Sinais Vitais tem uma periodicidade trimestral e distribuição nacional.*
3. *Sinais Vitais proporciona um espaço de informação, podendo os técnicos de saúde inserir artigos de cariz técnico-científico, com reconhecida idoneidade, isenção e rigor e de diferentes especialidades.*
4. *Sinais Vitais reserva o direito de publicar somente os artigos que mereçam a aprovação do Conselho Científico, Corpo Redactorial e Direcção.*
5. *Sinais Vitais tem a sua Direcção, Conselho Científico e Corpo de Redactores permanentes constituídos exclusivamente por profissionais de enfermagem.*
6. *Sinais Vitais entende a existência de um vasto campo de discussão na área da saúde, pelo que fomenta o debate das grandes questões, sobre a forma de artigos de opinião, entrevistas, encontros ou outros meios ao seu dispor.*

Missão	Descrição Física
Amaral, o editorialista escreve no nº1 de novembro de 1994 que as razões que conduziram à publicação da <i>Revista Sinais Vitais</i> (...) <i>Nos últimos anos temos assistido ao que se poderia chamar, uma autêntica revolução no domínio da ciência e da técnica, com um constante surgimento de novos métodos e novas teorias em todos os domínios. A divulgação científica torna-se, por isso, indispensável para os profissionais que se pretendem manter actualizados.</i> <i>A Revista Sinais Vitais surge para</i>	A revista <i>Sinais Vitais</i> publicou-se em dois formatos de 30x21cm e a partir de 2007 27x20cm. A apresentação da capa tem variado consoante os números. Contudo, os elementos inalteráveis são constituídos por: Título na parte superior constituído por duas palavras <i>Revista</i> na parte central, dividida por uma linha na horizontal e sob esta as palavras <i>Sinais Vitais</i> . No início de publicação os exemplares apresentavam do lado esquerdo o índice organizado por rubricas ou secções identificadas por cores diferentes: <i>Entrevista</i> ,

<p><i>proporcionar aos enfermeiros a informação técnica e científica de que necessitam e para dar aos que, em Portugal, produzem saber e conhecimento, e já são muitos, a oportunidade de divulgarem os seus trabalhos.</i></p> <p><i>A ideia da sua publicação surgiu de um conjunto de enfermeiros que sentia a falta de uma revista que se dedicasse, de uma forma sistemática, à divulgação dos trabalhos que os enfermeiros produzem. A ideia germinou e com pernas para andar quer ir mais longe, quer tornar-se num veículo indispensável para o debate de ideias e de conceitos. (...)</i></p> <p><i>(...) não seja mais uma revista para enfermeiros, mas sim que seja a revista dos enfermeiros, onde possam divulgar ideias, teses, experiências e conceitos e que tal como os sinais vitais são sinal de vida, esta revista seja o sinal da vitalidade de uma profissão que tem futuro e que, estamos certos, todos os enfermeiros pretendem cada vez mais dignificada.</i></p> <p>Por último o autor faz um apelo à divulgação deste periódico e à partilha dos conhecimentos, que está bem explícito no excerto (...) <i>Não queira que os resultados do seu esforço não sejam partilhados, (...).</i></p>	<p><i>Essencial Sobre, Ciência e Técnica, Folha Técnica, Opinião, Atua e Vivências</i> Na parte inferior faz referência à empresa de publicidade que financia a revista e o símbolo da República Portuguesa de Porte Pago.</p> <p>Mais recentemente verificaram-se algumas modificações relacionadas com a localização dos elementos de capa, passando todos estes elementos a serem inscritos na parte superior, sobre imagem de fundo.</p> <p>Não inclui qualquer logótipo ou simbologia própria da Revista.</p> <p>No seu interior apresenta alguns espaços dedicados à publicidade de livros, editados pela Editora FORMASAU, acompanhados de um breve resumo da obra, fazendo ainda referência à aquisição dos livros em questão.</p> <p>Os artigos são distribuídos por rubricas devidamente identificados, normalmente acompanhados com a fotografia dos seus autores, palavras-chave e resumo.</p> <p>Os textos são acompanhados de esquemas, figuras, gráficos, imagens ou caixas de texto que se apresentam em cores muito variadas.</p> <p>Os conteúdos organizam-se em colunas, com títulos capitulares e com caixas de texto que permitem ao leitor preciosos auxiliares de leitura.</p> <p>Os artigos tratam de assuntos diversos, contudo os artigos de investigação ocupam um espaço privilegiado.</p> <p>Muitos dos trabalhos publicados foram divulgados e alguns premiados em eventos técnico-científicos organizados pela revista.</p>
--	--

Os resultados apresentados referem-se aos obtidos na revista *Sinais Vitais* e ao total dos periódicos enquadrados nesta secção.

Os mesmos revelam fenómenos que são de certa forma constantes nos periódicos anteriores, tais como: a quase totalidade de exemplares encontrados face aos que foram publicados; cerca de metade dos autores que publicaram artigos são de enfermeiros nacionais; o género feminino destaca-se pela publicação de artigos; a publicação individual representa a mais utilizada pelos autores e o Hospital representa a área profissional de origem da maioria dos autores.

Quadro nº 104 - Caracterização da produção escrita identificada no Periódico *Sinais Vitais*

<i>Sinais Vitais</i>	Números		Total Artigos		Autores Enfermeiros	Sexo		Autoria			Área profissional			
	Pu bl.	En c.	Geral	Enfº s		M	F	Indi v.	Outr o	Et al ou	Hos p.	Pro f.	CS	Out inst
	81	78	881	834	1393	363	1030	436	390	8	682	197	99	3
	100 %	96 %	100%	95 %	100%	26 %	74 %	52%	47%	1 %	49%	14 %	7%	0,2 %
<u>Total periódico.</u>	474	350	2925	1835	2923	833	2090	1043	754	38	1552	465	229	6
<u>Edição Editorial</u>	100 %	74 %	100%	63 %	100%	28 %	72 %	57%	41%	2 %	53%	16 %	7,9 %	0,2 %

Os códigos que se reportam à revista *Sinais Vitais* e ao total dos periódicos de Edição de Editor indicam que o código **PT** obteve 65%, enquanto no total dos outros periódicos obteve-se 49%, seguindo-se a Formação (**F**) com igual percentagem (6%) tanto neste periódico como no total dos outros.

Ao compararmos os resultados obtidos entre estas duas dimensões (*Sinais Vitais* e total outros periódicos de Edição de Editor), as percentagens obtidas nos diferentes códigos são quase sobreponíveis, a exceção é o código **PC** que apresentam uma diferença percentual de 8%, sendo mais elevado o valor encontrado na segunda dimensão.

Quadro nº 105 - Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos títulos dos Artigos do Periódico *Sinais Vitais*

<i>Sinais Vitais</i>	Números		Total Artigos		Códigos Temáticos									
	Pub.	Enc	Gera l	Enfº s	PT	F	PC	BC	G	PP	SD	E	SL	I
	81	78	881	834	545	46	42	42	37	35	30	25	21	11
	100 %	96 %	100%	95%	65 %	6 %	5%	5 %	4%	4 %	4 %	3%	3 %	1 %
<u>Total dos periódico s</u>	474	350	2925	1835	892	111	229	109	84	103	81	86	82	53
<u>Edição Editorial</u>	100 %	74 %	100%	63%	49 %	6 %	13 %	6 %	4,4 %	6 %	4 %	4,5 %	4 %	3 %

3 - 1996 – 200... - *Revista Portuguesa de Enfermagem*

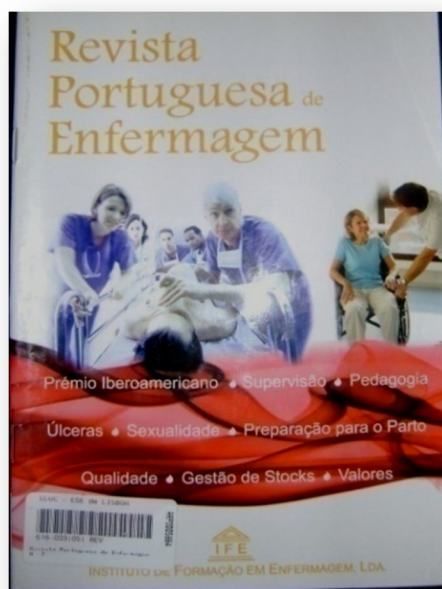


Imagem nº 55 - Digitalização da capa da *Revista Portuguesa de Enfermagem*

A Revista Portuguesa de Enfermagem é de propriedade do Instituto de Formação em Enfermagem, Lda (IFE).

Missão	Descrição Física
<p>Este periódico tem (...) <i>como objectivo promover a divulgação do conhecimento científico produzido, bem como o debate de sobre matérias relevantes para o desenvolvimento da nossa profissão, a nova Revista Portuguesa de Enfermagem procura dar um contributo claro e inequívoco, contando para isso com a colaboração de todos os que comumquem do mesmo propósito. Este espaço está ao vosso dispor.</i></p> <p>Editorial nº3 julho/agosto/setembro de 2005</p>	<p>Este periódico apresenta sobre os outros algumas diferenças, como seja o seu formato inicial de 15x21cm, sendo que a partir de 2007 adquire um novo formato de 25x17,5cm.</p> <p>Toda a informação no interior da revista é escrita a cor com exceção da publicidade. Esta é constituída por eventos científicos, cursos, prémios, bibliografia da responsabilidade do Instituto de Formação em Enfermagem, Lda.</p> <p>Trata-se de um periódico ilustrado a cores, com um design de capa diferente em cada número. As imagens de capa retratam situações em ambiente hospitalar, ou por outras</p>

	<p>relacionadas com procedimentos técnicos desempenhados por enfermeiros.</p> <p>O título encontra-se inscrito do lado esquerdo junto da lombada, em três linhas e em cor amarelo dourado.</p> <p>Na parte inferior da capa constam as áreas temáticas dos artigos e no rodapé o símbolo do Instituto de Formação em Enfermagem, Ld^a.</p> <p>A identificação completa da revista encontra-se em duas secções na lombada e no rodapé da Ficha Técnica, constituída por: designação, periodicidade, data (meses e ano) e número.</p> <p>Muitas vezes esta informação passa despercebida ao leitor, quer pela excepção da sua localização, quer pelo tamanho minúsculo da letra utilizada.</p> <p>Apresenta como secções: <i>Editorial; Entrevista; Opinião; Investigação; Inovação e Academia.</i></p> <p>A identificação de cada uma destas secções consta do cabeçalho do lado direito, sendo utilizada uma cor diferente, facto que ajuda o leitor a uma melhor seleção dos assuntos.</p> <p>A revista aceita para publicação (...) <i>artigos no âmbito das Ciências de Enfermagem, Gestão e das Ciências da Educação, enquadrados nas seguintes nodalidades: Opinião; Recensão Crítica; Revisão Sistemática de Literatura e Meta-Análise; Artigo de Investigação; Inovação.</i> (...) Academia de Ciências de Enfermagem Normas para Publicação de Trabalhos Regulamento de Frequência de Cursos In <i>Revista Portuguesa de Enfermagem</i> nº3 julho/agosto/setembro de 2005</p> <p>A identificação dos autores é feita de fotografia dos graus académicos, área profissional e local de trabalho.</p> <p>Os temas reportam-se a vários assuntos relacionados com a prática clínica, a gestão de cuidados e de serviços de saúde, ao nível da formação, alguns dos quais realizados em contexto académico.</p>
--	---

Os dados a que se refere o quadro seguinte dizem respeito à caracterização da *Revista Portuguesa de Enfermagem*, podendo observar-se que face ao total de exemplares

publicados foram encontrados 81%. Do total dos artigos publicados foram identificados 92% de artigos de enfermeiros.

Quanto ao género dos autores, observa-se que do total de 129, 74% são enfermeiras e 26% são enfermeiros.

A modalidade de publicação individual obteve 69% enquanto em coautoria obteve 31%.

A área profissional mais referida pelos autores nacionais foi o Hospital (61%), seguida da Escola de Enfermagem.

Mais uma vez, os resultados, neste periódico, seguem a tendência dos resultados do total dos periódicos já descritos anteriormente.

Quadro nº 106 - Caracterização da produção escrita identificada no Periódico *Revista Portuguesa de Enfermagem*

<i>Revista Portuguesa de Enfermagem</i>	Números		Total Artigos		Autores Enf ^{os}	Sexo		Autoria		Área profissional			
	Publ.	Enc.	Geral	Enf ^{os}		M	F	Ind	Outro	Hosp.	Esc	CS	Out inst
	16	13	97	89	129	33	96	61	28	79	27	8	2
	100 %	81 %	100 %	92 %	100 %	26 %	74 %	69 %	31 %	61 %	21 %	6 %	1,5 %
<u>Total dos Periódicos</u>	474	350	2925	1835	2923	833	2090	1043	754	1552	465	229	6
<u>Edição Editorial</u>	100 %	74 %	100 %	63 %	100 %	28 %	72 %	57 %	41 %	53 %	16 %	7,9 %	0,2 %

O quadro seguinte indica a distribuição dos códigos como resultado da codificação dos títulos dos artigos publicados na *Revista Portuguesa de Enfermagem*.

Os códigos que obtiveram maiores percentagens foram: **PT**, **SL**, **F**, **PC** e **BC**.

Muito embora, as diferenças percentuais não sejam muito significativas entre as duas dimensões, a posição dos códigos **SL** e **PC** ocupam neste periódico a segunda e quarta posição enquanto no total dos restantes periódicos, o código PC ocupa a segunda posição na maioria dos periódicos e o código SL quase sempre das últimas posições.

Desta forma, o perfil deste periódico, tendo por base o resultado obtido no código **SL**, denota que as opções editoriais pelas questões da saúde no trabalho dos enfermeiros tiveram maior destaque na publicação dos artigos, comparativamente com outros periódicos.

A Divulgação do Conhecimento em Periódicos de Enfermagem e a Evolução da Profissão, em Portugal, no século XX e início do século XXI

Quadro nº 107 - Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos títulos dos Periódico
Revista Portuguesa de Enfermagem

<i>Revista Portuguesa de Enfermagem</i>	Números		Total Artigos		Códigos Temáticos										
	Pub	Enc	Ger al	Enfº s	PT	SL	F	PC	B C	G	I	E	SD	F P	P P
	16	13	97	89	39	9	8	7	6	5	5	4	4	1	1
	100 %	81 %	100 %	100 %	44 %	10 %	9 %	8 %	7 %	5,5 %	5,5 %	4,5 %	4,5 %	1 %	1 %
Total de periódicos Edição Editorial	474	350	2925	1835	892	82	111	229	109	84	53	86	81	1	103
	100 %	74 %	100 %	63 %	49 %	4 %	6 %	13 %	6 %	4,4 %	3 %	4,5 %	4 %	0,1	6 %

4 - 1996-200... - *Jornal SOS Enfermagem*



Imagem nº 56 - Digitalização da capa do *Jornal SOS Enfermagem*

Este periódico arroga-se como um Jornal Nacional de Enfermagem de autoria de um conjunto de enfermeiros da região de Coimbra, congregando enfermeiros das áreas de

Cuidados de Saúde Primários, Diferenciados e de Professores das Escolas de Superiores de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca e Bissaya Barreto.

Trata-se do único Jornal Profissional que foi recenseado neste período de publicação.

O *Jornal SOS Enfermagem* tem ao longo da sua periodicidade regular apresentado algumas mudanças e inovações, tendo iniciado por uma periodicidade mensal, na atualidade publica-se bimestralmente.

Missão	Descrição Física
<p>A missão proposta pelo <i>Jornal SOS Enfermagem</i> é descrito na folha de título do nº 0 de novembro de 1996 apresenta um título <i>Nasceu</i> em letras bem visíveis sobre uma imagem bastante sugestiva de um parto com um recém-nascido ainda nas mãos enluvadas de um profissional que o apresenta à mãe a quem só visualizamos apenas as mãos.</p> <p>Por baixo refere o articulista <i>Após a concepção, alguns meses de crescimento e maturação, eis que nasceu o veículo de informação para a enfermagem. Ele aí está.</i></p> <p><i>O Jornal SOS Enfermagem.</i> p. 1</p> <p>O Editorial assinado pelo seu diretor Carlos Carraco Mendes refere <i>Aí está o «Jornal SOS Enfermagem». O Jornal mensal de todos e para todos os Enfermeiros Portugueses.</i></p> <p><i>Somos um grupo de enfermeiros, que, verificando a lacuna de informação na nossa classe profissional e querendo colmatá-la, nos organizámos e eis o nº 0 do nosso/vosso jornal, que estará em vossa casa todos os meses.</i></p> <p><i>Este grupo é constituído por enfermeiros que exercem a sua actividade em Hospitais, Centros de Saúde e Escolas Superiores de Enfermagem, visando assim abranger as três vertentes da enfermagem.</i></p> <p><i>Todas as publicações de enfermagem são imprescindíveis; reconhecendo o seu importante papel, queremos contudo ocupar um espaço diferente e inexistente na informação em enfermagem. A profissão adquiriu uma dinâmica própria, à qual quisemos dar resposta.</i></p>	<p>O aspeto geral do <i>Jornal SOS Enfermagem</i> é em tudo muito semelhante a outros jornais profissionais e generalistas que se publicam por todo o país.</p> <p>O seu formato de 37cm é de dimensões muito idênticas a outros jornais.</p> <p>É constituído por espaços destinados: à informação de carácter profissional; aos assuntos dos estudantes de enfermagem; às entrevistas a enfermeiros ou outras personalidades nacionais ou estrangeiras com interesse para a Enfermagem; aos artigos de fundo de autoria de enfermeiros e professores; à apresentação de legislação muitas vezes comentada e a notícias nacionais e internacionais geralmente de ordem profissional ou de âmbito da saúde e a passatempos.</p> <p>Os assuntos apresentam-se descritos em colunas, acompanhando o texto com imagens e ou fotografias que são apelativas à leitura. Contudo, nem sempre é possível identificar os seus autores, por falta de elementos de identificação profissional e área de trabalho.</p> <p>A capa do jornal apresenta-se impressa a cores, enquanto as folhas centrais são apresentadas a preto e branco. Na capa são apresentados alguns dos títulos com a indicação das páginas onde serão desenvolvidos os assuntos.</p> <p>A capa do primeiro número é bastante sugestiva pois que apresenta apenas três grandes áreas, a primeira é constituída pela fotografia da enfermeira Mariana Diniz de Sousa, convidada para ser entrevistada; pela figura sobre o</p>

<i>Foi neste sentido que demos corpo a este projecto para o contributo e discussão de ideias. p. 2</i>	<p>nascimento do Jornal já referenciado e pela fotografia da Ministra da Saúde, Maria de Belém Roseira.</p> <p>Os temas são bastante diversificados e de um modo geral refletem as preocupações do quotidiano dos enfermeiros, dos professores e dos estudantes.</p> <p>A exemplo do impacto que teve o primeiro número foi a entrevista realizada à enfermeira Mariana Diniz de Sousa e a publicação do REPE.</p> <p>Há medida que se caminha na publicação do Jornal constatamos que aumentam os espaços destinados a publicidade profissional e comercial</p>
--	--

Pelos dados expostos verificamos que foram estudados um exíguo número de exemplares estudados face ao elevado número de exemplares publicados, situação que não nos permite tirarmos ilações de ordem teórica ou estatística. Por isso, os mesmos resultados têm de ser interpretados com a devida prudência, pois que o estudo dos escassos exemplares se encontra muito longe da representação amostral. Porém, e mesmo cientes desta inconsistência estatística, não deixámos de fazer referência ao periódico, pois que devido à sua singularidade (formato, matérias, distribuição, etc.) goza de grande popularidade junto dos enfermeiros portugueses.

O total de artigos identificados como de autoria de enfermeiros foi de 43% do total de artigos publicados. A distribuição dos autores segundo o género foi de igual número para ambos os sexos. A publicação individual foi a mais utilizada pelos autores, e quanto à área profissional não foi possível a sua identificação, por inexistência desta variável nos artigos estudados.

Quadro nº 108 - Caracterização da produção escrita identificada no
Periódico *SOS Jornal de Enfermagem*

<i>SOS Jornal de Enfermagem</i>	Total Números		Total Artigos		Total Autores Enfermeiros	Sexo		Autoria	
	Pub	Enc	Geral	Enfermeiros		M	F	Ind	Outro
	118	4	35	15	18	9	9	11	4
	100%	3%	100%	43%	100%	50%	50%	73%	27%
Total dos periódicos de Edição Editorial	474	350	2925	1835	2923	833	2090	1043	754
	100%	74%	100%	63%	100%	28%	72%	57%	41%

Os códigos temáticos que apresentamos de seguida enquadram-se no contexto do que afirmámos anteriormente, quanto ao escasso número de exemplares estudados comparativamente com o número exemplares publicados. Os códigos mais pontuados foram **PC** com 32%, **SL** com 20% e **I** com 13%.

Fica a interrogação sobre se este perfil corresponderia à realidade se fossem analisados um número mais aproximado da totalidade dos que se publicaram.

Quadro nº 109 - Distribuição de Códigos Temáticos encontrados nos títulos dos Periódico *SOS Jornal de Enfermagem*

<i>SOS Jornal de Enfermagem</i>	Total Números		Total Artigos		Códigos Temáticos							
	Pub	Enc	Geral	Enfermeiros	PC	SL	I	F	BC	PT	FP	SD
	118	4	35	15	5	3	2	1	1	1	1	1
	100%	3%	100%	100%	32%	20%	13%	7%	7%	7%	7%	7%
<u>Total Edição Editorial</u>	474	350	2925	1835	229	82	53	111	109	892	1	81
	100%	74%	100%	63%	13%	4 %	3 %	6%	6%	49%	0,1	4%

5 - 2000 – 2009 - *Revista de Investigação em Enfermagem*

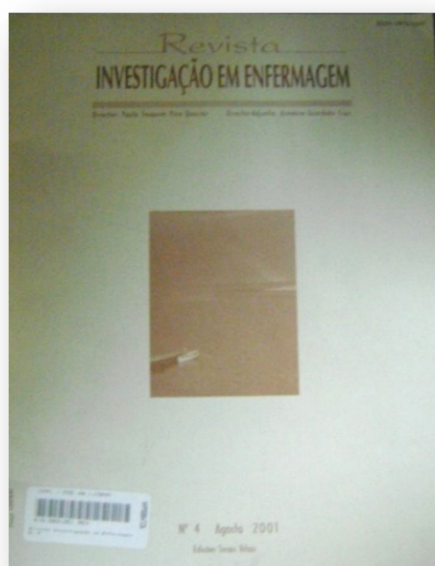


Imagem nº 57 - Digitalização da capa da *Revista de Investigação em Enfermagem*

Este periódico inscreve-se na categoria de periódico especializado na divulgação de artigos científicos, marcado pela diferença dos conteúdos editoriais.

Esta característica editorial coloca algumas questões quanto à procura por parte dos leitores por este tipo de artigos e de matérias, exigindo a aquisição de um conjunto de competências linguísticas e de interpretação sobre metodologias investigativas e de testes estatísticos, que sem elas, constituem constrangimentos e dificuldades. Por conseguinte, este tipo de periódicos muito particulares tem normalmente um público privilegiado, constituído por um estrato social intelectual e académico, normalmente outros investigadores, professores e estudantes.

Esta circunstância sendo diferenciadora ao nível dos conteúdos, também o é ao nível do leitor e do processo comercial, muitas vezes de tiragens menores que as dos periódicos generalistas e por isso de circulação mais restrita.

Para a descrição física da Revista teve-se em conta para além da nossa observação os Editoriais particularmente os nº 1, 6 e 15.

Missão	Descrição Física
<p>O Estatuto Editorial da Revista define-a como sendo:</p> <p>A Revista de Investigação em Enfermagem é uma publicação periódica semestral, vocacionada para a divulgação da investigação em Enfermagem nas áreas de prestação de cuidados, gestão e ensino.</p> <p>2- A Revista de Investigação em Enfermagem destina-se aos enfermeiros e de uma forma geral a todos os que se interessam por temas de investigação na saúde.</p> <p>3- A Revista de Investigação em Enfermagem tem uma ficha técnica constituída por um director, um director adjunto e um Conselho Editorial, que zelam pela qualidade, rigor científico e respeito por princípios éticos e deontológicos.</p> <p>4- A Revista de Investigação em Enfermagem publica sínteses de investigação e artigos sobre teoria de investigação, desde que originais, estejam de acordo com as normas de publicação da revista e cuja pertinência e rigor científico sejam reconhecidos pelo Conselho Editorial.</p> <p>4-A Revista de Investigação em Enfermagem é propriedade da Formasau - Formação e Saúde,</p>	<p>O processo de comercialização da <i>Revista de Investigação</i> em Enfermagem faz-se por assinatura conjunta da <i>Revista Sinais Vitas</i> e <i>Jornal SOS Enfermagem</i>.</p> <p>Para a descrição física da Revista teve-se em conta para além da nossa observação os Editoriais particularmente os nº 1, 6 e 15.</p> <p>O periódico ao longo dos seis primeiros exemplares, manteve uma linha gráfica muito discreta, de cor monocromática (cinzenta) com motivos de capa muito sóbrios e de certo modo com motivos externos pouco apelativos.</p> <p>A partir do número 15 de fevereiro de 2007 passou a ser publicada com um novo arranjo gráfico e num novo formato, com elementos esteticamente mais agradáveis.</p> <p>O novo arranjo gráfico procurou melhorar e tornar mais fácil e mais agradável a leitura dos artigos e ao mesmo tempo acompanhar a inovação do designer gráfico (...) na combinação entre linhas abertas e arejadas e</p>

<p><i>Ld^a, entidade que anseia o director e o director-adjunto. O Conselho Editorial é composto pelos directores da revista e por outros enfermeiros de reconhecido mérito e competência.</i></p> <p>Revista de Investigação em Enfermagem nº 17 de fevereiro 2008</p>	<p>pequenos toques de classicismo. (...) Editorial da Revista número 15 de fevereiro de 2007</p> <p>A capa dos primeiros números pauta-se pela sobriedade do seu designer, sendo distribuída em formato de 27x21cm, de cor cinzenta com letras pretas no cabeçalho com a designação da revista, por baixo a identificação do Director e Director - Adjunto. Ao centro a inclusão de uma imagem que vai diferindo ao longo da publicação, porém sempre de linhas muito simples a preto e branco. Na parte inferior constam o número, mês, ano e edição. Inclui ainda o símbolo de porte pago. Refere na contra-capla a circunstância de que desde o primeiro número a mesma se produzir em papel reciclado.</p> <p>Não inclui logotipo, ou qualquer simbologia.</p> <p>O sumário encontra-se em dois idiomas em Português e Inglês, com a identificação dos autores. Os artigos são acompanhados de um resumo e de palavras-chave, a partir do número 6 são publicados também em língua inglesa, fazendo estes parte das novas normas de publicação.</p> <p>Sublinha o editorialista que este procedimento (...) <i>representará um passo importante para que estudos de investigação no âmbito da Enfermagem desenvolvidos em Portugal, comecem também a ser conhecidos pela comunidade científica internacional.</i> (...).</p> <p>No novo formato e grafismo sustenta-se que a <i>Revista de Investigação em Enfermagem</i> (...) <i>continua a apostar na divulgação de artigos científicos realizados no âmbito da Enfermagem de modo a estimular os respectivos enfermeiros a apostarem cada vez mais neste processo como motor dinâmico e fundamentado, das suas práticas e dos seus efeitos na saúde dos indivíduos.</i> (...).</p> <p>Os artigos são resultado de trabalhos de investigação, alguns de natureza académica. De um modo geral a revista diversificou a sua oferta editorial, no entanto continua a existir um predomínio da produção de estudos de abordagem quantitativa.</p>
---	--

	<p>Nesta nova fase o Editorial da Revista de Investigação em Enfermagem nº 15 de fevereiro de 2007, apresenta um balanço da publicação da revista, utilizando algumas das variáveis também por nós utilizadas para a caracterização sóciodemográfica dos autores dos artigos.</p> <p>A Revista não apresenta publicidade nem está dividida em secções.</p> <p>A Revista de Investigação em Enfermagem desde o número 9, que integra a Latindex, sistema de informação <i>on line</i> para revistas científicas da América latina, Caribe, Espanha e Portugal.</p> <p>Desde fevereiro de 2007 está disponível na CUIDEN, uma base de dados de enfermagem em espanhol, da Fundação Index, que inclui a produção científica da enfermagem espanhola e ibero-americana de conteúdos da prática clínica em todas as especialidades, centrando a sua atenção na abordagem metodológica, histórica, e sociocultural.</p>
--	---

Dos 19 números publicados, apenas não foi possível encontrar um número. Quanto ao total de artigos publicados 98,3% foram de autoria dos 181 enfermeiros nacionais, situação reveladora da grande produção de artigos científicos.

Ao compararmos os resultados obtidos na caracterização deste periódico com os totais gerais das publicações de responsabilidade de Edição Editorial, observamos idêntica situação, assim, são as enfermeiras as que mais publicam, destas 59,3% publicam individualmente, 27,4% fazem-no em coautoria com outros enfermeiros e 13,3% publicam conjuntamente com outros autores não enfermeiros.

Quanto á área profissional dos autores verificamos que são os professores das Escolas de Enfermagem os que mais publicam neste periódico, enquanto no conjuntp de todos os periódicos foram os enfermeiros que trabalham no Hospital aqueles que mais publicaram. cremos que esta situação se deve ao tipo de periódico e ao facto dos professores se enquadrarem nos autores especializados neste tipo de artigos científicos e de matérias.

Os artigos referem-se a temáticas diversas, sendo que a maioria dos autores/professores são da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra.

Quadro nº 110 - Caracterização da produção escrita identificada na *Revista de Investigação em Enfermagem*

<i>Revista de Investigação em Enfermagem</i>	Números		Total Artigos		Autores Enf ^{os}	Sexo		Autoria			Área Profissional		
	Pub.	Enc.	Gera l	Enf ^{os}		M	F	Indi.	Outro	Et al ou	Esc	Hosp.	CS
	19	18	121	113	181	66	115	67	31	15	84	42	10
	100 %	95 %	100 %	98,3 %	100%	36 %	64 %	59,3 %	27,4 %	13,3 %	46 %	23%	6%
Total periódicos de Edição Editorial	474	344	2904	1825	2916	829	2087	1036	751	38	465	1549	229
	100 %	73 %	100 %	63%	100%	28 %	72 %	57%	41%	2%	16 %	53%	7,9 %

O quadro seguinte representa a distribuição dos códigos temáticos como resultado da codificação dos títulos dos artigos da *Revista de Investigação em Enfermagem*.

Relativamente ao total de artigos publicados foram recenseados 115, como sendo de autores enfermeiros, distribuídos por 10 códigos, dos quais **PC**, **I** e **F** obtiveram respetivamente 40, 20 e 12%. Estes valores refletem o caráter da Revista, que, sendo uma publicação que privilegia a divulgação científica, acaba por se expressar nos títulos dos artigos, atingindo o maior percentual no Código **I** (20%) no conjunto de todos os periódicos estudados. Todavia, o facto de se tratar de uma revista de Investigação, não impediu os autores de escolherem para títulos dos artigos temáticas que se enquadram no código **PC**, triplicando o percentual obtido no conjunto dos outros periódicos.

Quadro nº 111- Distribuição dos Códigos Temáticos na *Revista de Investigação em Enfermagem*

<i>Revista de Investigação em Enfermagem</i>	Total Números		Total Artigos		Códigos Temáticos									
	Publ	Enc	Gera l	Enf ^{os}	PC	I	F	P T	SL	BC	E	G	SD	PP
	19	18	121	113	45	23	14	11	11	3	3	1	1	1
	100%	95%	100%	100%	40 %	20 %	12 %	9,8 %	9,8 %	3%	3%	0,8 %	0,8 %	0,8 %
Edição Editorial	474	344	2904	1825	229	53	111	892	79	109	84	83	81	103
100%	100%	73%	100%	63%	13 %	3 %	6 %	49 %	4 %	6%	4,5 %	4,4 %	4%	6%

3.1.6 - Edição de Autor

É curioso que o percurso da divulgação do conhecimento nos periódicos de enfermagem durante o século XX e início do século XXI, tenha apenas identificado dois periódicos da responsabilidade dos seus autores, o que é revelador da cultura da imprensa escrita da Enfermagem que na sua maioria foi confiada à responsabilidade editorial às diversas organizações profissionais (Sindicatos, Associações, Escolas e Hospitais) e em menor número às Empresas editoriais ou singularmente aos seus Autores.

Também é interessante determo-nos nas datas em que foram publicados, sendo o primeiro do final da década de 40 e o outro do final da década de 50, correspondendo aos dois primeiros períodos Cronológicos da História da **Divulgação do Conhecimento da Enfermagem Portuguesa - Período de Iniciação** e o **Período de Transição**.

Muito embora, se tenha verificado uma melhoria substancial das condições sócio-políticas, económicas e culturais do nosso País e muito particularmente as condições sociais e profissionais dos enfermeiros, no entanto estes fatores, não parecem ter sido suficientes para alterar a situação de tutela da edição e publicação dos organismos profissionais.

Nesta secção apresentamos os dois periódicos identificados como sendo da responsabilidade da Edição dos Autores - *Servir* *Jornal das Enfermeiras Diplomadas pela Escola de São Vicente de Paulo e Enfermagem Portuguesa* *Revista Técnica e Cultural*, a primeira sediada em Lisboa, sob a responsabilidade editorial de Maria de Meneneres Corrêa de Sá com sede em Lisboa e a segunda de Alberto Mourão com sede em Coimbra.

Os quadros seguintes referem-se à distribuição da produção dos dois periódicos, podendo observar-se que todos os exemplares publicados foram identificados.

Do total dos artigos publicados nos dois periódicos apenas 38% são de autoria de enfermeiros. No primeiro periódico todos autores são do sexo feminino, enquanto no segundo a maioria são do sexo masculino, o que representa a exceção no panorama da divulgação do conhecimento nos periódicos de enfermagem.

A nossa convicção sobre esta exceção relativamente às diferenças de género, podem ficar a dever-se ao facto da Revista ter na direção uma enfermeira formada pela Escola de S. Vicente de Paulo e ser uma Escola que admitia apenas candidatas, enquanto a direção da outra revista ser assegurada por um enfermeiro e ser publicada em contextos de trabalho e académico, da cidade de Coimbra, onde os dois géneros estavam mais representados.

Quanto à autoria verifica-se que todos os artigos foram publicados individualmente.

As áreas profissionais dos autores distribuem-se pelos Hospitais e pelas Escolas de Enfermagem, particularmente pela Escola de São Vicente de Paulo, sendo que na Revista *Enfermagem Portuguesa Revista Técnica e Cultural* a maior frequência foi a área Hospitalar.

De certo modo, estes resultados podem estar associados ao facto de um dos periódicos se encontrar mais relacionado com o Ensino e o outro com o Hospital, porém os resultados nesta variável seguem a tendência já encontrada nos periódicos anteriores.

Quadro nº 112- Periódicos de Enfermagem segundo *Edição de Autor*

Períodos de Divulgação do Conhecimento	PERIÓDICOS DE EDIÇÃO DE AUTOR	Período de Publicação
Período de Iniciação	<i>Servir Jornal das Enfermeiras Diplomadas pela Escola de São Vicente de Paulo</i>	1949-1951
Período de Transição	<i>Enfermagem Portuguesa Revista Técnica e Cultural</i>	1958-1959

Quadro nº 113 - Caracterização da produção escrita identificada no Periódicos de Enfermagem segundo *Edição de Autor*

Periódicos de Edição de Autor	Números		Total Artigos		Autores Enfermeiros	Sexo		Autoria	Área Profissional	
	Publ.	Enc.	Geral	Enf's		M	F		Hosp.	Esc.
<i>Servir Jornal das Enfermeiras Diplomadas pela Escola de São Vicente de Paulo</i>	26	26	46	16	16	-	16	16	8	8
<i>Enfermagem Portuguesa Revista Técnica e Cultural</i>	12	12	103	41	41	22	19	41	15	2
Total	38	38	149	57	57	22	35	57	23	10
	100%	100%	100%	38%	100%	39%	61%	100%	40%	18%

A ficha técnica dos dois periódicos encontra-se descrita no quadro que se segue, podendo observar-se que a diferença entre a sua publicação é de 9 anos, em que a periodicidade varia entre a mensal e bimestral, desconhecendo-se o número de exemplares por tiragem. Quanto à responsabilidade de direcção da *Servir Jornal das Enfermeiras Diplomadas pela Escola de São Vicente de Paulo* teve como diretora Maria Isabel de Mello Costa e a *Enfermagem Portuguesa Revista Técnica e Cultural* a direcção pertenceu a Manuel Leitão Branco, ambos enfermeiros.

Quadro nº 114 - Caracterização da ficha técnica das publicações de Edição de Autor

Designação	Editor e Propriedade	Data fundação	Periodicidade	Tiragem	Depósito Legal	Direcção	Impressão
<i>Servir Jornal das Enfermeiras Diplomadas pela Escola de São Vicente de Paulo</i>	Maria de Meneneres Corrêa de Sá	1949	Mensal	-	-	- 1949 - Maria Isabel de Mello Costa	
<i>Enfermagem Portuguesa Revista Técnica e Cultural</i>	Alberto Mourão	1958	Bimestral	-	DL 232077	- 1958 - Manuel Leitão Branco	Tipografia da Atlântida, Rua Fernandes Tomás, 46- 48 Coimbra

Quanto à distribuição dos códigos temáticos no quadro abaixo podemos observar que os códigos **E**, seguido de **PC** foram os que obtiveram maior frequência no periódico *Servir Jornal das Enfermeiras Diplomadas pela Escola de São Vicente de Paulo*. Este facto poderá ter por base o cariz do próprio periódico assumindo-se como um órgão na defesa dos valores ético-deontológicos da profissão.

Os códigos **PC**, **F** e **G** foram os encontrados no periódico *Enfermagem Portuguesa Revista Técnica e Cultural*. O curioso destes resultados é o facto do valor percentual igual (17,5%) nos códigos dos títulos **F** e **G**, o que não ocorreu em outros periódicos.

Constatámos que alguns dos autores tinham a categoria profissional de enfermeiros chefes e que foram dos que em maior número seleccionaram como título dos artigos temas relacionados com as áreas de gestão de cuidados e ou de serviços hospitalares.

Quadro nº 115 - Caracterização da produção escrita identificada nos Periódicos de *Edição de Autor*

Códigos Temáticos Periódicos	Números		Total Artigos		Códigos Temáticos					
	Pub.	Enc.	Geral	Enf's	PC	F	G	BC	PT	E
<i>Jornal das Enf's Diplomadas pela Escola de São Vicente de Paulo</i>	26	26	46	16	5	-	-	-	3	8
<i>Enfermagem Portuguesa Revista Técnica e Cultural</i>	12	12	103	41	16	10	10	4	1	-
Total Edição de Editor	38 100%	38 100%	149 100%	57 100%	21 36,8%	10 17,5%	10 17,5%	4 7%	4 7%	8 14%

Período de Iniciação - 1925-1950

O periódico *Servir Jornal das Enfermeiras Diplomadas pela Escola de São Vicente de Paulo* foi integrado no primeiro período de **Divulgação do Conhecimento** conjuntamente com os periódicos de associações de classe, embora se distancie da linha editorial dos seus antecessores, ele apresenta algumas semelhanças nas suas características como sejam a cronologia de publicação e o tempo curto de publicação.

O facto de este periódico ser da responsabilidade editorial de autor confere-lhe uma particularidade diferente no conjunto dos periódicos enquadrados neste período. As razões podem sintetizar-se do seguinte modo, primeiramente porque se trata de um periódico que se afirma confessional relacionado com a religião católica, seguindo o carisma de S. Vicente de Paulo, bem como o da fundadora da Escola de S. Vicente de Paulo, depois porque apresenta uma linha editorial mais focalizada para os assuntos técnicos e profissionais.

Estas características de este periódico constituem por isso um ponto de ruptura com a escrita anterior, abrindo outras possibilidades aos enfermeiros, particularmente à ACEPS, que o vai transformar em 1952, após a sua extinção, numa Revista mais dinâmica, com uma divulgação mais substantiva do conhecimento profissional e da disciplina de Enfermagem.

1 - 1949-1951 - *Servir* Jornal das Enfermeiras Diplomadas pela Escola de São Vicente de Paulo

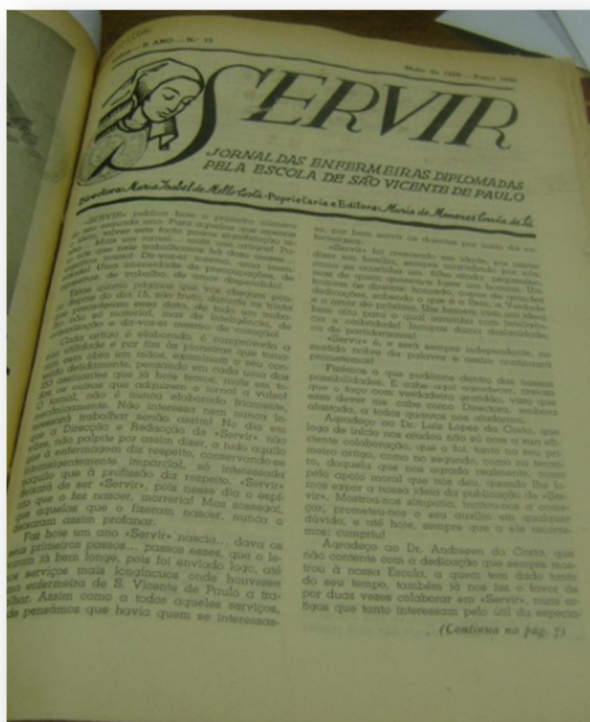


Imagem nº 58 - Digitalização da capa de *Servir* Jornal das Enfermeiras Diplomadas pela Escola de São Vicente de Paulo

A Escola de Enfermagem de S. Vicente de Paulo fundada em Lisboa em 1937, pela intervenção da Irmã Eugénia Tourinho, foi criada como sendo uma Escola de Enfermagem da Igreja.

Após 12 anos da abertura da Escola é publicado este periódico inserindo-se no espírito da própria Escola e fiel aos ensinamentos doutrinários de S. Vicente de Paulo.

Em entrevista à sr^a enfermeira Emília Maria Costa de Macedo nas anteriores instalações da revista *Servir* no Campo dos Mártires da Pátria, numa tarde de abril de 2007, sobre a ação da ACEPS e da Revista *Servir*, tentámos a reconstrução da história deste pequeno órgão de comunicação.

(...) Após o Curso de Enfermagem, as enfermeiras ex-alunas da Escola, conjuntamente com as docentes da mesma, idealizaram a publicação de um Boletim informativo que promovesse a continuidade da formação recebida na Escola, imbuídas do espírito recebido

*na Escola e herdado pelos seus fundadores a expensas próprias criaram em 1949 o Jornal das Enfermeiras Diplomadas da Escola de São Vicente de Paulo (...)*³³ marcando assim o início da publicação dos periódicos de edição de autor no nosso país.

Este periódico de edição e propriedade de enfermeiras diplomadas da Escola de Enfermagem de São Vicente de Paulo, tinha como propósito a publicação de artigos ou de informação relativa a assuntos de enfermagem a nível nacional e internacionalmente.

O facto de os artigos terem a assinatura exclusiva de apenas enfermeiras é explicado pela nossa entrevistada (...) *Escola de São Vicente de Paulo ser à data uma escola feminina, encontrando no periódico Servir Jornal das Enfermeiras Diplomadas pela Escola de São Vicente de Paulo o meio de divulgação do próprio conhecimento produzido pelas enfermeiras, especialmente aquelas que tinham acabado de sair da Escola e que demonstraram já à época um enorme sentido de iniciativa e de grande responsabilidade profissionais (...)*³⁴

Se nos reportarmos à época, e aos periódicos publicados anteriormente constatamos que todos tiveram um tempo muito limitado de publicação, o mesmo acontecendo com o periódico *Servir Jornal das Enfermeiras Diplomadas da Escola de São Vicente de Paulo*

A este propósito, em entrevista com a Snr^a Enfermeira Emília Costa Macedo foram apontadas como razões da suspensão da sua publicação (...) *que por motivos económicos foi extinto passando em seu lugar a ser publicada em 1952 a revista Servir (...)*³⁵

Conforme já fizemos referência anteriormente, este periódico constituiu a génese da Revista da ACEPS, adoptando o título *Servir*, herdando a primeira parte da identificação do periódico em apreço.

Relativamente ao arquivo do periódico, foi possível localizar todos os exemplares na Hemeroteca Municipal de Lisboa, onde se encontram encadernados com outros documentos de temáticas diversas. Os exemplares encontram-se em bom estado de conservação, contudo devido ao tipo de encadernação conjunta, tornou-se um constrangimento adicional, dificultando a consulta e a análise dos artigos.

Observámos ser esta técnica de encadernação e de Arquivo documental, uma prática muito seguida em alguns Centros de Documentação e Bibliotecas, conferindo um aspeto mais estético nas estantes, pelo encadernamento em brochado. Todavia, para efeito de estudo e de manipulação dos documentos é bastante dificultador, não apenas pelo volume de

³³ Sr.^a enf^a Emília Maria Costa Macedo, entrevista abril 2007 – Aspectos históricos da Revista Servir – ACEP

³⁴ Sr.^a enf^a Emília Maria Costa Macedo, entrevista abril 2007 – Aspectos históricos da Revista Servir – ACEP

³⁵ Ibidem

documentos encadernados, tornando difícil a sua manipulação e ainda, por impedir a leitura dos conteúdos junto à lombada.

A seguir apresentamos alguns aspetos da missão e descrição física do periódico *Servir*. Porém, alertamos para a incompletude das mesmas. Sublinhamos que foi das tarefas mais complexas que encetámos, não só por se tratar de uma revista que quase todos os enfermeiros portugueses mantiveram uma forte ligação, bem como com a sua Diretora a Senhora Enfermeira Emília Costa Macedo, e ainda, particularmente, porque tive o privilégio de privar com ela mais de perto nas instalações da Revista, na fase de pesquisa e de consulta documental.

Deste modo, a síntese que se apresenta está muito longe de fazer justiça aos mais de 75 anos de publicação da mesma, apenas se trata de um pequeno contributo para a sua História e para a História da Enfermagem Portuguesa.

Missão	Descrição Física
<p>A missão do periódico encontra-se descrita no Editorial do número um deste periódico de maio de 1949, sendo apresentadas as razões que levaram à sua publicação, a selecção do título, os objetivos e o papel que se espera dos leitores. Por considerarmos um texto com interesse histórico, constituindo um marco na esfera da divulgação do conhecimento da profissão apresentamos a transcrição integral do texto.</p> <p><i>«A ideia da publicação de Servir nasceu de uma reunião de Enfermeiras diplomadas com o intuito de criar entre nós todas, quer diplomadas quer alunas, um traço de união, e dessa união de espírito que tanto tem caracterizado a nossa Escola. Para que continuamos a formar um só corpo numa só alma.</i></p> <p><i>Para que não se apaga aquele fogo sagrado que na Escola se acendeu em nós ao concretizar no serviço dos doentes o nosso Ideal e a nossa vocação. Para que o título de «Enfermeira» continue a ser um daqueles que mais nos orgulhamos.</i></p> <p><i>«Servir» terá a colaboração de Médicos e Enfermeiras, esperamos portanto, que os seus artigos a todos interessa e que deles possam tirar utilidade prática, ajudando-as no seu aperfeiçoamento moral e técnico.</i></p> <p><i>Chamamos «Servir» ao jornal que hoje sai pela</i></p>	<p>Trata-se de um periódico de características muito simples apresentando-se num formato de 16,5x21cm</p> <p>A capa constitui a primeira página onde consta o título escrito em duas linhas no cabeçalho da folha, destacando-se o primeiro título - <i>Servir</i>-acompanha-o uma figura feminina representando uma Enfermeira.</p> <p>Sob o título encontram-se alguns dos elementos que constitui a ficha técnica, como seja: a edição, proprietário e data.</p> <p>Não apresenta sumário, rubricas ou secções, contudo os títulos dos artigos mantêm-se por vários números como seja o caso de <i>Palavra às novas; Falando sobre um caso de...; Moral profissional e Técnica de Enfermagem</i>.</p> <p>O jornal apresenta matérias relacionadas com aspetos éticos e técnicos associados aos cuidados de enfermagem e outras de ordem de saúde pública como seja a prevenção das doenças infectocontagiosas entre as quais: o tétano, a tuberculose, febre tifóide, normas de vacinação e carências alimentares.</p> <p>Algumas das matérias eram de autoria de enfermeiras e de médicos que muitas vezes continuavam por vários números.</p> <p>Alguns dos artigos eram ilustrados por figuras</p>

<p><i>primeira vez porque nenhum outro nome nos pareceu mais apropriado.</i></p> <p><i>O que é a nossa profissão senão SERVIR? SERVIR aqueles que sofrem, servi-los em toda a acepção da palavra? E com que orgulho o devemos fazer! Devemos e queremos SERVIR bem, SERVIR com amor, SERVIR dando tudo o que aprendemos moral e tecnicamente. SERVIR sem fraquejar dando o melhor da nossa energia, da nossa vontade, da nossa inteligência, do nosso coração.</i></p> <p><i>SERVIR os outros e nunca a nós próprias, de nós só nos devemos esquecer!</i></p> <p><i>Queremos que «SERVIR» tenha um verdadeiro significado para todas, que seja como o facho que vá reacendendo o fogo que por ventura a cinza da indiferença tenha abafado no coração de algumas.</i></p> <p><i>Que todas nós decidamos a SERVIR, pois todas temos possibilidade de o fazer de uma maneira ou de outra. Não deixeis ser comida pelos pássaros nem perder-se entre as pedras a semente de conhecimentos que na Escola vos foram ministrados. Pelo contrário, fazei-a fortificar essa semente, ao cento por um.</i></p> <p><i>Que nenhuma, por indiferença ou egoísmo se encerre em si mesmo, esquecendo que há quem precise dela, sobretudo numa época em que não há o direito de fechar as janelas, enquanto lá fora há frio e quem sofra. Não esqueceis que pertenceis à Escola de São Vicente de Paulo, desse Santo cuja a vida admirável podemos resumir numa só palavra: SERVIU!</i></p> <p><i>Pedimos a todas que assinem «SERVIR» que recebam a ideia da sua publicação com o mesmo amor e entusiasmo com que nós a tornamos realidade.</i></p> <p><i>Que todas colaborem enviando-nos artigos, dando-nos conhecimento de qualquer caso interessante que lhes passe pelas mãos, ou alguma pergunta sobre o que se lhes ocorra necessário.</i></p> <p><i>O jornal é modesto e não tem pretensões senão aquela que pode ter tudo quanto neste mundo é feito com boa vontade para bem de todas e aperfeiçoamento duma profissão.»</i></p>	<p>ou esquemas.</p>
--	---------------------

Período de Transição - 1952 - 1980.

2 - 1958-1959 – *Enfermagem Portuguesa - Revista Técnica e Cultural*



Imagem nº 59 - Digitalização da capa de *Enfermagem Portuguesa - Revista Técnica e Cultural*

O periódico *Enfermagem Portuguesa Revista Técnica, Cultural* define-se como sendo de índole informativa para os profissionais do corpo sanitário de todas as especialidades, enquadra-se no tipo de revistas de edição de autores, sendo o seu editor e proprietário Alberto Mourão, enfermeiro dos Hospitais da Universidade de Coimbra.

Trata-se de um órgão de comunicação que tinha como destinatários (...) todos os profissionais de Enfermagem (enfermeiros, parteiras, enfermeiras-puericultoras, auxiliares de Enfermagem, técnicos de radiologia e de laboratório, visitantes sanitários, técnicos de odontologia e de fisioterapia, educadores sanitários e sociais, etc.).

Do exposto depreende-se que os profissionais de enfermagem não seriam apenas os enfermeiros, mas ainda outros profissionais especialistas no campo da saúde.

As razões da criação deste periódico são descritas no Editorial do primeiro número publicado em janeiro-fevereiro de 1958, sendo atribuídas ao desenvolvimento das ciências médicas e sociais, (...) *à definição de Saúde que perdeu o mero significado de ausência de doença, para se apresentar como o estado ideal de equilíbrio físico, psíquico e moral*

capaz de conservar o indivíduo feliz no meio da sociedade em que vive (...), o que de certo modo abriram novos horizontes à Medicina Preventiva, impondo à Enfermagem grandes responsabilidades no âmbito da execução de programas de educação social e sanitária.

Vive-se a era do controle das doenças infectocontagiosas, dos programas de educação sanitária e da consciencialização social e técnica das condições de salubridade, saneamento e de higiene colectiva e individual.

O autor refere que o alargamento destas funções a diversos campos de actuação do enfermeiro (escolas, empresas industriais, centros rurais e piscatórios, ginásios, etc.), (...) *obrigam o enfermeiro a uma educação mais técnica mais profunda e a uma formação profissional mais cuidada, ou mesmo que o forçam a especializar-se em cada um dos campos em que é solicitado (...).* Assim, este periódico propõe-se dar corpo a estas aspirações.

Missão	Descrição Física
O Editorialista do número I Volume I de janeiro/fevereiro de 1958 apresenta como finalidade primordial de <i>Enfermagem Portuguesa</i> (é promover o (...) <i>intenso intercâmbio de conhecimentos e uma aturada discussão de pontos de vista que permitam aos profissionais sujeitarem-se, voluntária e conscientemente, à modernização dos princípios da ética, a cumprirem com brio as tarefas de enfermagem imputadas à sua especialidade, relacionando-as harmonicamente com as exercidas em todos os outros campos e, sobretudo, a não deixarem apagar-se o conceito tradicional da nossa Enfermagem e as suas características espirituais, retintamente portuguesas. (...)</i>	A revista apresenta-se num formato de 24,5x19cm. A capa de cor bege é constituída pelos seguintes elementos identificadores: encimada pelo título <i>Enfermagem Portuguesa</i> escrito em semicírculo em letras azuis sob fundo amarelo, reflexo dos raios de luz da chama de uma lamparina que ocupa quase toda a largura da folha em cor cinzenta e amarela. Por baixo encontra-se o subtítulo - Revista Técnica e Cultural. Na parte inferior em caixa junto à lombada encontra-se a periodicidade (Publicação Bimestral) e por baixo o preço do Número Avulso (7\$50), Ao centro encontra-se destacado o número em cor amarelo, seguido do ano e volume, e por baixo o mês e o Ano. Apresenta o sumário com identificação dos títulos e dos autores. Não tem um critério uniforme no se reporta à identificação profissional dos autores, apenas contém a filiação profissional relativa aos médicos (Dr.), enquanto os enfermeiros são identificados apenas pelo nome. A sua identificação tornou-se possível com o recurso à lista de responsáveis pelo Conselho Técnico Redactorial, que identifica além do local de trabalho a categoria profissional. Apresenta- escrita a preto e branco com

	<p>algumas imagens e fotografias de eventos (cerimónias de encerramento de cursos, visitas de estudo, entre outras).</p> <p>Contém publicidade escrita e com imagens em diversas áreas.</p> <p>Está organizada em secções entre as quais destacamos: <i>Editorial</i>; <i>Artigos</i>; <i>Notas críticas</i>; <i>Retalhos</i>; <i>De tudo um pouco...</i>; <i>Notícias da OMS</i>; <i>Noticiário</i> e sínteses relativas a livros.</p> <p>As matérias abordadas são constituídas por temas relacionados com a prática clínica e outros essencialmente relacionados com as condições de trabalho dos enfermeiros, como sejam a escassez de trabalho, os salários, os horários de trabalho. No entanto, muitas vezes os artigos são traduções de artigos estrangeiros e outras de autoria dos médicos.</p>
--	---

Em síntese os achados revelam o perfil das publicações periódicas com base nas dimensões: período de publicação; responsabilidade editorial; resultado da caracterização de cada um dos periódicos (ficha técnica, editorial, descrição física); caracterização sociodemográfica dos autores e codificação temática dos títulos dos artigos, num total de 5329 artigos equivalendo a 1534 números identificados.

O friso cronológico estudado situa-se entre o período compreendido entre 1925 e 2009, datas que marcaram o início da publicação do primeiro periódico *Arquivo do Enfermeiro (Iª Série)* e o último *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental*.

A Divulgação do Conhecimento de Enfermagem com base nos periódicos estudados processou-se em sentido ascendente em torno de três grandes Períodos:

- **Iniciação ou Inicialístico**, marcado de início pelas primeiras tentativas ainda que muito tímidas de artigos de matérias relacionadas com as condições do exercício da enfermagem;
- **Transição ou Indiferenciação**, caracterizado pela produção de tradução de artigos estrangeiros e do desenvolvimento de artigos de autoria de enfermeiros portugueses e de **Consolidação**, centrando-se na edição de Periódicos Científicos e numa política de divulgação na quase totalidade dos restantes periódicos de maior quantidade e qualidade de artigos científicos.

Dos resultados obtidos destacam-se os seguintes:

- uma grande diversidade de periódicos, quer quanto à responsabilidade editorial, quer quanto à periodicidade e aos assuntos;
- grande amplitude de variação entre o número de exemplares publicados;
- elevada taxa de recenseamento dos números encontrados (87%);
- metade do total dos artigos publicados na totalidade dos periódicos são de enfermeiros nacionais (53,7%);

- maior representatividade do sexo feminino entre os autores (74%);
- maioria dos autores preferiu a publicação individual dos artigos (65,4%);
- maioria dos autores são provenientes da área Hospitalar (46,2%);
- maioria dos códigos **PT** e **PC** foram identificados nos títulos dos artigos.

Ao longo deste capítulo observamos que os periódicos e artigos publicados em cada um destes Períodos Cronológicos, refletem de certo modo as circunstâncias e as vicissitudes a que estiveram expostos os enfermeiros portugueses.

O percurso por vezes sinuoso e, nem sempre acompanhado por medidas legislativas adequadas, que a ocorrerem, fortaleceriam a vontade e os interesses dos enfermeiros, não deixou de ser impeditivo ao desenvolvimento e crescimento profissional.

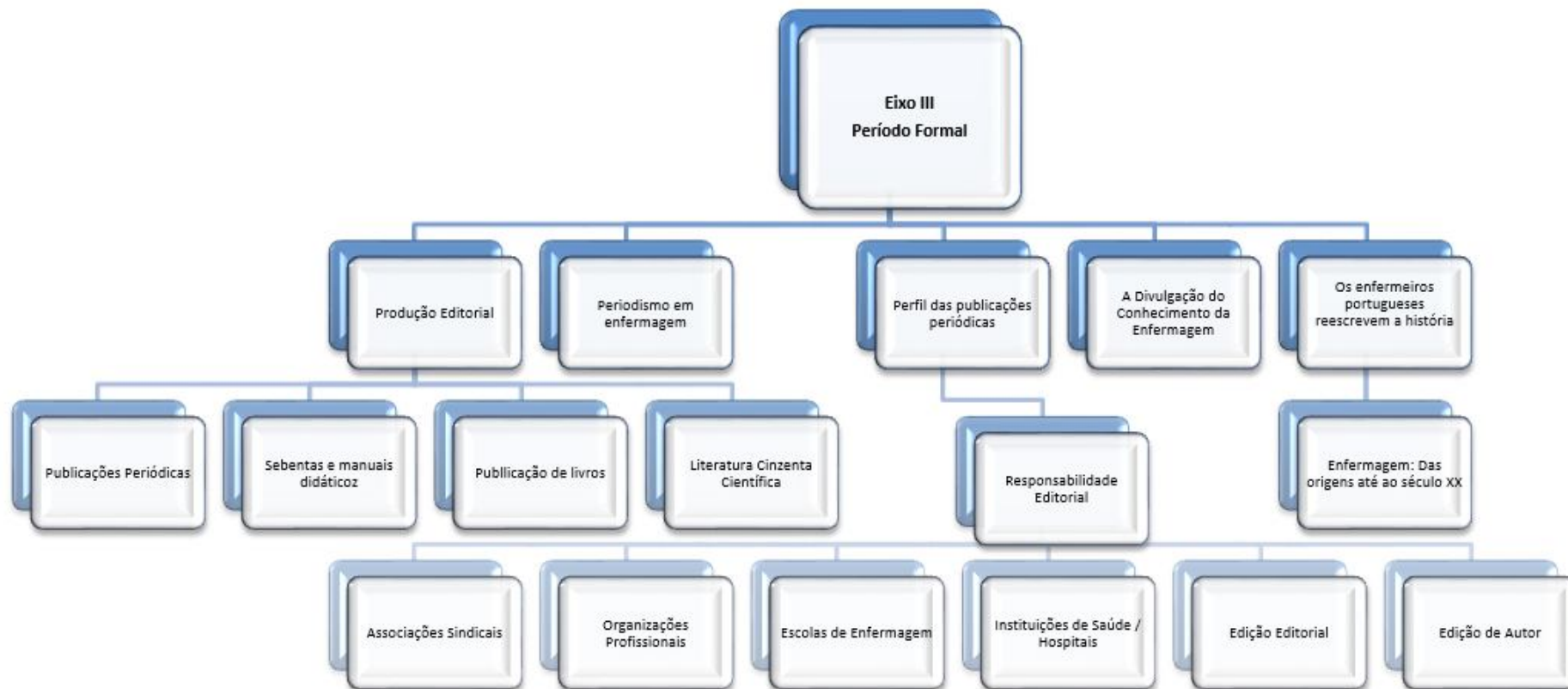
Muito embora, os periódicos de enfermagem façam referência às difíceis condições de trabalho, a que estão sujeitos os enfermeiros portugueses, estes conseguiram sustentar uma atitude valorativa em relação à necessidade de produção e divulgação do conhecimento. E, tanto assim é que podemos observar que os conteúdos dos artigos diversificaram-se, desenvolveu-se a qualidade, ampliou-se a quantidade de trabalhos produzidos, de artigos publicados oralmente ou por escrito, que sendo mais evidente a partir do final do século passado e início deste, constitui um panorama muito revelador do *querer* dos enfermeiros.

O ritmo acelerado de eventos científicos nacionais ou internacionais com a participação dos enfermeiros portugueses é a evidência do forte desenvolvimento profissional e disciplinar, que sendo mais claro a partir das décadas de 70/ 80 do século passado, não podem subestimar os esforços que anteriormente outros encetaram, mesmo que movidos por outras causas, nem sempre as mais compreensíveis.

Ainda assim, estamos longe de possuímos uma produção e divulgação científica aos níveis de outros países à escala europeia ou à escala global, contudo os índices alcançados neste interregno de tempo, constituem motivo de *orgulho* profissional, não deixando de ser também um forte desafio às nossas capacidades profissionais, técnicas, éticas, científicas, intelectuais e humanas.

No capítulo seguinte serão apresentados os resultados da técnica de análise dos artigos de Reflexão, Relatos da Prática, Experiências Profissionais e Artigos Científicos, tendo como linha condutora os **Períodos da Divulgação do Conhecimento: Iniciação** ou **Iniciático; Transição** ou **Indiferenciação** e de **Consolidação**.

Figura nº 8- Diagrama representativo da estrutura do Eixo III - Período Formal



CAPÍTULO 4 – A DIVULGAÇÃO DO CONHECIMENTO DA ENFERMAGEM: Da Enfermagem Empírica à Enfermagem à Científica

No presente capítulo damos a conhecer a perspetiva dos autores (enfermeiros portugueses) através das matérias publicadas nos artigos dos Periódicos que foram submetidos a análise de conteúdo. Apresentamos a fundamentação da divulgação do conhecimento numa perspetiva de os principais factos que estiveram na génese deste movimento e que desde a Enfermagem empírica à Enfermagem científica ajudam a compreender melhor o presente e delinear as linhas orientadoras no futuro.

Para efeitos de organização do capítulo, as temáticas foram enquadradas tendo por base os Períodos de **Iniciação**, de **Transição** e de **Consolidação**, tendo em vista a leitura mais sequencial das matérias e acontecimentos retratados pelos autores.

O movimento editorial da Enfermagem Portuguesa processou-se de forma exponencial e sustentada, o que se observa a vários níveis: quantidade e qualidade gráfica dos periódicos editados; aumento de publicação de autoria nacional; diversidade das temáticas; tipo de artigos; qualidade e rigor da linguagem utilizada bem como da qualidade das matérias tratadas.

A evolução da profissão de enfermagem em Portugal apresenta uma cronologia histórica que se desenrola ao longo de um período de tempo de cerca de 130 anos, que tem o seu início nos finais do século XIX, atravessa todo o século XX e início deste século.

As primeiras Escolas de Enfermagem a partir de Inglaterra, pela ação de Florence Nightingale, foram precursoras do movimento profissional que se estendeu a outras partes do globo, como é o caso dos Estados Unidos onde a primeira Escola foi criada em 1873, dando origem a que 4 anos após em Nova Iorque fosse criado o serviço domiciliário pelas primeiras enfermeiras diplomadas.

Este movimento de desenvolvimento rápido, que se espalhou por todo mundo, teve as suas repercussões também ao nível da organização do ensino de enfermagem em Portugal, à semelhança do que se passou em outros países da Europa, com as primeiras escolas sediadas nos Hospitais.

A geografia do país em relação à Enfermagem nos anos 50 do século XX apenas se circunscrevia às cidades de Lisboa, Porto, Coimbra e Braga.

Assim, a primeira rede de formação da enfermagem portuguesa era constituída pelos Hospitais; Civis de Lisboa; Stº António no Porto; Universidade de Coimbra e de S. Marcos em Braga. Estes Hospitais pioneiros na rede de escolas, asumiam a função de Hospitais Escolares, da iniciativa de ilustres médicos catedráticos da Faculdade de Medicina, conforme verificámos pelos livros e manuais que analisámos e que se tornaram numa referência importante no decurso da História do Ensino de Enfermagem Português.

Relativamente à evolução da profissão de enfermagem portuguesa, o país de então, apresentava duas realidades, uma constituída em torno destas quatro cidades onde se encontravam sediados os Hospitais Escolares, existindo alguns enfermeiros formados nesses estabelecimentos, e uma segunda realidade constituída por um conjunto de instituições hospitalares espalhadas por todo o país, da responsabilidade das Misericórdias ou de entidades privadas, cuja assistência era assegurada por pessoas «curiosas» as quais não possuíam qualquer formação. As congregações religiosas normalmente preparavam as suas enfermeiras para trabalhar nos hospitais e outras instituições de saúde e assistência.

Na opinião de Silva (2008, p. 143) que cita Fernando Correia Silva (1938, p. 334) «*em muitos hospitais encontra-se pessoal religioso em geral pertencente à Ordem Franciscana. Dois motivos levaram em geral a escolher o pessoal religioso: o carinho de que usa para com os doentes e a pouca despesa que dá aos hospitais*».

Segundo Marques e Costa (2005, p. 226), a responsabilidade da formação nos hospitais era assegurada desde os finais do século XIX por médicos que continuariam a fazê-lo por mais de quarenta anos, sendo os únicos professores de enfermagem que ensinavam e decidiam o que devia ser ensinado, situação a que já fizemos alusão em capítulos anteriores.

Embora, o horizonte temporal histórico seja longo, porém só no século XX é que a profissão se começou a organizar gradualmente e a definir as suas próprias directrizes. Criaram-se as primeiras escolas de enfermagem, segundo os princípios ainda hoje em vigor em todos os países do mundo, tendo em vista assegurar aos enfermeiros a formação técnica e os conhecimentos científicos necessários.

No entanto, quando se observam os progressos alcançados, fica-nos a ideia de que foram inúmeros os acontecimentos, os quais se sucederam de uma forma tão rápida e tão marcante, que o espaço temporal embora longo parece ser demasiado curto.

Até que a Enfermagem portuguesa pudesse encontrar um rumo que a colocasse na situação que hoje a encontramos foram necessárias introduzir algumas Reformas e mudanças entre as quais se destacam, apenas para citar algumas:

<u>No final do século XIX</u>	A Criação dos primeiros cursos de enfermagem nos Hospitais de Coimbra e Lisboa.
<u>Na primeira metade do século XX</u>	A formação das Escolas de Enfermagem e as condições para o recrutamento dos candidatos ao curso; os movimentos de sindicalização dos enfermeiros veiculados pelos periódicos de enfermagem das associações de classe; a criação de Associações Sindicais e Organizações Profissionais; o estabelecimento da carreira de enfermagem; os congressos de enfermagem;
<u>Na segunda metade do século XX</u>	A ação da Escola de Ensino e Administração de Enfermagem; as diversas Reformas do Ensino de Enfermagem e Planos de Estudos dos cursos de formação inicial e de especialização em enfermagem; o controlo e o regulamento profissional (REPE e Ordem dos Enfermeiros); as conquistas da integração do ensino de enfermagem no Sistema Educativo Nacional ao nível do Ensino Superior; a formação académica universitária dos enfermeiros ao nível de Mestrados em Enfermagem; a produção e publicação de trabalhos e artigos científicos em revistas nacionais;
<u>No início do século XXI</u>	A atual situação é reconhecida pela afirmação disciplinar e autonomia profissional evidenciando-se em todos os setores profissionais ao nível da formação, da investigação, da prática e gestão dos cuidados de enfermagem e da administração e gestão das unidades de saúde, dos quais se destaca: a presença constante dos enfermeiros portugueses em eventos científicos nacionais e internacionais; a publicação de periódicos e de artigos científicos de sua autoria, possibilitando maior partilha do conhecimento entre a comunidade científica e profissional; ao nível da formação académica a aquisição do grau de Doutoramento em Universidades nacionais e internacionais em diversas áreas do conhecimento, mas sobretudo ao nível do

	Doutoramento e dos Mestrados em Enfermagem nas Universidades de Porto e Lisboa e dos Mestrados em diferentes áreas da especialização do conhecimento nas Escolas públicas e privadas de Enfermagem; as mudanças paradigmáticas ao nível dos cuidados de enfermagem e documentação dos resultados sensíveis das intervenções autónomas; o controlo e gestão dos cuidados de enfermagem e a responsabilidade de administração e gestão de serviços e unidades de saúde.
--	---

Do exposto, sobressai a indicação de que a trajetória da Enfermagem foi marcada pelas reformas e mudanças significativas profissionais às vezes mais evidentes ao nível da formação académica, no plano normativo, ao nível das conquistas sociais e das condições de trabalho, mais do que nas questões da prática do dia a dia das unidades e serviços de saúde, que muitas vezes são sinais pouco perceptíveis para o cidadão comum.

Por todos estes e outros acontecimentos parece não oferecer dúvida da existência de muitas e diversificadas matérias que oferecem material interessante de ser publicado ou divulgado. Ao longo de toda a **Cronologia da Divulgação do Conhecimento** não faltaram motivos de interesse capazes de captar a atenção dos enfermeiros/leitores, conforme o demonstram os artigos que analisámos.

Relativamente à definição do termo divulgação apoiámo-nos no Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa (2001, p. 1292) que indica ser um *processo de tornar alguma circunstância, acontecimento, facto conhecido ou mais divulgado por parte do público ou das pessoas em geral, aumento ou alargamento do número de pessoas que conhecem ou sabem da existência de algo, acto ou efeito de divulgar*.

Deste modo, quando nos referimos à Divulgação do Conhecimento referimo-nos ao sentido de divulgar, tornar ou tornar-se em comum, uma vez que existe a possibilidade de ser apreciado por grande número de pessoas, sejam enfermeiros ou não.

Porém, mesmo com uma política atual de circulação transfronteiriça, subsistem problemas de linguagem que se colocam aos leitores, relativamente à divulgação do conhecimento científico, assentando no fundamento de que a divulgação em ciência implica maior empenho na recodificação da linguagem científica.

Conforme temos vindo a desenvolver, os problemas mais comuns são entre outros:

- estar mal informado sobre os temas científicos;

- não entender alguns dos conceitos ou recomendações científicas;
- interpretar incorretamente a informação científica;
- confundir os temas com a natureza dos debates científicos ou ainda ver-se exposto a uma literatura inteligível para um leitor que não domine a linguagem científica utilizada pelo autor.

No entanto existe um outro conjunto de problemas que os investigadores preferem centrar as suas discussões não na questão da linguagem, mas sim na análise dos fins da tarefa divulgadora, isto é na conceptualização entre divulgação científica e de jornalismo científico.

A questão não é apenas semântica, mas de conteúdo, partindo do princípio de que o jornalismo científico é um género jornalístico, que age em conformidade com procedimentos de rotina idênticos ao jornalismo comum. Enquanto a divulgação científica se centra no propósito de levar ao grande público, além de notícias e as interpretações do progresso da pesquisa, as observações que procuram familiarizar esse público com a natureza do trabalho da ciência e das experiências dos cientistas. Assim conceptualizada, a divulgação científica ganhou uma grande expansão em muitos países, não só na imprensa mas sob forma de livros e, mais refinadamente, em outros meios de comunicação de massa Gonçalves (1998, p. 78)³⁶.

O autor considera que a amplitude atribuída à divulgação científica dos estudos pode ser um obstáculo ao ponto de vários investigadores procurarem circunscrever melhor os conceitos entre esta e o de disseminação científica, reservando para esta a função de transferência de informações científicas e tecnológicas, transcritas em códigos especializados, a um público selecionado, formado por especialistas.

A divulgação científica torna-se numa recriação do conhecimento científico com a finalidade de o tornar mais acessível a um público particular. O autor procura cativar o leitor, ensinando-o a conviver com o conhecimento científico, isto é, procura uma vivência mais prática, o que não significa que seja movido apenas por questões relacionadas com a sobrevivência, antes orienta, indica e ensina como saber viver e conviver de acordo com esse padrão e circunstância. Com isso, o aspeto positivo da divulgação da ciência concorre para a construção de valores, mostrando que certas atitudes e comportamentos ajudam a uma maior responsabilização e consciencialização dos seus atos

Do leitor espera-se que a transferência do conhecimento científico produzido pela investigação para a prática, constitua o sustentáculo de uma prática disciplinar, autónoma com reflexos na melhoria da qualidade dos cuidados.

³⁶ www.bocc.ubi.pt Elementos para a prática do jornalismo científico.

Quanto à divulgação do conhecimento nos periódicos de enfermagem verificámos que ao longo do tempo se registaram grandes e significativas mudanças, que de certo modo acompanharam as reformas estruturais que se foram processando. No entanto, e independentemente da missão para que foram criados, verifica-se que a função informativa e comunicativa, por vezes se confunde com a função reivindicativa utilizadas como medidas de pressão junto das instâncias políticas, sendo mais evidente nos periódicos publicados anteriores à Revolução do 25 de abril de 1974, talvez como resultado do *deficit* democrático das liberdades individuais e profissionais, particularmente ao nível da imprensa.

O interesse dos enfermeiros pela leitura e aquisição dos periódicos profissionais, poderá inscrever-se em duas ordens de razão, uma de natureza associativa, e outra de natureza formativa, que se influenciam mutuamente. Todos os periódicos, independentemente da responsabilidade editorial publicam matérias que integram estas componentes, mesmo aqueles que são da responsabilidade de empresas editoriais ou de edição de autores.

Assim, o leitor é movido por um duplo sentido, um de carácter mais genérico, a procura de informação inespecífica, e um outro mais particular, com a convicção de que deste possa resultar em novas aprendizagens, e que estas lhes possibilitem a transferência para os seus contextos profissionais.

Daí que a questão do rigor do conhecimento divulgado, não pode ser arbitrária, uma vez que assistindo-se na atualidade a um elevado número de artigos publicados em revistas especializadas sobre as mais diversas temáticas, cria no leitor muitas vezes o sentimento de desconfiança sobre o que lê e sobre a sua utilidade prática.

A este propósito os autores: Crato; Vidal; Bernardino; Júnior; Zarzar; Paiva; Bordeus; 2004, p. 5) chamam a atenção para que somente 10 a 15% do material publicado, actualmente, estão comprovados como tendo valor científico.

Qualquer autor não pode perder de vista este desígnio quando publica os seus artigos, cabendo-lhe a responsabilidade profissional, ética, moral e cívica de publicação de conhecimentos atualizados, inovadores e originais. Neste sentido, é um compromisso que o autor assume para com os seus leitores, que de forma alguma não deverá quebrar, sob pena de que ver desacreditado o seu próprio saber. Porém, cada uma das publicações tem um papel arbitral neste processo de seleção e de publicação dos artigos, podendo dizer-se que a responsabilidade é compartilhada pelo autor e pela direção do periódico.

Porém, quando nos reportamos a alguns dos periódicos incluídos no período de **Iniciação** e de **Transição** nem sempre foi possível observar o modo como seriam seleccionados os artigos para publicação.

No entanto, constatámos que era muito comum a chamada de atenção dos assinantes e dos leitores para as necessidades que as revistas atravessavam, não apenas de ordem financeira, mas também de escassez de material para publicação.

Da nossa experiência, cremos que a seleção seria feita com base em critérios editoriais pontuais, o que representava que os artigos seriam naturalmente aceites para publicação, pois que, a recusa dos mesmos, poderia ser um entrave à própria continuidade da revista. É evidente que dada a escassa publicação nacional, haveria sempre o recurso à tradução de artigos estrangeiros. Por conseguinte, este tipo de divulgação nem sempre correspondeu a uma política editorial, mas, antes a uma necessidade que visava suprir a escassez de publicação nacional.

Esta situação, associada às dificuldades financeiras determinaria algumas vezes a interrupção temporária na regular publicação, a qual seria retomada mais tarde.

Pelo exposto, verificamos que nem sempre os periódicos impunham exigências ou normas de publicação, o que a verificar-se seriam criadas dificuldades adicionais a quem pretendia publicar, ou às próprias redações, no entanto, possibilitaria ao leitor uma informação mais homogênea e criteriosa.

A ausência de uma política de seleção e seriação resultou que alguns dos periódicos no mesmo exemplar apresentassem diversas formas de publicação.

No entanto, hoje em dia constata-se que cada periódico possui um conjunto de princípios, regras ou normas de publicação de artigos e de trabalhos, constituindo-se estes num referencial de critérios orientadores para quem pretenda publicar, e, ao mesmo tempo para quem procede à seleção dos artigos, reservando-se ao direito de publicar ou não.

Estes além de constituírem uma orientação aos autores, representam também por outro lado o primeiro momento de aceitação para a sua publicação. Tem como princípio orientador o controlo da qualidade dos artigos científicos publicados, passando por um processo de *peer-review* a quem compete assegurar a qualidade do trabalho científico.

Normalmente, a seleção dos *referees*/peritos que irão proceder à revisão dos artigos e decidir se são ou não aceites para publicação, é da competência do Conselho Editorial da Revista.

Botelho no Editorial da Revista *Pensar Enfermagem* Vol. II nº 2 do 2º semestre de 2007 cita Goldbeck-Wood (1998) e Meadws (1998) para enumerar os objetivos do processo de *peer-review* que visam:

- 1- *manter a credibilidade dos autores identificando erros que eles podem ter subestimado;*
- 2 - *proteger os leitores de informação incorreta ou irrelevante;*
- 3 - *proteger os leitores de uma prática baseada em resultados de investigação apresentados de forma incorreta ou pouco clara;*
- 4 - *ajudar o Conselho Editorial a determinar quais os artigos que merecem publicação.*

O leitor comum ou assinante de uma publicação periódica profissional reclama da parte da entidade editorial as devidas garantias de que a qualidade técnica e científica das matérias seja relevante, atualizada e rigorosa, que o design gráfico seja atraente, que a periodicidade seja regular e que o benefício/custo seja compatível. Da observância destes princípios pode depender a fidelização do leitor e concomitantemente a manutenção da continuidade da revista.

No caso dos leitores/enfermeiros a confiança acerca do rigor e atualidade dos conteúdos editoriais são condições primordiais e constituem fundamentos para que os conhecimentos possam ser levados à prática, qualquer que seja a dimensão em que esta se verifique, seja ao nível da clínica, da formação, da gestão ou da própria investigação.

A prática segura dos cuidados de enfermagem depende de inúmeros factores, entre os quais incluímos os resultados da produção e da divulgação, afim de que não se coloque em risco a saúde e a vida das pessoas que são cuidadas. Deste modo é imprescindível a existência da garantia e segurança de que o conhecimento produzido e divulgado possui os requisitos indispensáveis ao cabal cumprimento das regras de publicação.

Já o afirmámos por diversas vezes que a forma como a divulgação se tem expandido se deve em parte ao acesso facilitado do aumento de publicações de livros e periódicos, e mais recentemente das bases de dados bibliográficos de acesso electrónico *online*, que revolucionaram a imprensa e os meios de comunicação, possibilitando um circuito do número cada vez maior de informações.

É evidente que o espaço de circulação se foi alargando, o que inicialmente começou por ser um espaço muito limitado, muitas vezes de expressão regional e quando de âmbito nacional se restringia a tiragens muito limitadas, e particularmente destinadas aos associados, passou a ser uma política mundial de livre circulação, de um espaço sem fronteiras - espaço *Schengen* – onde a circulação de pessoas, mercadorias e de redes de comunicação desempenham um papel primordial, particularmente nos países da União Europeia, tornando-o num fenómeno transcontinental de escala mundial.

Os enfermeiros cada vez têm de estar mais atentos à qualidade científica de todo o conhecimento publicado, porque se existe boa literatura também existe má literatura, o discernimento e o juízo crítico de cada um é cada vez mais a peça chave nesta seleção no meio da intensa perfusão de publicação que se processa continuamente a um ritmo cada vez mais acelerado. A seleção tem de assentar em pressupostos que cumpram as regras científicas, onde o nível de evidência científica constitui um factor importante que apoia a decisão clínica. Estudos com níveis de evidência robustos asseguram a credibilidade, o rigor e a confirmação dos resultados.

No caso da enfermagem a necessidade de que o conhecimento seja um aplicativo utilitário é expresso por muitos leitores, independentemente do estatuto que tenham, quer se trate de estudantes, de professores, de gestores, de investigadores ou de enfermeiros que prestam cuidados em contextos da prática. Por conseguinte, e de um modo geral a questão que muitas vezes colocam é para que me serve este conhecimento? Qual a utilidade para o meu trabalho no dia a dia?.

Nesta medida existem periódicos que de certa forma poderão responder mais às necessidades de uns que às necessidades de outros, dependendo das matérias que se pretendam pesquisar.

Os atuais 22 periódicos em circulação foram classificados, quanto à especialização do conhecimento em generalistas, especializados e científicos.

Esta construção operacional resultou da análise de dois pontos de vista um de carácter mais formal - o dos conteúdos editoriais - e outro de natureza mais estrutural.

Deste modo teve-se em conta as características dos periódicos; os objetivos; os tipos e conteúdos dos artigos; as rubricas (secções) e os espaços (distribuição) atribuídos a matérias diversas entre as quais se destacam: notícias, eventos, cartas, entrevistas e publicidade.

Embora, cada um dos periódicos possua uma singularidade própria que os distingue entre os demais, o enquadramento nestas categorias atendeu à semelhança de características em resultado da aplicação dos princípios enunciados, independentemente da responsabilidade editorial de cada um.

A presente classificação segue a matriz da complexidade do conhecimento, num *continuum* do mais geral para o particular, do conhecimento mais básico para o desenvolvimento de um conhecimento mais complexo.

Assim, os periódicos de carácter profissional mais generalista, são aqueles que se caracterizam pela divulgação de matérias de sentido mais genérico, privilegiando a informação geral e as notícias. Apresentam pontualmente artigos de autores de enfermeiros portugueses. Nesta sequência foram enquadrados neste grupo os periódicos *Ordem dos Enfermeiros*, *Ecos de Enfermagem*, *Enfermagem em Foco*, *Jornal SOS Enfermagem* e *Enfermagem e o Cidadão*.

No segundo grupo enquadram-se os periódicos que evidenciam de forma sistemática e regular a publicação de um ramo especializado do conhecimento em enfermagem. Inserem-se neste grupo os periódicos editados pelas associações profissionais de enfermeiros especializados (*AESOP*; *Nephros*; *Revista de Enfermeiros Obstetras*; *APECSP*; *Onco.News* e *Revista Portuguesa de Saúde Mental*), pelo IPO Porto

(*Enfermagem Oncológica*) e pela empresa editora Pedro Serra Pinto Informação em Saúde - Edições a revista *Nursing* (edição portuguesa).

Os restantes periódicos foram enquadrados no grupo daqueles que se dedicam com maior regularidade à divulgação de artigos científicos. Estão neste grupo os periódicos: *Servir; Enfermagem; Sinais Vitais; Pensar Enfermagem; Revista Portuguesa de Enfermagem; Enfermagem & Sociedade; Percursos; Revista de Investigação em Enfermagem e Referência*.

Todavia esta classificação contém algumas dúvidas e incertezas, tendo em conta as próprias especificidades de cada um dos periódicos.

A explicação sobre a forma como se processa o conhecimento dos enfermeiros portugueses a partir da divulgação dos artigos profissionais nos periódicos está por investigar.

Contudo, as formas de aquisição do conhecimento humano reportam-se a diversas teorias, nas quais estão envolvidas um conjunto de teias e de relações que se processam entre a própria pessoa e o seu contexto profissional.

A proposta de Nonaka e Takeuchi (1995) acerca da passagem de uma forma de pensamento tácito para um pensamento explícito foi a abordagem adoptada, por permitir uma das explicações sobre as várias teses sobre o modo como se processa o conhecimento nos contextos organizacionais a partir do conhecimento individual.

Os autores Nonaka e Takeuchi (1995) ao criarem uma estrutura básica sobre a criação do conhecimento organizacional, tinham como objetivo a promoção de um clima de aprendizagem entre os indivíduos e a organização através das interações que fortalecem as bases do conhecimento.

A representação consiste no processo de transferência do conhecimento que se processa ao nível das relações que as pessoas estabelecem entre si, entre os grupos e os contextos de trabalho de uma forma dinâmica e de reciprocidade.

O diagrama representa de forma dinâmica as três dimensões básicas - a epistemológica, a ontológica e a interorganizacional.

A dimensão epistemológica é a que integra a dicotomia entre conhecimento tácito e explícito e a conversão do conhecimento.

A dimensão ontológica apresenta os diferentes níveis de criação de conhecimento do indivíduo, do grupo e da organização e a dimensão interorganizacional é a que se processa entre as várias organizações e estruturas e a dimensão temporal.

Muito embora, o diagrama represente esquematicamente quatro quadrantes correspondentes aos tipos de conversão e aos processos de conhecimento, eles não são dissociáveis, mas antes encontram-se intimamente ligados.

No primeiro quadrante está representado o primeiro nível de conversão do conhecimento. Neste nível observa-se a passagem entre o conhecimento tácito para tácito sob a forma de **socialização**. Trata-se de uma forma de conhecimento contextualizado, específico.

O conhecimento tácito (individual) é intrínseco a cada pessoa, através das experiências pessoais, dos seus valores, bem como as informações que recebe do seu contexto de trabalho. Todos estes aspetos são interiorizados e interpretados pela ação das suas capacidades cognitivas.

No segundo quadrante a conversão do conhecimento tácito em conhecimento explícito corresponde ao segundo nível de conversão de conhecimento que resulta na **externalização**.

Quando este processo ocorre estamos perante a assimilação da linguagem que foi decodificada, permitindo também uma nova codificação para que possa ser transmissível.

O terceiro quadrante revela o terceiro nível de conversão do conhecimento, entre a passagem do conhecimento explícito em conhecimento tácito através das interações ou **interiorização**, ficando disponível para ser reutilizável em contextos específicos para a tomada de decisão.

No quarto quadrante está representado o processo de conversão do nível de conhecimento explícito em explícito através da **combinação**, exigindo uma ação conjunta de análise e de partilha.

Em todo o processo de conversão do conhecimento de tácito em explícito e vice-versa, a aprendizagem, a leitura, o diálogo, a reflexão, a experiência são dimensões fundamentais quando devidamente contextualizadas, no sentido de uma maior operacionalidade e eficácia.

De toda esta dinâmica pretende-se que possam resultar em ganhos de saúde para a pessoa que é cuidada e também uma maior satisfação profissional para o próprio enfermeiro.

Figura nº 9 - Diagrama - Modelo Base do Ciclo de Conversão de Conhecimento de Nonaka e Takeuchi (1995)



Ao nível da prática dos cuidados de enfermagem o enfermeiro confronta-se entre o primeiro nível de conhecimento e aquele que as normas, as rotinas, as culturas organizacionais lhe exigem. A opção é normalmente feita pela conformidade com a realidade observada, o que quer dizer que nem sempre se caracteriza por ser uma prática baseada em princípios técnicos e científicos, singulares da disciplina de enfermagem. Muitas vezes são procedimentos rotineiros, pouco ortodoxos, quase nada condizente com os modelos e teorias específicas do Conhecimento da Enfermagem.

A este propósito concordamos com a opinião de Meleis (1997) quando sublinha que o domínio do conhecimento de uma disciplina constitui-se como o eixo da própria disciplina.

No quotidiano da enfermagem clínica, o conhecimento individual é caracterizado por ser mais directo, mais elementar, e enraizado no interior do cérebro humano, resultando da experiência e da forma como se realizam as tarefas diárias, situa-se ao nível do domínio sensorial e básico da linguagem. Muitas vezes, é difícil de articulação, embora possuindo um carácter técnico e cognitivo e envolvendo modelos mentais, revela-se apenas em situações muito concretas, tratando-se de um conhecimento automatizado.

Normalmente a aprendizagem faz-se através da imitação e do contágio, aprende-se experienciando.

Para que o conhecimento de enfermagem se processe de forma coerente nos contextos organizacionais é fundamental a recombinação das duas formas de conhecimento - o tácito (individual) e o explícito (coletivo) - no sentido de melhorar a *performance* do cuidado prestado à pessoa, à família ou à comunidade, enquanto os alvos do agir do enfermeiro, seja no Hospital ou em Centros de Saúde.

O diagrama representa de certa forma um ciclo sistémico de entradas e de saídas onde a envolvente externa assume particular relevância, tanto ao nível da conversão do conhecimento tácito ou individual, como do conhecimento explícito ou organizacional (coletivo).

A orientação de que as Organizações de Saúde e os seus profissionais, particularmente os enfermeiros, se comportam como sistemas abertos, tem cada vez mais significado, pelo que lhe dispensamos alguma atenção particularmente na transposição do conhecimento para os contextos da prática.

Para isso recorremos aos fundamentos teóricos de Paul Watzlawick, Beavin & Jackson (1967); Von Bertalanffy, (1977); Edgar Morin (1977; 1982; 1992 e 2004); Nonaka e Takeuchi (1995); Capra (1996) e de Maturana e Varela (1980 e 2005).

Bertalanffy (1977), definiu o sistema como um complexo de elementos em interacção dinâmica, um todo organizado formado por elementos interdependentes, que interagem com objectivos comuns, rodeado por um meio que lhe é externo. Cada um dos elementos comporta-se, por sua vez, como um sistema em que o resultado é maior do que o resultado que as unidades poderiam ter se funcionassem de forma independente.

Os sistemas abertos e fechados caracterizam-se pela interacção dinâmica entre os seus componentes, pelas interações com o exterior, mantendo-se afastados do equilíbrio, (...) *nesse estado estacionário caracterizado por fluxo e mudança contínuas* (...) Capra (1996, p. 31), enquanto os sistemas fechados se caracterizam pela entropia, o caos, a desorganização, a simplicidade, a homogeneidade, o determinismo e a causalidade linear.

Da interacção constante com o meio externo os sistemas sofrem a influência do mesmo e são capazes de o influenciar nos vários níveis de relação, de contexto e de tempo, utilizando para o efeito processos de entropia negativa para prosseguir com as suas finalidades.

Os sistemas abertos recorrem a mecanismos negentrópicos visando o equilíbrio mais homeostático dinâmico, caracterizado pela instabilidade das relações com o meio. A adaptação do sistema é conseguida através dos circuitos da informação e da comunicação que circula, entre os processos de interacção contínua.

Segundo Maturana e Varela (1997, 2005), a interação é uma das principais características que distinguem o sistema como um todo, com recursos próprios e específicos, de um simples aglomerado de elementos, sendo determinada pela configuração de relações qualificando a sua organização.

Bertalanffy (1977, p. 83) sustenta que os sistemas estruturam-se de modo a que cada um dos seus elementos funciona como um sistema de nível inferior numa hierarquia sistémica (organização hierarquizada) que permite a superposição de níveis no sistema.

O expansionismo e o globalismo, enquanto princípios inerentes aos sistemas referem-se à dependência das partes em relação ao todo e ao facto das características do todo estarem presentes em cada uma das partes, onde o factor de coesão é conseguido através das relações que se estabelecem entre os mesmos.

O autor sublinha que *as características constitutivas não são explicáveis a partir das características das partes isoladas*. Bertalanffy (1977, p. 83). A interdependência está presente na expressão de que *as partes estão no todo e o todo está nas partes* Vasconcellos (2002, p. 43). Daqui decorre que qualquer variação que se verifique no todo redunda em variações nas partes e reciprocamente as variações das partes afectam o funcionamento do todo.

O contributo da Teoria Geral Sistémica ao conferir uma nova dimensão ao *Todo*, não como soma das partes, mas com o sentido de unidade e de indivisibilidade, em que nenhum dos dois termos pode ser redutível ao outro, encerram os fundamentos das interações que o enfermeiro estabelece com os demais enfermeiros, com os diferentes profissionais, com as estruturas das organizações de saúde e outras relacionadas com o meio ambiente.

O enfermeiro e as Organizações de Saúde constituem sistemas abertos dotados de autonomia, de poder e de formas de funcionamento complexo, que por seu lado interagem com outros sistemas e estes com outros de diferente estrutura, dimensão e complexidade, desencadeando redes de teias e relacionamentos que se alimentam mutuamente.

A natureza e a prática dos cuidados de enfermagem são influenciadas pelos diversos sistemas políticos, económicos e culturais do país, que reflectem o conjunto de princípios que regulam o macrossistema.

Os enfermeiros desempenham papéis bastante específicos, tal como são específicos os contextos organizacionais em que prestam cuidados evidenciando-se uma heterogeneidade muito grande a nível da formação e das práticas dos enfermeiros, em todo o mundo Schober e Affara (2001).

A visão epistemológica sistémica sustentada na teoria da *autopoiese* e na biologia da cognição permitiram a sua integração num novo paradigma, alicerçando-se nas teorias da complexidade, da cibernética, da comunicação e da cognição humana.

A *autopoiese* foi um conceito desenvolvido na década de 70 do século passado para nomear a complementaridade fundamental entre estrutura e função, referindo-se à possibilidade de cada sistema vivo criar as suas próprias regras e modificar a sua organização Maturana e Varela (1997; 2005).

Os autores sustentam que a organização do sistema é gerada a partir da interação dos próprios elementos, produzidos a partir dessa rede de interacção circular e recursiva, centrando-se nas relações entre todos.

Para Morin (1977) esta é a característica que define a *autopoiese*, enquanto finalidade primordial dos sistemas vivos.

As características dos sistemas assemelham-se aos organismos vivos, conhecidas por *autopoiese*, ou a autoprodução, constituindo os mecanismos que permitem a produção e a reprodução dos mesmos.

Contudo, à medida que os organismos evoluem e se tornam mais complexos, surgem outras formas de *autopoiese*, aplicando-se os mesmos princípios mas em níveis mais elevados de complexidade.

Esta perspectiva defende o princípio de que a comunicação é geradora de compreensão, em que o significado produzido pela linguagem é assimilado por diversas formas, as emoções e comportamentos, constituem as bases para a formação de laços entre as pessoas, os papéis e valores, elementos da estrutura: significação, domínio e legitimação.

O sistema possui organização e estrutura própria, autonomia, fechamento operacional, auto referenciação e capacidade para se ligar estruturalmente à envolvente circundante Magalhães (2005, p. 48), o que envolve o conceito de retroalimentação como sinónimo de feedback, significando que uma parte do efeito (*output*) do funcionamento do sistema volta a entrar no mesmo, como informação (*input*), influenciando o comportamento seguinte. Deste modo a informação circula de forma dialética nos dois sentidos: entradas e saídas do sistema para voltar a entrar e a retroalimentar o mesmo (circularidade recursiva ou retroativa). Assim, qualquer sistema autorregula-se a si mesmo, no sentido de procurar a sua estabilidade ou homeostasia dinâmica.

Os estudos de Watzlawick, Beavin e Jackson (1967), sustentam as premissas cibernéticas de que as mudanças no sistema podem suceder em dois níveis diferentes:

um primeiro nível designado como mudança de 1ª ordem em que ocorre mudança nos elementos do sistema, mantendo-se inalterável estruturalmente; um segundo nível, ou

mudança de 2ª ordem, que implica transformações ao nível da estrutura, nomeadamente nas regras do sistema.

Maturana e Varela (2005), reforçam essa ideia referindo que a estrutura pode ser alterada sem se alterar a organização, e esta alteração permite a continuidade na organização e a manutenção da identidade

Os autores introduzem o conceito de determinismo cultural, o que no âmbito da biologia da cognição, permite o entendimento de como a mudança é determinada pela estrutura. Deste modo, as alterações no sistema, produzidas pelas interações com o ambiente, decorrem segundo a sua dinâmica interna, ou seja, de acordo com a sua estrutura.

O sistema *autopoietico* caracteriza-se pelo seu fechamento estrutural relacionando-se com o ambiente de acordo com a sua estrutura, que integra as influências externas mas não está dependente delas, rege-se pelo princípio de acoplamento estrutural, que permite o processo mútuo de mudança entre o sistema e o ambiente, advém a importância de compreender a mudança em contexto ou em relação e não como produto ou efeito do mesmo Bateson (1987).

A abordagem sistémica permite explicar as relações entre as próprias Organizações de Saúde e os seus profissionais, particularmente os enfermeiros, comportando-se como sistemas abertos, dotados de autonomia, poder e de formas de pensamento complexo. Os enfermeiros nos seus contextos organizacionais desenvolvem por seu lado interações com outros sistemas (pessoas, estruturas) que por sua vez interagem reciprocamente com outros de diferente estrutura, dimensão e complexidade, desencadeando redes ou teias de relacionamentos que se alimentam mutuamente. Deste modo, qualquer que seja a mudança que ocorra em cada um dos subsistemas todos os outros são afetados.

Morin (2008) utiliza uma metáfora para descrever o pensamento complexo, igualando-o a uma viagem que busca um modo de pensamento capaz de respeitar a multidimensionalidade, a riqueza e o mistério do real.

Contudo, a mudança do nível de conhecimento tácito para as formas seguintes mais elaboradas depende de como o enfermeiro for capaz de exteriorizar o conhecimento através de vários aspetos como sejam:

- do diálogo ou da reflexão colectiva;
- da combinação do *networking* do conhecimento existente na organização de saúde;
- da interiorização da acção ou pelo aprender fazendo;
- pela socialização na construção de um campo de interacção.

Todos estes elementos quando postos em prática permitem a partilha das experiências e dos modelos mentais com os diversos membros da equipa de saúde, muito particularmente com os outros enfermeiros em contexto organizacional.

Os autores sugerem que este processo envolve um conjunto de condições nas quais as relações interpessoais e o contexto adoptam significados importantes, como aqueles em que o conhecimento é partilhado, recriado e ampliado.

O conhecimento explícito ou colectivo caracterizando-se por ser transversal a toda a organização, incorpora o diálogo, a partilha e a reflexão que ao interagir com as experiências, convertem o conhecimento tácito em explícito, e este por sua vez converte-se em tácito, donde resulta numa forma de agir mais criativa e contextualizada. Trata-se de um processo dinâmico no qual os enfermeiros interagem, não apenas para criarem o seu próprio conhecimento, mas sobretudo para assegurarem no seio institucional a sua manutenção, crescimento e o seu desenvolvimento enquanto pessoas e profissionais.

Contudo, para que o conhecimento profissional do enfermeiro se processe de forma harmoniosa é fundamental a recombinação das duas formas de conhecimento - o tácito (individual) e o explícito (colectivo).

Para isso, o conhecimento produzido pela investigação representa uma das melhores ferramentas indispensáveis ao desenvolvimento profissional e disciplinar, pois que constituindo-se como factor relevante visa duas ordens de razões as relacionadas com os clientes e as que decorrem do exercício profissional.

Os resultados produzidos pela investigação quando integrados no contexto profissional, convertem-se num novo conhecimento, numa maior qualidade e excelência do cuidado, com ganhos de saúde para os clientes e ao mesmo tempo conferindo à profissão uma maior autonomia e um maior reconhecimento profissional e social.

Porém, o objetivo primordial tem de ser sempre dirigido para a melhoria da *performance* do cuidado prestado à pessoa, no sentido de que ela sinta que integra cabalmente a centralidade da ação e o alvo do agir do enfermeiro em contexto organizacional.

No entanto, a transposição do conhecimento científico para a prática tem sido um dos principais obstáculos profissionais e disciplinares na cadeia de produção, divulgação e consumo do conhecimento, conforme o enfoque que temos dado ao longo da Tese e que pode ser explicado através da transcrição do diagrama que reproduzimos sobre a **A Espiral do Conhecimento** (adaptado do ICN por Clark, 2003) citado por Jesus (2005) e Silva e Machado (2009).

A representação esquemática tem por base os Sistemas de Informação e Documentação de Enfermagem para explicar a dinâmica circular da produção do conhecimento em Enfermagem e na sua transferência para a Prática.

Jesus (2005) sublinha a importância dos sistemas de registos, sobretudo eletrónicos que permitam aos enfermeiros a utilização da informação recolhida na prática, sem que para isso tenham de dispendir mais tempo.

A importância que os sistemas de informação representam nas diferentes áreas tanto ao nível da prática clínica, como da formação, da gestão e da própria investigação constituem a possibilidade para obter indicadores fiáveis através de uma linguagem comum e universalmente aceite.

Utilizando a expressão do autor sem o conhecimento das *«coisas da enfermagem» não poderemos controlá-las, financiá-las, ensiná-las, investigá-las ou incluí-las nas decisões sobre as políticas de saúde.* (...) p. 49

E, tanto assim é, que a Ordem dos Enfermeiros promoveu diversas iniciativas de formação por todo o país, sobre a CIPE e os seus aplicativos informáticos, sendo que actualmente seja possível aos enfermeiros aceder aos registos de enfermagem em suporte informático.

Esse dispositivo permite documentar as intervenções autónomas sendo mais um passo na afirmação da autonomia da profissão e do desenvolvimento do conhecimento disciplinar.

O que na opinião do autor exige que os enfermeiros se mantenham atualizados porque (...) *uma profissão e uma disciplina científica, a consolidação e a manutenção da mesma requer uma permanente actualização daquilo que se passa na realidade quotidiana.* (...) Jesus (2005, p. 50).

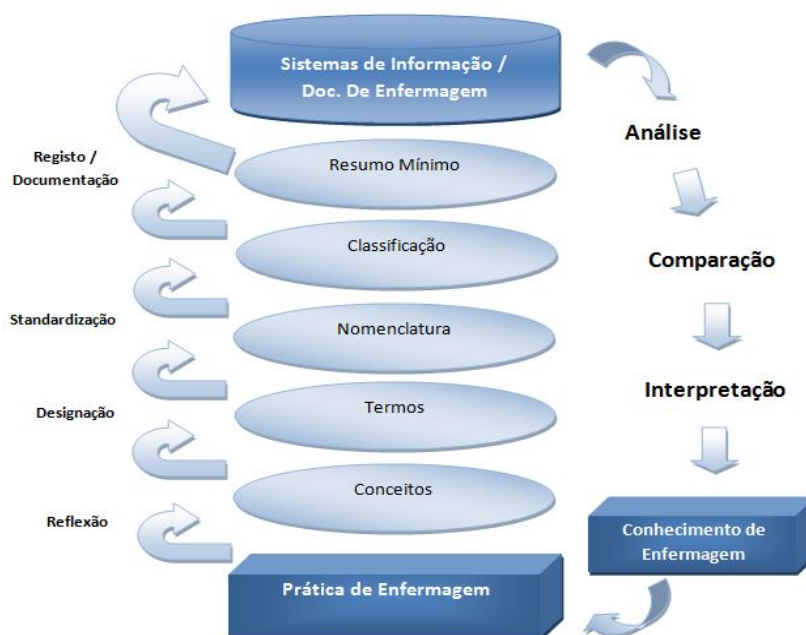
É reconhecida, que a conjuntura atual não é muito propícia à concessão de apoios aos enfermeiros por via das organizações de saúde para a frequência de atividades de formação, devido a vários constrangimentos financeiros, logísticos e humanos, o que exige que se tenham que encontrar outras formas alternativas de atualização do conhecimento, tão indispensáveis ao desempenho de boas práticas.

Contudo, e graças a uma oferta muito diversificada de recursos e formas menos convencionais de formação, a enfermagem hoje pode aceder ao conhecimento sem comprometer essa exigência e assegurar o regular funcionamento das instituições. O mercado possui estratégias educativas bastante credíveis capazes de proporcionar bons níveis de literacias técnicas, éticas e científicas, que permitem aos enfermeiros atingir este objetivo. A questão não pode ser apenas institucional, ela é também uma questão individual, onde a motivação e o interesse pela aprendizagem têm de estar presentes de forma contínua e sistemática, e neste sentido as Organizações Profissionais e Associações Sindicais bem como a consulta às Bases de Dados eletrónicos e a consulta de periódicos podem representar uma complementaridade à formação em serviço e ou escolar.

O esquema que se segue representando a dinâmica do conhecimento produzido a partir da prática recorrendo ao sistema de registo de informação e documentação, demonstra a interação entre todos os componentes e pressupostos da CIPE que permitem influenciar a

tomada de decisão com base em princípios técnicos e científicos decorrentes da própria disciplina.

Figura nº 10 - Diagrama – A Espiral do Conhecimento (adaptado do ICN)



Como tivemos oportunidade de referir, apresentamos os resultados da análise dos artigos científicos, selecionados como amostra. O *corpus* documental é constituído por 380 artigos, ou seja 71,3% do total da amostra.

Relativamente aos artigos analisados eles foram classificados em Artigos de Reflexão e Artigos Científicos, de acordo com a conceções atrás apresentadas, sendo que primeiros de uma forma geral apresentam matérias mais relacionadas com as questões técnico-profissionais, enquanto os artigos científicos ajudam a compreender o estado atual da Investigação.

No quadro a seguir observa-se que o maior número de artigos de reflexão analisados é da responsabilidade editorial das Associações Sindicais, o que se enquadra na linha editorial dos próprios periódicos, que tratando de matérias de ordem laboral só muito residualmente publicam artigos científicos.

Contudo, como temos vindo a sublinhar nos primeiros periódicos não foram classificados artigos que preenchessem os requisitos para serem enquadrados como científicos, por não apresentarem qualquer indicação bibliográfica ou teórica que revelassem aprofundamento e discussão das matérias tratadas.

Todavia, não deve entender-se que estes periódicos tenham menor relevância do ponto de vista do conhecimento profissional, antes pelo contrário eles constituem-se como fundamentais para a caracterização do conhecimento relativo às origens do movimento de associação de classe, do papel que desempenharam na legalização da profissão e no aprofundamento da profissionalização e do Ensino de Enfermagem.

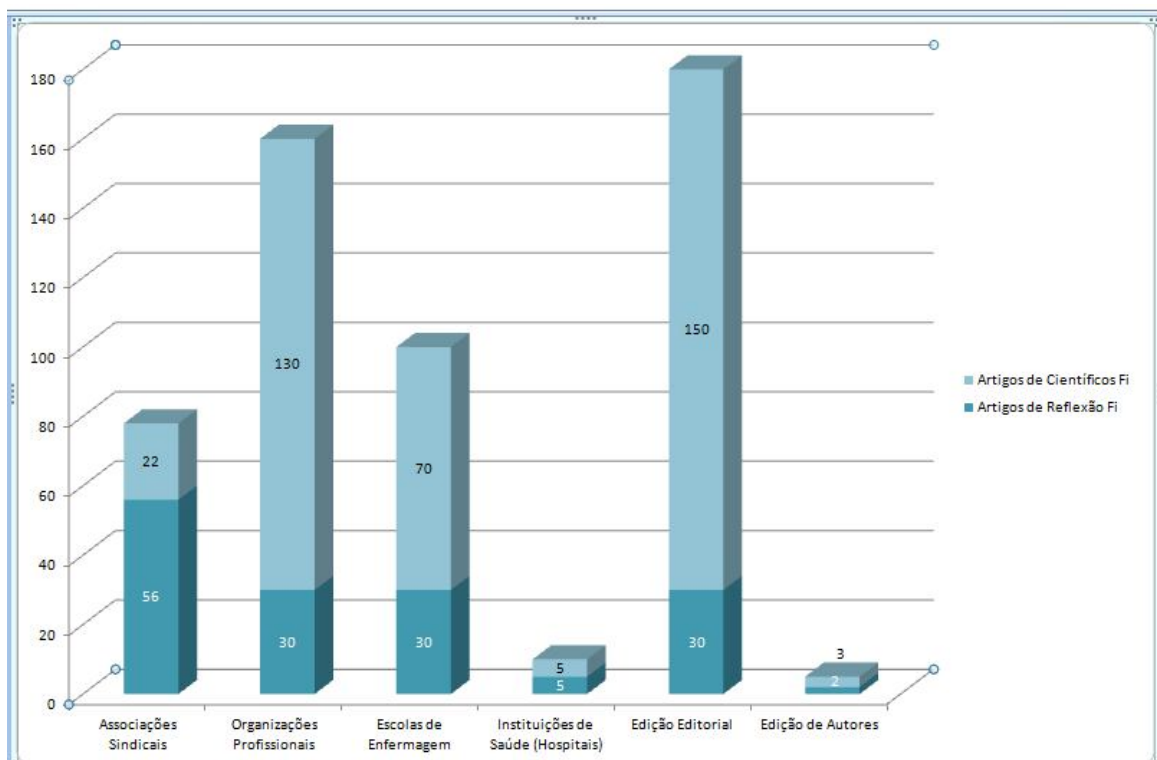
No que respeita ao volume de artigos publicados quando comparados com as outras categorias verificamos que o maior número é da responsabilidade das empresas editoriais, das Organizações Profissionais e das Escolas de Enfermagem, o que explica o maior número de artigos analisados.

Assim, a análise recaiu em larga medida nos artigos de reflexão de periódicos mais antigos, de menores tiragens e de temáticas mais particulares e genéricas, enquanto nos mais recentes, de maiores tiragens e de carácter técnico-profissional e científico se procedeu à análise de maior número de artigos científicos.

Quadro nº 116 - Distribuição da Tipologia de Artigos Analisados segundo a Responsabilidade Editorial dos Periódicos

Responsabilidade Editorial dos Periódicos de Enfermagem	Artigos de autoria dos Enfermeiros			
	Universo/População 100%	Amostra Estimada (10%)	Tipologia dos Artigos Analisados Amostra Concretizada	
			Reflexão	Científicos
<u>Associações Sindicais</u>	588	59	56	22
<u>Organizações Profissionais</u>	1678	168	30	130
<u>Escolas de Enfermagem</u>	997	100	30	70
<u>Instituições de Saúde (Hospitais)</u>	174	17	5	5
<u>Edição Editorial</u>	1 835	183	30	150
<u>Edição de Autores</u>	57	6	2	3
<u>Total Geral</u>	<u>5329</u>	533	153	<u>380</u>

Gráfico nº 4 - Distribuição da Tipologia de Artigos Analisados segundo a Responsabilidade Editorial dos Periódicos



Os resultados apontam para a continuação do ritmo de divulgação de artigos científicos, o que nos sugere que no futuro este movimento seja fortemente reforçado pela produção e publicação, podendo representar cenários bastante mais favoráveis ao desenvolvimento da Enfermagem como Disciplina do Conhecimento.

Os quadros seguintes pretendem apresentar a panorâmica geral sobre o *estado da arte do conhecimento* publicado nos artigos dos periódicos de enfermagem que foram submetidos a análise (533 artigos), no horizonte temporal estabelecido.

Os achados reportam-se aos critérios definidos previamente e aos quais já foram referenciados anteriormente.

Procurámos verificar a evolução no tempo desde a publicação dos primeiros artigos até 2009, e com base na informação apresentada nos quadros é possível observar o desenvolvimento da investigação, marcadamente por dois períodos distintos, um anterior à década de 80 e o outro após a mesma. No primeiro período os artigos de Reflexão são os mais publicados, enquanto no segundo período têm maior expressão os artigos Científicos, devendo-se este facto à linha editorial da *Revista de Investigação em Enfermagem* e da *Revista Referência*.

A Divulgação do Conhecimento em Periódicos de Enfermagem e a Evolução da Profissão, em Portugal, no século XX e início do século XXI

Quadro nº 117- Distribuição cronológica da tipologia de artigos analisados segundo a responsabilidade editorial das Associações Sindicais

Períodos Classificação da Divulgação do Conhecimento	Periódicos Associações Sindicais	Artigos		<u>Total</u>	Décadas
		Reflexão	Científicos		
Período Inicial ou de Iniciação	<i>O Arquivo do Enfermeiro</i> (Iª Série) 1925-1927	-	-	-	-
	<i>O Enfermeiro Português</i> 1929-1930	11	-	11	20
		3	-	3	30
		<u>14</u>	-	<u>14</u>	-
	<i>A Voz do Enfermeiro</i> 1931-1934	5	-	5	30
		<u>5</u>	-	<u>5</u>	-
	<i>A Enfermeira</i> 1937-1943	5	-	5	30
		10	-	10	40
		<u>15</u>	-	<u>15</u>	
	<i>O Arquivo do Enfermeiro (IIª Série)</i> 1942-1945	9	-	9	40
		<u>9</u>	-	<u>9</u>	-
Período de Transição ou de Indiferenciação	<i>Revista de Enfermagem</i> 1953-1974	6	2	8	50
		4	-	4	60
		4	-	4	70
		<u>14</u>	<u>2</u>	<u>16</u>	-
	<i>Ecos da Enfermagem</i> 1954-2009	-	-	-	50
		-	-	-	60
		-	-	-	70
		5	1	6	80
		7	-	7	90
		-	1	1	2000
		<u>12</u>	<u>2</u>	<u>14</u>	-
	<i>Boletim Sindical dos Enfermeiros da Zona Sul e Região Autónoma dos Açores</i> 1981-1991	5	-	5	80
		1	-	1	90
		<u>6</u>	-	<u>6</u>	-
Período de Consolidação	<i>Enfermagem em Foco</i> 1991-2009	5	14	19	90
		6	8	14	2000
		<u>11</u>	<u>22</u>	<u>33</u>	-
	<u>Total Geral</u>	<u>86</u>	<u>26</u>	<u>112</u>	-

Quadro nº 118 - Distribuição cronológica da tipologia de artigos analisados segundo a responsabilidade editorial das Organizações Profissionais

Períodos de Divulgação do Conhecimento	Periódicos Organizações Profissionais	Artigos		Total	Décadas
		Reflexão	Científicos		
Período de Transição	<i>Servir</i> 1952-2009	2	-	2	50
		2	-	2	60
		1	2	3	70
		2	6	8	80
		4	14	18	90
		7	22	29	2000
		<u>18</u>	<u>44</u>	<u>62</u>	-
Período de Consolidação	<i>Enfermagem</i> 1985-2009	4	2	6	80
		2	8	10	90
		1	21	22	2000
		<u>7</u>	<u>31</u>	<u>38</u>	-
	<i>Cuidar</i> 1992-1996	1	-	1	90
		<u>1</u>	-	<u>1</u>	-
	<i>Nephro's</i> 1993-2009	-	4	4	90
		1	7	8	2000
		<u>1</u>	<u>11</u>	<u>12</u>	-
	<i>Revista de enfermagem Oncológica</i> 1996-2009	2	-	2	90
		-	2	2	2000
		<u>2</u>	<u>2</u>	<u>4</u>	-
	<i>Ordem dos Enfermeiros</i> 2000-2009	8	3	11	2000
		<u>8</u>	<u>3</u>	<u>11</u>	
	<i>AESOP</i> 2000-2009	16	6		2000
		<u>16</u>	<u>6</u>	<u>22</u>	-
	<i>Revista da Associação dos Enfermeiros Obstetras</i> 1998- 2009	-	4	4	90
		-	17	17	2000
		-	<u>21</u>	<u>21</u>	-
	<i>Enfermagem e o Cidadão</i> 2002-2009	12	-	12	2000
		<u>12</u>	-	<u>12</u>	-
	<i>APECSP</i> 2006-2009	3	1	4	2000
		<u>3</u>	<u>1</u>	<u>4</u>	-

A Divulgação do Conhecimento em Periódicos de Enfermagem e a Evolução da Profissão, em Portugal, no século XX e início do século XXI

	ONCO.NEWS 2007-2009	-	-	-	2000
		-	-	-	-
	Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental e Psiquiátrica 2009	1	2	3	2000
		<u>1</u>	<u>3</u>	<u>4</u>	-
<u>Total Geral</u>		<u>69</u>	<u>121</u>	<u>190</u>	-

Quadro nº 119 - Distribuição cronológica da tipologia de artigos analisados segundo a responsabilidade editorial das Escolas de Enfermagem

Períodos de Divulgação do Conhecimento	Periódicos - Escolas de Enfermagem -	Artigos		<u>Total</u>	Décadas
		Reflexão	Científicos		
Período de Transição	<i>Subir</i> 1955-???	1	-	1	50
		<u>1</u>	-	<u>1</u>	-
Período de Consolidação	<i>Informar</i> 1995-2006	1	9	-	90
		-	4	-	2000
		<u>1</u>	<u>13</u>	<u>14</u>	-
	<i>Re) Encontro</i> 1996 - 2002	2	-	2	90
		-	-	-	2000
		<u>2</u>	-	<u>2</u>	-
	<i>Pensar em Enfermagem</i> 1997-2009	-	14	14	90
		1	16	17	2000
		<u>1</u>	<u>30</u>	<u>31</u>	-
	<i>Referência</i> 1998 - 2009	1	-	1	90
		6	38	44	2000
		<u>7</u>	<u>38</u>	<u>35</u>	-
	<i>INFOESES</i> 1998-1999	3	-	3	90
		<u>3</u>	-	<u>3</u>	-
	<i>Trajectos e Projectos</i> 1998- 2000	2	-	2	90
		1	1	2	2000
		<u>3</u>	<u>1</u>	<u>4</u>	-
	<i>O CLUNY</i> 1999-2008	-	-	-	90
		5	1	6	2000
		<u>5</u>	<u>1</u>	<u>6</u>	-
	<i>AcontecEnfermagem</i> 2001-2006	-	8	8	2000
		-	<u>8</u>	<u>8</u>	-
	<i>Enfermagem & Sociedade</i> 2006-2009	1	5	6	2000
		<u>1</u>	<u>5</u>	<u>6</u>	-
	<i>Percursos</i> 2006- 2009	1	5	6	2000
		<u>1</u>	<u>5</u>	<u>6</u>	-
	<u>Total Geral</u>	<u>25</u>	<u>94</u>	<u>119</u>	-

Quadro nº 120 - Distribuição cronológica da tipologia de artigos analisados segundo a responsabilidade editorial das Instituições de Saúde/Hospitais

Períodos de Divulgação do Conhecimento	Periódicos - Edição Editorial-	Artigos		Total	Décadas
		Reflexão	Científicos		
Período de Consolidação	Divulgação 1987-1996	1	-	1	80
		1	3	4	90
		2	3	5	-
	VitaEnfermagem 2000-2002	6	-	6	2000
		6	-	6	-
Total Geral		7	3	11	-

Quadro nº 121- Distribuição cronológica da tipologia de artigos analisados segundo a responsabilidade das Editoras

Períodos de Divulgação do Conhecimento	Periódicos - Edição Editorial -	Artigos		Total	Décadas
		Reflexão	Científicos		
Período de Consolidação	Nursing (edição portuguesa)	1	-	1	80
		1	10	11	90
		4	17	21	2000
		6	27	33	-
	Revista de Investigação em Enfermagem	2	25	27	2000
		2	25	27	-
	Revista Sinais Vitais	1	13	14	90
		3	39	42	2000
		4	52	56	-
	SOS Enfermagem				-
	Revista Portuguesa de Enfermagem	1	7	-	2000
		1	7	8	-
	Total Geral	13	108	124	-

Quadro nº 122- Distribuição da Tipologia de Artigos Analisados segundo a Responsabilidade Editorial dos Autores

Períodos de Divulgação do Conhecimento	Periódicos - Edição de Autores	Artigos		<u>Total</u>	<u>Décadas</u>
		Reflexão	Científicos		
Período de Iniciação ou Inicial	<i>Servir Jornal das Enfermeiras Diplomadas pela Escola de S. Vicente de Paulo</i>	1	-	1	40
		-	-	-	50
		<u>1</u>	-	<u>1</u>	-
	<i>Enfermagem Portuguesa e Revista Técnica e Cultural</i>	1	3	4	50
		<u>1</u>	<u>3</u>	<u>4</u>	-
<u>Total Geral</u>		<u>2</u>	<u>3</u>	<u>5</u>	-

CAPÍTULO 5 – OS ENFERMEIROS PORTUGUESES REESCREVEM A HISTÓRIA DA ENFERMAGEM

Quantas vezes os enfermeiros são verdadeiramente os anjos do conforto junto dos doentes! Nem palavras são necessárias; basta a sua maneira de assistir e sacrificar-se à dor que tem diante de si; basta isto para manifestar a beleza da caridade que os inspira e dar à sua profissão o carácter de uma missão e vocação quase sacerdotais e divinas.

Papa Pio XI

Neste capítulo, apresentaremos uma breve retrospectiva histórica da enfermagem, com base nos artigos publicados na imprensa periódica profissional, pelos enfermeiros portugueses.

Para efeitos da compreensão deste percurso, dividimos este capítulo em três vertentes, na primeira partimos do contexto social e político que foi motivador da enfermagem empírica, marcada pela influência da religião. O desenvolvimento da enfermagem dos finais do

século XX constitui um marco neste percurso, a partir do qual a ruptura com algumas práticas perspectiva as origens da Profissão.

Na segunda vertente, faremos uma breve viagem pelos principais acontecimentos da primeira metade do século XX, potenciadores da criação das escolas de enfermagem e das reformas profissionais com implicações na origem da periodização da enfermagem.

A terceira vertente, corresponde à segunda metade do século XX, distinguindo-se pelas iniciativas de mudar o rumo da Profissão e da Disciplina de Enfermagem.

Este período fortemente marcado pelo grande volume de produção e divulgação do conhecimento dos enfermeiros portugueses, tal como descrevemos anteriormente, permitirá compreender o contributo recíproco que as mesmas possibilitaram na evolução da Profissão.

A análise do conteúdo dos diversos artigos dos periódicos demonstrou que a evolução do conhecimento da enfermagem ocorreu de uma forma extraordinária num crescendo tanto do ponto de vista social, como do ponto de vista profissional, técnico e científico.

A afirmação da profissão, foi o assunto que mais mobilizou os enfermeiros na primeira metade do século XX, a que se seguiu um período marcado pelos interesses da Formação e da Carreira de Enfermagem (décadas de 50, 60, 70 e 80).

As duas últimas décadas do século XX e início deste século constituem o imperativo da assunção da enfermagem como disciplina do conhecimento.

O sucesso do desenvolvimento da Profissão, do Conhecimento e da Disciplina de Enfermagem tem de ser entendido como um conjunto de factores convergentes, cada um a seu modo contribuíram para a mudança ao nível dos Saberes, da Autonomia e da Representação Social.

Foi bastante relevante num primeiro momento a acção do movimento das Associações Sindicais, enquanto no segundo momento destacaram-se os esforços das enfermeiras portuguesas com cursos feitos no estrangeiro, conjugados com a acção da Escola de Ensino e Administração de Enfermagem e a Regulamentação dos planos de Estudo do Curso de Enfermagem.

5.1 – Das figuras históricas do século XVI ao século XXI

De entre os códigos temáticos destacamos nesta secção o código Figuras e Personalidades (**FP**), no qual se incluem as figuras históricas da Enfermagem a nível internacional dos séculos XVI e XVII - Camilo de Lellis e Vicente de Paulo, no século XIX Elisabeth Fry e a Florence Nightingale e no século XX a Irmã Eugénia Tourinho.

5.1.1 – O século XVI e a acção de S. Camilo de Lellis e S. Vicente de Paulo

Os periódicos *Servir*, *Informar*, *Acontece Enfermagem* foram os seleccionados para análise do percurso de vida de duas das figuras internacionais que se distinguiram pela sua atividade em prole da História da Enfermagem, particularmente nos cuidados no hospital e em casa.

A estas duas figuras é lhes atribuído a criação da enfermagem laica com a exigência de formação específica para a assistência aos doentes no hospital ou em contexto domiciliário, foram considerados como os Santos Patronos dos Doentes, pela sua abnegação e serviço aos doentes e aos mais pobres e desfavorecidos.

Os artigos analisados e complementarmente os livros consultados retratam a vida religiosa de Camilo de Lellis e de Vicente de Paulo, realçando a **dimensão mística**, também encontrada nos artigos acerca da vida e obra de João de Deus.

Sobre as personagens de João de Deus e de Camilo de Lellis encontramos um **traço comum**, algum paralelismo, pois além do sentimento religioso das suas vidas, que os conduziu à canonização pelos Papas na época, também o facto de terem experienciado as vicissitudes do internamento hospitalar, bem como os maus cuidados a que estiveram expostos.

S. Camilo de Lellis

Camilo de Lellis, nascido em Buchianico (Itália) a 25 de maio de 1550, filho de uma família com alguns bens, mas considerada não muito afortunada, teve uma juventude muito atribulada, sendo que aos dezanove anos se torna militar na guerra que envolveu a República de Veneza e a Turquia.

Tendo estado internado várias vezes em Hospitais italianos, sentiu como os doentes eram tratados, sendo ele próprio vítima de maus tratos, semelhantes aos que aplicavam aos enfermos.

Com o sentido de reverter esta situação, formou ele mesmo um grupo de homens para *servirem os pobres doentes com aquela ternura e caridade que costumam ter as mães para com os seus filhos*. G., J., Primeiro Centenário dos Santos Patronos dos Hospitais e dos Doentes Camilo de Lellis e João de Deus.

Decorria o ano de 1594 quando Roma, Génova, Milão, Nápoles e outras cidades italianas foram assoladas pela peste e, conseqüentemente, o espectro da fome, atingindo as camadas sociais mais desfavorecidas, o que veio pôr à prova, a ação de Camilo e da Congregação que fundara.

A bibliografia descreve a situação à época como sendo de grande confusão e sofrimento, onde por toda a parte se amontoavam os cadáveres ou moribundos a quem tudo lhes faltava, sendo neste ambiente de doença e miséria humana que Camilo e os seus irmãos, auxiliavam, socorrendo a todos, fosse no hospital, em casa ou na rua.

São inúmeros os relatos da sua vida e da forma como proporcionava conforto aos doentes, visitando-os nas enfermarias, particularmente aqueles cuja situação era mais crítica.

Aos moribundos, os cuidados físicos consistiam no aconchego da roupa, aquecendo-lhe os pés, enxugando ou mudando-lhe a roupa. Após, o que lhe ministrava os sacramentos, assistindo-o e confortando-o com palavras de consolo até à hora derradeira.

Segundo Pires (2000, p. 24) os irmãos de S. Camilo de Lellis destacaram-se na prestação de auxílio espiritual e profissional aos doentes.

No verão, em que a sede mortificava os doentes, tomava um jarro de água fresca, e ia de cama em cama, humedecendo os lábios e refrescando-lhes a boca. Ajudava a dar comida, fazia as camas e, com as esmolas que recolhia, mimava os doentes com biscoitos, fruta e pão, prestando-lhes auxílio em função das condições dos doentes.

À época era costume acompanhar os enfermeiros, durante os tratamentos ou durante a administração dos remédios, animando os doentes com palavras serenas, no sentido de os levar e incentivar a aceitá-los. De seguida, ministrava os sacramentos espirituais aos enfermos, proporcionando-lhes assim a *cura da alma*.

A Ordem dos Ministros dos Enfermos ou Camilianos desempenhou uma prestimosa colaboração em várias partes do globo, movida pelo ideal religioso e um profundo sentimento de amor ao próximo.

O papa Bento XIV beatificou-o em 1742 e quatro anos mais tarde foi canonizado, no dia 29 de julho de 1746, e Leão XIII declarou-o patrono dos hospitais e enfermos.

S, Vicente de Paulo

O ambiente social da França do século XVI era, à semelhança de outros países europeus, recheada de convulsões sociais e com grandes índices de pobreza, exigindo uma intervenção comunitária e social, que fosse capaz de pôr fim à situação de degradação da vida humana.

É neste ambiente que se destacou a figura de Vicente de Paulo. Tendo nascido a 24 de abril de 1581, em Ranquines (França), numa família pobre, sendo o terceiro de entre seis irmãos.

Frequentou o Colégio dos Franciscanos e a Universidade de Toulouse, sendo mais tarde ordenado sacerdote.

Na sequência do seu ministério e deparando-se com as deficientes condições sanitárias vividas no país, leva-o a dirigir a sua ação assistencial aos pobres, aos «gafos», às crianças abandonadas e a muitas outras iniciativas para alcançar a paz em muitas partes do globo. Funda o movimento das Filhas da Caridade, mais conhecidas por Irmãs de S. Vicente de Paulo, que prestam cuidados domiciliários, que se revelaram de grande utilidade social, alcançando enorme sucesso, estendendo-se a outros países dentro e fora da Europa, pugnando sempre por melhorar a qualidade dos cuidados.

A ação das Filhas da Caridade nos EUA iniciou-se em 1804, expandindo-se em áreas tão diversas como, a fundação de hospitais, calculando-se em mais de 500 unidades de saúde da sua iniciativa.

Funda escolas para a formação de enfermeiras, cujo ensino contemplava conhecimentos científicos e em 1654 funda em Paris, o Hospital do Santo Nome de Deus.³⁷

A inovação no ensino e na prática dos cuidados, encontrava-se na vanguarda do melhor que se praticava, podendo exemplificar-se pela introdução técnicas de assepsia nos serviços hospitalares, esterilização dos instrumentos e equipamentos cirúrgicos. Os textos dão-nos conta do enorme entusiasmo vivido pelas Filhas da Caridade, pelos bons resultados obtidos com a prestação destes cuidados de saúde.

³⁷ As irmãs de São Vicente de Paulo nos Estados Unidos da América in: Servir Vol. 53, nº5 setembro/outubro 2005 p. 255 in: <http://www.stv.org/aboutus/daughters.aspe> American Journal of Nursing Vol.105, nº8.

S. Vicente de Paulo incentivava estas mulheres a praticar o bem ao seu irmão, pois que no seu rosto encontraria o rosto de Deus, conforme nos dá conta o seguinte excerto datado de 31 de julho de 1634 que resume o seu pensamento (...) *Uma irmã irá dez vezes por dia ver os doentes, e dez vezes por dia ela ali encontrará Deus* (...) S. Vicente de Paulo O Santo da Caridade 4º Centenário do nascimento 1581-1981

Na opinião de Nogueira (1990, p. 79) e Pires (2000, p. 24) S. Vicente de Paulo tornou-se um grande impulsionador da Enfermagem Moderna, sobretudo quanto aos cuidados domiciliários, que mercê de ações bem planeadas e avançadas para a época, iniciativa que sendo uma verdadeira revolução nos costumes e mesmo na legislação canónica lhe mereceram desse título.

Morre em Paris a 27 de setembro e seria canonizado em 1737.

Após a sua morte, assiste-se a uma regressão no modo de ser encarada a Enfermagem, que tinha ascendido na escala social pela ação destas Filhas da Caridade.

A Europa ocidental encontrava-se dividida por cisão religiosa entre países de expressão protestante e católica. No contexto dos dois movimentos Renascentistas e da Reforma Protestantes são extintas as ordens religiosas católicas, com consequências para a Enfermagem, tanto ao nível da prestação de cuidados nos hospitais, como no domicílio. O progresso social e intelectual da Renascença, a reforma da ciência e a evolução das universidades não foram por si só suficientes, no sentido de se transformarem em factores de crescimento para a Enfermagem. Esta encontrava-se enclausurada nos hospitais religiosos, permanecendo como atividade empírica e desarticulada, alheia aos progressos científicos do momento.

Criaram-se novas ordens, porém a Igreja, ciosa das suas prerrogativas, não lhes permite nenhuma independência e um decreto do Concílio de Trento obriga-as à cláusula, de proibição de as ordens religiosas visitarem os doentes no domicílio.

É nestas circunstâncias que, em 1610, Madame de Chantal que fundara, com o auxílio de S. Francisco de Sales, a ordem de «Visitação de Maria», vê ser extinta a mesma, depois de 4 anos de existência. A sua missão consistia no dever de os seus membros visitarem diariamente os enfermos em suas casas, dar-lhes banho, vesti-los, tratá-los e lavar-lhes a roupa. Atividades estas que seriam desenvolvidas pelas Filhas da Caridade, dando continuidade ao seu objetivo de ajuda aos mais necessitados. Porém, estas seriam suspensas em virtude do que fora decretado.

Em Portugal, a Congregação das Filhas da Caridade estabeleceram-se por volta do ano de 1819, desenvolvendo uma ação bastante idêntica na assistência às populações. No entanto,

devido a algumas forças mais radicais da sociedade portuguesa, mais conotadas com ideologias anticlericais e religiosas, que desencadeando ações de perseguição, decretam a proibição das atividades desempenhadas pela Congregação.

Há autores que encontram neste conflito a diferenciação entre a Enfermagem laica e a enfermagem religiosa, como é o caso de Comelles (1993) que considera que a invenção da profissão de Enfermagem foi uma consequência da fundação por S. Vicente de Paulo das Filhas da Caridade, no princípio do século XVI, sendo pela primeira vez que se atribuiu o estatuto a estas práticas de trabalho técnico assistencial. p. 36

A História mundial da Enfermagem mercê da ação desenvolvida por S. Camilo de Lellis e S. Vicente de Paulo, granjeou à época um ascendente social, que só viria a conhecer séculos mais tarde com a figura de Florence Nightingale.

Em síntese, os autores descrevem a biografia destas personagens - S. João de Deus, S. Vicente de Paulo e S. Camilo de Lellis - por vezes, dando maior destaque aos traços míticos que os envolvem, mais do que à sua ação assistencial, o que, por vezes, condiciona o aprofundamento de outras facetas da sua ação em prole das pessoas mais necessitadas e marginalizadas da sociedade.

Contudo, como se pôde observar, o facto de que tratando-se de figuras de grande projeção internacional, mereceram também referência por parte dos enfermeiros nacionais dedicando-lhe alguns artigos nos seus periódicos, permitindo conhecer melhor alguns aspetos da sua intervenção.

Ainda hoje, e, por serem figuras envoltas em alguma polémica merecê da sua religiosidade, impõe que se lhes dedique uma investigação mais aprofundada, particularmente ao nível da sua ação assistencial, particularmente no seio da sociedade e da enfermagem portuguesas. É, que a investigação tendo como objeto de estudo a ação e vida destas figuras emblemáticas da história da enfermagem, permitem cumulativamente um maior conhecimento das suas vidas, mas, também o conhecimento, do quotidiano dos doentes, dos pobres, de gente simples, anónima, marginalizada e de menor poder, que na maioria das vezes são os esquecidos da sociedade, mas que foi por eles que estes personagens dedicaram parte das suas vidas.

A secção seguinte será dedicada à vida e obra de Florence Nightingale, e, o modo como foi descrito pelos autores/enfermeiros nacionais. A imagem que a seguir se apresenta é uma das muitas que se encontramos ainda hoje à venda por pintores amadores nas ruas da cidade de Londres, continuando a replicar a outra exposta no Museu da cidade.

5.1.2 – O século XIX - Vida e Obra de Florence Nightingale

*É uma arte que requer dedicação exclusiva e árdua preparação,
tal como o trabalho do pintor ou do escultor.
Mas o que é trabalho com a tela ou com o mármore
com o corpo vivo - templo do espírito de Deus?
A Enfermagem é a maior das artes.
Eu diria que é a maior entre as maiores*

(Baly, 1991)



Imagem nº 60 - Imagem de Florence Nightingale exposta no Museu em Londres

A História da Enfermagem Internacional está ligada a Elisabeth Fry (1780-1845) e a Florence Nightingale (1820-1910), duas figuras inglesas do século XIX, que se destacaram pela sua intervenção no campo dos cuidados de saúde e da assistência social.

Nesta secção fazemos referência a um conjunto de documentos (livros e de artigos) publicados ou traduzidos pelos enfermeiros portugueses que permitem conhecer estas figuras históricas da Enfermagem que ainda hoje despertam o interesse tanto de autores como de leitores.

Os documentos submetidos a análise de autoria de Assis (1941); Nogueira (1990); Filipe (1993); Basto (1996); Chainho (1998); Silva (2001); Pedrosa (2003); Soares e Freitas (2004); Nightingale (2005) e Couto e Ferraz (2005) permitiram traçar o perfil de Florence Nightingale.

De entre as unidades de análise encontradas nos artigos destacam-se duas grandes dimensões temáticas. **Elisabeth Fry preparara o Advento de Florence Nightingale e Florence Nightingale – Figura Carismática.** Como categorias sobressaem Contradições – Da candura de Anjo e Lady ao Poder e Autoridade Vitorianos ; Ruptura com os padrões sociais da aristocracia inglesa; Representação social da Enfermagem; Nightingale e a Nova História de Enfermagem; Atividade literária; As Práticas de Enfermagem; O Ambiente em Scutari; Formação em Enfermagem; Investigação; As Mudanças: Imagem Social da Enfermagem e Polémicas: Enfermagem modelo vocacional e disciplinar.

No início do século XIX (1800), o pastor protestante Theodor Fliedner e sua esposa Frederika empreenderam em Kaiserwerth, na Alemanha, a fundação de um Hospital que servisse como modelo de cuidados, em contraponto com as condições existentes.

Naquela época, a Inglaterra era um país marcado pelas piores condições, devido a predominância de doenças infecto-contagiosas e a falta de pessoas preparadas para cuidar dos doentes. Os ricos continuavam a ser tratados nas suas próprias casas, enquanto os pobres, além de não ter essa alternativa, tornavam-se objeto de instrução e de experiências que resultariam num maior conhecimento sobre as doenças em benefício da classe abastada Nogueira (1990).

Este novo modelo de Hospital era constituído por uma escola para raparigas seleccionadas para serem Diaconisas.

Relativamente a estas duas figuras, embora, com percursos de vida diferentes, algumas das suas características biográficas têm algo em comum, pois que ambas descendiam de famílias da alta sociedade inglesa, dotadas de um elevado nível de instrução e sólida formação cultural, sendo que depressa se destacaram pelas suas qualidades intelectuais e humanas.

Tendo como inspiração a experiência vivida junto das Diaconisas, em Kaiserwerth, permitiu-lhes um trabalho bastante relevante e a angariação do reconhecimento público do povo inglês e constituem uma referência internacional para a Enfermagem.

Elisabeth Fry preparara o Advento de Florence Nightingale

Nogueira (1990), é de opinião que no campo da Enfermagem, os esforços de Elisabeth Fry prepararam o advento de Florence Nightingale.

O trabalho de Elisabeth Fry, destacou-se, enquanto visitadora dos pobres e encarcerados, tendo contribuído para a melhoria das condições dos reclusos nas prisões inglesas e da melhoria das condições sociais nos bairros pobres das cidades.

Nesta sua ação contou com a influência da sua escrita, onde apresentava a realidade vivida nas prisões pelas reclusas, contando também com o apoio de outras senhoras dedicadas a todo este trabalho.

Também em 1941 Assis destaca a sua ação ao (...) *fundar em Londres, à sua custa, uma pequeníssima escola de «Nurses»* p.7.

O contacto com a Instituição de Kaiserwerth foi inspirador no cuidado a doentes no domicílio, não fazendo distinção de classes sociais, fundou a «Sociedade das Irmãs da Caridade Protestantes», mais tarde designada por «Instituto das Irmãs Enfermeiras», que possuindo um elevado carácter moral e nível de formação, contrariavam a situação de recrutamento de pessoas de baixa condição moral, retiradas à rua, à pobreza, à bebida ou prostituição, para trabalhar nos hospitais coercivamente e a troco de alimentação.

Florence Nightingale – Figura Carismática

Florence Nightingale é a figura e personalidade que mais vezes é citada não apenas nos títulos dos artigos, mas também no conteúdo de artigos codificados em outros códigos temáticos. São raros os autores que não fazem referência à sua biografia e à sua ação em prol da profissão da enfermagem.

Na opinião de Basto no seu artigo com o título *Florence Nightingale* (1996, p. 23) falar de Florence Nightingale é falar da Enfermagem, de mudança social, do papel da mulher na sociedade.

De um modo geral, existe alguma unanimidade neste retrato que os autores apresentam da **Vida e obra de Florence Nightingale.**

É um facto que os estudos sobre a evolução da enfermagem encontram, nesta figura invulgar, uma estratégia na defesa das suas convicções religiosas e sociais e uma visão sobre a forma de exercer a enfermagem, que era inédita à época.

As referências à sua vida e obra quase sempre estão rodeadas de grande simbolismo.

A bibliografia descreve-a como uma figura contraditória, avançada relativamente para a sua época em alguns aspetos, mas ao mesmo tempo conservadora, que teve de romper e de usar todos os meios ao seu alcance para conseguir o que julgava mais adequado para a prestação de cuidados de saúde Chainho (1998, p. 26).

O autor no seu artigo intitulado *Nightingale um anjo na guerra*, dá conta da sua popularidade, empregando os mais variados adjetivos, desde *Lady, dama, anjo, senhora da lamparina*, p. 25 sendo que todos de certa forma granjeiam um carinho especial ou até devoção que é bem ilustrativa na bibliografia, sobretudo a mais antiga de teor mais empírico e emocional.

Em 1954 o enfermeiro Mourão escrevia a propósito dos muitos acontecimentos que são devidos a Florence Nightingale, *comparando-os com aqueles que são atribuídos a S. João de Deus (...) Muito mais tarde Florence Nightingale já com outro mundo, um mundo de guerra, intentou uma cruzada de bem fazer junto dos feridos seus compatriotas. Mais técnica. Os ferimentos que se espalhavam dos pés à cabeça requeriam o estudo profundo para os melhores e úteis socorros. Cria uma escola. (...).* pp. 31-32 e 36.

Do excerto algumas ilações podemos retirar, como sejam o sentimento altruístico e caritativo atribuídos a S. João de Deus, aqui parecem subsistir as motivações patrióticas e nacionalistas de Florence Nightingale.

Ainda na atualidade a personalidade desta figura incontornável da História de Enfermagem se encontra envolta de contradições, estando presentes nos textos analisados geralmente por todos os autores estudados.

Contradições – Da candura de Anjo e Lady ao Poder e Autoridade Vitorianos

São várias as contradições da sua personalidade, que os autores documentam, como dotada de uma educação esmerada, em virtude da sua ascendência familiar aristocrata.

Chainho (1998, p.26) salienta o comportamento adoptado por Florence Nightingale, que descreve como sendo (...) *calmo e frio escondia um fogo muito intenso e apaixonado, mas animada do mais alto espírito humanitário e de solidariedade.*

As gravuras e descrições de Florence, quase sempre, são representadas por uma imagem transportando numa das mãos uma lamparina ou candeia, com que era vista pelos soldados feridos, internados nos hospitais militares da Crimeia, simbolizando a vigilância e conferindo-lhe segurança e auxílio, mas por baixo desta imagem de anjo, escondia-se uma outra faceta de pessoa autoritária e exigente (...) *Ao passar através das enfermarias sossegada e simples (...) perfeita lady (...)*

(...) *Aí chegada, «a senhora da lamparina» nome pela qual era conhecida (...) Um dos soldados descreve da forma o seguinte efeito que tinha sobre eles a sua presença «Que*

conforto era para nós somente vê-la passar. Ela falava a um, cumprimentava e sorria a muitos mais, Mas não podia fazê-lo a todos. Nós estávamos para ali deitados às centenas; mas podíamos beijar a sua sombra à medida que passava e descansar novamente as cabeças nas almofadas, enfim tranquilos.

(...) percebia-se a serenidade de uma deliberação forte, sinais do poder e do domínio que F.N. tinha sobre os outros e os traços de um temperamento severo/ duro e até perigoso. Quando falava depreendia-se que nada esperava senão obediência (...)

É interessante notar esta atitude de obediência que exigia aos outros, quando ela própria rompera com as exigências paternas em relação ao seu próprio destino.

Uma outra passagem da sua personalidade é apresentada no artigo, descrevendo-a como uma pessoa de grande exigência e rigor moral, para as enfermeiras, chegando mesmo a pôr em causa os resultados do seu próprio trabalho (...) *A sua personalidade era inflexível e no Natal de 1854 já tinha mandado de volta para Inglaterra 13 mulheres por comportamento indecoroso e desrespeito pelas regras instituídas. Sobravam-lhe apenas 25 enfermeiras para cuidar dos cerca de 11.000 pacientes*

Se na actualidade os enfermeiros se lamentam em relação ao ratio enfermeiro/doente, o que seria o cenário de um hospital militar de 1 enfermeira cuidar de 440 pacientes!

Ainda sobre o perfil de Florence, as autoras Soares e Freitas (2004), ressaltam a sua capacidade de trabalho, persistência, mesmo quando se tratava da sua saúde pessoal, assim pode ler-se que (...) *Quando regressou a Londres, vinha muito doente (...) Nem a família nem os amigos conseguiram que ela cumprisse as orientações médicas e embora acamada, ditava cartas, lia e estudava, só parava quando se sentia extenuada.*

O seu sentido filantrópico reconhece-se na compra de (...) *uma série de provisões que lhe foram de grande utilidade nos primeiros tempos (...) O jornal The Times juntou largas somas de dinheiro através de uma subscrição nacional, para ajudar os doentes e os feridos da guerra...*

As Políticas implementadas com o apoio dado por amigos bem colocados no governo, nomeadamente no Ministério da Guerra Sidney Herbert e Lord Panmure foram dois dos seus grandes colaboradores e amigos incondicionais Soares e Freitas (2004), pp. 36-38.

O seu pioneirismo proporcionou-lhe o desempenho de um papel preponderante, na forma de encarar a função primordial da enfermagem moderna.

Ruptura com os padrões sociais da aristocracia inglesa

Segundo, Pedrosa (2003, pp. 85-86), o papel da mulher de classe social elevada estava reservado a ser o de dona de casa, de mãe, de orientação da criadagem e a dedicação a obras de caridade, muitas vezes da sua própria iniciativa.

Seria esta a expectativa que a família e a sociedade inglesa esperaria de uma pessoa com a educação e o estatuto social de Florence Nightingale, pois era (...) *uma jovem da alta sociedade londrina* (...) Basto, p. 23. Contudo, ela desafiou a norma social ao tornar-se independente da família, o que à época foi mal compreendido, pois que ser enfermeira não era de todo uma profissão de grande reputação.

A descrição que Soares e Freitas (2004, pp. 34-35) fazem da vida da mulher inglesa e do papel reservado ao homem, permitem-nos compreender a rotura dos padrões sociais que a família desde muito cedo impôs na vida de Florence Nightingale e, que, mais tarde, ela seguiu por sua livre iniciativa, chegando a originar conflitos familiares.

A sociedade inglesa do século XIX é, à semelhança das suas congéneres europeias, marcada pela divisão de classes, uma sociedade autocrata, que vai cercear as liberdades de expressão e de acesso à educação e cultura. A aristocracia representa a classe social com mais poder que atinge todas as áreas da vida familiar e institucional. A família, enquanto célula principal, fortemente marcada por padrões tradicionais, constituía o núcleo da continuidade genealógica.

A compreensão deste ambiente sócio-político serve de reflexão, para melhor perceber o alcance das medidas tomadas por Florence Nightingale.

Os excertos seguintes evidenciam bem a divisão de papéis atribuídos ao homem e à mulher, muito semelhante ao das sociedades primitivas, com as atualizações próprias do desenvolvimento humano. Assim, leiamo-los:

(...) os pais desejavam um rapaz e talvez por esta razão Fanny e William Nightingale proporcionaram às duas filhas uma educação pouco usual na época vitoriana. Ambas aprenderam grego, latim, francês, italiano, história e filosofia (...)

(...) Na época vitoriana o papel reservado às mulheres da classe social da família Nightingale era o de serem donas de casa e mães, de orientarem a criadagem e de se ocuparem de obras de caridade. Podiam também ter uma vida social activa e, se casadas, deviam ajudar os maridos na sua ascensão tanto social como política.

Nessa época os homens eram considerados superiores às mulheres, mental, física, e moralmente. Por outro lado, os homens consideravam que a ambição, o sucesso e a independência não eram atributos femininos, esperando obediência, humildade e generosidade por parte do género feminino.

A característica do feminismo em Florence Nightingale reforçou os seus propósitos de ter uma vida independente e ativa. Todavia, enfrentar o poder militar, num meio fortemente liderado por militares, não era, nem é ainda atualmente, uma tarefa fácil, que é descrito por Chainho (1998, p. 26), *(...) nenhuma ordem dada por mulheres faria mudar os hábitos dos oficiais dirigentes, e os médicos ficaram furiosos por estas (38 enfermeiras voluntárias) terem sido enviadas para interferirem no seu trabalho.*

Pedrosa (2003, p. 82) enfatiza o facto de as pioneiras da Enfermagem Moderna seguirem a tradição feminina, ancestral do cuidado dos doentes e necessitados, enquanto a figura masculina de relevo na enfermagem é normalmente de origem monástica.

A tarefa que levou a cabo foi o de dar conteúdo científico, social e profissional às mulheres encarregadas da prestação de serviços aos doentes, necessitados e desprotegidos da sorte, ao mesmo tempo que as subtraíam a uma vida de imoralidade.

Nogueira (1990) ao apresentar o seu perfil salienta o facto de ela ter nascido um ano depois daquela que viria a ser Rainha Vitória, e que consigo partilharia o honroso estatuto de mulher que mais influência exerceu na segunda metade do século XIX, em Inglaterra.

A imprensa inglesa demonstrou grande carinho e reconhecimento pela sua obra e, de acordo com a BBC, considerava que era provavelmente a pessoa mais famosa da Era Vitoriana além da própria Rainha Vitória. Nogueira (1990).

Chainho (1998) revela que, ao estudar a problemática dos nacionalismos agressivos que decorreram durante todo o século XIX, apercebeu-se do protagonismo de uma «Enfermeira», Florence Nightingale, no traçar do destino da Europa de então. p. 25

Representação social da Enfermagem

Pelo que temos vindo a referenciar, a perspectiva da Enfermagem na sociedade inglesa era muito negativa, tanto mais que era exercida por mulheres, ou melhor por um certa classe de mulheres.

Para escolher a enfermagem, era desafiar socialmente o instituído acerca de as mulheres, numa época em que a profissão estava *completamente desacreditada e para se entrar nela seria preciso arrostar com preconceitos muito arreigados nas honestas famílias inglesas*. Assis (1941, p. 7)

Também Basto (1996, p. 23) se refere a esta circunstância, pois que recuar à época anterior a Florence Nightingale, é encontrar entre as enfermeiras mulheres dos mais baixos níveis sociais, que executavam tarefas pouco dignas.

A família ao reprovar a sua decisão de trabalhar como enfermeira, representava a defesa do seu bem-estar não apenas físico, mas também social, seria desistir de uma vida estável e desafogada por uma outra na base da pirâmide social.

As expressões seguintes transportam-nos para o que os autores designam por *época negra na Enfermagem*.

Durante 15 anos lutou contra a mãe e contra a irmã e que se opunham fortemente a este seu interesse de estudar e trabalhar como enfermeira Chainho (1998, p. 25).

Soares e Freitas (2004, p. 38) apontam como razões para a oposição familiar de ser enfermeira (...) *ao facto de, por um lado, não ser comum uma jovem estudar com o objectivo de exercer uma profissão fora de casa, por outro lado, pela má reputação que as enfermeiras tinham, consideradas então como mulheres desonestas que se encontravam frequentemente embriagadas nos serviços hospitalares e ainda pelo facto de muitas serem prostitutas.*

As autoras relatam que a situação era tão degradante profissionalmente que os médicos e cirurgiões eram os que mais se queixavam das enfermeiras, dizendo que são *idosas, fracas, muitas vezes analfabetas e incapazes de cumprir as suas instruções.*

Nightingale e a Nova História de Enfermagem

É curioso que no âmbito da intensa pesquisa efetuada, o artigo de Soares e Freitas foi a única referência que traz ao conhecimento uma Nova História de Enfermagem.

As mesmas partilham com os leitores que este modo de estudar a Enfermagem e particularmente esta personagem, é recente, e conferem aos factos históricos uma maior racionalidade, fazendo a rotura com a história romance que, muitas vezes, obscurecem ou deturpam os mesmos.

As autoras afirmam que (...) *Foi há cerca de 15 anos que alguns estudiosos da história de enfermagem começaram a adoptar uma orientação de estudo diferente, da até então prevalente.*

Iniciou-se assim uma forte crítica a ideias convencionais e idealizadas da enfermagem e os estudos foram dirigidos para a análise e a discussão de questões relacionadas com os sistemas de formação, com a prestação de cuidados de enfermagem e com as condições de trabalho, ligando-os com o desenvolvimento profissional e inserindo-os no contexto social, económico e político da época

Como Metodologia de estudo, as estratégias inscrevem-se na metodologia da Nova História da Escola dos Annales, que Marc Bloch aponta ser uma história crítica das fontes, caracterizada pela procura de novos materiais e novas fontes de informação.

É nesta corrente de pensamento que se integra as teorias de Febvre, ao defender que a história faz-se com documentos, *com palavras, com sinais, com paisagens e com telhas; formas de campos e ervas daninhas; eclipses da lua e cabrestos de tiro; exames de pedras por geólogos e análises de espadas de metal pelos químicos.*

No mesmo artigo as autoras sublinham que os estudos que têm sido publicados nos últimos anos sobre F. Nightingale podem filiar-se nessa «*nova história de enfermagem*» e são baseados na análise crítica da sua correspondência com amigos e familiares e com aliados que teve nas diversas causas que defendeu

Essas fontes, existentes em diversos arquivos, lançam um novo olhar, mais objectivo e crítico, sobre a sua personalidade e sobre a sua obra.

No que respeita a esta categoria Nova História da Enfermagem a obra de Florence Nightingale está longe de ser totalmente conhecida, pois que cada vez mais nos confrontamos com novos dados, alguns contraditórios e que põem em causa o ideal simbólico, que teve bastante empolamento ao longo do tempo, muitas vezes marcadamente de conteúdo empírico, mais emocional, que técnico-científico.

Atividade literária

A sua vida profissional foi também marcada por uma intensa atividade literária e de dedicação ao estudo e às letras, alternando com uma vida social ativa. O tempo que dedicava à leitura e estudo de relatórios de comissões médicas e histórias de hospitais, permitiam-lhe estar atualizada e escrever livros e anotações que deixou como legado às enfermeiras de todo o mundo.

As autoras destacam entre outros, *Suggestions for Thought*, um livro de cariz religioso, constituído por três volumes escrito entre 1851/52.

No primeiro volume abordava uma nova filosofia da religião. Tratava-se de fundar uma confraria/irmandade protestante, sem compromisso/juramento para mulheres educadas. O segundo volume continha alguma investigação sobre psicologia religiosa e o terceiro sobre a Lei divina e a Moralidade.

Outro livro que foi apenas publicado após a sua morte, com o título de *Cassandra*, escrito no início dos anos 50, foi considerado uma obra autobiográfica, mostra os seus pontos de vista acerca de as mulheres e o que pensava relativamente ao movimento das mulheres.

Escreve ainda *Notes on Hospitals* (1859) que veio revolucionar as teorias sobre arquitetura hospitalar.

No entanto, de todos os livros que escreveu merece particular destaque o livro *Notes on Nursing: What is and What is not?* publicado em dezembro de 1859. Esta obra é considerada de grande interesse para as enfermeiras, foi traduzida e ampliada em 1860 para francês, italiano e alemão e apenas em português em 2005.

Notes on Nursing: What is and what is not?

Esta obra reflete o período que decorreu de 1820-1910 sobre os cuidados prestados ao doente. Para a enfermagem é considerada uma obra de referência com interesse para estudo, não apenas porque reflete um modo de pensar a enfermagem à época, mas também pela intemporalidade de alguns dos seus fundamentos.

Nesse sentido, a editora Lusociência, publicou uma reedição em 2005, com tradução para português, dos enfermeiros Germano Couto e Carla Ferraz. Por ser uma obra que se impõe como leitura a todos os candidatos e enfermeiros e por ter merecido a tradução de enfermeiros portugueses, apresentamos uma síntese do mesmo.

O quadro que se segue apresenta a divisão capitular do livro e por temas:

Capítulos	Temas
Capítulo I	Ventilação e Aquecimento
Capítulo II	Condições Sanitárias das casas
Capítulo III	Gestão Básica de Actividades
Capítulo IV	Ruído
Capítulo V	Variedades
Capítulo V I	Alimentação
Capítulo VII	Que Tipo de Alimentação?
Capítulo VIII	Cama e Roupas de Cama
Capítulo IX	Iluminação
Capítulo X	Limpeza de Quartos e Paredes
Capítulo XI	Higiene Pessoal
Capítulo XII	Criar Falsas Expectativas e Conselhos
Capítulo XIII	Observação do Doente.

Nightingale declara no prefácio do livro que *As seguintes notas não pretendem ser em absoluto uma norma de pensamento que podem utilizar as enfermeiras para aprender a sê-lo e menos ainda um manual para lhes ensinar os rudimentos do cuidado. Simplesmente procuram ser referências de pensamento para mulheres que têm a seu cargo a saúde dos outros.*

Germano Couto (2005), refere que esta obra não foi escrita *com o intuito de ensinar enfermagem aos enfermeiros, mas como instrumento de ajuda para todas as mulheres que ficaram com a responsabilidade de cuidar das suas famílias (...) às mães de família, e*

portanto enfermeiras do lar, tendo ao seu cuidado crianças, velhos, doentes e indivíduos menos capazes; às professoras, que deveriam ensinar (as leis da saúde); às meninas, por sua vez futuras mães, professoras e enfermeiras; às próprias enfermeiras, empregadas em residências ou em hospitais. Além disso a autora também oferece conselhos e advertências aos médicos e aos amigos do doente, sobre como a sua presença o pode afectar (prefácio).

Nursing: What is?

Os artigos publicados por Silva (2001, p. 33) e Soares e Freitas (2004, pp. 34-35, refletem as Concepções de Enfermagem, que Nightingale defendia no seu livro, em relação ao uso da palavra **Nursing**, (...) porque não encontrou outra melhor, embora este termo só tenha significado até então pouco mais do que a administração de medicamentos e a colocação de cataplasmas. Entende no entanto o termo de significar o uso adequado de ar puro, luz, aquecimento, da limpeza e do sossego, assim como da administração de uma dieta adequada, de forma que o doente despenda um mínimo de energia.

Como competências da Enfermeira, as autoras Soares e Freitas (2004, pp. 34-35) citam Baly, 1991 *em que sugerem que (...) a enfermeira deve fazer com que o doente recupere da situação de doença em que se encontra e para que a natureza actue nessa recuperação.* O Conceito de Enfermagem apresentam «é uma arte que requer dedicação exclusiva e árdua preparação, tal como o trabalho do pintor ou do escultor. Mas o que é trabalho com a tela ou com o mármore com o corpo vivo - templo do espírito de Deus? A Enfermagem é a maior das artes. Eu diria que é a maior entre as maiores (Baly, 1991).

Silva (2001, p. 33) cita Hernandez Conesa (1995, p. 140) para referir os princípios em que se baseava a sua concepção de cuidados, dos quais salienta: orientação pseudo-militar, laica, profissional e religiosa; orientação e planificação centrada na observação dos cuidados de enfermagem; orientação pelo *status* da mulher que está relacionada com a dependência médica e as atitudes morais da enfermeira; que deveriam ser centrados no paciente e não na doença; orientação centrada numa formação específica para exercer a Enfermagem, assim como na Investigação dos elementos e natureza dos cuidados; Orientação centrada na ideia de que as enfermeiras formem outras enfermeiras. Orientação centrada na participação da Enfermeira na Administração das Instituições de Saúde; Orientação hospitalar e extra-hospitalar dos Cuidados de Saúde; remuneração dos Cuidados de Enfermagem como serviço profissional.

As Práticas de Enfermagem

As práticas de enfermagem são um misto de tarefas domésticas e outras mais específicas, transparecendo a obediência ao médico O apelo à vocação como exigência para cuidar de alguém, tendo por modelo de cuidados de enfermagem a reprodução da família vitoriana,

isto é, as enfermeiras seriam responsáveis pelo ambiente físico e emocional, cabendo ao médico a decisão de todo o trabalho a realizar pelos outros profissionais.

Chainho (1998, p. 26) descreve algumas das práticas desempenhadas pelas enfermeiras (...) *sob a ordem dos cirurgiões estancavam hemorragias, ajudavam nas cirurgias, preparavam os pensos, confeccionavam os alimentos, escreviam cartas aos iletrados, esmeravam-se para que doentes e feridos tivessem ao seu dispor todo o conforto.*

Os autores Chainho (1998), Soares e Freitas (2004) enfatizam o seu papel como Administradora e gestora retratando a estratégia que foi em vários quadrantes da vida, social, económica e de assistência, chegando a intitulá-la como *tornou-se uma política infatigável, dispõe de pessoas e bens com facilidade e autoridade (...) seria chefe e administradora do grupo que conseguiria trabalhar, e por cuja escolha, havia sido a única responsável. ...uma administradora exímia (...)*

O Ambiente em Scutari

É para um cenário de guerra que Florence Nightingale em novembro de 1854 parte para Scutari, com um grupo de 38 enfermeiras (...) *laicas e religiosas, igualmente empenhadas e determinadas e tudo o que foi conseguido se deve ao trabalho de todo o grupo (...) a situação é muito grave (...) Os barcos vinham superlotados com e moribundos, soldados com várias amputações, homens com desintéria e com cólera (...) os feridos estavam mal vestidos e mal alimentados. Durante a viagem não lhe eram prestados cuidados médicos adequados nem cuidados de enfermagem* Soares e Freitas (2004, p. 36).

A situação ao chegar a Scutari é descrita por Chainho (1998) do seguinte modo, *o panorama que se lhe deparou foi deplorável. O hospital era constituído por barracões infectos, rodeados de lama, as camas resumiam-se a enxergas espalhadas pelo chão, não havia luz natural, pouca circulação de ar, faltava comida e medicamentos, o grupo de cirurgiões era reduzido, e os restantes cuidados eram prestados por mancebos sem qualquer preparação.*

A mortalidade chegava a atingir 75% e os feridos e os doentes eram transportados para instalações hospitalares indescritíveis – sujas, sem ventilação adequada, com parasitas vários – enormes, mas pequenas para as necessidades Soares e Freitas (2004, p. 36).

As descrições desta viagem são testemunhos que fariam alguém desistir, mas que a ela lhe serviram de ânimo e de um esforço suplementar para organizar os hospitais de campanha, como se pode ler nos excertos seguintes:

(...) A ordem começou a instalar-se, o bom senso, a análise correcta das situações, a tomada de decisão na hora certa, transformam um hospital caótico num hospital organizado. Seis meses depois da sua chegada era notória a organização da cozinha, e lavandaria, os doentes tinham roupa e artigos de higiene e os soldados tinham as suas fardas em ordem.

(...) Teve a responsabilidade de organizar um Hospital Novo (...) Ultrapassando burocracias, usando a sua influência pessoal (...)

(...) ter sido capaz de dominar o poder do mundo oficial através de um método de trabalho rigoroso, de uma disciplina inflexível e por um trabalho contínuo.

Formação em Enfermagem

A ação em prol da Enfermagem verificou-se em vários campos na Formação em Enfermagem em 1860, propõe um “plano escolar” definido por um ano de aprendizagem teórico-prática e três anos de prestação de serviços no hospital.

Silva (2001, p. 33) refere que a experiência de Florence Nightingale para formar enfermeiras se inicia no Hospital de St. Thomas, passando este a servir de modelo para as demais Escolas, fundadas posteriormente.

Esta Escola só foi possível graças ao contributo do Fundo Nightingale (...) com o objectivo de que ela pudesse organizar uma instituição para treino, subsistência e protecção de enfermeiras, e organizar também nos hospitais metropolitanos instrução adequada e emprego Soares e Freitas (2004, p. 38).

O curso, de um ano de duração, durante o qual eram ministradas *24 aulas teóricas, a maior parte das quais incidiam sobre as diferentes doenças, incluindo os sintomas e tratamento, eram abordados os cuidados de higiene e conforto, observação da condição física do doente. O curso consistia em aulas diárias, ministradas por médicos.*

Silva (2001, p. 33) refere que a sua concepção de enfermagem foi influenciada pelas ordens religiosas, pelo voluntariado e pelas escolas existentes.

A valorização da prevenção da doença foi dos aspetos conceptuais que defendeu e que à época eram bastante avançados, o que reflete o seu carácter visionário.

Os requisitos para se ser enfermeira eram: ser sóbria, honesta, sincera, digna de confiança, pontual, calma e arrumada, limpa e asseada, paciente e bondosa. Estas características confundem-se com particularidades de carácter profissional e de outras de ordem pessoal, porém, fazem sentido atendendo à situação social da mulher à época, pretendendo-se valorizá-la e respeitá-la selecionando de entre as *melhores*, para tornarem-se enfermeiras.

Assim, as enfermeiras eram orientadas por uma enfermeira já diplomada., defendendo a preparação de enfermeiras para trabalharem na área hospitalar.

Deste modo, iniciou a preparação de parteiras entre 1862 e 1867, no King's College Hospital, preparação que foi abandonada ao fim de cinco anos.

Quanto às enfermeiras de saúde pública considerava que a sua preparação devia caminhar para cuidar dos doentes no domicílio nas dimensões de tratamento e também de prevenção da doença, no sentido de mudar os hábitos de vida pouco saudáveis, conforme o descrito no seguinte excerto: (...) *as enfermeiras de saúde pública as civilizadoras dos pobres, a quem deviam prestar cuidados tanto quanto estivessem doentes, como quando em situação de saúde, ajudando-os a viver em casa saudáveis e a abandonar hábitos alcoólicos.*

Investigação em Enfermagem

A origem de toda a reflexão teórica sobre a prática de investigação feita por Florence Nightingale permitiu perceber melhor o nosso passado enquanto enfermeiros.

Muitas das suas ideias e conhecimentos sobre a forma de controlar a epidemia da cólera em Londres, bem como as observações sistemáticas e pesquisas estatísticas sobre os seus efeitos que se repercutiram na descida das taxas de mortalidade e de morbilidade entre os soldados da guerra da Crimeia, o que lhe permitiu obter resultados e ganhos de qualidade de vida e de saúde, que se pode observar nos excertos seguintes:

(...) *elabora um questionário que envia às 14 secções militares existentes com o objectivo de fazer o diagnóstico da situação.*

(...) *legou-nos um espírito científico, reflexivo e analítico, pois todas as posições que defendeu foram baseadas em investigação prévia – colheita de dados e seu tratamento estatístico, podendo mesmo dizer-se que foi a primeira enfermeira investigadora.* p. 41

Filipe (1993, p. 7) escreve no seu artigo que a sua ação na Guerra da Crimeia foi de tal forma importante, que no prazo de um ano, fez baixar de 42% para 22% a mortalidade no Hospital de Scutari.

As Mudanças: Imagem Social da Enfermagem

Da análise de todos os artigos os autores situam como principais mudanças a nova forma de encarar a Enfermagem através das medidas introduzidas, mas sobretudo da vinda de mulheres instruídas para a profissão, com exigências relativamente ao seu comportamento moral e a disciplina que lhes era imposta durante o treino.

De acordo com o que é apresentado por Soares e Freitas (2004, p. 39), (...) *houve uma mudança significativa na prestação de cuidados e na percepção do público acerca de a responsabilidade da enfermagem...*

A enfermagem tornou-se num “respeitável emprego para as mulheres da filantrópica classe alta vitoriana, crenças da importância do papel de ajuda da mulher na sociedade”

Assim, a enfermagem passa a ser vista como uma prática social institucionalizada e específica necessária para cuidar da pessoa doente.

Não obstante, estes factos, a sua figura levanta alguma polémica entre as suas seguidoras, nas quais se inclui Ethel Bedford Fenwick.

Polémicas: Enfermagem modelo vocacional e disciplinar

Nos EUA surge com Ethel Bedford Fenwick, o “modelo americano” centrado na autonomia das práticas pelo saber próprio.que conjuntamente com a criação em 1896, da Associação das Enfermeiras Americanas e, mais tarde, o ICN (Conselho Internacional de Enfermagem), defendendo-se a ideia internacional de enfermagem, baseada na preparação profissional, segundo sistemas educativos oficializados, com conhecimento próprio, apoiado em *standards* de cuidados que guiassem o exercício profissional.

Florence Nightingale encetou uma forte oposição das ideias defendidas por Ethel Bedford Fenwick que, entre outras já defendia o ensino de enfermagem na Universidade.

As autoras Soares e Freitas (2004) sublinham no seu artigo que (...) *Tanto ela como os seus aliados administradores e matronas dos hospitais opuseram-se também ao movimento que pretendia um registo nacional de enfermeiras e pela criação de um organismo, legalmente reconhecido maioritariamente constituído por enfermeiras que tomasse nas mãos os destinos da Enfermagem.*

Sendo que esta era considerada como um (...) *ideal de vocação e entendiam os requisitos para aceder aos registos irrealistas e perigosos pois poderiam provocar uma baixa de nível de enfermagem* p. 40.

Enquanto isso Chainho (1998) faz alusão ao aparecimento do *cap* como peça do uniforme das enfermeiras que atribui à autoria de Florence Nightingale (...) *decidiu o uniforme que as suas enfermeiras usariam e assim surgiu o «cap» no fardamento da enfermagem* (...) p. 26.

A origem de toda a reflexão teórica feita permitiu a organização do ensino de enfermagem, à escala mundial, tornando-se um mito e uma referência para todos os enfermeiros incluindo os enfermeiros portugueses, que lhe dedicaram alguns artigos e comunicações.

Florence Nightingale morre em 13 de agosto de 1910.

Couto e Ferraz (2005, p. 7), afirmam no Prefácio do autor, citando Edgard Cook na sua obra *Vida de Florence Nightingale*, que este livro *Notas sobre Enfermagem, o que é e o que não é nunca poderá ficar ultrapassado.*

Neste âmbito pode ainda ler-se nesta obra que *ninguém que a tenha lido a achou fastidiosa. É um texto clássico, primeiro marco impresso da enfermagem moderna, fonte de dados para estudos e análises.*

Segundo Meyer (1995) a importância da tecnicidade em Enfermagem acompanha a historicidade da profissão, desde o final do século XIX, através de Florence Nightingale, correspondendo este período histórico ao modelo vocacional e disciplinar, segundo Meyer (1995) - Meyer D. (1995, pp. 63-78).

Os artigos descritos apresentam uma lista extensa bibliográfica inglesa, o que não surpreende, por ser o idioma de maior divulgação, neste sentido é relevante que os enfermeiros portugueses possam acrescentar versões já publicadas que aumentem a difusão do saber sobre uma figura incontornável na história da enfermagem mundial.

Em resumo, os autores nacionais dedicaram largas páginas relativas à vida e obra desta personagem que contribuiu para reformar a enfermagem, no modo de a concetualizar, de a praticar e ensinar. Reiteramos a opinião de Basto (1996, p. 23), quando escreve que falar de Florence Nightingale é falar da Enfermagem, da mudança social e do papel da mulher na sociedade.

A secção seguinte dedica-se à análise dos documentos sobre o legado deixado pela *Irmã Eugénia Tourinho*, descrita como a grande iniciadora do ideário de S. Vicente de Paulo no nosso país.

5.1.3 – O século XX - A Irmã Eugénia Tourinho - A Vivência do Ideal Vicentino

A Irmã Eugénia Tourinho consubstancia uma das Figuras Históricas do século XX e do ideal vicentino introduzido por si em Portugal. Foi a fundadora da Escola de Enfermagem de S. Vicente de Paulo em 1937, na qual veio a ser sua diretora durante 15 anos.

Oriunda do Brasil a Irmã Eugénia, nome porque era conhecida, pertencia à Congregação das Filhas da Caridade de S. Vicente de Paulo, sendo enviada para Portugal para trabalhar com as Irmãs portuguesas, para reestruturar este serviço.

Era enfermeira diplomada pela Escola de Enfermagem do Hospital «Des Peupliers de Paris», Escola Superior de Enfermagem de S. Vicente de Paulo (1997, p. 9) e Costa (1997, pp. 12-13)

A sua ação foi notável e constitui uma referência para a Enfermagem portuguesa e muito particularmente para a história do Ensino de Enfermagem. A este propósito, Ribeiro (1998,

p. 93) ³⁸ destaca que *a sua grande preocupação foi elevar o estatuto da profissão de enfermagem, tendo conseguido quebrar a barreira que então existia por parte de grande número de pais em permitir que as suas filhas viessem a exercer a enfermagem como profissão.*

A testemunhar a sua obra em prol dos mais pobres, doentes e carenciados, seguindo o espírito doutrinal de S. Vicente de Paulo, ela funda a Associação de Beneficência «Casas de S. Vicente de Paulo.

A propósito do seu carácter o Livro Escola Superior de Enfermagem de S. Vicente de Paulo (1997) sublinha (...) *De acordo com o carisma que lhe é próprio, as Filhas da Caridade dedicam-se aos mais pobres, aos mais desprotegidos e necessitados mas abrangendo um grande leque de actividades pois, segundo a lógica do seu Fundador “nenhuma miséria lhe deveria ser estranha”. Imbuída deste ideal a Irmã Eugénia empenhou-se a fundo nesta mesma missão. Como enfermeira dedicou-se aos doentes e logo se deu conta que a assistência prestada nos hospitais tinha que ser enriquecida e ampliada com novos conhecimentos. O apoio moral e espiritual era também outra necessidade. Isto fazia surgir no seu íntimo projectos de maior alcance e a sua criatividade, ousadia e coragem levaram-na a utilizar estratégias que foram uma inovação.* (...) p. 9.

A ela se deve a criação de um Dispensário para proporcionar a satisfação de algumas das necessidades das pessoas mais carenciadas da zona de implantação da Escola, na altura a funcionar nas velhas instalações de St^a Marta.

Ribeiro. (1988, p. 94) dá a conhecer o carácter dinâmico e empreendedor da Irmã Eugénia, demonstrando que em pouco tempo ela transformou essa zona negra e velha num agradável e alegre dispensário.

A autora salienta a excelente formação que detinha em Enfermagem e em Ciências Sociais e Humanas, Assim, o conhecimento avançado sobre Enfermagem, traduz-se na inclusão nos Cursos de Enfermagem das disciplinas de Higiene Mental, Psicologia, Sociologia, Alimentação, Administração, dando ênfase à História de Enfermagem e Ética e Deontologia.

O seu espírito inovador e as barreiras sociais que teve de enfrentar numa época difícil para a enfermagem em Portugal, estão presentes nos seguintes excertos (...) *O propósito inicial foi contactar jovens portuguesas e transmitir-lhes alguns conhecimentos de enfermagem de forma gratuita, preparando-as para poderem prestar uma melhor assistência aos*

³⁸ RIBEIRO, Dília de Almeida Ribeiro. A Escola de Enfermagem de S. Vicente de Paulo – Início e Evolução Perspectivas Futuras. Servir Vol. 36 n° 2 março/abril 1988 pp. 91-103.

pobres e doentes, de forma humana e eficaz, para a resolução de muitos dos seus problemas e necessidades, aliviando o seu sofrimento.

Ao valorizar estas jovens que ocorriam ao seu apelo - apesar da resistência dos pais que não viam com bons olhos esta inovação, pois ser enfermeira era, a esse tempo, tarefa pouco dignificante - procurava dar-lhes uma preparação fundamentada em princípios científicos, com a finalidade de uma prestação de cuidados de enfermagem de qualidade.

Estes objectivos a que se propôs, não foi tarefa fácil (...) Porém a sua tenacidade venceu as barreiras e o seu sonho foi-se tornando realidade. (...) Escola Superior de Enfermagem de S. Vicente de Paulo (1997, p. 9).

E tanto assim foi que as enfermeiras diplomadas pela Escola de S. Vicente de Paulo conhecidas por *Enfermeiras da Irmã Eugénia*, gozavam de grande prestígio junto da comunidade, mercê da formação caracterizada pelo amor ao próximo e pelo interesse de fazer o bem.

Em 21 de julho de 1952, a Irmã Eugénia é graciada pelo Ministro do Interior com as insígnias da Ordem de Benemerência pelos serviços prestados à Enfermagem Portuguesa, durante os 15 anos da sua permanência em Portugal.

De volta ao Brasil, deixa a obra feita, em Portugal, que muito contribuiu para a elevação do nível da Enfermagem.

A subsecção que a seguir apresentamos pretende dar a conhecer alguns dos fundamentos que estiveram na origem do movimento profissional na perspectiva de alguns dos autores a que submetemos os seus artigos à técnica de análise de conteúdo.

5.1.4 – A génese da Profissão sob a lupa dos Enfermeiros Portugueses

De acordo com os critérios definidos, a codificação dos títulos dos artigos, revelou que as áreas temáticas relativas à Profissionalização de Enfermagem, estão diretamente relacionadas com o papel desempenhado pelas estruturas profissionais: as Associações Sindicais, as Organizações Profissionais, as Escolas de Enfermagem e as Instituições de Saúde, particularmente os Hospitais.

Contudo, foram as estruturas associativas de classe nacionais as grandes pioneiras na defesa dos interesses da enfermagem, tendo desempenhado um papel relevante na denúncia das situações de ilegalidade do exercício profissional, particularmente, na primeira metade do século XX. Os primeiros periódicos corporizavam estas grandes reivindicações fazendo eco das pretensões das associações no sentido de pôr cobro a este estado de coisas.

A situação a nível nacional era caótica. Em muitas regiões do país, geralmente as mais periféricas não existia nenhum enfermeiro possuindo qualquer certificação ou diploma de uma Escola de Enfermagem para o exercício da atividade. Esta circunstância tornava-se bastante favorável a que curandeiros e charlatães se dedicassem a práticas curativas. Algumas das quais, atribuídas aos enfermeiros.

Assim, e de um modo muito particular foi bastante visível a intervenção dos primeiros periódicos da responsabilidade das associações de classe sobre a defesa dos interesses dos enfermeiros e na formação da opinião pública contra a ilegalidade do exercício. A corroborar esta afirmação é bastante expressivo o número de artigos publicados sobre situações de *curandeirismo* e *charlatanice*, constituindo um dos assuntos mais galvanizadores entre autores e editores.

A título de exemplo *O Enfermeiro Português* dedica 12 artigos no conjunto de 14 aos assuntos relacionados com a *legalização*; a *organização da profissão*; a *necessidade de profissionalização do Ensino de Enfermagem*; a *missão do enfermeiro*; o *apelo à união de classe* e a *ação da enfermagem laica e religiosa*.

Embora, a exclusividade destas matérias não tenha pertencido apenas a este periódico, contudo, o facto de ser o primeiro e um dos que mais se insurgiu contra esta situação, constitui uma referência na compreensão do movimento da profissionalização.

O estatuto social da Enfermagem retratado pelos autores nas décadas de 20, 30, 40 e 50 e publicado pelos periódicos *O Enfermeiro Português*, *A Enfermeira*, *O Arquivo do Enfermeiro* (IIª Série), *Ecos da Enfermagem* e a *Revista de Enfermagem* era comparável a um conjunto de práticas desenvolvidas por um conjunto de indivíduos sem qualquer preparação, que aproveitando-se da miséria e da necessidade dos grupos mais desfavorecidos da sociedade, com a cobertura de determinados grupos profissionais entre os quais médicos, farmacêuticos e ajudantes de farmácia concorriam deslealmente com os enfermeiros no exercício legal da atividade.

Foi contra esta situação que no ano de 1929, se insurgiu o periódico *Enfermeiro Português*, em que no seu editorial publicado no número um deixava muito clara a sua intenção de lutar contra este estado de coisas, como se observa no seguinte excerto:

(...) «**O Enfermeiro Português**», além de tudo isto, combaterá acerrimamente os curandeiros, curiosas, charlatães, etc., estampando os seus nomes e feitos nas suas colunas (...).

O editorialista faz um apelo aos enfermeiros para reagirem contra a situação, incitando-os a *despertar do desinteresse e alheamento que apresentavam*. Recorde-se que esta atitude de passividade e de alheamento apontada à classe de enfermagem, estaria na origem do cancelamento do primeiro periódico *O Arquivo do Enfermeiro* (Iª Série).

O editorial e o artigo «*Pela Classe de enfermagem A questão dos Diplomas*», publicado por *O Enfermeiro Português Revista Quinzenal dos Profissionais de Enfermagem e Propaganda do Grémio dos Enfermeiros de Terra e Mar do Norte de Portugal*, p. 11, revela a opinião do autor que lamentando o desinteresse e alheamento a que a classe dos enfermeiros, dá ao assunto, que atribui à (...) *desunião e a apatia em que a classe de enfermagem tem vivido desde sempre, obstou a resolução dum problema que reputamos o mais importante de todos...mostrar o que representa o reconhecimento legal dos diplomas dos enfermeiros, será talvez tentativa desnecessária, porquanto deve estar no espírito de todos.*

O país tendo vivido há pouco tempo as lutas da República e a extinção das ordens religiosas atravessava uma grave crise, com fortes consequências na organização dos Hospitais pois que se até aí a assistência fora prestada pelas ordens religiosas, com a sua extinção, e situação de carência de enfermeiros, tornam a assistência numa situação paradoxal.

Assim, a conjuntura já por si bastante desfavorável à enfermagem, constitui um alvo fácil à especulação de grupos sociais.

A defesa dos interesses da classe sendo corporizada pelas associações e pelos periódicos profissionais conta ainda com a aliança dos jornais diários que criticando a situação fazem eco das aspirações dos enfermeiros.

Este problema assumiu tal importância, que após decorridos catorze anos, sobre a publicação do Periódico, a imprensa diária, publicava uma carta escrita por um ajudante de farmácia a 26 de maio de 1943 no Diário Popular, e a que o enfermeiro Rôxo respondeu no seu artigo sob o título «*Profissões Antagónicas...*» publicado no nº4, junho de 1943 do *Arquivo do Enfermeiro* (IIª série), pp. 49-51.

A sua contestação dirigia-se contra o facto dos ajudantes de farmácia, praticarem algumas actividades que pertenciam ao exercício da enfermagem, com a anuência dos próprios clínicos e dos farmacêuticos.

Os excertos retirados do artigo parecem ser escritos sobre a forma de diálogo, entre estes dois interlocutores, cada qual defendendo os seus pontos de vista.

Escreve o enfermeiro *...nessa carta chamávamos a atenção de quem de direito para um sem número de indivíduos que sem diploma algum que os habilitasse a fazer enfermagem, a vêm fazendo, a coberto – muitos deles – da protecção que lhes é dispensada por vários Snrs, clínicos.*

Este, vai mais longe ao criticar o facto de existirem indivíduos que não tendo qualquer conhecimento de assepsia, aplicarem injecções ou pensos, considerando que melhor do que isso faziam eles próprios.

Os ajudantes de farmácia sustentam que *o enfermeiro barafusta indignado pelo facto de nos insurgirmos assim contra uma classe pela simples razão de um ou outro ajudante de*

farmácia aplicar esta ou aquela injeção e fazer este ou aquele penso, quando afinal há para aí tantas pessoas que sem noção alguma do que seria assepsia fazem o mesmo ou pior ainda! E acrescenta ...Os ajudantes de farmácia deveriam ser autorizados a fazer certos serviços de enfermagem, para os quais estivessem habilitados, visto que em caso de necessidade, são por lei obrigados a prestar socorros (...)

O enfermeiro defende a sua opinião mostrando-se contra a posição dos ajudantes de farmácia a fim de lhes ser concedida autorização para executar certos serviços de enfermagem, desde que para isso estivessem habilitados, contudo, (...) *a profissão de ajudante de farmácia não contém nenhuns ensinamentos, por mais rudimentares que sejam, que se relacionem com o exercício de enfermagem.*

(...) há cerca de um ano, a Ordem dos Médicos, definiu quais eram as pessoas consideradas como auxiliares de medicina, e que poderiam exercer a profissão de enfermagem, recorda-nos que não vimos os ajudantes de farmácia incluídos nesse número. ... os ajudantes de farmácia, a quem conjuntamente com os demais pseudo-enfermeiros, classificamos de intrusos ...a quem se arroga o direito de exercer uma profissão para a qual não está legalmente habilitado.

Afigura-se-nos que o maior número de pessoas a quem a carapuça melhor se ajusta, é sem dúvida aos farmacêuticos e ajudantes de farmácia e por isso os enumerámos em primeiro lugar.

Apelidámo-los de intrusos e foi, sobretudo, esse adjetivo que mais exasperou um dos nossos descontentes.

A este propósito, também Afonso (1929), diretor do periódico *O Enfermeiro Português* no artigo sob o título - Orientando o ensino profissional - afirmava que (...) *a maior parte dos indivíduos que exerce a Enfermagem, profissionalmente desconhecem qual a missão que lhes incumbe na vida, os seus deveres, as suas obrigações e até onde vão os limites da sua nobre arte (...) p. 1.*

Todavia, o autor deixava um aviso, de, que, se à enfermagem portuguesa lhe fossem dadas outras condições, entre as quais a formação e organização profissional, o país seria dotado de profissionais competentes.

Os seguintes excertos interpretam essa preocupação:

(...) Deem-lhe boas escolas, entreguem a sua instrução científica nas mãos dos lentes conhecedores dos deveres do enfermeiro, facilitem o ensino prático, seleccionem os candidatos a este nobre métier, escolham deles somente aqueles que tenham para este mister uma decidida propensão e, principalmente organizem sobre bases sólidas o ensino, formem cursos completos, defendam os diplomados por uma lei organizada com inteligência e verão o que é amanhã a classe de Enfermagem nacional, votada até hoje ao mais total ostracismo (...) pp. 1-2.

Pelo exposto, pode parecer que as dificuldades em torno da classe seriam apenas externas, no entanto, também internamente existiam sinais de grande desorganização e desunião e

alheamento dos seus próprios problemas. Daí, a necessidade de sucessivos apelos em torno da união e da adesão às atividades de classe. É exemplo disso a convocação feita aos enfermeiros para fazerem parte do 2º Congresso de Enfermagem, evento considerado da maior importância.

Assim, o nº 4 do *Enfermeiro Português* editado a 31 de dezembro de 1929, com o título - *Tocando a reunir - O 2º Congresso dos Enfermeiros Portugueses* - reflete a necessidade de união de todos os profissionais.

O autor José Maria Pereira Bravo a propósito do 1º Congresso de Enfermagem escrevia: (...) *Realizou-se o Primeiro Congresso, ventilaram-se muitos trabalhos, muitas obras a empreender em prol da Classe...*

(...) *Por isso, só e somente, unidos numa vontade firme, poderemos demonstrar quanto vale o querer e poder da classe de Enfermagem na realização das suas justas aspirações, em prol do seu aperfeiçoamento moral e intelectual.*

(...) *por forma a impulsionar os Profissionais de Enfermagem Nacional a caminho do Congresso, do qual muito teremos a esperar de útil.*

(...) *Da união e boa-vontade dos Enfermeiros Portugueses depende a realização do Congresso Nacional de Enfermagem (...)* p. 15.

Do que documentámos anteriormente, observa-se que as origens dos movimentos profissionais eram bastante tumultuosas e difíceis. Conjunturalmente, também, os tempos conturbados pela IIª Guerra Mundial, que afectando o quotidiano de todos os cidadãos em todo o mundo, não se mostravam nada favoráveis à organização da enfermagem. No entanto, os periódicos fazem referência ao papel desempenhado pelos enfermeiros no campo de batalha.

Este clima social que se vivia, estava estampado nas páginas da imprensa nacional política e generalista, não se ficando por aí, pois que, exerceram forte influência nos periódicos profissionais *A Enfermeira*, e a *Voz do Enfermeiro*.

Lima (1940) no artigo sob o título *Hora actual* publicado no nº 4 *Enfermeira* descreve esse ambiente deste modo:

(...) *O mundo está atravessando neste momento (1940) uma fase bastante crítica. Como em 1914 quasi toda a Europa está em guerra (...) sempre que uma catástrofe desta se desenrola atirando para os hospitais centenas e até mesmo milhares de feridos.*

Guerra! Eis a palavra que se ouve em todas as bocas. E quando deixará de haver guerra? Não é possível sabê-lo; a hora é de egoísmo e de ambição.

A propósito da Intervenção das enfermeiras em tempo de Guerra a autora salienta algumas particularidades como sejam a visão da enfermagem com um sentido vocacional, a colaboração com o médico com um significado de dominação e de poder sobre o doente e sobre a enfermeira, contudo estão presentes entre outras qualidades morais; a abnegação, a caridade, o espírito de sacrifício e a bondade.

Conforme referência anterior este periódico espelha bem a ênfase que é dada ao papel da mulher e da mulher enfermeira, fazendo sobressair as suas características. É evidente, que não surpreende esta referência de género, pois que, tratando-se de um periódico profissional e em que à época a enfermagem era quase na totalidade exercida por mulheres, é natural que os autores se refiram a essa circunstância, como o demonstra os seguintes excertos:

(...) São as enfermeiras as melhores colaboradoras dos médicos, aquelas a quem eles confiam os seus doentes depois de lhes terem ministrado os seus proficientes serviços.

Começa então o trabalho da enfermeira que não deixa a cabeceira dos doentes enquanto não lhes for restituído o seu bem-estar, dispensando-lhes todos os cuidados necessários numa vida cheia de responsabilidades e abnegação.

É ela que lhes leva um pouco de conforto no momento em que sofrem física e moralmente (...).

(...) vós que fazeis parte de um exército de paz espalheis à vossa volta os dons com que Deus vos dotou tornando-vos o exemplo da fraternidade cristã .

Precisa a enfermeira ter, para ser tanto quanto possível perfeita: Vocação – pois em vocação nunca será uma boa enfermeira;

Espírito de sacrifício...

Bondade – que é o maior bem do coração da mulher;

Coragem (...)

E tantas outras qualidades como: dedicação, fé, espírito de observação, uma alegria sã, nunca esquecendo um respeito absoluto pelo segredo profissional pp. 4-5.

Relativamente, à Ação da enfermeira também o *Arquivo do Enfermeiro* nº 3 de maio de 1943, sobe o título *Carteira do aluno A ENFERMEIRA* descreve:

(...) A enfermeira tem o seu campo de acção definido. Como se conserve continuamente junto dos doentes, tem que observar durante as 24 horas, cujo conhecimento pode ter um grande valor um médico atento e que lhe é impossível constatar por visita quotidiana, ou mesmo por uma visita de manhã e á tarde. Uma crise dolorosa, um acesso de febre, podem ser sinais de grande importância que passam despercebidos, se a enfermeira os não observar e os não assinalar, quais são portanto os pontos que uma enfermeira, digna deste nome, deve consignar no seu relatório diário que submete ao médico na hora da visita.

Porém, o Decreto-Lei 31: 913 de 12 de março de 1942, restringe os direitos das enfermeiras (...) *que reserva a mulheres solteiras ou viúvas sem filhos o tirocínio ou a prestação de enfermagem hospitalar, o que significa, na prática a proibição do casamento*, que apenas seria levantada com a publicação do DL 44.925 de 18/03/ 1963 – *que Autoriza o casamento a todas as enfermeiras dos Serviços de Saúde Oficiais.*

No entanto, com a publicação do Decreto nº 32: 612 de 31 de dezembro de 1942 foram introduzidas alterações significativas que reestruturavam a organização do ensino de enfermagem, passando o Curso de Geral de Enfermagem ministrado nas escolas tuteladas

pelo Subsecretário da Assistência Social – Ministério Interior – a ter a duração mínima de quatro semestres e os de especialização três meses a um ano. Todavia, é o seu artº 10 que estabelece a proibição do exercício profissional por pessoas que não estivessem habilitadas para tal (...) *A partir de 1 de Janeiro de 1944 será proibido o exercício público da profissão de enfermagem a quem não esteja munido de diploma, nos termos dêste decreto (...), com as devidas exceções incluídas no seu Parágrafo 1º - Exceptuam-se do disposto dêste artigo:*

- a) O pessoal de enfermagem que em 31 de Janeiro de 1942 tenha completado mais de 5 anos de prática profissional;*
- b) O pessoal que tenha mis de 2 anos e menos de 5 anos de tirocínio, der provas de aptidão profissional perante júris propostos pela Direcção Geral de Saúde.*

Esta situação seria regulamentada pelo Aviso da Direcção Geral da Saúde de 6 de maio de 1943 e publicado no Diário do Govêrno nº 107, 2ª série de 10 de maio, onde se pode ler (...) *Devem os enfermeiros requerer ao Exmº Director Geral de Saúde o registo do seu título de habilitação profissional (...).*

Todavia, a proibição do exercício profissional seria apenas regulamentado pelo Decreto-Lei 36 219 de 10 de abril de 1947 (...) *é expressamente proibido o exercício de enfermagem, a partir de 1 de Janeiro de 1951, desde que não possua o respectivo diploma e carteira profissional. Tudo o mais são infracções à lei, que, seja a que pretexto for, não deverá ser alterada arbitrariamente (...).*

Os seguintes excertos refletem a filosofia em que deveria assentar a profissão de enfermagem, exigindo-se um conjunto de conhecimentos teóricos e científicos para que a mesma tivesse um reconhecimento social de pleno direito idêntico a outras áreas profissionais, no sentido de acompanhar os avanços da medicina e a rapidez das mudanças sociais. O apelo a uma reforma do sistema de formação é um dos aspetos que sobressai do texto.

A Revista *Servir* de 1952 descreve o perfil da enfermeira num artigo da autoria da enefirmeira Maria da Cruz Repenicado Dias – *A educação actual da enfermeira*, como : (...) *As enfermeiras são membros da grande família da Medicina, e trabalham constantemente num campo que foi revolucionado por descobertas científicas.*

(...) *Têm de ter acesso ao conhecimento teórico, que resulta da investigação científica, mas importa também que desenvolvam uma atitude mental que as leve a resolver os problemas próprios no sentido igualmente científico.*

(...) *devem ter, necessariamente conhecimento dos métodos da ciência para cooperar com os médicos e outros que trabalham no campo da investigação.*

Porque as modificações da vida moderna são resultado em grande parte da ciência e da tecnologia, as enfermeiras têm de preparar-se para acompanhar essas rápidas modificações; requer-se, pois, um tipo de formação diferente da que seria necessária para uma sociedade relativamente estática (...) p. 10.

Mourão (1954) dá-nos conta dos Avanços da Enfermagem do ponto de vista social:
(...) *Quem há 25 anos pensaria em Portugal no predomínio da enfermagem como classe organizada e como profissão, sobre tantas outras?*
... a enfermagem sobe de ano para ano no conceito social e no seu nível técnico, cultural, moral e profissional.. Está patente; não é difícil comprová-lo.
(...) *Vive-se um momento assaz trágico no que assenta sobre as possibilidades mórbidas, aparte a existência de antibióticos e o constante aperfeiçoamento da habilidade manual de indivíduos, estruturadamente já apetrechados para obter de um moribundo um ser vivo. Mas a actualidade comporta um movimento mecânico tal como é essa mecânica que supera como entidade mórbida. A própria guerra, implica uma organização em que os engenhos são sempre mecanizados e assim a máquina e o explosivo bastam como óbice à química terapêutica e à medicina.*
(...) *a sociedade não pode agora passar sem o contributo de uma classe que, há pouco mais de meio século ainda, era exercida empiricamente, sem técnica nem lógica, apenas guiada – e nesse ponto muito bem - pelo amor de Deus e do próximo.*
A sociedade exige agora no seu seio indivíduos capazes de tratar os doentes como doentes fisicamente – exigência técnica – e como pessoas humanas, providas de alma – exigência da moral – o que modernamente se enquadra na expressão conhecida de «enfermagem psico-somática» pp. 31-32.

O autor faz ainda referência ao Desenvolvimento tecnológico e científico alcançados no sentido de dar resposta a uma exigência social e profissional, tornando-se como imprescindível no tratamento e prevenção das doenças e na assistência social.

A importância da especialização do conhecimento é uma outra dimensão que se encontra presente no artigo.

(...) *uma grande parte dos conceitos médicos estão alterados; subiu o grau de inteligência eficiente do homem sábio; há antibióticos, bombas atómicas e de hidrogénio.*
A enfermagem acompanha esse mundo da ciência e conhece técnicas de aplicação de variadíssimas terapêuticas. É uma profissão actual e indispensável à sociedade. Tão indispensável que começou já por se especializar, por se individualizar, dedicando-se a determinados campos: enfermeiras visitadoras, enfermeiras puericultoras, enfermeiras, enfermeiras propriamente ditas e até as assistentes sociais se enquadram na enfermagem - não a tratar das doenças, mas a despistá-las e a tratar do caso social do doente, da família, etc.

O excerto seguinte traduz os Fundamentos profissionais e disciplinares:

(...) *A enfermagem de hoje é capaz de pensar e agir consoante o seu pensamento. Mais, é capaz de transmitir a outros aquilo que pensa, escreve. Já lá vão os tempos em que se limitava a ouvir.*

As décadas de 60 e 70 foram bastante estruturantes ao nível do Ensino de Enfermagem, a partir da concepção dos Planos de Estudo de 65³⁹ e de 76, sendo a primeira vez que os enfermeiros portugueses tiveram responsabilidade na sua elaboração.

A exigência para a candidatura ao Cursos de Enfermagem assentou na melhoria das habilitações literárias, passando de 5 anos para 7 anos do Curso Liceal.

Os professores de enfermagem possuíam melhores conhecimentos de Pedagogia e de Administração, pela ação da Escola de Ensino e Administração de Enfermagem, e as alterações resultantes da revolução do 25 de abril de 74, Machado (1994).

Segundo Amendoeira (2006), as sucessivas reformas verificadas no ensino de enfermagem transferiram a centralidade na orientação técnica (1965), para a pessoa na organização da disciplina de enfermagem (1976).

A *Revista de Enfermagem* nº 2 de março/abril de 1973, publica um artigo intitulado - *Funções do Enfermeiro – Função e actividades do enfermeiro* da autoria do Grupo I sub-grupo do exercício (do grupo «ad hoc» para a revisão do exercício do ensino e pesquisa no sector de enfermagem), que fundamenta os princípios porque deve reger-se a profissão, nas suas diversas vertentes: Formação; Gestão; Investigação e Prática; devendo regere-se pelos princípios deontológicos e organizar-se em Associações com responsabilidade de elevar o nível da enfermagem.

Na categoria Formação do enfermeiro o grupo propõe que (...) *na formação do enfermeiro deverá procurar-se um equilíbrio entre a formação científica e humanística que lhe permita a todo o momento, e com qualquer tipo de cliente, estabelecer uma relação de ajuda eficaz (...).*

A Enfermagem como Profissão o grupo sustenta que (...) *os cuidados básicos implicam um conhecimento profundo do homem, não apenas de saúde, mas também como um todo... são indivisíveis os aspectos físico, mental, espiritual e social.*

(...) Como profissão a enfermagem deverá tomar a inteira responsabilidade da educação dos seus membros quer quanto à formação básica e pós-básica, quer à educação em serviço.

...a administração dos serviços de enfermagem deverá ser da inteira responsabilidade dos enfermeiros.

Como profissão a Enfermagem deverá assumir ainda a inteira responsabilidade da investigação no campo da sua actividade com o fim de determinar e precisar as necessidades do cliente e dos meios mais válidos para a sua satisfação.

É dever e necessidade da enfermagem, como profissão, estabelecer-se em associações profissionais com vista à elevação dos padrões de cuidados, à protecção dos direitos do profissional e a assegurar a observância dos princípios deontológicos que a

³⁹ DECRETO-LEI - 48: 448 de 20/07/1965 – Reforma do Ensino - Plano de Estudos – Curso de Enfermagem Geral. Lisboa: DGH, 1965, p. 107.

informam....as associações deverão poder fazer-se ouvir tanto no âmbito nacional como internacional sempre que estejam em causa os problemas fundamentais da profissão, tais como a educação e o exercício. pp. 3-13

Ao nível das décadas de 80 e 90 foram verificadas as maiores mudanças profissionais, decorrentes das alterações introduzidas pelo DL 480/88 de 23 de dezembro que estabeleceu a integração do ensino de Enfermagem no Sistema Educativo Nacional, ao nível do Ensino Superior Politécnico.

A Década de 90 e os desafios para a Enfermagem Portuguesa, categoria encontrada no artigo publicado na revista *Servir* Vol. 45 nº 1 pp. 21-25 sob o título: *O Ensino de Enfermagem de 1988 a caminho de 1998 O desafio de uma década*, da autoria de Lisete Fradique Ribeiro, sustenta que a década de 80/90, é a década que elegeu como de *enorme importância no ensino de enfermagem e que prevejo... fará história!* p. 25.

Não se enganou a autora, pois que volvidos que são 16 anos, a enfermagem portuguesa continua a pautar-se pela grande Reforma do Ensino de Enfermagem (DL 480/88 de 23 de dezembro).

Sobre o volume de produção de conhecimento a autora descreve que (...) *Nunca antes se tinha assistido a tanta produção de conhecimento, mesmo que nem sempre original, no âmbito da enfermagem e nunca antes tinham mobilizado tanto outras áreas de conhecimento na análise dos fenómenos de enfermagem e do seu ensino.*

(...) esta está a ser uma década para enaltecer, no que toca ao volume de trabalho teórico produzido no seio da enfermagem em geral e do seu ensino em particular.

(...) A existência de grande volume de informação produzida em vários contextos (mestrados, pós-graduação ou outros) tem de ser aproveitados para divulgar a produção teórica no campo da enfermagem e estimular o prosseguimento da investigação. p. 24

Recordamos, que é durante esta década que surge a publicação de novos periódicos, que se diversificam os conteúdos temáticos e se intensificam a produção científica nacional e a sua divulgação, a que anteriormente aludimos.

A importância do Acesso à Universidade por parte dos enfermeiros portugueses está presente nos seguintes excertos retirados do mesmo artigo:

(...) foi nesta década que algumas universidades abriram as suas portas às enfermeiras para a frequência de mestrados e que o Instituto Superior de Ciências do Trabalho e Empresa (ISCTE)... conferiu o grau de Doutora a uma colega nossa (a autora referia-se à Professora Marta Lima Basto)

(,..) já se estão a colher frutos da presença das enfermeiras em espaços académicos para além das Escolas Superiores de Enfermagem.(...). p. 24.

A partilha de diferentes áreas de conhecimento foi um dos assuntos sublinhados pela autora, que descreve como sendo sinais positivos na conquista da autonomia:

(...) O confronto com outras áreas do conhecimento, com outras formas de conceber o ensino e tipos de relação pedagógica mais autonomizante das que em geral se pratica nas Escolas Superiores de Enfermagem, não podem deixar de influenciar a prática pedagógica das docentes e o ensino de enfermagem.

(...) enorme capacidade de investimento na sua formação procurando corresponder às exigências colocadas por todo o processo de integração.(...) pp. 24-25.

Como refere Amendoeira (2006) assiste-se na enfermagem a uma evolução no sentido da construção de saberes que passaram a ser cada vez mais legitimados a partir do reconhecimento intra e extra profissional, na perspectiva de se reconhecer aos enfermeiros a capacidade para transferir para cada situação, os saberes que, constituídos e no conhecimento humano, de carácter mais ou menos científico, é utilizável pelo profissional que o mobiliza junto de quem dele necessita p. 220.

De qualquer modo, é inegável que nas últimas décadas a profissão de enfermagem portuguesa evoluiu de tal forma que conseguiu definir e ocupar o seu espaço com um conjunto de saberes específicos através da sustentabilidade da formação, do desenvolvimento da prática profissional cada vez mais complexa, diferenciada e exigente, da gestão efetiva de processos e de recursos institucionais, da investigação assente em modernos quadros paradigmáticos de evidências científicas, que se traduzem em cuidados de enfermagem de mais elevada qualificação técnica e científica.

Decorridos estes anos desde a publicação do 1º periódico em 1925, até ao momento actual, o desenvolvimento Profissional e Disciplinar de Enfermagem, apresentam um resultado muito positivo, que, apesar de todas as vicissitudes, os enfermeiros souberam aproveitar a conjuntura nacional e internacional favorável.

Em síntese neste eixo temporal - PERÍODO FORMAL - A ESCRITA DE ENFERMAGEM: Criação das publicações periódicas profissionais - pretendeu-se destacar e aglutinar um conjunto de documentos diversos, como manuais didáticos, sebentas, publicações em livros e periódicos, de autoria de médicos e de enfermeiros com relevância para a compreensão da evolução da profissão e da disciplina.

Ao longo dos seus capítulos e secções foi documentada a produção editorial dos enfermeiros portugueses numa larga janela temporal em estudo que compreende o século XX e início deste.

A Divulgação do Conhecimento nos Periódicos de Enfermagem Portugueses foi classificada em três grandes Períodos Cronológicos: **Período Inicático** ou de **Iniciação** (1925 a 1950), **Período de Transição** (1952 a 1980) e **Período de Consolidação** (1995 a 2009).

Ao primeiro corresponde a ação dos periódicos ligados aos movimentos associativos de classe, que contribuíram para denunciar a situação de curandeirismo e de charlatanice, com que alguns pretendiam confundir o exercício da enfermagem e dos enfermeiros.

Ao segundo período corresponde alguma indiferenciação no espectro da divulgação, sendo menos evidente a produção nacional tanto ao nível da publicação de livros como de periódicos.

Ao período de **Consolidação** corresponde a afirmação de uma produção sistemática de publicações em livro e periódicos, bem como, a consequente integração do Ensino de Enfermagem no Sistema Educativo Nacional ao nível do Ensino Superior, constituindo-se como elementos catalizadores à mudança e desenvolvimento da Profissão e da Disciplina.

Nos capítulos seguintes faremos alusão ao movimento verificado a nível nacional, particularmente nas duas últimas décadas, em que se observa um tão elevado volume de publicações científicas, que se torna quase impossível manter os enfermeiros a par de todo o conhecimento que é produzido.

O desafio sobre as suas capacidades de gestão do conhecimento, de modo a que o mesmo esteja disponível sempre que as necessidades assim o exijam, é fundamental. Assim, cada vez assume mais sentido o recurso à PBE e à RSL no rol das preocupações dos enfermeiros, independentemente da área de actuação em que se encontrem.

4 - EIXO IV - INÍCIO DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA FORMAL (1990 - 200...)

O período entre a última década do século passado e o início deste compreende uma parte do Período de **Consolidação da Divulgação do Conhecimento**, em que as mudanças mais significativas situam-se ao nível da publicação dos Periódicos *Referência* e da *Revista de Investigação em Enfermagem*, bem como de artigos científicos em todos os outros periódicos.

A divulgação do conhecimento tanto nos periódicos nacionais como internacionais, acaba por ser um imperativo que visa, por um lado, dar resposta aos requisitos académicos, ou às necessidades de progressão na carreira, ou mesmo que sendo fundamental à qualidade dos cuidados de enfermagem. Por outro, trata-se também de uma exigência ético-legal junto da sociedade civil, visto que o cliente, que procura os serviços do enfermeiro, é acima de tudo um cidadão que paga os seus impostos e, por isso, tem o direito a cuidados atualizados e de excelência.

A produção e a divulgação do conhecimento da enfermagem portuguesa estão na agenda das preocupações dos normativos profissionais propostos pela Ordem dos Enfermeiros, por qualquer das Associações Profissionais, do REPE, das Escolas de Enfermagem, ou mesmo ao nível dos Planos de Estudos dos Cursos de 1º e 2º Ciclos, em que o princípio de que sem produção, e sem a consequente divulgação de conhecimento, não haverá desenvolvimento social, profissional e disciplinar, e este deverá ser o norteador de cada estudante, professor ou enfermeiro seja qual for a sua área de atuação.

Muito embora, situemos o início de Produção Científica Formal no período de 1990 - 2009, contudo a década de 60 constitui um marco referencial ao nível da Formação Pós-Básica da Enfermagem Nacional, com o Curso de Enfermagem Complementar – Secção de Ensino e de Administração de Enfermagem, da Escola de Ensino e Administração de Enfermagem, em Lisboa, onde entre outras disciplinas se destaca a Investigação, como Metodologia Científica no processo de trabalho e da realização de um Trabalho de Investigação no final de Curso. Por conseguinte, podemos observar avanços significativos ao nível da Formação, a partir desta década, na medida em que a Investigação como disciplina começa também a fazer parte da formação básica e especializada dos enfermeiros.

As décadas de 70 e 80 são marcadas pela integração da disciplina de Investigação e Estatística nos Cursos de Enfermagem, ao nível da formação inicial e nos Cursos de Especialização em Enfermagem, e, mais recentemente na década de 90 e 2000, nos Cursos de Mestrado em Ciências de Enfermagem, na UCP e ICBAS de Doutoramento de Enfermagem na UCP e de Ciências de Enfermagem no ICBAS e UL.

Também, do ponto de vista normativo encontramos referência de que a legislação contemplava em 1991 a nomeação de um júri nacional, constituído por enfermeiros que tinham como objeto avaliar estudos ou trabalhos de investigação em Enfermagem, sendo, assim, criada em 1998 uma Comissão de Investigação em Enfermagem para a definição de áreas de investigação, mas o facto é que essa comissão nunca chegou a funcionar.

A investigação em Enfermagem tem de ser assumida como um desafio político caracterizado: pela abertura a novas práticas, aumentando a criatividade, representando uma dimensão de democracia social, influenciando as práticas e as tecnologias, promovendo a transformação na forma como nos organizamos, como trabalhamos, como nos relacionamos com os outros e no modo como se processa a aquisição de competências investigativas.

A investigação é uma forma estruturante do conhecimento que permite a quem a produz e a quem a utiliza a transformação da prática, quer da teoria à prática ou da prática à prática. É por conseguinte, a partir da interdependência dos saberes que o enfermeiro, quando questiona a própria Investigação, pode encontrar a sua própria teoria.

Se os saberes de Investigação em Enfermagem não trazem resultados para a ação, os seus objetivos ficam comprometidos, com implicações em todas as áreas seja a nível pessoal, seja profissional e da própria disciplina.

A propósito dos progressos da Investigação em Enfermagem Sagorro (1995) enfatiza que estes são uma realidade que nos levam à constante evolução da Enfermagem enquanto ciência, que assim se encontra estritamente ligada ao aumento do volume e da qualidade da sua produção científica

Apesar da mudança na Formação de Enfermagem, a autora refere que alguns dos trabalhos de investigação não têm tido repercussões na prática dos cuidados de enfermagem, colocando a responsabilidade na falta de apoio das estruturas organizacionais, o que, de certo modo, implica, da parte dos enfermeiros um esforço adicional a título individual, não apenas financeiro, mas também profissional e logístico, que muitas vezes colocam em causa esse esforço dispendido. É graças a uma atitude de abertura e interrogação sobre o que se descobre e sobre o que se pode fazer com o novo conhecimento, no âmbito da prática, que, ainda assim, os enfermeiros utilizam na prática, resultados da investigação.

A mesma autora propõe como estratégia de intervenção para a melhoria da qualidade de cuidados a abordagem de “investigação-ação”. O que na sua opinião lhe confere um instrumento de mudança organizacional, com ênfase no diagnóstico e avaliação contínua dos problemas e soluções.

Também, neste sentido, e ao nível da formação Pereira (1996), considera que a metodologia de investigação desperta nos estudantes a capacidade crítica, reflexiva, analítica e ética, uma vez que potencia a relação entre a formação-investigação envolvendo os serviços nas práticas de investigação.

Todavia, há enfermeiros que nunca mostraram interesse em fazer investigação na área da prática dos cuidados de enfermagem, apresentando-se-lhes não como uma ferramenta útil a quem a utiliza, mas antes como uma sobrecarga do volume e de intensidade de trabalho. Por conseguinte, há algum trabalho conjunto a desenvolver nesse sentido.

Quando existe por parte do utilizador/consumidor uma interação efetiva entre os resultados da investigação e a consequente aplicação no seu quotidiano diário, a prática do cuidado de enfermagem sai reforçada, porque se sustenta na evidência científica. Caso contrário, sempre que a prática se rege por princípios empíricos, pouco ortodoxos, mais não faz que reproduzir o cuidado de enfermagem de fraco rigor técnico e científico, que obstam ao desenvolvimento da própria disciplina e profissão.

Contudo, se a investigação pressupõe mudança e transformação e se a prática não muda ou muda muito pouco, a questão que se poderá colocar é se os discursos da teoria e da prática se encontram em consonância ou se não são antes contraditórios?

Manuel Amezcua (2003) numa conferência sobre *Mitos, reptos e falácias da investigação em enfermagem*, refere que os quatro argumentos mais invocados pelos Enfermeiros são de que: *a investigação em enfermagem se encontra num estado embrionário; para se ser um profissional competente há que ser um investigador; a investigação em Enfermagem é capaz de transformar a realidade e que a investigação em enfermagem necessita de tempo e recursos*, todavia considera que é fundamental superar estas quatro falácias.

Neste sentido, demonstrou que a produção registada na base de dados CUIDEN e REHIC nos últimos 10 anos correspondia a 25.000 artigos publicados de todo tipo, e que mais de 33.000 enfermeiras eram autoras de pelo menos um artigo em colaboração, e relativamente ao número de publicações internacionais, em igual período de tempo, foram publicadas 85 revistas de investigação em enfermagem.

Para os próximos anos considera como fundamentais três requisitos para a investigação em enfermagem: 1- *Tornar visível o potencial investigador do enfermeiro*; 2- *Escrever a ciência de enfermagem através da investigação*; 3- *Utilizar a investigação em enfermagem como estratégia emancipatória*.

Os resultados obtidos por Brito Alves e outros (2000) sobre *A compreensão e explicação da produção/reprodução do conhecimento no trabalho na enfermagem* no Brasil, demonstraram que os enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem não interiorizavam que produziam conhecimento, que a reprodução do conhecimento superava a produção e que a improvisação era a forma principal de produção do conhecimento numa óptica empirista/positivista.

Também, Ian English (1995) a propósito das investigações realizadas durante 22 anos no Reino Unido questionava a pretensão da enfermagem em ser uma profissão baseada na pesquisa. O autor cita os trabalhos de Clark e Hockey (1989) que reconheciam o contributo da investigação para a teoria de enfermagem em crescimento, mas que falharam, de uma maneira geral, em influenciar a prática clínica.

O mesmo autor refere ainda, que Walsh e Ford (1989) concluíram que na prática de enfermagem ainda prevalecia a rotina e o ritual.

O Relatório Briggs (1972) recomendava aos enfermeiros, como forma de controlar a profissão, então deveriam ser capazes de justificar as suas acções e decisões e definir os seus próprios padrões e níveis de competências das especialidades apropriados. Isso exigiria uma base de conhecimento de enfermagem que, por sua vez, necessitaria de investigação. No mesmo documento, são apresentadas as conclusões do estudo de Smith, levado a efeito em 1971, que reconheciam que apesar do crescimento da pesquisa de enfermagem, da disponibilidade de fundos, de sociedades de investigação e da grande expansão de investigação académica e de inúmeros estudos terem dado origem a uma série de doutoramentos e mestrados e obtenção de distinções académicas, não se registava qualquer benefício demonstrado para o doente. O autor questionava, então:

“ Será que a prática da enfermagem reside no conhecimento baseado numa investigação sistemática? »

O autor concluiu, que dada a existência de uma prática ritualizada e rotineira não podia confirmar a pretensão de a enfermagem ser uma profissão baseada na investigação.

As razões apontadas pelos enfermeiros para a não aplicação dos resultados de investigação na prática clínica foram estudadas por Massarollo e outros em 1986, sendo as seguintes: 19% falha na divulgação dos resultados das pesquisas, 18,5% falta de acesso às publicações por falha na divulgação interna na instituição, 10,7% falta de tempo para desenvolver pesquisa operacional e falta de recursos humanos para operacionalizar os resultados, seguindo-se a falta de recursos materiais e financeiros com 9,5 e 8,9%, respectivamente.

Contudo, neste estudo foram ainda encontradas outras razões de ordem mais pessoal como sejam a falta de tempo disponível para leitura (7,1%), incredibilidade em relação à

operacionalização dos resultados e falta de interesse em adquirir publicações científicas (4,8%), falta de interesse para desenvolver pesquisa operacional com 4,2% e complexidade na forma de redacção da pesquisa, acarretando dificuldade de leitura.

Estas conclusões são consentâneas com os estudos citados pela revista *Nursing Research* entre 1970 e 75 em que apenas 27% dos estudos publicados tinham uma importância directa para a prática.

Ian English (1995), apresenta os resultados de investigações realizadas sobre *as razões pelas quais a investigação não influencia a prática clínica*, sendo: *as enfermeiras não lêem literatura relevante e por isso não estão a par dos resultados das investigações Barnett, 1981; Myco, 1980; Hunt, (1987);*

Os clínicos são cépticos quanto à utilidade prática da investigação Sheehan, (1986) e exigem uma condução mais explícita de como aplicar melhor as descobertas da investigação Robinson, (1987);

A falta de investigação de grande qualidade apropriada para aplicação clínica Wilson-Barnett e col., (1990);

Um excesso de descobertas da investigação (algumas delas contraditórias) Hunt, (1987);

Um lapso de tempo (onde os resultados das pesquisas existem mas ainda não foram postos em prática) MacGuire, (1990);

Problemas na comunicação dos resultados Hockey, (1987);

Ausência de uma cultura de investigação em escolas de enfermagem e a falha da investigação em conduzir o ensino de enfermeiros Smith, 1979; Hunt, 1987; Clark e Sleep, (1991).

Os resultados obtidos por Brito Alves e outros (2000) sobre *A compreensão e explicação da produção/reprodução do conhecimento no trabalho na enfermagem* no Brasil, demonstraram que os enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem não interiorizavam que produziam conhecimento, que a reprodução do conhecimento superava a produção e que a improvisação era a forma principal de produção do conhecimento numa óptica empirista/positivista.

Do exposto, sobressai a relevância da investigação na transferência do conhecimento científico para a prática. Contudo, esta tem sido apontada como um dos principais obstáculos, pelo que o conhecimento empírico, baseado na tradição e nas «rotinas do dia a dia» são fortes entraves à afirmação disciplinar da Enfermagem.

Todavia, se é verdade que a prática é por excelência o contexto onde se processam a transferência dos saberes, se recriam as situações reais e se interpretam os resultados de investigação, não é menos verdade que é fundamental que se crie um clima favorável ao desenvolvimento de competências para agir para a ação, com políticas profissionais, em que sejam identificados os obstáculos e também as soluções. O reverter da situação, poderá passar pelo acompanhamento mais de perto da prática, orientando e reflectindo com os

enfermeiros prestadores de cuidados nos vários contextos, implicando as organizações e os seus líderes, criando condições logísticas para que a prática seja baseada na evidência, rompendo com práticas inadequadas.

Para isso, o esforço tem de ser conjugado, entre os que produzem e divulgam a investigação e os que a utilizam, nem que para isso seja necessário proceder a um maior envolvimento, intercâmbio e partilha nas diversas fases de elaboração da pesquisa, com vista a um clima de confiança e de aprendizagem, procurando sinergias e modelando os obstáculos. O enfoque na investigação poderá revelar-se numa ocasião geradora de reciprocidade de conhecimento, na medida que se conhece o que os outros produziram e também se dá a conhecer aos outros o que foi capaz de se pôr em ação.

Ao longo de toda a pesquisa temos vindo a sublinhar que a divulgação do conhecimento científico produzido é fundamental ao desenvolvimento profissional, mas para que isso ocorra a prática tem de ser considerada uma estratégia que integre os resultados de investigação, ou seja, as melhores evidências científicas, de uma forma integrada sistematicamente e não de forma ocasional ou apenas esporadicamente.

Assim, a integração dos resultados de pesquisa têm de ser encarados como o sustentáculo da prática clínica, do qual o resultado deste conhecimento se organiza em torno de um processo dialético e de reciprocidade, em que a teoria fundamentando a prática lhe confere cientificidade e esta prática reforça as convicções científicas teóricas. Deste processo de conhecimento resulta o maior enriquecimento científico, contribuindo para o esbatimento do fosso em que muitas vezes investigadores e os clínicos se encontram.

Já, o afirmámos anteriormente que um dos pressupostos fundamentais para que a enfermagem seja uma profissão dotada de maior autonomia, inclui cuidados de enfermagem com qualidade e excelência, o que pressupõe que assentem em evidências científicas.

French (2002) define evidência como verdade, conhecimento, informação relevante que confirme ou refute uma crença, achados de pesquisa primária, revisões sistemáticas e metanálises.

Um dos propósitos da prática baseada na evidência é a garantia de que os cuidados de enfermagem são fundamentados em evidência científica válida, relevante o que resulta em pesquisa e avaliação robustas. Craig e Smith (2004) e Souto (2010).

Gray (1997) descreve a prática baseada na evidência como «fazer bem as coisas certas», isto é a prática das ações obedecem a padrões elevados e eficazes, assegurando ao enfermeiro que o que faz, é bem feito, alcançando os melhores resultados.

Por conseguinte, esta tem particular importância, pois trata-se de uma ferramenta útil, que consiste numa forma de síntese dos resultados de pesquisas relacionados com um problema específico que é vivenciado na prática. Neste conjunto de redes encontram-se disponíveis em acesso aberto (*Open Access*) não apenas o resumo (*Abstract*), mas também textos completos (*Full Text*) e informação adicional de contacto entre os autores, permitindo a partilha do conhecimento científico.

Segundo Pedrolo (2009, p. 761) a prática baseada na evidência assenta no conhecimento tácito, nas experiências, valores e habilidades do profissional, adquiridos através da observação e da prática.

A OE (2006) sublinha a associação entre a autonomia da profissão e o aumento do conhecimento adquirido através da investigação, e este quando utilizado na prática, permite desenvolver a qualidade dos cuidados e otimizar os resultados em saúde. Assim, a enfermagem baseada na evidência constitui um importante instrumento, para a tomada de decisão, sobre as melhores intervenções a prestar, tendo por princípio a integração dos melhores resultados científicos, procedentes de investigação original e aplicáveis às diferentes dimensões da prática.

Os resultados atualizados de investigação, quando usados para suportar as decisões clínicas, permitem aumentar a probabilidade dos resultados esperados.

As vantagens da utilização da prática baseada na evidência podem ser sintetizadas:

- Favorece a incorporação dos resultados de investigação na prática profissional;
- Proporciona a atualização constante da revisão do saber anteriormente adquirido;
- Fomenta a formação contínua dos profissionais;
- Proporciona a gestão e racionalização dos recursos;
- Promove o intercâmbio multidisciplinar e de graus de experiência e de conhecimento.

Deste modo, a prática baseada na evidência assenta na conjugação da tríade que tem em conta: a síntese da melhor evidência externa, a experiência do profissional e os valores e preferências do utente.

Pelo exposto, observa-se que a utilização dos fundamentos da prática baseada na evidência de forma correcta e convicta, faculta um maior sentido de reflexão, de questionamento e de observação mais cuidadosa, o que permitirá ao enfermeiro atingir dois grandes objetivos, melhorar a qualidade de vida e bem estar das pessoas ao seu cuidado, e, complementarmente melhorar os seus níveis de satisfação e de *performance* profissional.

Todavia, para isso, exige ao enfermeiro a aposta na formação, seja ao nível da auto atualização, ou da formação formal, pois que sendo fundamental ao exercício, justifica-se pela rapidez com que o conhecimento é produzido.

Atualmente, são diversas as formas de obter o conhecimento sobre a PBE e RSL, pois que, existe um conjunto bastante apreciável de bibliografia relevante, plataformas *on line*, e formação específica acessível aos enfermeiros que lhes permite aceder a este recente conhecimento.

Na conjuntura atual, ao nível da edição de periódicos e do volume de artigos publicados nas redes *on line* nas Bases de Dados Indexadas é de tal ordem de grandeza, e emerge com tal rapidez, que exige dos utilizadores competências específicas de pesquisa e de busca. Trata-se de uma tarefa complexa, exigindo um conjunto de competências que abarcam os conhecimentos de enfermagem avançada, de investigação avançada, o domínio de ferramentas informáticas, de pesquisa e busca, de atitudes de reflexividade e de juízo clínico, sem as quais se torna difícil fazer uma gestão adequada de todo este volume de conhecimento.

Porém, após a consulta, outras competências são indispensáveis pois logo que se tenha a informação é fundamental que se decida o que fazer com a mesma, é que, este tipo de pesquisas desenvolvidas de forma criteriosa, embora fornecendo um conjunto de informações corretas, que ajudam na tomada de decisão clínica, não podem substituir o raciocínio e a experiência do enfermeiro.

O facto de haver suficiente investigação e evidência, não quer dizer que o enfermeiro ponha de parte o seu sentido de julgamento clínico, de auto-crítica e de vigilância acerca da qualidade da evidência, pelo contrário, requer uma atitude de discernimento, clareza e cuidado na sua aplicação. O esforço intelectual de reflexividade e de crítica, em relação às metodologias e aos resultados alcançados em diferentes contextos, tem de ser constante e sistemático.

No que concerne aos contextos da prática, será importante que desenvolvam uma cultura profissional e organizacional, baseada no conhecimento científico e na partilha, no sentido de serem encontradas estratégias institucionais que proporcionem aos enfermeiros maior acessibilidade ao conhecimento produzido e divulgado, com o envolvimento de todas as suas estruturas.

Por conseguinte, a enfermagem baseada na evidência garante que os cuidados sejam fundamentados em princípios científicos válidos e relevantes, sendo possível obter informações precisas e especializadas. O que na circunstância é uma exigência social e ético-deontológica, por estarem em causa valores fundamentais, como sejam: a saúde e a qualidade de vida dos utentes, e igualmente, o trabalho das equipas e a eficácia institucional, no seu objetivo de prestar cuidados de saúde com qualidade e de excelência.

As revisões sistemáticas constituem uma ampla fonte de dados sobre determinado tema, que sendo disponibilizadas *on line* a partir dos resumos das evidências, obedecem a uma estratégia de consulta específica, consistindo na aplicação de métodos explícitos e sistematizados de busca. Neste conjunto de redes encontram-se disponíveis em acesso aberto (*Open Access*) não apenas o resumo (*Abstract*), mas também textos completos (*Full*

Text) e informação adicional de contacto entre os autores, permitindo a partilha do conhecimento científico.

Estas são particularmente úteis para integrar as informações de um conjunto de estudos realizados separadamente sobre determinada intervenção, que podem gerar resultados coincidentes ou conflituantes, bem como identificar assuntos que necessitam de evidência, ajudando na orientação de futuras pesquisas.

A Revisão Sistemática da Literatura assume-se cada vez mais como fonte de evidência para organizar o crescente número de produtos, de intervenções e de informações científicas, Lopes e Fracoli (2008), apresenta-se em substituição ou em complementaridade às formas mais clássicas de revisão da literatura.

Esta visa sintetizar de forma rigorosa as investigações realizadas com uma questão científica, sendo um recurso relevante na prática baseada em evidências, consistindo numa forma de síntese de resultados e pesquisas relacionados com um problema específico.

Este procedimento desenvolve-se de forma sucessiva, que envolve um conjunto de fases que tem como princípios gerais a exatidão na busca dos estudos analisados, a seleção dos mesmos com base em critérios de inclusão e de exclusão, a avaliação metodológica, a quantificação do efeito das intervenções por meio de técnicas estatísticas. Galvão, Swada, Trevizan (2004).

A rapidez com que atualmente o conhecimento é publicado, através das Bases Indexadas de Dados disponíveis em suporte informático integram as redes do futuro, vindo a substituir a pesquisa primária nas tomadas de decisão em enfermagem.

Reconhecemos, que esta medida, embora seja muito recente, tenha já um vasto público entre os enfermeiros portugueses, muito embora, ainda seja bastante insuficiente o número de enfermeiros nacionais que tenham publicações nas redes internacionais.

Em concreto, o Período de **Consolidação** do Conhecimento é distinto dos Períodos anteriores, pela quantidade e qualidade da produção e divulgação científica que os enfermeiros devem trilhar tanto a nível nacional como na senda da internacionalização, assunto que reservamos para o derradeiro e seguinte Eixo desta **tese**.

5 - EIXO V - A DIVULGAÇÃO DO CONHECIMENTO DA ENFERMAGEM PORTUGUESA NA SENDA DA INTERCIONALIZAÇÃO

O conceito de internacionalização tem aplicação em diversas áreas, muitas vezes conhecido como globalização, ou mundialização, no entanto quando se trata de divulgação do conhecimento, o primeiro termo é o mais frequentemente utilizado.

O próprio conceito de internacionalização encerra o significado de valorização dos recursos nacionais, em duas perspetivas, a primeira determinada pela evolução do próprio conhecimento profissional, e a segunda pela amplitude do espaço de referência do próprio investigador, pois que se abrem horizontes e se criam pontes.

Conforme o sublinhado nos capítulos anteriores as duas últimas décadas foram bastante relevantes pela explosão do volume de publicação de investigação, o que significa o grande dinamismo do conhecimento da enfermagem nacional, muito pelo mérito da atividade científica desenvolvida a nível académico dos enfermeiros, particularmente a partir da década de 90 do século anterior com os graus de Mestrado e Doutoramento sobretudo da área da Enfermagem (UCP, ICBAS e UL).

O realce anterior situou-se na particularidade da divulgação do conhecimento à escala nacional, contudo consideramos que a internacionalização do conhecimento é hoje a grande rede de divulgação que se depara à enfermagem nacional. Esta representa para todos os enfermeiros e muito particularmente para os investigadores uma janela de oportunidades se encontra aberta a todos aqueles que desejem ampliar os seus contactos e divulgar os seus trabalhos. Já não basta aos enfermeiros portugueses a divulgação apenas no território nacional, espera-se que ampliem o seu espaço de influência, que demonstrem às outras comunidades científicas o seu capital intelectual.

A construção da Disciplina de Enfermagem, desenvolve-se também por via do conhecimento que os enfermeiros forem capaz de consumir, produzir e de difundir individualmente, mas sobretudo em equipa. O estabelecimento de parcerias e a partilha de saberes e de «massa crítica», que exerçam influências e com capacidade de supervisão e monitorização técnica e científica, são indispensáveis a quem pretenda aceder à investigação de uma forma regular. Todavia estas parcerias e partilha de conhecimento, para além da dimensão nacional têm de ser alargados cada vez mais à escala internacional.

A grande aposta dos enfermeiros para além da capacidade já demonstrada em contexto nacional, tem de assentar numa estratégia de divulgação científica numa escala mais global.

Não basta que sejam capazes de utilizar o conhecimento produzido pelos seus pares, a nível nacional, torna-se indispensável que seja utilizado complementarmente o conhecimento internacional, tanto mais que num país como o nosso com poucos recursos, nunca teremos capacidade de produção de conhecimento em larga escala, tanto quanto os cuidados de enfermagem, a formação, a gestão e a investigação o exigem.

O percurso nacional da Enfermagem tem sido marcado de uma forma geral pela adesão, experimentação de estratégias de mudança e a aceitação de novos desafios, onde se incluem o recurso às novas tecnologias de informação e de comunicação, estas particularmente muito em voga por parte dos enfermeiros mais jovens.

A procura incessante do conhecimento com recurso às redes informáticas da comunicação e da informação tornam-se assim uma ocasião para todos os enfermeiros portugueses, não apenas como utilizadores de conhecimento, mas essencialmente como autores/produtores de conhecimento, capaz de ser consumido em maior escala, particularmente pela enfermagem internacional.

A internacionalização e a universalidade do conhecimento através da divulgação informática constitui para todos os investigadores um meio poderoso de comunicação e de informação sem o qual atualmente não se dispensa.

Porém, para os enfermeiros portugueses este é ainda um percurso recente, em que a acessibilidade às publicações científicas internacionais ainda é um propósito complexo que envolve alguns constrangimentos e limitações.

De entre estes, é comum serem apontados como obstáculos ou contrariedades aqueles que são inerentes à própria atitude do investigador e outros relacionados com a própria dinâmica de internacionalização que podem ser sintetizados como:

- pouco espírito empreendedor e acomodação pessoal e profissional;
- deficiências ao nível da cultura científica profissional;
- exacerbação do sentimento de errar o designado por «perfeccionismo técnico»;
- insuficiência de qualidade dos temas para divulgação;
- obstáculos decorrentes da não seleção dos artigos cujas temáticas não se enquadrem na profissão;
- dificuldades impostas pela língua inglesa, idioma de referência na internacionalização do conhecimento científico;
- constrangimentos financeiros inerentes à tradução dos artigos, ao processo de revisão e aos portes de envio;
- carência de estruturas nacionais, logísticas, técnicas e profissionais no apoio à iniciativa, inovação, desenvolvimento e internacionalização.

Todavia, e apesar destes e outros constrangimentos, estamos convictas de que é possível contornar a situação através da conjugação das diversas sinergias, das quais a Ordem dos Enfermeiros, as Unidades de Investigação & Desenvolvimento (Lisboa, Coimbra e Porto), as Unidades de Investigação e Departamentos das Universidades, Politécnicos e de Escolas possam desempenhar um papel importante na formação e constituição de linhas de investigação em enfermagem.

Muito embora, a realidade nacional se apresente em franca ascensão no que respeita ao acesso às redes científicas internacionais do conhecimento a situação é ainda desproporcional entre a produção e a publicação. Na atualidade investiga-se muito mais do que se publica, mesmo em contexto nacional e quando comparamos a nossa situação com a realidade internacional, o fosso é ainda muito maior.

A internacionalização do conhecimento em enfermagem, à semelhança do que se passa em outras áreas, encontra-se associada ao grau de desenvolvimento e crescimento económico e social do país. Embora, as condições financeiras não sejam os únicos recursos necessários à investigação e sua publicação, todavia representam um importante factor ao seu desenvolvimento.

A escassez de meios e a falta de apoios financeiros à investigação são entre outros responsáveis pelo estágio em que se encontra o conhecimento da Disciplina. A maioria das vezes a realização de trabalhos e ou projetos de investigação só são possíveis graças ao investimento financeiro pessoal.

A falta de informação e a burocracia que usualmente acompanham os processos de candidatura a Bolsas de Investigação ou a apoios financeiros são por vezes constrangimentos que à partida também limitam ao seu acesso.

A possibilidade de os enfermeiros portugueses se candidatar a Bolsas de Investigação da FCT e ou de outras entidades, constitui uma medida de igualdade de oportunidade entre os diferentes investigadores, representando para a enfermagem um factor de reconhecimento intelectual do seu trabalho bem como sinal de maturidade e de autonomia profissão e disciplinar.

Os mercados internacionais que lideram a produção e a divulgação científica são constituídos pelo conjunto dos países mais ricos entre os quais se destacam os EUA, o Canadá, o Brasil, a Austrália e os países do Norte da Europa, sendo normalmente também os que apostam na investigação e inovação com recursos financeiros próprios muito substanciais. Por consequência são também aqueles que paralelamente à produção e ao consumo os que concentram o maior número de Revistas Científicas Indexadas em sistema *on line*.

Neste sentido, a informática representa no campo do conhecimento científico um domínio de evolução e desenvolvimento incomparavelmente mais prático, mais rápido e mais atualizado, permitindo a pesquisa automatizada de milhares de documentos em direto.

De entre os recursos mais utilizados encontra-se a Biblioteca do Conhecimento *on line* (*B-on*), que disponibiliza o acesso ilimitado e permanente a instituições de investigação e do ensino superior, permitindo aos estudantes, professores, investigadores, enfermeiros e bibliotecários, o acesso aos textos integrais de inúmeros periódicos científicos internacionais.

Assume, cada vez mais importância para a Ciência em Enfermagem a Prática Baseada na Evidência, com vista a uma autonomia responsável na profissão, a produção do conhecimento específico da disciplina, o que requer que o mesmo chegue aos enfermeiros em tempo útil, daí que a imprensa periódica *on line* ocupe uma posição privilegiada sobre outras formas de divulgação e de difusão.

As redes informáticas permitem cada vez uma maior aproximação a um universo de saber alargado «acesso universal ao conhecimento» contudo, esta situação é ainda rodeada de problemas e contradições. Se por um lado os meios tecnológicos e científicos permitem pensar e agir globalmente e se cada vez mais facilitam o acesso a todas as manifestações do conhecimento humano, sem limitações geográficas, por outro lado muitas vezes são inalcançáveis por parte da população mundial, devido a elevadas taxas de analfabetismo, a falta de oportunidade no acesso e a barreiras linguísticas, com a «imposição» da língua inglesa na *internet* e em particular nas publicações científicas (Santos, 2007 p. 13)

Figueira (2007), propõe, que em Portugal se entenda que o exercício do periodismo, seja entendido como um *espaço Schengen*, em que uns e outros circulem sem problemas de identidade, considerando que as redes sociais cumprem de alguma forma este desejo.

A internacionalização constitui-se num grande desafio para Enfermagem Portuguesa, representando uma forma de validação externa do conhecimento, demonstrativos da sua capacidade de produzir e de publicar. Conjuntamente, a necessidade que se impõe aos enfermeiros de acompanhamento ao nível do desenvolvimento técnico/científico para o progresso e pleno exercício da profissão, que assenta na capacidade de atender às necessidades da pessoa/família/comunidade de uma forma cabal, em diferentes situações e contextos.

6 - CONCLUSÕES FINAIS

Neste capítulo pretendemos dar conta das conclusões fundamentais da investigação que realizámos, as quais consideramos relevantes para a problemática da divulgação do conhecimento.

Por vezes temos a sensação, quando chegamos ao final de um trabalho, que estamos então em condições de o iniciar. De facto, à medida que vamos desenvolvendo uma reflexão sobre um determinado tema vamos construindo novas hipóteses de trabalho e são inúmeras questões que se colocam e que ficam a aguardar uma melhor oportunidade. Fica ainda a sensação que fica muito por escrever sobre o longo caminho percorrido.

As conclusões estruturam-se em torno dos dois tempos do Estudo - **Fase Diagnóstica** (Incial) e **Fase Empírica** (Principal) e ainda das questões de investigação, e visão global dos textos analisados.

Na primeira Fase procedemos ao levantamento do espólio acerca do tipo de documentos produzidos pelos enfermeiros portugueses, cronologia e arquivo, com o objetivo de ser tomada uma decisão mais rigorosa, mais próxima da realidade baseada nas fontes e não apenas em suposições ou conjeturas.

Assim, iniciámos a pesquisa no *site* da Biblioteca Nacional, resultando na identificação de 992 Títulos, referentes a Teses de Doutoramento, Dissertações de Mestrado, Livros, Publicações Periódicas, Trabalhos Provas de Concurso, Textos, Traduções de Livros e Artigos publicados em revistas, cuja autoria e área profissional era bastante diversificada. Deste modo, e no sentido de isolarmos apenas os documentos que diziam respeito aos enfermeiros portugueses, procedeu-se à análise individual de cada um dos documentos com base nos elementos de identificação disponíveis, obtendo-se um total de 595 Títulos, (59,98%) de autoria dos enfermeiros portugueses. Este número seria atualizado para 730 Títulos após informação adicional de outras fontes (Universidades, Escolas, Centros de Documentação e informação de professores e enfermeiros).

Após, esta identificação documental, considerada como a mais completa possível, obtivemos uma distribuição percentual do seguinte modo: 48,21% Títulos de Dissertações de Mestrado, 20,54% de Títulos relativos a Livros; 9,04% Títulos de Trabalhos de Cursos e Provas de Concurso, 6,76% a Traduções de Livros e 4,24% de Teses de Doutoramento. Foram ainda identificadas 36 Publicações periódicas (Revistas e Jornais).

Estes procedimentos metodológicos conduziram-nos à tomada de decisão final - **Fase Empírica** - recaindo a opção sobre a seleção das Publicações Periódicas profissionais de enfermagem nacionais editadas no século XX e início deste século. Do conjunto documental muito extenso e diverso, seleccionámos todos os periódicos publicados nesta janela temporal como material para estudo.

Assim, foi possível recensear 41 Periódicos, correspondendo a 1540 números ou seja 87% do total dos números publicados (1761).

Foram identificados um total de 9891 artigos dos quais 5329 (53,9%) de autoria de 8324 Enfermeiros portugueses.

Os periódicos foram classificados em três grandes períodos: **Período de Iniciação** ou **Iniciático** de 1925 a 1950; Período de Transição (1952 a 1980) e **Período de Consolidação** (1985 a 2009). Os periódicos classificados em cada um destes Períodos de Divulgação do Conhecimento são os seguintes:

Períodos de Divulgação do Conhecimento.	Periódicos
Iniciação ou Iniciático	<i>Arquivo do Enfermeiro</i> (Iª Série); <i>O Enfermeiro Português</i> ; <i>A Voz do Enfermeiro</i> ; <i>A Enfermeira</i> ; <i>O Arquivo do Enfermeiro</i> (IIª Série); <i>Servir - Jornal das Enfermeiras diplomadas pela Escola de São Vicente de Paulo</i> .
Transição	<i>Servir</i> ; <i>Revista de Enfermagem</i> ; <i>Ecos de Enfermagem</i> ; <i>Subir</i> ; <i>Enfermagem Portuguesa</i> <i>Revista Técnica e Cultural</i> ; <i>Boletim Sindical dos Enfermeiros da Zona Sul e Região Autónoma dos Açores</i> .
Consolidação	<i>Enfermagem</i> ; <i>Divulgação</i> ; <i>Nursing</i> (edição portuguesa); <i>Enfermagem em Foco</i> ; <i>Cuidar</i> ; <i>Nephros</i> ; <i>Sinais Vitais</i> ; <i>Informar</i> ; <i>Revista Portuguesa de Enfermagem</i> ; <i>Enfermagem Oncológica</i> ; <i>(Re) Encontro</i> ; <i>Pensar em Enfermagem</i> ; <i>Referência</i> ; <i>INFOESES</i> ; <i>Trajectos e Projectos</i> ; <i>O CLUNY</i> ; <i>SOS Jornal de Enfermagem</i> ; <i>Ordem dos Enfermeiros</i> ; <i>Revista de Investigação em Enfermagem</i> ; <i>AESOP</i> ; <i>Revista da Associação dos Enfermeiros Obstetras</i> ; <i>Acontecer Enfermagem</i> ; <i>VTAE Enfermagem</i> ; <i>Enfermagem e o Cidadão</i> ; <i>APECSP</i> ; <i>Enfermagem & Sociedade</i> ; <i>Percursos</i> ; <i>ONCO.NEWS</i> ; <i>Revista Portuguesa de Saúde Mental e Psiquiátrica</i> ...

- Qual o perfil dos periódicos de Enfermagem em Portugal no século XX e início do século XXI?

A análise dos 41 Periódicos permitiu-nos identificar a responsabilidade editorial dos mesmos, sendo que pertenceu às **Associações Sindicais; Organizações Profissionais; Escolas de Enfermagem; Instituições de Saúde/Hospitais; Edição Editorial** e a **Enfermeiros Editores**.

A distribuição dos Periódicos segundo a responsabilidade editorial das **Associações Sindicais** é a seguinte: *Arquivo do Enfermeiro* (Iª Série); *O Enfermeiro Português*; *A Voz do Enfermeiro*; *A Enfermeira*; *O Arquivo do Enfermeiro* (IIª Série); *Revista de Enfermagem*; *Ecos de Enfermagem*; *Boletim Sindical dos Enfermeiros da Zona Sul e Região Autónoma dos Açores* e *Enfermagem em Foco*.

Da responsabilidade editorial das **Organizações Profissionais** analisámos os periódicos: *Servir*; *Enfermagem*; *Cuidar*; *Nephros*; *Revista de Enfermagem Oncológica*; *Ordem dos Enfermeiros*; *AESOP*; *Revista da Associação dos Enfermeiros Obstetras*; *Enfermagem e o Cidadão*; *APECSP*; *ONCO. NEWS*; *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental e Psiquiátrica*.

As revistas da responsabilidade das **Escolas de Enfermagem** são as seguintes: *Subir*; *Informar*; *(Re) Encontro*; *Pensar Enfermagem*; *Referência*; *INFOESES*; *Trajectos e Projectos*; *O CLUNY*; *AcontecerEnfermagem*; *Enfermagem & Sociedade*; *Percursos*.

Da responsabilidade das **Instituições de Saúde/Hospitais** os periódicos são *Divulgação* e *VITAEnfermagem*.

Os periódicos *Nursing* (edição portuguesa); *Sinais Vitais*; *Revista Portuguesa de Enfermagem*; *SOS Jornal de Enfermagem* e *Revista de Investigação em Enfermagem* são publicados por empresas **Editoras**.

Enquanto *Servir Jornal das Enfermeiras Diplomadas pela Escola de São Vicente de Paulo* e *Enfermagem Portuguesa Revista Técnica e Cultural* são periódicos da responsabilidade de **Edição de Autores**.

Os resultados indicam que os periódicos da responsabilidade da Edição de Editoras foram os que mais contribuíram com maior quantidade artigos com um total de 1835 artigos, seguindo-se os de edição das Organizações Profissionais com 1678 artigos, com 997 artigos as Escolas de Enfermagem, com 588 as Associações Sindicais, com 174 artigos as Instituições de Saúde/Hospitais e por último com 57 artigos os da responsabilidade de Enfermeiros Editores.

As entidades responsáveis pelo maior número de publicações de artigos científicos ficou a cargo das duas Revistas *Referência* e *Revista de Investigação em Enfermagem*, no entanto nesta primeira década do século XXI, quase todas as revistas publicam artigos científicos de matérias muito diversificadas.

Os resultados apontam para uma taxa de concretização de 100% entre números publicados e encontrados, nos periódicos da responsabilidade das Escolas de Enfermagem, e da responsabilidade da Edição de Autores, enquanto o valor mais baixo se verificou no grupo da responsabilidade de Edição de Editores.

Os periódicos pertencentes às Organizações Profissionais são os que demonstram uma maior diversidade de artigos, sendo também neste grupo que se verificou o maior número de artigos proveniente de autores de Outras Instituições de Saúde, que não apenas os Hospitais, Escolas e Centros de Saúde.

A distribuição da assinatura dos artigos segundo o género verificou-se um maior equilíbrio nos periódicos da responsabilidade da Edição de Autores, a mesma situação se verificou entre a área profissional – Hospital, Escolas e Outras Instituições de Saúde.

Os artigos da responsabilidade das Editoras foram os mais publicados em coautoria, enquanto os das Organizações Profissionais utilizaram a publicação individual.

Os professores e os enfermeiros utilizaram como meios de publicação os diferentes periódicos independentemente da responsabilidade editorial. Todavia, registaram-se os maiores valores nos artigos nos periódicos que estão sob a responsabilidade das próprias organizações, Escolas ou Hospitais. Por conseguinte, os professores das Escolas foram o maior grupo de autores entre os que publicaram nos periódicos das Escolas e os enfermeiros o maior grupo que publicaram nos periódicos dos Hospitais.

Os maiores valores em quase todas as variáveis registaram-se no grupo de periódicos da Edição das Editoras, sendo este o de maior produção editorial.

Que características sociodemográficas apresentam os autores?

Foi possível definir o perfil dos autores através das variáveis de identificação incluídas na maioria dos artigos, género, autoria e área profissional e mais recentemente o grau académico, sendo um pequeno número de periódicos que o faz.

Quanto ao género a maior percentagem dos autores são mulheres com 74% e 26% são homens.

A forma individual de publicação foi a mais selecionada por 65,3% dos autores e apenas 2,2% publicaram em coautoria com outros autores de diferentes áreas profissionais.

A proveniência do local de trabalho dos autores nem sempre foi referenciada em todos os artigos, sendo apenas identificada por 75,8% (6267). Destes 46,2% fizeram referência ao Hospital, seguindo-se com 22% as Escolas de Enfermagem, com 6,3% os Centros de Saúde e 1,3% Outras Instituições.

A distribuição geográfica no Continente dos enfermeiros/autores que indicaram como área de trabalho o Hospital distribuíram-se do seguinte modo: 46% na Região de Lisboa e Vale do Tejo, 36% na Região Norte e em menor número as Regiões Centro com 13%, Alentejo 3,0% e Algarve com 1,5%.

As Regiões Autónomas dos Açores e Madeira em relação ao Continente representam apenas 2,9%.

Dos autores que indicaram o Centro de Saúde, como área profissional, a percentagem é bastante semelhante nas regiões, Norte, Centro e Sul, com 33%, 26% e 32,9%, e com pouco significado nas Regiões Autónomas da Madeira e dos Açores.

Relativamente às Outras Instituições, a Região de Lisboa e Vale do Tejo foi a mais indicada pelos autores, seguindo-se a Região Centro e o Norte, as restantes regiões tiveram pouca expressão.

Que escreveram os enfermeiros sobre temáticas de enfermagem?

A primeira obra a que aludimos na **tese** foi a *Postilla Religiosa e Arte de Enfermeiros Edição Fac- Simile*, publicada por Fr. Diogo de Saint-Iago Religioso de S. João de Deus em 1741.

Na escrita **sobre** Enfermagem foram recenseados um conjunto de livros de autoria de médicos e que se destinavam ao ensino dos *alunos das Escolas de Enfermagem*, dos quais fizemos referência: *Luz da Medicina, Prática Racional, e Methodica, Guia de Enfermeiros, Directorio de Principiantes*, de 1664; *Manual de primeiros socorros e enfermagem, para uso dos pescadores do bacalhau, dos serviços de assistência e grémio dos Armadores dos navios de Pesca do Bacalhau*, 1939; *Enfermagem guia da Enfermeira profissional e auxiliar do médico prático*, 1939; *Manual de enfermagem civil e militar* (1940); *Manual Teórico de Enfermagem Cirúrgica* (1954). Destacámos ainda um conjunto de sebatas ou manuais didáticos em uso na Escola de Enfermagem Artur Ravara na década de 70, destinados aos alunos dos cursos de enfermagem geral e auxiliares de enfermagem.

Na escrita **de** enfermagem apresentámos um conjunto de manuais escolares da responsabilidade de professores das escolas de enfermagem que impulsionados pelos valores da educação da época, dão corpo ao que viria a ser a produção científica dos nossos dias. Numa primeira fase, em formato de livros resultante de uma produção individual de cada investigador assente, na maioria dos casos nos processos de academização ao nível dos cursos de mestrado e doutoramento. Subsequentemente, com grande relevo para os anos 90, começam a emergir um maior número de periódicos, alguns com grande lastro até aos dias de hoje, onde é possível divulgar conhecimento nacional.

Qual a escrita profissional sobre a prática dos cuidados de enfermagem, formação, gestão e investigação?

A trajetória da escrita profissional sobre a prática dos cuidados de enfermagem, formação, gestão e Investigação não ocorreu de modo sistemático antes da década de 70 do século passado, apenas encontrámos alguns livros e artigos resultantes da tradução para português de livros e de artigos estrangeiros por parte dos enfermeiros portugueses.

Destacam-se os livros editados pelas Associações Profissionais e de algumas Escolas de Enfermagem na década de 70, sobre temáticas relacionadas com questões éticas (Planeamento Familiar, Aborto, Código Deontológico) pela ACEPS e alguns livros sobre efemérides de Escolas de Enfermagem.

A partir da década de 90 e em resultado da pesquisa efetuada ainda durante a primeira fase do estudo empírico, conseguimos recensar 346 publicações em livro, das quais apenas 82 títulos com a assinatura de enfermeiros nacionais. Contudo, este valor seria atualizado de 82 para 150 na fase subsequente.

A análise de conteúdo dos 150 títulos encontrados, revelou que os códigos temáticos mais pontuados se verificaram ao nível da Formação (**F**) com 54 títulos; Perspetivas e Tendências (**PT**) títulos com 34; Ética (**E**) com 20 títulos; Prática Clínica (**PT**) com 18 títulos; Bases Concetuais (**BC**) com 10 títulos; Gestão (**G**) com 8 títulos; Investigação (**I**) e Saúde Laboral (**SL**) com 3 títulos cada.

Assim, estes resultados demonstram algumas áreas mais deficitárias como sejam a Gestão, a Investigação e a Saúde Laboral.

- Que investigação realizaram os enfermeiros?

A conseqüente integração do ensino de enfermagem no ensino superior, a integração dos docentes de enfermagem na carreira do ensino superior, a frequência dos enfermeiros aos Cursos de Mestrado e de Doutoramento e a prestação de provas públicas para as categorias de Professor Adjunto e Coordenadores, sendo entre outros os grandes factores para o tão elevado *boom* de produção e divulgação nacional a partir da década de 90.

A Investigação realizada pelos enfermeiros nacionais reporta-se a alguns estudos realizados, donde se conclui que a maioria das temáticas diz respeito a assuntos da formação, aspetos teóricos e de estágio, e, só muito pontualmente, são estudados os cuidados de enfermagem, a gestão e a própria investigação em enfermagem.

Na Fase Diagnóstica recenseámos como Literatura Cinzenta 449 documentos relativos a Teses, Dissertações de Mestrado e Trabalhos de Provas de Concurso, 61% dos quais eram de autoria dos enfermeiros portugueses.

Foram identificados 160 títulos na UCP e 82 no ICBAS.

O estado da arte relativa à **Investigação Histórica da Enfermagem** reporta-se a uma sebenta de autoria de Nogueira, B. - *História de Enfermagem (Para o Curso de Enfermagem Geral)*.

Mais tarde, na década de 90 vamos encontrar um livro de M. Nogueira - *História da Enfermagem*, revelando uma revisão bibliográfica tanto nacional como internacional.

O destaque que nos mereceu o estudo de estes dois documentos foi o facto de serem os únicos escritos em português sobre a temática da História de Enfermagem.

Mais recentemente, destacam-se os livros de Nunes (2003) - *Um olhar sobre o Ombro: Enfermagem em Portugal (1881-1998)*, sobre a dissertação de Mestrado em Ciências de Enfermagem e de Vieira (2007) - *Ser Enfermeiro Da Compaixão à Proficiência*, tratando-se de uma pesquisa em contexto de trabalho Pós-Doutoramento. Estes dois documentos são relevantes para o estudo da história da enfermagem portuguesa constituindo-se como referenciais para todos os investigadores na matéria.

No que respeita à Investigação **Histórica do Ensino de Enfermagem** salientamos alguns dos livros de autores enfermeiros e ou professores ou das próprias Escolas de Enfermagem sendo publicados por ocasião do aniversário das Escolas, como sejam os livros:

- *Escola de Enfermagem Artur Ravara: breves referências para a sua história* de 1987;
- *60 Anos ao serviço da formação de enfermagem: subsídios para a história da ESEIC*;
- *Imagens e Memórias da Escola Técnica de Enfermeiras (1940-1988)*;
- *Histórias e Memórias da ESEnfCP*;
- *Escola Superior de Enfermagem de Maria Fernanda Resende Memórias de um Percorso*;
- *Escola Superior de Enfermagem de S. João 1955/2005*;
- *Escola Superior de Enfermagem de Artur Ravara Pioneira no Passado, Actuante no Presente, Inovadora no Futuro 121 anos de História*;
- *A Arte de Enfermeiro: Escola de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca*

De entre os livros sobre a História do Ensino de Enfermagem em Portugal destacam-se: Soares (1997), *Da Blusa de Brim à Touca Branca Contributo para a História do Ensino de*

Enfermagem em Portugal (1880-1950) sobre a Dissertação de Mestrado de Psicologia e Ciências da Educação realizada na Universidade de Lisboa;

Fonseca (2003), *Simbologia dos emblemas das escolas de enfermagem em Portugal* sobre uma pesquisa que envolve a heráldica usada pelos enfermeiros;

Amendoeira (2006), *Uma biografia partilhada da Enfermagem A segunda metade do século XX 1950-2003. Um contributo sócio-histórico*, resulta da Tese de Doutoramento em Sociologia (Sociologia da Educação).

Ficou muito claro, no decurso da **tese** que este conjunto de documentos é revelador do percurso efectuado pelos enfermeiros nacionais acerca da **Consolidação do Conhecimento** que no final do século como no início deste vem sendo reconhecido pelas instâncias nacionais e internacionais.

- De que forma a escrita profissional divulgada nos periódicos de enfermagem por enfermeiros portugueses traduz a evolução da profissão e da disciplina de enfermagem de modo consistente?

Ficou claro nesta **tese** a passagem de uma escrita produzida para enfermeiros, maioritariamente da autoria de médicos, para uma escrita produzida pelos próprios enfermeiros. Esta alteração acompanha naturalmente, um percurso profissional que vai da regulação profissional do Estado à autorregulação da profissão.

Ainda na janela temporal em estudo é muito marcante a aproximação do crescimento exponencial de periódicos nos anos 90 com um conjunto de estratégias de profissionalização desenvolvida na época. Referimo-nos em concreto à publicação do REPE, à criação da Ordem dos Enfermeiros, à integração do Ensino de Enfermagem no Sistema Educativo Nacional, que naturalmente deixaram emergir nos periódicos a autonomia da profissão e a natureza do conhecimento disciplinar. Neste recorte a produção científica tem um perfil totalitário em livro, resultante de processos de academização exigidos a professores por via da integração do ensino no Sistema Educativo Nacional e, Carreira Docente do Ensino Superior posteriormente em estabelecimentos mais amplos, para no início do século XXI se publicar revelando o esboço já de algumas linhas temáticas de investigação.

- Qual a natureza do conhecimento divulgado nos periódicos de enfermagem e a evolução da profissão em Portugal no século XX e início do século XXI?

A **tese** sugere a existência de uma relação entre a natureza do conhecimento divulgado nos periódicos de enfermagem e a evolução da profissão em Portugal no século XX e século XXI.

Esta relação de concordância temporal, alicerçou-se nos percursos individuais por via da investigação de cada um, num primeiro tempo, que se consolidaram ou matearilizaram

num corpo total de conhecimento construído, que engrossa/edifica o saber disciplinar na atualidade, cujo motor partiu das escolas e associações profissionais, bem como com a produção, em grande escala, de periódicos da responsabilidade das escolas/academia com recurso a artigos resultantes da Integração do Ensino no Ensino Superior e consequente integração dos docentes na Carreira do Ensino Superior ao nível do Ensino Politécnico.

De tudo o que afirmámos a **tese** sugere a existência de uma *relação estratégica* entre a natureza do conhecimento divulgado nos periódicos de enfermagem e a evolução da profissão em Portugal no século XX e início do século XXI.

Essa relação, de concordância temporal (tem como linha condutora os períodos de **Iniciação, Transição e Consolidação**), alicerçou-se nos percursos individuais por via da investigação de cada um, num primeiro tempo, que se consolidaram ou materializaram num corpo total de conhecimento, que engrossa o saber disciplinar construído na atualidade, num segundo tempo. A génese para esta estratégia disciplinar e profissional partiu das escolas e associações profissionais, com a produção, em grande escala, de periódicos da responsabilidade das escolas e da academia com recurso a artigos resultantes do processo de academização dos professores.

Na ligação muito estreita entre a disciplina do conhecimento e profissão apraz-nos referir que esta relação funcionou com maior propriedade como mais uma *estratégia de profissionalização* nos anos 90 dada o aumento exponencial de publicações que, de certa forma, acompanharam as outras estratégias de profissionalização já descritas nesta **tese** (tais como o REPE, a criação da OE, a integração do Ensino de Enfermagem no Sistema Educativo, entre outros).

Assim, como conclusão final, estamos perante uma relação estratégica disciplinar e profissional numa simbiose entre o conhecimento disciplinar construído e a profissão de enfermagem.

7 - IMPLICAÇÕES DO ESTUDO

A reflexão realizada aponta ainda para as vantagens de novos estudos quer sobre a temática, quer sobre a abordagem metodológica no sentido de um progressivo aprofundamento e continuada reafirmação.

As implicações deste estudo situam-se ao nível da **Prática Clínica**, da **Formação**, da **Gestão** e da própria **Investigação em Enfermagem**.

Prática Clínica:

Acredita-se que ao nível do quotidiano dos enfermeiros possa de algum modo contribuir para o reforço de:

- atitude mais sistemática e regular de consulta dos Periódicos de Enfermagem Nacionais para uma maior selectividade das temáticas, de acordo com os objetivos e necessidades;
- atitude mais reflexiva e crítica sobre a leitura do conteúdo dos artigos;
- maior conhecimento e enriquecimento sobre os Periódicos, missão e características físicas que possam ajudar à seleção dos assuntos;
- necessidade de constante atualização do conhecimento podendo os artigos dos diversos periódicos constituir uma forma de aquisição do mesmo;
- indicação das linhas de investigação mais vulneráveis com necessidade de maior desenvolvimento;
- aquisição ou consulta de redes informáticas de consulta de artigos em Periódicos nacionais e estrangeiros;
- literacia sobre a evolução histórica da Enfermagem Nacional;
- construção de uma Prática Baseada na Evidência e consequente melhoria da qualidade e excelência dos cuidados de enfermagem.

Formação:

- Na perspetiva dos **estudantes, professores**, e de **órgãos de gestão e governo das Escolas de Enfermagem** tem-se a convicção que possa ser uma contribuição para o maior aprofundamento das matérias sobre a Divulgação do Conhecimento de Enfermagem nos Periódicos e a evolução da Profissão Nacional.

As implicações do estudo ao nível dos **estudantes** podem sintetizar-se em :

- fomento da aprendizagem sobre a Profissionalização e a Disciplina da Enfermagem

Portuguesa através dos diversos autores que quase durante um século mantiveram em funcionamento os diferentes Periódicos de Enfermagem:

- maior conhecimento da imprensa periódica de enfermagem e das vicissitudes que a acompanharam;
- aprofundamento do estudo sobre a História da Enfermagem Portuguesa;
- necessidade de divulgação do conhecimento em periódicos nacionais e internacionais;
- aquisição de uma cultura científica de consulta, produção e divulgação do Conhecimento em Enfermagem;
- consulta mais regular e sistemática em periódicos de forma direta e em redes *on-line*

Ao nível dos **professores** a **tese** poderá constituir uma oportunidade de aprofundamento para a:

- investigação relativas à utilização de outras fontes, técnicas de consulta e analíticas da informação documental;
- réplica do estudo sobre a evolução dos Periódicos de Enfermagem nacionais comparativamente com a evolução internacional;
- definição de linhas de Investigação sobre o Periodismo da Enfermagem Nacional;
- diversificação das fontes de consulta para a leccionação das temáticas sobre a evolução histórica da profissão e da disciplina de enfermagem;
- inclusão nos curricula escolares de Unidades Curriculares e ou temáticas relativas à História da Imprensa sobre e da Enfermagem;
- actualização de conhecimentos sobre a Imprensa Periódica da Enfermagem Nacional e Internacional.

Relativamente aos **órgãos de gestão e governo das Escolas de Enfermagem** as implicações do estudo podem ser relevantes ao nível de:

- organização de arquivos, conservação, tratamento do espólio documental dos Periódicos de Enfermagem e de documentos históricos passíveis de consulta e de investigação;
- actualização dos conhecimentos dos professores e funcionários dos Centros de Documentação e Informação sobre a conservação, utilização e tratamento dos documentos históricos;
- maior investimento em redes informáticas para consulta de periódicos nacionais e internacionais;
- reposição e actualização das coleções dos Periódicos de Enfermagem em falta;
- reprodução dos artigos dos periódicos em condições de preservação dos mesmos assegurando a qualidade de leitura;
- definição de estratégias de consulta domiciliária dos periódicos.

Na área da **Gestão em Enfermagem** a pesquisa poderá constituir para os administradores e gestores das Organizações de Saúde um subsídio para:

- disponibilidade de equipamentos e recursos informáticos que permitam aos enfermeiros aceder a acervos e a coleções de Periódicos nacionais e Internacionais;

- promoção da melhoria da qualidade do desempenho e *performance* dos enfermeiros através da aquisição de Bibliografia assente nos Periódicos Nacionais e Internacionais;
- definição de estratégias de actualização de conhecimentos por parte dos enfermeiros;
- incentivos para a produção e divulgação científica em parcerias ou equipas Interdisciplinares e ou pluridisciplinares.

Na área da **Investigação** considera-se que este estudo poderá ser um contributo epistemológico sobre técnicas de triangulação metodológica a aprofundar com o desenvolvimento de outras pesquisas.

O recurso a Bases dos dados *on-line* no sentido de estabelecer comparação dos resultados possibilitando o confronto e a discussão científica com outros estudos internacionais.

A Divulgação e a Comunicação dos resultados no espaço nacional, diversificando o público-alvo, oferecendo a oportunidade de maior acesso a todos os enfermeiros independentemente da sua área de atuação.

A criação de uma base de dados informatizada sobre a digitalização dos periódicos. Índices e artigos, particularmente os mais antigos e de maior dificuldade de consulta.

A definição de estratégias para parcerias de trabalho com outros investigadores nacionais e internacionais no sentido de ampliar o conhecimento mais aprofundado sobre a imprensa profissional, particularmente a imprensa periódica.

A promoção de eventos científicos tendo como temática a Imprensa Periódica poderá ser um estímulo para aumentar e melhorar a qualidade científica sobre a Profissão e a Disciplina de Enfermagem.

8 - SUGESTÕES

A investigação realizada cruzou duas grandes áreas que se encontram indissociáveis, por um lado, o movimento de profissionalização da Enfermagem Portuguesa, associado ao movimento de Divulgação do Conhecimento em Periódicos. De facto, este movimento depende do desenvolvimento e aperfeiçoamento de competências, que se organizam em torno das diversas áreas de atuação, em que a enfermagem esteja presente.

A Enfermagem, sendo atualmente uma profissão bastante complexa, constitui no panorama da Saúde Nacional em constante mutação, uma rigorosa formação para uma prática de cuidados de enfermagem de excelência, baseada na tomada de decisão assente em critérios cada vez mais técnicos, humanos, éticos e científicos.

O futuro da profissão consiste no aprofundamento cada vez maior na relação das suas raízes históricas, conjugando-as com os progressos e a evolução do conhecimento presente, não apenas a nível nacional, mas sobretudo em contextos cada vez mais universais.

Para nós, é fundamental que as ideias aqui expostas, as situações reconstituídas e as linhas de investigação e de interpretação propostas possam contribuir para um melhor conhecimento e servir de estímulo, para posterior investigação sobre o periodismo e jornalismo, que reportamos de grande interesse na História da Enfermagem, enquanto Profissão e Disciplina do Conhecimento.

Quanto aos Centros de Documentação ou Bibliotecas Universitárias, constatámos, durante este percurso, a inexistência de Arquivos de Teses e ou Dissertações, segundo a área profissional dos autores.

A informação disponibilizada por muitas das Fontes, nem sempre permitiu identificar a contribuição dos enfermeiros portugueses.

Para que a investigação passe a ser compreendida e aceite como uma prática reconhecida pelos enfermeiros, académicos, gestores, candidatos a enfermeiros e pela comunidade científica, exige-se que os investigadores sigam os procedimentos metodológicos científicos e éticos indispensáveis a trabalhos deste tipo.

A figura do enfermeiro investigador como profissional, parece-nos ser uma proposta para que uma comunidade científica poderia contribuir para moderar, supervisionar os trabalhos dos seus pares.

Também as Unidades de Investigação & Desenvolvimento, bem como os Departamentos das Universidades e Politécnicos possam ser os dinamizadores e catalizadores das sinergias dos enfermeiros que produzem e que pretendam divulgar os seus trabalhos a nível nacional e a nível internacional.

Há que prosseguir o estudo de outros artigos inclusos nos periódicos de enfermagem portugueses, alargar a análise do fenómeno da divulgação, ao longo do século XX, e início deste século.

O desenvolvimento de outras abordagens comparativas, que não foi possível efectuar neste momento, acredita-se serem indispensáveis ao aprofundamento da evolução dos modelos e formas de divulgação.

Para o futuro, para além do desafio permanente de investigação e da tentativa de compreensão do significado destes projetos editoriais e do seu papel na divulgação da informação científica, em Portugal, há que apostar no cruzamento de informação nacional e na aferição da importância relativa a outros países.

Considera-se relevante aprofundar e estudar os canais de comunicação particularmente ao nível da produção e divulgação científica, de molde a constituir um recurso para todos os enfermeiros, particularmente aqueles que, por força da razão do seu trabalho, não possuem um acesso tão rápido e prático da mesma, o que se traduz no desempenho das suas práticas com implicações na vida e bem estar da pessoa da sua família e das comunidades.

Uma referência especial, como um alerta dos profissionais relacionados com os Centros de Documentação e Arquivo para o tratamento da informação histórica das suas instituições que, muitas vezes, se encontram em depósitos «mortos», em deficientes condições de conservação e de consulta, pois que estes constituem um importante espólio e a memória das instituições e da própria Enfermagem Nacional, sob pena de deixarmos perder as nossas raízes.

Os resultados apontam para a continuação do ritmo de divulgação de artigos científicos, o que nos sugere que no futuro este movimento seja fortemente reforçado pela produção e publicação, podendo representar cenários bastante mais favoráveis ao desenvolvimento da Enfermagem.

O nível atual da Formação dos enfermeiros na nossa realidade justifica que a *praxis* investigativa seja uma componente que envolva de forma mais sistemática, mais eficaz e eficiente, a pessoa com necessidades de cuidados de enfermagem e os próprios enfermeiros enquanto agentes promotores dos cuidados.

O desenvolvimento da investigação em enfermagem com a delimitação de um corpo de saberes próprios conduz à autonomia da enfermagem na prestação de cuidados de saúde.

Sem dúvida que a Enfermagem Portuguesa atingiu um estadio de desenvolvimento que nos permite um investimento em outras áreas do conhecimento, justificando-se pelo reconhecimento alcançado como uma comunidade profissional e científica com grande relevância no funcionamento do Sistema de Saúde.

BIBLIOGRAFIA

Metodologia de Investigação

ALBARELLO, L., e outros - *Práticas e métodos de Investigação em Ciências Sociais*. 1ª edição. Lisboa: Gradiva, 1997.

BARDIN, Laurence - *Análise de Conteúdo*. 2ª ed. , Lisboa : Edições 70, 1997. ISBN 972- 44-0898-1

BARDIN, Laurence - *Análise de conteúdo*. Lisboa: Gradiva, 2000.

BARDIN, Laurence - *Análise de Conteúdo*. 4ª ed. Lisboa : Edições 70, 2006. ISBN 978-972-44-1154-5

BARDIN, Laurence - *Análise de Conteúdo*. (Edição Revista e Actualizada). Lisboa: Edições 70, 2008. ISBN 978-972-44-1506-2.

BARROCAS, José Manuel - *Estatística: Um sobrevoo*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2006. ISBN 972-54-0132-8

BOGDAN, R. ; BIKLEN, S. - *Investigação qualitativa em educação – uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994. ISBN 972-0-34112-2.

BOGDAN, R. ; BIKLEN, S. - *Investigação qualitativa em educação – uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 2003.

BURGUESS. R. G. - *A pesquisa de terreno. Uma introdução*. 3ª ed. Oeiras : Celta Editora, 1997. ISBN 972 - 8027- 43-5

CARMO, Hermano; FERREIRA, Manuela Malheira - *Metodologia da Investigação: Guia para Auto-Aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta, 1998. ISBN 972-674-231-5

CERVO, A. L. ; BERVIAN, P. - *Metodologia Científica*. 5ª edição. S. Paulo: Prentice Hall, 2002.

COHEN, L. ; MANION, L. - *Research Methods in Education*. 4ª edição. London: Routledge, 1994.

DE BRUYNE, Paul [et al] - *A dinâmica da pesquisa em ciências sociais*, 5ª ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1991.

DESAHAIES, B. - *Metodologia da investigação em Ciências Humanas*. Lisboa: Piaget, 1992.

FLICK, Uwe - *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*. Lisboa: Monitor, 2005. ISBN 972-9413-67-3.

FORESTI, Nórís - **Estudo da contribuição das revistas brasileiras de biblioteconomia e ciência da informação enquanto fonte de referência para a pesquisa**. Brasília. Universidade de Brasília, UnB – Departamento de Biblioteconomia, 1989. Dissertação de Mestrado.

FORTIN, M. Fabienne - *O processo de Investigação da Concepção à realização*. 1ª ed. Loures : Lusociência, 1999. ISBN 972-8383-10X.

- FORTIN, M. Fabienne - *O processo de investigação. Da concepção à realização*. Camarate: Lusodidata, 2000. ISBN 972-8383-10-X
- FORTIN, M. Fabienne. - *Fundamentos e Etapas do Processo de Investigação*. Loures : Lusodidacta, 2009. ISBN 978-989-8075-18-5.
- FONSECA, Edson Nery da - *Bibliometria: teoria e prática*. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de S. Paulo, 1986.
- GAUTHIER, Benoît - *Investigação social – Da problemática à colheita de dados* 3ª edição. Loures: Lusociência, 2003. ISBN 972-8383-55-X
- GIL, A. C. - *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1999.
- GONÇALVES, Flávio - *História da Arte - Iconografia e Crítica*. Maia: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1990.
- HABER, Judith - *Pesquisa em Enfermagem: métodos, avaliação crítica e utilização*. 4ª ed. Rio de Janeiro : Guanabara Kooga, 2001. ISBN 85-277-0659-8
- HILL, Manuela Magalhães e HILL, Andrew - *Investigação por Questionário*. 2ª ed. (Revista e Corrigida). Lisboa : Edições Sílabo, 2002. ISBN 972-618-273-5
- LANDRY, R. - *Investigação Social – Da problemática à colheita de dados*. Loures: Lusociência, 2003.
- LESSARD-HÉBERT, Michelle; GOYETTE, Gabriel ; BOUTON, Gérard. - *Investigação Qualitativa - Fundamentos e práticas*. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.
- LESSARD-HÉBERT, Michelle ; GOYETTE, Gabriel; BOUTON, Gérard. - *Investigação Qualitativa - Fundamentos e práticas*. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.
- LEVIN, Jack - *Estatística Aplicada a Ciências Humanas*. 2ª ed. S. Paulo : Harbra, 1987.
- LOBIONDO-WOOD, Geri ; HABER, J. - *Pesquisa em Enfermagem. Métodos. Avaliação Crítica e Utilização*. 4ª ed., Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.
- LOBIONDO-WOOD, Geri ; LEWENSON, S. B. - *Historical research method : In Qualitative resarch in nursing. Advancing the humanistic imperative*. 4th., Philadelphia : J. B. Lippincott, 2007 pp. 251-272
- LOPES, A. ; FRACOLLI, L. - Revisão Sistemática de Literatura e Metassíntese Qualitativa: Considerações sobre a sua aplicação na pesquisa de Enfermagem. *Florianópolis* Nº 17, 2008, pp. 771-778.
- MACIAS-CHAPULA, Cesar. - O papel da informetria e da cienciometria e sua perspectiva nacional e internacional. *Ciência da Informação*, Brasília, Vol. 27, Nº 2, maio/agosto 1998. pp. 134-140
- MARCONI, Marina de Andrade ; LAKATOS, Eva Maria - *Metodologia do Trabalho Científico*. 4ª ed. , S. Paulo : Editora Atlas S. A., 1992. ISBN 85-224-0859-9
- MATALON, B. ; GHIGLIONE, R. - *O Inquérito - Teoria e Prática*. 4ª Edição. Lisboa: Celta Editora, 2001.
- MORSE, J. - *Aspectos essenciais de Metodologia de Investigação Qualitativa*. Coimbra: Formasau-Formação e Saúde, Lda., 2007.
- OLIVEIRA, C. F. ; Donato, H. - *Patologia Mamária: avaliação da actividade científica nacional através de indicadores bibliométricos*. Coimbra: Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra, 2005.

OLIVEIRA, C. F. ; Donato. H. - *Bibliometria do Cancro em Portugal: 1997 a 2006*. Coimbra: Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra, 2009.

PINTO, J. M. ; ALMEIDA, J. F. - *A Investigação nas Ciências Sociais*, Colecção B.T.U., Lisboa: Editorial Presença, 1990.

POLIT, D. F. e outros - *Investigacion Cientifica en Ciencias de la Salud*. 3ª edição. México: Editora Interamericana, 1987. ISBN 968-25-1527-0.

POLIT, Denise F. ; HUNGLER, B. P.- *Fundamentos de Pesquisa em Enfermagem*. 3ª ed. Porto Alegre : Artes Médicas, 1995.

PRICE, Derek de Solla - O desenvolvimento da ciência: análise histórica, filosófica, sociológica e económica. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1976.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, L. - *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Tradução de João Minhoto Marques e Maria Amália Mendes. 1ª ed. Lisboa: Gradiva - Publicações, Lda, 1992.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc van - *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. 2ª ed. Loures : Lusociência, 1998.

RAMALHO, Anabela - *Manual para redacção de estudos e projectos de revisão sistemática com e sem meta-análise*. Coimbra: Formasau, [s.d.] ISBN 972-8485-54-9

RIBEIRO, P. - *Metodologia de Investigação em Psicologia e Saúde*. Porto: Legis Editora, 2007.

RODRIGUES, Maria da Paz. - **Estudo das citações constantes das dissertações de mestrado em ciência da informação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, 1981. Dissertação Mestrado em Ciência da Informação – Curso de Pós-Graduação em Ciência da Informação.

ROMERO, Andrés - *Metodologia de Análise de Conteúdo*. Cadernos de Ciências da Informação. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa - Faculdade de Ciências Humanas: Departamento de Comunicação Social., 1991.

SAMPAIO, R. ; MANCIMI, M.- Estudos de Revisão Sistemática: Um guia para a síntese criteriosa da evidência científica. Revista Brasileira de Fisioterapia nº1, 2007 pp. 83-89

SERRANO, P. - *Redacção e Apresentação de Trabalhos Científicos*. Santa Maria da Feira: Relógio d'Água Editores, 1996.

SILVA, A. ; PINTO, J. - *Metodologia das ciências sociais*. 9ª ed. Lisboa : Gradiva, 1986.

SILVA, A. ; PINTO, J. - *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento, 1999.

SMITH, R. ; CRAIG, J. - *Prática Baseada na Evidência – Manual para Enfermeiros*. Loures: Lusociência, 2002 ISBN 972-8383-61-4

SOUSA, Paulo Luis Rosa ; JARROS, Rafaela Behs ; DIAS, Hericka Zogbi ; MULLER, Marisa Campio. - PSIC - Revista de Psicologia da Vetor Editora, Vol. 9, nº 2, p. 251-258, julho/dezembro 2008.

SPINAK, E. - Indicadores cienciométricos. Ciência da Informação, Brasília, Vol. 27, nº2, p.141-148. 1998.

STREUBERT, H. ; CARPENTER, D. - *Investigação Qualitativa em Enfermagem: avançando o imperativo humanista*. 2ª ed. Loures : Lusociência, 2002. ISBN 972-8383-29-0

TRIVIÑOS, A. N. S. - *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

TUCKMAN, B. W. - *Manual de Investigação em Educação: Serviço de Educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

VALA, Jorge - Análise de conteúdo. In SILVA, A. Pinto, J. *Metodologia das Ciências Sociais*. 9ª ed. Porto : Edições Afrontamento, 1986.

VALA, J. - A Análise de Conteúdo. In. SILVA, A. Pinto, J. - *Metodologia das Ciências Sociais* (pp. 100-128). Porto: Edições Afrontamento, 1999.

VANTI, Nadia Aurora - Da bibliometria à webometria: uma exploração conceitual dos mecanismos utilizados para medir o registro da informação e a difusão do conhecimento. *Ciência da Informação*, Brasília, Vol. 31, nº. 2, pp. 152-162, maio/agosto 2002.

WOODS, N. F. ; CATANZARO, M. - *Nursing Research. theory and practice*. St. Louis: Missouri. The C. V. Mosby Company, 1988.

Teoria e Métodos: História; Filosofia; Sociologia e Jornalismo

ALMEIDA, Fortunato de - *Curso de História Universal Vol. II História de Roma e História da Idade Média*. 9ª edição. Lisboa : Editor Fortunato de Almeida, 1930.

ARAÚJO, Ana Cristina - *O Terramoto de 1755 Lisboa e a Europa*. CTT Correios de Portugal. Lisboa: CTT Correios de Portugal, 2005. ISBN 972-9127-96-4

ARAÚJO, Vera e outros - *Da comunicação de massa à comunicação em rede*. Porto: Porto Editora Lda, 2009.

BALLE, Francis - *Os Media*. 1ª ed. Lisboa : Campo das Letras, 2003.

BALLE, Francis - *Dicionário dos Media*. 1ª ed. Lisboa : Didáctica Editora, 2004.

BECK, U. ; GIDDENS, A. ; LASH, S. - *Modernização reflexiva. Política, Tradição e estética na ordem social moderna*. Oeiras: Celta Editora, 2000.

BENAVENTE, A. - A Reforma Educativa e Formação de Professores In Nóvoa, A. e Popkewitz, T. S. (eds.) *Reformas Educativas e Formação de Professores*, Lisboa: Educa, 1992.

BENAVENTE, A., et al. - *Do Outro Lado da Escola*, Lisboa: Editorial Teorema, 1992.

BENAVENTE, A., et al. - *Renunciar à Escola. O Abandono Escolar no Ensino Básico*, Lisboa: Fim de Século Edições, 1994.

BENEVIDES, Francisco da Fonseca - *Rainhas de Portugal. Estudo Histórico*. 2ª ed. Lisboa : Livros Horizonte, 2009. ISBN 978-972-24-1520-0

BERTALANFFY, V. - *Teoria Geral dos Sistemas*. Petrópolis: Editora Vozes, 1977.

BERTAND, Y. ; GUILLEMET, P. - *Organizações: Uma Abordagem Sistemica*. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

BISHOP, A.H. e Scudder, J.R. - *Nursing the practice of caring*. New York: National League for Nursing, 1991.

- BLAINEY, Geoffrey - *Uma breve História do Século XX*. Alfragide: Livros d'Hoje Publicações Dom Quixote, 2009. ISBN 978-972-20-3850-8
- BLOCH, Marc - *Apologie pour l'histoire: Métier d'historien*. 3ª ed. Paris: Librairie Armand Collin, 1959.
- BLOCH, Marc - *Introdução à história* (trad.). *Colecção Saber* nº 59. Lisboa: Europa- América, 1965. pp. 28-29.
- BRAUDEL, F. - *História e Ciências Sociais*. 4ª ed. Lisboa : Editorial Presença, 1982.
- BRAUDEL, F. - *Escritos sobre a História*. Lisboa : Publicações Dom Quixote, 1997. ISBN 972-20-14234-4
- BRETON, Philippe; PROULX - *Serge. Sociologia da Comunicação*. São Paulo: Loyola, 2002.
- BRONFENBRENNER, U. - *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- BURK, Peter. - *A escrita da história: novas perspectivas*. S. Paulo: Editora UNESP Fundação, 1992. ISBN 85-7139-0274
- CANÁRIO, Rui - *Formação e Situações de Trabalho*. Porto : Porto Editora. *Colecção Ciências da Educação* nº 25, 1997.
- CANÁRIO, R. - *Os Estudos sobre a Escola: problemas e perspectivas* In Estrela, A. ; Barroso, J. e Ferreira, J. - *A Escola, um objecto de estudo*, Lisboa: APELF/AFIRSE, 1995.
- CAPRA, F. - *A Teia da Vida*. São Paulo: Editora Cultrix, 1996.
- CASAL, Adolfo Yáñez - *Para uma epistemologia do discurso e da prática Antropológica*. Lisboa: Edições Cosmos Antropologia, 1996.
- COELHO, António Borges - *O Tempo e os homens: séculos XII - XIV* In *História de Portugal dos Tempos Pré-Históricos aos nossos dias* dirigida por João Medina. Vol. III: Amadora: Clube Internacional do Livro, pp. 95-108, [s.d.]. ISBN 84-408-0108-4.
- CORREIA, Fernando; BAPTISTA, Carla - *Jornalistas: do Ofício à Profissão - Mudanças no Jornalismo Português* (1956-1968). Lisboa: Caminho, 2007. ISBN 978-972-21-1858-3
- COSTA, Amorim da - *Introdução à História e Filosofia das Ciências*. 2ª ed. Mem Martins : Colecção Saber. Publicações Europa América, 2002.
- COUTINHO, Jorge - *Filosofia do Conhecimento*. Maia: Universidade Católica Editora, 2003. ISBN 972-54-0060-7
- DISNEY, A. R. - *História de Portugal e do Império Português*. Vol. I. Lisboa: *Saber e Educação*, 2010. ISBN 978-989-8174-92-5
- DUBAR, Claude; TRIPIER, Pierre - *Sociologie des professions*. Paris: Armand Colin, 1998.
- FEBVRE, Lucien - *Combates pela história*. Iº Vol. Lisboa: Ed. Presença, 1949.
- FEBVRE, Lucien - *Combates pela história*. Lisboa: Editorial Presença, 1985.
- GASSET, Ortega Y. - *O que é a Filosofia?* Lisboa: Biblioteca Editores Independentes, 2007. ISBN 978-972-795-193-2.

- GIOVANNINI, Giovanni - *Evolução na Comunicação: do sílex ao silício*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1987.
- GODINHO, Vitorino Magalhães - *Ensaio*. Vol. III. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1971.
- GOMES, M^a Margarida, e outros - *Introdução ao desenvolvimento económico e social* 12º ano 1ª e 2ª parte. Porto: Porto Editora, 1998.
- HABERMAS, Jürgen - *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- LE GOFF, Jacques - *A Nova História*. Lisboa: Edições 70, 1984.
- LE GOFF, Jacques [et al]. - *A Nova História*. Coimbra: Almedina, 1990
- LE GOFF, Jacques - *História e Memória Iº Vol. História*. Lisboa: Lugar da História - Edições 70, Lda, 2000. ISBN 972-44-1027-7.
- LOPES, António José; SARAIVA, Óscar - *História da Literatura Portuguesa*. 9ª ed. Corrigida e Atualizada. Porto: Porto Editora, Lda, 1976.
- MAGALHÃES, R.- *Fundamentos da gestão do conhecimento Organizacional*. APGC, Lisboa: Edições Sílabo, 2005.
- MARQUES, A. H. Oliveira - *Antologia da Historiografia Portuguesa I- Das Origens A Herculano*. Mem Martins : Publicações Europa América, Lda, 1974. Edição nº 4089/1846
- MARROU, H. - *Do conhecimento Histórico*. 7ª ed. (Revista e aumentada). Lisboa: Editorial Aster, 1976.85006 C.
- MATA, Maria Eugénia - *Indústria e emprego em Lisboa na segunda metade do século XX* 1999, p.131 In: Ler História 37 As origens Históricas do Estado Providência Perspectiva Comparada. Lisboa: ISCTE., pp. 127-146
- MATTOSO, António; HENRIQUES, António - *História Geral e Pátria I Antiguidade e Idade Média*. Porto : Porto Editora, 1965.
- MATTOSO, José - *A escrita da História - Teoria e Métodos*. Lisboa: Editorial Estampa, 1997. ISBN 972-33-1279-4
- MATURANA, H. - *A Ontologia da Realidade*. Belo Horizonte: UFMG, 1997.
- MATURANA, H. ; VARELA, F. - *De máquinas e seres vivos. Autopoiese, a Organização do Vivo*. Porto Alegre : Artes Médicas, 1997.
- MATURANA, H. ; VARELA, F. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano*. São Paulo : Palas Athena, 2005.
- MENDES, José M. Amado - *A história como ciência Fontes, Metodologia e Teorização*. 3ª ed. Coimbra : Coimbra Editora, 1993. ISBN 972-32-06277-7
- MORIN, E. - *O método. A natureza da natureza*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1977.
- MORIN, E. - *As grandes questões do nosso tempo*. Lisboa: Notícias Editorial, 1981.
- MORIN, Edgar - *Introdução ao Pensamento Complexo*. 5ª ed. Lisboa : Instituto Piaget. Epistemologia e Sociedade, 2008. ISBN 978-972-771-951-8
-

MOTTA, Virgínia; GÓIS, Augusto Reis; AGUILAR, Herondino Teixeira de. - *História da Literatura Portuguesa*. 5ª ed. Lisboa: Livraria Popular de Francisco Franco, [s.d.].

MOTTA, Virgínia; GÓIS, Augusto Reis; AGUILAR, Herondino Teixeira de - *Antologia de Autores Portugueses*. Coimbra: Coimbra Editora Lda, [s.d.].

MULLER, S. - *O Impacto das Tecnologias de Informação na Geração do Artigo Científico: Tópicos para estudo* In *Ciência* Vol. 23 Nº 3 setembro/dezembro 1994 pp. 309-317.

NEVES, Pedro Almiro - *Textos de História*. Porto: Porto Editora, 1976.

NONAKA, I. ; TAKEUCHI, H. - *The Knowledge Creating*. New York : Company, 1995

NONAKA, I. ; TAKEUCHI, H. - *Criação de conhecimento na empresa*. 5. ed. Rio de Janeiro : Campus, 1997.

NOVAK, Joseph D. - *Aprender Criar e Utilizar o Conhecimento - Mapas ConceptuaisTM como Ferramentas de Facilitação nas Escolas e Empresas*. Lisboa : Plátano Edições Técnicas, 2000. ISBN 972-707-279-8

NÓVOA, António - *Dicionário de educadores portugueses*. Lisboa : Edições Asa, 1990. ISBN 972- 41-3611-6.

NÓVOA, António - *Le Temps des Professeurs. Analyse socio-historique de la profession enseignante au Portugal (XVIII – XIX siècles)*. Lisboa : Imprensa Nacional da Casa da Moeda. Instituto Nacional de Investigação Científica, 1987.

NÓVOA, António - *Vidas de Professores*. Porto: Porto Editora. Colecção Ciências da Educação nº4, 2000.

OLIVEIRA Marques, A.H.- *Breve História de Portugal*. 3ª ed., Lisboa : Editorial Presença, 1998.

RAMOS, B. V. ; MONTEIRO, Nuno G. - *História de Portugal*. 3ª ed. Lisboa : A Esfera dos Livros, 2009, p. 596. ISBN 978-989-626-139-9

RICOEUR, Paul - *Teoria da Interpretação O Discurso e o excesso de significação*. Lisboa: Edições 70, 2009. ISBN 978-972-44-1573-4.

SANTOS, Boaventura Sousa - *Introdução a uma ciência pós-moderna*. 4º ed. Porto : Porto Edições Afrontamento, 1995.

SANTOS, Boaventura - *Um discurso sobre as ciências*, 13ª ed. Porto: Porto. Edições Afrontamento, 2002.

SANTOS, Boaventura Sousa - *Conhecimento prudente para uma vida decente. Um discurso sobre as ciências «revisitado»*. Porto: Edições Afrontamento, 2003. ISBN 972-36-0688-7.

SANTOS, Rogério - *O jornalismo na Transição do século XIX para o século XX. O caso do Diário Novidades (1885-1913)* In *Media & Jornalismo* – Jornalismo e a História nº 9, Ano 5, 2006 pp. 89-104.

SARAIVA, António José - *Iniciação na Literatura Portuguesa*. Mem-Martins: Publicações Europa-América, 1984.

SARAIVA, José Hermano - *História Concisa de Portugal*. 24ª ed. Mem Martins : Publicações Europa-América, 2007.

SERRÃO, Joel, dir., *Dicionário de História de Portugal*, Vol. I. Porto: Livraria Figueirinhas, [s.d.].

SOARES, Maria Luísa Couto - *O Que é o Conhecimento? Introdução à Epistemologia*. Lisboa: Campo das Letras, 2004. ISBN 972-610-857-8.

SOUSA, Manuel de - *Reis e Rainhas de Portugal*. Mem Martins: Spropress-Sociedade Editorial, 2000. ISBN 972-97256-9-1

TENGARRINHA, José - *História da Imprensa Periódica Portuguesa*. 2ª ed. Lisboa : Editorial Caminho, 1989.

TRAQUINA, Nelson [et al] - *O jornalismo português em análise de casos*. Lisboa: Editorial Caminho, 2001. ISBN 972-21-1423-9

THOMPSON, John - *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 1998.

VASCONCELLOS, M. - *Pensamento Sistêmico: O Novo paradigma da Ciência*. São Paulo: Papirus, 2002.

WATZLAWICK, P.; BEAVIN, J. ; JACKSON, D. - *Pragmática da comunicação humana: um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação*. São Paulo: Editora Cultrix, 1967.

VEYNE, Paul. - *Como se escreve a História*. Lisboa: Edições 70 Lda, 1979. ISBN 978-972-44-1480

Enfermagem

ASSOCIAÇÃO CATÓLICA DE ENFERMEIROS E PROFISSIONAIS DE SAÚDE - *História e Presença 1948-1980*. Águeda: ACEPS - Grafilarte, 1981.

AMENDOEIRA, J. - **A Formação em enfermagem, que conhecimento? Que contextos? Um estudo etno-sociológico**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1999. Dissertação de Mestrado em Sociologia.

AMENDOEIRA, J. - **Entre preparar enfermeiros e educar em enfermagem Uma transição inacabada**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2004. Tese de Doutoramento em Sociologia da Educação.

AMENDOEIRA, J. - *Uma biografia partilhada da Enfermagem A segunda metade do século XX 1950-2003 - Um contributo sócio- histórico*. Coimbra: FORMASAU, 2006. ISBN 972-8485-67-0

ANTUNES, Isabel Maria Quelhas Lima Engrácia - **Cuidados de enfermagem à família para promoção da saúde da criança Encontro com a história (1888-1925)**. Porto: Universidade do Porto, Instituto Ciências Biomédicas de Abel Salazar, 2005 Dissertação de Mestrado.

AZEVEDO, José Correia - *Greve de 1976 A Greve que mudou a Enfermagem*. Porto: Sindicato dos Enfermeiros, 2006. ISBN 972-97549- 2-6.

BALL, S. J. - *Performativity, privatisation and the Post-Welfare State*. *Educação e Sociedade*, Vol. 25, nº 89, 2004 pp.1105-1126.

BALL, S. J. - *Education reform: A critical and post-structural approach*. Philadelphia: Buckingham and Open University Press, 1994.

BARBOSA, J. ; Alves, Oliveira - *Manual de enfermagem civil e militar*. Porto: Editora Educação Nacional, 1940.

BASTO, Marta Lima - *Da intenção de mudar à mudança. Um caso de intervenção num grupo de enfermeiras*. Lisboa : Editora Rei dos Livros, 1998. ISBN 972-51-0760-8

BENNER, Patrícia - *De iniciado a Perito*. Coimbra: Quarteto Editora, 2006.

BISHOP, A. H. ; SCUDDER, J. R - *Nursing the practice of caring..* New York: National League for Nursing, 1991.

CASTILHO, Adriano de - *Do Ensino de Enfermagem*. Porto : Costa Carregal - Separata do Jornal do Médico XLIV: 658-666. março, 1961 pp. 3-27.

CARPER, B. A. - Fundamental Patterns of Knowing in Nursing. In Nicoll L. H. – Perspectives on nursing theory, 3rd ed., Philadelphia: Lippincott, 1997.

COLLIÈRE, Marie-Françoise - *Promover a vida*. Da prática das mulheres de virtude aos cuidados de Enfermagem. Lisboa : Sindicato dos Enfermeiros Portugueses, 1989. ISBN 972-95420-7; 1990. 972-575-103-3.

COLLIÈRE, Marie-Françoise - *Cuidar... a primeira arte da vida*. 2^a edição, Loures : Lusociência, 2003. ISBN 972-8383-53-3

CORRÊA, Beatriz de Mello - *Imagens e memórias da Escola Técnica de Enfermeiras (1940- 1988)*. Lisboa: Edição de autor, 2002.

CONSELHO INTERNACIONAL DE ENFERMEIROS - Classificação Internacional de Enfermagem (CIPE/ICNP), Versão Beta 2. Lisboa: Instituto de Gestão Informática e Financeira da Saúde e Associação Portuguesa de Enfermeiros, 2001. ISBN 972-98149-5-3

COSTA, Alberto - *Enfermagem auxiliar do médico prático, guia do enfermeiro profissional e da enfermeira doméstica*. 3 Vols. Escola de Enfermagem Artur Ravara 1^a, 2^a e 3^a edição. Coimbra : Moura Marques & F^o: Coimbra, 1939; 1940; 1942; 1945.

COSTA, Alberto - *Enfermagem: Guia da enfermeira profissional e auxiliar do médico prático*. Vol. I, 5^a ed. Coimbra: Moura Marques & Filho, 1956.

COSTA-SACADURA - *Subsídios para a Bibliografia Portuguesa sobre Enfermagem. Algumas efemérides*, Lisboa: [s.n.], 1950.

COSTA - A propósito do 3º Centenário de S. Vicente de Paulo Recordando a Irmã Eugénia, 1997. pp. 12-13.

D'ALMEIDA, João - *Onde houver bem a fazer que se faça. 50º aniversario da Fundação da Escola de Enfermagem Imaculada Conceição*. Porto: Casa de Saúde da Boavista, 1987.

DONAHUE, M. Patrícia - *Historia de la enfermeria*. Barcelona: Doyma, 1985 e 1993.

DONALDSON, Sue K. ; CROWLEY, Dorothy M. - The disciplin of nursing. In: Nicole, Lesley H. Perspectives on Nursing Theory, 3rd ed., Philadelphia: Lippincott, 1997.

ESCOLA DE ENFERMAGEM DE ARTUR RAVARA - *Escola de Enfermagem de Artur Ravara: Breves referências para a sua história: comemoração do centenário 1886-1986*. Lisboa: Escola de Enfermagem Artur Ravara - Grafilarte, 1987.

ESCOLA SUPERIOR DE ENFERMAGEM DE S. VICENTE DE PAULO - *60º Aniversário - 1967-1937 A projecção da Escola no Limiar do 3º Milénio*. Lisboa: novembro 1997.

ESCOLA SUPERIOR DE ENFERMAGEM CIDADE DO PORTO - Histórias e Memórias da ESEnfCP. Loures : Lusociência, 2003. ISBN 972- 8383- 56 – 8

ESCOLA SUPERIOR DE ENFERMAGEM DE S. JOÃO - Escola Superior de Enfermagem de S. João 1955/2005. Porto : Escola Superior de Enfermagem de S. João, 2005.

ECOS DA ENFERMAGEM - 200 Edições 1981-1997. Braga: Sindicato dos Enfermeiros do Norte: Editorial Franciscana, 1997. ISBN 972-97549-0-X

FAWCETT, J. - Analysis and evaluation of nursing theories. Philadelphia: F. A. Davis Company, 1993.

FAWCETT, J. - *Analysis and Evaluation of Conceptual Models of Nursing*. Philadelphia: F.A.Davis, 1995.

FIGUEIREDO, M. H. - *Modelo dinâmico de avaliação e intervenção familiar – uma abordagem colaborativa em enfermagem de família*. Loures: Lusociência, 2012. ISBN 978-972-8930-83-7

FILIPPE, Ana do Rosário Loureiro - **Contribuição para o estudo dos Periódicos de Enfermagem: Traços do Perfil do Enfermeiro na Revista Servir (1952-1984)**. Lisboa : Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Departamento de Ciências da Educação (Área de Especialização: Educação, Comunicação e Linguagem), 2006. Dissertação de Mestrado.

FONSECA, Ernesto, J. - *Simbologia dos emblemas das escolas de enfermagem em Portugal. Um património da profissão de Enfermagem*. Santarém: Edição de autor, 2003. ISBN 95898/03

FONSECA, Ernesto, J. - *Hospitais de Santarém Da Reconquista ao século XX*. 1ª ed. Santarém : Edição de Editor, 2012. ISBN: 340341/12.

GEORGE, J. - *Teorias de Enfermagem para a Prática Profissional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

GEORGE, J. - *Teorias de Enfermagem: os Fundamentos à Prática Profissional*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2000.

HENDERSON, Virginia - *The nature of nursing*. London: Collier Mac-Milan, 1996.

HENDERSON, Virgínia - *Princípios Básicos dos Cuidados de Enfermagem do CIE*. Loures : Lusodidacta, 2007

HESBEEN, W. - *Cuidar no Hospital. Enquadrar os cuidados de enfermagem numa perspectiva de cuidar*. Loures: Lusociência, 2000.

HESBEEN, W. - *Qualidade em enfermagem. Pensamento e acção na perspectiva do cuidar*. Loures: Lusociência, 2001.

KEROUAC, Suzanne [et al.] - *La pensée infirmière : Conceptions et stratégies*. Laval : Éditions Études Vivantes, 1996.

LEININGER, M. M. - *Qualitative research methods in nursing*. Orlando: Grunne and Stratton Inc., 1985.

LEININGER, M. M. - *Caring an essential human need*. Detroit: Wayne Stat, University Press, 1988.

LOPES, Manuel José - *Concepções de Enfermagem e desenvolvimento sócio-moral. Alguns dados e implicações*. Lisboa: APE, 1999. ISBN: 972-98149-0-2

MACHADO, Rui Bordalo - *Manual de Enfermagem Cirúrgica* 1º Vol. - Correspondendo ao Programa Oficial do 2º ano de Enfermagem Geral. Lisboa: Sociedade Nacional de Tipografia- Editorial “ O SÉCULO”, 1954.

MACHADO, M. Rosário Silvestre - *Contributo para a mudança no ensino de enfermagem*. Trabalho no âmbito da disciplina de Teorias de Desenvolvimento Curricular no Mestrado em Ciências de Enfermagem. Universidade Católica Portuguesa. Mimeografia (Não publicado): Lisboa: 1992

MACHADO, M. Rosário Silvestre - **Percepção do Enfermeiro em saúde comunitária sobre a influência da formação em educação para a saúde na prática clínica**. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Ciências Humanas/ Departamento de Ciências da Vida e da Saúde, 1994. Dissertação de Mestrado em Ciências de Enfermagem.

MACHADO, M. Rosário Silvestre - *Conferência Transatlântica Ensino de Enfermagem: Diferentes realidades novas perspectivas – Realidade do Ensino de Enfermagem em Portugal*. Escola Superior de Enfermagem de Angra do Heroísmo. Angra do Heroísmo: 1997.

MACHADO, Natália de Jesus Barbosa - **A evolução do exercício Profissional de enfermagem de 1940 a 2000 – Análise numa perspectiva histórica**. Porto: Universidade do Porto, Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, 2004. Dissertação de Mestrado em Ciências de Enfermagem.

MACHADO, M. Rosário Silvestre - *Educação para a Saúde – O tempo e o Modo*. Publicação em colectânea da Coleção CIDINE dirigida pelos Professores Isabel Alarcão e José Tavares. In Transversalidade em Educação e em Saúde, Marques, Ramiro; Roldão, Céu; Luís, Helena; Hamido, Gracinda. Porto: Porto Editora, 2007. ISBN 978-972-0-34739-8.

MARTINS, Ismael - *Escola de Enfermagem do Dr. Lopes Dias - Subsídios para uma história*. Castelo Branco : Tipografia Semedo, 1982.

MELEIS, A. - *Theoretical nursing: development and progress*. 3rd. Philadelphia: Lippincott Company, 1997.

MURINELLO, Alberto Ferro; HENRIQUES, José A. R. de Campos - *Manual de primeiros socorros e enfermagem, para uso dos pescadores do bacalhau*. Lisboa: Grémio, dos Armadores de navios da Pesca do bacalhau (Serviços de Assistência), 1939.

NIGHTINGALE, Florence - *Notas sobre a enfermagem: O que é e o que não é*. Loures: Lusociência, 1989. ISBN 85-249-0183-7.

NIGHTINGALE, Florence. - *Notas sobre Enfermagem – O que é e o que não é* Tradução de Germano Couto e Carla Ferraz. Loures: Lusociência, 2005. ISBN 972-8383-92-4.

NOGUEIRA, M. - *História da enfermagem*. 2ª edição. Porto: Edições Salesianas, 1990. ISBN 972- 690-225-8.

NUNES, Lucília - *Um olhar sobre o ombro. Enfermagem em Portugal (1881-1998)*. Lisboa: Lusociência, 2003. ISBN 972-8383-30-4.

OGUISSO, T. - *Trajetória Histórica e Legal da Enfermagem*. São Paulo: Manole, 2005 p. IX..

ORDEM DOS ENFERMEIROS, Conselho de Enfermagem - *Competências do enfermeiro de cuidados gerais*. Lisboa: Ordem dos Enfermeiros, 2003.

ORDEM DOS ENFERMEIROS - Conselho de Enfermagem. *Do caminho percorrido e das propostas (análise do primeiro mandato – 1999 - 2003)*. Lisboa: Ordem dos Enfermeiros, 2003.

ORDEM DOS ENFERMEIROS - *Código Deontológico do Enfermeiro dos comentários à análise de casos*. Lisboa : Edição da Ordem dos Enfermeiros, 2005.

ORDEM DOS ENFERMEIROS - *Relatório do Fórum Nacional Descentralizado: Desenvolvimento profissional – que futuro? Certificação de competências e especialidades*. Lisboa: Conselho de Enfermagem, 2007.

ORDEM DOS ENFERMEIROS - *Desenvolvimento Profissional – Individualização das especialidades em enfermagem: Fundamentos e proposta de sistema*. Lisboa: Ordem dos Enfermeiros, 2007.

ORDEM DOS ENFERMEIROS - *Plano Estratégico do Ensino de Enfermagem 2008-2012*. Lisboa: Ordem dos Enfermeiros, 2008.

PACHECO, António ; e outros - *Escola Superior de Enfermagem de Maria Fernanda Resende Memórias de um Percorso*. Lisboa: Ensaios - Gabinete de Comunicação e Investigação Histórica, 2005. ISBN 972-99657-0-6.

PAVEY, A. E. - *The Story of Growth of nursing*. London: Faber and Faber Limited, 1953.

PERRY D. J. ; GREGORY K. E. - *Global applications of the cosmic imperative for nursing knowledge development*. In: Roy C, Jones D, eds. Nursing Knowledge Development and Clinical Practice. New York: Springer Publishing, 2007. pp. 315–326.

PETITAT, André - *Les infirmières. De la Vocation à profession*. Montreal : Les Editions du Boréal, 1989.

RAPOSO, M. Manuela Dias Silva - **Remexendo o “Bau” de um serviço Contributo para a história do papel da enfermeira nos serviços de protecção materno-infantil no distrito de Ponta Delgada**. Ponta Delgada : Escola Superior de Enfermagem de Ponta Delgada, 1998. Dissertação no âmbito das provas públicas para concurso para professor coordenador.

SANT-IAGO, D. de - *Postilla Religiosa, e Arte de Enfermeiros*. 1741, 109 Edição Fac- símile. Lisboa: Empresa do Diário do Minho, 2005.

SEYMER, L. R. - *A general history of nursing*. London: [s. ed. e s.d.].

SILVA, A. Paiva e - **Sistemas de Informação em Enfermagem – uma teoria explicativa da mudança**. Porto : Universidade do Porto, Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar, 2001. Tese de Doutoramento.

SILVA, A. Paiva e - *Sistemas de Informação em Enfermagem – uma teoria explicativa da mudança*. Porto: FORMASAU- Formação e Saúde, 2006. ISBN 972-8485-76-4

SILVA, António Victor Azevedo e outros - *Escola Superior de Enfermagem de Artur Ravara: Pioneira no passado, actuante no presente, inovadora no futuro... 121 anos de história*. Loures : Lusociência - Edições Técnicas e Científicas, 2007. ISBN: 978-972-8930-41-7

SILVA, Maria Helena Racha da - **Dos Postos de Protecção à Infância aos Dispensários Materno-Infantis. Contribuição para o estudo da Saúde Materno-Infantil, na saúde pública e na sociedade portuguesas (1929-1957)**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais, 2007. Tese de Doutoramento em História – História Cultural e das Mentalidades Contemporâneas.

SILVA, Ana Isabel - *A Arte de Enfermeiro: Escola de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008. ISBN: 978-972-8704-99-5.

SIMÕES, A. A. da Costa - *Escola de Enfermeiros em Coimbra. A minha administração*. (Excerto). Coimbra: 1881. pp. 333-340.

SIMÕES, A. A. da Costa - *A minha administração dos hospitais da Universidade*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1888.

SINDICATO DOS ENFERMEIROS DO NORTE - *Ecos de Enfermagem 200 Edições 1981-1997*. Porto: Sindicato dos Enfermeiros do Norte, 1997. ISBN 972-97549-0-X.

SOARES, M. I. - *Da blusa de brim à touca branca. Contributo para a História do Ensino de Enfermagem em Portugal (1880-1950)*. Lisboa: Educa & Associação Portuguesa de Enfermeiros, 1997. ISBN: 972-8036-14-0.

SOUSA, Regina Teixeira de - *60 Anos ao serviço da formação de enfermagem: subsídios para a história da ESEIC*. Porto: Escola Superior de Enfermagem Imaculada Conceição, 1997.

VEIRA, Margarida - *Ser enfermeiro da compaixão à proficiência*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2007. ISBN 972-54-0146-8.

WATSON, Jean - *Enfermagem pós-moderna e futura. Um novo paradigma da enfermagem*. Loures: Lusociência, 2002.

Artigos de Publicações Periódicas

ABELHA, José - Crónica do Hospital de São José. Hospital de S. José Boletim de Enfermagem. Lisboa: Hospital de São José. nº 22, junho 2003, pp. 2-3.

AFONSO, Mário – Orientando o ensino profissional. O Enfermeiro Português, Porto: Ano I, nº3, 1929, pp. 1-2.

AFONSO, Mário - A missão do enfermeiro. O Enfermeiro Português, Porto : nº 4, 31 de dezembro, 1929, pp. 1-2.

AFONSO, Mário - «Prosa rude». Os «parasitas» da nossa profissão. O Enfermeiro Português. Porto: nº 5, 15 de setembro 1930, pp. 6-7.

ALMEIDA, Armando Manuel Gonçalves de - Profissão e Disciplina Reflexão sobre os caminhos da Enfermagem em Portugal. Nursing (edição portuguesa). Ano 18, nº 229, janeiro 2009, pp. 20-30.

AMENDOEIRA, José. - Cuidado de enfermagem intenção ou acção o que pensam os estudantes? Nursing (edição portuguesa). nº 146, julho/agosto 2000, pp. 8-14.

AMENDOEIRA, José - Enfermagem em Portugal. Contextos, actores e saberes. Enfermagem. Lisboa: APE. nº 35/36 (2ª série), julho /dezembro 2004, pp. 13-22.

AMENDOEIRA; José - Enfermagem, Disciplina do Conhecimento. Sinais Vitais. Coimbra: FORMASAU. nº 67, julho 2006, pp. 19-27.

ARQUIVO DO ENFERMEIRO (IIª Série) - Das Revistas e Jornais. nº 5 julho de 1943.

ARQUIVO DO ENFERMEIRO (IIª Série) - História e Fundação do Hospital de S. José. Ano I, nº5 julho 1943, p.73.

ASSEIRO, Maria de Lurdes Esteves - Editorial nº 0. Jornal INFOESES. Santarém: Escola Superior de Enfermagem de Santarém. Ano I, maio 1998, p. 2.

ASSIS - Enfermeira nº 5 junho 1941, p. 7.

BASTO, M. L. - Florence Nightingale. Enfermagem em Foco. Lisboa: SEP. AnoVI, nº23, maio/julho1996, pp. 23-24.

BASTO, M. L - Evolução da investigação em enfermagem em Portugal. Pensar Enfermagem. Lisboa: Escola Superior de Enfermagem Maria Fernanda Resende. Vol. I, nº 2, 1º Semestre 1998, pp. 17-19.

BASTO, Marta Lima; Palma, Maria Joana; Cardoso, Maria Brites - A investigação em enfermagem realizada nas escolas superiores de enfermagem: alguns exemplos. Pensar enfermagem. Lisboa: Escola Superior de Enfermagem Maria Fernanda Resende. Vol. III, nº 2 2º Semestre 1999, pp. 17-19.

BASTO, M. L. e outros - Integração da investigação na formação em enfermagem. Proposta de guia de orientação. Enfermagem. Lisboa : APE. nº 19 (2ª Série) julho/setembro 2000, pp. 11-13.

BASTO, M. L. e MAGÃO, M. T. - Práticas de enfermagem: algumas reflexões sobre o estado da arte da investigação. Revista de investigação em Enfermagem. Coimbra: FORMASAU. nº 4, agosto 2001, pp. .3-11.

BASTO, Marta Lima e CARVALHO, Zuila Maria de Figueiredo - A produção do conhecimento em Enfermagem: o que escrevem os enfermeiros portugueses. Pensar Enfermagem. Lisboa : Escola Superior de Enfermagem Maria Fernanda Resende. Vol. 7 nº 2, 2º Semestre 2003, pp. 2-14.

BESSA, Maria Aurora - A integração do ensino de enfermagem no sistema educativo nacional. Sua importância no desenvolvimento sanitário do país. Enfermagem. Lisboa: APE. Vol. 35, nº1, janeiro/fevereiro 1987, pp. 28-37.

BOLETIM SINDICAL - Editorial. nº2/80, março 1980, p.1.

BOLZAN, Mónica de Fátima e outros - A pesquisa na área da Enfermagem Oncológica: Um estudo das Publicações em Periódicos Nacionais. Texto Contexto Enfermagem. Florianópolis: Vol. 15 nº 4, outubro/dezembro 2006, pp. 595-600.

BORENSTEIN Miriam Susskind; PADILHA, Maria Itayra Coelho de Souza - Os Congressos Brasileiros - Pontes para a liberdade e Transformação da Enfermagem. Revista Latino- Americana Enfermagem. Vol. 9 nº 3, maio 2001, pp. 7-13.

BOTELHO, José Rodrigues - Enfermagem de Saúde Mental e Psiquiátrica – Alguns contributos para a sua história em Portugal. Servir. Lisboa: ACEPS. Vol. 52 nº 2, março/abril 1994, pp. 55-64.

BOTELHO, José Rodrigues - A Formação Profissional Contínua do Enfermeiro. Pensar Enfermagem. Lisboa : Escola Superior de Enfermagem Maria Fernanda Resende. Vol. 2 nº 2, 2º Semestre 1998, p. 47.

BOTELHO, Maria Antónia Ribeiro - Editorial Pensar Enfermagem. Lisboa: Escola Superior de Enfermagem Maria Fernanda Resende. ISSN 0873-8904. Vol II, nº 2, 2º Semestre 2007, p. 1.

CABRAL, Dinora Gil da Costa - Editorial. Informar. Porto: Escola Superior de Enfermagem Imaculada Conceição. nº1 abril/junho 1995, p. 4.

CABRAL, Dinora Gil da Costa - 4 anos de contributo para a divulgação de saberes Informar. Porto: Escola Superior de Enfermagem Imaculada Conceição. Ano IV nº 15 outubro/dezembro 1998, pp. 3-5.

CABRERA, Ana - Os jornalistas no Marcelismo – dinâmicas sociais e reivindicativas. Media & Jornalismo – Jornalismo e a História. Lisboa: Ano 5, nº 9, 2006, pp. 9-22.

CHAINHO, Luís Carlos Romana - Florence Nightingale Um anjo na guerra. Enfermagem. Lisboa: APE. nº9 (2ª Série) 1998, pp. 25-26.

CANALS, J. - La imagen femenina de la enfermería. Condicionantes socio-culturales de la profesion de cuidar. ROL. Barcelona: XV nº 172, dezembro 1992, pp. 29-41.

CARVALHO, Maria Eugénia Gomes de - Ecos da Enfermagem. Porto: SEZN. Ano XVII nº 135 novembro/dezembro 1984, pp. 3-5.

COELHO; Isaura Borges - Mulheres enfermeiras que fazem história. Enfermagem em Foco. Lisboa: SEP. Vol. 4 nº 14 fevereiro/abril 1994, pp. 30-32.

COMELLES, J. M. - Cuidar y curar. Bases para una historia antropológica de la enfermería hospitalaria. ROL. Barcelona: XV nº 172, dezembro 1992, pp. 35-41.

CORREIA, F. - A Rainha D. Leonor. A Enfermeira Boletim do Sindicato Nacional das Enfermeiras do Distrito de Lisboa, nº11, 1937, pp. 8-10.

CORREIA, Fernando, Baptista, Carla - Anos 60: um período de viragem no jornalismo português Media & Jornalismo – Jornalismo e a História. Lisboa: nº 9 Ano 5, 2006, pp. 23-39.

COSTA, - A propósito do 3º Centenário de S. Vicente de Paulo Recordando a Irmã Eugénia , Lisboa: 1997, pp. 12-13.

COSTA, Maria Arminda - Reflectindo... sobre o ensino de enfermagem. Sinais Vitais. Coimbra: FORMASAU. Vol. 48 nº 27 novembro 1999, pp. 11-16.

COSTA, M. A. - Novos desafios para a excelência dos cuidados de Enfermagem. Servir. Lisboa : ACEPS. Vol. 48 nº1 janeiro/Fevereiro 2000, pp. 12-18.

DANTAS, Margarida Cohen Cunha Teles - Dia da Enfermagem Portuguesa Comemorações do dia de S. João de Deus e da Enfermagem Portuguesa. Revista de Enfermagem. Lisboa: nº 26 abril 1958, pp. 271-274.

DIAS, Maria da Cruz Repenicado - A educação actual da enfermeira. Servir. Lisboa: AEC. 1952, p. 10.

ECOS DA ENFERMAGEM - Editorial, nº 121. Porto: SEZN. Ano XIV novembro/dezembro 1981, p.1.

ENFERMAGEM EM FOCO - O Editorial nº 58. Lisboa: SEP. Ano XIV janeiro/março 2005, p.1.

FERREIRA, Jorge Sousa e Vieira, Margarida - Investigação histórica: um instrumento para o desenvolvimento profissional. Servir. Lisboa: ACEPS. nº 5-6, Vol. 56. setembro/dezembro 2008, pp. 167-172.

FILIPPE, Eduardo Tondela - A enfermagem portuguesa Passado, presente e futuro (Parte I). Nursing (edição portuguesa). Lisboa: Ferreira & Bento. Ano 6 nº 69 outubro 1993, pp. 7-13.

FRANCO, João - Enfermagem: Que desafios para o novo milénio. Servir. Lisboa: ACEPS. Vol. nº 49 nº 1 janeiro/fevereiro 2001, pp. 23 -25.

FREITAS, J. F. - Apontamento Histórico sobre S. João de Deus. Servir . Lisboa: ACEPS. Vol. 44 nº1 janeiro/fevereiro de 1996, pp. 5-7.

FORJAZ, Maria Teresa Basto Pereira - Caridade Servir . Lisboa : ACEPS. nº 42 março 1964, p. 11.

GARRIDO e OUTROS - A acção da Enfermeira na Santa Casa da Misericórdia de Lisboa Boletim Sindical. Lisboa: SEP. nº 5 setembro/outubro 1990, pp. 42-48.

G., J. - Primeiro Centenário dos Santos Patronos dos Hospitais e dos Doentes Camilo de Lellis e João de Deus. Servir. Lisboa: ACEPS.

GRAMACHO - Retrospectiva do exercício da enfermagem no contexto da saúde em Portugal. Boletim Sindical. Lisboa: Sindicato dos Enfermeiros da Zona Sul. maio/agosto, 1984, pp. 17-19.

HOSPITAL DE S. JOSÉ BOLETIM DE ENFERMAGEM - Menção Honrosa - Atribuída a Luísa Gomes da Costa. Lisboa : Hospital de S. José Boletim de Enfermagem .Lisboa: nº 3, abril 2000, p. 5.

IRWIN, Weintraub - The Role of Grey Literature in the Sciences -- Bases de Dados de Literatura Cinzenta Referência. Coimbra: Escola Superior de Enfermagem de Coimbra. IIª Série nº3 dezembro 2006, pp. 81-84.

JESUS, Élvio - Sistema de Informação e Documentação de Enfermagem Apoio da decisão política e garantia da segurança e da qualidade dos cuidados: Da importância da informação e dos sistemas de informação de Enfermagem. Lisboa : Revista da Ordem dos Enfermeiros. Lisboa : OE. nº 19, 2005, pp. 46-50.

LEONE, José Teófilo Farto - História do Hospital de Todos-os-Santos. Servir. Lisboa: ACEPS. Vol. 32 nº 4, julho/agosto 1984, pp. 200-207.

LOPES, M. J. S. e Costa, M. G. M. - Representação da profissão de enfermagem, Nursing (edição portuguesa). nº 5, Junho 1988, pp. 14-16

LOPES, Manuel José - Enfermagem e disciplina versus enfermagem e profissão. Outra perspetiva. Pensar Enfermagem. Lisboa: Escola Superior de Enfermagem M^a Fernanda Resende. vol. nº 13 nº 2, 2º semestre 1999, pp. 20-24.

LOPES, Manuel José - O estado da arte da investigação em enfermagem. O enfermeiro como sujeito/objecto de investigação. Sinais Vitais. Coimbra: FORMASAU. nº 38, setembro 2001, pp. 31-35.

MACHADO, Pedro Miguel e SILVA, Pedro José - A divulgação Global do Conhecimento como política para a formação e desenvolvimento profissional. Nursing (edição portuguesa) Ano 21 outubro 2009, pp. 44-47.

MASSAROLO, M. C. K. B. et al - Utilização da pesquisa de Enfermagem na prática Revista Paulista de Enfermagem. S. Paulo: Escola de Enfermagem de S. Paulo. nº 6 1986, pp. 146-156.

MARQUES, Maria de Fátima Mendes e COSTA, Maria de Lourdes Varandas da - O papel da escola na evolução do ensino de enfermagem 1886-1930. Servir. Lisboa: ACEPS. Vol. 53 nº 5 setembro/outubro 2005, pp. 226-234.

MARQUES, Paulo e Morais, Luísa - Produção editorial dos enfermeiros portugueses análise comparativa. Informar. Porto: Escola Superior de Enfermagem Imaculada Conceição. Ano X. nº 32 janeiro/junho 2004, pp. 13-15.

MENDONÇA, M. Manuela - S. João de Deus – Modelo no Cuidar Servir. Lisboa: ACEPS. Vol. 50 nº 3 maio/junho 2002, pp. 119-123.

MOURÃO, Alberto - A Enfermagem, profissão actual. Revista de Enfermagem nº2 janeiro 1954, pp.31.32; 36.

NURSING (edição portuguesa) - Editorial. Ano I nº 3, Abril 1988, p. 7.

O ENFERMEIRO PORTUGUÊS - (Apresentando...). Porto: Ano I nº1 31 de outubro de 1929, p. 1.

PADILHA M. e BORENSTEIN M. - O método de Pesquisa Histórica na Enfermagem Texto Contexto Enfermagem outubro/dezembro 2005.

PEDROSA, Aliete - Os Cuidados na doença e os Serviços Assistenciais desde as origens até finais da Idade Média. Referência. Coimbra: Escola Superior de Enfermagem de Coimbra. nº 9 novembro 2002, pp. 81-86.

PEREIRA - Ordem Hospitaleira de S. João de Deus. Servir. Lisboa: ACEPS. Vol. 38 nº 4 julho/agosto 1990, p. 204.

PEREIRA, H. - Formação e Investigação em contextos de trabalho. Enfermagem Oncológica. Porto: IPO/Porto. , nº 0, outubro 1996, pp. 25-28.

PINTO, J. M. - Questões de Metodologia Sociológica (I, II, III), Cadernos de Ciências Sociais, n°s 1, 2 e 3, 1984/1985.

PIRES, Maria José Ferreira - A História dos Hospitais da Igreja também em Portugal. INFORMAR,. Porto: ESEIC. Ano VI n° 21, abril/junho 2000, pp. 23-29.

PRITCHARD - A Statistical bibliography or bibliometric? Journal of Documentation, Vol. 25, n° 4 1969, pp. 348-349.

REBELO, Jorge - Enfermagem: Desenvolvimento profissional e formação. Perspectiva histórica. Enfermagem em Foco. Lisboa : SEP. Ano XI, Vol.48 julho/setembro 2002, pp.5-30.

REBELO, Maria Teresa S. - Enfermagem em Português: a mais valia para Pensar Enfermagem. Pensar Enfermagem. Vol. 2 n°2 2º Semestre 1998, p.45.

REBELO, Maria Teresa S. - Os discursos nas práticas de cuidados de enfermagem contributo para a análise das representações sociais. Sinais Vitais . Coimbra: FORMASAU. n° 9 novembro, 1996.

REVISTA DE ENFERMAGEM - Directriz. n° 1 outubro 1953, p. 1.

REVISTA DE ENFERMAGEM - Editorial. n° 2 janeiro de 1954 p. 1.

REVISTA DE INVESTIGAÇÃO EM ENFERMAGEM - Editorial. Coimbra: FORMASAU. n° 15 fevereiro 2007, p. 2.

REVISTA DE INVESTIGAÇÃO EM ENFERMAGEM - Editorial. Coimbra: FORMASAU. n°17 fevereiro 2008, p.2.

REVISTA PORTUGUESA DE ENFERMAGEM - Editorial. n°3 julho, agosto, setembro 2005, p. 1.

RIBEIRO, Dilia de Almeida - A Escola de Enfermagem de S. Vicente de Paulo – Início e Evolução Perspectivas Futuras. Servir . Lisboa: ACEPS. Vol. 36 n° 2 março/abril 1988, pp. 91-103.

RIBEIRO, Lisete Fradique - O Ensino de Enfermagem de 1988 a caminho de 1998 - O desafio de uma década. Servir . Lisboa : ACEPS. Vol. 45 n° 1 janeiro/fevereiro, 1998 p.p. 21-25.

RIBEIRO, Lisete Fradique - Novas modalidades de formação em enfermagem: que impacto? Servir . Lisboa: ACEPS. Vol. 6 n° 1, 2002, pp. 25-38.

SAGORRO, J. - Os progressos da investigação em enfermagem e a sua importância na mudança organizacional. Enfermagem em Foco. Lisboa: SEP. 19, maio/julho 1995, pp. 35-38.

SALGUEIRO, Nídia - Teoria e modelo de enfermagem baseado nos Evangelhos, Cuidar. Coimbra: Escola Superior de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca. n° 0 fevereiro, 1992 p. 2.

SALGUEIRO, Nídia - O «Cuidar» na Obra da Rainha Santa Isabel . Referência . Coimbra: Escola Superior de Enfermagem de Coimbra. n°3 novembro 1999 pp. 81-87.

SANTOS, Mª Teresa Silva - Bases para a mudança na formação das(os) enfermeiras(os) em Portugal. Enfermagem. Lisboa: APE. n° 4 (2º trimestre), 1986, pp. 11-14.

SERVIR - Editorial. Servir . Lisboa: AEC. 14 março 1952, p. 1.

SERVIR - Editorial. Servir . Lisboa: AEC. Vol. 53 n° 4 2005, p. 1.

SERVIR - As irmãs de São Vicente de Paulo nos Estados Unidos da América Servir. Lisboa: ACEPS. Vol. 53 nº5 setembro/outubro 2005 p.255 in: <http://www.stv.org/aboutus/daughters.aspe> American Journal of Nursing. Vol.105, nº8.

SERVIR - Editorial. Servir. Lisboa : ACEPS. janeiro/abril 2007 Vol. 55 nº 1-2 pp. 1-2.

SERVIR JORNAL DAS ENFERMEIRAS DIPLOMADAS PELA ESCOLA DE SÃO VICENTE DE PAULO - Editorial. Servir Jornal das Enfermeiras Diplomadas pela Escola de São Vicente de Paulo. Lisboa : ESVP. nº 1 maio 1949, p.1.

SILVA - Uma carta significativa, O Enfermeiro Português, Porto : Ano I nº 4 31 de dezembro de 1929, p.15

SILVA, M. F. - Hospitalidade com S. João de Deus no coração da história. Hospitalidade, 1994.

SILVA, Helena - A concepção de cuidados de enfermagem em Florence Nightingale Sua influência na educação e prática em enfermagem . Nursing (edição portuguesa). Ano XIII nº 154, abril 2001, pp. 32-33.

SILVA, Abel Paiva - Enfermagem avançada: um sentido para o desenvolvimento da profissão e disciplina. Servir. Lisboa: ACEPS. Vol. 55 nº 1-2 janeiro/abril 2007, pp. 11-20.

SOARES, Maria Isabel - Notícias sobre alguns manuais de enfermagem. Enfermagem. Lisboa: APE. nº 1 (IIª Série), janeiro/março 1996, pp. 43-52.

SOARES, Maria Isabel e BASTO, Marta Lima - 10 Anos de investigação em enfermagem em Portugal. Enfermagem. Lisboa : APE. nº 14 (2ª Série) 1998, pp. 32-45.

SOARES e FREITAS - História Florence Nightingale – 1820-1910 Enfermagem. Lisboa: APE.. nº 21 (2ª Série), 2004, pp. 34-41.

SOUSA, J. Fernando de. - Exemplos régios de caridade para com os enfermos A Enfermeira Boletim do Sindicato Nacional Feminino das Enfermeiras do Distrito de Lisboa. Lisboa: nº5 1941, p.5.

SOUSA, M. Diniz de - A evolução do ensino de enfermagem em Portugal nos últimos 25 anos. Servir. Lisboa: ACEPS. Vol. 31, nº2 março/ abril de 1983, pp. 89-103.

SOUSA, M. A. - As lutas dos enfermeiros e a situação actual. Boletim Sindical. Lisboa : Sindicato dos Enfermeiros da Zona Sul. maio/agosto 1984, pp. 19-21.

SPITZER, A. da; PERRENOUD, Beatrice - Reforms in Nursing Education across Western Europe: From Agenda to Practice. Journal of Professional Nursing. Vol 22, nº 3 may/ june 2006, pp. 150-161.

TEIXEIRA, Otilia - O estado da arte da investigação em enfermagem em Portugal: a profissão/modelos profissionais como objecto de análise. Enfermagem. Lisboa: APE. nº 23/24 (2ª Série), julho /dezembro 2001, pp. 31-36.

TELES, José Pinto - Encerramento do ano lectivo de 1952-53 na Escola de Enfermagem «Dr. Ângelo da Fonseca». Revista de Enfermagem. nº 1 outubro 1953, p. 20.

TEMPRANO, M. Ángeles Mora - La investigación, herramienta que forja una profesión. ROL nº 100, ano IX novembro/dezembro 1986, pp. 40-44.

VALERIANO, M. J. - Os enfermeiros e as representações de enfermagem. Algumas ideias e factos. Servir. Lisboa: ACEPS. Vol.41 nº 4, 1993, pp. 171-176.

VIEIRA, M., [et al.] - Investigação Histórica: Um instrumento para o desenvolvimento profissional. Servir. Lisboa: ACEPS. Vol. 56 nº 5/6 setembro/dezembro de 2008, pp. 167-172.

VILELAS, José - A internacionalização do conhecimento em enfermagem. Porque faço e não publico. Nursing (edição portuguesa) , 2011.

GODINHO, V.M. - Sobre a pesquisa interdisciplinar em ciências humanas, Revista de Economia, Vol. XVI, 1965.

Webgrafia

CRUZ, Diná de Almeida Lopes Monteiro ; PIMENTA, Cibele Andrucioli de Mattos Pimenta - Prática Baseada em Evidências, aplicada ao raciocínio diagnóstico – **Res-Pública: Revista Latino-Americana de Enfermagem**. maio/junho (2005) [Consult. 28/02/2012]. Disponível em WWW:<URL: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692005000300017&script=sci_arttext> .

Descritores em Ciências da Saúde [em linha]. São Paulo: Biblioteca Virtual em Saúde, 2013. [consultado em 3 de julho de 2013]. Disponível em [www://decs.bvs.br/cgi-bin/wxis.exe/decsserver/](http://www.decs.bvs.br/cgi-bin/wxis.exe/decsserver/)

EBSCOHOST. [Em linha]. [Consultado em 3 de março de 2012]. Disponível em www.URL:http://search.ebscohost.com/

EBSCO, Ordem dos Enfermeiros, www.ordemenfermeiros.pt/

GRAÇA, L. (2005). Proto-história da Enfermagem em Portugal, [em linha: <http://www.ensp.unl.pt/luis.graca/textos64..html>. consultado em 14 de julho 2006.

LOPES A e FRACOLLI, A. - Revisão sistemática da literatura e metassíntese qualitativa: considerações sobre a aplicação na pesquisa de enfermagem - *Texto e Contexto enfermagem* [Em linha] Vol. 17, nº 4 2008 p. 771-778. Brasil: Universidade Federal Santa Catarina.[Consultado em 10 de setembro de 2011]. Disponível em WWW: URL: <http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=71411240019>.

ORDEM DOS ENFERMEIROS (2003). Competências dos Enfermeiros de Cuidados Gerais. Disponível em 2 de abril de 2008- in http://ordemenfermeiros.pt/images/contents/documents/60_CompetenciasEnfCG.pdf ;

PORBASE – Base Nacional de Dados Bibliográficos Coleção da Biblioteca Nacional, [Consultado entre os meses Julho de 2006 a dezembro de 2008]

SANTOS, C.; PIMENTA C.; MOACYR, R. - A estratégia PICO para a construção da pergunta: De pesquisa e busca de evidências _ *Revista Latino-americana Enfermagem* [linha]. 15 de março de 2007 [Consultado em 9 de janeiro de 2011]. Disponível em [www.: URL:http://www.scielo.br/pdf/rlae/v15n3/pt_v15n3a23.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rlae/v15n3/pt_v15n3a23.pdf).

<http://www.cill.blogs.ua.sapo.pt/14936.htm> em 21/09/2008
www.camilianos.org.br/historia.asp

<http://saudeportugal.blogspot.com/2011/01pratica-basaeada-na-evidencia-ii.html>

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692000000400015&scrip=sci_arttext

<http://www.isa.utl.pt/files/pub/noticias/PBE.pdf>

www.bocc.ubi.pt/.../sousa-jorge-pedro-a-genese-do-jornalismo-periodico.pdf

<http://www/marisantos700904.blogspot.com/2008/06/reflexes-sobre-investigacao-qualitativa.html>

<https://bdigital.ufp.pt/dspace/bitstream/10284/1163/3/Hist%20Jor%20Port%20at%c3%a9%201974%20JPS%20BOCC.pdf>

REVISTA ELECTRÓNICA DE ENSEÑANZA DE LAS CIENCIAS VOL. 1 nº 1 2002[Consultado entre os meses janeiro a dezembro de 2009]

www. Ordem dos enfermeiros. pt [Consultado em 7 de julho de 2012] .

Legislação Específica

AVISO de 6 de maio de 1943. Requisição ao Director Geral de Saúde para o registo do título de habilitação profissional. Diário do Governo nº 107, IIª Série. (1943- 05-10).

DECRETO nº 22.469/33. Direção Geral de Saúde. Repartição de Saúde. Diário do Governo (1933- 04- 11).

DECRETO nº 32: 612/42. Organização do Ensino de Enfermagem - A exigência de Diploma para o exercício profissional. Diário Governo. (1942- 12- 31), pp. 1711-1713.

DECRETO nº 38.884/52. Regulamento das Escolas de Enfermagem. Diário do Governo, Iª Série nº189 2º semestre (1952- 08- 23), pp. 117-120.

DECRETO nº 38.885/52. Regulamento das Escolas de Enfermagem. Diário do Governo, Iª Série nº 190 2º semestre (1952- 08- 28), pp. 120-122.

DECRETO nº 243/73. Criação das Escolas de Enfermagem de Leiria, Santarém, Setúbal e Viana do Castelo. Diário da República, Iª Série nº 115 (1973 - 05 - 16), pp.837-838.

DECRETO nº 98/79. Regulamenta o acesso ao Curso de Enfermagem - Determina que a habilitação com o curso complementar dos liceus passe a constituir condição de admissão ao Curso de Enfermagem Geral. Diário da República, II Série nº 206 (1979 - 09 - 06), p.2222.

DECRETO-LEI nº 26 580/36. Diário do Govêrno, Iª Série (1936-05-14), p. 209.

DECRETO-LEI nº 36:219/47. Reorganização do Ensino de Enfermagem - Criação dos Cursos de Pré-Enfermagem, de Auxiliares de Enfermagem e de Enfermagem Geral, base e especializados. Diário do Governo, Iª Série, nº 81 (1947-04-10), pp. 277 - 280.

DECRETO-LEI nº 46.448/65. Reforma do Ensino de Enfermagem - Plano de Estudos do Curso de Enfermagem Geral. Diário do Governo, Iª Série, nº 160 (1965 - 07 - 20), p.107.

DECRETO-LEI nº 305/81. Aprova a Carreira de Enfermagem. Diário da República, Iª Série nº 261 (1981 - 11- 12), pp. 2998-3004.

DECRETO-LEI nº 178/85. Aprova a revisão da Carreira de Enfermagem Diário da República, Iª Série nº118 (1985 - 05 - 23), pp.1389-1398.

DECRETO-LEI nº 261/88. Fixa como requisito de admissão ao Curso de Enfermagem Geral a titularidade do 12º ano de escolaridade. Diário da República; Iª Série nº 169 (1988 - 07 - 23), p. 2981.

DECRETO-LEI 480/88. Integra o ensino de enfermagem no ensino superior. Diário da República, Iª Série, nº 295 (1988 - 12 - 23), pp. 5070-5072.

DECRETO-LEI nº 437/91. Reestrutura a carreira de enfermagem. Diário da República, Iª Série nº 257 (1991 - 11 - 08), pp. 5723-5741.

DECRETO-LEI nº 166/92. Define o regime aplicável ao pessoal docente das Escolas Superiores de Enfermagem. Diário da República, I Série - A, nº 179 (1992 - 08 - 05), pp. 3676-3679.

DECRETO-LEI nº 161/96. Aprova o Regulamento do Exercício Profissional dos Enfermeiros. Diário da República, Iª Série A nº 205 (1996 - 09 - 04), pp. 2959-2962.

DECRETO-LEI nº 104/98. Criação da Ordem dos Enfermeiros e aprova o respectivo Estatuto. Diário da República, Iª Série A. nº 93 (1998 - 04 - 21), pp.1739-1757.

DECRETO-LEI nº 353/99. Regulamenta a formação em Enfermagem - Fixa as regras a que está subordinado o Ensino de Enfermagem, no âmbito do Ensino Superior Politécnico. Diário da República, Iª Série A nº 206 (1999- 09 - 03), pp. 6198-6201.

DECRETO-LEI nº 125/99. Cria instituições de investigação e desenvolvimento tecnológico; instituições de ensino superior (departamentos universitários e escolas superiores de ensino politécnico); organismos da Administração Pública. Diário da República, Iª Série nº 92 (1999 - 04 - 20), p.167.

LEI nº 46/86. Lei de Bases do Sistema Educativo para Instituições públicas, privadas e cooperativas. Diário da República, Iª Série (1986 - 10 - 14).

PORTARIA nº 34/70 - Regulamento Geral das Escolas de Enfermagem - Autonomia técnica e administrativa das Escolas de Enfermagem. Diário do Governo, Iª Série nº 11 (1970 - 01 - 14), pp. 58-64.

PORTARIA nº 107/75 - Curso de promoção profissional dos enfermeiros de 3ª classe. Diário da República, Iª Série - nº40 (1975 - 02 - 17), pp. 242-250.

PORTARIA nº 821/89. Cria a rede de Escolas Superiores de Enfermagem pela reconversão das Escolas de Enfermagem. Diário da República, Iª Série nº 213 (1989 - 09 -15), pp. 4125-4126.

PORTARIA nº 195/90. Regulamenta o Curso de Bacharelato em Enfermagem. Diário da República, Iª Série nº64 (1990 - 03 - 17), pp. 1331-1334.

PORTARIA nº 239/94. Estabelece a regulamentação genérica dos Cursos de Estudos Superiores Especializados na área de enfermagem. Diário da República, Iª Série - B nº89 (1994 - 04 - 16), pp. 1812-1825.

Sebentas

AMARO, Teles - Apointamentos de Patologia Cirúrgica. Lisboa : Escola de Enfermagem Artur Ravara, 1965.

BOTELHO, Irene Maria - Enfermagem Pediátrica. Lisboa : Escola de Enfermagem Dr. Artur Ravara, 1967

BOTELHO, Irene Maria - Enfermagem Pediátrica. edição revista e actualizada. Lisboa: Escola de Enfermagem Dr. Artur Ravara, 1977.

CARVALHO, Luísa Antunes Vaz de; REBELO, Mário Sarmento; JOHANSEN, Esmeralda O. L.; CORDEIRO, Mª A. Xavier; VASCONCELLOS, Mª Carlota S.; COQUENÃO, Mª Amélia de Calé; SANTOS, Dolores dos - Enfermagem Parte I. Lisboa : Escola de Enfermagem Dr. Artur Ravara, 1967.

CARVALHO, Luísa Antunes Vaz de; REBELO, Mário Sarmento; JOHANSEN, Esmeralda O. L.; CORDEIRO, Mª A. Xavier; VASCONCELLOS, Mª Carlota S.; COQUENÃO, Mª Amélia de Calé. Enfermagem Parte II. Lisboa : Escola de Enfermagem Dr. Artur Ravara, 1968.

CASTILHO, Adriano - Iª Parte Psicopatologia. Lisboa: Escola de Enfermagem Artur Ravara, 1969.

CASTILHO, Adriano - Lições de Patologia Médica para o Curso de Enfermagem Geral. Lisboa: Escola de Enfermagem Artur Ravara, 1970.

ESCOLA DE ENFERMAGEM ARTUR RAVARA - Enfermagem Preliminar: Lisboa: Escola de Enfermagem Dr. Artur Ravara, 1967.

ESCOLA DE ENFERMAGEM ARTUR RAVARA - Enfermagem Médica. Lisboa: Escola de Enfermagem Dr. Artur Ravara, 1969.

ESCOLA DE ENFERMAGEM ARTUR RAVARA - Enfermagem em Oftalmologia. Lisboa: Escola de Enfermagem Dr. Artur Ravara, 1970.

ESCOLA DE ENFERMAGEM ARTUR RAVARA. - Enfermagem em Otorrinolaringologia. Lisboa : Escola de Enfermagem Dr. Artur Ravara, 1970.

ESCOLA DE ENFERMAGEM ARTUR RAVARA - Noções de Puericultura e Enfermagem Pediátrica. Lisboa : Escola de Enfermagem Artur Ravara, 1977.

ESCOLA DE ENFERMAGEM ARTUR RAVARA - Noções de Obstetrícia para o Curso de Enfermagem Geral. Lisboa : Escola de Enfermagem Artur Ravara, [s.d.].

FERNANDES, Maria de Lourdes Rodrigues - Enfermagem Obstétrica para o Curso Geral de Enfermagem. Lisboa : Escola de Enfermagem Artur Ravara, 1967.

FERNANDES, Maria de Lourdes Rodrigues - Enfermagem Obstétrica para o Curso Geral de Enfermagem edição revista e actualizada. Lisboa : Escola de Enfermagem Artur Ravara, 1978.

LOUREIRO, José Carlos Esteves - Lição de Traqueostomia. Lisboa : Escola de Enfermagem Artur Ravara, [s. d.].

NOGUEIRA, B. - História de Enfermagem para o Curso de Enfermagem Geral. Telhal : Escola de Enfermagem dos Irmãos de S. João de Deus Telhal. (Policopiado na "Gestetner" do Telhal, 1968.

REBELO, Mário Sarmiento; VASCONCELLOS, Maria Carlota Sarmiento de - Enfermagem Cirúrgica para o Curso Geral. Lisboa : Escola de Enfermagem Dr. Artur Ravara, 1968.

REBELO, Mário Sarmiento - Enfermagem Psiquiátrica. Lisboa: Escola de Enfermagem Dr. Artur Ravara, 1973.

Periódicos de Enfermagem (Ordem Cronológica de Publicação)

Arquivo do Enfermeiro Iª Série (não foi encontrado qualquer exemplar)

O Enfermeiro Português

A Voz do Enfermeiro

A Enfermeira Boletim do S. N. F. das Enfermeiras do Distrito de Lisboa

Arquivo do Enfermeiro (IIª Série) – Revista profissional do Enfermeiros portugueses

Servir Jornal das Enfermeiras Diplomadas pela Escola de S. Vicente de Paulo

Servir

Revista de Enfermagem

Ecos da Enfermagem

Subir

Enfermagem Portuguesa Revista Técnica e Cultural

Boletim Sindical dos Enfermeiros da Zona Sul e Região Autónoma dos Açores

Enfermagem

Divulgação

Nursing (edição portuguesa)

Enfermagem em Foco

Cuidar

Nephros

Revista Sinais Vitais

Informar

Revista Portuguesa de Enfermagem

Enfermagem Oncológica

(Re)Encontro

Pensar Enfermagem

Referência

INFOESES

Trajectos e Projectos

O CLUNY

SOS Jornal de Enfermagem

Revista Ordem dos Enfermeiros

Revista de Investigação em Enfermagem

AESOP

Revista da Associação dos Enfermeiros Obstetras

AcontecEnfermagem

VitaEnfermagem

O Enfermeiro e o Cidadão

APECSP

Enfermagem & Sociedade

Percursos

ONCO.NEWS

Revista de Enfermagem de Saúde Mental e Psiquiatria

Entrevistas

FONSECA, En^o Joaquim Ernesto da Fonseca (Redator da Revista de Enfermagem), entrevista janeiro 2010 (2 horas) - *História do Sindicalismo em Enfermagem em Portugal anterior ao 25 de Abril de 1974*. Santarém: Escola Superior de Saúde de Santarém.

MACEDO, En^a Emília Maria Costa Macedo (Presidente da ACEPS e Diretora da Revista Servir) entrevista abril 2007 (2 horas) – *Aspectos históricos da Revista Servir*. Lisboa: Associação Católica dos Profissionais de Enfermagem e de Saúde.

SALGUEIRO, En^a Nídia Salgueiro, (Professora da Escola e redatora da Revista Referência), entrevista março 2009 (2 horas) - *O percurso histórico da Escola Superior de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca*. Coimbra: Pólo A da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra.

SALGUEIRO, En^a Nídia Salgueiro (Diretora da Revista Cuidar), entrevista abril 2010 (1 hora) - *A circulação da Revista Cuidar*. Coimbra: Pólo A da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra.

.

ANEXOS

Anexo I – Carta de Pedido de Autorização para Consulta Documental

Maria do Rosário Silvestre Machado

Rua Ana de Macedo n° 3 3° Dt°

2000-019 - Santarém

TLM: 966433166

rosario.machado@essaude.ipsantarem.pt

Escola Superior de Saúde de Santarém

TEF: 243307200

**Exmº Senhor / Reitor/Presidente/
Director/ de ...**

Assunto: Pedido de autorização para consulta de Arquivo de Publicações Periódicas (Revistas, Jornais, Boletins ou Folhas Avulsas e ou outras) para realização de Tese de Doutoramento.

Maria do Rosário Silvestre Machado, Professora Coordenadora da Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Santarém, a frequentar o Curso de Doutoramento em Enfermagem na Universidade Católica Portuguesa de Lisboa encontra-se na fase de desenvolvimento da Tese subordinada à temática - a divulgação do conhecimento em enfermagem nos periódicos portugueses.

Trata-se de uma Investigação de cariz histórico, em que a responsabilidade de orientação científica é da Senhora Professora Doutora Margarida Vieira, Professora da Universidade Católica Portuguesa.

Assim, solicita-se a devida autorização para consulta *in loco* de todos os Periódicos de enfermagem nacionais disponíveis no/s vosso/s Centro/s de Documentação, Arquivo/s, Biblioteca/s e ou espólio reservado.

Solicita ainda a autorização para a reprodução por fotocópia e ou em suporte digital e ou outro, dos artigos publicados nos periódicos que se enquadrem nos critérios definidos como de autoria de enfermeiros portugueses, que lhe permitam posterior análise documental, comprometendo-me a suportar a totalidade dos encargos financeiros daí decorrentes.

A consulta documental será presencial efectuada em data e horário proposto por V. EX^{as}, fazendo-me acompanhar da devida identificação e autorização.

Deste modo, comprometo-me cumprir:

- as regras de funcionamento dos V. Serviços,;
- não danificar os documentos, quer no manuseio, quer na reprodução;
- assegurar os direitos de autoria e de referência e manter o anonimato e a confidencialidade das informações de modo a assegurar o bom nome da V. Instituição.

Sem outro assunto, agradeço muito reconhecidamente a V. atenção, aguardando uma resposta tão breve quanto possível.

Estarei disponível para quaisquer outras informações adicionais que entenda necessárias.

Com os melhores cumprimentos pessoais.

Maria do Rosário Silvestre Machado

Santarém, 2009.

Anexo II - Ficha para análise dos artigos científicos

Anexo II - Ficha para análise dos artigos científicos

Referência Bibliográfica	Questão de Investigação	Questões de Investigação	Finalidades	Objectivos	Participantes	Tipo de Estudo	Principais Resultados